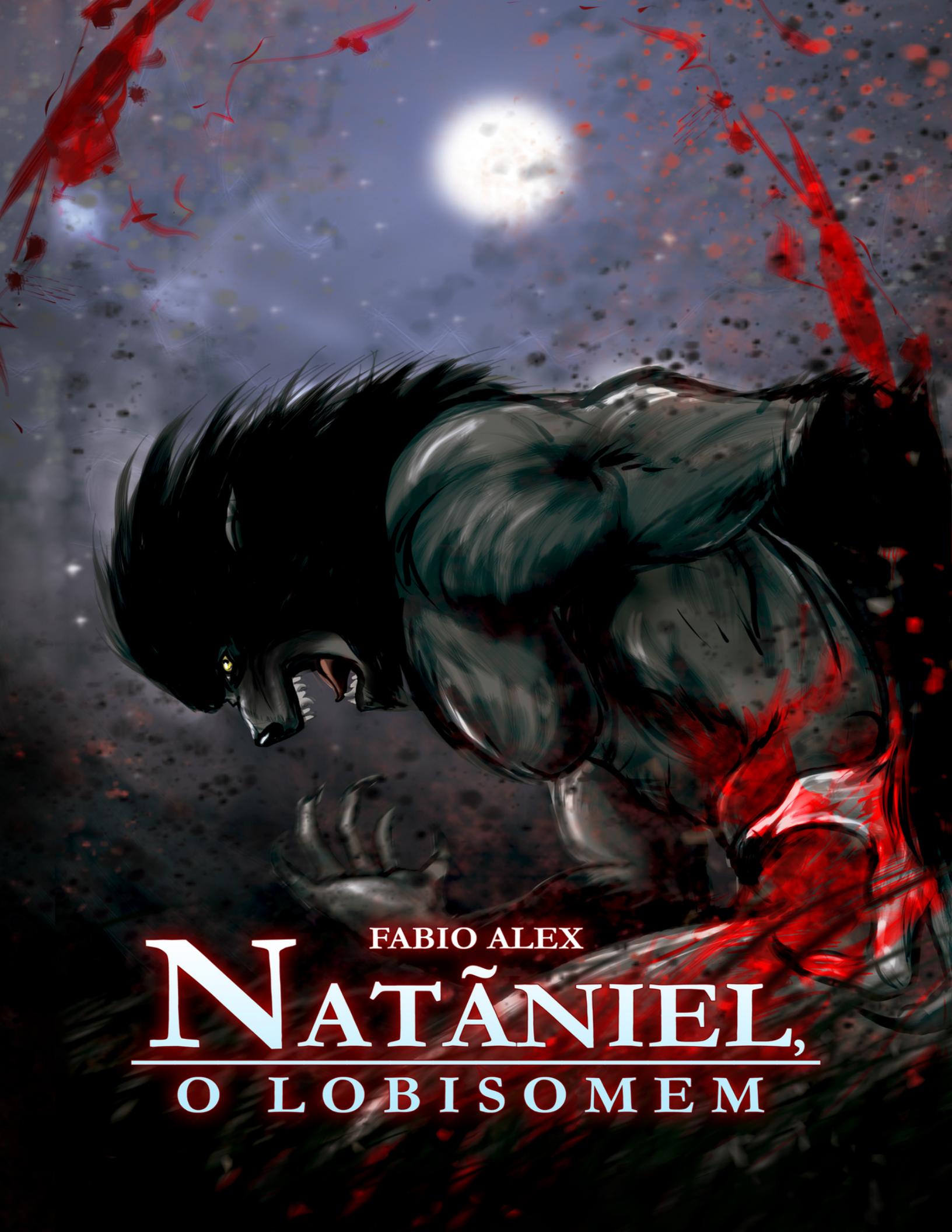




FABIO ALEX

NATÃNIEL, O LOBISOMEM



NATÂNIEL
O LOBISOMEM

FABIO ALEX

NATÂNIEL

O LOBISOMEM

Todos os direitos reservados

O conteúdo deste livro não pode ser reproduzido, copiado, gravado ou transmitido em meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos sem a referida citação e permissão do autor.

Registration code: 1708213334583

Aug 21, 2017 6:32 PM UTC

fabioalexworld@hotmail.com

*Para Daniel,
Lua,
Marcio Zanini
e Wan*

“— Olhe para a floresta lá fora — ele pediu, apontando para a parede de vidro. — Escolha uma árvore. Descreva-a, se quiser, em termos daquilo que ela destrói, daquilo que ela desafia, daquilo que ela não consegue fazer, e terá um monstro de raízes gulosas e ímpeto irresistível, que devora a luz das outras plantas, seus nutrientes, seu ar. Mas esta não é a verdade da árvore. Esta não é a verdade inteira, quando ela é vista como uma parte da natureza; e quando falo em natureza, não me refiro a algo sagrado; refiro-me apenas ao quadro completo, Akasha. A coisa maior, que abarca tudo isso.”

ANNE RICE – A RAINHA DOS CONDENADOS

SUMÁRIO

PARTE UM

1 – No dia da Maldição

2 – Outubro de 2012

3 – Lua Cheia

4 – Cão Vadio

5 – O Casarão Violeta

6 – Isabella

7 – Pressagios

8 – Morte

9 – Sou a Besta do Inferno

10 – Irmãos

11 – Viagem Noturna

INTERLÚDIO

12 – Aprendizado na Cidade de Monstros

13 – No Palacete

PARTE DOIS

14 – Ritual Final

15 – André

16 – Redescoberta

17 – Despedida

18 – Fantasmas Conhecidos

19 – Lua Crescente

20 – A Fera Interior

21 – Conspiração

22 – Jogos Perigosos

23 – Briga de Cachorro Grande

[24 – A Dama Selvagem](#)

[25 – Declarações Finais](#)

PARTE UM

No Dia da Maldição

1979, interior de Goiás.

O sol começava a se por, tingindo o horizonte de um roxo escuro, enquanto as nuvens negras pairavam sobre tudo, e logo a chuva caía intensa sobre o velho telhado, como se Deus estivesse jogando toda a sua ira sobre os homens, e para minha inquietação a nossa cadela de estimação ainda não havia voltado para casa. Meu pai não deu importância, minha mãe me proibiu de sair naquele temporal (só por causa de uma cachorra, onde já se viu?), ela temia que o vento fosse capaz de me carregar – pois sim, éramos pessoas muito supersticiosas, e acreditávamos em surreais histórias do tipo, sobre crianças magrelas que eram sopradas pelo vento como uma folha seca. Mas eu já era quase um homem, para os padrões de meu pai, por mais magricelo que eu fosse, eu tinha treze anos, e não deixaria que a pobre Bernedita, a cadela que estava prenhe, ficasse perdida no meio daquele aguaceiro.

Então desobedeci a todos, saindo furtivamente pela janela do quarto, enquanto minha irmã mais nova, que estava totalmente perdida sobre as páginas de uma revista (que ela achara no chão, na última vez que havia ido à feira com a mamãe), suspirando, enquanto contemplava as roupas e joias que ela nunca poderia ter e lugares que ela nunca poderia ir. Nossa casa era muito simples, pobre, com paredes feitas de barro, aquele tipo de casa que ainda pode ser encontrada em isoladas zonas rurais do Brasil, onde homens e mulheres de cotidiano árduo sobrevivem como se o resto do mundo não tivesse mudado. Tínhamos uma pequena plantação em nosso sítio, de milho, feijão, arroz e mandioca, e foi por entre ela que corri, sentindo o frio da chuva estremecer meu corpo. Eu usava somente uma calça surrada, e passava descalço sobre pedras e raízes, enfrentando os grossos pingos que chegavam a doer na pele, mas eu já estava acostumado a correr sem proteção nos pés, assim como muitos meninos e meninas da minha idade que moravam naquela região.

Fui direto para a cabana onde meu pai guardava as ferramentas de trabalho e onde a cadela costumava ficar, mas, após olhar debaixo das velhas prateleiras e detrás das madeiras empilhadas, não a encontrei. Então eu saí, olhando em volta, tentando pensar no lugar onde a pobre criatura estaria abrigada da chuva. Eu a imaginava toda encolhida, sob um tronco ou uma pedra, se preparando para dar à

luz, e isso me deixava desesperado – eu sempre quis muito bem aos meus animais, principalmente àquela cadela. Foi então que me lembrei da pedra em forma de tartaruga, próximo ao riacho, onde ela às vezes se protegia do sol, e foi para lá que eu decidi correr. O vento estava mais forte então, uivando, enquanto as árvores dançavam sob sua força, inclinando os troncos retorcidos para um lado e para outro. Desci, saltando as poças de lama e as pequenas enxurradas, pela trilha que levava até o riacho, desviando de um galho grande que se partira e quase me acertara a cabeça. No fundo eu me deliciava com toda aquela situação, e me sentia um verdadeiro aventureiro experiente, enfrentando perigos que a maioria das pessoas não ousariam enfrentar.

Mal me aproximei do local e finalmente a vi. Bernedita estava encolhida entre uma abertura na rocha, tremendo, e para meu espanto e fascinação, tinha acabado de dar à luz à seis filhotinhos. O vento estava realmente forte naquela hora, e eu constantemente protegia os meus olhos contra as folhas e pedaços de galhos que voavam por toda parte. Ela me reconheceu e fez um barulhinho agudo e baixo, como se dissesse “estou aqui, me ajude”. Corri de volta para a cabana de ferramentas e apanhei uma bolsa de couro, que minha irmã e eu costumávamos usar para carregar as frutas que colhíamos do pé. Voltei para Bernedita e muito calmamente a pus dentro da bolsa junto com os filhotes. Ela permaneceu desconfiada e assustada durante todo o processo, não gostava da ideia de alguém tocar em seus filhotes tão novos, mesmo se esse alguém fosse eu. De todo modo deu tudo certo, voltei com a cachorrada para a cabana e os ajeitei em um cantinho protegido da chuva, mas alguma coisa ainda agoniava Bernedita, inicialmente pensei que era por causa daquela chuva tão brava, que ela só estava assustada com o estrondo dos trovões e tal, mas foi então que percebi que aquele seu nervosismo era por causa de um filhote, que na pressa, eu havia esquecido – só estavam cinco cachorrinhos ali.

Eu havia percebido que o último filhote tinha nascido morto, enquanto recolhia os outros para a segurança da sacola, e por isso o deixei por último, e acabei me esquecendo dele. Mesmo assim corri de volta para a pedra em forma de tartaruga, escorregando na lama e me sujando todo, mas não encontrei cachorrinho nenhum, somente uma pequena mancha de sangue e líquidos da placenta sobre a pedra. Estaquei. Fiquei confuso por um tempo, enquanto o céu ficava cada vez mais escuro e a ventania cada vez mais violenta. Eu tinha ou não me esquecido do cachorrinho morto?

(Agora, enquanto reflito sobre aquele início de noite, me pego tentando formular alguma ligação em todos aqueles acontecimentos; o destino do cachorrinho e a nova vida que eu estava prestes a conhecer. Morte e renascimento... Será? Não, que bobagem a minha.)

Alguma coisa me observava detrás de uma árvore, mastigando lentamente a tenra carne do filhote recém-nascido, saboreando-a. Eu não conseguia ver o que era, mas fosse o que fosse era grande, e me encheu de tal medo que eu não consegui me mover. Eu só via uma enorme silhueta escura, arfando como um bicho, e dois pontos luminosos se destacavam no meio daquela chuva e escuridão. Então tudo aconteceu muito rápido, a coisa saltou sobre mim numa velocidade espantosa, seu longo braço peludo me agarrou pela cintura e me carregou mata adentro. Eu gritava de medo e confusão, esperneava, vendo a paisagem passar por mim como uma pintura borrada em movimento. Minha cabeça girava, e meu coração estava tão acelerado que eu jurava poder escutá-lo mais alto que todas as outras coisas. Os pelos grossos e escuros, encharcados, me cercavam, eu ouvia a respiração da criatura próxima a minha cabeça, rugindo a cada grito que eu dava, como se me mandasse calar a boca. Olhei para baixo, tentando afastar meu rosto daquele pelo todo que me sufocava, e o que vi foram três enormes patas musculosas esmagando o que pisavam (a quarta me sustentava), e então perdi os sentidos.

Acordei sobre um chão de terra batida, em uma cabana parcialmente destruída, coberta por um esburacado telhado de palha e ripas de madeira, cheias de teias de aranhas e goteiras por toda parte. A chuva tinha amenizado, e por isso não molhava tanto do lado de dentro. Uma fogueira trepidava em um canto de parede, e pelo o que eu podia perceber, ela havia sido acesa fazia pouquíssimo tempo. Minha perna esquerda estava bastante ferida, parecia que a coisa que me pegara tinha arrancado um pedaço da minha panturrilha com uma mordida, e me largado sobre uma enorme poça do meu próprio sangue. Minha visão estava turva e minha cabeça latejava, deveria ter sido pela perda de sangue, mas mesmo assim consegui me arrastar para o canto da parede rapidamente, próximo à fogueira, quando vi que o monstro que me raptara estava bem próximo, me fitando.

Tentarei descrever o que vi, mas nada se compara a estar frente à frente com uma criatura como aquela, ainda mais no estado em que eu me encontrava. Parecia um enorme cachorro, mas com alguns traços humanos em seu corpo, e principalmente na cara, coberto por grossos pelos escuros e eriçados. Tinha membros fortes como um cavalo, um focinho curto, e uma bocarra exibindo dentes pontiagudos, orelhas pontudas e olhos amarelos brilhantes. Suas garras raspavam o chão de terra, enquanto andava de um lado para o outro, nas quatro patas, me admirando, do mesmo modo que minha cadela admirava uma galinha, quando esta estava para ser degolada para o jantar. Eu estava com tanto medo que não tive nenhuma reação brusca, nem mesmo gritei, nem tentei fugir, somente a olhei com olhos arregalados e a boca escancarada, enquanto meu sangue se esvaia cada vez

mais do ferimento em minha perna. Foi então que a fera se levantou nas patas traseiras e uivou para o alto, fazendo a cabana e meus ouvidos estremecerem com a potência daquele som assustador. A coisa se contorceu e gruiu em seguida, como se sentisse uma forte dor interna, e depois seus grossos pelos escuros começaram a se soltar e a cair rapidamente de seu corpo, desintegrando no ar como pó, espantosamente. Eu observava aquilo tudo ainda paralisado, vendo como as garras do monstro diminuía, como os músculos murchavam e mudavam de forma, e em menos de um minuto a fera havia desaparecido, e em seu lugar surgia uma bela mulher.

Sim, uma mulher muito bonita, de cintura fina, seios e quadris generosos, a pele negra reluzindo ao brilho do fogo. O cabelo crespo cortado bem curto lhe dava um ar jovial e travesso, e os olhos grandes e amendoados, escuros como a noite, me olhavam encantadoramente, como muitas vezes minha mãe me olhara, e naquele momento pensei que estava salvo, que aquela linda moça afugentara a fera para me salvar, mas, pobre criança, eu ainda não havia compreendido, naquele momento de loucura, que a moça era a própria fera. A mulher jogou os braços para o ar e deu uma estranha gargalhada, girando os pés sobre o chão de terra batida, mas nem este movimento brusco e estranho me fez perder a súbita confiança que eu sentia por ela.

— Venha cá, meu querido, e eu curarei suas feridas — disse-me ela, em seu tom mais doce, e levemente sarcástico. Mas como eu disse, para minha mente de criança assustada, aquela mulher havia me salvado, e por isso me rastejei até ela, despertando finalmente para a dor monstruosa que dominava minha panturrilha. Gritei alto, sem conseguir me mover mais, e nisso a mulher deu alguns passos para a frente e me levantou do chão, com uma facilidade impressionante, e me abraçou. Beijou-me no rosto várias vezes seguidas, com muito carinho, e me apertou, enquanto eu me derramava em lágrimas, pedindo para que ela me levasse para casa, para minha mãe.

— Eu vou cuidar de você. Não se preocupe, meu lindo. Eu lhe darei um presente que você nunca poderia ter sido agraciado de outra forma. Eu serei sua nova mamãe — sussurrou em meu ouvido, e de repente me mordeu. Sua boca se alargou estranhamente e cravou enormes dentes na carne de meu pescoço, rompendo os tendões, as veias e os músculos do meu trapézio. Eu gritei e gritei, chutando e socando o corpo da mulher, mas os braços dela eram como chumbo, me prendendo em seu abraço selvagem, enquanto ela mastigava um pedaço de minha carne, engolindo, e voltou a morder a ferida novamente, mas na segunda vez ela só chupou o sangue que jorrava para dentro de sua garganta. Eu gritei chamando Deus, chamando minha mãe, desejando perder os sentidos novamente, pois nunca eu havia sentido tanta dor em toda a minha curta vida. E todo aquele momento de

tortura me pareceu durar uma eternidade, até que ela me largou, deixando-me cair a seus pés, como um boneco de pano ensanguentado.

— Por favor, não me mate! Pelo amor de Deus! — implorei entre gritos, lágrimas e sangue. A mulher gargalhou loucamente, jogando os braços para o ar mais uma vez e a cabeça para trás, como se dançasse ao som de uma animada música diabólica que somente ela podia ouvir.

— Sem mais choro, meu amorzinho, pois o melhor ainda está por vir.

Eu não tirava meus olhos assustados dos dela, não queria ver o sangue quente banhando meu corpo, não queria ver a carne de meu ombro dilacerada, expondo o branco do osso. Então ela se ajoelhou ao chão, e me puxou novamente para si, assim como uma mãe segurando seu bebê de colo, e, em um movimento muito rápido, cravou as garras no mamilo do próprio seio esquerdo, gritando e gargalhando ao mesmo tempo. O sangue dela jorrou e se misturou ao meu, e ela forçou meu rosto de encontro à ferida, fazendo com que minha boca escancarada, um perfeito “O”, fosse inundada por aquela torrente de sangue quente.

Primeiramente me engasguei, mas em seguida foi como se algo despertasse dentro de mim, algo que ansiava pelo sangue dela, pela vida dela. Eu era o cachorrinho, o filhote que morrera, mas que agora estava vivo, sugando o leite precioso da mãe. Naquele momento macabro, eu havia encontrado a plenitude desconhecida, e só queria que ela continuasse e continuasse, mas então fui jogado para trás, ainda com um pequeno pedaço de carne fresca presa entre meus dentes, a carne dela.

— Mastigue, vamos — eu ouvia a sua voz bem junto de mim, enquanto seus lábios beijavam meu corpo. — Mastigue! Este é o meu sangue e a minha carne, tomai e comei.

Engoli.

E rapidamente, no mesmo instante em que o alimento chegava ao meu estômago, algo aconteceu, mudou, cresceu do centro do meu corpo, se espalhando por todas as minhas veias, músculos e ossos, e essa força se transformou em dor, enquanto eu me sacudia violentamente, sentindo a carne queimar. “Será que ela tinha me atirado ao fogo?”, pensei, pois era a única explicação terrível que me chegava naquela tortura infernal, onde provavelmente até a minha alma estava em chamas. E quando eu pensei que finalmente eu morreria, devido à gravidade indescritível da dor, um trovão ribombou na distância, minha respiração se acalmou, e o mundo ficou diferente.

A noite estava mais clara, a luz do fogo me era ainda mais brilhante, e os cheiros invadiam minhas narinas, os cheiros de todas as coisas, e eu podia decorar e identificar cada um deles. O cheiro de meu sangue, o cheiro do sangue dela, o cheiro da terra, da madeira sendo queimada na fogueira, das plantas e árvores

molhadas pela chuva, dos animais em seus esconderijos. Ah, impossível descrever esta sensação, provavelmente só alguns animais a conhecem. Eu acabava de ser apresentado ao maravilhoso mundo dos cheiros, e estava hipnotizado por ele. E foi assim, naquela noite chuvosa, dentro daquela cabana em ruínas, que me transformei no que sou hoje.

Podem me chamar de Natâniel, o Lobisomem.

Escrevo esta história em meu santuário em forma de casarão colonial, um lugar que é tão importante em minha história que pode até mesmo ser considerado um personagem, e eu o apresentarei mais detalhadamente no devido tempo. E agora, antes que eu me aprofunde mais no que aconteceu depois de minha repentina transformação, da tragédia que foi o meu retorno para casa e a senda de anos tortuosos que me esperavam, quero fazer uma pequena apresentação minha e do mundo em que eu vivo.

Hoje eu não sou mais o menino franzino e assustado que descrevi anteriormente, agora sou um homem de quarenta e seis anos, mas com a aparência de vinte e poucos (o que não difere tanto das características de muitos homens vaidosos desta época). Tenho exatos um metro e noventa, olhos castanhos escuros, que vez ou outra deixam escapar um brilho amarelado, selvagem e misterioso. Escuros também são meu cabelo e barba, hoje sempre muito bem aparados, assim como minhas sobrancelhas grossas e retas, que sempre conquistaram a paixão de homens e mulheres. Como posso me descrever mais, para que me visualize melhor? Bem, minha pele é de um leve bronzeado natural, tenho uma boca bonita, carnuda, que pode sustentar um convidativo sorriso ou uma expressão cruel se assim eu desejar, e macios pelos espalhados sobre o dorso das mãos e dos antebraços, assim como nas pernas e peito, o que acaba sendo um atrativo interessante para muitas pessoas. E não sou tão simpático quanto aparento na escrita, devo confessar (na verdade estou surpreso em como posso me expressar tão bem por meio do texto), pois sempre tive tendência a me reservar, e durante o tempo que vaguei sem destino, tentando sempre passar despercebido de todos os olhares em volta, esta tendência ficou cada vez mais forte.

O tempo passa diferente para nós, os lobisomens, e até os mais velhos de minha espécie, que conheci, com suas barbas e cabelos brancos e rugas em torno dos olhos, ainda sustentam um corpo de músculos fortes que invejariam muitos atletas. E não, não somos imortais, como nos é pintado em alguns filmes, mas podemos viver por um tempo considerável (um dos mais velhos de nós já ultrapassa duzentos anos, com a aparência de um homem de sessenta).

E se somos os únicos seres estranhos que vagam pelo mundo em anonimato? Não, outrostipos existem, criaturas sobrenaturais disfarçadas de pessoas comuns,

estão em todas as partes sem serem notadas. Algumas destas criaturas podem muito bem serem aquelas pessoas que ficam sentadas ao seu lado em ônibus, cinemas, e em bancos de igrejas, ou esperando, impacientes, como qualquer mortal, a demorada fila de banco voltar a andar. Eu poderia citar os vários bares e outros estabelecimentos espalhados pelo país que são frequentados pelos “não humanos”, os shoppings e teatros comandados por nossa gente, a empresa em que trabalho... Mas chega, por enquanto, e não espere relatos muito aprofundados sobre esses outros seres sobrenaturais, mesmo que certa raça específica, imortal e bebedora de sangue, tenha uma considerável participação neste livro posteriormente, pois este livro trata-se da minha vida como lobisomem até aqui, de minhas dores, felicidades e aprendizado. E só cito sobre os outros agora, porque eu gostaria que você, leitor, compreendesse que nós não vivemos mais à sombra da sociedade, fugindo de aldeões, temendo fogueiras e crucifixos, nem acreditando que fazemos parte da criação do Diabo – se é que ele exista, e se é que ele criou alguma coisa.

Mas, agora me deixe voltar ao que aconteceu depois daquela noite chuvosa em 1979, e assim as demais curiosidades sobre o comportamento dos homens-lobo, poderão ser mais bem explicadas enquanto eu recapitulo tudo.

Neste momento eu respiro fundo, buscando a melhor posição diante do computador à minha frente onde escrevo este texto. Pois sei que mergulhar em todas as lembranças dolorosas me exigem coragem e uma considerável determinação. E devo acreditar que colocar aqui nesta narrativa a trajetória que me trouxe a este quarto, neste enorme e belo casarão, me destrinchar de modo íntimo e minucioso, possa apresentar algo novo de mim para mim mesmo. E assim preciso crer que existe um sentido nesta trajetória, ou algum elemento que seja a soma de tudo o que estou para narrar, e que me ensine algo e quem sabe me dê um novo rumo, ou até mesmo um consolo para o que aflige este meu sombrio coração.

Eu acordei sozinho quando o sol raiou, e a velha cabana estava vazia, sem nenhum sinal da fera. Meu corpo ainda queimava levemente por dentro, mas não me incomodava realmente, pois os cheiros me embriagavam e me entorpeciam, e por isso inicialmente eu não me dei conta do sumiço da mulher, como se sua assustadora lembrança houvesse temporariamente se escondido nas sombras da minha memória, e passei toda a manhã vagando pela mata, cheirando tudo que eu encontrava, registrando as mínimas diferenças do aroma de uma e de outra casca de árvore. Conseguia perceber com muito mais precisão o movimento dos animais, e o rastro que eles deixavam por toda parte, o somminucioso dos insetos sob as folhas e raízes. E somente quando a fome realmente apertou, por volta do meio-dia, quando o sol tostava a carne das minhas costas, foi que a minha consciência decidiu voltar e me dei conta de que eu estava perdido.

Entenda que eu não tinha nenhuma real noção do que havia acontecido comigo, e cheguei até mesmo a pensar que tudo não passava de um sonho, mesmo que tal teoria não explicasse o motivo de eu estar naquele lugar, até porque eu não possuía nenhum ferimento no corpo, com exceção de um machucado na panturrilha, que não era tão grande. O mesmo tipo de machucado eu apresentava na região entre o pescoço e o ombro direito, mas este eu não percebi no momento. E assim, dizendo a mim mesmo que eu poderia ter me perdido naquele aguaceiro da noite anterior (eu até inventava lembranças que não aconteceram; que eu havia encontrado sozinho aquela cabana abandonada), eu me embrenhei no mato sem realmente saber em que direção eu andava, sem perceber que eu estava sendo guiado por evanescentes, e quase imperceptíveis, resquícios de cheiros que vinham das regiões próximas à minha casa.

Em meio a todas estas lembranças confusas, tinha uma que me chamava mais a atenção, um nome que eu ouvi enquanto me alimentava do sangue e da carne da mulher misteriosa, um nome que, de algum modo, eu sabia que era o nome dela; Flora. Eu ouvi aquele nome diretamente na minha cabeça, como se tal informação houvesse sido transmitida pelo sangue, e durante muito tempo, eu ouvi o nome dessa minha *criadora* constantemente em meus pesadelos, junto de seus belos e penetrantes olhos negros, e de sua voz doce dizendo: *Mastigue! Este é o meu sangue e a minha carne, tomai e comei.*

Criadora sim, mas apenas isso, pois Flora simplesmente me transformou em um lobisomem, mas não me ensinou nada. Eu aprenderia sozinho, e à duras perdas, que os meus sentidos haviam se triplicado e que eu poderia me metamorfosear quando eu quisesse em uma poderosa fera assassina. Mas estou indo rápido demais, me perdoe, logo chegará o momento em que esta parte será explicada.

Meu retorno para casa durou um dia inteiro, sendo guiado pelo faro até estar de volta à pedra em formato de tartaruga. Meu estomago doía, assim como os meus pés descalços, mas eu não estava realmente cansado, pois minha resistência estava bem maior. Outra mudança que percebi naquela hora foi como tudo se apresentava mais claro aos meus olhos quando a noite chegou. Eu passei a enxergar tão bem na escuridão quanto os animais selvagens, mas acabei por ignorar a importância daquela descoberta, pois no mesmo instante fui golpeado pelo cheiro de feijão e carne assada, vindo de minha casa. Corri desesperadamente, e antes mesmo de cruzar o quintal, minha mãe, que havia me visto da janela, correu até mim em lágrimas, com os braços bem abertos.

— Valei-me, Minha Nossa Senhora! — gritou ela, me abraçando com força, sem se importar com a sujeira de meu corpo. — Graças a Deus que você voltou!

Maria Helena, minha mãe, era uma mulher como muitas outras daquela época, uma típica dona de casa do interior, que nasceu para ter filhos, cuidar do marido que trabalhava em sítios vizinhos, cuidar da casa e dos alimentos que poderiam ser plantados na própria horta. Sua vida se resumia naquilo tudo. Uma mulher forte ao seu modo, e com um coração enorme.

— O que aconteceu com você, menino? — perguntou, enquanto examinava meus braços e meu rosto. — João! Fabiana! Natã voltou!

João Francisco era o nome de meu pai. Ele era um homem de poucas palavras, severo, mas muito correto, um trabalhador incansável, sempre com seu imponente chapéu de palha e gibão de couro desgastado. Ele também correu até mim, me segurou pelos ombros, avaliando-me dos pés à cabeça, e depois me empurrou carinhosamente na direção de minha mãe.

— Leve o menino pra dentro, Maria. O pobre deve tá morrendo de fome.

E foi o que minha mãe fez, puxando meu braço com uma mão e enxugando as próprias lágrimas com a outra. Ela me levou até a mesa de madeira da cozinha, iluminada por um grande lampião a gás, e pôs uma cumbuca cheia de arroz, feijão e carne na minha frente, que eu teria atacado com as mãos sujas mesmo, se minha irmã Fabiana não tivesse me empurrado uma colher.

— Por onde andou? — perguntou minha irmã, com ar inquisidor, mas meu pai a fez fechar a boca.

— Deixe teu irmão comer, Fabiana. Depois ele explica o que aconteceu.

Todos ficaram em silêncio, e assim nós comemos todos juntos na mesa, mas seus olhares estavam grudados em mim. Minha irmã estava desconfiada, minha mãe aliviada, e provavelmente estava rezando mentalmente em agradecimento a todos os santos que conhecia. Já meu pai estava pensativo, e eu sabia que se eu não tivesse uma boa explicação para meu sumiço, minha situação não ficaria nada agradável. Engoli a comida em dois tempos, e minha mãe me serviu uma segunda rodada, antes mesmo que eu pedisse. E quando finalmente todos estavam alimentados, e meu pai limpava a boca com um pano de prato, o momento para as perguntas havia chegado. Eu só queria me lavar e dormir, deixando as respostas para o dia seguinte, mas isto eu sabia ser impossível.

— Tua mãe quase morreu de preocupação, nem dormiu noite passada — disse-me meu pai, com aquele olhar pesado e autoritário.

— Me desculpe, mãe — pedi logo, pois sabia que era isso o que ele me mandaria fazer. — Juro que não foi por que eu quis.

— E onde é que você estava? — ele me perguntou, antes que minha mãe abrisse a boca.

— Eu não sei bem, pai. Eu não me lembro direito.

— Conte o que tu se lembra então.

Fiquei tenso, buscando juntar todas as confusas recordações.

— Eu saí de casa no meio da chuva...

— Desobedecendo a mim e a tua mãe.

— Sim, eu sei, mas eu precisava procurar a Bernedita. E eu a encontrei... ela estava no riacho, e tinha tido os filhotes dela — fiz uma pausa, pois eu estava começando a sentir o resquício do pânico que se abateu sobre mim quando fui raptado na noite anterior. contei que levei a cachorra e os filhotes para o barracão, e que voltei para pegar o corpo do cachorrinho que nascera morto. — E foi aí que eu escorreguei e caí no riacho — menti, sem olhar nos olhos de meu pai. Como eu poderia contar o que para mim parecia ter sido um sonho ruim?

Minha mãe levou as mãos à boca, espantada.

— Minha Nossa Senhora! Não me diga que foi levado pelo riacho? A chuva deve ter deixado à correnteza muito forte. Meu Jesus Cristo! Imagine se você tivesse chegado até à cachoeira.

— Sim, eu tive sorte, mãe — confirmei, aproveitando a deixa inocente. — Aí eu desmaiei, eu acho. Devo ter batido a cabeça em alguma pedra ou algo assim. Só me lembro de me acordar longe de casa.

Minha mãe sorriu e me falou que a cachorra estava bem, assim como os filhotes, já meu pai coçou o queixo em silêncio, me avaliando, e eu jurei que ele não acreditava nenhum pouco naquelas minhas mentiras, mas então ele se levantou e foi até a janela, onde ascendeu seu velho cachimbo.

— Vá se lavar no riacho então, antes de se deitar. Mas não demore muito — ordenou ele finalmente, quebrando o clima de tensão. Eu estava suando e nem havia percebido. Minha mãe afagou meu cabelo sujo e minha irmã fez cara feia — ela fora a única que não engoliu aquela prosa. Mas é claro que as coisas não ficariam por aquilo mesmo. No dia seguinte meu pai com certeza arranjaria trabalhos longos e cansativos para eu fazer, como penitência, independente se eu tivesse falado a verdade ou não.

— Não seria melhor tu ir junto com o menino, João? — disse minha mãe, aflita. Mas ela não parecia estar preocupada que eu sumisse novamente, e sim com outra coisa. Seus belos olhos castanhos escuros olhavam de meu pai para a espingarda pendurada em um prego na parede.

— Não tem motivo pra isso, Maria. Não me diga que está acreditado nas besteiras que esse povo fala? — respondeu meu pai, soltando uma baforada pela janela aberta.

Nessa hora minha irmã Fabiana se tremeu dos pés à cabeça, como se houvesse se lembrado de repente de algo muito assustador.

— Que besteiras que o povo anda falando? — perguntei.

Um curto silêncio agourento pairou na cozinha, até que Fabiana sussurrou.

— Tem um bicho grande e estranho à solta por aí.

— Aposto que só é um cachorro maluco, o povo faz muito alarde por nada — meu pai contestou. Pois de nós quatro ele era o menos supersticioso.

— O que tem esse bicho? — perguntei.

— Ele anda atacando umas cabras do sítio de Seu Feliciano — respondeu minha mãe, em tom assustado. — Dizem que isso acontece desde o começo da semana, mas as notícias só chegaram aqui hoje de manhã. Foi o próprio Feliciano quem nos contou, ele disse que viu um bicho peludo, bem grande...

— Seu Feliciano tá ficando velho e ruim das ideias, todo mundo sabe disso — meu pai interrompeu, se levantando em direção à espingarda. — Mas se for pra deixar todo mundo mais calmo e em paz, eu vou com Natã até o riacho.

Assim descemos até a pedra em forma de tartaruga, meu pai e eu, e até Bernedita resolveu aparecer, abanando a cauda, claramente feliz em me ver de volta. Não tínhamos água encanada, e para tudo dependíamos do riacho. A lua estava alta e os grilos e os sapos cantavam sua sinfonia noturna. Posso me recordar nitidamente do som daquela noite ainda hoje, quando fecho os olhos. E é claro que eu associei o bicho estranho dos relatos com a fera que me agarrara na noite anterior, e devido a isso, meu banho foi um tanto inquieto. Eu tinha a sensação que estava sendo observado por algo detrás dos arbustos, e que aquela coisa estava à espreita, pronta para me pegar novamente, e se não fosse a tranquila presença de meu pai, segurando sua arma de caça, eu não teria conseguido.

Logo mais me deitei na minha confortável cama, e não foi difícil pegar no sono, devido ao cansaço por ter andado tanto naquele dia. E diferente do que eu esperava, eu não tive pesadelos com o monstro, nem com a mulher sanguinária, pelo contrário. Sonhei, durante toda a noite, que eu corria livremente por entre as árvores de uma densa floresta, saltando as pedras e arbustos numa velocidade espantosa. Era uma sensação de liberdade maravilhosa, tanto que eu fiquei triste ao acordar.

Duas semanas se passaram, cheias de descobertas.

Como eu disse, meu pai deu um jeito de aumentar os meus afazeres, deixando todo o trabalho na horta e o cuidado com os poucos animais que tínhamos (dois cavalos, um jumento, uma vaca e algumas cabras e galinhas) sobre minha responsabilidade, mas, para minha sorte, o trabalho não ficou realmente tão cansativo, já que além do meu olfato apurado e visão noturna, outros dos meus sentidos se desenvolveram também. E é verdade que eu nunca fui um garoto preguiçoso. Eu gostava de trabalhar com as mãos, e ainda gosto, de sentir-se realizado com o cansaço físico no fim do dia – acho que puxei muito meu pai nesse sentido. Eu tinha ficado mais forte também, com reflexos impressionantes, e com uma disposição de dar inveja ao meu próprio pai. Meu corpo cresceu consideravelmente naqueles dias. Acho que eu cheguei a aumentar uns sete quilos de músculos, e a crescer uns dez centímetros. Até mesmo uma leve pelugem começou a surgir em meu rosto e entre as minhas pernas, onde anteriormente não haviam nada. Minha mãe pensou em me levar ao médico, para saber se aquele crescimento todo era normal, mas já meu pai não se preocupou, e a acalmou dizendo que aquilo era devido à fase natural de crescimento do homem. Meninos são assim mesmo, espicham da noite para o dia.

Meu único problema era com alguns animais. Os cavalos e o jumento começaram a ficar anormalmente inquietos com a minha aproximação, assim como Bernedita, que sempre preferiu a mim, mas que então faltava avançar em minhas pernas, sempre rosnando ameaçadora, principalmente se eu tentasse tocar em seus filhotes. Outra coisa estranha foi a mudança nas minhas unhas, tanto as das mãos quanto as dos pés, elas começaram a escurecer e ficarem mais difíceis de cortar. E como cresciam! Na segunda semana eu precisava apará-las todos os dias. Hoje sei que todas essas descontroladas mudanças eram devido ao tal *presente* que Flora me deu naquela cabana – seu sangue e sua carne, e que estavam sendo potencializados pela aproximação da lua cheia.

Com relação aos ataques misteriosos no sítio de nosso vizinho, Seu Feliciano, eles cessaram de uma hora para outra. O velho reuniu um pequeno grupo de caçadores para pegar o tal cachorrão que ele jurava ter visto, mas nada

encontraram. No dia seguinte, Seu Feliciano desapareceu, e ninguém nunca mais teve notícias dele. Alguns disseram que ele tinha ficado biruta de vez e que era ele mesmo quem estava atacando suas cabras, somente para provar para os outros a sua fértil imaginação. Já outros diziam que o tal cachorrão realmente existia, e que o bicho o levaria para o inferno. Mas para a minha pessoa, a fera não apareceu mais, e eu comecei a me sentir seguro novamente, perdendo o medo de ficar no quintal depois que anoitecia.

Só que a lua que crescia, e que eu contemplava todas as noites sem ter porque temê-la, me reservava algo muito pior do que as sombras do quintal.

Um dia antes da lua ficar completamente cheia, eu caí de cama. Minha mãe estava bastante assustada, pois minha febre ficava cada vez mais alta, uma temperatura que chegava a esturricar os lençóis. Todos os tipos de remédios caseiros disponíveis foram dados a mim, até mesmo chamaram uma benzedeira local no dia seguinte, mas nada parecia surtir efeito. Eu queimava e tinha alucinações, vendo a fera em toda a parte, ouvindo o nome de Flora na minha cabeça, sua gargalhada louca. Minha mãe destrinchava ferozmente seu terço de plástico madrugada à dentro, e disso eu me lembro até relativamente bem; seu rosto se distorcendo em minhas alucinações, transformando-se em um monstro aterrorizante. E só quando faltavam poucas horas para o sol sumir, a febre resolveu baixar, e eu finalmente me perdi num sono profundo e sem sonhos.

Deveria ser por volta de meia-noite, quando a lua cheia já havia subido além das copas das árvores, ficando bem no meio do céu, que eu acordei com uma dor monstruosa me agredindo de dentro para fora, do estomago até os pés e a cabeça. Gritei como nunca havia gritado até então, pois parecia que meu corpo estava sendo cortado em tiras e meus ossos sendo quebrados à golpe de marretes. Meus pais e minha irmã correram para me acudir, mas nada puderam fazer, a não ser tentar me segurar na cama. Eu me lembro de poucos detalhes deste momento. Lembro-me de meu pai chamando meu nome, de minha mãe rezando à plenos pulmões, e de minha irmã tentando expulsar a cachorra Bernedita que latia furiosamente ao lado da cama. Minha visão, que estava embaçada, ficou enxergando tudo em tons de vermelho, e o som das batidas de meu coração e de todos os corações presentes ficaram mais alto que os meus gritos e os de minha mãe.

E então aconteceu.

Não me peçam para detalhar o que houve a seguir, pois seria impossível. Quando as dores cessaram, não era mais eu quem estava lá, e sim outra coisa. Só tenho lapsos cheios de gritos e de sangue, muito sangue...

Mas vamos deixar esses fragmentos de memória de lado, pois eles não acrescentam nada à história e me doem de um modo que você não conseguiria

imaginar. Vamos adiantar para a parte que acordei no dia seguinte, no meio do mato. O sol nascia no horizonte, e a primeira coisa que eu senti foi uma tonteira terrível e uma tremenda dor no estômago. Levantei-me cambaleante, me apoiando em um tronco de árvore próximo, e a primeira coisa que fiz em seguida foi vomitar. Não olhei para a nojeira que saiu da minha garganta, virei o rosto e limpei a boca com as costas da mão. Massageei minha barriga que estava bastante sensível, e inchada, e foi então que percebi que eu estava completamente nu e sujo. Depois de um minuto em pé, observando o local, e farejando o ar em volta, eu recuperei o senso de direção. Eu não estava tão longe de casa, podia até ouvir o som do riacho próximo.

Caminhei com pressa, ainda que sofrendo com as fisgadas profundas de dor no estômago, vomitando mais duas vezes no caminho, até que por fim passei pela pedra em forma de tartaruga, subi a trilha e entrei no quintal de casa. O lugar estava um silêncio só, somente os passarinhos cantavam no alto dos galhos. Corri para a porta da cozinha que estava aberta, e ao entrar, de cara percebi a confusão que estava lá dentro. A pesada mesa de madeira estava revirada, as panelas espalhadas pelo chão e vasilhas quebradas. Fiquei assustado, chamando por minha mãe e meu pai, mas ninguém respondia. A casa inteira estava destruída por dentro, uma das janelas tinha sido até arrancada das dobradiças, mas a visão pior me esperava no chão do meu quarto. No começo pensei estar tendo outro pesadelo, pois não podia ser verdade que minha mãe lá estivesse, morta de modo tão brutal, ensanguentada, com as vísceras para fora do corpo. E bem próximo ao corpo dela, eu consegui ver um braço e a cabeça decepada de meu pai. Nenhum sinal de minha irmã.

Cambaleei para trás, sufocando um grito na garganta, e corri para fora de casa, tropeçando na soleira da porta e caindo no quintal. Não aguentei e vomitei tudo o que estava dentro de mim, e acredite, eu vomitei bastante. Eu me levantei com esforço, gritando por socorro, e corri em direção ao pequeno estábulo, mas não encontrei cavalo nenhum por lá, as portas estavam arrebentadas, como se os próprios animais a tivessem forçado para escapar. Levei as mãos à cabeça e me ajoelhei, chorando, em total desespero, e quando resolvi me levantar, um bom tempo depois, eu estava com uma ideia fixa na cabeça. Eu tinha certeza que o responsável por aquelas atrocidades era Flora, a mulher que se transformava em fera. Quem sabe minha irmã ainda estivesse viva, e sob o domínio dela. Eu ia achá-la e acabar com a desgraçada. Nada me impediria.

Assim caminhei decidido, amaldiçoando céus e terra, até o barracão, à procura do equipamento de caça de meu pai. Lá, não encontrei Bernedita, assim como nenhum filhote, mas, devido aos meus sentidos apurados, notei um rastro de pequenas patinhas indo em direção à mata. Quem bom, ela e a cria haviam

escapado do monstro, pensei. Peguei o caixote com os equipamentos e voltei para frente de casa – eu precisava vestir alguma roupa antes de partir. Foi então que, quando me preparava para entrar e me obrigar a ver novamente os corpos de meus pais, eu notei que algo cintilava na poça do meu vômito no meio do quintal. Eu me abaixei e recolhi o objeto brilhante em meio à massa escura, vermelha e asquerosa.

Quase desmaiei com o que encontrei. Era o anel de latão que minha irmã usava no dedo mindinho que estava no meio da poça de vômito, entre coisas horrendas como pedaços de carne não digeridos, dentes e mechas de cabelos castanhos. O cheiro azedo invadiu minhas narinas com mais força. Eu sei, é uma descrição de embrulhar o estômago, mas eu preciso tentar fazer com que você saiba, que você sinta o impacto. Eu estou falando que vi os restos de minha própria irmã, restos que estavam dentro de mim. Consegue imaginar o horror desta cena?

Não havia sido Flora quem tinha matado a todos, fui eu.

O golpe daquela revelação foi tão forte que eu fiquei numa espécie de transe, balbuciando, andando em círculos pelo quintal por quase uma hora inteira, os olhos arregalados, tentando negar a realidade. Até que não aguentei mais, e num rompante sai correndo feito um louco. Cruzei o riacho e acompanhei a sua correnteza do outro lado, sem diminuir a velocidade das minhas passadas, saltando por entre as pedras escorregadias com espantosa facilidade, como um gato fugitivo. Assim, não demorou muito para o ruído da água ficar mais forte, e a cachoeira surgir na minha frente. Não hesitei em momento algum, e do modo como eu vinha pulei, há mais de doze metros de altura, mas não em direção ao fundo d'água, e sim visando às pedras que cercavam a margem.

Foi uma queda violenta. Cheguei a ouvir o som dos ossos de uma de minhas pernas se partindo, da minha costela sendo esmagada, e só consegui dar um último grito, antes de perder a consciência totalmente.

Eu não morri. E é claro que você já esperava que eu dissesse isso, afinal é um lobisomem quem narra está história, não um fantasma. Acordei no fim da tarde, sem conseguir me mover, pois até mesmo respirar me doía. Relembrando: eu estava nu, caído entre as pedras frias próximas à cachoeira, uma das pernas quebradas, as costelas fraturadas e um ombro deslocado, sem contar um grande corte na cabeça, que havia sangrado bastante. Qualquer um teria facilmente morrido no meu lugar. Mas eu não era mais qualquer um. Eu não tinha forças para gritar por ajuda, se é que eu realmente desejava ser ajudado, e por isso me limitei a esperar que a morte chegasse.

Depois de um tempo percebi que eu não estava sangrando mais, que todos os meus ferimentos pareciam estar em um estado adiantado de cicatrização. Eu me movi um pouquinho, e descobri que conseguia ficar sentado, e foi o que fiz, com muita dor e esforço. Minha garganta estava seca, e eu estava tão perto da água. Mas será que eu conseguiria chegar até lá? Olhei para meu próprio corpo, sujo de terra e sangue seco, com hematomas roxos por todo ele, mas nenhuma ferida exposta, além da medonha fratura na perna direita, onde o osso da canela estava à vista, lembrando um galho branco partido ao meio. Mesmo essa fratura na perna não estava sangrando, e eu descobriria futuramente que se eu tivesse dado um jeito de empurrar o osso para dentro da carne, encostando as duas pontas, minha nova capacidade de cura daria um jeito no resto. E o que fiz foi me arrastar até a água, gemendo e chorando a cada vez que impulsionava os meus braços e puxava o resto do corpo.

Finalmente cheguei até a borda da pequena piscina natural formada pela queda da cachoeira, rolei meu corpo para ficar de bruços e enfiei o rosto na água, bebendo com tanta sede que me engasguei. Depois de tanto esforço e recompensa, larguei-me ali mesmo, nas margens, e caí em um sono profundo novamente, entregue ao cansaço.

Sonhei mais uma vez que corria na mata, perseguindo algumas cabras, e então o sonho mudou de uma hora para outra, levando-me de volta as paredes do quarto que eu dividia com minha irmã. Eu estava mastigando algo quente e doce, que escorria para dentro de mim, me deixando em um estado de frenesi delicioso. Eu queria mais daquela delícia. E quando percebi que delícia era aquela, estremeci.

Era a carne e o sangue de minha mãe, dilacerada. Gritei de pavor e implorei que aquilo não fosse verdade, mas eu não era eu mesmo, um outro eu me dominava, um eu que ansiava por carne crua e quente, se lamentando por aquela presa não estar mais se debatendo enquanto eu a comia. Mas foi então que eu reparei em minha irmã, ela estava encolhida na parede fora do quarto, tremendo de pavor. Implorei a mim mesmo que não a matasse, que a deixasse em paz, pela sua juventude e inocência. *Olhe para os olhos assustados dela, ela não merece isso, seu demônio!* Só que o outro eu, a fera, pensava diferente, ela devoraria aquela presa inocente, e eu não poderia fazer nada para impedir.

A fera rosnou e avançou, e a pobre menina tentou fugir, correndo para o quintal, sob a enorme lua cheia. Os cavalos relinchavam alto, golpeando a porta do estábulo até arrombá-la. Minha irmã correu até o estábulo, pensando talvez em montar em um dos animais e escapar. A besta deixou que ela se distanciasse, como se encarasse aquilo como um divertido jogo, dando certa vantagem para a presa só para provar a si mesma que conseguiria pegá-la facilmente mesmo assim. A menina se desesperou por não conseguir segurar um dos cavalos, e nessa hora eu saltei sobre ela, agarrando-a pelos braços com minhas garras e a arremessando contra a parede da casa. Minha nova audição pode ouvir alguns ossos dela se partindo. Ela caiu na terra, tonta pela pancada na cabeça, e antes que pudesse tentar ficar de pé, eu fechei minha mandíbula em uma de suas pernas e a arrastei para dentro do mato, louco para sentir o calor do coração dela na minha língua.

Acordei com uma nova súbita onda de dor por todo o corpo. Eu podia perceber que o meio da noite havia chegado mais uma vez, e a lua cheia fazia com que a água da cachoeira cintilasse como cristal. Arqueei em espasmos violentos. Eu sabia o que estava acontecendo, eu estava me transformando novamente.

Comecei uma tola oração desesperada. *Por favor, Deus, eu não quero ser dominado pela fera novamente! Por favor!* Mas não sei se Deus existe, e se existi Ele não deu à mínima. Minhas veias pulsavam por todo o corpo, e a fratura da canela voltou a sangrar. Minhas mãos estavam estendidas na frente do rosto, e eu pude vê-las se alongando, as unhas transformando-se em garras, os músculos dos braços aumentando de volume consideravelmente, e pelos grossos e negros cobrindo tudo. Um estalo ecoou quando a mudança chegou aos membros inferiores, e o osso fraturado voltou para o lugar, e a ferida se fechou. Quero frisar que as primeiras metamorfoses foram lentas, estendendo-se por quase dois minutos inteiros de tortura, onde eu senti a carne rasgar, crescer, as células se multiplicando num ritmo demoníaco. Dores que podem enlouquecer um indivíduo, e muitas vezes enlouquecem. Com o tempo a transformação passa a ser mais rápida, por volta de segundos, e nos acostumamos com a dor. E se o leitor foi perspicaz, e

percebeu que não tinha como ser lua cheia quando eu fui raptado por Flora, não se preocupem, logo eu explicarei melhor sobre essa questão da influência da lua.

Desculpem-me mais uma vez, pois não poderei narrar com detalhes as minhas duas primeiras noites como lobisomem, pois estas noites foram dominadas mais pela fera do que pelo menino. Era como se eu estivesse em estado sonolento, captando vislumbres do que acontecia ao meu redor, sem poder abrir os olhos totalmente. O que me lembro bem foi de me sentir inteiramente livre, como sempre acontece, cruzando as distâncias em incrível velocidade, e de ser atraído pelos cheiros dos grandes animais, de perseguir e abater uma cabra, devorando-a. Sentindo o cheiro de medo das coisas vivas quando eu uivava no meio da noite.

Mais o outro dia chegou, e eu acordei enjoado e com calor, devia ser por volta das duas da tarde, em um lugar que eu não reconhecia, com a pele ardendo sob o forte sol, e dominado por outra ânsia de vômito. Mas não vomitei, nem mesmo quando me descobri dormindo sobre a carcaça sangrenta de um animal que eu não podia identificar.

Meu corpo ainda estava sujo e com um cheiro repugnante, mas milagrosamente curado, sem nenhum arranhão. A insanidade me dominava, como se meu mundo atual fosse feito de delírios, e quando assim notei, comecei a buscar a sanidade e a compreensão. Repassei tudo em minha mente: Numa noite chuvosa eu fora raptado por um monstro, este monstro na verdade era uma mulher, que me deu seu sangue para beber e sua carne para comer, transformando-me assim em um igual, em um lobisomem. Sim, lobisomem foi a palavra que usei para designar aquela fera, eu conhecia as lendas locais, da pessoa que era condenada a vagar como um bicho por todas as noites de lua cheia e de sexta-feira. Automaticamente descartei esta última parte, já que eu sabia que aquele dia era quarta. As lendas locais também diziam que a maldição acontecia no sétimo filho homem de seis irmãs, ou com um homem que se relacionasse com outro homem, mas eu só havia tido uma única irmã e não provara nem mesmo uma mulher, quanto mais um homem – o que para mim, na época, era algo impensável.

Foi então que percebi que eu não estava sozinho naquele lugar. Uma mulher estava parada a poucos metros, feito uma estátua, tinha os olhos escuros arregalados, a boca pendia frouxa. Era uma mulher de interior, simples em todos os sentidos, usando um vestido sem graça e sujo de gordura. Ela apertava com as duas mãos um terço de plástico pendurado em volta do pescoço, e recitava em alta-velocidade todas as ave marias enquanto me encarava assustada, mas ainda assim, mesmo em seu medo, ela tinha algo de desafiador no olhar. Eu podia visualizar com clareza os motivos de seu espanto; ela, uma mulher aparentemente simples e cristã, encontrando um garoto nu, coberto de sangue dos pés à cabeça, ao lado da

carcaça de algum bicho. A mulher estava paralisada de medo, tremendo-se toda, o cheiro de medo dela me chegava claramente, e somente quando eu estendi minha mão pedindo calma, ela saiu correndo por entre as árvores, gritando:

— Socorro! Eu achei o diabo! Ele está aqui!

Eu levantei num pulo, pois minha nova audição pode ouvir que outros respondiam aos gritos da mulher. Eram homens, e por alguns cliques metálicos percebi que estes homens estavam armados. Mesmo assim me mantive no mesmo lugar, meio idiota, confuso com todas aquelas sucessões de eventos, contando o número de pés que eu ouvia amassando a vegetação com bastante clareza. Eram cinco homens, confirmei quando consegui ver suas silhuetas avançando em minha direção.

— Ali! O desgraçado está ali! Diabo! — gritou um deles, apontou a longa espingarda e atirou. A bala rasgou de raspão o meu ombro, me fazendo acordar para o perigo que eu corria. Vire-me e fugi, outros disparos aconteceram no mesmo instante, a maioria passou zunindo próximos aos meus ouvidos, e um me acertou na parte de trás da coxa. Mesmo assim continuei correndo, e para minha sorte, mesmo com a perna ferida, eu tinha me tornado um excelente corredor e saltador. Ainda assim os homens me perseguiram, gritando maldições e mandando chumbo, mas para eles a corrida era muito mais difícil, pois a vegetação densa os atrasava.

— Atirem no demônio! Peguem o desgraçado!

Quando cheguei a uma pequena clareira, notei um buraco próximo a uma cerca de arame farpado e um pé de mamona que o encobria parcialmente, deveria ser a toca de algum animal de porta médio, ou algo do tipo, e sem pensar duas vezes eu saltei e escorreguei para dentro do buraco. Me arranhei todo nas pedrinhas e raízes secas que compunham as laterais da pequena toca, mas eu coube lá dentro, encolhido, e invisível aos meus perseguidores. Vi, por um espaço entre as folhas de mamona, dois pares de botas correndo do outro lado. Um dos homens continuou em frente, já outros três estacaram no meio do caminho, girando nos calcanhares para que pudessem me procurar em todas as direções.

— Cadê o infeliz? — disse um deles.

— Parece que sumiu como fumaça!

— Só deve ter pacto com o coisa ruim mesmo.

Eu olhava para aquelas botas empoeiradas, sentindo meu coração acelerado e minha respiração descontrolada. Tentei acalmá-la, temendo que o som me denunciasse. Como é complexa a inconstância de nossos sentimentos; em uma hora eu queria que o tombo da cachoeira tivesse me matado, eu achava que só assim o meu pecado para com a minha família seria perdoado, já naquele momento, escondido dentro do buraco, eu temia que aqueles homens desconhecidos me mandassem para o mundo dos mortos com suas armas de fogo implacáveis. Será

que eles estavam me caçando propositadamente, me perguntei mentalmente, ou será que só foi puro azar eu ter me encontrado com aquela mulher no meio do mato? E que mato era este em que eu me encontrava, que não era muito diferente da vegetação que cercava a minha casa, mas eu não a conhecia.

— Então, cadê o Cão Vadio? — perguntou outro homem que chegava atrasado, tinha passos pesados e uma voz gutural, a barra da calça branca sobre as botas estava suja de terra.

— Escafedeu-se, Coronel.

— O rastro se perdeu, Coronel! — gritou aquele que tinha continuado correndo e que agora voltava.

— Mas o amaldiçoado não deve ter ido muito longe. Vá buscar mais alguns peões na fazenda, quero todos aqui. Só vamos sair dessa mata quando acharmos o desgraçado.

— Mas, Coronel, isso pode demorar...

— Pode demorar o tempo que for. Agora vá fazer o que eu mandei!

O subordinado obedeceu, saindo às pressas, já o Coronel e os outros continuaram ali por perto, andando de um lado para outro. Há qualquer momento eles poderiam me encontrar, e eu não achava que poderia fugir mais com tanta facilidade, pois o ferimento na coxa começava a doer ainda mais. Permaneci quietinho, sondando a localização deles com meus ouvidos apurados, podendo até mesmo sentir o cheiro do suor deles, e foi então que percebi que por meio dos cheiros eu podia ter uma noção do estado emocional de cada um dos meus caçadores. Alguns deles estavam com medo, esse era o cheiro mais fácil de sentir, já o Coronel exalava um odor metálico de puro ódio. Eu deveria ter feito algo muito ruim para que ele desejasse tanto a minha morte.

Devem ter se passado cerca de uma hora, antes que os outros homens voltassem da fazenda. Durante este tempo, enquanto o Coronel e seus três peões esperavam do lado de fora, eu tive uma ideia baseada nas minhas experiências do dia anterior, eu comecei a apertar o músculo posterior da minha coxa direita, próximo ao ferimento, tentando fazer com que assim a bala saísse do meu corpo. Era uma ideia absurda, pois a bala tinha entrado fundo, então resolvi enfiar o dedo polegar e o indicador na ferida, esfolando-a, trincando os dentes para não gritar, enquanto mais sangue escorria para a terra do buraco – eu podia sentir o cheiro do meu sangue por toda parte. Mas com muita luta, naquela tortura que me pareceu nunca terminar, eu finalmente encontrei a bala e a puxei para fora. O ferimento piorou, mas em menos de quinze minutos o sangue estancou, e eu sabia que quando a noite chegasse, principalmente quando o lobisomem tomasse conta, meu corpo não apresentaria nem mesmo um arranhão, com exceção da cicatriz em meu ombro. Sim, eu acreditava que mais uma vez eu me transformaria em monstro

quando a lua estivesse no meio do céu, e também temia que assim fosse por todas as noites de minha desgraçada vida. Mas depois, fora daquele buraco e longe dos caçadores, eu teria tempo para pensar no que fazer comigo mesmo, naquela hora eu só precisava me manter vivo.

Ouvi muitos passos se aproximando. Que sorte que a mata era muito fechada para que trouxessem cavalos. Mas para meu espanto, percebi cheiros que não eram de humanos no meio deles, e os latidos só confirmaram meu olfato. Eles tinham trago cães de caça, de faro talvez tão competente quanto o meu, e com aquele tanto de sangue que eu tinha derramado naquele buraco, seria muito fácil para eles me encontrarem.

— Finalmente — ouvi a voz do Coronel exclamar. — Que demora foi essa?

— Trouxemos todos os cachorros da fazenda, patrão.

— Agora sim, cambada. Vamos revirar cada folha, tronco e toca nessa mata até encontrar o desgraçado que atacou meus bichos. Só voltamos pra casa com o coró dele.

Tateei meu corpo todo como pude. Todos os meus membros, independente dos machucados e arranhões, estavam inteiros e prontos para darem o máximo de si na fuga. Mais nada se passava em meu coração, além do desejo pela sobrevivência; eu era apenas um animal caçado. Sons dos metais das espingardas e facões ecoavam aqui e ali, assim como os latidos e os sons inconfundíveis dos cachorros farejando. Flexionei os músculos das pernas no fundo do buraco e esperei. As patas cinzentas de um cachorro surgiram próximas às folhas de mamona. Eu apoiei as duas mãos nas laterais do buraco, o pulso acelerado. Quando o longo focinho se encostou à entrada da toca e rosnou, eu saltei como um raio para fora, rolei por baixo da cerca de arame farpado ao lado do buraco, rasgando as costas nos arames, e corri aos tropeços por entre muitas pedras que se espalhavam por um barranco gramado e cheio de outros pequenos pés de mamona. Os homens gritaram surpresos, os cães danaram-se a latir, e o som dos disparos recomeçou.

Dei uma rápida olhada por sobre o ombro; um dos homens fazia uma passagem na cerca, pisando em um fio e puxando um outro para cima, enquanto o restante e seus cães passavam para o lado onde eu estava. O barranco que eu descia terminava em um terreno de capim alto, cheio de possas de lama escura, eu saltei por sobre elas e caí no início de uma plantação de milho, algumas mulheres que trabalhavam na colheita gritaram assustadas quando me viram passar correndo por elas; um jovem nu, coberto de sangue seco. De certa forma, comecei a sentir uma adrenalina incrível me dominar; a fera que agora habitava o meu coração estava gostando da perseguição, como um cachorro doméstico correndo pelo quintal de casa, sendo perseguido por crianças brincalhonas. Minha respiração ficou mais rápida, assim como os meus batimentos cardíacos, e nesse momento percebi meus

dedos se alongando e uma dor aguda se espalhar por todos os meus membros. *Eu poderia me transformar e acabar com todos eles*, disse uma voz dentro da minha cabeça, que ao mesmo tempo era a minha própria voz. Mas senti medo. Eu não queria ser o monstro novamente. Então tropecei e caí, e os meus dedos haviam voltado ao normal. Arfei dolorosamente, agachado no milharal, ouvindo o som dos meus perseguidores cada vez mais perto.

Meu Deus! Eu ia me transformar. Foi por pouco. Mas no meio do dia, e por vontade própria?

Voltei a correr, e agora mais rápido que antes, saindo do milharal, passando perigosamente na frente de um velho caminhão em uma estrada de terra, e entrando na mata que ficava do outro lado. Os meus caçadores foram sendo deixados cada vez mais para trás. O som de água corrente chegou aos meus ouvidos, assim como o cheiro de terra úmida, um dos muitos rios que cortavam aquela região não estava muito distante, e em alguns minutos depois eu o encontrei.

Me joguei de corpo todo na água, era um trecho fundo e estreito de água corrente, mas a correnteza não era muito forte. Afundei e matei minha sede, enquanto limpava toda a sujeira de meu corpo. Mesmo assim, envolto naquele momento de tranquilidade, eu não amenizava a atenção nos sons e cheiros a minha volta, era certo que aquele Coronel não desistiria tão fácil. E foi então que percebi que conhecia o lugar onde eu estava, fora por ali que eu passei depois que Flora me deixou, eu só precisava subir o rio e chegar à cachoeira, de lá seria fácil encontrar minha casa. Mas será que eu tinha forças suficientes para voltar e encarar todo aquele horror novamente? Bem, pelo jeito o horror me acompanharia por onde eu fosse, pensei, olhando para as palmas de minhas mãos.

Caminhei com calma, sempre subindo contrário à correnteza. Quase uma hora depois eu cheguei à conhecida pedra em forma de tartaruga, e em cada passada subindo a trilha que levava a minha velha casa, o pavor se intensificava dentro de mim. A casa se ergueu a minha frente, parecendo um local assombrado, e enquanto eu permaneci parado no quintal, olhando para as portas e janelas destruídas, eu reuni coragem suficiente para fazer o que eu precisava fazer. Entrei na casa e andei calmamente até o quarto, não olhei para os corpos estirados no chão, mesmo que o cheiro de podridão me afetasse muito mais agora. Pelo jeito não havíamos tido visitas até então, e ninguém notara a chacina de uma família, somente as moscas cobriam tudo como uma nuvem negra em movimento. Peguei algumas roupas no velho guarda-roupa, uma calça surrada que eu costumava usar para trabalhar no roçado, uma camiseta simples de mangas cortadas e uma sandália de couro de meu pai, e fui me vestir no quarto de minha mãe.

Saí para o quintal para respirar melhor. Agora vinha a parte pior: Voltei para o meu quarto e olhei para os restos já inchados e podres de minha mãe e de meu pai,

catei delicadamente cada parte deles, evitando respirar e afastando as centenas de moscas, evitando olhar para os rostos, e pus tudo sobre o lençol da cama. Por último foi a cabeça de meu pai. Embrulhei tudo em uma trouxa e levei para fora. Com uma pá, e ainda sem derramar uma única lágrima se quer, reuni, com terra e tudo, a massa nojenta de vomito seco onde o anel de minha irmã ainda brilhava, e juntei com os restos dentro da trouxa de lençol. Com a mesma pá, comecei a cavar nos fundos da casa, e quando eu tinha uma cova de bom tamanho, deixei cair a trouxa imunda com todo o respeito possível e fiz uma oração. Rezei e rezei, pedindo perdão por tudo, mas no fundo não era para Deus, nem para a santíssima Mãe, e sim para aquelas pessoas que me amaram e que agora se resumiam àquilo dentro da trouxa de lençol.

Finalmente chorei, sem nenhum tipo de resistência, mesmo que as lágrimas atrapalhassem minha visão enquanto eu jogava a terra de volta na cova. Enquanto isso eu me lembrava dos rostos de cada um deles, das feições austeras e justas de meu pai, do sorriso fácil de minha mãe, e do olhar sonhador de minha irmã. Nunca mais eu os veria novamente. Nunca mais. E por mais que eu soubesse que, sob os dominós de minhas faculdades normais, eu nunca faria aquilo com meus entes queridos, nunca os machucaria de modo algum, mesmo assim eu era devorado por uma culpa tão monstruosa quanto o monstro dentro de mim. Eu também tinha a noção de que existia outro culpado naquela tragédia, o verdadeiro culpado. E por isso eu encontraria Flora novamente, a besta sedutora, e arrancaria e comeria seu coração.

Então, só quando o trabalho estava terminado, pensei ter percebido alguém nas proximidades. Larguei a pá no chão e levantei o rosto. Ninguém realmente perto, há não ser alguns passos rápidos que me chegavam de longe, se distanciando da minha casa. Deveria ser algum dos viajantes que cruzavam as trilhas do riacho, indo em direção à vilazinha mais próxima. Era uma mulher, tinha cheiro de mulher, eu ainda não tinha a real noção da diferença dos odores masculinos para os femininos, mas imaginei se tratar de uma mulher.

Bem, eu não deveria me importar com ela. A estranha estava indo embora e não se aproximando, pelo jeito nem passara realmente próximo à minha casa. E as terras do tal Coronel estavam longe. Por que iriam me procurar logo ali? Eu sei, não foi um raciocínio muito preciso, provavelmente você teria visto as coisas de modo bem mais inteligente que eu, mas eu só pensava em comer alguma coisa e me preparar, pois a noite que logo chegaria, a terceira noite de lua cheia, e com certeza o lobisomem ia querer correr livre mais uma vez, e matar.

Silêncio total na casa. Dentro dela as trevas eram afastadas pelo fogo do grande lampião na minha frente, enquanto lá fora reinava a lua cheia e amarelada,

enorme. Eu pegara todas as correntes e cordas no barraco de ferramentas e, com muita dificuldade e criatividade, as preendi em volta de minhas pernas, tronco e braços, prendendo-me à pesada cama, às vigas do telhado, às madeiras da janela, e até mesmo em buracos que eu fizera na parede. Era uma medida desesperada, eu havia feito tudo na pressa, mas eu não podia deixar que o monstro ficasse solto mais uma vez, mesmo que eu tivesse que dar um jeito de me amarrar por todas as noites de minha vida. Naquela hora eu já percebia os sutis sinais da transformação que se aproximava. Meus olhos ardiam levemente, minha boca começava a ressecar, era uma sede que aumentava cada vez mais. Meu corpo ia gradativamente ficando mais quente, e eu jurava poder ouvir um som estranho dentro do peito. Hoje em dia eu ainda o escuto, um som que me faz pensar numa grande panela de ferro sobre o fogo, fervendo alguma coisa líquida e caudalosa, um som presente em todos aqueles de minha espécie, e por meio deste som, assim como por um cheiro peculiar, nós nos identificamos uns aos outros.

O silêncio reinava pelo mundo, um tipo de silêncio que só pode ser encontrado em regiões interioranas como aquela, onde somente alguns bichos podem ser ouvidos na noite; os grilos, os sapos, as cabras na distância... Naquele momento pensei em minha cadela. Onde estaria Bernedita e seus filhotes? Como eu ficaria feliz em reencontrá-la. Que terrível pensar que o único membro da família que ainda vivia, além de mim, era uma cachorra que fugira morrendo de medo do que eu havia me tornado, e com razão. *Bem, tranquilizei-me, acho que longe de mim ela e seus filhotes terão mais chance de sobreviver.*

As horas se arrastaram, e foi uma tortura esperar o momento terrível, minha febre estava tão alta que me dava tonturas, eu tremia dos pés à cabeça. Mesmo assim eu ainda rezava, eu precisava acreditar que eu não estava sozinho naquela hora, que Ele estava olhando para mim, e que Ele me entendia, e sabia que eu não fora o culpado, e sim o demônio peludo e de garras mortais. E foi então que ouvi passos se aproximando da casa, muitos deles, botas pesadas esmagando gramas e pedras. Eu acreditava poder ouvir até mesmo o som dos corações, cautelosos, amedrontados. E os cheiros, sim, os cheiros me cercando e os denunciando, os cheiros de meus perseguidores.

Movimentei-me nas correntes para testá-las. Sim, eu estava realmente preso ali, e nem mesmo sabia como poderia me soltar depois. Eu era uma presa fácil. Mas quem sabe fosse melhor assim, pensei, quem sabe minha sina não terminaria ali, quando a besta surgisse e os homens do Coronel a mandassem para o inferno com uma chuva de balas. Eu aceitaria aquele destino, e quem sabe assim, morrendo sem ser pelas minhas próprias mãos como eu havia tentado na cachoeira, eu teria passagem livre pelos portões vigiados por São Pedro, reencontrando aqueles que eu amava do outro lado.

Os meus caçadores cochichavam entre si, e quanto mais próxima à transformação estava, mais apurados ficavam meus ouvidos, e eu pude escutá-los discutindo.

— Tem certeza que esta é a casa? Que o danado está aqui? — perguntou o Coronel; eu podia reconhecer aquela voz em qualquer situação, mesmo sussurrada, e o cheiro de ódio que emanava dele.

— Sim, Coronel, era ele, eu o segui a muito custo — respondeu o outro, e foi então que percebi que era uma mulher quem falava, a única do grupo, a mesma que me encontrou quando eu acordei, que me denunciara, e provavelmente a mesma que eu percebi mais cedo, enquanto fechava a cova de meus pais.

— Fez muito bem, Sebastiana, tu é mais valente que muito homem por aqui.

— Mas, Coronel, — se exaltou um dos homens — e se o danado se transformar mesmo em bicho? O Coronel vai ter coragem de enfrentar o bicho?

— Deixe de ser frouxo! Lobisomem ou não, é hoje que eu arranco o couro desse infeliz, e vingo a morte de meu sobrinho.

Então era isso, eu havia devorado um parente dele! Aquele Coronel tinha motivos verdadeiros para emitir aquele cheiro de ódio. Lembrei, com terror, dos restos do animal desconhecido que eu acordei em cima. Será que aquela carcaça não era a de uma cabra qualquer, mas sim de uma pessoa? Meu estomago se embrulhou automaticamente, e a comida quase voltou. Enquanto isso os cliques das armas de fogo sendo empunhadas soaram lá fora, as botas foram se aproximando, assim como o som de cascos que somente fui dar importância naquele instante.

— A casa está cercada! — ecoou a gutural voz do Coronel, uma verdadeira voz de comando. — Não tente fugir, pois sua morte pode ser mais demorada, seu desgraçado! Saia pela porta da frente! Ou eu mesmo vou aí te buscar na marra!

Eu pensei em gritar algo em resposta, dizer que eu estava indefeso, que eu estava esperando a justiça expelida pela espingarda dele, mas não me foi possível. A lua estava lá no alto, eu podia senti-la como se o brilho dela traspassasse o telhado e chegasse até a mim, transformando a minha febre nas verdadeiras labaredas do inferno. Então veio o poderoso golpe de dor no estômago, a tortura se espalhando por cada junta, músculo ossos, a visão tornando-se avermelhada, e um ódio selvagem que crescia e me envolvia. Gritei e gritei, cada vez mais alto, mas meus gritos de dor não amedrontaram o Coronel, diferente da maioria de seus homens. Os cavalos relinchavam assustados, eu podia ouvir claramente quando os cascos empinavam e voltavam a se chocar contra a terra, quando eles derrubavam os homens que os montavam e corriam em disparada para longe daquele lugar amaldiçoado.

— Mantenham as armas em punho, seus frouxos! — gritou o Coronel, mais alto que meus gritos, e começou a entrar na casa. Eu cheguei a admirar a coragem dele naquele momento, mesmo que as dores da transformação esmagassem todas as minhas vontades e pensamentos. Pela minha visão febril pude vê-lo se aproximando pelo corredor, ele já estava me encarando, surpreso, e até mesmo com um pouco de medo, mas nada o faria recuar naquele instante, mesmo vendo que meus braços e pernas estavam se alongando e tornando-se mais musculosos, os calcanhares ficando mais distantes dos dedos dos pés para que eu pudesse correr de quatro como os cães, minhas unhas virando garras, os pelos crescendo, e um pequeno focinho achatado se formando na junção de meu nariz e boca, presas grandes, e os olhos de um amarelo diabólico.

Neste momento algo muito interessante aconteceu, algo que, já adiante, não voltaria a acontecer tão cedo. Eu saí do corpo. Sim, do mesmo modo que alguns médiuns e espíritas afirmam ser possível nas chamadas *viagens astrais*. Minha alma se desprendeu do corpo físico. Eu estava flutuando, próximo ao teto, e podia ver toda a cena que se desenrolava embaixo de mim, podia ver meu próprio corpo transformado em monstro, rosnando e tentando se libertar das correntes, e o Coronel, ainda vestido de calça branca empoeirada e um gibão de couro. Sem perder tempo, ele disparou três tiros de espingarda no peito da criatura. Claro que hoje tenho uma visão mais compreensiva do que me aconteceu, mas naquele instante eu pensei que tinha morrido, que somente a fera estava dentro do corpo, e que eu tinha permissão para subir aos céus.

Olhei para as minhas mãos estendidas na frente do rosto. Eu conseguia me enxergar como espírito, como se eu fosse feito de fumaça de incenso, e, quando reparei melhor, vi que do umbigo daquele meu corpo translúcido saía um finíssimo fio luminoso que me prendia ao corpo do lobisomem amarrado. Eu não tinha morrido, eu não estava livre. De repente o som de ferro e cimento se partindo chamou minha atenção. O lobisomem estava se libertando. Mesmo assim o Coronel não se moveu, atirou mais duas vezes, praguejando, mas os tiros pareciam não fazer efeito, e outro detalhe espantoso me foi revelado; eu também podia sentir a dor dos ferimentos do monstro, com menos intensidade, mas ainda podia. As balas eram expelidas pelo próprio corpo da criatura, saindo lentamente por onde entraram e caindo no piso ensanguentado. Então a fera se soltou de vez, atirando as correntes e cordas para todos os lados do quarto. O Coronel se preparou para atirar mais uma vez, mas o lobisomem foi mais rápido, saltando sobre ele e lhe furando o estômago com as garras da mão direita. O valente Coronel berrou de dor, mas foi silenciado quando a fera lhe abocanhou na boca, arrancando-lhe o maxilar e parte dos músculos do pescoço.

No mesmo instante em que percebeu que sua vítima estava morta, o lobisomem correu para o quintal, e eu fui junto, puxado pelo fio que nos ligava, arrastado, obrigado a ver todo o banho de sangue que se seguiu. Os homens armados se desesperaram com a visão do monstro, a maioria atirou, enquanto o resto corria desembestado, tentando alcançar os cavalos e cachorros que fugiam muito à frente. A maior parte dos tiros não acertava o monstro, o bicho era rápido demais, e pulava de um homem para outro, mordendo, arranhando, decepando pernas e braços por onde passava, sem parar para se alimentar de ninguém. Matou rapidamente os sete que ficaram para enfrentá-lo, mas isso não satisfez sua selvageria e ele partiu no encalço dos que fugiam mata à dentro, deixando de correr com as duas pernas para correr como um animal quadrúpede.

Fui arrastado junto mais uma vez, vendo as folhas e os galhos das árvores passarem por mim, e por entre mim, como um borrão de tinta. Se o lobisomem era rápido sobre duas pernas, sobre quatro atingia uma velocidade espantosa. As pobres vítimas não tinham chance alguma, e percebi que ele preferia as que corriam, gritavam e atiravam, pois assim parecia mais divertido. Ele até estava se esquecendo das que se escondiam em algum lugar. De repente, percebi uma pessoa estranha próxima à valente mulher que o Coronel havia chamado de Sebastiana, que estava com o corpo dividido em dois. Era uma pessoa de baixa estatura, que apresentava o mesmo tipo de transparência que eu na forma de espírito em que eu me encontrava, e que a pessoa estava olhando diretamente para mim, e tinha o rosto de minha irmã. Mas então algo em mim mudou, me forçando a voltar para baixo, para dentro da fera, minha consciência estava se perdendo como das últimas vezes, e a última coisa que vi depois que entrei de volta no corpo, por meio de olhos selvagens, foi uma cabeça de homem sendo arrancada dos ombros com uma única pancada, e em seguida o potente uivo do lobisomem ecoou por toda parte.

Eu poderia contar muitas coisas que aconteceram depois deste dia, encher páginas e mais páginas de relatos assombrosos e tristes, banhados em litros de sangue na maioria das vezes, mas não é a minha intenção. Acho que chegou o ponto onde a história precisa avançar e realmente começar (se possível, encare tudo o que leu até aqui como um grande prólogo), e para isso tentarei agora resumir de forma mais rápida e simples como foi o meu aprendizado solitário, a minha vida como Cão Vadio.

Basta saber que eu acordei no dia seguinte como havia cordado nos dois anteriores; nu, sujo de sangue e com uma tremenda dor de estômago, e sim, dessa vez eu vomitei, e vomitei bastante. Por toda parte, nas proximidades de minha velha casa, pedaços humanos podiam ser vistos aqui e ali; um braço, um pé ainda calçado, metade de uma cabeça... Não me espantei ao notar que não tinha nenhum

cavalo ou cachorro morto à vista, pois tinha ficado muito claro a preferência que o monstro tinha por carne humana. Voltei para casa, me vesti e calcei velhas botas, juntei todas as poucas roupas que pertenciam a mim e a meu pai em uma trouxa feita com um lençol, assim como eu fizera com os corpos de minha família, e fui embora sem destino, sabendo que eu nunca mais voltaria. E para aqueles que são fãs de cachorros, assim como eu, ou não, posso acrescentar mais um detalhe: que encontrei Bernedita cinco dias depois, sozinha, bebendo água na beira de um rio. Eu chamei seu nome e ela me reconheceu, latiu e até abanou o pequeno rabinho, e me olhou de um modo especial... Pode até ser que eu tenha imaginado tudo, mas acredito que ela me olhou como se dissesse “eu entendo”. Em seguida ela abocanhou um enorme roedor, que ela devia ter matado e carregado até ali, e correu para dentro da mata, e se ela estava levando aquilo para seus filhotes ou não, eu nunca soube, e nem procurei saber. Ela estava se virando bem sem mim, e a última coisa que precisava era de um dono que tentasse devorá-la quando a noite chegasse. E assim eu nunca mais a vi.

O tempo passou, enquanto eu vivia como um mendigo eremita, inicialmente fugindo de qualquer lugar onde vivessem humanos por perto. Nas noites seguintes ao massacre dos peões, eu esperei a chegada da fera, mas ela não veio, e com o tempo percebi que a transformação não ocorria todas as noites como eu temia. Descobri também, certa vez, fugindo de enormes cachorros que guardavam uma fazenda, que eu poderia me transformar durante o dia, como eu quase havia me transformado enquanto fugia dos homens do Coronel no milharal, e que eu possuía um certo controle sobre mim mesmo.

Deixe-me então lhe explicar finalmente como isso funciona: Os lobisomens podem se transformar a hora que querem, ou quando muito irritados, o que, no começo, é um estado até fácil de alcançar, mais é necessário *querer realmente* se transformar, e o medo do que isso pode resultar sempre impede que a transformação continue. O ato de virar um lobisomem é demasiado cansativo e muito doloroso, e por isso, por mais selvagens que alguns de nós possam ser, sempre preferimos ficar com a aparência humana, onde podemos fazer coisas incríveis também. Transformados desse modo, ainda mantemos nossa inteligência, mas ao mesmo tempo permanecemos em uma luta constante com um instinto de selvageria assustador. Hoje sei de histórias de homens-lobo que de tanto ficarem na forma de fera, acabaram perdendo seu lado civilizado, e passaram a viver como animais irracionais, tornando-se lendas em povoados arcaicos, morrendo cedo. Mas não descarte as lendas sobre a lua cheia, elas têm seu fundo de verdade, e, por sinal, a lua pode ser um grande problema para os lobisomens.

Alguns estudiosos defendem que as fases lunares exercem certo controle magnético sobre as forças naturais, sobre os animais e a mente humana, e no nosso caso, em noites de lua cheia, somos dominados totalmente por um desejo de sangue irreparável, e se não fugirmos para uma floresta ou tomarmos providencias para ficarmos em um local devidamente trancado (o que hoje não concordo ser a melhor opção), podemos causar bastante estragos. Devo frisar que os efeitos lunares só nos dominam nas três primeiras noites de lua cheia. O motivo? Eu não sei realmente, mas alguns místicos e bruxos acreditam que a lua cheia só exerce o seu real poder nas três primeiras noites, e depois vai perdendo sua força para entrar em um novo ciclo. Com o tempo, e muita força de vontade e treino, podemos ir amenizando esse desejo por sangue, e só nos resta a vontade de correr livremente pelas matas e telhados das cidades, tão rápidos que os humanos, sempre atarefados e céticos, não conseguem perceber. Claro que existem aqueles de nós que não dão mais valor a nada, que se vangloriam e abusam irresponsavelmente da nova condição, e não se lamentam por perdas humanas inocentes. Ainda bem que somos muito poucos, assim como todas as criaturas da Noite. No fim das contas, nós ainda somos considerados lendas vindas de tempos em que o homem era tão selvagem quanto os leões e os lobos, lendas alimentadas pelo fascínio que exercem nos livros e filmes.

E esperamos que assim continue.

Durante anos, enquanto eu fazia essas descobertas solitárias, sofri bastante. Muitos foram devorados por mim, confesso, e me transformei até mesmo em uma lenda de uma cidadezinha mineira, onde ainda hoje pais contam para seus filhos, em noites estreladas, sobre como me viram cruzando ligeiro entre os túmulos dos cemitérios e uivando nas encruzilhadas. Com o tempo fui aprendendo a me misturar entre as pessoas, trabalhando em botecos e comércios imundos, lavando copos e separando brigas de bêbados, ou ajudando como pedreiro em pequenas construções. As pessoas ficavam abismadas ao verem como eu era incansável e forte. Mas eu nunca me demorava mais de um ano em um lugar só, e ia embora antes que as pessoas comessem a desconfiar que eu mentia sobre os lugares que eu ia quando a lua cheia chegava.

Aos dezesseis eu já me passava por adulto, e as pessoas me achavam um homem muito bonito. Eu fazia sucesso com meu jeito calado e manso, e também pelas formas perfeitas de meus músculos grandes e torneados, e por meus traços puramente masculinos. As mulheres se interessavam facilmente por mim, e pelo menos uma vez ao dia, quando eu não estava parecendo um mendigo vagando pela sarjeta, eu recebia um convite para conhecer alguma cama. Eu dificilmente negava os convites, até porque era uma das poucas formas de prazer que eu podia desfrutar, mas sempre dava um jeito de desaparecer quando eu percebia que a

moça ficara muito apaixonada e querendo algo mais. Confesso que certa vez eu me apaixonei, acho que isso é inevitável na vida de qualquer um, e nessa ocasião eu tentei fazer diferente, eu quis acreditar que pudesse dar certo, mesmo eu sendo quem eu era, mas acabei descobrindo que eu estava enganado, e do pior modo. Ela era uma prostituta decadente, quase vinte anos mais velha, que tivera parte do rosto queimado por um homem violento e devido a isso dificilmente conseguia um cliente que aceitasse pagar bem. Savana era seu nome de guerra, mas eu só cheguei a conhecer este mesmo. Uma mulher com um passado trágico, de sonhos sepultados, muito parecida comigo em alguns pontos. Pobre Savana. Ela não devia ter ido me procurar, enciumada, mata à dentro, logo na lua cheia. A morte dela quase foi tão terrível para mim quanto a da minha família.

Quero que compreenda, e isto é muito importante para mim, que eu nunca desejei tais atrocidades. Só nós, lobisomens, sabemos o peso do fardo que carregamos. Eu pensei novamente na possibilidade de tirar minha própria vida muitas e muitas vezes, mas em nenhuma delas fiz mais do que eu fizera na cachoeira. E durante todo esse tempo de solidão, eu nunca encontrei nenhum outro igual a mim, a não serem lendas que se alimentavam da imaginação popular. Flora quase se tornou um personagem imaginado, pois não encontrei nenhum sinal de sua existência. Só que nunca cheguei a pensar que eu fosse o único monstro no mundo, até porque eu tive vislumbres de outros seres sobrenaturais, mas estes eram tão retraídos quanto eu, e bem mais escorregadios, e desapareciam antes que eu pudesse tentar qualquer contato ou dar uma boa olhada em suas aparências. Isso se eu tivesse coragem de tentar. E antes que você se pergunte: não, eu não vi nenhum vampiro naquela época. Esqueça os sugadores de sangue, só vou falar sobre eles no devido momento.

Agora acho que posso finalmente desacelerar, e voltar a contar minha história do jeito que quero, com mais calma e mais detalhes, apresentando mais alguns personagens que fizeram parte dela, que a enriqueceram, e que estão comigo até os dias de hoje, pois aqui termina a fase do meu aprendizado inicial como Cão Vadio, e começa outra muito mais interessante.

O Casarão Violeta

Estava bastante escuro naquela noite sem lua de 1984, o asfalto da estrada goiana, o pasto, as cercas de arame, e as árvores de ambos os lados, todos quase se resumiam em uma única cor, tão escura quanto o céu com suas poucas e tímidas estrelas. Escuridão demais, mas não o suficiente para os meus olhos. A estrada esburacada também estava vazia, raramente algum veículo passava rápido com seus faróis brilhantes, mas nenhum deles me daria carona, na verdade eu nem cogitava essa possibilidade. Lembro-me que faltava pouco para meia-noite, para a data em que eu completaria meus dezoito anos. E esse número me pareceu bastante especial naquela noite, tanto que eu fiz uma pausa para trocar de roupa, ali mesmo, há poucos metros do acostamento, estava escuro e deserto demais para alguém notar a minha nudez. Trocar de roupa seria uma forma de comemoração do meu aniversário. Vesti a calça jeans mais nova, que eu havia comprado bem baratinho na última cidade por onde eu havia estado, assim como a blusa vermelha com uma caveira punk estampada no peito (eu não tinha nenhuma ligação com o rock, nem com o movimento, na verdade eu achava a música até mesmo barulhenta demais, mas eu tinha gostado bastante daquela estampa, do branco sobre o vermelho, fora que havia sido uma pechincha). Só não troquei os horrorosos sapatos de couro desgastados, pois eram os únicos calçados que eu tinha além de um chinelo velho na mochila. E a comemoração seguiu enquanto eu comia uma barra de chocolate meio derretida e tomava um pouco de água do meu cantil, murmurando a música *parabéns para você*.

Lá estava eu, sozinho como sempre, completando dezoito anos, naquela estrada sombria, cinco anos na maldição, e somente algumas poucas estrelas e os pequenos lagartos vinham prestigiar o momento em que eu me tornaria homem. Claro que era somente uma forma poética de encarar a desgraça de vida que eu vivia, os lagartos tinham medo de mim, e as estrelas não são companhia para ninguém. Na verdade, eu já era um homem feito há muito tempo, de corpo e de mente, fui obrigado a me tornar para continuar sobrevivendo, e o que comecei a me perguntar enquanto a melancolia me dominava era justamente isso: Para quê persistir? Para quê continuar? Qual era a finalidade de caminhar sem parar pelas estradas e cidades, trabalhando temporariamente nos estabelecimentos mais horríveis, procurando fugir de qualquer vínculo íntimo com outras pessoas, se eu

não tinha um ponto de chegada? Eu não tinha um lar. Era o mesmo que viver como aqueles pequenos lagartos que cruzavam um lado a outro da estrada, correndo o risco de serem atropelados, vivendo por viver, mas a diferença é que os lagartos não se importam, eles não são humanos, e eu, apesar de tudo, ainda era.

Então meus tristes pensamentos foram interrompidos por um cheiro diferente de qualquer coisa que pudesse ser encontrada naquela estrada. A pista virava abruptamente à minha esquerda, desaparecendo por trás de um morro cercado, e era depois desta curva que o cheiro vinha. Era um perfume delicioso que lembrava fielmente o aroma da flor dama da noite, um perfume feminino, e era realmente uma mulher que o usava, eu já podia ouvir o seu timbre de voz, mas alguma coisa estava acontecendo de errado, pois a mulher estava discutindo com alguém.

Acelerei os passos, mantendo-me nas sombras até chegar do outro lado, e foi então que vi uma caminhonete cor-de-rosa parada no acostamento, uma velha motocicleta estava estacionada ao lado, e a dona do perfume havia acabado de levar um baita tapa na cara de um homem armado, enquanto um segundo entrava dentro do carro. Não pensei duas vezes, eu tinha que ajudar aquela pobre mulher de perfume tão doce. E não foi tão difícil no fim das contas. Eu me esgueirei na direção deles rapidamente, o que estava armado estava de costas para mim, e quando notou minha presença foi tarde demais, lhe soquei tão forte no rosto que ele perdeu os sentidos no mesmo instante. O segundo, desarmado, girou a chave na ignição da caminhonete para fugir, mas não conseguiu apertar o acelerador, pois eu o puxei pela janela aberta, ouvindo seu ombro direito ser deslocado ao se chocar nas laterais da passagem, e o nocauteei com cinco socos seguidos, jogando-o sobre a velha motocicleta que tombou junto com ele.

Voltei-me para a mulher agredida, mas esta já estava de pé ao lado da roda traseira da caminhonete, de olhar feroz, apontando na minha direção a arma pertencente ao homem que a esbofeteara.

— Fique paradinho e diga quem é você — ordenou ela, me ameaçando.

Eu não respondi de imediato, fiquei reparando de cima a baixo a aparência exuberante dela. Era uma mulher bem alta, devia ter quase um metro e oitenta, magra e de cintura muito fina, com seus trinta e poucos anos, de seios muito pequenos e ombros largos, o que lhe dava uma aparência quase masculinizada enquanto segurava o revólver. Usava calça *jeans* bem justa, com botas vermelhas de cano alto que iam até os joelhos, de saltos altíssimos, e uma jaqueta de couro típica dos anos 80, sobre uma camisa xadrez de botões. Hoje eu poderia dizer que o estilo dela era uma mistura de motoqueiro com cowboy. Tinha a pele muito branca, uma majestosa cabeleira avermelhada, e um rosto de traços afilados e pontudos (o lado direito estava avermelhado devido à agressão), pintado com uma maquiagem tão chamativa quanto suas roupas.

— Abaixе essa arma, senhora, pelo amor de Deus — respondi em tom apaziguador. — Eu não tenho nada a ver com esses bandidos. Se a senhora não percebeu, eu a salvei.

Ela me olhou dos pés à cabeça, as duas mãos firmes na arma de fogo.

Eu podia ouvir os batimentos cardíacos dela, a respiração acelerada, mas aquela mulher não estava com medo e sim com ódio, uma raiva profunda por passar por uma humilhação daquelas. Lobisomens não leem mentes, mas muito do que se passa na mente das pessoas pode ser interpretado pelo modo como o corpo responde, seus trejeitos, seus odores, o timbre da voz.

— E o que você está fazendo em um lugar como este, há esta hora? — ela tinha um sotaque mineiro muito carregado, e que acrescentava certo charme a ela.

— Eu sou um viajante, senhora. Um viajante que por não ter conseguido carona teve que andar sozinho e a pé.

Ela olhou imediatamente para os meus sapatos desgastados, como se assim pudesse comprovar o que eu dizia, em seguida respirou fundo e disse:

— Está certo, acredito em você, mas só porque sou eu quem está com a arma. Muito obrigada, moço viajante. O meu agradecimento já vale de alguma coisa, ou o moço vai querer alguma recompensa? — perguntou ela, ainda de arma em punho, enfiando a mão direita no bolso, mas eu me adiantei.

— Não, eu não preciso de dinheiro, senhora.

— Mas eu quero agradecer, lhe devo muito.

— Então me dê uma carona até a cidade mais próxima e ficaremos acertados.

A mulher balançou levemente a cabeça, voltando a me olhar de baixo para cima, mas então acabou concordando.

— Está certo, pode entrar no carro. Eu quero sair daqui antes que um desses babacas acorde, ou que eu decida dar um tiro em cada um deles agora mesmo, pois é o que estou com vontade fazer. Se é que vão acordar... — disse ela, olhando para os bandidos, e eu fiz o mesmo, mas logo desviei a atenção, no fundo eu não queria pensar na possibilidade de ter matado ninguém, mesmo aqueles ladrões.

— Obrigado, senhora.

— E para de me chamar de *senhora*, me chame de Madame Valquíria, é assim que sou conhecida por essas bandas.

— Certo — sorri em concordância, entrando no carro depois dela.

A caminhonete cor-de-rosa era tão chamativa quanto sua dona, tinha o interior todo forrado de pelúcia lilás e rosa choque, com pequeninas bonecas espalhadas no painel, que dançavam com o movimento do carro.

Ela deu partida e acelerou, a caminhonete roncou e soltou fumaça, mas nem havia rodado cem metros e Valquíria parou abruptamente. Eu olhei para ela e para o sorriso que ela então sustentava nos lábios.

— Eu poderia dar ré e atropelar aqueles filhos da puta, o que você acha?

Mas ela não o fez, somente massageou o lado avermelhado do rosto, pegou um grande chapéu de vaqueiro embaixo do banco, pôs na cabeça e acelerou novamente. Rodamos pouco mais de um quilometro em total silêncio, eu sentia agraciado o vento soprando em meu rosto enquanto ela dirigia rápido demais. Quando se anda a pé como eu andava, qualquer carro, até mesmo uma barulhenta caminhonete cor-de-rosa como aquela, era de um luxo indiscutível.

— Então o moço viajante está indo para Santa Sofia das Lamentações?

— É a cidade mais próxima, não é? — perguntei.

— Sim, se é que podemos chamar Santa Sofia de cidade, tá mais para um vilarejo, até padre falta lá ultimamente. Lamentações faz jus ao nome. Mas é para lá mesmo que você estava indo?

— Posso dizer que sim — respondi. — Estou sempre com o pé na estrada, Madame Valquíria, e se lá é o lugar mais próximo onde posso tentar arranjar algum emprego e o que comer, é lá que devo ir, não importa o nome ou o tamanho.

— E essa vida de cigano é por gosto ou o herói viajante se meteu no que não devia e está fugindo da polícia ou de algo pior? — perguntou em um tom bastante agradável.

— Não, não estou fugindo da polícia. Minha vida já é ruim por si mesma. Sina ruim.

Ela voltou atenção para a estrada, dessa vez bastante pensativa.

— Bem, garoto viajante metido a misterioso, podemos dizer que nos dois tivemos sorte hoje. Você me salvou de ser assaltada e coisa pior, e não vai mais precisar andar tanto para chegar até Santa Sofia das Lamentações.

Rimos juntos. Eu nunca fui muito falador, nem mesmo hoje em dia, mas algumas pessoas conseguem me cativar a falar mais, e aquela mulher era uma dessas.

— E como foi que Madame Valquíria acabou caindo nessa cilada? — perguntei.

— Minha garota aqui acabou me deixando na mão no meio da estrada — respondeu ela, dando palmadinhas no volante.

— Que perigo, hein? E você sozinha...

— O pior foi que eu já tinha dado um jeito no problema, eu entendo um pouco de mecânica, já estava pronta para sair, quando os malditos apareceram do nada naquela motocicleta caindo aos pedaços — disse Valquíria, retirando um cigarro de dentro do bolso da jaqueta e enfiando ele no acendedor do painel. — Ai que raiva, viu! Como me arrependo agora de não tê-los atropelado! Eu podia ter levado a motocicleta deles como recompensa, mas aquela coisa não vale nem o esforço de

por ela na caçamba da caminhonete. Ou podia tê-los amarrados e chamado a polícia, isso... isso se a polícia serviço de algo nessas bandas...

Sorri, e me lembrei dos corpos dos bandidos no acostamento, um deles tinha formado uma poça de sangue sob a cabeça... Não, melhor não pensar mais nisso.

Valquíria ligou o rádio e deu uma tragada no cigarro. Lembro-me perfeitamente que a música que tocava era *Billie Jean* de Michael Jackson, que estava fazendo muito sucesso pelo mundo todo naquela época, enquanto ela batucava os dedos no volante e balançava a cabeça de um lado para o outro. O perfume dela estava impregnado em tudo. Eu me mantive em silêncio, vez ou outra a observando discretamente, o jeito como ela parecia se perder na estrada, cantarolando a música com um inglês improvisado. A única coisa que realmente me desagradava ali era a fumaça do cigarro, sempre evitei passar muito tempo próximo de alguém que estivesse fumando, principalmente devido ao meu olfato sensível.

— Você ainda não me falou seu nome — disse ela, sem olhar para mim, soprando a fumaça pela janela.

— Natâniel — respondi.

— Gostei, — ela sorriu, agora me encarando. — Natâniel. É um nome bonito, forte, combina com você, rapaz. Eu confesso que fiquei impressionada com a sua força. Esses músculos não estão aí só de enfeite. Deve ter rachado a cabeça dos desgraçados com esses punhos. Você já foi boxeador ou algo do tipo?

— Não, senhora, minha força vem dos trabalhos braçais que tive desde que me conheço por gente.

— Já falei para parar com isso de *senhora*.

— Perdão.

Ela deu mais uma tragada, ajeitando o chapéu na cabeça.

— Então você é um andarilho sem destino. Mas como você faz para sobreviver? Pede esmola? Olha, rapaz, só espero que você não assalte pessoas por aí, pois se não você já sabe — ameaçou ela, apontando o revolver no banco, ao lado de sua perna esquerda.

— Não se preocupe, nunca roubei ninguém — menti, pois uma vez eu tinha roubado comida em um mercadinho, quando mais novo, mas isso não me pareceu tão importante. — E eu não costumo pedir esmola não, prefiro trabalhar nos lugares que chego.

— Trabalhar com o quê?

— Qualquer coisa. Normalmente me contratam para serviços pesados.

— Posso imaginar o motivo — disse ela entre uma baforada e outra, me olhando de um modo quase sexual. — Mas venha cá, me diga uma coisa, nunca pensou em ficar em um lugar só?

— Quem sabe futuramente, quando eu achar um lugar para mim de verdade.
— Sei.

Ao lado do rádio tinha um pequeno relógio digital de números verdes que indicou meia-noite, e eu suspirei.

— Um ano mais velho — murmurei para mim mesmo.

— O que disse?

— Nada... é que eu reparei que já são meia-noite, e isso quer dizer que eu estou um ano mais velho.

— Verdade? — sorriu jovialmente. — Quantos anos?

— Dezoito.

— Hã?! — exclamou ela, virando o volante rápido demais para um lado só, visivelmente desconcertada. — Dezoito anos, rapaz? Eu jurava que você tinha vinte e sete no mínimo. Você tem cara de homem, não de menino.

— Obrigado — respondi, aceitando aquilo como um elogio.

— Dezoito anos... — ela repetiu. — Maior de idade, legalmente falando. Bem, feliz aniversário, Natâniel — apertou minha bochecha esquerda maliciosamente.

Agradei, e ela mandou que eu pegasse uma garrafinha no porta-luvas do carro. Era uma garrafinha de vidro e tampa de rosca, contendo um líquido verde.

— Tenho uma proposta para você, Natâniel, meu herói da estrada, uma proposta que pode ser um presente de aniversário também. Se você me disser sim e chegarmos num acordo, você e eu vamos beber essa garrafa toda em comemoração.

— Que bebida é essa?

— Absinto. Importado da França. Presente de um dos meus clientes, é delicioso.

— E qual é a proposta? — perguntei, curioso e motivado pela alegria dela. Há quantos anos alguém não me parabenizava por um aniversário?

— Eu sou dona de um estabelecimento nas redondezas de Santa Sofia, e ganho um bom dinheiro até. *O Casarão Violeta*, é assim que se chama o lugar, uma casa de festas, aberta de quarta à sábado, frequentada pelos coronéis e políticos da região. Alguns deles cruzam mais de cinquenta quilômetros todos os dias só para nos ver, a mim e as minhas meninas. E eles pagam muito bem, até porque minhas meninas são de nível, está entendendo?

— É uma casa de prazeres? — tentei não ser rude.

— Sim, acho que podemos usar esse nome também. Mas não pense que escravizo pessoas ou coisas assim, minhas meninas são bem cuidadas e elas estão lá por vontade própria, cada uma recebendo sua justa parte. Algumas até já saíram ricas, conquistando alguns clientes. Me orgulho muito das minhas meninas e do Casarão Violeta, prezo muito tudo o que eu tenho, e por isso preciso de pessoas

confiáveis trabalhando para mim, e meu instinto diz que você é uma boa pessoa, uma pessoa confiável.

— Mas o que espera que eu faça no seu *estabelecimento*?

Valquíria percebeu minha expressão intrigada e começou a rir.

— Não, não quero que você atenda os meus clientes como as minhas meninas atendem. O Casarão Violeta só trabalha com mulheres, e já tenho meninas suficientes, o que preciso no momento é de homens para a segurança. E não preciso de muitos, pois quase nunca temos uma confusão, nossos clientes são praticamente selecionados. Com você e outros três que trabalham lá, já seria suficiente, acho que com o seu dedo mindinho você já conseguiria controlar qualquer um, pelo que vi.

— Me parece bom — respondi, ainda pensativo.

— Sim, e eu lhe pagaria bem, pode acreditar, melhor que muitos locais parecidos por aí. Você é forte, Natã, de fala comportada, e bonito. Você é muito bonito, Natã, e eu gosto de trabalhar com pessoas bonitas, principalmente quando elas salvam a minha vida.

Não respondi, permaneci pensativo, observando a estrada escura a nossa frente. Eu fazia cálculos de quanto tempo faltava para a próxima lua cheia; quase um mês inteiro antes das três temidas noites, e dependendo do lugar, se fosse uma região rural vasta, eu poderia até arriscar mais, já que então eu começava a ter mais controle.

Entenda que a fera continuava tão forte e sedenta de sangue quanto antes nas noites de lua cheia, mas eu já conseguia conduzir e direcioná-la para longe de pessoas, como um cavaleiro domando pouco a pouco um cavalo selvagem. Mas eu só começava a compreender meu próprio domínio.

— Vamos fazer o seguinte, Natâniel — continuou Madame Valquíria. — Vamos direto para o Casarão, eu te mostro o lugar, você toma um banho, passa a noite no quartinho dos fundos e pela manhã me diz se aceita trabalhar para mim ou não. Se não, pelo menos eu terei retribuído o seu heroísmo de algum modo.

— Está certo, Madame, quero conhecer esse Casarão Violeta.

Ela sorriu de orelha a orelha e deu um tapinha no meu ombro.

— Então dê o primeiro gole logo nessa garrafa, rapaz. Aniversários são coisas preciosas, devem ser comemorados de algum modo. E não se preocupe, bêbada eu dirijo melhor ainda.

O Casarão Violeta.

Uma construção majestosa, de dois andares, com varandas em cima e em baixo, naquele estilo dos casarões coloniais de antigas fazendas do século XIX. Grossos pilares brancos sustentavam as varandas, com suas mesas e cadeiras de

vime. O sentido do nome vinha do violeta claríssimo nas paredes, no violeta mais chamativo das grades de proteção das varandas, e do jardim que cercava a casa, contendo flores exuberantes, dentre elas a de mesmo nome. E para a minha felicidade, a vasta propriedade ficava localizado entre duas enormes fazendas, com vastas plantações de arroz, feijão e milho. Nas próprias terras do Casarão se encontrava também um escuro e denso bosque, com árvores altas, morros e alguns pequenos animais silvestres.

A caminhonete cor-de-rosa estacionou na entrada da casa, e três homens vieram nos receber. Madame Valquíria me apresentou a todos. Geraldo era gordo e atarracado, e era responsável por guardar os carros que chegava, e resolvia qualquer problema referente à mecânica, assim como a defeitos no encanamento ou na rede elétrica do Casarão. Ele estava sonolento, devia ter esperado sem pregar o olho pelo retorno da patroa. Cícero era o mais velho, calvo e com uma longa barba cinzenta, mas um homem rijo e forte, que cuidava do jardim durante o dia e da segurança durante a noite, sempre portando um revólver na cintura, assim como seu filho Cláudio, um jovem provavelmente da minha idade, tão forte quanto o pai, e tão calado quanto. Um rapaz bonito, com pele cor de chocolate e olhos negros que transpassavam bastante confiança.

Valquíria explicou somente que tivera problemas no carro durante o caminho, e por isso chegara tão tarde, e que depois daria mais detalhes para eles.

Geraldo levou a caminhonete para a garagem que ficava nos fundos da casa, prometendo lavá-la pela manhã. Ele foi muito simpático ao ser apresentado a mim, sorrindo e me dando as boas-vindas. Já o velho Cícero não foi tão receptivo, simplesmente me olhou pesadamente nos olhos e fez um leve movimento de cabeça, enquanto fumava um grande e fedorento cachimbo. Seu filho, Cláudio, apertou minha mão com força, como se assim testasse se minha força era o suficiente para o trabalho que eu nem mesmo ainda havia aceitado. Será que ele percebeu que toda aquela pressão de seus dedos não representava quase nada diante a minha força sobrenatural? Meu ego juvenil desafiado sentiu vontade de mostrar o que era força de verdade, mas tal pequena demonstração poderia esmagar a mão do pobre rapaz.

Madame Valquíria passou um braço em volta do meu e me puxou para dentro do casarão que ainda estava com todas as luzes do segundo andar acesas, apontando os detalhes dos móveis da varanda, dizendo o nome de algumas flores no jardim. A porta de entrada era dupla, alta, de madeira trabalhada e pintada de branco, com vidraças escuras dos dois lados.

— Quase todos os móveis aqui são antigos e já fazem parte do casarão há muito tempo — dizia Valquíria, me levando para o salão de entrada.

O salão era deslumbrante, grande, com pilastras de mármore e piso de madeira escura, com tapetes muito bonitos e cortinas de seda violeta. As paredes eram brancas e enfeitadas com detalhes em gesso, representando pequenos rostinhos de anjos barrocos. O cenário era repleto de luxuosos sofás e poltronas antigos, mesas redondas de madeira clara, assim como suas cadeiras estofadas, e um grande e belo *jukebox*. No fim do salão, sob a escadaria que levava ao segundo andar, tinha um belo bar com copos e taças de todos os formatos, uma longa mesa com bancos altos onde as bebidas eram servidas e uma vasta prateleira espelhada com garrafas de vinhos e outras bebidas quentes. Dois portais se localizavam dos dois lados do salão, dando para outros recintos do casarão, e um terceiro atrás do bar, que eu descobriria mais tarde dar para uma espaçosa cozinha, onde Madame Valquíria e suas meninas tomavam o café da manhã. Eu fiquei boquiaberto olhando para todo aquele luxo, reparando no lindo lustre resplandecendo no teto. Era o lugar mais bonito que eu já vira em minha miserável vida, e de repente senti como se minha presença fosse totalmente imprópria; eu com meus sapatos sujos e esburacados.

Valquíria, orgulhosa do que possuía, reparava na minha expressão boba.

— Agora venha comigo, Natâniel. Eu vou lhe mostrar o quartinho dos fundos, onde você vai dormir. Você deve estar tão cansado quanto eu. Amanhã eu lhe mostrarei melhor a casa e lhe apresentarei as minhas meninas.

Por meio de um corredor que atravessava toda a parte esquerda da casa, ela me levou para os aposentos dos fundos, onde quatro dormitórios podiam ser encontrados um ao lado do outro (o velho Cícero me encarava sob o portal de um deles). Valquíria me explicou que nos três primeiros quartos dormiam respectivamente Cícero, Cláudio e Geraldo, e no seguinte dormia as irmãs cozinheiras, Ana e Dolores, que já deveriam estar no quinto sono, mas não foi para nenhum destes que Valquíria me levou, e sim para um quarto bem mais afastado, que na verdade ficava fora do casarão, um quarto que tinha sido construído somente depois, ao lado de outro aposento onde guardavam as ferramentas da garagem.

Era um quarto simples, de paredes brancas e uma única janela com portas de madeira e vidro, sem forro no teto, onde uma lâmpada descia pendurada por um grosso fio elétrico. Mas ao mesmo tempo era um quarto muito confortável, com uma espaçosa, limpa e pesada cama de mogno, uma pequena cômoda no canto da parede e um minúsculo banheiro.

— O chuveiro está funcionando corretamente, você pode tomar um banho quente antes de se deitar. Eu mesma vou tomar um agora mesmo, pois me sinto mais suja que poleiro de galinha — disse-me ela.

— Ah, sim, isso seria maravilhoso, Madame — respondi, ainda sem coragem para tocar na cama ou até mesmo nas paredes.

— Quer comer alguma coisa antes de dormir? As irmãs estão dormindo, mas eu posso conseguir alguma coisa para você...

— Não, está tudo ótimo assim. Só preciso dormir mesmo.

A comida seria bem-vinda sim, mas eu me sentia tão cansado, e até mesmo um pouco bêbado por ter secado a garrafa de absinto com ela, que eu só pensava em tomar banho e dormir.

Madame Valquíria sorriu satisfeita, levantando as sobrancelhas bem-feitas, me deu boa noite e se dirigiu a porta, mas eu a chamei antes que ela saísse do quarto.

— Sim, meu herói, deseja mais alguma coisa?

— Não — respondi, jogando a mochila sobre a cama. — Eu na verdade só queria fazer uma pergunta.

— Então faça.

— Desculpe-me, mas... ainda não entendo como você confia em mim assim tão fácil?

Ela ajeitou a juba avermelhada, como se refletisse sobre o assunto.

— Eu gostei de você, Natâniel. Você me salvou hoje. Se não fosse por você eu estaria estuprada e morta na beira daquela estrada, isso é simples de entender. E meu sexto-sentido nunca me falhou, eu tenho dom para saber quando a pessoa não vale nada, sabe? E de todo modo, se meu sexto-sentido falhasse e você me roubasse, seria certo que você não seria mais rápido do que a bala do revolver de Seu Cícero, ou da minha espingarda.

Sorri com o tom cômico que ela deu às últimas palavras.

— Boa noite, Natâniel, e até de manhã.

— Boa noite, Madame Valquíria.

Ela saiu e fechou a porta. Eu fiquei alguns segundos olhando para as paredes e para as simples cortinas amarelas, tentando refletir sobre tudo o que tinha acontecido. Lembrei-me de minha mãe dizer que certas coisas só podiam ser obra do destino. E talvez ela estivesse certa. Minha mãe sempre foi muito sábia a seu modo.

Tirei a camisa vermelha e os sapatos, empurrando os meus velhos companheiros de estrada para baixo da cama. Eu estava morrendo de vontade de provar o quão macio era aquele colchão, mas temia sujar aqueles lençóis tão limpos. Então despi a calça e a cueca, embolando tudo e pondo na mochila, e corri para o pequeno banheiro. Lá encontrei uma privada e um pia de cerâmica, e eu podia percorrer todo o espaço com apenas duas passadas longas, mas para alguém que por vezes ficava até quatro dias sem tomar banho, aquilo era um luxo indescritível.

Liguei o chuveiro, e até fiz uma prece ao sentir a água quente se derramando sobre meu corpo. Eu era quase tão alto quanto o chuveiro, e por isso precisava

flexionar levemente os joelhos e me preocupar em não erguer demais a cabeça, mas aquelas dificuldades ínfimas não eram nada. Eu me sentia no verdadeiro paraíso.

Me enxuguei com uma toalha pequena e um pouco áspera que encontrei pendurada ao lado da pia, desliguei a lâmpada e me enfiei rapidamente sob as cobertas da cama. Dormi nu, como era meu costume quando eu tinha o luxo de estar numa cama, o que me causa uma estranha sensação de leveza, como se, junto das roupas, eu me livrasse de meus problemas.

Sonhei que caminhava por uma estrada ao lado de um rio escuro, e pelo rio boiavam as almas atormentadas de todas as pessoas que eu havia matado enquanto monstro. Todas as almas mexendo a boca, mas nenhum som saía delas. Eu estava triste, em prantos, pedindo perdão, mas então minha irmã surgia, saindo do lago, agarrava minha mão e me guiava até o Casarão Violeta, onde uma luz muito forte e acolhedora resplandecia. Essa luz brilhava em belos tons de vermelho, assim como os cabelos de Madame Valquíria.

Deveria ser umas oito da manhã quando fui acordado com batidas na porta. Me sentei rapidamente, como se me preparasse para me defender de alguém, mas então me lembrei agraciado que estava naquele simples e acolhedor quarto de paredes brancas, e que eu ter me banhado e tido uma bela noite de sono não fora um sonho.

Vesti apressado uma bermuda amarela que peguei de dentro da mochila e fui atender a porta. Do outro lado apareceu a cara séria e barbuda de Cícero, com seu cachimbo aceso no canto da boca.

— Madame Valquíria está chamando para tomar o café com ela — disse ele, em sua voz profunda e arrastada, enquanto tentava olhar por trás de mim, como se eu estivesse escondendo alguma coisa dele.

Agradei ao velho e fechei a porta em seguida, indo lavar o rosto no banheiro. Vesti a camisa vermelha da noite anterior e os chinelos de dentro da mochila. Não eram roupas nenhum pouco apresentáveis, mas eram as mais limpas que eu tinha no momento para tomar café com Madame Valquíria e conhecer suas meninas.

Quando saí do quarto, Cícero ainda me esperava do lado de fora, soltando longas baforadas de seu velho cachimbo preto, usando um macacão surrado sobre uma camisa xadrez e botas de borracha. Ele me olhou dos pés à cabeça, sustentando aquele costumeiro olhar desconfiado. Será que ele era assim com todos, ou somente comigo? O cheiro dele era forte para minhas narinas, algo relacionado a suor, fumo e terra. Ele me guiou sem trocar palavras para dentro do Casarão Violeta, passando por Geraldo, que me deu bom dia, até o magnífico

salão, que à luz do dia parecia ser ainda mais luxuoso, com o sol cintilando nas colunas, nos móveis e no lustre.

Madame Valquíria estava de pé ao lado de uma vitrola, ajeitando a agulha no vinil. Ela estava tão extravagante quanto na noite anterior, usava uma saia de cintura alta de cor vinho até os joelhos, sandálias de salto-agulha, uma blusa de mangas bufantes, enfeitada com um exuberante colar de rubis. A maquiagem do rosto estava tão carregada quanto antes, e a juba rubra lhe deixava ainda mais linda e exótica, num misto de elegância e selvageria. Ela sorriu jovialmente, seu perfume podia ser sentido por toda parte, assim como a maldita fumaça de cigarro que, acreditem, eu aprenderia a ignorar com o tempo (assim como aprendi a ignorar o quão forte era o cheiro de qualquer perfume para meu olfato apurado).

A música de fundo era *Canção Agalopada* do terceiro disco de Zé Ramalho, uma música linda que, assim como muitas outras dele, era sombria, de letra meio profética e ritmo épico. Era a primeira vez que eu escutava aquela música, e por algum motivo, a soma da música com a presença forte de Madame Valquíria, emoldurada pela fina mobília, arrepiou todos os pelos do meu corpo, como se eu estivesse na presença de uma entidade superior.

— Bom dia, senhor herói da estrada — disse-me ela, estendendo a esguia mão que eu tomei e beijei.

— Bom dia, Madame Valquíria.

— Como passou a noite?

— Melhor impossível. Faz dias que eu não dormia numa cama de verdade.

— Bem, você pode passar muito tempo dormindo naquela cama, Natâniel, se aceitar trabalhar para mim. Mas não diga nada por enquanto, deixe-me primeiro lhe apresentar as minhas meninas — disse ela, pegando o cigarro que tinha deixado no cinzeiro, tragando-o e dando uma piscadela para mim.

Então reparei que alguém mais me observava do alto da escada. Valquíria também reparou e acenou para a pessoa, chamando-a.

— Franciele, vá chamar as meninas. Traga todas elas até aqui para eu poder apresentar nosso *ainda quase* novo morador do Casarão Violeta.

A jovem Franciele partiu no mesmo instante, sem eu conseguir dar uma boa olhada nela, reparando apenas em sua elegância. Será que todas as mulheres daquele lugar já acordavam enfeitadas daquele jeito? Pensei.

Poucos minutos depois desceram sete lindas mulheres pela escadaria do salão, e eu quase me senti como se participasse de um conto de fadas erótico. Hoje eu poderia descrever como ninfas ou fadas, formosas e encantadoras beldades, cada uma a seu próprio modo, todas na faixa dos vinte e poucos anos, a maioria em trajes simples de dormir. Eu me senti muito mais pobre e sem graça na frente delas, enquanto Madame Valquíria me apresentava.

— Este é Natâniel, um rapaz muito heroico que me salvou ontem e que está decidindo se aceita ou não a minha proposta de trabalhar como segurança no nosso Casarão. Então espero que as meninas sejam muito educadas e receptivas para que assim ele nos dê um sinal positivo.

Foi impossível eu não ficar vermelho, desviando meus olhos delas para os meus próprios chinelos maltrapilhos. Os vários aromas perfumados me invadiam, e eu podia ouvir claramente o som do coração de cada uma delas, cada um em seu próprio ritmo, e aquela mistura de elementos acabou me excitando. Eu coloquei rapidamente as mãos nos bolsos para disfarçar o crescente volume na calça.

Uma a uma elas me foram apresentadas pela dona do Casarão.

Joana era alta como Valquíria, mas de proporções bem mais femininas, de quadris volumosos e seios generosos, emoldurados num provocante decote em sua blusa branca e short curto. Uma negra de olhos grandes e muito verdes, de boca carnuda e voluptuosa, seu cabelo era preto e todo trançado. Joana me pareceu imediatamente ser a mais velha e a mais séria das beldades, e eu descobriria não estar muito longe da verdade. Ela me olhou de cima a baixo, quase do mesmo modo de Cícero, mas não tão hostil.

Jessica era a mais baixinha, de rosto travesso, meio felino, e cheio de delicadas sardas. Era magra, dona de uma cintura tão fina que ameaçava quebrar ao menor movimento do inquieto quadril dela. Tinha os cabelos loiros e encaracolados, na altura dos ombros estreitos. Ela me encarava maliciosamente com seus olhos castanhos, do mesmo modo que a ruiva ao seu lado. Esta ruiva, de cabelo liso cortado na nuca, se chamava Natacha, com olhos oblíquos da cor de mel, sobrancelhas muito altas, mastigando chiclete enquanto sorria para mim, praticamente arrancando minhas roupas com o olhar.

Quase escondida atrás de Jessica, estava uma garota de cabelos loiros escuros, de traços muito finos, pele pálida, os olhos escuros olhando para os meus pés. Não que ela estivesse reparando nos meus pobres chinelos de dedo, parecia mais que não tinha coragem, ou não gostava, de encarar ninguém nos olhos. Era Franciele, e o mais curioso nela era o longo terço de madeira escura dando muitas voltas em torno de seu delicado pescoço.

Angélica parecia indiferente a minha presença ou o que quer que eu estivesse fazendo ali. Era um pouco mais cheinha que as outras, com o rosto redondo, lembrando uma boneca de porcelana. Tinha olhos azuis e cabelo castanho, preso em um longo e cheio rabo de cavalo nas costas, e uma sensual pinta abaixo do olho esquerdo. Ela olhava mais para as próprias unhas do que para mim, mesmo quando me foi apresentada por Valquíria, que disse que Angélica era uma maravilhosa cantora.

Letícia era da cor de chocolate, de olhos castanhos escuros, com o cabelo cortado bem curto, tingido de loiro, o que lhe dava uma beleza chamativa e encantadora. Tinha sobrancelhas finas e arqueadas, as unhas dos pés e das mãos pintadas primorosamente de branco, busto pequeno e um corpo deliciosamente curvilíneo, sob uma camisola de estampa de onça.

A mais afastada do grupo, encostada em uma pilastra, enrolando uma mecha do cabelo na ponta dos dedos, me impressionou de imediato. Era uma moça de estatura mediana, de ombros estreitos, usando uma camisola de renda preta que marcava sua cintura de vespa. Tinha sobrancelhas escuras e retas, sobre olhos cintilantes e negros, e uma basta juba castanha e ondulada que lhe caia sobre os ombros. Ela tinha uma expressão misteriosa enquanto me analisava, sem nenhum julgamento prévio visível estampado no rosto. Era linda, tão linda que eu pensei ainda estar sonhando.

— E está, finalmente, é Isabella — apresentou Madame Valquíria.

A bela fez um movimento de cabeça, sem esboçar nenhum sorriso, mas mesmo assim eu me aproximei dela, estendi minha mão para tocar a sua. Ela pareceu não entender minha ação inicialmente, mas então colocou sua esguia mão fria sobre a minha e eu beijei seus dedos. Alguma coisa muito nova estava acontecendo naquele instante, enquanto eu me perdia nos olhos escuros dela, na textura da mão dela (que não era tão sedosa quanto eu esperava), no perfume natural de seu corpo. Meu sangue parecia correr mais rápido por minhas veias, e até mesmo a fera dentro de mim pareceu despertar, mas não pelo sangue dela, e sim para beijá-la. Eu queria beijá-la de modo inesperado, mas consegui me conter. E percebi que alguma coisa acontecia dentro dela também, eu não adivinhava o que era, mas eu podia ouvir as batidas de seu coração ficarem mais velozes, o sangue subir para as faces, mas em nenhum momento ela demonstrou nenhuma mudança em sua expressão.

Por aqueles segundos, foi como se eu estivesse em outra realidade, num lugar onde só existia a presença de Isabella. Mas então fui despertado pela gargalhada de alguém, e descobri se tratar da espevitada Jessica.

— Por mim ele começa a trabalhar aqui agora mesmo! Lindo desse jeito! Reparem no tamanho desses braços, será que tudo nele é grande assim? — disse a loira baixinha, gargalhando, contagiando algumas das outras meninas, assim como a própria Madame Valquíria.

Eu fiquei sem graça, mas ainda não conseguia tirar os olhos de Isabella.

— Controle essa língua maliciosa, Jessica, guarde-a para os clientes. Não deixe o pobre do nosso Natâniel mais envergonhado do que ele já está — disse Valquíria, me puxando pelo braço. — Agora vamos tomar café, e depois vou ouvir a sua decisão.

A cozinha era espaçosa e bem equipada, ao mesmo tempo em que também tinha um grande fogão à lenha ao lado de um a gás. No centro me esperava uma enorme mesa quadrada com espaço suficiente para todos nós. Madame Valquíria se sentou à ponta da mesa, e eu me sentei à sua direita, ao lado de Joana e de frente para Jessica, que vez ou outra cutucava minha canela com a ponta dos pés. Duas senhoras na faixa dos sessenta anos trabalhavam tranquilamente na cozinha, pondo na mesa pães, biscoitos, frutas, uma bela jarra de suco e uma enorme garrafa de café. Ana e Dolores eram os nomes daquelas pequenas senhoras de cabelos brancos, gêmeas, bastante animadas enquanto realizavam o trabalho. Aquele fora o melhor café da manhã da minha vida até então. Tudo parecia realmente um sonho, principalmente pela beleza enigmática de Isabella sentada ao fundo da mesa.

As meninas conversavam entre si, enquanto Valquíria me contava mais uma vez que o Casarão Violeta funcionava quase todas as noites, menos nos domingos, segundas e terças-feiras, a partir das vinte horas.

— Você ficaria montando guarda dentro do salão, por vezes dando informações aos clientes mais novos, ou levando os mais bêbados para seus respectivos automóveis — disse ela. — Mas durante o dia você teria trabalho também, ajudando os rapazes nos afazeres da propriedade. Geraldo ficaria muito feliz com sua ajuda, e pelo que percebi ele gostou de você à primeira vista. Claro que você teria dois dias de folga por semana para ir passear em Santa Sofia, e como eu já disse antes, eu pago muito bem.

Depois do café ela resolveu passear comigo pelo jardim. Encontramos Cláudio pondo cimento fresco em um buraco no caminho de pedras rejuntadas que cortava o jardim de um lado a outro. Ele deu bom dia para nós e voltou a seu trabalho. Madame Valquíria agora estava em silêncio, soltando suas baforadas de fumaça enquanto admirava as flores, voltando a falar somente para me dizer o nome de algumas delas.

Eu pensei mais um pouco na proposta.

Aquela região era vasta, onde eu poderia correr como fera sem ser notado, principalmente no denso bosque atrás do Casarão Violeta. E eu tinha gostado do Casarão, admirava a beleza e a presença de Valquíria. Ela era uma mulher interessante, assim como as meninas e os outros empregados. O Casarão Violeta era povoado de pessoas interessantes. Eu queria conhecer a todos eles, quem sabe amar todos eles. Eu sentia essa necessidade mais que nunca desde que eu havia saído da velha casa de meus pais. A lua cheia ainda seria um problema, mas eu precisava tentar. Tudo aquilo parecia ser um tremendo golpe do destino, um sinal. Sim, eu precisava tentar. E a imagem do rosto de Isabella, que passou a ser uma constante em minha mente, reforçava irremediavelmente essa ideia.

— Eu aceito, Madame — eu disse de supetão.

— Como? — perguntou ela, como se houvesse acabado de acordar de um sonho e não tivesse ouvido bem o que eu tinha dito.

— Eu aceito trabalhar aqui, no Casarão.

Um largo sorriso se abriu no rosto de Valquíria, cintilante como a juba vermelha iluminada pelo sol da manhã, um sorriso de vitória.

— Isso é maravilhoso, Natâniel. Você vai ver, em poucos dias você vai perder essa tal sina de caminhar sem destino.

Eu quis dizer que gostaria de acreditar nela, mas só sorri em resposta.

— Mas tem um *porém*, Madame.

Ela se aproximou mais de mim, uma mão erguendo o cigarro e a outra na cintura.

— E que *porém* seria esse?

— A Madame pode achar esquisito, mas... é que... — me embaralhei, buscando um modo menos estranho de dizer o que queria dizer. — Eu dispenso os dias de folga, mas exijo não trabalhar nas três primeiras noites de lua cheia de todo mês.

Ela franziu as sobrancelhas, permanecendo assim por alguns segundos, e então desatou a rir, se engasgando um pouco com a fumaça que tragava.

— Por acaso você é algum tipo de lobisomem, garoto? — ela disse, em meio a gargalhada. Cláudio deu uma rápida olhada na nossa direção.

— Pode se dizer que sou um pouco místico e supersticioso — respondi, no mesmo tom animado dela, mas mantendo a firmeza da exigência.

— Místico? Aquele negócio de *nova era* e tal? Meu amigo, eu acho isso tão década passada.

— Não quero parecer exigente, Madame, mas eu trato isso de um modo quase religioso.

— E o que você faz nessas noites de lua cheia, corre pelado no meio do mato feito aqueles hippies malucos, meditando à luz das estrelas? — ela ainda tossia a fumaça engasgada.

— Quase isso.

Então ela suspirou, limpando as lágrimas de riso, olhou bem para mim e em seguida sorriu novamente, apertando o meu ombro com a mão livre.

— Está certo, garoto herói metido a místico, eu aceito a sua exigência. Quem sou eu para ter pudores com suas corridas sem roupa? Mas será que não vai ficar estressado folgando somente três vezes por mês?

— Tenho certeza que não. Não neste lugar, com essa natureza toda.

— *Hum*. Deve ser bom mesmo correr pelado por aí. Qualquer dia, se você me convidar, eu toparei te acompanhar — ela gargalhou mais uma vez, voltando a caminhar abraçada ao meu braço. — Mas agora vamos procurar Geraldo e Cícero,

precisamos te explicar tudo o que você precisa saber sobre este lugar, pois você já começa a trabalhar hoje mesmo. Bem-vindo ao Casarão Violeta, Natâniel.

Durante uma semana, nas horas em que o céu começava a se avermelhar, lá estava eu vestindo a camisa branca, a calça e o terno pretos, emprestados por Cláudio. Alguns ajustes foram feitos nas pernas da calça e nas mangas do terno para tentar disfarçar o tamanho, pois mesmo que Cláudio não fosse assim tão mais baixo, eu tinha uma estrutura muscular muito maior. E por mais incrível que ficou os ajustes da bondosa cozinheira Ana, eu me sentia como uma sardinha enlatada, temendo fazer algum movimento brusco, terminando por rasgando a roupa. Os sapatos também pertenciam a Cláudio, mas por sorte o filho do caseiro tinha os pés até maiores que os meus.

Eu sabia que quando o fim da semana chegasse, aquela roupa estaria praticamente destruída. Ana costurou remendos por duas vezes. Mas Valquíria dizia que aquilo não tinha importância, já que no meu posto inicial não havia muita iluminação (do lado de fora, próximo às escadas da varanda, junto de Geraldo), ninguém repararia nas falhas das minhas vestimentas, até porque era impossível desviar a atenção dos clientes da beleza das meninas. E os planos de Madame Valquíria eram bem claros, ela queria ter certeza que eu me daria bem no trabalho, antes de gastar dinheiro em roupas novas para mim, demonstrando assim que sua confiança não era tão cega quanto eu pensava.

Eu já deveria estar pronto na frente do Casarão quando os primeiros carros chegassem, junto de Geraldo, sempre sorridente e pronto para obedecer a qualquer ordem. Geraldo foi meu verdadeiro tutor, cochichando em meu ouvido o nome de cada um dos endinheirados homens que subiam os batentes do Casarão Violeta. Eram na maioria políticos, fazendeiros e coronéis, e os filhos destes, todos muito bem vestidos, chegando em automóveis de luxo. Nenhum deles olhava diretamente nos meus olhos, e poucos foram os que comentaram algo como “você é novo por aqui”. Madame Valquíria os esperava no centro do salão, sempre cheia de sorrisos, mais resplandecente em seus muitos vestidos espalhafatosos do que qualquer prata ou ouro nas pulseiras e relógios dos clientes. Ela cumprimentava cada um deles, oferecendo as mãos cheias de anéis para serem beijadas. Cláudio quase sempre permanecia próximo ao balcão do bar, onde a ruiva Natacha preparava todos os drinques que se podia imaginar, enquanto mastigava seus costumeiros chicletes, movendo sensualmente os ombros no ritmo animado das músicas do *jukebox*.

Velho Cícero ficava próximo à varanda do segundo andar, cuidando dos clientes que lá subiam para fumar ou conversar mais reservadamente, muito perto também do corredor dos quartos onde os homens eram atendidos pelas meninas.

Eu não chegava a pisar no salão, passava a noite inteira guardando as chaves dos carros em um pequeno suporte na entrada, enquanto Geraldo estacionava corretamente os veículos. Era comum que um ou outro cliente ficasse tão bêbado que era preciso que eu os guiasse até seus respectivos automóveis, me certificando que saíam da propriedade sem atropelar o jardim ou alguma cerca, assim como Madame Valquíria havia me dito antes, mas ela só não me preparou para as cômicas cenas que ocorriam durante este simples serviço. Os bêbados costumavam fazer comentários bastante divertidos e picantes sobre algumas das meninas, ou chorar no meu ombro, dizendo o quanto amavam a mulher e os filhos que estavam em casa. Houve até alguns que me assediaram discretamente, dizendo o quanto eu era um homem bonito e educado, e que se eu me dispusesse a procurá-los (em segredo, claro), eles me pagariam tão bem quanto pagavam às meninas.

Eu os suportava com bom humor, sempre pronto a me afastar eficazmente quando eles estivessem prestes a vomitar.

— Se preocupe apenas em ajudá-los a ir embora com conforto e segurança, — dizia Valquíria — mas seu dever se limita a propriedade, e se o infeliz bater o carro e quebrar um pescoço no meio da estrada não é da nossa conta.

Mesmo que o serviço me impedisse de participar do que acontecia no salão, vez ou outra eu dava um jeito de dar uma pequena olhadela lá dentro. Eu via os homens sentados em rodas, envoltos numa constante nuvem de cigarros e charutos, ou dançando com as meninas ao lado do *jukebox*. Joana vinda do bar com uma bandeja de prata, cheia de drinques, as tranças presas no alto da cabeça, normalmente usando uma blusinha de mangas bufantes, espartilho sufocante que empurrava os seios para o alto, uma saia curta de couro e sapatos altos. Angélica e Jessica sentadas no colo dos coronéis, lhes afagando os bigodes, enquanto eles empurravam generosas notas entre os seios delas. A exótica Letícia requebrando sensualmente, usando um curtíssimo vestido com estampa de zebra. Franciele ao lado de Valquíria, bastante elegante em seu vestido preto, usando seu costureiro terço no pescoço, tão sedutora em seus modos de dama refinada quanto às outras meninas. E Isabella... Ah, Isabella era uma visão, chegava a me desnortear. Avassaladora, em seu vestido vinho, os brincos e o colar fazendo jus a sua beleza enigmática. Os homens a cercavam, e ela sorria para eles, jogando as mechas castanhas para trás enquanto gargalhava com algum tolo comentário que um deles fazia em seu ouvido.

Quando eu olhava para ela, algumas lendas que minha mãe me contara na infância me voltavam à mente. A lenda sobre a alma de uma feiticeira que aparecia

em noites sem lua, próximo ao riacho. Diziam ser uma mulher jovem e muito bonita, com cabelos negros cascadeantes, atraindo os homens desavisados para o fundo das águas. E quem poderia ser mais bonita e atraente que Isabella? Vez ou outra ela olhava casualmente em minha direção, nossos olhos se encontravam, e por algum motivo o semblante dela se fechava. Será que ela percebia meu interesse e aquela expressão era um modo discreto de dizer que eu não tinha chances, que eu deveria reconhecer o meu lugar? Eu achava que sim, e busquei falivelmente tirar ela de minha cabeça. Até porque seria uma relação proibida, mesmo que Isabella fosse recíproca.

— Você me parece muito responsável e confiável, Natãniel, acho que já é a *décima* vez que lhe digo isto, mas devo lhe recomendar para que não dê corda às brincadeiras de Jessica. Muito cuidado com ela — alertou Valquíria, logo no primeiro dia (eu ajudava Cláudio no jardim, e Jessica nos ofereceu suco de laranja, elogiando o quão “delicioso” eram os meus braços). — É proibido se engraçar com as minhas meninas. Todos os homens que trabalham aqui sabem disso, e as próprias meninas também. Por isso tome cuidado, meu herói. E não me leve a mal. Você é homem, Natãniel, e homem costuma meter os pés pelas mãos por causa de mulher desde que o mundo é mundo.

Por sorte eu não ficava constantemente perto delas, pois sempre havia pequenos trabalhos na propriedade durante o dia; aparando as flores e a grama, arrancando as espinheiras, varrendo as folhas do gramado, trocando velhas telhas coloniais, ajudando Cícero na construção de um novo barraco para ferramentas nos fundos do Casarão, ou trocando alguma peça defeituosa da caminhonete cor-de-rosa junto de Geraldo. Almoçávamos e jantávamos na cozinha, mas somente depois que Valquíria e suas meninas terminavam de comer, onde somente as amorosas Ana e Dolores nos faziam companhia (eu costumava ficar fascinado com a semelhança entre as irmãs, e curioso em saber como elas haviam parado no Casarão Violeta, mas eu ainda não tinha coragem de perguntar). Sendo assim eu só via as meninas de longe, quando elas tomavam sol na varanda, ou conversavam animadamente no jardim, pintando e escovando os cabelos umas das outras. Isabella lendo distraidamente um livro, deitada na rede da varanda – de vez em quando eu podia jurar que ela me observava, mas se eu olhasse de volta ela desviava o rosto displicentemente, como se eu fosse tão digno de atenção quanto uma pedra.

Eu confesso, sem nenhum problema, ter tido muitos sonhos eróticos com ela naqueles primeiros dias, e quando eu acordava no meio da madrugada, inquieto, nervoso e com o pênis latejando de desejo, eu corria para o bosque atrás do Casarão, abandonando as roupas e me transformando em fera, correndo a toda velocidade, mas evitando uivar para não chamar a atenção de ninguém.

A primeira semana se passou, e eu fui requisitado para acompanhar Madame Valquíria, Dolores e Franciele até a cidadezinha de Santa Sofia das Lamentações. Eu fui sentado na caçamba, contemplando a beleza daquela manhã, enquanto uma música alegre e caipira tocava na rádio. Ao chegarmos lá, Valquíria me levou até uma costureira que tirou minhas medidas para fazer a minha nova roupa de trabalho, depois ela me deu dinheiro para comprar algumas peças de roupas na pequena feira ao ar livre, e mandou que eu em seguida acompanhasse Dolores e a ajudasse com as compras. Enquanto isso Valquíria e Franciele foram resolver pequenos problemas na prefeitura. Eu fiz tudo do jeito que ela me pediu. Comprei algumas bermudas e camisas numa banca e depois carreguei as volumosas sacolas de mantimentos para a caçamba da caminhonete.

Todos conheciam Madame Valquíria, os homens paravam no meio da rua para cumprimentá-la ou convidá-la para tomar cerveja no bar (o que ela sempre recusava), as vendedoras a paparicavam, dizendo sempre que tinham algo que era a cara dela ou de alguma de suas meninas. Já as outras mulheres da cidade, principalmente as respeitáveis donas de casa, viravam o rosto quando ela passava, ou mudavam de calçada para não cruzar com ela. Eu, por meio de minha audição apurada, escutei muitos sussurros que diziam “puta”, “rameira”, ou “piranha sem vergonha”. Mas Madame Valquíria não parecia se importar nem um pouco com aquela inimizade, e desfilava pelas ruas de nariz empinado, com seu perfume forte, sorrindo e sacudindo a juba avermelhada.

— Meu filho, — me chamou Dolores, com sua voz doce e maternal, depois que eu coloquei o último saco de arroz na caminhonete — vá até a farmácia e compre este remédio, por favor — ela me entregou um pequeno bilhete. — Essa feira me cansou deveras, meu filho — ela sorriu.

Rapidamente corri até a minúscula farmácia, enquanto a pequena senhora descansava, e entreguei o bilhete ao velho que me atendeu. Eu não tinha nem mesmo olhado no pedaço de papel, até porque minha alfabetização não fora lá muito boa, eu demorava um tempinho considerável para ler qualquer frase.

Na volta Dolores me agradeceu, afagando minha mão, e comentando:

— Vamos ver se assim aquela menina sai da cama.

— Que menina, dona Dolores? — perguntei casualmente.

— A menina Isabella, coitadinha, acordou indisposta. Ela não anda muito bem desde o meio da semana. E é claro que eu reparei, ora se não. Quando alguém naquela casa não come direito a comida que eu preparo é porque está doente.

Meu corpo inteiro enrijeceu ao ouvir o nome de Isabella, e uma súbita preocupação exagerada se abateu sobre mim.

— Mas não é nada grave, não é mesmo? Ela vai ficar bem, não vai?

— Sim, sim, acho que sim. Todos naquela casa são bem de saúde, isso é só um mal-estar mesmo, tenho quase certeza. Não é a primeira vez que uma dessas meninas fica de cama. Um remedinho, um chá, uma sopa reforçada, curam qualquer coisa.

Mas eu não me acalmei, não mesmo, e me lembrei de que na noite anterior Isabella estava diferente, ela não ria e nem bebericava com os presentes, como de costume, em todas as vezes que espiei dentro do salão, vendo-a sempre sozinha, encostada à uma velha cadeira. Alguém até havia comentado que ela tinha ido se recolher mais cedo que as demais. De todo modo eu não devia me afobar tanto, afirmei isso mentalmente, dona Dolores estava certa, só devia ser um mal-estar. Fora que eu estava fazendo uma tempestade em copo d'água por uma pessoa que eu nem mesmo tinha intimidade.

Na mesma hora apareceram Valquíria e Franciele, e a dona do Casarão Violeta não parecia tão contente com a visita que fizera a prefeitura. Logo ela explicou que fora reclamar do estado de abandono que se encontrava a estrada que ligava Santa Sofia às fazendas locais, incluindo o Casarão, e que a maioria dos postes de iluminação estavam sem funcionar, etc. Mas o prefeito disse alguma coisa sobre a falta de verba e... Enfim, eu não reparei no que elas conversaram, enquanto a caminhonete saía da cidadezinha. Minha preocupação era somente com Isabella.

Sim, eu estava perdidamente apaixonado por ela, mas entenda que eu não tinha a real noção deste sentimento. Normalmente, até então, o amor sempre vinha ligado à minha constante solidão, mas com relação à Isabella era uma coisa diferente. Vou tentar explicar melhor: A maioria das pessoas só acham que entendem a solidão, mas na verdade não. Você consegue se imaginar tão sozinho, que até mesmo o misero e indireto contato com o corpo de outra pessoa no meio da rua (como tocar os dedos de um vendedor qualquer, quando este lhe devolve o troco) pode lhe causar uma pequena sensação de afago? Pois é, este é só um dos muitos aspectos da real e terrível solidão verdadeira. Sendo assim, não era difícil eu me apaixonar por qualquer um que me estendesse à mão. Madame Valquíria mesmo, ela me encantava. Eu estava disposto a ser a pessoa mais digna de sua confiança, um verdadeiro cão de guarda (e que cão enorme eu poderia ser). Eu tivera relações muito parecidas com pessoas anteriormente, como a prostituta Savana, por exemplo, e até mesmo por um senhor muito velho que pedia para acariciar meu cabelo e meus braços em troca de alguns cruzeiros. Já meu encantamento por Isabella era um mistério. Isabella não fizera nada por mim, nem mesmo olhava nos meus olhos. Então, por quê? Por que ela me atraía tanto? Por que me preocupava tanto que ela estivesse de cama? Não sei, realmente não sei. Até hoje, para mim, o amor é um tema tão misterioso quanto a minha condição de lobisomem.

Passei o resto do dia de folga junto de Cláudio, pois eu tinha prometido caçar com ele. Cícero não quis ir junto, disse que daria umas voltas em Santa Sofia. Cláudio passou a maior parte do tempo falando sobre como futuramente mudaria de vida, que estava juntando dinheiro para terminar os estudos e ir para a cidade grande. Eu sempre fui uma pessoa calada, ainda mais quando meus pensamentos estão em outro lugar, mesmo assim ele não cansou de falar e fazer perguntas, e assim voltamos para o Casarão sem ter abatido nada. Nem mesmo meus sentidos de fera pareciam despertos naquele dia.

Eu não consegui dormir direito quando a noite chegou. Sonhei mais uma vez com minha irmã, que ela fugia de mim. Eu, o lobisomem, a perseguia, a alcançava no quintal da nossa velha casinha, e lhe arrancava um braço com a força da minha mandíbula. E de repente não era mais minha irmã, e sim Isabella. O sangue saboroso dela me invadia goela à dentro.

Acordei suado.

A minha respiração estava acima do normal, e percebi horrorizado que minhas mãos tinham começado a se transformar – os dedos, então crescidos, diminuía e as unhas voltavam para dentro da pele.

Deveria ser por volta de duas da manhã. Eu fui até a janela e a abri, sentindo deliciado o vento fresco da noite acariciando meu corpo nu. Eu sentia vontade de correr para o bosque, de me afastar o mais longe possível até que a fera estivesse exausta, se é que isso fosse possível. Imaginei se a fera não estaria com raiva, pois nunca mais havia matado ninguém, com exceção de alguns animais, e isso me alarmou.

Farejei o ar em volta e confirmei que ninguém estava do lado de fora do casarão. Saltei a janela e me esgueirei pela parede, ouvindo a respiração sonolenta dos empregados. Sim, estavam todos dormindo. E então tive uma ideia ousada. E se eu desse uma olhada em Isabella? Eu não precisaria entrar na casa para isso, eu poderia escalar a parede e observá-la da janela.

Tomei alguns passos de distância, dei uma pequena corrida, e usando a minha habilidade sobre-humana, saltei facilmente em direção à janela dela, segurando na pequena balaustrada. Por um instante, o som das palmas das minhas mãos contra a balaustrada pareceu alto demais, e por isso fiquei imóvel, mas nenhum outro som o precedeu. Mais uma vez farejei, girando a cabeça para cima e para baixo. Não, ninguém no quintal, ninguém vendo um homem nu, pendurado na balaustrada da janela pelas mãos, o resto do corpo pendendo ao lado da parede lisa, como se os braços não fizessem esforço algum para sustentar aquele peso todo. E não faziam mesmo.

Enchi novamente os pulmões de ar, criando coragem, e vagarosamente fui flexionando os braços e içando o corpo para cima até que meus olhos alcançassem

a janela entreaberta.

O quarto estava todo escuro, como era de se esperar, nenhuma lâmpada (além do abajur do quarto de Ana e Dolores) permanecia acesa depois que todos iam se deitar. Ninguém ali tinha medo do escuro. Mas eu podia enxergar claramente naquela escuridão, podia ver a penteadeira de ferro, com seu espelho redondo, cheia de vidros de perfumes e cosméticos. Eu podia ver a cômoda branca, o tapete vinho com desenhos dourados, assim como as franjas nas pontas dele. E lá, sobre a pesada cama de dossel branco, Isabella dormia profundamente, a linda cabeleira castanha caindo sobre o rosto, os lábios infantilmente entreabertos. Eu podia ouvir a respiração dela, podia sentir o cheiro dos cremes que ela devia ter passado antes de se deitar. Não, ela não estava com aparência de doente, não mesmo. Eu tinha exagerado em me preocupar tanto, mas... Ah, que vontade de tocar nela, de cheirar aquelas lindas mechas de seu cabelo... E se eu entrasse de uma vez? E se eu fosse um pouco mais ousado, encostando meus lábios nos dela? Seria simples para alguém como eu...

Mas foi então, pelo canto do olho, que notei que alguém estava no quintal. Instintivamente, soltei as mãos da balaustrada e deixei meu corpo cair ruidoso. Minhas pernas se flexionaram para receber o impacto, mas aquela queda não podia me ferir de forma alguma. Enquanto isso eu tentava buscar em meu cérebro, desesperadamente, uma boa desculpa para aquela travessura, mas quando me virei para a pessoa, descobri que não a conhecia. Era um homem de cabelos brancos, meio calvo, usando óculos de lentes grossas e redondas, aumentando ainda mais seus olhos ferozes. Usava calça, botas e uma camisa branca e suja de terra. E foi então que percebi que ele não olhava para mim, e sim para a janela do quarto de Madame Valquíria, e em seguida se ajoelhou e começou a cavar a terra sob os pés com as mãos nuas.

O velho resmungava alguma coisa, parecia estar chorando e com bastante raiva.

Eu ainda estava sem reação, e quando finalmente pensei em perguntar quem ele era, o velho desapareceu. Foi como se ele fosse feito de pó colorido, e a brisa da noite tivesse soprado ele. Fiquei assustado, com os meus sentidos sobrenaturais varrendo o quintal, mas não tinha ninguém lá fora, nem mesmo cheiro o velho tinha. Até a terra onde ele começou a escavar estava intacta. E então notei que a janela de Madame Valquíria estava iluminada, ela devia ter ouvido o barulho de quando eu saltei da balaustrada, mas por sorte, devido ao ângulo da parede, não tinha como ela me ver.

Com as costas viradas para a casa, caminhei o mais depressa possível de volta para o meu quarto. Fechei a porta, mas deixei a janela entreaberta, pois se alguém fosse verificar o motivo do barulho, poderia perceber que eu estava dormindo

inocentemente em minha cama. Mas ninguém apareceu, e com muito esforço eu peguei no sono.

No dia seguinte, eu fui acordado pelas insistentes batidas de Cícero na porta. Cambaleei sonolento para atendê-lo, usando o cobertor para cobrir minha nudez. Do lado de fora o velho me encarava com a sua costumeira rabugice.

— Madame Valquíria me mandou lhe chamar, pois pelo visto o rapaz dorme mais que a cama — ele disse, levantando uma das sobancelhas e soltando uma baforada fedorenta de seu cachimbo na minha direção.

— Eu não sabia que tinha a obrigação de acordar cedo nos dias de folga — respondi, os olhos ainda meio fechados.

— E não tem mesmo, mas Ana e Dolores não podem esperar a manhã toda, até que o rapaz decida tomar café da manhã. Fora que, no meu modo de ver, homem trabalhador acorda cedo independente se teve trabalho ou não, e quando não tem trabalho, arranja um.

— Obrigado, seu Cícero, já vou me aprontar. Enquanto isso, eu pensarei seriamente no que o senhor me disse — me foi impossível não demonstrar um pouco de cinismo na voz.

Tomei um banho rápido, vesti bermuda jeans e camiseta regata e fui direto para a cozinha, dando bom dia para Geraldo no caminho. Chegando lá, pedi desculpas para Ana e Dolores (uma lavava a louça e a outra varria o chão) por ter dormido tanto, já eram quase dez e meia, mas as velhas senhoras me disseram para não me preocupar, que eu tomasse meu café com calma, que Madame Valquíria me esperava no jardim, mas que não estava com pressa. E assim eu fiz; comi três grandes fatias de um delicioso bolo de milho, dois pães, um pedaço de torta, e uma maçã, enquanto Ana e Dolores cantavam despreziosamente em coro, acompanhando o disco de Dalva de Oliveira que tocava na vitrola do salão.

Agradei a refeição e fui para frente do Casarão, cumprimentando Joana, Letícia e Angélica no salão. Antes mesmo de cruzar as portas para a varanda, eu pude ver Madame Valquíria cuidando do jardim ao lado de Cláudio. Ela usava uma saia de seda azul claro, cheia de babados, uma blusa branca sem mangas, e um chapelão de palha. A cabeleira ruiva estava presa numa grossa trança e o rosto estava maquiado mais discretamente. Já Cláudio usava somente um short curto desbotado e uma camiseta de tela, molhando as flores com uma mangueira.

Minha audição captou um pouco do que eles conversavam antes mesmo de eles notarem minha presença.

— Era ele sim, eu não estava sonhando, Cláudio. Eu acordei com o barulho e o vi, nitidamente. Ele estava lá no quintal ontem — afirmava Madame Valquíria, cortando folhas secas com a tesoura de jardinagem.

Freei meus passos abruptamente, próximo aos degraus da varanda, escondido pela grande roseira. Ela tinha me visto no quintal ontem? Era isso o que ela estava dizendo? Era por isso que ela mandara me chamar?

— Eu não estou duvidando, não. Eu mesmo já o vi, lembra? — disse Cláudio. Então Cláudio tinha me visto também? Como eu pude ser tão descuidado?

— Mas depois de todo esse tempo, Madame? — ele continuou — Ninguém mais viu aquela alma penada.

— Sim, mas isso não quer dizer que o desgraçado não pode voltar a aparecer. Eu tenho certeza que era ele, Cláudio. A mesma roupa, a mesma cara de bunda, escavando a terra feito um maldito tatu.

— Se a Madame quiser eu posso ir buscar o padre...

— Não, deixa pra lá. Eu não tenho medo do Tio Epitácio. Eu não tenho medo de assombração nenhuma. Tio Epitácio não é o único fantasma no Casarão Violeta, e você sabe disso, Cláudio — ela sorriu. — Quantas vezes mesmo você e Isabella não viram o fantasma da bela Évelim no sótão?

— Mas Évelim não faz maldade e nem busca assombrar ninguém. Ela só fica lá na dela, fazendo crochê — Cláudio respondeu baixinho, fazendo o sinal da cruz.

— Justamente, meu querido. Tio Epitácio é tão inofensivo quanto ela, é verdade que ele pode assustar com aquela carranca de buldogue raivoso dele, mas não consegue nada mais que isso. Eu chego até a ter pena, sabe? Deus me livre de morrer e ficar vagando pela terra sem destino. Que minha Santa Bárbara me guia quando eu fizer a passagem — disse ela, também fazendo o sinal da cruz.

Então era isso, um fantasma?

Fiquei mais aliviado ao saber que ela não estava falando de mim, mas minha curiosidade cresceu imensamente com a questão do fantasma. Então era um fantasma que eu tinha visto no quintal, uma alma penada que agora levava a culpa pelo barulho que eu fora responsável. Isso explicava o sumiço repentino e a ausência de cheiro do velho.

Ora, não era a primeira assombração que eu via. Primeiro tinha sido o fantasma de minha irmã (nada podia me fazer acreditar que havia sido apenas uma ilusão febril de minha mente), enquanto eu chacinava os peões, e que vez ou outra ainda me aparecia nos sonhos. Depois eu tinha visto algumas outras aparições enquanto eu vagava sem destino, mas nenhuma tinha sido tão sólida e expressiva quanto aquele velho, e também era a primeira vez que outras pessoas afirmavam ter visto a mesma aparição. Isso acabava dando mais veracidade ao acontecimento.

— De todo jeito, não gosto do fantasma do velho — afirmou Cláudio. — Ele me dá medo. E ainda bem que ele só aparece de madrugada, e nessa hora eu estou além do terceiro sono — ele desligou o registro da água e começou a enrolar a mangueira. — Só não entendo o motivo de ele voltar a aparecer, depois de quase

um ano. E essa coisa dele sempre escavar a terra também é muito estranha, será que não devíamos...

— Não, tire essa ideia da cabeça. Não vamos desenterrar nada. O velho já morreu, ele que caia na real e vá para a luz.

Então ela notou minha presença e parou o serviço, sorrindo para mim.

— Bom dia, Natã.

— Bom dia, Madame.

Eu descí os degraus da varanda e fui até eles, beijando a mão de Madame Valquíria e dando umas tapinhas amigáveis nos ombros de Cláudio.

— Estávamos aqui falando do fantasma que Madame viu ontem no quintal — ele comentou. — Você não escutou ontem nenhum barulho vindo do quintal, não?

— Não, dormi feito uma pedra — respondi, sorrindo. — Mas que história é essa de fantasma?

— Não acredita em fantasmas, Natâniel? — Valquíria me perguntou.

— Bem, não sei... acho que já vi um há muito tempo, mas não tenho certeza. Só não duvido...

— Entendo, mas é bom ir se acostumando. O Casarão Violeta tem os seus. Só não fique muito assustado. Lembre-se que os mortos não fazem mal a ninguém.

— Por isso que digo, Madame, que tenho mais medo dos vivos do que dos mortos.

— E você está absolutamente certo — ela sorriu sensualmente. — Mas vamos deixar de lado esses assuntos do além. Sei que hoje é seu dia de folga, mas eu preciso que você faça um favorzinho pra mim, Natã.

— É só mandar, Madame — disse eu, louco para saber mais sobre os tais fantasmas, mas percebi que ela não estava disposta a falar além do que já havia falado. E eu poderia fazer mais perguntas depois.

Ela se levantou, batendo as mãos enluvadas uma na outra para tirar o excesso de terra, pegou a carteira de cigarros que estava ao lado de um isqueiro sobre uma pedra e acendeu um. Deu uma bela tragada antes de voltar a falar, e quando assim o fez, baixou o tom de voz, como se contasse um segredo.

— Na verdade o favor é mais para Isabella do que para mim — disse, soltando a fumaça dos pulmões em seguida. Na mesma hora Cláudio baixou os olhos para o capim, como se o assunto que estava por vir o incomodasse.

— Isabella? — repeti, o coração dando pequenos saltos.

— Ela mesma. Preciso que a leve em um certo lugar. Você sabe dirigir?

— Sei o suficiente para não me acidentar — e eu não estava mentindo, aprendi a dirigir aos quinze anos, quando trabalhei para um pequeno fazendeiro. Eu dirigia uma caminhonete de modelo parecido com a que Valquíria possuía, carregando sacos de milho para a feira. Eu só não tinha habilitação, claro.

— Isso já basta — disse ela, chegando mais perto. — Isabella está com um *probleminha* e precisa fazer uma visita à Mãe Gorete, uma velha curandeira que mora nas proximidades. Eu não posso levá-la, pois tenho assuntos a tratar com um dos meus clientes hoje, e os outros estarão ocupados, enfim... Você pode fazer esse favor pra mim, não é?

— Sim, claro que eu faço, mas... mas a Madame não acha melhor Isabella ir a um médico?

— Não, um médico não resolveria o problema, pelo contrário. E não se preocupe, meu herói da estrada, Mãe Gorete é confiável e muito competente no que faz, não é a primeira vez que ela nos ajuda — apertou minha bochecha e piscou o olho.

Cláudio balançou negativamente a cabeça e se afastou de nós.

— Então vá dar uma volta pela propriedade, Natã, ou fazer qualquer outra coisa que te agrade. Daqui há uma hora eu te chamo e te entrego as chaves da minha belezinha cor-de-rosa.

Eu fiz que sim e voltei para dentro do salão. Quase todas as meninas agora estavam lá, com exceção de Isabella e Franciele. Elas desligaram a antiga vitrola e puseram o *jukebox* para tocar músicas dançantes da década anterior, como Gloria Gaynor, Donna Summer e Earth, Wind & Fire. E foi impossível não parar para vê-las dançar, principalmente Letícia e Jéssica que faziam movimentos cada vez mais sensuais ao notarem minha presença. Foi impossível também não imaginar como seria poder tocá-las como seus clientes faziam, sentir o calor entre suas pernas e a doçura de seus beijos, se é que elas beijavam seus clientes. Mas então a cabeça intimidadora de Cícero apareceu na janela ao meu lado, me encarando, tão fantasmagórico quanto o velho que escavava a terra do quintal.

Saí do salão, passei pela cozinha e peguei mais um pedaço de bolo e fui para os fundos. Caminhei olhando para a janela de Isabella, mas não vi ninguém, e então me aproximei do exato lugar onde eu tinha visto o tal fantasma. Não senti nada, nenhum arrepio ou sensação que normalmente dizem preceder a presença de um fantasma. Não, nada disso. Será que o fantasma buscava inutilmente encontrar algo que pudesse ter sido enterrado ali? Me abaixei até quase encostar o nariz no chão, farejando.

Devido a minha ótima visão periférica, notei que seu Cícero me observava (só o fedor de seu charuto já o denunciava). Eu disfarcei, fingindo limpar algo na correia do meu chinelo, e saí assobiando, sem demonstrar tê-lo visto.

A caminhonete cor-de-rosa já estava posicionada na frente do Casarão, quando a bela Joana, de semblante sério, me chamou a mando de Valquíria. Eu ainda pensava nas histórias dos fantasmas, mas esses pensamentos foram afastados

imediatamente quando eu avistei Isabella. Ela usava um vestido simples, amarelo, estampado com pequenas flores vermelhas. Seus pés calçavam sandálias baixas, e somente uma delicada pulseira de prata enfeitava seu pulso direito. Ela me deu uma olhada rápida, só para voltar a contemplar as próprias unhas pintadas de carmim. Nada em sua aparência denunciava alguma enfermidade, sua pele estava corada como sempre, e seu cabelo castanho estava lindo de ser contemplado, mesmo amarrado numa grossa trança que lhe caia pelas costas. Somente seus olhos estavam um pouco diferentes, meio opacos, transparecendo uma superficial tristeza.

Madame Valquíria estava ao lado dela, com as mãos na cintura, conversando com Cláudio sobre algo relacionado aos canos dos banheiros, e estendeu um molho de chaves na minha direção quando eu me aproximei.

— Vê se cuida bem da minha belezinha cor-de-rosa, e da minha menina Isabella também — disse-me ela, em tom bastante sério.

— Pode deixar comigo, Madame.

— Assim espero. E não precisa dirigir com pressa, nada de correr feito um moleque idiota, viu? Isabella vai te indicando o caminho. Não é difícil chegar lá.

Cinco minutos depois, após mais algumas recomendações de Valquíria, e de eu ter deixado a caminhonete apagar antes mesmo de sair do lugar (a presença de Isabella e o olhar avaliador de Madame Valquíria me deixaram muito nervoso), além de eu ter reparado Cláudio fechar a cara mais uma vez, saímos para a estrada de terra, indo na direção contrária de Santa Sofia.

— Continue reto por toda a vida, até encontrar um desvio pela direita — disse-me Isabella, e eu senti todos os meus pelos se arrepiarem ao ouvir aquela voz, tão perto de mim. Era uma voz bastante feminina, baixa, mas rouca, com certa autoridade natural. Mulheres com esse tipo de voz são raras, sensuais mesmo quando não querem.

Infelizmente, os primeiros quinze minutos do trajeto pareceram-me mais uma tortura. O cheiro dela era uma agonia para mim, e mais poderoso que isso era o silêncio que nos envolvia. Ela não fazia nenhum comentário, só abria a boca para indicar o caminho que eu devia seguir, e nada mais, nem mesmo olhava na minha direção, estava perdida nos próprios pensamentos. Eu, com toda a minha timidez, tentei iniciar algum assunto, comentei sobre o quanto estava quente, sobre os buracos na estrada de terra, mas no máximo ela respondia com um murmúrio quase inaudível. Enquanto isso a caminhonete chegava a uma estrada estreita, com muitas árvores frondosas dos dois lados, tão carregadas de folhas em seus longos galhos que praticamente cobriam o céu, espalhando sombras em todas as direções.

Então notei que a respiração dela ficou mais lenta, e seu batimento cardíaco mudou subitamente, e antes que eu pudesse perguntar se ela estava passando mal,

Isabella mandou que eu parasse o carro. Pisei no freio desajeitado e rápido demais, mas por sorte não estávamos numa velocidade muito alta, e no mesmo instante ela abriu a porta da caminhonete e saltou para fora. Ouvi o som de vômito em seguida.

— Isabella, você está bem? O que está acontecendo? — perguntei, após sair e contornar a caminhonete.

— Sim... estou bem — ela me respondeu, a voz muito fraca, apoiando as mãos nos próprios joelhos. Eu peguei um lenço limpo que Madame Valquíria costumava guardar no porta-luvas e entreguei a ela. Isabella enxugou a boca e me agradeceu.

— Não prefere voltar para o Casarão, Isabella? — Ah, como era estranho e saboroso pronuncia o nome dela em voz alta.

— Não, vamos continuar. A casa de Mãe Gorete é por aqui. E eu não estou doente, foi somente um enjooou...

Ela estava de perfil para mim, as mãos nos quadris, o vestido florido se movendo delicadamente à brisa. Ela não estava bem, não mesmo. Eu podia sentir na respiração dela, alguma angústia a apertava por dentro, dificultava a passagem do ar. Linda e desolada, era como eu a enxergava naquele momento.

— Você está *realmente* bem?

Ela não respondeu, e inesperadamente começou a chorar. Abraçou a própria cintura e foi deslizando as costas pela lateral da caminhonete, as madeixas castanhas se desprendendo da trança e cobrindo o rosto. E eu fiquei imóvel, sem saber como reagir àquela situação. Eu realmente não esperava que ela começasse a chorar, e, como a maioria dos homens, ver um adulto chorando me deixa desconcertado.

— Isabella...

— Não! — ela me impediu com um movimento agressivo da mão esquerda.
— Não se aproxime, por favor.

— Eu só quero ajudar.

— Você já está ajudando, Natâniel.

— Mas... — ela me deixava confuso. — O que está acontecendo com você?

— Eu estou grávida — ela respondeu, quase sussurrando, virando o rosto para me encarar, as sobrancelhas retas, a feição firme, mesmo com as lágrimas ininterruptas.

— Grávida... mas de quem? — a pergunta tola escapou dos meus lábios. Ela não tinha que me dar satisfação de nada.

— Como eu posso saber? E mesmo se eu soubesse, isso não muda nada, não para uma mulher como eu.

— Mas eu pensei que vocês se protegessem...

— É claro que nós nos protegemos, cara, mas acidentes acontecem. Essa não é a primeira vez que um *acidente* acontece no Casarão Violeta, e é por isso que

somente Mãe Gorete pode ajudar.

Ela estava agoniada, atormentada por dentro, e eu nem começava a ter a noção de suas dores ainda. Ela se afastou alguns passos, ainda chorando, agarrada a si mesma, e um calafrio me percorreu quando finalmente a compreensão do que ela dizia começava a me chegar. Isabella teria que tirar o bebê — era isso o que a tal Mãe Gorete fazia. Lembrei-me de minha religiosa mãe, de como ela dizia que isso era um pecado imperdoável, uma coisa terrível para qualquer mulher.

— Então é isso, você não quer tirar a criança, não é? E por isso está tão aflita... — comecei a dizer, louco para abraçá-la, para envolvê-la em meus braços e protegê-la de qualquer um.

— Claro que não! — ela exclamou, e se virou para mim mais uma vez, e me pareceu um animal ferido que mostrava os dentes em desafio. — Claro que eu não quero esse filho, isso seria loucura. Um filho meu, neste mundo? Não, não seria possível... não seria certo, não...

Eu fiquei mudo. Como assim, ela não queria o bebê? Por que não seria certo deixar que nascesse? Minha mãe costumava me dizer... Ah, mas eu só começava a compreender que eu não conhecia o mundo, de forma alguma. Minha mãe não conhecia, e não poderia entender a diversidade de sentimentos que afloram nos corações das pessoas.

— Oh, eu nem sei por que estou lhe contando isso, lhe importunando com os *meus* problemas, eu nem conheço você — disse-me ela, enxugando as lágrimas com o lenço. — Mas é que às vezes eu... eu... eu me sinto tão perdida, e me pergunto o que é que estou fazendo neste mundo. As outras meninas, elas parecem ser tão *elas mesmas*, sempre. E quando é que eu sou eu mesma? Eu não sei, Natâniel.

— Não se preocupe comigo, Isabella, eu estou aqui pra isso mesmo, pra te ouvir, te ajudar. Eu quero te ajudar... — eu tentei por todos os meus sentimentos naquelas palavras, e quase disse mais, quase disse que estava perdidamente apaixonado por ela, que se ela, imprudentemente, decidisse fugir daquele lugar (mesmo que aquele lugar não fosse uma prisão), roubando até mesmo a caminhonete de Madame Valquíria, eu estaria ao seu lado.

Ela não deu resposta, não parecia me ouvir, nem mesmo me notar, mas não era por estar me esnobando, e sim por estar perdida dentro de si mesma. Lutando com lembranças que eu não podia imaginar. Mas naquele instante eu já percebia que Isabella tinha uma alma tão torturada quanto a minha, e isso me fez querer me aproximar ainda mais dela, tocar a sua dor, tentar curá-la com beijos e promessas.

— Você viu a cara de Cláudio? — ela me perguntou, enquanto olhava na direção dos galhos das árvores, mas não esperou que eu respondesse. — Você reparou na indignação dele, e aquele velho pai dele também... Franciele também é

da mesma opinião, isso porque nunca aconteceu com ela. Ela não diz nada, mas eu sei o que ela pensa, sei como ela olhou para mim esta manhã, aquela católica de araque. Eles falam em *proteger a vida*, mas só protegem a vida até que você nasça, depois e por sua conta. É fácil se opor, principalmente quando não é com você, principalmente quando não se é mulher.

Um curto espaço de silêncio reinou, enquanto ela afundava mais uma vez em lembranças. Eu notava todas as ações no corpo dela, no sangue, nas mudanças de cheiros, na respiração, derivados daquele mergulho dentro de seu próprio âmago.

— Onde estão esses protetores da vida depois que você nasce? — ela continuou em seu monólogo sentimental. — Onde eles estavam quando eu nasci numa casa que mais parecia um chiqueiro, onde sete pessoas só comiam uma vez ao dia? Onde eles estavam quando o meu pai começou a vender as filhas por um saco de arroz cada? Onde os protetores da vida estavam quando eu fui submetida àquelas coisas terríveis? — suspirou, e seu rosto estava rígido de tanto ódio. — Eu era só uma menina. Eu não sabia nem o que era beijar alguém, muito menos me entregar a um homem. Ah, mas eu sei onde os *protetores da vida* estavam naquele dia, quando eu estreei naquele bordel imundo, com apenas onze anos, eu sei muito bem onde eles estavam... Eles estavam fazendo fila na porta do meu quarto, para poder provar da carne nova, até então pura. Ah, Natâniel, você não tem noção... quinze homens... foram quinze homens, um depois do outro, as vezes dois ao mesmo tempo, me tocando com aquelas mãos imundas, me machucando, sentindo prazer com os meus gritos de dor, com o quanto eu sangrava... Não, claro que essa criança não pode nascer, seria cruel.

Eu estremeci, imaginando todas aquelas atrocidades. Eu via minha irmã no lugar de Isabella, minha irmã sendo destruída daquele modo. Oh, minha irmã, me perdoe, eu não pude fazer nada por você... E sem pensar, puxei Isabella pelo braço e a abracei, de um modo tão inusitado que poderia tê-la machucado. Eu esperei que ela me afastasse imediatamente, mas não, ela cedeu, encostou a cabeça no meu peito e relaxou o corpo completamente, e eu a segurei com os braços, respirando o perfume maravilhoso de seu cabelo. Seria piegas se eu dissesse que o tempo parecia ter parado? Bem, que seja, pois foi isso mesmo o que pareceu. Isabella e eu, as árvores altas, a caminhonete, e o vento que espalhava o perfume dela. Todos os meus pecados não existiam mais.

— Mas eu me vinguei — ela sussurrou, como se narrasse aquilo somente para ela mesma, ainda abraçada a mim. — Uma bela noite eu acordei, fui até a cozinha daquela espelunca, abri todas as bocas do fogão, toquei fogo nas cortinas e nos sofás rasgados. Eu não havia planejado nada, eu simplesmente fui lá e fiz. Eu tive sorte — soltou um risinho contido. — Todos dormiam no segundo andar, e o vigia idiota estava tão bêbado que nem viu quando o fogo se alastrou. Era um lugar

isolado, no meio do mato, a ajuda demorou a chegar. Todos morreram queimados; o cafetão, o vigia, as duas velhas que nos vestiam e nos batiam, e todas as cinco meninas que trabalhavam lá... todos mortos. Até hoje eu não sei se elas gostavam de lá, ou se eram obrigadas como eu... — voltou a soluçar, e suas lágrimas rolaram sobre a minha camiseta.

Que química inesperada. Um dia não nos falávamos, e agora estávamos ali, Isabella e eu, abraçados, ela entregando sua história para mim, como se confiasse em mim, como se me conhecesse há anos. Na verdade, eu não entendia o motivo de ela estar contando aquilo tudo, e nem ela mesmo parecia saber. Acredito que Isabella simplesmente deixou as palavras saírem, e elas foram tomando força por si só. Quem dera se eu pudesse fazer o mesmo, expor todos os meus segredos banhados em sangue e ferocidade para ela. Quem dera ela pudesse me ouvir, e me entender. Quem dera Isabella pudesse ter o poder de fazer o sinal da cruz na minha testa e perdoar os meus pecados.

Foi então que senti o cheiro de outra pessoa. Suor, terra, café, erva-cidreira... Era uma senhora, parada no meio da estradinha de terra, muito gorda, usando um vestido marrom amarrotado, e um turbante branco, com detalhes rendados na cabeça. O rosto ria simpaticamente para mim, mas não era atrativo de modo algum, era bastante enrugado, mesmo sendo rechonchudo, com olhos escuros profundos, emoldurados por olheiras escuras. Seu rosto era quase masculino, devido às sobrancelhas espessas e o nariz largo. Tinha a pele bastante escura, lábios finos, e uma mecha totalmente branca de seu cabelo crespo escapava pelo lado direito de seu turbante, logo atrás da orelha. Imediatamente eu me perguntei se não seria outro fantasma. Será que aquela região era povoada de fantasmas, tão visíveis quanto os vivos? Mas então, Isabella se virou e a viu também.

— Mãe Gorete! — exclamou ela, surpresa, se soltando rapidamente dos meus braços, da mesma forma que uma esposa se solta do amante na hora do flagrante de alguém da família do marido. — Estávamos indo justamente para a sua casa.

A velha senhora soltou um curto risinho rouco, juntando as mãos na altura do peito, e se aproximou, olhando de Isabella para mim.

— Sim, e eu já esperava que alguma das meninas de Madame Valquíria aparecesse hoje por essas bandas. Eu sonhei e acordei com essa certeza — disse a velha, estendendo a mão para Isabella beijar. — Eu tinha ido colher umas ervas que brotam aqui por perto, e já estava voltando para casa, quando avistei essa caminhonete. Como vai, minha querida?

— Vou bem, Mãe Gorete, mas eu poderia estar melhor — respondeu Isabella.

— Eu entendo — sussurrou a velha, colocando a palma da mão rapidamente sobre a barriga dela.

Em seguida, a velha também me estendeu a mão, e eu beijei seus dedos gorduchos, cheios de anéis. A mão estava limpa, como que recém lavada, mas eu ainda podia sentir o cheiro de terra e de ervas, e algo mais, algo como incenso.

— E este moço bonito eu não conheço — ela me olhou da cabeça aos pés, e eu pude sentir certa desconfiança em seu olhar, mesmo por trás de sua simpatia. — Qual é o nome do rapaz?

— Natâniel, senhora — respondi.

— Ele é o novo contratado do Casarão Violeta — completou Isabella, só então se lembrado de limpar as lágrimas do rosto.

— Segurança? — a velha perguntou, olhando dentro dos meus olhos, tão firme que chegou a me incomodar.

— Também — respondi, desviando o rosto.

Mãe Gorete ficou em silêncio, ainda olhando para mim. Foi um momento estranho, até mesmo constrangedor. Ela me encarava diretamente. Eu olhei para Isabella, buscando algum tipo de refúgio, mas esta estava tão constrangida quanto eu, mas pelo motivo da velha ter nos pego, abraçados daquela forma. Será que Mãe Gorete poderia comentar algo precipitado para Madame Valquíria, relacionado à cena?

— Bem, então venham comigo — disse a velha de repente, como se despertasse de um transe. — Podem deixar a caminhonete aí mesmo, sei que Valquíria é ciumenta demais com essa coisa, mas não se preocupem, vocês já estão praticamente no meu quintal.

Era a casa mais esquisita que eu já tinha visto, surgindo de repente, logo após cruzarmos uma antiga porteira, pouco mais de duzentos metros de onde a caminhonete estava estacionada. Não era mais que cinco cômodos, tinha paredes altas, metade da casa feita de tijolos e metade de madeira, e a parte de madeira se inclinava drasticamente para o lado, como se tudo fosse desabar a qualquer instante. O telhado era de telhas de barro muito velhas, umas tão escuras quanto carvão, e em muitos pontos tinham falhas, remendadas com paus e palha seca. Numa chuva, imaginei, deveria molhar mais dentro do que fora.

Um quintal gramado cercava a casa, e cruzando ele, eu pude ver um velho poço de pedras, um canteiro de flores, ervas e legumes. Atrás do poço tinha um galinheiro, e dois pés de juá, próximos onde alguns poucos cabritos pastavam aqui e ali. E, subitamente, um enorme cachorro, provavelmente tão velho quanto Mãe Gorete, veio correndo em nossa direção, rosnando para mim furiosamente.

— Se aquiete, cachorro! Pra sua casa, já! — gritou a velha, e o enorme fila marrom escuro se afastou para detrás da casa, lançando-me olhares de ódio. Com certeza ele sabia o que eu era, todos os cães sempre sabem.

Cruzamos o quintal e entramos na casa pela porta que já estava aberta, e não parecia possuir tranca. Ao lado da porta, dei de cara com uma sombria estátua de madeira; um homem negro, sentado num tronco, usando um saiote pintado de vermelho, segurando uma espécie de cajado. Tinha olhos pintados, pretos e intimidadores, como se olhassem de verdade para a gente. Por dentro, a casa era tão esquisita quanto do lado de fora. O cômodo onde entramos era uma espécie de cozinha e sala, com uma mesa de madeira quadrada, com espaço para seis pessoas, um fogão à lenha ao lado de uma pia de pedra (uma grande panela estava no fogo, liberando um cheiro cítrico no ar), um sofá esburacado, ao lado de uma geladeira enferrujada, sem porta, que servia como armário de pratos. As paredes eram escuras, como que queimadas por muitas velas, e poderiam ter sido mesmo, pois velas era o que mais tinha, espalhadas em suportes presos a parede, acompanhadas de quadros de santos. Percebi imediatamente que não havia eletricidade no lugar.

Isabella andava à minha frente, logo atrás da velha, e parecia já conhecer e gostar daquele ambiente. Já eu, por algum motivo que eu não conseguiria explicar, me sentia totalmente inadequado e inseguro, como se a própria casa me amedrontasse, como se uma força invisível fizesse uma ínfima e constante pressão no meu corpo, tentando me afastar de lá. Olhei casualmente em direção à porta, e por alguns segundos me pareceu que a estátua havia movido o rosto na minha direção, e que eu havia visto uma caveira no lugar do semblante, mas fora somente impressão minha.

— Sentem-se, por favor — Mãe Gorete indicou as cadeiras em volta da mesa, e foi até o fogão, mexer o que tivesse na panela com uma colher de pau. — Olhe, e não é que já está pronto — disse ela em seguida, cheirando um caldo verde na ponta da colher.

— O que a senhora está preparando para o almoço, Mãe Gorete? — perguntou Isabella, sentada de frente para mim.

— Não, almoço não. O seu remédio — a velha respondeu, arqueando as grossas sobrancelhas para ela. — Sim, eu já sabia do que se tratava o motivo da visita, mesmo que eu não soubesse qual das meninas de Madame Valquíria viria me visitar. Foram os búzios que me disseram — ela voltou a mexer o caldo. — Infelizmente, hoje ficarei de jejum necessário até a noite, quando farei um trabalho por encomenda. Não poderei servir almoço a vocês, meus queridos.

Ouvi Isabella prender a respiração, e percebi quando ela estremeceu. A mistura tinha um cheiro forte que afetava violentamente meu faro, e me parecia que a velha soprava de propósito a fumaça do caldo verde na minha direção, depois de colocar duas conchas dele num fundo recipiente de barro.

— Sei que a menina acabou de chegar, mas funciona melhor quando ainda está quente. Está preparada, Isabella?

Isabella arfou profundamente, antes de dizer que sim.

Mãe Gorete lhe entregou o recipiente, e a bela começou a bebericar, soprando antes de cada gole, e fazendo caretas angustiantes.

— Eu sei, não é bom, nenhum pouco, mas é eficiente — disse a velha.

Isabella concordou, entre uma careta e outra.

De onde eu estava sentado, conseguia ver partes de dois outros cômodos, após um pequeno corredor. Em um dos cômodos eu podia ver o brilho de algumas velas, e sentia o cheiro forte de incenso vindo de lá. Estiquei discretamente o pescoço, buscando ver melhor do que se tratava.

— Se o rapaz estiver curioso com a minha casa, pode vê-la melhor se quiser, pode andar pelos quartos — disse-me Mãe Gorete, como se tivesse lido meu pensamento. — O rapaz me parece comportado o suficiente para não fazer a besteira de mexer nas minhas coisas. E recomendo também que o rapaz não saia para o quintal, o cachorro não foi muito com a sua cara.

Eu me envergonhei por ela ter notado minha curiosidade, e normalmente eu teria me recusado, timidamente, a sair da mesa, mas o cheiro do caldo queimava meu nariz por dentro, e a estátua do homem me dava calafrios, fora o constante olhar da própria velha. Dei uma última olhada nas caretas de Isabella e fui em direção às luzes das velas, passando por um quarto contendo somente uma cama e roupas penduradas em varais de corda. No quarto seguinte, de onde vinha o forte cheiro de incenso, me deparei com um local praticamente vazio, com a exceção de um grande altar. Era uma mesa encostada de um lado a outro da parede, cheia de velas de todos os tamanhos, algumas acesas e outras não, com muitas imagens de santos católicos (imediatamente reconheci São Jorge, Nossa Senhora de Aparecida, Santa Barbara, São Pedro e Santo Antônio) e de religiões africanas, estes últimos me pareciam ameaçadores e incômodos de se olhar, mas eu não desgrudava os olhos deles, como que hipnotizado. O altar inteiro olhava para mim de volta, era o que me parecia. No centro havia um prato branco contendo os restos de alguma oferenda, já ficando com cheiro de podridão (havia alguns ossinhos no meio também). Em volta, e espalhados em meio aos santos, incensários, e copos de vidro com vários tipos de bebidas, alcoólicas ou não.

Enquanto isso eu conseguia ouvir Isabella e Mãe Gorete conversando entre sussurros, mas não consegui prestar atenção no que se tratava, pois uma agourenta brisa de vento entrou pela única janela do quarto, balançando as chamas das velas e me causando um tremendo arrepio na espinha. Olhei na direção da janela e me assustei. Lá no meio do quintal, embaixo de um dos pés de juá, acariciando a cabeça do enorme cachorro, estava um homem me encarando. O homem estava com o peito musculoso nu, usando somente um saiote de palha, sob outro saiote mais curto, de tecido vermelho. Tinha o cabelo crespo muito longo, trançado, a

pele escura cintilava, assim como os olhos, e ele sorria. Um sorriso macabro, que me causou uma nova onda de calafrios. E novamente aquele súbito e assustador efeito que durava menos de um segundo, quando seu rosto me parecia a forma de uma caveira.

Dentro de mim, eu sabia que ele não era uma pessoa normal, que não estava nem mesmo ali fisicamente, que era uma espécie de fantasma, ou algo assim. Talvez devido à ausência de cheiro, à ausência do som dos batimentos cardíacos. Seu rosto era bonito, tinha feições rígidas de um guerreiro, mas era sedutor ao mesmo tempo, e me lembrava exatamente o rosto da estátua na entrada da casa.

Não sei quanto tempo se passou, se foram segundos ou minutos, enquanto nos olhávamos em silêncio, e eu sentia um medo crescente, ao mesmo tempo em que o lobisomem dentro de mim se enraivecia, como se estivesse sendo desafiado pelo homem. Só fui despertado do transe quando a mão enrugada de Mãe Gorete tocou de repente em meu ombro. Voltei-me para ela, ainda sentindo os arrepios no corpo. E sem dizer nada, ela tomou minha mão direita e começou a olhar atentamente para a minha palma (praticamente duas vezes maior que a dela).

— O rapaz tem um destino estranho — disse-me ela, deslizando seu dedo indicador nas linhas da minha mão. — Eu vejo duas vidas, duas em uma só. Uma é natural e a outra não, a outra é... — apertou os olhinhos fundos. — ...a outra é perigosa e selvagem. Resta saber qual delas é a vida dominante. Vejo amor, vejo morte...

Estremeci, e enfiei minhas mãos rapidamente nos bolsos.

Mãe Gorete voltou a me encarar nos olhos.

— O que é você, Natâniel?

Engoli em seco, sem saber o que responder. De repente aquele lugar havia se tornado muito menor, as paredes me sufocavam, e até os santos no altar esperavam uma resposta.

— Não sei o que a senhora quer dizer com isso — respondi.

Mãe Gorete continuou me encarando, mas depois baixou os olhos e deu de ombros, dizendo:

— É melhor levar já Isabella para casa, o remédio não demora a fazer efeito, e quando ele começar de vez, ela vai preferir estar numa cama.

Esperei que ela saísse do quarto, e antes de fazer o mesmo, observei o altar mais uma vez, olhando no rosto de tanta figura presente nele, como se eu me despedisse respeitosamente de cada uma, demonstrando que eu não era uma ameaça (talvez eu estivesse errado), e logo em seguida me virei para a janela, para o quintal, mas não encontrei o homem lá fora, somente o cachorro me encarava de volta.

Mãe Gorete decidiu nos acompanhar até a caminhonete, e durante todo o trajeto (seguidos de perto pelo cachorro) a velha não voltou a falar comigo, somente me lançava seus olhos negros e intimidadores. Ela entregou um punhado de ervas em um saco plástico para Isabella, recomendando que fizesse um chá com elas, para tomar logo depois que o problema estivesse resolvido. Isabella se despediu da velha, beijando seu rosto e entrou na caminhonete. Mãe Gorete contornou o veículo e veio até mim, estendendo-me a mão.

— Dirija com cuidado, Natâniel, e não se preocupe se a menina reclamar de dores. Madame Valquíria já é experiente neste assunto, vai saber cuidar muito bem dela — disse-me, apertando minha mão com força, sem demonstrar querer soltá-la.

— Isabella está em segurança, no que depender de mim — eu respondi, em um tom quase desafiador. E não era nenhuma mentira aquilo. Eu nunca deixaria nada de errado acontecer a minha amada, e afirmava isso a mim mesmo, com todas as palavras.

A velha sorriu, e quando voltou a falar foi por meio de sussurros, de um modo que somente eu pudesse ouvir.

— É claro que você quer protegê-la, vejo isso em seus olhos, no modo como você olha pra ela. Nas linhas da sua mão eu vi o amor nascendo. Mas e sobre o *outro* você? Aquele que eu ainda não sei o que é, mas que eu posso ver dentro dos seus olhos, essa força escura? Esse outro também quer protegê-la? Eu acho que não. E eu acho que você teme isso — então ela finalmente soltou a minha mão e se afastou alguns passos.

Dirigi-lhe um último cumprimento de cabeça e entrei na caminhonete, dei partida e fiz o retorno, um pouco demorado devido à falta de espaço da estrada. E enquanto nos afastávamos da estranha moradia de Mãe Gorete, eu dei mais uma olhada nela, pelo retrovisor, e vi o homem ao seu lado, e eles pareciam conversar.

O retorno para o Casarão Violeta foi regido pelo silêncio. Eu cheguei a perguntar para Isabella se ela estava bem, ela respondeu que sim, que só estava sentindo um início de febre, mas não disse mais que isso. Ela parecia ter voltado a ser a indiferente Isabella de antes. Eu tentava imaginar o quanto podia estar sendo difícil aquele momento para ela, e por isso não insisti em fazê-la falar, até porque eu sabia que, a partir daquele dia, uma ligação entre nós havia nascido, uma ligação que tendia ficar mais forte.

Quando a caminhonete cor-de-rosa finalmente entrou nas terras do Casarão, Isabella começou a fazer caretas de dor, mas não reclamava abertamente, como se pudesse escondê-las de mim.

— Mãe Gorete me disse algo... — ela recomeçou a dizer, tentando evitar os gemidos de dor, novamente como se na verdade não estivesse falando comigo, mas

consigo mesma. — Ela disse que eu tinha duas vidas, duas num mesmo destino, e que nas duas eu teria que pagar com sangue...

Eu dirigia um pouco mais rápido, mesmo que já estivéssemos praticamente na entrada do Casarão, mas minha preocupação nervosa não se aquietou, nem mesmo quando estacionei ao lado do jardim e encontrei Madame Valquíria, Cláudio, Joana, Ana e Dolores, a nossa espera. E sem esperar Madame Valquíria mandar uma segunda vez, eu levantei Isabella nos braços e a carreguei escada acima. O corpo dela agora tremia levemente, como que dominado por uma onda continua de calafrios. Os olhos dela estavam meio perdidos, e pareciam olhar através de mim, e eu senti um medo terrível de perdê-la.

— Vai ficar tudo bem, minha querida, já chegamos em casa — eu disse, mas ela não parecia me compreender, seus olhos estavam vidrados.

— O amor que eu conheço nunca me fez bem, mas agora eu aprendi a cobrar muito caro por ele — ela sussurrou de volta, delirando, como se ainda estivesse abraçada a mim, naquele momento mis cedo, quando ela me abriu a sua alma.

Meu desespero aumentou, quando, pelo meu olfato apurado, farejei sangue fresco, e logo em seguida pude sentir o sangue quente e espesso escorrendo por suas pernas, e pelo meu braço que a segurava.

Durante o resto daquele dia, eu zanzei de um lado à outro daquele salão, inquieto, subindo e descendo escadas, temendo que Isabella morresse. Eu enxugava as minhas lágrimas rapidamente, mas todos percebiam a minha aflição. Certa hora, quando eu fui até a porta do quarto de Isabella pela quinquagésima vez, Madame Valquíria se enfureceu comigo, assim como Ana e Dolores, e me ordenaram que descesse e ficasse junto das meninas no salão. Eu não devia alarmar mais as coisas desnecessariamente, foi o que elas me disseram. Eu obedeci a contragosto, dando uma última olhada na face pálida e trêmula de Isabella antes de descer.

E se ela morresse, eu me perguntava, e se a culpa também tivesse sido minha, por eu tê-la levado até a casa da velha macumbeira? Mais um pecado para as minhas costas, mais um remorso, dentre muitos, para ser carregado penosamente por toda a minha vida. No salão, as meninas puseram uma música animada para tocar no *jukebox*, mas nem mesmo assim o ambiente se tornou mais agradável, era como se uma nuvem negra pairasse sobre todas elas. Joana estava calada e pensativa, tomando um drinque junto de Letícia, no balcão do bar. Jéssica e Natacha jogavam baralho numa das mesas, sem a costumeira animação de sempre. Angélica estava chorando silenciosamente, conversando com Cláudio, e ele a consolava, lhe afagando os cabelos castanhos (eles estavam abraçados de um modo tão íntimo, mas eu de nada desconfiava até então...). Já Franciele estava de pé, elegante como sempre, em seu vestido preto e saltos altíssimos, fumando um cigarro cumprido e bebendo uma taça de vinho. Ela, vez ou outra, tocava o terço de madeira em volta do pescoço e murmurava uma prece, sempre voltando os olhos para o alto da escada, em direção ao quarto da doente. E então eu me lembrei do que Isabella me havia dito, algo sobre Franciele ser contra o aborto, e de julgá-la por isso, como se estivesse imune a uma situação daquelas. *Católica de araque*; foi como Isabella a chamou. E eu senti raiva de Franciele naquele momento, raiva de sua pose de dama respeitável, de seu terço e de suas preces, e senti uma súbita vontade de agarrá-la pelos ombros, arrancar aquele maldito terço e provar um pouco da carne do pescoço dela, do sabor de seu sangue quente.

Fui alarmado por um tremor no corpo inteiro, minha boca salivou, e no mesmo instante resolvi sair da casa, temendo fazer alguma besteira. Eu não

conhecia Franciele o suficiente para julgá-la, nem para ter motivos justos para odiá-la. Aquilo não era eu, era a fera, e eu devia me controlar o quanto antes. Eu tinha que me acalmar! Cheguei aos fundos da casa e dei uma profunda tragada no ar, soltando lentamente em seguida, e assim fiquei por um bom tempo, respirando o crepúsculo, diferenciando todos os tipos de cheiros que eu podia detectar, das flores do jardim, do perfume das meninas dentro da casa, da coruja que me observava do alto do telhado, do óleo de motor na garagem, aquele cheiro estranho no local onde eu vira o fantasma... Mas não fora nenhum destes cheiros que chamou a minha atenção, e sim outro, evanescente, que desapareceu do mesmo modo repentino que chegou, um cheiro novo, mas ao mesmo tempo misteriosamente familiar. Meu coração acelerou na mesma hora. Comecei a correr em direção ao bosque, onde eu pensei ser o lugar de onde o tal cheiro vinha, mas parei no meio do caminho. O que quer que fosse não estava mais lá, e na verdade nem havia se aproximado das terras do casarão. O vento havia trago aquele cheiro de longe.

No dia seguinte, Isabella acordara melhor, só estava um pouquinho fraca, foi o que Dolores me disse, e ficaria sem trabalhar durante aquela semana. Eu, que mal havia conseguido pegar no sono, fui um dos primeiros a ir visitá-la. Quando cheguei ao quarto dela, encontrei-a sentada na cama, sendo obrigada por Ana a comer tudo o que estava na bandeja de café da manhã. Eu dei bom dia a elas, sentindo meu coração pular de alegria ao ver o sorriso que Isabella lançara para mim. Ela estava sim um pouco abatida, mas dificilmente qualquer doença diminuiria o impacto de sua beleza.

— Como você está? — perguntei.

— Melhor — ela me respondeu, entre uma colherada e outra de mingau. — Obrigada, Natâniel.

Eu sorri de volta, me derretendo por ela, e foi então que Ana se levantou e disse:

— Natâniel, meu jovem, sente-se aqui no meu lugar e obrigue essa menina cabeça dura a comer tudinho. Eu preciso descer e ver como anda a cozinha, não é bom deixar tudo nas mãos de Dolores, aquela ali é esquecida demais.

Eu fiquei radiante ao ser designado àquela missão, e aquele foi um dos momentos mais maravilhosos que eu tive; sentado no canto da cama de Isabella, dando-lhe colheradas na boca, mesmo sobre seus protestos não muito convincentes de que não era mais uma criancinha. E conversamos bastante, sobre muitas coisas referentes ao Casarão e seus moradores, sobre as qualidades de cada um. Rimos juntos, quando eu mostrei a ela minha imitação da costumeira carranca de seu Cícero. Descrevi a ela o homem estranho que eu vira no quintal de Mãe Gorete,

mas Isabella disse que nunca o tinha visto, nas poucas vezes que estivera lá, mas que não duvidava de tais aparições. Me contou sobre o fantasma de Maria Évelim, que ela vira umas três vezes no sótão, e me descreveu o belo vestido azul turquesa que o fantasma usava, enquanto fazia crochê e cantava uma canção muito bonita, sentada em sua cadeira de balanço.

— Um dia eu te levo até o sótão, Natâniel. Quem sabe ela não aparece para você — disse Isabella, fazendo cara de misteriosa. E em seguida eu perguntei sobre o tal fantasma que aparecia nos fundos do Casarão, mas Isabella respondeu que, assim como Maria Évelim, o fantasma de Epitácio era envolto em mistérios, e que ela acreditava que Madame Valquíria sabia de muito mais do que contava, já que os mortos eram parentes dela. O pouco que Isabella sabia era que Maria Évelim fora a esposa de Epitácio, e que o velho era irmão da mãe de Madame Valquíria, mas antes que pudesse entrar em mais detalhes, as outras meninas invadiram o quarto animadamente.

A semana de trabalho no Casarão Violeta começou como todas as outras, com exceção, claro, da presença de Isabella. Os mesmos rostos refinados dos homens apareceram, e agora a maioria já sabia meu nome. Madame Valquíria já havia recebido as minhas roupas novas, e eu me senti quase irreconhecível naqueles trajes tão elegantes. Isabella não saía do quarto durante a noite, mesmo não estando mais de cama, e os clientes sentiram a sua falta, e para não alarmar nenhum deles, Madame Valquíria inventou que a bela tinha ido fazer uma pequena viagem, mas que estaria de volta na semana seguinte. Enquanto isso, durante o dia, Isabella e eu ficávamos cada vez mais próximos, e mesmo que eu estivesse atarefado, com os resmungos de Cícero às minhas costas, eu arranjava um jeito de trocar algumas palavras com ela. Por vezes parecia que Franciele não estava gostando nada daquela nossa amizade, devido ao modo como nos encarava quando nos via juntos, mas nenhum comentário a respeito foi ouvido.

Com relação aos fantasmas, eu cheguei a conversar com Madame Valquíria sobre (sem contar a ela o que eu mesmo havia visto, claro), e ela me confirmou que era sobrinha do velho Epitácio, e que chegara ao casarão com apenas doze anos de idade, junto da mãe que havia acabado de ficar viúva. Epitácio, assim como a irmã, vinha de uma família falida de São Paulo, e que ele se casara com a bela Maria Évelim não só por sua beleza, mas sim pelo seu dinheiro. Maria Évelim era filha de italianos muito ricos, e após a morte repentina dos pais e do irmão, passara a viver sozinha no grande casarão que herdara, junto da avó já muito velha.

— Eu me lembro muito bem da Tia Évelim em vida, ela era um doce de pessoa, daquele tipo que não machuca nem a mosca que pousa em seu prato de sopa — disse-me Madame Valquíria, em uma conversa casual de fim de tarde

(pouco antes de começar a loucura de preparar tudo antes que os clientes chegassem), enquanto se balançava em sua rede de crochê, soltando suas longas baforadas de fumaça fedorenta para o alto. — E ela acreditava que fora uma sorte ter se casado com Tio Epitácio, que era muito mais velho que ela, e muito mais pobre. Realmente não consigo entender o que se passava na cabeça da coitada. E o que ela aguentava então! Eu nunca conheci um homem tão estúpido como Tio Epitácio em toda a minha vida, um grosseiro, sem educação, nojento, e olha que eu já conheci todo tipo de homem, mas *aquela*... Ele botava tanto chifre nela, que não sei como a pobre Tia Évelim conseguia passar pelas portas. E se ela sabia? Claro que sim, e quem não sabia? Até eu sabia. E eu morria de raiva de ter que morar aqui, junto do velho. Ah, como eu implorei a minha mãe para irmos embora, mas minha mãe, coitada, não tinha onde cair morta.

— E como foi que o velho morreu, Madame? — perguntei.

— Cachaça; acho que essa é a melhor resposta — ela sorriu, encarando os desenhos que a fumaça fazia ao subir para o teto. Uma rápida expressão sombria passou pelo rosto dela, ou foi o que eu pensei ter visto. — Tio Epitácio sempre foi um beerrão, um cachaceiro. Torrou quase toda a fortuna da mulher com bebidas, jogos e piranhas. Típico de homem idiota. Este lugar antigamente era uma fazenda, Natâniel, tínhamos gados maravilhosos, as terras eram bem maiores que estas, com plantações de todos os tipos de coisas. Mas ele destruiu tudo com o seu vício. Agora só temos esse bosque. E por fim começou a ficar violento, começou a agredir a coitada da tia, mesmo sem ela dar nenhum motivo para isso, e quando minha mãe e eu tentamos intervir, ele começou a bater em nós também.

— Que covarde — eu comentei baixinho.

Madame Valquíria concordou com a cabeça, suspirando, e quando voltou a falar, sua voz estava mais profunda e receosa. Eu cheguei a perceber uma pequena mudança em sua respiração, e no modo como as pupilas dela dilataram.

— Então, certa noite de agosto, Tio Epitácio chegou em casa virado no diabo. Bêbado e raivoso, pois tinha perdido mais uma boa quantia no jogo, e estava louco para descontar seu infortúnio em alguém. Eu me lembro de estar na janela do meu quarto, que ainda é o mesmo, vendo antigas fotografias com Maria Évelim e sua avó, quando o vi pela janela. Eu nunca o vi tão bêbado, chega vinha bamboleando pela varanda, mas mesmo assim conseguiu subir as escadas, gritando pela mulher. Minha mãe foi a primeira que ele encontrou. Ele a agarrou pelos cabelos e a arrastou até o meu quarto, abrindo a porta com um chute, dizendo que ia dar uma lição na gente, *nesse bando de mulher desocupada e imprestável*, como ele disse.

Eu ouvia tudo atentamente, e percebia que, mesmo depois de todo aquele tempo, ela ainda manifestava uma grande raiva ao se lembrar do velho.

— E nessa noite, pela primeira vez, Alfreda, a avó de Tia Évelim, que na época tinha exatos cento e dois anos, e que praticamente não dizia uma palavra em português, se levantou de sua cadeira e se colocou entre a neta e o bêbado.

— E o que aconteceu? — perguntei, bastante envolvido.

— O desgraçado empurrou Alfreda, e a velha senhora caiu. Ah, que terror eu senti naquela hora. Naquela idade, e ser empurrada daquela forma — ela fez uma pausa, dando uma tragada no cigarro, como se precisasse urgentemente dele para poder continuar. — Ela estava muito velhinha, e a queda foi fatal. Velha Alfreda bateu a cabeça na madeira da cama e morreu. A imagem da poça de sangue sob os cabelos brancos dela nunca saiu da minha mente. E eu a amava tanto. Mas a tragédia ainda não havia terminado, pois, de repente, e quando digo “de repente” é porque ninguém esperou que algo assim pudesse acontecer; Maria Évelim, a sempre doce e passiva Évelim, foi para cima do marido feito uma onça, arranhando e esmurando o velho pinguço. Mas mesmo caindo de bêbado, Tio Eptácio tinha muita força, e ele prendeu os braços dela para trás, quase os quebrando, e a empurrou até a janela do meu quarto.

— Meu Deus! Ele a jogou lá de cima! — exclamei, imaginando a terrível cena.

— Não, e é aí que está o mistério, Natã. Eu não sei se foi ela que se soltou e o golpeou, ou se foi um erro tolo do próprio velho, um desequilíbrio derivado da bebedeira... Eu só me lembro de Tio Eptácio rolando a enorme pança na balaustrada da janela e despencando lá embaixo. Acho que ouvi o som do pescoço dele quebrando também, mas não tenho certeza.

— Que horror...

— Pois é, mas não posso dizer que lamentei, por mais terrível que tivesse sido. Mas foi aí que eu percebi o quanto Tia Évelim amava o marido. Sim, por mais incompreensível que isso possa parecer, ela o amava, e sentiu uma terrível culpa, e se não fosse minha mãe, ela teria dito que fora ela mesma quem matou Eptácio. De todo modo ninguém acreditaria. Maria Évelim matar alguém? Impossível. E sendo assim a tia se enfiou no sótão e não quis sair mais, às vezes passava dias sem tomar banho, só cantando e fazendo seu crochê. Ela enlouqueceu, começou a falar sozinha e essas coisas. Então, seis anos depois, numa véspera de natal, eu a encontrei dura e fria na cadeira de balanço, segurando um frasco de veneno para ratos. Tinha sangue escorrendo do nariz dela, e os lindos olhos azuis estavam abertos... — os olhos de Madame Valquíria se encheram d'água, mas ela os enxugou rapidamente. — Eu acabei herdando o Casarão e, modéstia à parte, este lugar só e do jeito que é hoje, bonito assim, por que eu me esforcei duramente, mas... bem, por agora já chega de relembrar tragédias, Natãiel. Vá tomar seu banho e vestir seu terno, logo os clientes estarão chegando.

O Casarão Violeta fervilhava com suas músicas, danças, bebidas, jogos e gargalhadas, mas em dado momento a algazarra diminuiu subitamente de volume, e o som lento e melancólico de um violino ecoou no salão, mudando a atmosfera, de animado e festivo para sombrio e mágico, como se todos nós houvéssemos sido transportados para outra dimensão. Até mesmo Geraldo, que era sempre cem por cento voltado para seu ofício, se aproximou de onde eu estava, espiando por uma das janelas da frente e contemplando o espetáculo. As luzes do salão estavam apagadas, com exceção de algumas lâmpadas fracas sobre as mesas e de um único projetor, vindo do alto do segundo andar, que iluminava o fim da escada, onde Franciele, uma perfeita dama usando preto, tocava seu violino, magnificamente, sentada em uma cadeira. Ao lado dela estava Angélica, de pé, apoiada no corrimão da escada, com o cabelo castanho claro caído sobre os ombros, usando um vestido de seda, de mangas bufantes e longas, lembrando mais uma adepta de alguma religião da nova era, enquanto cantava, acompanhando o violino solene com sua linda voz de soprano. Era uma canção triste e melodiosa, cheia de emoção, numa língua que eu não conhecia... francês? Não me lembro bem, pois só me recordo perfeitamente da energia emocionante que se abateu sobre mim e a todos ao ouvi-la. Mas acho que era francês mesmo, tenho quase certeza.

Pouco a pouco o ritmo começa a ficar mais rápido, mais cigano, a vara descendo sobre as cordas do violino furiosamente. Angélica cessou a cantoria e saiu da luz do projetor, e quase que no mesmo instante surgiu Letícia, descendo as escadas, sendo a personificação dos desejos masculinos, usando somente um vestido branco, de seda tão fina que se tornava transparente sob a luz, a pele negra brilhava deliciosamente nua sob a seda, gingando os quadris formosos na direção dos clientes. Os homens estavam espantados, paralisados de desejo, hipnotizados pelos movimentos serpenteantes da moça. O cheiro de desejo ficou forte no salão. Desejo por toda parte. Sim, o desejo tem seu cheiro, assim como o medo, e eu o respirava, e meio que o absorvia, alimentando o meu próprio, manifestado pelo latejar entre as minhas pernas e pelo gemido que escapou por entre meus lábios. Eu estava tão envolvido por tudo aquilo que nem reparei quando um novo veículo entrou na propriedade.

Um elegante Opala Comodoro preto parou na frente do Casarão (e como eu disse, não o havia percebido), e Geraldo saiu de seu transe para recepcionar os dois homens que saíram lá de dentro. Já eu, só dei atenção a eles quando o primeiro passou por mim, me cumprimentando. Era um senhor magro, usando um terno cinza de corte impecável, postura muito ereta e olhos bastante simpáticos, azuis como o lenço em seu bolso. Devia ter uns cinquenta anos, tinha mãos finas e enrugadas, e mechas brancas bem definidas nas têmporas do cabelo castanho. Sua bengala de apoio de prata brilhava mais que seus dentes.

— Boa noite, senhor, seja bem-vindo ao Casarão Violeta — disse eu de imediato, despertado do transe.

— Muito obrigado, rapaz — ele respondeu, num sotaque carregado que eu não consegui identificar inicialmente, e me avaliou por um bom tempo, sorrindo, como se houvesse visto algo de muito interessante em mim e me deixando sem graça.

Mas foi o outro homem que me desconcertou, quase da minha altura, usando um terno preto, de olhos tão verdes quanto os de alguns gatos. Era um homem forte, de ombros largos, tinha uma estrutura física muito parecida com a minha. Ele subiu para a varanda, após entregar as chaves do Opala para Geraldo, e quando seus olhos se encontraram com os meus, senti um impacto estranho e violento, como um soco no estômago. O homem pareceu sentir o mesmo que eu, e ficou imóvel a me olhar. Tinha um rosto muito bonito, de linhas quadradas, sobrancelhas escuras, nariz reto e bem proporcionado, um rosto realmente atraente, realçado por uma barba muito bem aparada, preta como o seu cabelo em corte social.

Eu não consegui dizer nada para recebê-lo, e ele passou diretamente por mim, indo se sentar em uma das mesas próximas ao bar, ele e seu amigo. Os dois pediram bebidas à Joana e trocaram algumas palavras entre si que eu não consegui discernir, e quase no mesmo momento a apresentação especial acabou, com Letícia subindo de volta as escadas e Franciele recolhendo o violino. As luzes voltaram a serem acesas e eu avalei melhor os dois novos clientes. O mais velho era bastante refinado, e ainda muito apessoado, mesmo não sendo mais jovem, dando pequenos golinhos numa taça de suco. O outro se revezava entre um copo de cerveja e uma taça de vinho, e vez ou outra virava os intimidadores olhos verdes na minha direção, como se temesse que eu o atacasse a qualquer momento, ou algo parecido, mas não demonstrava medo, de forma alguma, e sim cautela. E eu, inexplicavelmente, sentia um ódio profundo ao vê-lo ali dentro, tão perto das *minhas* meninas (sendo que nem *minha* elas eram), um ciúme estranho (principalmente quando Madame Valquíria os notou e foi ter com eles), como se ele estivesse ocupando um lugar que era *meu* por direito, sendo uma ameaça ao *meu* território (e lá estava eu pensando “*meu*” novamente, sendo que eu não tinha nada ali). E havia algo mais de estranho no de olhos verdes, ele tinha um cheiro diferente, algo que eu pensava já ter sentido antes, mas ao mesmo tempo novo, atrativo e ameaçador, e havia um som único que me parecia vir do coração do sujeito.

— Boa noite aos senhores — ouvi claramente Madame Valquíria dizer a eles, estendendo as mãos para serem beijadas. Eles se levantaram educadamente, primeiro o senhor e depois o jovem forte. — Bem-vindo ao Casarão Violeta — ela

continuou. — Eu me chamo Madame Valquíria, e digo que estou honradíssima em poder receber senhores tão distintos em meu estabelecimento.

— O prazer é todo nosso, Madame. E devo acrescentar que este casarão é um dos lugares mais interessantes que já conheci — disse o mais velho, com sua voz pausada e carregada do belo sotaque arrastado. — Mas deixe-me nos apresentar devidamente; eu sou David Grenier, e este meu bom amigo aqui se chama Flávio Valverde.

— É um imenso prazer conhecê-los, senhores — sorriu Valquíria, daquele jeito encantador e sedutor dela, mas no mesmo instante eu percebi que era ela quem estava encantada, pelo tal de Flávio. Já este era de poucas palavras, e se limitava a sorrir discretamente, enquanto a dona do Casarão elogiava sua beleza e a elegância na voz do outro.

Madame Valquíria perguntou se David era francês, devido ao sotaque, e o senhor respondeu que sim, que viera para o Brasil ainda jovem, mas nunca perdera o forte sotaque, carregando-o ainda mais quando fazia viagens de volta à terra natal. Em seguida Valquíria disse para eles ficarem à vontade, lembrando que eram muito bem-vindos, mas que ela precisava dar atenção aos outros (Madame Valquíria sabia reconhecer homens cheios da grana de longe, e no caso daqueles dois não se precisava de muita perspicácia). Antes de sair da mesa deles, ela ofereceu a companhia de uma das meninas, mas ambos recusaram, disseram que por enquanto a bebida bastava. Por cerca de vinte minutos eles ficaram a conversar entre si, mas em outra língua, e não me lembro se era inglês ou francês, mas ficou claro, pelo modo como ambos me lançavam olhares, que o assunto era eu, e que ambos pareciam saber que eu poderia escutá-los. E depois de um tempo, eles ficaram mudos, mas se olhavam e se moviam como se estivessem conversando, e de algum modo eu sabia que era isso mesmo o que eles estavam fazendo, mesmo sem moverem os lábios.

Não, eu não estava gostando nada daqueles dois, eram misteriosos demais. Por que tanto me olhavam? E por que o tal de Flávio me dava mais calafrios que o homem na casa de Mãe Gorete? A presença dele me causava tremenda agonia, e por eu não conseguir entender tal sentimento, isso só me atormentava mais. Alguma coisa nele, na aura dele (de que outro modo eu poderia chamar isso?), me fazia lembrar alguém. E para piorar a situação, minha linda Isabella resolveu espiar o salão do alto do segundo andar, encoberta pelas sombras de uma pilastra, mas de algum modo Flávio a notou, ela não olhava para ele, mas era observada, e a raiva em mim aumentou consideravelmente. Aquele desconhecido estava olhando para a *minha* Isabella! A raiva foi tanta que eu cheguei a rosar feito um cachorro, bem baixinho, mas Flávio ouviu, e no mesmo instante eu pude notar que o canto direito

da boca dele tremeu levemente. Sim, ele também tinha rosnado, mas foi mais como um aviso, não um desafio.

Então o elegante David se levantou e tocou no ombro do amigo, impelido pelo discreto clima de tensão que ninguém mais chegava a se dar conta, dizendo mais alguma coisa em outra língua, e o outro também se levantou. Eles estavam indo embora. Madame Valquíria veio se despedir deles e perguntar se estavam indo tão cedo por não terem gostado do ambiente, mas eles responderam que não, pelo contrário, com certeza voltariam, é que tinham assuntos inesperados a resolverem.

O primeiro a passar por mim foi David, que sorriu jovialmente e me disse “*relaxe, está é uma noite de paz*”. E eu me assustei, pois ele não havia mexido a boca, foi como se aquelas palavras tivessem sido lançadas da mente dele para a minha. Bateu com a bengala no chão e saiu para a varanda, atrás de Geraldo.

Eu ainda estava confuso com o que havia acabado de acontecer, quando notei, assustado, que Flávio estava bem perto de mim, tão perto que poderia morder minha nuca. Me virei rapidamente para ele e fechei os punhos, cravando as minhas unhas na palma da mão sem querer. Um súbito tremor me percorreu, um tremor que sempre acontece antes de uma transformação.

— Cuidado, meu amigo, se acalme — ele disse, e sua voz era grossa como a minha, mas muito mais educada, pausada, e com uma autoridade controlada, pondo sua mão pesada sobre o meu peito. — A única ameaça para você neste lugar é você mesmo. Estou tão surpreso quanto você com este nosso encontro. Eu te esperarei no bosque mais tarde, depois que seu expediente terminar.

Eu estava pálido, quase em pânico, e um caldeirão de emoções novas fervilhou dentro de mim, quando eu finalmente reparei nos dedos dele, nas unhas espessas e cintilantes, como as minhas.

O restante da noite me foi um tormento, me parecia que o tempo estava de brincadeira comigo, se arrastando de propósito, enquanto eu ainda sentia os efeitos do encontro com David e Flávio, principalmente com este último. Eu os temia, mas não conseguia negar a atração que eles exerciam em mim, no fato deles saberem o que eu era, e justamente por Flávio ser como eu. E, por mais que eu não assumisse, em meu íntimo, eu desejava conhecer a história daquele lobisomem, torcendo para que, quem sabe assim, eu aprendesse algo com ele. Sim, era disso que eu precisava; um professor, alguém que me entendesse e me guiasse. Mas eu não deixaria que tais fantasias ofuscassem o perigo daquela nova situação. E se eles não fossem confiáveis, e fossem tão cruéis quanto Flora? E se tudo aquilo não passasse de uma armadilha? Talvez os da minha espécie odiassem um a companhia do outro, e por isso eu nunca havia visto nenhum outro lobisomem até então. Eu

estava receoso com tal encontro, mas eu precisava ir, eu tinha que saber o que eles queriam, e se representavam alguma ameaça ao *meu* território.

Meu território, sim, *minhas* meninas, *meus* amigos, *minha* matilha, *minha* família, *minha* Isabella – era assim que eu sempre acabava pensando. Eu só começava a ter noção de como nós, lobisomens, tendemos a ser possessivos com os nossos.

Por fim, quando o último cliente saiu dirigindo seu carro pela estrada, por volta de duas e meia da manhã, as meninas se recolheram. Cícero e Cláudio começaram a apagar as luzes do Casarão, e Madame Valquíria deu suas últimas ordens à Geraldo e a mim. Eu terminei minhas obrigações finais e fui direto para o meu quartinho nos fundos, e antes de abrir a porta, logo após sair para o quintal, mais uma vez me assustei com o fantasma do velho cavando a terra com as mãos. Era fácil para eu me assustar com uma presença que não era previamente denunciada por nenhum som ou cheiro, e por isso eu parei no mesmo instante, trincando os dentes, e o observei atentamente. A cara de buldogue, como dizia Valquíria, estava furiosa como da outra vez, e o máximo que eu conseguia discernir de suas palavras eram xingamentos ruminados. O fantasma parecia repetir os mesmos movimentos da vez anterior, olhando para a janela de Madame Valquíria e praguejando. Pelo menos eu então podia deduzir o motivo, já que sabia que fora da queda daquela janela que ele havia morrido.

Eu cheguei mais perto dele, e lhe garanto que não estava com medo; alguns fantasmas são realmente assustadores, mas aquele era quase patético, e então, pela primeira vez, o velho Epitácio olhou diretamente para mim, por trás daqueles óculos grossos, e desapareceu no mesmo instante. Eu fiquei parado no mesmo lugar por alguns segundos, mas logo deixei o caso do fantasma de lado, pois outro mistério mais importante me esperava.

Fui para o meu quarto e me apressei a tomar um banho, mas antes de eu entrar no chuveiro eu senti um rápido cheiro trazido pela brisa que entrava pela janela aberta, vindo da direção do bosque. Sim, era ele, o lobisomem de olhos verdes, e estava há uma boa distância do Casarão. Tomei um banho rápido, e já terminava de me secar, quando alguém bateu na porta do quarto, e em seguida meu coração acelerou ao ouvir o som da porta se abrindo. Será que o desgraçado tivera a ousadia de vir até mim? Saí do banheiro na mesma hora, com metade do corpo ainda molhado, respingando água pelo chão, e o que vi me assustou mais que o fantasma de Epitácio.

Era Isabella quem estava dentro do meu quarto, descalça, o lindo cabelo castanho se destacava sobre o roupão de seda branco que ela usava. Meu coração deu um baque, e eu nada consegui fazer, nem me mexer para cobrir minha nudez, nem dizer nada. Ela estava estranha, como da vez que contara sua história para

mim, tremia dos pés à cabeça, com os olhos arregalados e lacrimosos, passeando por todo o meu corpo.

— Natã — ela sussurrou muito baixo.

— Isabella, o... o que você está fazendo aqui... você está bem? — gaguejei, envergonhado e preocupado ao mesmo tempo.

— Natã... — ela repetiu, e no mesmo instante correu e me abraçou, enlaçando meu pescoço e puxando minha cabeça para baixo, apertando seus lábios contra os meus.

No primeiro momento eu continuei imóvel, confuso, passivo àquela ação inesperada, deixando que os lábios dela se movimentassem entre meus, que sua língua entrasse na minha boca e a desbravasse. Em seguida me libertei da paralisia e a puxei pela cintura, apertando o corpo dela ao meu. Ela gemia agoniada, ainda tremendo, abrindo o roupão que usava, revelando-me a carne nua, branca e perfumada, e neste momento fui eu que gemi, atingido violentamente por aquela visão, sentindo os bicos rígidos dos seios dela contra o meu peito, me deixando tão excitado que chegava a doer. Eu não poderia fugir dela, daquela situação absurda e deliciosa. Eu estava envolvido pelos beijos de Isabella, pelo calor dela, e sendo assim a joguei na cama, enquanto fechava as cortinas da janela. Ela era algum ser místico, só podia ser, pois de que outro modo eu poderia explicar a mim mesmo o poder que ela exercia sobre mim, ali, deitada na cama, de olhos fechados, a boca arfando de desejo, o cabelo castanho espalhado sobre o lençol feito uma moldura, a luz noturna realçando a beleza perfeita de suas formas, das linhas da barriga macia e do quadril, da curva de seu sexo, onde uma pequena porção de pelos escuros aparecia, convidativos.

Caí sobre ela, beijando-lhe vorazmente a boca, lhe massageando os seios, lhe beliscando os mamilos, enquanto ela apertava os meus braços e arranhava os meus ombros. Segurei os braços dela no alto de sua cabeça com uma das mãos, descí minha boca pelo seu queixo, passando pela curva do pescoço, chupei aqueles seios com força, primeiro um e depois o outro, e após isso voltei a massageá-los com os dedos, ao mesmo tempo em que ia descendo cada vez mais minha língua pelo corpo macio dela, lambendo o umbigo, a curva do baixo-ventre, até sentir o calor de seus lábios íntimos, molhados e trêmulos, prontos para mim. Isabella agarrou os lençóis em volta, se contorcendo, tentando gemer o mais baixo possível, enlouquecida pelos movimentos de minha língua dentro dela. O cheiro dela me envolvia feito a água de um rio, onde eu mergulhava cada vez mais fundo, com seus gemidos me sufocando de prazer, e sem aguentar esperar mais, fui empurrando meu membro (aparentemente grande demais para àquela delicadeza) para dentro da passagem úmida dela, observando as mudanças nas feições de seu rosto, enquanto recebia todo ele.

Comecei devagar, sentindo a passagem dela cedendo, quente como o inferno, tão deliciosa, enquanto meu pau pulsava, e fui aumentando gradativamente de velocidade, ouvindo seus gemidos loucos enquanto me mordia o queixo, a lateral do pescoço, a orelha. A fera dentro de mim também a desejava, amava o corpo dela, o poder luxuriante que Isabella proporcionava, e a fera me fez rosnar, manifestando seu prazer, enquanto eu a mudava de posição, fazendo com que ela cavalgasse sobre mim, vendo os seus suculentos seios sacudindo em movimentos circulares. Ela subia e descia furiosamente, até que chegou ao seu êxtase final, tremendo-se, e eu fui logo em seguida, jorrando dentro dela, ficando cego durante a explosão do gozo, tão poderoso que me deu vontade de uivar, e eu acho que foi isso mesmo o que fiz, relaxando o corpo no colchão, sob o peso leve do copo dela.

Eu estava sem forças, feito a vítima de uma súcubo, e Isabella bem poderia ser isso mesmo, um demônio em formas femininas perfeitas, pronta para drenar a vida de seu amante com beijos. Ela parecia tão exausta quanto eu, e permaneceu imóvel e em silêncio, com a cabeça sobre o meu peito arfante. Adormeci poucos minutos depois, a mente limpa, nem ao menos se importando com as regras de Madame Valquíria ou com o lobisomem que ainda me esperava no bosque. Desculpe-me, Flávio, mas nosso encontro ficará para uma outra noite.

Lembro-me que tive um sonho bastante estranho, nada parecido, em termos de sensações, com qualquer outro que eu já houvesse tido. Eu pairava sobre o meu próprio corpo, flutuando, e um fino fio de um brilho prateado se projetava de meu umbigo até o umbigo do outro corpo deitado na cama, abraçado à Isabella. Era uma sensação difícil de descrever, muito parecida quando assisti a chacina do Coronel e de seus peões, uma sensação de liberdade, mas era uma liberdade assustadora; as sombras pareciam mais escuras que o normal, a temperatura do ar muito fria, e todas as cores que eu via eram desbotadas. E foi então que eu percebi minha irmã Fabiana por perto, sentada na beirada da cama, usando uma espécie de camisola branca, e ela não olhava para os que dormiam, e sim para mim, com um olhar avaliador e desprovido de emoções. E ao lado dela, para a minha surpresa, se encontrava Flávio, que assim como eu não usava roupa alguma. Flávio acariciou os cabelos de minha irmã, e ela não se importou, fechou até mesmo os olhos, como se ambos fossem velhos amigos, e eu fui dominado por aquela onda de ciúmes e de preocupação exagerados, mesmo dizendo a mim mesmo que tudo aquilo não era real, que Flávio não estava realmente ali, que minha irmã verdadeira estava morta.

— Eu sei que nenhuma confirmação saiu de sua boca, mas eu realmente esperei que você fosse me encontrar — disse Flávio, em sua voz monótona e que se tornaria inconfundível para mim, aquele misto de polido e rústico.

— E eu ia até você — respondi, me perguntando se eu devia alguma explicação à ilusão.

— Eu sei, e entendo o motivo, entendo muito bem — ele olhou para Isabella. — Mas será que você está pronto, Natâniel? Você tem responsabilidade e controle suficientes para proteger essa jovem, e todas essas outras pessoas, de você mesmo?

— Não sou tão novato assim, Flávio. O meu controle veio com o aprendizado que a vida me deu — respondi, orgulhoso, pois na hora encarei o questionário dele como um desafio.

Flávio baixou os olhos para a minha irmã, se abaixou, e Fabiana passou um braço sobre o pescoço dele, indo sussurrar alguma coisa em seu ouvido. Ele moveu a cabeça concordando com o que quer que ela houvesse dito, e em seguida voltou a erguer os olhos verdes até mim, no mesmo instante em que começou a flutuar até onde eu estava.

— A lua cheia está vindo — disse ele.

— Eu sei disso, mas saberei o que fazer.

— Será mesmo?

Não gostei daquelas palavras, por algum motivo elas pareciam me rebaixar, e por isso rosnei, aproximando ameaçadoramente meu rosto do dele, como se a qualquer momento eu fosse abocanhar-lhe a face. Flávio nada fez, as sobrancelhas grossas continuaram imóveis, somente os olhos pareciam ter ganhado mais autoridade.

— Cubra os dentes, Natâniel. Já lhe disse que não sou o seu inimigo — Flávio ordenou, mas de modo muito natural. A voz de um líder nato.

Mas antes que ele ou eu pudéssemos dizer mais qualquer coisa, uma nova presença apareceu no quarto, do outro lado da janela, e meu corpo inteiro reagiu assustado à sua visão. Eu conhecia aquela pele escura, as feições belas e atraentes, os olhos negros muito sagazes. O cabelo não era mais cortado bem curto, e sim longo e cheio, caindo em pesados cachos negros. E aquele sorriso não poderia ser de ninguém mais; selvagem, um sorriso que de algum modo denunciava imprevisibilidade.

— Flora! — gritei o nome dela, e ela arregalou os olhos para mim, parecendo tão surpresa quanto eu, alargando ainda mais o belo sorriso, os lábios generosos sobre dentes perfeitos. No mesmo instante avancei na direção dela, mesmo sob o protesto de Flávio.

Flora gargalhava...

Flávio rosnava, em alerta...

Minha irmã gritava...

O sonho acabou subitamente.

Isabella não estava mais comigo quando acordei na manhã seguinte, e por alguns instantes eu pensei na possibilidade de que nossa noite de amor tivesse sido somente sonhada. Mas as provas estavam lá, o cheiro maravilhoso dela impregnado no colchão, intensificando minhas lembranças e a ereção matinal.

Fiquei um bom tempo deitado na cama, juntando todos os últimos acontecimentos para ter uma noção de como eu os trataria. Em primeiro lugar vinha os cavalheiros, Flávio e David. E somente então eu parecia me lembrar do bolo que eu havia dado no lobisomem de olhos verdes. Será que ele estaria no Casarão quando a noite chegasse, ou será que estaria no bosque, assim como na noite anterior? Ou será que eu havia perdido a rara oportunidade de conhecer alguém como eu, de aprender algo mais? Mas como eu poderia adivinhar que Isabella me apareceria daquela forma? Bem, Flávio devia me perdoar, assim eu esperava, pois, o amor prega peças, o amor faz a gente ser irresponsável e irracional. O amor não é só sentimento, mas também instinto. E o que mais me atormentava era justamente essa questão: o amor. Por mais que eu buscasse respostas em mim mesmo, me era impossível adivinhar o que se passava na mente de Isabella. Será que ela também me amava, ou só me usara como uma válvula de escape para acalmar seus próprios demônios? Isso eu precisava descobrir. Ela tinha que me responder.

Escovei os dentes, vesti uma roupa e fui tomar café junto de Cláudio e Geraldo. O mecânico e guardador de carros estava conversador e simpático como sempre, mas já Cláudio estava mais fechado, e só dirigiu algumas poucas palavras a mim. Quando terminamos o café, eu perguntei se ele estava bem. Cláudio sorriu de um modo forçado e disse que sim, se afastando de mim na mesma hora. Fiquei sozinho com Ana e Dolores na cozinha (repetindo mais alguns pedaços de bolo), e tive a sorte de ouvir um pouco da história delas. Ana e Dolores eram muito conversadeiras, não era preciso dar muita corda para que elas fossem longe. As gêmeas foram freiras quando novas, viveram por trinta anos em um convento no estado de São Paulo, não por vocação, mas por terem perdido a família ainda quando crianças, indo viver com uma tia carola que imediatamente as designou para uma vida de servidão à Cristo. Até que certo dia, apaixonadas por homens que as visitavam secretamente em noites enluaradas, as irmãs decidiram abandonar tudo e ir em busca de seus prometidos noivos apaixonados.

— Eles eram bons homens — disse Ana, me oferecendo mais uma fornada de pão (ela gostava de me ver comer, dizia que um homem do meu tamanho deveria comer bastante para manter a estrutura). — Foi uma sorte danada encontrá-los. Mariano e Erivelton, eram os nomes deles. Eles eram realmente apaixonados por nós, e nós nos casaríamos assim que chegássemos a uma cidade não muito longe

daqui. Ah, como Dolores e eu estávamos felizes. Para sempre me lembrarei daquela sensação de liberdade e descoberta...

— E para sempre eu me lembrarei do modo como a cabeça de meu amado Erivelton se espatifou no para-brisa quando aquele caminhão assassino acertou a nossa Kombi na contramão — acrescentou a outra irmã, de um modo bastante casual, ao mesmo tempo em que guardava algumas panelas no armário.

— Não fale assim, Dolores, o caminhoneiro não era um assassino, não fez de propósito.

— Ele estava bêbado feito uma ticaca, Ana, e por isso a gente ficou viúva antes do tempo, perdida no mundo sem ter pra onde ir, com uma mão na frente e outra atrás. Passamos mais cinco anos trabalhando naquele boteco imundo de Santa Sofia, sendo bolinadas por aquele patrão safado. Se não fosse Madame Valquíria, ainda estaríamos lá, como escravas.

Então Isabella entrou na cozinha, acompanhada de Joana e Angélica, esta última por sinal tentava esconder, com bastante maquiagem, que andara chorando bastante, mas eu conseguia notar devido à entonação em sua voz. Como já era esperado, meu coração acelerou ao ver Isabella, e temi entregar alguma coisa no modo descontraído em que dei bom dia a ela. Ela retribuiu, mas não disse mais nada, e nem olhou direito para mim, saindo logo que terminou de informar as senhoras mais alguns detalhes sobre o cardápio do almoço.

E assim foi durante todo o dia que se seguiu, Isabella me evitando, e aquilo foi me deixando com raiva e desatento às tarefas do dia, e nem mesmo quando a noite chegou, envolvido pela expectativa de rever Flávio, essa raiva foi amenizada. Eu tinha vontade de subir até o quarto de Isabella e forçá-la a me dizer o que estava acontecendo, que me explicasse o motivo de estar me tratando daquele jeito. Por vezes a raiva era tanta que eu sentia os perigosos tremores no corpo, e cheguei até mesmo a roubar alguns calmantes de Ana e Dolores, mas não pareceram surtir efeito algum.

Por fim, o Casarão Violeta fechou suas portas, e eu não havia sentido nada que denunciasse a presença de Flávio nas proximidades, nem do cavalheiro David, mesmo assim não suportei ficar em meu quarto, nem mesmo para esperar, quem sabe, que Isabella viesse me procurar. Eu estava com raiva, e era melhor manter-me longe dela mesmo. Sem poder aguentar mais, corri para fora, ignorando a aparição estúpida de Epitácio (cavando e xingando como sempre), fui direto para o bosque, tirando meu short e guardando-o sobre uma árvore. E nunca foi tão fácil me transformar, deixar a fera tomar terreno, e rapidamente comecei a correr por entre as árvores, sentindo a sensação maravilhosa que é fazer parte totalmente da natureza (algo que um humano atual não consegue nem imaginar), a terra e a

grama sobe as patas, o cheiro de vida me rodeando, e a noite como uma presença inteligente, uma divindade me cobrindo com sua graça.

Eu estava consciente, mesmo sendo fera, mesmo sentindo todos aqueles impulsos animais, mesmo quando persegui e devorei um porco desgarrado das fazendas vizinhas que passava por ali. Mas os únicos sinais de Flávio que encontrei foram os que ele deixara na noite anterior. E somente quando a manhã começou a se aproximar, eu decidi regressar para o Casarão, e foi justamente quando voltei a minha forma de homem, procurando a árvore onde eu deixara meu short, que fui surpreendido pela visão de Mãe Gorete olhando para mim.

O susto foi tanto que entrei em posição de ataque, deixando que somente as minhas unhas e meus dentes crescessem, encarando a velha estranha. E ela estava muito mais estranha, ali, parada entre duas árvores baixas, parcialmente encoberta pelas sombras, sem o turbante, o cabelo ralo e branco assanhado. Seus olhos estavam acinzentados, como se o preto de suas pupilas tivesse sido desbotado, cintilando no escuro. O vestido amarrotado dela estava rasgado em alguns pontos, e coberto de sangue.

— Mãe Gorete! O que aconteceu? — perguntei, alarmado, recolhendo as unhas e os dentes.

— Natã... a besta do inferno... Natãniel — ela murmurou em sua voz rouca, o olhar perdido, a boca pendendo frouxa, de onde começou a jorrar sangue.

Então Mãe Gorete caiu para frente, de face na terra, e para meu espanto total, suas costas estavam esquartejadas, com um enorme buraco por onde parte da costela havia sido arrancada, junto de alguns órgãos. Estremeci, sem saber o que fazer, mas então outra figura apareceu, o homem negro de saiote vermelho. Ele saiu das sombras de onde a velha tinha surgido, com sua presença forte e assustadora, olhando para mim como se me desafiasse a chegar mais perto da velha. O homem negro passou os dedos carinhosamente nos cabelos ensanguentados de Mãe Gorete, enlaçou-a com um braço, olhou para mim mais uma vez e desapareceu.

Ambos desapareceram. Eu tinha ficado tão consternado com a visão da velha que nem notei a ausência de cheiro nela, que nenhum som vinha de seu coração. Que droga estava acontecendo comigo? Eu nunca tinha sido provocado por tantos acontecimentos sobrenaturais. Será que até mesmo o bosque era assombrado?

Vesti meu short e corri de volta para meu quarto, me certificando antes que ninguém estava nas proximidades. O sol começava a nascer, tingindo o céu com tons de roxo, e junto com ele crescia um medo incompreensível no meu coração, impulsionado pela terrível visão de Mãe Gorete, um medo em forma de presságio.

A semana passou e nenhum sinal de Flávio e seu amigo. Além disso, Isabella continuou sustentando o mesmo comportamento insensível, e eu precisei de todo o meu alto-controle para não lhe arrancar as respostas à força. E com relação a isso, é importante frisar que não sou um homem realmente violento, não é do meu feitio buscar confusão, fazer demonstrações estúpidas de força e macheza, nem agredir pessoas mais fracas que eu, muito menos mulheres, mas eu era um homem apaixonado, e não ia ser ignorado depois de ter sido usado por ela. Eu precisava de respostas, de atenção, de sentir o cheiro dela e ouvir sua voz. Ser ignorado daquela forma era uma tortura cruel, me deixava disperso e irritadiço, e aticava e trazia à tona o comportamento agressivo do meu outro eu. E quero acrescentar também que a fera, creio, não é puramente maligna, o selvagem nunca foi maligno, pois acredito que o maligno tenha surgido com o humano. Um leão, nem qualquer outra fera predadora, não pode ser considerado um ser maligno. E seguindo essa linha de pensamento, eu me pergunto: Quando a lua cheia surge, de onde vem toda essa fúria assassina dos licantropos, do seu instinto primário, ou do lado obscuro da humanidade?

Somado a tudo isso, eu não conseguia me livrar da constante sensação de mau presságio que havia se grudado em mim, desde a ilusão no bosque.

Minha indignação com Isabella chegou perigosamente perto de seu clímax na sexta-feira, quando Madame Valquíria deu permissão para que ela voltasse a trabalhar no salão. Eu estava em meu posto, guardando as chaves de uns clientes que acabavam de chegar, pensando em todo o conhecimento que eu perdera em não ir ao encontro de Flávio naquela noite, e se eu nunca mais teria outra chance, e também atormentado pela ilusão macabra no bosque, buscando um significado para ela, revendo em minha mente o corpo de Mãe Gorete caindo pesadamente aos meus pés, o sangue no vestido dela, e foi neste momento que vi Isabella descendo glamorosamente as escadas. Usava um vestido curto, preto, trabalhado em lantejoulas, botas de salto alto, muitos anéis preciosos nos dedos, e uma tiara fina mantendo toda a sua juba castanha atrás dos ombros. Ela sorria para os coronéis e filhinhos de papai, aceitando todos os elogios provocantes deles. Meu ciúme inflou como nunca, os tremores começaram, e quando olhei para meu próprio reflexo no vidro da porta, me assustei com o amarelo demoníaco e nada natural que se apoderou dos meus olhos.

E sem suportar mais aquilo, aproveitei quando Isabella entrou no corredor para avisar a Ana e Dolores que haviam novos pedidos de tira-gosto, e a interceptei no meio do corredor, puxando-a violentamente para dentro de um escuro cômodo próximo, que servia como despensa.

— Você está me machucando — disse ela entre dentes, me empurrando, mas sem conseguir se livrar da mão que lhe segurava pelo braço esquerdo.

— Por que está fazendo isso, Isabella? Só estava brincando comigo, era isso? Entra no meu quarto daquele jeito e depois me trata como se nada tivesse acontecido, como se não soubesse que eu estou apaixonado por você! — disse tudo isso de uma vez, rosnando, falando o mais baixo possível, e então percebi que ela se encolheu toda, como se esperasse que eu a golpeasse. Será que meus olhos brilhavam amarelados na escuridão, ou será que minha voz raivosa lhe lembrava seus antigos agressores? No mesmo instante a soltei e baixeí o olhar, sentindo vergonha de mim mesmo.

Ela respirou fundo e pôs cautelosamente sua mão direita sobre o meu peito, sem nada a dizer. Os segundos se arrastaram, enquanto eu podia enxergá-la muito bem na escuridão da despensa, ouvindo a respiração dela e a minha ficarem mais calmas.

— Eu me apaixonei por você desde a primeira vez que te vi no salão, quando Madame Valquíria me apresentou a todos. Eu posso me lembrar de cada detalhe do que você vestia naquela manhã, Isabella, pois sua imagem ficou fixa em minha mente e em meu coração — sussurrei, ainda mantendo os olhos baixos. — E não venha me dizer que você nunca percebeu meus sentimentos, pois seria mentira. Se eu não sentisse amor por você eu nunca teria te aceitado na minha cama, traindo assim a confiança que Valquíria depositou em mim.

— Eu sei, eu sei... Eu sinto algo por você também, Natã... — sua voz não foi mais que um suspiro triste.

— Então por que está fazendo isso? Por que está me ferindo assim?

— Porque foi um erro, Natã. A minha entrega a você foi um erro, essa conversa é um erro, esse sentimento recíproco é um erro. Não há espaço para paixões no Casarão Violeta. Eu fui tola, inconsequente, eu sei disso. Eu não deveria ter te procurado, independente do meu desejo, assim como eu não deveria ter aberto os meus sentimentos para você no dia que você me levou à casa de Mãe Gorete.

— Então é isso, é por causa das regras do Casarão? — disse eu, trêmulo de amor e desejo, chegando ainda mais perto do corpo dela. — Então vamos embora, vamos deixar o Casarão e todas as suas regras.

Eu não pensei bem no que eu dizia a ela, eu simplesmente deixava as palavras fluírem direto do meu coração atormentado. Eu a queria. Ah, eu a queria sim. Aquele querer era tão forte que doía.

— Ir embora para onde, Natã?

Agarrei seu rosto e cheirei seu cabelo, seu pescoço, descendo a ponta de meu nariz para o meio de seu decote.

— Para qualquer lugar, minha amada, para qualquer lugar... somente você e eu... — respondi, excitado, sentindo com os lábios a rigidez dos bicos dos seios

dela por baixo do tecido fino. Isabella tremeu levemente, mas não me impediu.

— Qualquer lugar, Natã? Até mesmo para o meio da estrada deserta, sem rumo, sem um lugar decente para ficar? Isso seria loucura...

— Não tenho medo de estradas desertas, pois já sobrevivi à muitas. E você me ama, e eu quero você...

Subi o rosto e a beijei na boca, apertando seu corpo contra o meu. Eu a queria ali mesmo, queria subir-lhe o vestido e encontrar a sua fenda do prazer, molhada, pronta para mim, enquanto meu coração batia forte, amando cada partícula dela.

— Eu amo você, Natã, mas não sou burra — disse ela, quando conseguiu finalmente me afastar, e então percebi que ela chorava, e isso me deixou sem ação.

— Isabella...

— Eu já sofri demais, Natã. Eu já passei fome, e fui tão machucada nessa vida que... — soluçou, enxugando rapidamente as lágrimas com um pano de prato que estava numa estante ao lado.

— Mas eu protegerei você, Isabella! Eu farei qualquer coisa por você! Eu nunca deixarei que nada de ruim te aconteça...

— Você não pode me prometer isso, Natâniel, ninguém pode prometer uma coisa dessas para ninguém. É impossível.

— Isabella, meu amor... — tentei tocá-la, mas ela me empurrou.

— Não, Natã. Essa é a *minha vida*! A minha conquista é o Casarão Violeta, e eu não posso perder a melhor coisa que já me ocorreu. E em troca de quê? De amor? Amor não enche a barriga de ninguém, Natâniel. Eu não posso jogar tudo isso fora por você.

Eu não queria deixá-la sair de volta para o salão, mas não consegui me mexer para impedi-la. Observei ela dar as costas a mim, ainda secando as lágrimas, esperando para ver se não tinha ninguém no corredor para flagrá-la. Meu peito doía, e eu me segurava para não chorar também, para não me deixar levar pelo orgulho ferido.

— Perdão, Natâniel — disse ela, antes de sair de vez. — Eu não devia ter correspondido. Mas eu não cometerei o mesmo erro novamente. Com o tempo esse sentimento vai passar e voltaremos às nossas vidas normais. O tempo, Natã, o tempo destrói tudo.

Esperei mais alguns minutos antes de voltar para o meu posto, e não fui direto para o salão, preferi sair pela cozinha e dar a volta pelo quintal. Disse a Cícero que havia ido ao banheiro, mas ele não deu muita importância. Voltei ao meu posto, cumprimentando um senhor que havia acabado de chegar; um homem por volta dos cinquenta anos, com um longo bigode cinzento, e evitei espiar dentro do salão. E assim permaneci, fazendo meu trabalho mecanicamente, repassando em pensamentos a minha última cena com Isabella.

O senhor de bigode chamava-se Luciano Pontes, o delegado da polícia local, e foi recebido pomposamente por Madame Valquíria. Eu já o tinha visto pelo Casarão antes, e por isso não reparei tanto nele na ocasião, demorando a perceber que alguma coisa o perturbava. Delegado Pontes não é importante nessa história, nem sei por que citei seu nome, mas foi por meio deste senhor que Madame Valquíria, e futuramente eu e o resto dos moradores do Casarão Violeta, ficamos sabendo que a velha Mãe Gorete havia sido encontrada morta em sua casa, brutalmente assassinada, e que tudo indicava ter sido feito por um animal de grande porte.

Sim, um animal de grande porte; era a o que diziam os poucos investigadores, já que somente um animal selvagem poderia ter atacado a vítima daquela forma. Foi uma senhora que morava em Santa Sofia quem encontrou o corpo. Disse que havia sonhado com Mãe Gorete durante toda a noite, e já que precisava de mais das ótimas ervas de chá que a velha vendia, decidiu aproveitar para visitá-la, e foi então que a encontrou, ao lado do altar onde fazia as oferendas, o corpo cheio de arranhões profundos e mordidas, as costas esquartejadas. Muita violência, muita selvageria, o assassino não poderia ser humano, mas então que tipo de animal tinha sido? Todos se perguntavam. Uma onça, talvez? Mas não havia onças, nem animais carnívoros tão grandes naquela região.

Dois dias depois fizeram o velório de Mãe Gorete na capela do pequeno cemitério de Santa Sofia das Lamentações, e para meu espanto muitas pessoas estavam presentes, homens e mulheres que de algum modo haviam sido ajudados pelos trabalhos da velha (mas não havia ninguém da família dela). Madame Valquíria pediu que Geraldo e eu limpássemos a velha Combe branca, que quase não era usada, e dividindo os demais na sua famosa caminhonete, levou o Casarão Violeta em peso ao velório, e a nossa chegada foi um acontecimento. As pessoas se amontoaram aos cochichos para ver as moças elegantes descendo dos dois veículos; as sete meninas trajando exuberantes e comportados vestidos negros, assim como as gêmeas Ana e Dolores, e até mesmo seu Cícero estava todo elegante em seu paletó, ao lado do filho Cláudio. Geraldo e eu também estávamos devidamente vestidos, em nossos sóbrios paletós e calças pretas, já Madame Valquíria se sobressaía dos demais, usando um belo vestido vinho escuro, enfeitado com detalhes em renda preta. Os demais presentes cochicharam ainda mais quando ela surgiu, e as costumeiras ofensas foram abafadas por entre os dentes das respeitáveis donas de casa.

Eu estava nervoso ao me aproximar do caixão e olhar no rosto da velha lá deitada, usando um vestido azul, coberta por flores amarelas e brancas. Seu rosto estava aparentemente tranquilo, como se houvesse morrido de um modo bastante natural, e eu não consegui ver nenhuma das marcas de arranhões, já que somente o enrugado rosto e parte do colo estava descoberto. E desde a notícia de sua morte, eu me perguntava se a ilusão no bosque não teria sido um aviso, quem sabe uma

tentativa do próprio fantasma de Mãe Gorete buscando me dizer alguma coisa. E não, eu não acreditava que um animal comum tivesse feito aquilo, e isso poderia querer dizer que o fascinante Flávio Valverde poderia não ser tão controlado quanto demonstrava ser. *A besta do inferno*, foi o que o fantasma havia me dito. Mas e se não tivesse sido Flávio também, eu me perguntei, e tremi de medo, pois, e se tivesse sido eu quem se descontrolara? Afinal, era eu quem andava com a raiva à flor da pele àqueles últimos dias. Mas eu não me lembrava de minha mente ter apagado, de ter perdido o controle sobre minhas faculdades. De todo modo, eu não tinha garantias de nada.

Todo o povo do Casarão Violeta manteve-se em silêncio ao lado do caixão, ouvindo o arrastado sermão do padre, e todos estavam bastante tristes, principalmente Madame Valquíria, mas Isabella e Angélica estavam mais que tristes, estavam assustadas, não com a causa da morte, mas com a morte em si. É incrível como a morte abala de modo diferenciado os que permanecem vivos. A morte de outros nos faz pensar em nossas próprias vidas, no rumo que damos a ela, em todas as escolhas que fizemos. A morte nos faz questionar a veracidade da nossa felicidade e do que achamos ser melhor para nós mesmos. E hoje eu sei que foi justamente isso o que aconteceu com Isabella, foi este o efeito que a morte de Mãe Gorete teve sobre ela, desesperando-a e deslocando-a de seu eixo, e devido a isso ela voltou a agir seguindo seus instintos.

O Casarão Violeta não abriu suas portas naquela noite, e Madame Valquíria fez questão que Cláudio e eu estendêssemos um pano preto na varanda em demonstração de luto, e devido a isso todos foram para a cama mais cedo.

Deveria ser por volta de meia-noite e meia quando eu tive uma nova surpresa. Eu já estava deitado na cama, tentando pegar no sono, ainda incomodado pela imagem de Mãe Gorete morta no bosque, e do jeito como o homem negro apareceu e a envolveu com um braço, desaparecendo em seguida. Mas antes que eu continue a contar o que aconteceu naquela noite, gostaria de dar minha opinião sobre este homem negro.

Hoje, após conhecer todo tipo de coisas sobrenaturais, e após estudar um pouco sobre diferenciadas culturas, vejo alguma relação entre este tal homem negro, com porte de guerreiro, com os exus das religiões africanas, uma entidade mensageira, nem boa e nem má. Acredito também que era mesmo o fantasma de Mãe Gorete, me procurando momentos depois de sua morte para me dizer algo, mas não conseguindo, e essa entidade veio ajudá-la, quem sabe guiá-la para outros planos acessíveis após deixarmos o corpo. Enfim, não posso afirmar nada de concreto, e é nesses momentos que percebo que criaturas como eu, por mais fascinantes que possam ser, ainda são criaturas presas à terra, como qualquer outra, e o verdadeiro sobrenatural continua um mistério para nós. Talvez eu nunca saiba o

que aconteceu de verdade. Mas de todo modo nós não precisamos nos aprofundar muito nesta questão, pois o que quer que a entidade fosse, não faz muita diferença nesta história. Por isso já adianto que eu costumo ver fantasmas, espíritos e todo tipo de entidades, mas eles nunca foram de grande importância para mim, nunca me guiaram ou trouxeram revelações sobre o nosso destino após a morte, nem sobre a existência de Deus ou do diabo. Os fantasmas do Casarão Violeta podem ser um assunto interessante, podem ter me fascinado na época, e até me assustado, mas estas almas errantes estão totalmente ligadas à história do Casarão, assim como os belos móveis antigos que enfeitam seus cômodos, e somente por meio desta ligação é que eles de algum modo acabam tornando-se personagens bastante presentes neste livro.

Voltando àquela noite, como eu disse, eu estava abalado, rolando na cama de um lado para o outro. Eu precisava saber o que acontecera à Mãe Gorete, eu tinha que ir até a velha casa dela e investigar, pois, independente se tivesse sido eu ou Flávio, alguma providencia deveria ser tomada. Então decidi que esperaria mais alguns dias antes até ir lá, pois a mata estava cheia de caçadores e policiais, todos procurando rastros do violento animal, e eu não queria correr o risco de topar com nenhum deles. Era quase certo que o meu delicado alto-controle iria para as cucuias se eles comesçassem a me caçar. E foi naquele momento, enquanto eu era atormentado em pensamentos, que bateram em minha porta.

Vesti um short e fui recepcionar a visita. Eu sabia quem era antes mesmo de abrir, conhecia o perfume e o modo como a visita respirava, mas mesmo assim foi uma surpresa ver o rosto de Isabella banhado pela lua crescente. Ela usava o mesmo roupão da outra vez, estava com os cabelos castanhos soltos, e tinha a mesma expressão aflita de antes, mas um pouco mais desesperada.

— Isabella, o que foi? — perguntei, fechando a porta assim que ela entrou, enquanto meu coração começava a bater cada vez mais forte.

Ela não respondeu, ficou andando de um lado para outro do quarto, fechando as cortinas e olhando para o teto, como se contasse as pequenas teias de aranha, e então se sentou na cama, olhou para mim, e começou a chorar.

Corri até ela e enlacei seus ombros.

— Meu amor, o que foi? — perguntei novamente.

— Eu não aguento mais, Natã... — Isabella respondeu, a voz engasgada pelos soluços, e eu a puxei para mim, apertando seu corpo, beijando-lhe as lágrimas.

— O que aconteceu, Isabella?

— Eu não consigo mais ser fria como antes... eu... eu amo você Natãniel, eu desejo você a todo momento, eu busquei me afastar, mas não consigo... Eu nunca me senti assim antes, não consigo me concentrar... Natã... Tudo parece que perdeu o sentido.

Ao ouvi-la dizer que me amava, fui dominado por uma felicidade tão grande que quase não coube dentro de mim, e permaneci apertando-a e beijando seu rosto mais e mais.

— E isso é tão absurdo — continuou ela, enlaçando minha nuca, esfregando o rosto na minha barba por fazer. — Isso é absurdo, é estúpido, não existe futuro para nós juntos. Fora do Casarão não somos nada, Natã.

— Nós vamos pensar em algo, meu amor, vamos dar um jeito.

— Como?

— Não sei ainda, mas nós ficaremos juntos...

Ela enfiou a língua em minha boca, e eu invadi seu roupão com as mãos, senti a carne nua e lisa dela sobre o tecido, as curvas perfeitas da cintura e do quadril. Isabella gemeu junto comigo, se levantando e livrando-se do roupão, me empurrando em direção à parede.

— Eu quero ser sua, somente sua — gemeu ela, mordendo com força meu ombro, apertando minhas mãos contra seus seios. — Sim, eu quero só você, Natâniel, somente as suas mãos tocando o meu corpo, não quero outras, não sinto nada pelas outras mãos.

Belisquei seus bicos enquanto a puxava para mais um beijo voraz, sendo dominado pela incrível capacidade que Isabella tinha de me tirar da Terra, de limpar minha mente, de afastar meus temores com o movimento de sua língua na minha. O que eu poderia querer mais no mundo do que ela? Nunca alguém me arrebatara tão forte como Isabella.

— Ah, meu amor, seria tão mais fácil em outra vida... — ela continuou dizendo, tremendo enquanto eu deslizava minhas mãos ásperas por sua pele macia e quente. Seu sexo encostado a minha coxa me causava tremores maiores que os dela, mas foi Isabella que encontrou o meu primeiro, descendo a mão para dentro de meu short, agarrando meu membro com força, como que para se certificar de sua rigidez.

— Você me enlouquece, minha amada — sussurrei, puxando com os dedos a parte detrás de seu lindo cabelo.

Ela mordeu meu queixo, depois desceu a língua pelo meu corpo, do pomo de adão aos músculos do abdômen, abaixando meu short e abocanhando meu pênis, e eu gemi alto, me agarrando as cortinas, deixando que ela trabalhasse livremente com a boca, e quando não consegui mais me conter, levantei-a e a levei para a cama. Deitei minha amada no colchão e ela abriu as pernas, me puxando para si.

— Venha, meu amor! Venha, Natã! — ela implorou, as faces rubras, e eu empurrei para dentro dela, invadindo-a, adorando o jeito como ela gemia, extasiada, quase gritando enquanto eu a possuía, pedindo que eu fosse mais forte e mais rápido à cada estocada.

E eu não demorei para jorrar dentro dela, mas meu desejo era tanto, meu amor por Isabella era tanto, somado a minha disposição de lobisomem, que mudei seu corpo de posição e a penetrei novamente, até que ela própria chegou ao orgasmo. Descansamos pouco antes de mais uma rodada, dessa vez no chuveiro, e quanto enfim terminamos, afogados de amor, saímos do banheiro e ficamos um bom tempo deitados na cama, num abraço tão perfeito que mais parecíamos um corpo só.

— Eu preciso ir agora — disse ela depois. — Não posso dar bandeira.

Eu me levantei junto com ela, e quando Isabella vestiu novamente o roupão, eu a abracei por trás, cheirando seu cabelo e dizendo em seu ouvido:

— Nós vamos dar um jeito, meu amor, vamos ter paciência. Eu sou seu, Isabella, e você é minha, independente do que você faça nas noites do Casarão, você é minha. Seu amor me pertence, e isso é muito forte. Minha mãe dizia que o amor verdadeiro pode mudar qualquer coisa.

— E você acredita realmente nisso, Natã?

— Depois que conheci você, sim.

Muitas mudanças ocorreram depois daquela noite. Isabella começou a me visitar escondida quase todas as madrugadas, mas sempre voltando para o próprio quarto antes que o sol raiasse. Sabíamos que era um risco grande, a preocupação de sermos vistos estava sempre presente, ainda mais depois que uma revelação bombástica caiu sobre o Casarão Violeta. Eu cheguei ao salão quando a discussão já acontecia, pela manhã, antes mesmo de eu tomar meu café. Isabella e Franciele discutiam, enquanto Angélica estava encolhida numa cadeira, chorando.

— O que você ganha com essa confusão, Fran? No que isso te dá prazer? — gritava Isabella, sendo segurada por Joana e Letícia. — Isso não era da sua conta!

— Quem disse que não? — retrucou Franciele, o nariz empinado. — Isso é da conta do Casarão inteiro, Isabella. Todas nós estamos sobre as mesmas leis, temos os mesmos deveres, e nossa amiga Angélica aqui estava indo contra o nosso sistema.

— Não tente justificar sua crueldade com esse argumento, pois todos aqui sabem que você não vale nada, Franciele! Todos sabem que você é uma cobra! Acha o quê, que com esse ar superior, com essa pose toda, você é melhor ou mais respeitável? Sua mal-amada, infeliz, você é só mais uma quenga da vida, como qualquer outra aqui, e mais nada!

— Olhe os seus modos, Isabella, se acalme — ordenou Madame Valquíria, tentando controlar a discussão.

— Valquíria, será que não percebe o inferno que essa desgraçada sempre faz? — disse Isabella.

Eu nunca a tinha visto com tanta raiva, e eu sabia que, se deixassem, ela provavelmente cairia às tapas sobre aquela pose toda de Franciele.

— Quem está criando confusão aqui é você, Isabella! Já disse para se acalmar — Valquíria ordenou mais uma vez, ficando entre as duas. — O fato é que Franciele está certa; Angélica foi contra as regras do Casarão Violeta.

Então Angélica se levantou para o meio da confusão, as lágrimas escorrendo pelas bochechas salientes de boneca.

— Eu não *escolhi* o amor, será que não entendem? A gente não *escolhe* o amor, ele acontece — ela se defendeu, chorando de dar pena. — E eu não vou tirar essa criança! Eu não vou! Não vou! — Abraçou a própria barriga, e no mesmo instante entrou correndo Cláudio, que enlaçou Angélica e olhou todos com desafio.

— Ela não vai tirar o nosso filho, eu não vou deixar.

Cláudio tinha a voz firme, claramente determinada, enquanto seu velho pai permanecia em silêncio, perto da porta, balançando a cabeça, descontente. Madame Valquíria ficou sem fala por alguns segundos, estava aflita, com aquela expressão de um líder que precisa tomar uma decisão difícil para o bem de todos, mesmo que tal decisão lhe despedaçasse o coração.

— Ninguém aqui vai impedir essa criança de nascer, ou de vocês tomarem qualquer uma decisão do tipo, — Madame Valquíria voltou a falar — mas sendo assim, esta criança não nasce sob este teto.

Ninguém pareceu realmente surpreso com aquelas palavras, mas mesmo assim consegui captar suspiros de assombro em alguns, principalmente vindo das pequenas cozinheiras Ana e Dolores.

— Não se preocupe, Madame, nosso filho não nascerá neste lugar — disse Cláudio, ainda mais desafiador.

— Cláudio, não fale assim comigo, não me ponha como uma carrasca — Valquíria falou, o tom de voz calmo, mas mais imperioso que o desafio do outro. — Você sabia das regras desde quando chegou aqui, ainda menino, todos aqui sabem. Se eu começar a fazer exceções, logo o Casarão Violeta estará cheio de crianças e casais, e qualquer um aqui, por menos inteligente que seja, sabe que isso não daria certo. Todos vocês são livres para ir ou ficar, mas se forem ficar tem que ser sob as minhas ordens. Eu posso entender quando Angélica me diz que o amor aconteceu, que não foi procurado, a vida é assim, esses sentimentos afloram do nada, mas isso não justifica, não muda a gravidade do problema. Se Angélica quiser ficar terá que desistir da cria que carrega, sendo tirando a criança ou esperando ela nascer para dar para outra pessoa criar, mas você Cláudio, você não. Independentemente do que Angélica escolher, você não é mais bem vindo nesta casa. E claro que isso não serve para o seu pai — ela olhou para Cícero com

respeito. — Seu pai é um dos homens mais honrados e confiáveis que já conheci, e seria uma tristeza não o ter mais por perto.

— Eu não vou tirar o meu bebê, e eu quero o meu bebê pra mim — respondeu Angélica, tão firme quanto seu amante. — Eu vou embora com Cláudio.

Isabella começou a chorar ao ouvir a amiga, e se soltou das mãos que a seguravam para ir até ela.

— Mas vocês vão para onde? Pelo amor de Deus, Angélica! Vocês não têm para onde ir, isso é loucura!

Angélica não respondeu, somente a abraçou e chorou junto com ela.

Madame Valquíria acendeu um cigarro e o segurou no alto, entre os dedos.

— Então estamos decididos, vocês têm até o fim da semana para partirem — disse, o rosto totalmente desprovido de emoção, subindo para o segundo andar em seguida, soltando suas baforadas de cigarro.

As meninas começaram a se retirar da sala, a maioria levando Franciele para longe de Isabella, enquanto esta permanecia ao lado da amiga e de Cláudio. Ana e Dolores voltaram para a cozinha, cochichando uma com a outra. Seu Cícero também saiu do salão, sem dizer palavra. Eu tentei encontrar com o olhar de Cláudio, mas ele não me deu atenção, e eu não consegui me aproximar dele naquele dia. E sem entender meus próprios motivos subi atrás de Madame Valquíria, somente para vê-la entrando em seu quarto e fechando a porta, mas eu não precisei entrar no cômodo para ouvir que ela começara a chorar também, e mesmo hoje eu nunca ouvi alguém chorar tão baixo quanto ela naquele dia.

Aproveitando que estava ali, rumei para o único lugar do Casarão Violeta que eu ainda não havia me aproximado, no fim do corredor, depois de todos os quartos, subindo por uma estreita escadinha até o sótão. Meu coração estava acelerado, minha mente em pânico. Poderiam ser Isabella e eu, ao invés de Cláudio e Angélica. Eu precisava de uma saída para aquela situação. Pois se fosse o caso, com certeza Isabella não sairia comigo do Casarão, ela não teria a mesma força que Angélica, ou a mesma estupidez. Coragem ou estupidez? Bem, até hoje não tenho resposta para esta questão. O importante é que eu precisava dar um rumo novo a minha vida, um rumo seguro suficiente para incluir minha amada, eu precisava traçar planos.

Entrei no sótão, um lugar de teto baixo, até bem iluminado devido às seis pequenas janelas de vidro, cheio de baús e móveis antigos cobertos com lençóis empoeirados. Eu não toquei em nada, pois não sabia nem se tinha permissão para entrar ali. Fiquei somente me olhando num grande espelho circular, semicoberto. Lá estava o meu reflexo me encarando, um homem de quase dois metros de altura, forte e de boa aparência, mas que não tinha nada, absolutamente nada. Eu precisava mudar aquilo, eu precisava dar um rumo à minha vida. E foi então que

me lembrei de Flávio, o lobisomem em paletó de corte fino, o lobisomem civilizado que dirigia um carro bastante caro para a época, e mais uma vez me arrependi amargamente de não ter ido encontrá-lo. Quem sabe ele pudesse me dar uma luz, me ensinado como eu poderia fazer parte do mundo, me dar bem nele, mesmo carregando aquela maldição. E eu me lembrei de que a lua cheia estava se aproximando, faltavam poucos dias para sua chegada amedrontadora, e senti um medo enorme naquele momento, pois a incógnita do responsável pela morte de Mãe Gorete voltava a me perturbar.

Subitamente, no canto superior do espelho, pensei ter visto o reflexo de outra pessoa, uma mulher de vestido azul atrás de mim. No mesmo instante me virei, mas não vi nada lá. Eu me lembrei da história sobre o fantasma de Maria Évelim instantaneamente, e eu desejei do fundo do coração que ela aparecesse para mim, como havia aparecido para outros, e que quem sabe, com sua bondade, ela me desse conselhos, me transmitisse conhecimentos do mundo além. Eu orei mentalmente para ela do mesmo modo que minha mãe orava para os santos da igreja, mas assim como os santos, Maria Évelim não respondeu de volta.

Durante a semana, Cláudio permaneceu fora do Casarão, alguns diziam que ele estava procurando emprego em Santa Sofia, mas eu não tive coragem de perguntar a Cícero, que parecia ter se fechado ainda mais. Angélica temeu que seu amado tivesse ido embora para não mais voltar, mesmo que Isabella e as outras meninas a acalmasse com relação a isso. E na sexta-feira daquela semana, faltando dois dias para a lua cheia, o casal se despediu de todos e foi embora (Geraldo levou os dois na caminhonete até Santa Sofia). Somente Madame Valquíria e Franciele não estiveram presentes. A despedida foi chorosa, e até eu me emocionei. Isabella era a mais triste do grupo, e com certeza procuraria refúgio em meus braços quando a noite reinasse. Ela discutiu mais uma vez com Franciele mais tarde, eu não presenciei, mas Dolores me contou que Isabella tinha esbofeteado a outra no rosto. Aquele dia foi a única vez que vi a carranca emburrada de seu Cícero mudar de expressão, chorando copiosamente quando o filho foi embora, foi de cortar o coração. E desde então eu nunca mais vi Cláudio, nem Angélica. Rumores posteriores deram conta que cinco anos depois eles estavam morando em Goiânia, mas não posso dar mais detalhes. Só posso imaginar, e espero não estar muito longe da verdade, que eles foram felizes, e quem sabe ainda são.

De todo modo, deixe-me dar continuidade a minha história.

Era noite mais uma vez, após Isabella voltar para seu próprio quarto, eu tive mais um dos meus sonhos estranhos. Eu não participava deste, era como assistir a um filme, onde minha presença não tinha a menor importância. Dois lobisomens correndo na mata, duas feras enormes, uma perseguição, e a fera que fugia me

parecia mais rápida e esperta que a outra, tomando caminhos imprevisíveis que confundiam seu perseguidor. Eu sabia quem eram esses lobisomens, e meus sentimentos para com eles eram bastantes definidos, mas todas essas informações se perderam quando eu acordei. E quando abri meus olhos, senti as pequenas dores da quase transformação, meu coração acelerado, as minhas unhas escuras muito maiores que o normal voltando para dentro dos dedos, diminuindo assim como meus dentes caninos, e agradei o fato de Isabella não poder dormir ao meu lado.

Saí da cama, vesti meu costumeiro short noturno só para pendurá-lo num galho do bosque depois, na mesma árvore perto de onde eu vira o fantasma de Mãe Gorete, e por isso me demorei alguns segundos naquele lugar, esperando que algo parecido acontecesse, mas nada aconteceu. A única coisa que eu sentia com intensidade era a luz da lua sobre a minha pele. Ela só estaria realmente cheia na noite seguinte, mas já liberava bastante força sobre todas as coisas, e em minha percepção. O último sonho havia me perturbado, mesmo que eu não o compreendesse, e as inevitáveis perguntas vinham me atormentar. E se Isabella tivesse estado ao meu lado enquanto eu sonhava e quase me transformava? E se eu não estivesse tão no controle quanto eu acreditava? Será que eu deveria fugir para muito mais longe do Casarão na próxima noite, quando o poder lunar me afetasse? E que tipo de vida eu poderia dar a minha amada Isabella daquele jeito?

É claro que você quer protegê-la, vejo isso em seus olhos, no modo como você olha para ela — disse-me Mãe Gorete daquela vez, quando eu estava diante do altar de sua casa. — Nas linhas da sua mão eu vi o amor nascendo. Mas e o outro você? Aquele que eu ainda não sei o que é, mas que eu posso ver dentro dos seus olhos, essa força escura, esse outro também quer protegê-la? Eu acho que não.

Ah, como aquilo me atormentava, e eu chorei, chorei como uma criança, e quando não suportei mais comecei a correr para longe do casarão, deixando minha forma de homem para trás. Minhas patas enormes tremiam a terra enquanto eu corria, sentindo a leve anestesia que a ligação com a natureza proporcionava, mas nem esta ligação estava surtindo grande efeito naquela noite. Minha mente humana ainda estava presente, eu precisava dela para manter o lobisomem domado, mas era justamente essa mente humana que atormentava todo o resto, com suas perguntas e culpa. Eu precisava ocupar minha mente com outra coisa que não fosse Isabella, e então decidi correr os riscos e tentar descobrir respostas para outras perguntas. Rumei em direção à velha casa de Mãe Gorete.

Por sorte não encontrei ninguém no caminho, ou poderia ser que naquela noite nenhum caçador estivesse presente (procurando o animal que atacou a velha, lembra-se?), não sei dizer, mas quando entrei numa pequena plantação de milho no quintal da velha, senti uma sensação tão estranha que fiquei tonto. O lugar era hostil a mim, hostil ao lobisomem, e eu quase podia imaginar uma voz saindo do

próprio terreno, me dizendo para ir embora, que a fera em mim não era bem-vinda. Era uma sensação ruim, mas suportável, e de todo modo eu resolvi voltar a minha forma humana antes de sair do milharal.

A noite estava quente, mas vez ou outra uma brisa gelada acariciava meu corpo, enquanto a luz jogava seu brilho azulado sobre a macabra silhueta da casa à minha frente. Lá estava o telhado de telhas de barro e as paredes inclinadas naquele ângulo bizarro, a escuridão atrás das janelas e da porta entreaberta, como que ocultando presenças que eu apenas podia sentir. Sim, haviam presenças muito fortes naquele lugar, fantasmas e outras coisas parecidas, e essas presenças me observavam, escondidas. Eu podia ouvir pequenos sons, dos nítidos sons da natureza aos sussurros dos observadores ocultos. Era uma atmosfera bastante intimidante, que apavoraria e afastaria com facilidade qualquer um, mas eu não voltei atrás, mesmo incomodado e apreensivo, esperando que a qualquer momento uma forma translúcida, ou algo pior, surgisse para me assustar de repente.

Aproximei-me da porta da frente e senti um cheiro curioso. Cheiro de lobisomem, tão claro para mim quanto à luz da lua. Outro da minha espécie havia passado por ali, e não fazia muito tempo, provavelmente naquele mesmo dia. Fiquei mais cauteloso, pois o outro poderia estar por perto. Empurrei a porta evitando fazer barulho, pronto para encarar a estátua de madeira horrorosa que eu vira na visita anterior, mas só encontrei parte dela, pois a cabeça da imagem tinha sido arrancada. Por algum motivo o lobisomem assassino tinha atacado a estatua com os dentes, decepando-a e lhe derrubando no chão? Lá dentro o cheiro estava mais forte, e eu notei arranhões no piso, assim como nas paredes. Tinha acontecido uma luta; a cozinha estava desarrumada, a mesa virada e muitas panelas e pratos espalhados por toda parte.

Uma janela rangeu chamando minha atenção, o vento fez um assovio estranho no telhado, e por algumas vezes pensei ter ouvido meu nome pronunciado nas sombras da casa. Consegue imaginar o clima de suspense que envolvia todo aquele cenário? Já visitou uma casa velha e abandonada antes? Essas casas costumam passar esse tipo de sensação, cheia de rangidos na madeira e de sons fantasmagóricos.

Cheguei ao corredor, o lugar mais escuro da casa, e somente o último cômodo estava levemente iluminado pelo luar, o cômodo onde ficava o altar, e antes de seguir por ele investiguei os outros, mas nada de importante encontrei, e quando voltei para o corredor jurei ter ouvido alguém pronunciar meu nome mais uma vez. Andei até o fim do corredor e entrei no outro aposento, e encontrei o altar intacto, as velas estavam apagadas e até alguns restos de oferendas em pratos de barro ainda estavam lá, apodrecendo. A grande janela estava escancarada, e eu podia ver boa parte do quintal por ela, mas eu busquei desviar os olhos dela. A luz noturna

criava sombras curiosas nos rostos das imagens dos santos, dando a ilusão que eles se mexiam. São Jorge me encarava desconfiado, e Iemanjá parecia me analisar, mas não dei muita atenção, pois o cheiro de sangue foi mais forte, cheiro de sangue no chão, e eu podia notar as manchas de sangue seco mesmo na escuridão. Sangue na parede oposta ao altar, respingado nos santos. Fora ali que Mãe Gorete tinha sido atacada, e lá o cheiro da fera responsável impregnara com mais força também. Um cheiro conhecido. Eu não sabia identificar, mas era conhecido, e pelo menos eu tinha a certeza de que não era o meu próprio cheiro.

Meu Deus! Será que havia sido Flávio?

E enquanto eu farejava o lugar, buscando qualquer detalhe relevante para montar aquele quebra-cabeça, uma rajada de vento desceu sobre a casa fazendo com que as janelas batessem descontroladas. Fiquei de prontidão, prestando atenção nos sons, ouvindo o uivo do vento, os sinos de ossos e cristais tilintarem, criando uma música sombria, acompanhada por vozes muito baixas. Sim, vozes! Eram vozes cantando baixinho! Mas de repente tudo ficou silencioso novamente, um silêncio tão profundo que intimidava mais que a barulheira anterior, e no meio dele eu ouvi uma respiração ritmada vinda do corredor, e passos, sons de algo duro batendo no piso de madeira, se aproximando. Me afastei do portal do quarto, olhando fixo para o corredor escuro, pronto para me defender do que quer que fosse, meu coração batendo e a fera dentro de mim rosnando com mais força à cada passo do desconhecido.

Foi impossível não deixar escapar um som de espanto com o que vi entrando no quarto, e eu confesso ter sentido um medo súbito. Era o mesmo homem negro que eu vira das outras vezes, a mesma entidade, mas ele estava diferente, mais velho, encurvado, o saiote vermelhe sujo de terra estava preso à cintura por uma corda desgastada, que também prendia um pequeno punhal, e nos ombros uma longa capa de pano preto e sujo de terra. Seus braços eram demasiado magros, praticamente pele esticada sobre ossos, e em sua mão esquerda estava uma foice curva, de cabo curto. Dei um passo para trás, encarando o rosto enrugado, sério, com olhos ameaçadores profundos e escuros. Rosnei para a coisa, quando esta ergueu a mão direita na minha direção, e impelido pelo instinto selvagem, saltei sobre ele, pronto para deixar que o meu lobisomem tomasse conta. Mas então a mão cadavérica me agarrou pelo pescoço, fria como o gelo, e no mesmo instante eu vi o rosto da coisa se transformar numa caveira horrorosa, com olhos que brilhavam como fogo. Gritei de medo e raiva; raiva por não conseguir me soltar, mesmo com toda a minha força, e medo por estar perdendo os movimentos. A caveira medonha abriu a boca, aproximando-a de meu rosto, e logo em seguida eu fui dominado por visões.

Vi a porta de entrada da casa sendo escancarada com violência. Vi velas sendo acesas e a boca de Mãe Gorete pronunciando preces rápidas, os rostos dos santos iluminados pela luz das chamas. A fera que escancarara a porta não conseguia entrar, rugia furiosa, impelida por alguma força invisível, e a estátua de madeira... a estátua de madeira estava se mexendo? O lobisomem forçou todos os músculos do corpo para frente e entrou na casa, enquanto uma ventania se formava, batendo as janelas e portas dos armários da cozinha. O lobisomem rosnou orgulhoso, agarrou a estátua e lhe destruiu o pescoço, a cabeça de madeira caindo e rolando pelo chão... Mãe Gorete segurando o crânio de um bode e continuando suas orações, batendo os pés no chão, ritmadamente. O homem negro apareceu na janela e estendeu a mão para a velha. A fera entrou no quarto e derrubou Mãe Gorete, que caiu com o rosto no chão, enquanto o lobisomem começava a lhe despedaçar... Mãe Gorete morta... A fera se afasta do corpo, mastigando um grande pedaço de carne e sai da casa, voltando à forma humana. Eu via os pelos desaparecendo, dando lugar a pele humana, mas então a visão foi interrompida por uma voz feminina perto de mim.

Eu me levantei num sobressalto, pois eu estivera deitado sobre o sangue seco no chão, ainda confuso com as visões mostradas pela entidade, e vi uma mulher desconhecida à minha frente.

— Aqui não me parece um lugar muito confortável para se tirar um cochilo, lobinho — disse-me ela, sorrindo discretamente com sua boca pequena e de lábios finos, pintados de cor-de-rosa. Era uma mulher de proporções delicadas, magra e de ombros levemente encurvados. Tinha cabelos longos até o meio das costas, negros, de um liso muito escorrido, brilhoso, e um rosto fino e delicado de oriental, por trás de pequenos óculos escuros de lentes arredondadas (mesmo naquela escuridão toda). Usava roupas num estilo meio década de setenta, com uma blusa vinho escuro e calça boca de sino preta, com detalhes em estilo barroco bordados na barra, elegantes botas de bico fino feitas de couro, e sobre os ombros uma bonita capa feita de renda preta, como um véu de viúva. Era uma figura interessante, e eu a observei atentamente, mesmo quando saltei para me distanciar dela, feito um cachorro raivoso pego de surpresa. O que uma mulher como aquela fazia naquele lugar? Não era uma mulher realmente bonita, mas tinha algo de atraente nos traços de seu rosto redondo (que eu poderia comparar hoje com os da jovem Yoko Ono). E era uma mulher estranha. Sim, eu começava a perceber. Aquela mulher tinha uma pele muito branca, que refletia suavemente o brilho da noite, e seu cheiro era diferente de qualquer um que eu já tivesse sentido; não tinha o cheiro comum dos humanos, nem o cheiro forte e atrativo como o de Flávio, o cheiro dela era muito suave e... bem, é impossível de descrever (pelo menos por mim), mas é um cheiro que se tornaria inconfundível para o meu olfato, a marca

que denunciava a sua espécie. Ela também saltou para trás, esperando que eu a atacasse, e foi um salto estranho, pousando com toda uma leveza sobrenatural sobre o batente da janela, deixando os óculos escuros caindo e revelando olhos azuis glaciais, tão chamativos quanto os meus que no momento ganhavam aquela cor amarela assustadora.

— Quem é você? — indaguei, rosnando.

— Se acalma aí, bicho! Paz e amor, ok? Eu não estou aqui para brigar com você, mas se você soltar o cachorrão sobre mim, acredite, vai ser muito difícil manter a diplomacia — sua voz era calma, bastante feminina, com um sotaque gringo, e com uma leve agressividade, disfarçada por um rápido sorriso, onde eu pude vislumbrar um par de pequenas presas afiadas.

— Quem é você? — perguntei mais uma vez, sendo agredido pela tremedeira de raiva, pois algo nos olhos daquela estranha me transmitia tamanha ameaça que eu sabia que não poderia deter a minha fera por muito tempo. E a moça nem teve tempo de responder, já que quando me dei por mim já começava a me transformar, e avancei furioso em sua direção.

A mulher escapou pela janela, num estranho salto de lado, rodopiando e pousando no jardim daquele mesmo modo suave de antes, os olhos azuis faiscando como gelo sob o luar. Pulei para o quintal atrás dela, de qualquer jeito, quebrando um pedaço de madeira da janela e arrancando parte do gramado quando as minhas patas enormes se chocaram contra a terra.

— Para trás, bicho! Eu não vou deixar de me defender só porque você não sabe domesticar seu próprio instinto — ela avisou, os joelhos flexionados em modo de defesa, andando para trás. Eu pensei em dizer algo, que não confiava nela, que algo nela me causava aquela agressividade toda, mas eu sabia que minha voz sairia estranha demais naquela forma (Sim, os lobisomens não costumam falar quando transformados, já que nossas cordas vocais também se modificam, deixando o som mais grave e praticamente ininteligível).

— Para trás — continuou. — Ah, é por isso que odeio esses cachorrões...

Avancei na direção dela mais uma vez, mas ela saltou sobre mim, indo parar no telhado da velha casa, e em seguida eu já me voltava para ela novamente, quando fui empurrado para o lado por uma outra força que me atingiu de repente. Rolei no chão, surpreso, e quando me ergui nas quatro patas novamente, me deparei com outro lobisomem. Era praticamente do tamanho e musculatura da fera que eu me transformava, só que, fazendo mais comparações, enquanto eu tinha pelos negros, este lobisomem tinha pelos castanhos escuros, e um belo tom esverdeado no amarelo dos olhos. Eu rosnei para ele, e ele rosnou de volta, exibindo os dentes enormes, e ficando de pé, e de algum modo eu conseguia entender os gestos e ganidos dele. Ele estava me mandando se acalmar, numa

autoridade confiante e desafiadora, e isso me impediu de atacar, não por medo dele, mas por um súbito respeito, pois era isso que aquele outro lobisomem me transmitia, respeito e imponência.

Farejei o cheiro que vinha dele, ainda de longe, e antes mesmo que o lobisomem voltasse à forma humana eu já sabia que se tratava de Flávio, pois o cheiro era o mesmo que eu sentira no bosque daquela vez. Eu consegui me acalmar, mesmo com a presença da mulher desconhecida sobre o telhado, e deixei que ele se aproximasse de mim. Eu olhava Flávio com admiração, ele tinha algo de líder, como o macho alfa de uma alcateia, quase tão forte e tão alto quanto eu, um corpo atlético como todos da nossa espécie, com aquela barba bem aparada que dava ainda mais autoridade máscula ao seu belo rosto.

— Não se preocupe, Natâniel, ela não é sua inimiga — disse Flávio, apontando para a mulher. — Nicolle está aqui para ajudar.

A mulher concordou com um movimento de cabeça, pulando para o quintal em seguida, mas ainda mantendo distância.

— O que ela é? Eu sei que ela não é normal — afirmei, a raiva querendo voltar, mas Flávio pousou sua mão sobre meu ombro, e de algum modo esse gesto me ajudou a manter a calma.

— Ela é uma imortal.

— Imortal? Como assim, imortal?

A mulher respondeu de onde estava:

— Meu nome é Nicolle, e eu sou uma vampira.

— Vampira? — repeti, sorrindo, ainda confuso. Para mim, vampiros eram aqueles seres cômicos que poucas vezes eu presenciara em velhos televisores que nunca foram meus, figuras de capa preta e dentes de plástico, com excesso de pó de arroz no rosto, tão patéticos e infantis quanto as criaturas fantásticas da antiga série para a TV do Sítio do Pica-pau Amarelo.

— Por que o sorriso irônico, Natâniel, — disse outra voz, carregada do belo sotaque francês, a voz de David Grenier, que agora surgia, vestindo um elegante paletó caqui e calça jeans, saindo detrás da casa — se homens como você e meu amigo Flávio podem existir, por que não vampiros?

Não respondi, e fiquei observando o estranho grupo à minha frente, o homem nu de olhos verdes e presença tão confiável, que há poucos instantes eu vira sobre a forma de fera, e o senhor elegante que sorria para mim jovialmente, os olhos muito azuis, apoiado na bengala com cabo de prata, e avaliei, por fim, me demorando um pouco mais, na jovem mulher de pele pálida, olhos de gelo e de cheiro tão peculiar; uma vampira. E em um lapso de imaginação visualizei aquela jovem abraçando um mortal inocente e sugando-lhe todo o sangue num beijo fatal. Um vampiro na minha frente, um vampiro de verdade. Oh, admirável e assombroso mundo da

noite! Em seguida, enquanto observava aquela jovem, senti um desconcerto tolo por Flávio e eu estarmos nus, tão naturalmente, na frente dela.

— Nicolle não é tão jovem quanto aparenta, Natâniel — disse David, sorrindo, e então eu já tinha percebido que ele havia lido meus pensamentos, e isso me incomodou. — Ela é mais velha que todos nós, e não se preocupe com a nudez; Nicolle não se importa nem um pouco com estes detalhes.

A vampira sorriu, descontraída, voltando a pôr os óculos escuros.

— Oitenta e nove anos, para ser mais exata — ela acrescentou. — E não é problema algum olhar para corpos tão interessantes, muito pelo contrário.

Eu sorri de volta, mas por pouco tempo, pois ainda não confiava nela nem um pouco, assim como não confiava totalmente em Flávio, mesmo que este me passasse total tranquilidade.

— O que vocês estão fazendo neste lugar? — perguntei. — Aconteceu um assassinato aqui, eu conhecia a vítima, e espero que vocês não estejam envolvidos nesta barbaridade, principalmente você, Flávio, pois eu sei que foi um lobisomem que matou a velha.

— E foi mesmo um lobisomem, mas não fui eu. Se você tivesse ido ao meu encontro naquela noite, Natâniel, já saberia o motivo que nos trouxe para as redondezas do Casarão Violeta.

— Peço desculpas, eu tive...

— Imprevistos. Eu sei, percebi o que acontecia em seu quarto naquela noite — ele respondeu, muito sério, enquanto David abafava um sorriso.

Eu voltei a perguntar, sem me importar com o que eles achavam daquilo.

— Mas você poderia ter aparecido na noite seguinte. Eu o procurei no bosque, Flávio, eu fiquei esperando que você voltasse a me procurar...

— Eu tive assuntos urgentes para resolver, e na verdade ainda estou bastante ocupado, e pelos mesmos motivos.

— Quais motivos, Flávio? O que você queria conversar comigo?

— Queremos lhe oferecer ajuda, Natâniel — e foi David Grenier quem respondeu, também se aproximando, com toda a sua nata simpatia. — Inicialmente não fomos ao Casarão Violeta por sua causa, nem imaginávamos que um lobisomem morasse por aqui, e só agora entendo o motivo de meus dons ficarem tão confusos.

— Dons? O senhor é um de nós também?

— Não, eu sou um simples humano, ou melhor, não tão simples assim. A única diferença é que sou um telepata, e acho que você já percebeu isso. *Eu consigo ler as mentes alheias, até mesmo a sua, quando não está transformado, e posso também fazer com que meus pensamentos ecoem diretamente dentro de sua cabeça* — e esta última frase ele disse sem mexer os lábios, comprovando assim o

que afirmava. — Posso também mover pequenos objetos com a mente, mas isto é muito cansativo e insignificante, e eu prefiro evitar. Entrementes, o meu dom mais útil é rastrear a mente de indivíduos, mesmo há longas distâncias, e este dom foi o que nos trouxe até o Casarão.

— E quem o senhor estava rastreando?

Era muito fascinante conhecer pessoas tão ímpares, mas o fato daquele senhor poder invadir meus pensamentos não me agradava em nada.

— Posso ensiná-lo a esconder os pensamentos se você preferir, Natâniel, de um modo que atrapalhe a minha leitura — respondeu David, apontando para a própria cabeça. — Mas, continuando o que eu dizia: Estávamos atrás de um lobisomem, mas vocês são muito complicados de rastrear, principalmente quando mudam de forma, e a única certeza que eu tinha era que a criatura que procurávamos veio para as redondezas de Santa Sofia das Lamentações, e quando chegamos à cidadezinha, buscamos por toda a região, mas o único licantropo que inicialmente encontramos foi você, e não era você quem procurávamos.

— Licantropo... — repeti, sussurrando. Era a primeira vez que escutava aquela palavra, e a achei bonita.

— Eu li parte do que você pensava naquela noite, enquanto Flávio e eu tomamos um drinque no Casarão. Perdoe-me, mas meus dons são mais fortes que a minha educação, e eu não pude deixar de absorver suas dúvidas e dores, meu amigo. E foi por isso que Flávio o chamou para conversarem no bosque; queríamos lhe oferecer ajuda.

— Que tipo de ajuda?

— Conhecimento e uma segunda opção de vida, se assim você preferisse — respondeu Flávio com sua voz profunda. — Sei que tudo o que você aprendeu sobre si mesmo foi na dura prática, cometeu terríveis erros, mas não deve ser mais julgado por eles. Você é um inocente, Natâniel, não escolheu trilhar este caminho, e muito do que você passou poderia ter sido diferente se você tivesse um conhecimento prévio, alguém para guiá-lo, e eu posso ser esse alguém.

Senti uma profunda emoção ao ouvir aquilo. Era justamente o que eu desejava em meu íntimo, que ele fosse meu professor, que ele tivesse valorosas lições a me ensinar.

— Eu também fui feito lobisomem contra a minha vontade, entendo muito bem o seu sofrimento, — Flávio continuou (e enquanto ele falava eu fazia tolas conjecturas, me perguntando se não era estranho que ele, um homem tão imponente, fosse um pouco menor que eu, e tivesse que levantar os olhos para encontrar os meus) — mas digamos que eu tive um pouco mais de sorte que você. Hoje eu sou o dono de uma grande empresa em São Paulo, e ofereço ajuda para pessoas como nós, pessoas diferentes, não somente lobisomens, pois independente

do que nos tornamos, Natâniel, ainda somos pessoas. Ainda sofremos, erramos e aprendemos como qualquer humano. Eu sou um homem influente. Eu posso lhe oferecer ajuda, Natâniel, posso lhe dar uma vida melhor.

Concordei em silêncio, e meu coração se apertou ao ouvir aquilo, mas eu ainda estava desconfiado, e não era para menos. Não é isso o que acontece com o santo, quando a esmola é muita?

— E o que eu preciso fazer para ser digno de sua ajuda?

— Ser digno a si mesmo e ser confiável — Flávio respondeu, apertando meu ombro com firmeza.

— E você me parece uma boa pessoa, Natâniel — completou, David. — Não li nenhum pensamento realmente maldoso ou deveras egoísta vindo de você.

— Eu não sei se sou tão bom assim, senhor.

Por algum motivo me lembrei de minha irmã e de outros, menos ou mais inocentes, que passaram por minhas presas, e no mesmo instante abaixei os olhos, o verde de Flávio me ofuscava.

— Eu já lhe disse, Natâniel, — falou o outro lobisomem — você não deve ser julgado por seus erros do passado, e não será, não por mim.

Eu estava sem palavras. Olhei para o rosto de cada um deles, até mesmo para o da vampira Nicolle, que parecia totalmente alheia a nossa conversa, escorada numa árvore, olhando as estrelas. Eu tinha tantas perguntas, eu tinha uma sede por todo o conhecimento e experiências por trás de cada um daqueles rostos, principalmente o do lobisomem a minha frente. E me imaginei indo embora com aquelas pessoas, rumo a um mundo novo e cheio de possibilidades, com Isabella ao meu lado, claro, e aquelas pessoas a ajudariam compreender o que eu sou. Minha imaginação foi tanta que eu quase me distanciei do que realmente me preocupava no momento.

— Estou interessado sim em sua oferta, Flávio, claro que estou. Quem no meu lugar não estaria? E desejo sim conversar mais sobre este assunto, mas tem algo que preciso saber antes — olhei para a casa e depois para o rosto de cada um deles novamente, voltando por fim para o de Flávio. — Vocês me dizem que vieram para estas bandas atrás de um lobisomem, e eu devo acreditar que este lobisomem é o mesmo que atacou a velha?

— Sim, o próprio — respondeu David.

— E o que este lobisomem quer neste lugar, e por que vocês estão atrás dele?

— Não podemos dar muitos detalhes por enquanto, Natâniel — disse Flávio. — Mas Posso dizer que a fera que perseguimos é descontrolada e perigosa, e que não sabemos os motivos que a trouxeram até aqui. Talvez não haja nenhum, mas devemos encontrar este licantropo e levá-lo de volta para São Paulo, e para isso vamos pedir a sua cooperação também.

— Se querem minha ajuda para caçar esse cara, podem contar comigo. Não sei se sou bom o suficiente para ser de grande ajuda, mas sei que estou disposto a qualquer coisa para garantir a segurança das pessoas do Casarão Violeta — respondi, e senti um começo de excitação tomar conta de mim.

Flávio suspirou, satisfeito.

— Fico aliviado em ouvir isso, Natâniel. É bom saber que você preza primeiramente pela segurança dessas pessoas, pois é justamente isso que quero que faça. Eu sei que será difícil, que seu instinto gritará por liberdade de um modo torturante, mas precisamos que você consiga se controlar e mantenha-se em seu quarto no Casarão, durante as três noites de lua cheia que começam amanhã.

— Mas no que isso ajudará? Ou só está querendo que eu não fique no seu caminho e o atrapalhe na caçada?

— Nós manteremos o licantropo fugitivo o mais longe possível do Casarão, não deixaremos que ele se aproxime, e até acredito que ele não tenha interesse nenhum em se aproximar, a não ser é claro que ele sinta a sua presença. E ele já pode até ter sentido, mas pode estar achando que se trata de mim. De todo modo, eu prefiro que você fique em seu quarto, e de preferência sem a sua Isabella como companhia, pois em último caso você terá que estar pronto para proteger seu território.

— E por que esse fugitivo iria querer se aproximar de mim.

— Porque você é um lobisomem como ele, mas é jovem e bem mais fraco. Somente isso, pelo que podemos conhecer do temperamento do nosso fugitivo, já seria motivo suficiente para ele querer te desafiar, ou cometer qualquer outro ato de selvageria moldada no orgulho da fera.

Demorei pensando naquilo que ele acabara de me dizer, e me parecia fazer total sentido (ou será que eram os olhos de alfa dele que me induziam a me contentar?), mesmo que em meu âmago eu não gostasse nem um pouco de ficar de fora da caçada. Ora, se aquele território era meu, como Flávio mesmo havia dito, então nada mais justo que eu o defendesse, não? O fato era que meu ego estava ferido por ter o ouvido afirmar que este lobisomem fugitivo era bem mais forte que eu.

— Sei que parece injusto deixá-lo de fora, Natâniel, mas acredite que esta é a melhor manobra para conseguirmos ser bem-sucedidos — disse David, com certeza lendo meus pensamentos.

Não respondi, mas eu não iria contra o pedido deles (não havia um motivo lógico para eu ir contra), e todos pareceram perceber essa minha resposta, aliviados. Mesmo assim aquilo ainda me agoniava, e eu sabia que seria um tormento me manter dentro de casa na noite seguinte.

Foi então que Nicolle voltou a falar, abafando a sinfonia das cigarras e sapos que cantavam no silêncio.

— Espero então que tenhamos chegado a um acordo, pois, por mais que o papo esteja bom, o sol vai nascer em menos de uma hora, e se não se importam, eu não estou a fim de virar torrada.

David concordou, agarrando delicadamente a branquíssima mão da vampira e a levando até os lábios. Já Flávio não tirou os olhos verdes de mim.

— Conto com você, Natâniel. Se tudo sair como planejado, a caçada terminará amanhã mesmo — disse ele, estendendo a mão para mim, e eu a apertei com firmeza. — E não se preocupe, eu o manterei informado.

Depois que o trio sumiu nas sombras, se distanciando da tímida luminescência que começava a surgir no horizonte, eu ainda permaneci no quintal da casa abandonada, e o terreno agora parecia me aceitar, e até mesmo me acolher. As presenças ainda estavam por toda parte, e só então eu me perguntei se Flávio e os outros as haviam sentido também. Caminhei pelo quintal, sem pressa, mesmo sabendo que logo eu teria que voltar a me transformar em fera para cruzar a distância até o Casarão o mais rápido possível, e no meio do caminho me dei conta de um mau cheiro que eu preferi ignorar quando cheguei, o cheiro de carne em decomposição. Não muito longe da casa, caído perto do poço, já inchado, com as feridas lotadas de vermes que o devoravam, estava o grande cachorro de Mãe Gorete, que claramente morrera tentando defender seu território da fera invasora. Eu observei toda aquela decadência que a morte trazia até mesmo aos seres mais magníficos e orgulhosos, e senti uma vontade imensa de fazer algo por aquele cão, algo que eu não pude fazer durante a sua vida, algo que representasse o respeito que eu tinha por ele e por todas as coisas vivas.

Transformei-me em lobisomem, sentindo ainda com mais força o cheiro pútrido que vinha do animal, mas ignorei este detalhe, e comecei a cavar uma cova rapidamente, usando a força das minhas grandes patas. A terra subia e caía como chuva, durante o curto espaço de tempo que demorei a fazer um buraco raso, enquanto eu pensava na proposta de Flávio. Sim, era na proposta que eu me preocupava, uma virada de sorte que, quem sabe, poderia representar a chance que Isabella e eu esperávamos para sermos felizes juntos. Claro que o caso do lobisomem fugitivo também tinha seu grau de importância, mas Flávio pareceu tão confiante que conseguiria resolver o problema que eu deixei tal assunto de lado naquela hora. Agora eu só precisaria conversar com ele sobre levar Isabella, mas era quase certo que David havia capitado isso da minha mente e com certeza comentaria com Flávio, pois eu não conseguia me imaginar saindo do Casarão sem minha amada junto a mim.

Com as patas traseiras empurrei delicadamente o cachorro morto para dentro da cova, e mais uma vez o contemplei, e me lembrei de que por muitas vezes eu desejei estar no lugar dele; uma fera derrotada, apodrecendo em um buraco, salvo de todas as dores que a vida pudesse afligir. Que bom que, tirando o surto de me jogar da cachoeira quando mais novo, eu nunca tivera coragem para fazer o necessário. Que bom, refleti, pois então era impossível pensar em deixar de viver, não quando Isabella estava tão perto.

Todo um novo tipo de sorte e seus momentos felizes, eu podia visualizar nascendo junto com aquele novo dia, só esperando por mim, e só bastava eu estender a mão do modo correto. Os dias de cão finalmente chegavam ao fim. Tudo seria diferente, nada poderia dar errado.

Ah, como eu estava enganado...

Joguei o resto de terra sobre o corpo e voltei para o Casarão.

Sou a Besta do Inferno

Eu já podia sentir a força da lua cheia muito antes do anoitecer. Só a imagem clara e translúcida dela, como um pequeno fantasma no céu, durante a tarde, já me causava arrepios. Sendo assim, me esforcei ao máximo nos afazeres do Casarão para ocupar minha mente com outra coisa. Por sorte havia muito trabalho, já que não tínhamos mais Cláudio para nos ajudar, e eu tive que fazer toda a parte que anteriormente seria responsabilidade dele. Pudei e limpei todo o jardim, aparei a grama do quintal, e até ajudei as meninas a varrerem e limparem os dois andares do Casarão (aproveitando para puxar Isabella para quartos vazios e cantos de parede só para arrancar-lhe um rápido e arriscado beijo). E enquanto eu varria sozinho o corredor (as meninas haviam se reunido para tirar o pó dos móveis na varanda e no salão), próximo ao quarto de Madame Valquíria, escutei o choro de alguém vindo lá de dentro, e quando cheguei mais perto e olhei por uma brecha mínima da porta entreaberta, vi que era a própria Valquíria quem chorava. Ela estava claramente bêbada, e eu podia sentir o cheiro de vinho no quarto. Estava sentada de frente para a janela, usava um roupão vermelho, uma mão segurava um copo e a outra um cigarro pela metade, o rosto sem um pinga de maquiagem, o que lhe dava uma aparência mais frágil.

— Eu não sou a bruxa da história, por mais que você queira me colocar no papel — dizia ela baixinho, como se conversasse com alguém invisível que estivesse sentado à janela. — Eu não sou cruel, não, não sou ruim, e você sabe disso, tia. Você já conheceu uma pessoa ruim de verdade, não tente me dizer que não...

Temendo que alguém, ou ela própria, me visse, eu me afastei da porta e continuei varrendo, o que não me impedia de escutar cada palavra do que ela dizia.

— Eu só faço o necessário para proteger todos, para manter as coisas funcionando, e para isso eu devo ser dura e tomar decisões difíceis. Tia, eu sei... eu fico pensando no destino dela. Meu Deus! Mas eu não podia deixar Angélica ficar aqui, você sabe que não... eu não sou ruim, não sou. Ruim era aquele velho maldito que batia na gente, tia... ele fazia... — ela então soluçava, a voz engasgada pelo choro contido. — Ele tocou em mim. Você não sabia, mas ele tocou em mim, aquele velho desgraçado tocou em mim, e eu sinto um nojo tão grande que... — ouvi o som do copo sendo atirado contra a parede. — Ah, mas ele nunca imaginou,

não é, que eu acabaria com ele? Ele se achava a porra do Superman! Ele nunca imaginou que eu podia ter feito aquilo, empurrado ele em direção à janela. Ah, ele estava tão bêbado, e eu estava com tanto ódio! — gargalhou. — Agora ele fica aí, aparecendo pra mim, como um demônio no meio da noite. Filho de uma puta! Mas eu não tenho medo dele, não, não tenho... Se ele quiser me meter medo vai ter que fazer muito mais que isso!

Neste momento ouvi passos no corredor, era a nossa querida Dolores com seus sapatinhos de velha, me chamando para ajudar a levantar alguns móveis pesados do salão, e informou também (provavelmente por me ver tão próximo do quarto) que eu não procurasse chamar por Valquíria, pois quando ela começava a beber assim (coisa que, segundo Dolores, acontecia algumas vezes ao ano) ficava trancada no quarto o dia todo e não tolerava visitas de ninguém. E eu a segui prontamente, ainda com as últimas palavras de Madame Valquíria em minha mente.

Então fora ela quem empurrara o tal Tio Epitácio da janela. Bem que eu havia achado estranho aquela primeira versão do acontecido. Mas esse fato não fazia diferença. Quem era eu para julgá-la? Eu, que também cometi tantas atrocidades. Quem era eu para julgar os atos vingativos de uma criança abusada como Valquíria fora, ou como Isabella fora? Entrementes, era curioso saber a provável motivação do fantasma, e essa informação me ajudou a ignorar a influência lenta e gradativa da lua cheia que chegava.

A noite veio cobrindo as terras do Casarão Violeta de tensão para mim, enquanto, pouco a pouco, a enorme bola amarela subia por detrás das árvores do bosque. Por sorte o trabalho já havia acabado e o Casarão não funcionaria àquela noite. Eu estava no quintal dos fundos, próximo onde Epitácio costumava assombrar. Eu havia acabado de tomar banho para tentar refrescar inutilmente a temperatura do meu corpo que subia tanto que me fazia suar aos borbotões. A minha pele fervilhava e tremia ao ser tocada pelo luar, meus sentidos se aguçavam tanto que me desnor-teavam. Quanto mais escuro ficava, mas nítido eu enxergava, e eu sabia que logo eu não conseguiria evitar a coloração assustadora que tomaria conta das minhas íris. Mesmo assim esperei um pouco lá fora, louco para arrancar minha roupa e me entregar ao chamado selvagem. E de algum modo eu sabia que algo estava acontecendo há quilômetros de distância, algo violento e excitante como uma caçada, que arrepiava todos os pelos do meu corpo.

Entrei em meu quarto e me joguei na cama, lutando contra aquela vontade agonizante de sair. Ah, como é terrível a sensação! Creio ser a mesma dor que um dependente químico sente ao estar trancado num quarto, enquanto é atacado pela crise de abstinência. Eu cheguei até mesmo a me transformar parcialmente, mas

consegui me controlar e aproveitei para engolir uma quantidade exagerada de calmantes. E assim fiquei deitado na cama, tendo arrancado as roupas e afastado os lençóis, suando tanto que começava a ensopar o colchão. Algumas horas se passaram naquela agonia, não sei bem ao certo quantas, mas creio que foi por volta de meia-noite e pouco quando Isabella entrou sorrateira em meu quarto.

Quase gritei ao ver a silhueta dela contra a luz da lua que atravessava as finas cortinas da janela, e creio ter soltado algum tipo de rosnado baixo. Instantaneamente me recordei da trágica vez em que minha querida Savana me seguiu numa noite de lua cheia como aquela, e de como eu acordei logo em seguida sentindo o gosto delicioso e terrível do sangue dela.

— Saia daqui... — tentei gritar, mas a monstruosa agonia sufocava a minha voz.

— Natã, o que está acontecendo? — Isabella perguntou, se aproximando da cama, e deve ter notado o amarelo brilhante em meus olhos (que eu evitava a todo custo abrir na direção dela), pois soltou um gritinho abafado, mas mesmo assim não se afastou, e ao invés disso tocou meu ombro com a mão. — Meu Deus! Meu amor, você está muito quente...

Afastei a mão dela bruscamente, quando esta tocou meu rosto suado, pois senti vontade de cravar-lhe os dentes no pulso e provar-lhe a carne. Maldição! Eu não estava pronto, eu não estava sob controle, não com Isabella ali do lado.

— Eu vou trazer um termômetro — disse ela, bastante preocupada.

— Não! — me sentei na cama, ainda atacado pelos tremores, e segurei o braço dela, mas creio ter posto muita força, pois uma rápida careta de dor se manifestou no belo rosto de Isabella.

— Natã, meu amor, você está com febre! Muita febre! Nós temos remédios na...

— Não, eu não quero remédios nem nada. Eu quero que você vá embora daqui!

— Mas você não está bem...

— Eu já passei por isso antes, e estarei bem de manhã... Saia daqui! Não quero você aqui — eu sabia que estava sendo rude, mas eu estava desesperado, lutando contra o desejo de feri-la, de quem sabe fazê-la correr para o bosque, onde eu a caçaria em num jogo sádico. — Vá embora, Isabella! Saia do meu quarto!

— Natã...

— Eu já disse que não quero você aqui! — quase gritei, empurrando ela em direção à porta. Ela me olhava aflita e magoada, mas não protestou mais e saiu apressada, quase tropeçando nas próprias pernas.

Fechei a porta e voltei para a cama, mas não aguentei ficar sobre ela por muito tempo e mais uma vez abri o chuveiro e me refresquei na água fria. Isso ajudou um

pouco, e eu consegui respirar com mais facilidade. Mas então outra preocupação me veio à mente: E se Isabella não me obedecesse e voltasse com remédios ou algo do tipo, e se ela resolvesse acordar alguém, Ana, Dolores, ou até mesmo Madame Valquíria, para dizer que eu estava passado mal e que precisava de ajuda? Fiquei ainda mais temeroso, e por um instante eu não sabia mais o que fazer. Amaldiçoei a lua e a mim mesmo por acreditar que poderia subjugar-la, por acreditar que era digno de viver como uma pessoa normal entre pessoas normais, por acreditar que merecia alguém como Isabella. Então decidi; eu não poderia continuar ali naquela noite, onde logo poderiam vir tentar me socorrer e devido a isso uma desgraça aconteceria. Eu tinha que ir para o bosque, e sim, eu me lembrava do pedido de Flávio, mas eu não me aprofundaria na mata, ponderei, assim não atrapalharia a sua caçada.

Mas por que então eu não conseguia me mover? O que eu estava esperando para sair daquele quarto? Que medo era aquele, como mais um presságio de terror que se abatia sobre mim? De repente, pensei ter ouvido passos dentro do Casarão, ou será que fora minha imaginação? Fosse o que fosse, isso foi o gatilho que eu precisava para me mover. Desliguei o chuveiro e sai correndo do quarto, sem mesmo me certificar que ninguém estava ali para me flagrar, mas a única “pessoa” que encontrei foi o velho fantasma, e ele me encarava com uma expressão confusa.

Me joguei ao chão do bosque, logo após passar pelas primeiras árvores, e fiquei com o rosto voltado ao chão, sem me importar com a terra e as folhas que grudavam em minha pele suada, pois eu evitava olhar para a imponente bola amarela lá no alto, era como se só a sua visão piorasse o meu estado. Creio ter rezado, pedindo ajuda para acalmar a fera, mas não era para nenhum santo, nem para o Jesus de minha mãe, e sim para às árvores em volta, às pedras e os pequenos insetos. Eu rezava à própria lua para que ela tivesse piedade de mim.

Por fim, consegui alcançar um estado equilibrado. A dor e a agonia continuavam, minha cabeça latejava e meu coração faltava explodir, mas mesmo assim consegui me manter imóvel, com o rosto virado para uma raiz de árvore, onde alguns besouros passeavam despreocupadamente. Então comecei a me sentir melhor, pois eu estava convencido que aquilo era uma prova de que eu realmente estava no comando de mim mesmo e da fera, e por mais que ela rugisse e se debatesse dentro de mim, ela não aproveitaria a liberdade, não naquela noite. E assim creio ter se passado mais de meia hora, quando fui pego de surpresa por um uivo ecoando na distância, um uivo de dor.

— Flávio! — exclamei, ficando de pé num salto. Sim, de algum modo eu tinha certeza que aquele uivo era de Flávio. Ele deveria estar com problemas! E se o tal lobisomem fugitivo fosse forte demais, forte o suficiente para derrotar Flávio

e a bebedora de sangue Nicolle? Senti um medo terrível de perder Flávio, de perder a única chance que eu teria de mudar de vida. Não, eu não podia perder Flávio!

Não, você não pode perder Flávio!

Foi como se eu tivesse escutado a fera rosar essas palavras dentro da minha cabeça.

Você tem que ajudar o seu irmão de lua! Se você perder Flávio, também sua vida estará perdida!

Eu pus as mãos na cabeça, trincando os dentes, tentando fazer a “voz” parar.

Não seja um idiota, Natâniel! Se Flávio morrer tudo estará acabado! Sua vida com Isabella estará acabada antes mesmo de começar! Deixe-me sair! Deixe-me correr como o demônio por entre as árvores, deixe-me te ajudar na hora da precisão como quando enfrentamos o Coronel e seus peões!

Me ajoelhei em desespero. Mas a coisa estava certa, não estava? A fera tinha razão. Flávio não podia morrer!

Por Flávio, por uma nova vida ao lado de Isabella! Lembre-se de como somos fortes juntos, Natâniel! Eu e você, Natâniel, somos a besta do inferno, e nada pode conosco!

Quando dei por mim já estava correndo para as profundezas escuras do bosque, com a certeza de meus atos tão enraizada em meu coração que nenhum medo me faria parar. Meu corpo mudou em um instante. O lobisomem se libertou com um uivo excitado, deliciado pela liberdade e pela vontade de caçar, mas eu ainda estava no controle, mesmo sendo a motivação dele que me impulsionava adiante. Corria em tal velocidade que a vegetação não era nada mais que um borrão de tinta passando ao meu redor, e só o ato de correr livremente nas quatro patas me era tão delicioso que eu quase esqueci qual era o meu propósito, mas então eu senti o cheiro. Tinha realmente outro lobisomem por perto, correndo tanto quanto eu, Flávio não deveria estar muito longe, pois o cheiro dele também podia ser sentido, assim como o estranho cheiro que eu sabia se tratar da vampira.

Volte! Natâniel, volte agora!

A já conhecida voz de David Grenier ordenava em minha mente.

Eu estou aqui para ajudar, respondi.

Não queremos sua ajuda! Volte agora!

Mas eu não tive tempo de argumentar ou de pensar em mais nada, pois no mesmo instante dei de cara com o lobisomem fugitivo e nos chocamos violentamente, assim como dois automóveis em alta velocidade numa encruzilhada. O som alto da nossa colisão ecoou por entre as árvores, enquanto ambos giravam descontrolados no ar, indo se chocar em troncos e galhos. Cai de costas no chão, um pouco tonto, e demorei a me erguer, mas percebi que o mesmo aconteceu com a outra fera, que cambaleava a minha frente. Era um lobisomem

com a pelugem mais preta e eriçada que a minha. Grande como qualquer um de nós, mas era menos musculoso que eu ou Flávio, tinha um corpo mais esguio, e olhos amarelos que vez ou outra pareciam ganhar um tom avermelhado.

(Claro que eu não tinha condições de notar todos esses detalhes físicos naquele momento pós-colisão, e só assim detalho agora para contribuir melhor com a imaginação do leitor).

Sem esperar que minha tontura passasse de vez, saltei sobre o outro monstro e o abracei, lhe arranhando as costas e lhe mordendo no ombro (foi o mais próximo da garganta que consegui chegar), mas a fera me esmurrou com golpes potentes no estômago que me fizeram cambalear para trás, e logo em seguida, arrancou tufo de pelos e jorros de sangue de meu peito com suas enormes garras. Mesmo assim consegui avançar e lhe rasgar a carne do focinho com os dentes, mas o lobisomem me deu uma chave de braços e me jogou de cara no chão, socando e rasgando as minhas costas. A força do desgraçado era tremenda, e ele facilmente havia me imobilizado, enquanto arrancava um pedaço de minha orelha.

(Tenha em mente que, por mais violento e fatal que algumas mordidas pareçam, e por mais que o sangue respingasse por toda a vegetação, nossos ferimentos logo voltavam a se curar).

De repente um borrão branco surge como que do nada e acerta a fera que me dilacerava, fazendo-a bater de encontro a uma pequena árvore que se parte ao meio. Era Nicolle quem chegava, usando uma roupa bastante parecida com a da vez anterior, mas em tons mais claros, e por um instante me pareceu mais um dos muitos fantasmas das terras do Casarão Violeta. Foi incrível ver aqueles dois monstros digladiando, principalmente pela estranha cena de uma jovem com uma aparência tão delicada sobrevivendo a golpes que facilmente matariam um humano comum. Nicolle era tão rápida quanto seu oponente, ou até mais, e desferia sucessivas séries de chutes e socos no focinho raivoso, mas nem sempre conseguia se desviar do contra-ataque e terminava com parte do corpo rasgado pelas presas e garras afiadas do monstro. Enquanto isso eu me recuperava, ainda ao chão, e quando enfim me pus de pé, uivei, excitado pelo calor da batalha (era a primeira vez que eu tinha a chance de usar todas as minhas forças sobrenaturais contra outro ser), e disparei em direção ao inimigo.

Mas antes que eu pudesse me aproximar, Nicolle deu um salto e subiu como um foguete, flutuando para a copa das árvores, e o lobisomem inimigo pulou rapidamente de um tronco para outro até alcançá-la e força-la a descer, ao agarrá-la pela cintura. Os dois caíram e se chocaram contra chão do bosque, fazendo folhas secas e terra subir às alturas. Em seguida voltaram a se atacar, e eu aproveitei para entrar no meio da briga. Consegui segurar o outro lobisomem por trás, e, no mesmo instante, Nicolle aproveitou e golpeou a lateral da cabeça da fera três vezes,

tirando-lhe sangue da boca, mas o monstro se soltou de meus braços, me agarrou pelo tronco e me jogou sobre a vampira, e ambos caímos para trás. Nicolle se levantou quase que no mesmo segundo e voltou a enfrentar o inimigo, enquanto eu ainda sofria com uma leve tontura, pois, na queda, bati a cabeça no joelho da vampira, e por isso agora ela lutava com certa dificuldade para se equilibrar na perna esquerda.

Eu não soube bem como ocorreu, mas quando percebi, o lobisomem inimigo tinha abocanhado e decepado metade da mão direita de Nicolle. Ela gritou, enquanto seu sangue jorrava, tingindo sua calça branca. E aproveitando a deixa, o esperto lobisomem chutou bruscamente o joelho direito de Nicolle, e como o esquerdo já estava fraco, a vampira perdeu o equilíbrio e tombou de costas, mas antes que alcançasse o chão, a fera a envolveu num abraço apertado e mortal, enquanto cravava a poderosa mandíbula na garganta dela. O grito de Nicolle foi seguido por um pavoroso som gorgolejante, e antes que eu pudesse fazer algo para ajudar, a cabeça da bebedora de sangue rolou na minha direção.

Estaquei assustado, encarando a delicada cabeça decepada, os cabelos negros sujos de sangue, a pele muito branca, os olhos azuis glaciais perdendo o seu brilho sobrenatural. Fiquei sem reação naquele instante, sem acreditar no que havia acontecido, enquanto o maldito lobisomem devorava o coração que havia acabado de arrancar do corpo de Nicolle.

Natâniel, volte para o Casarão! Não percebe que você não está ajudando em nada? A voz de David voltava a ordenar, e eu o imaginei escondido em algum canto daquele bosque, monitorando tudo com o poder de sua mente. Flávio foi ferido, mas já se curou e está chegando. Você deve voltar agora Natâniel!

Mas aquilo me irritava profundamente. Por que eu deveria ir embora? Por que eu não poderia ajudar? Será que me julgavam tão fraco assim? Será que não percebiam que quanto mais ajuda melhor? E fora que aquele era o meu território, e era um dever meu ajudar.

Enquanto eu olhava nos olhos apagados da cabeça de Nicolle, senti meu sangue ferver, e o início de um frenesi que só tendia a aumentar, como se a lua cheia estivesse intensificando sua influência sobre mim, diminuindo o meu controle sobre a fera. E nisso, sem que eu percebesse, eu já estava voltando a atacar o outro lobisomem, mas o desgraçado parecia estar muito mais forte, como se o sangue vampírico de Nicolle tivesse renovado a disposição da criatura. Por fim, fui jogado ao chão novamente, o meu inimigo mais uma vez tirando pedaços de mim com os dentes, só que mais uma vez, para a minha sorte, outro chegou para me ajudar. Primeiramente só vi um borrão castanho escuro cair sobre o lobisomem inimigo, e então percebi que era Flávio. Ele tinha uma das pernas bastante ensanguentada (onde anteriormente havia sido ferido), os olhos esverdeados

brilhando como faróis enquanto rasgava o peito do outro. E foi neste momento que finalmente notei algo curioso, justamente sobre o peito de nosso inimigo. O corpo em si daquela fera era ligeiramente diferente do nosso, como já disse antes – mais esguio, com quadris mais fortes, e com elevações no peitoral, que, devido à cobertura de pelos, eu não percebi que se tratar de seios. Enfrentávamos *uma* lobisomem, uma fêmea de nossa espécie. E não sei por qual motivo, talvez por um resquício machista presente em todos os homens, aquilo me deixou alarmado – como uma fêmea podia ser tão forte?

A voz mental de David ainda me pedia para ir embora, mas eu nem mesmo dava atenção a ela, e nisso me levantei e fui ajudar Flávio. Mesmo assim a nossa inimiga era muito feroz e esperta, e quando conseguiu se livrar de nossos golpes, notando que estava em desvantagem, ela atirou uma chuva de terra em nossa direção usando as patas traseiras, e aproveitou a nuvem que se formou para fugir.

Partimos atrás dela, mas quase fui ficando para trás, pois tanto ela quanto Flávio eram mais velozes que eu. Mas então, em um movimento inteligente (talvez guiado pela voz de David), Flávio mudou bruscamente de rumo e conseguiu interceptar a fugitiva, agarrando-a e a imobilizando, prendendo-lhe os braços para trás. E enquanto eu me aproximava de ambos, percebi que o lobisomem Flávio tinha uma espécie de cartucheira presa à perna, e que ele olhava para mim como se esperasse que eu fizesse algo. E foi então David voltou a falar comigo:

Ajude a segurar o nosso inimigo, Natâniel, para que Flávio possa aplicar um tranquilizante. Mas assim que for feito, é estritamente necessário que você volte para o Casarão e espere notícias nossas lá.

Concordei prontamente, mas faltando poucos metros para alcançá-los, uma coisa assustadora aconteceu. O corpo de nossa inimiga foi diminuindo sobre o de Flávio; os pelos e os grandes músculos desaparecendo, revelando um corpo feminino. Mas não foram as belas formas rígidas de mulher que me assustaram, nem sua cor de pele escura, ou o reluzente cabelo crespo cacheado sobre os ombros, mas sim a voluptuosa boca carnuda sustentando um sorriso largo e irônico, diabolicamente sarcástico, assim como seus lindos e selvagens olhos escuros. Eu não podia acreditar. Freei no meio do caminho, atônito. Eu estaria branco feito cera se estivesse em minha forma humana. Era Flora quem estava ali, a minha amaldiçoadora, a origem de todas as minhas tragédias.

Sim, Flora, sorrindo, como se já tivesse obtido a vitória. Ah, como eu odiava aquele sorriso! E uma fúria gigantesca se apoderou de mim, uma fúria que eu nunca havia sentido antes. Meus olhos ficaram embaçados, tudo em volta pareceu ganhar um tom avermelhado. David gritava alguma coisa em minha mente, mas as palavras me eram estranhas, eu só me lembrava dos rostos de minha mãe e irmã, de meu pai, de todos que haviam perecido sobre as minhas presas. Presas que me

foram dadas por aquela terrível mulher à minha frente, contra a minha própria vontade, àquela mulher que sorria como se tudo não passasse de diversão, como se o mundo fosse seu. Meu corpo inteiro tremia violentamente, meus pelos se eriçaram, e eu não conseguia fazer mais nada além de rosnar.

De repente Flora começou a gargalhar, cada vez mais alto, mesmo quando o lobisomem Flávio (então bem mais forte que ela – pois ainda mantinha-se na forma de besta) lhe machucava os braços. Sua risada ecoou pelo bosque, e então ela me encarou novamente e disse:

— Meu amor, minha criança, veja que bela criatura você se tornou!

Aquilo foi a gota que faltava, e o copo transbordou em puro ódio, como um trem descarrilando. Voei para cima dela, rugindo tão alto que deveriam ter me escutado até no Casarão, como se o diabo tivesse se manifestado em mim. Eu nem via direito o que eu fazia, mas hoje sei que acertei Flávio com tanta força que ele quase desmaiou (chegando a voltar a sua forma humana), e em seguida agarrei a mulher do chão, que ainda gargalhava, e lhe atirei para o alto. Ainda assim ela não parou de gargalhar, mesmo quando se chocou violentamente contra os muitos grossos galhos de uma árvore, chegando a quebrar alguns. Mas aquilo fui uma grande burrice minha, pois antes mesmo de chegar ao chão, Flora voltou a sua forma de monstro e fugiu de mim.

A perseguição voltou, e enquanto eu corria atrás dela, podia ouvi-la soltar gruídos que poderiam ser interpretados como risos de zombaria, e aquilo só aumentava mais a minha fúria. Uma mistura terrível de emoções explodia dentro de mim. Eu tinha que acabar com ela! Eu tinha que arrancar-lhe o coração e devorá-lo, assim como ela fizera com Nicolle.

Natâniel, deixe-a ir! Vamos cancelar a operação por hoje! Dizia David. Amanhã pensaremos num plano melhor.

Ele havia enlouquecido?

Eu não a deixaria fugir! Eu a destruiria, não importa para onde ela tentasse fugir!

Ah, como eu era ingênuo. Eu subjugava erroneamente a ardilosa esperteza de Flora. Ela me conhecia muito mais do que eu pensava. Na verdade, hoje sei que Flora conhece qualquer um mais do que se espera, e infelizmente ninguém conhece Flora o suficiente. Flora é a manifestação da imprevisibilidade. E sem perceber, quanto mais a fúria crescia em mim, quanto mais eu desejava alcançá-la e lhe devorar o coração, mais eu perdia o domínio de mim mesmo, mais a lua dava forças à fera, ao verdadeiro lobisomem que eu era, até que então, do mesmo modo que aconteceu nas minhas primeiras noites de lua cheia, perdi os sentidos e nada mais vi.

Gritos de pavor ecoavam nas trevas... Alguém chorava. Sons de vidro se partindo, madeira quebrando, rosnados... Cheiro de sangue. Cheiro de medo e raiva. Os olhos escuros de Flora brilhando naquele tom avermelhado. Uma gargalhada fria me gelava o coração...

A luz da manhã vazava por entre as folhas das árvores, criando um belo efeito de luzes esverdeadas e amareladas, e foi essa dança de luzes que me acordou. Eu abri os olhos, mas me mantive letárgico, como se eu tivesse perdido o controle sobre os meus movimentos. Até meu corpo parecia estar completamente dormente. Eu estava deitado sob uma árvore de galhos muito altos e grossos, usando as folhas secas caídas como cama. Uma brisa calmante soprava sobre meu corpo nu, causando-me uma sensação prazerosa que só me impelia a continuar ali, naquela deliciosa letargia, alheio a qualquer pensamento desagradável. Mas então, de modo súbito e assustador, outras sensações, terríveis e ameaçadoras, se apossaram de mim. Meu corpo tremeu, e eu voltei a me mover, me sentando imediatamente. De uma só vez, todos os acontecimentos da noite passada, da entrada de Isabella em meu quarto até a perseguição à Flora me voltaram. Uma leve tontura me agoniava, assim como algumas dores por todo o corpo, que por sinal não estava tão sujo.

Meu Deus, o que será que havia acontecido?

Nenhuma lembrança seguinte me chegava, somente um sentimento estranho de perigo, um desespero mudo. Onde estaria Flora? O que teria acontecido com ela, e comigo? Fui surpreendido por alguém que se mexia perto de mim, mas era Flávio que também estivera dormindo na grama ao lado, nu assim como eu. Ele me encarou por alguns longos segundos, em silêncio, como se procurasse se certificar de algo, e em seguida se pôs de pé e se espreguiçou. Mais uma pausa silenciosa ocorreu, enquanto eu esperava que ele me dissesse algo, mas Flávio me parecia totalmente absorvido pela beleza matutina do bosque.

— Flávio... — comecei a dizer, mas ele me interrompeu.

— Eu sei. Só me dê alguns minutos até essa tonteira passar. Daqui a pouco David irá nos encontrar...

— Flávio, o que aconteceu?

Levantei-me, observando o rosto dele de perfil; a cor de seus olhos intensificada pelo verde da vegetação, o nariz reto e masculino, a barba bem aparada, com pedaços de folhas secas grudadas a ela. Eu sentia certa apreensão vinda de suas feições. Flávio estava prestes a contar coisas preocupantes, e queria fazer isso de modo correto.

— Aconteceram muitas coisas, Natâniel, coisas terríveis.

— Coisas terríveis? Pelo amor de Deus, Flávio, me diga logo de uma vez — a tontura ainda me afetava, mas eu não queria esperar mais, não queria uma pausa para refletir ou recuperar totalmente os sentidos. — Eu me lembro de como fiquei

furioso e derrubei você, e de como persegui aquela maldita em seguida, mas então eu perdi os sentidos...

— Sim, você foi dominado pelas emoções erradas, como eu temia. Por isso não queríamos você lá. David leu sua mente e descobriu quem havia sido a sua criadora. Sabíamos que isso te afetaria profundamente. Você é forte, Natâniel, confesso que eu nunca havia sido acertado com tanta força, cheguei até a voltar à forma humana temporariamente... — ao mesmo tempo percebi que ele estava querendo ganhar mais tempo, mas eu não tinha a menor paciência para esperar mais.

— Eu quero saber o que houve depois que eu perdi os sentidos. Eu me descontrolei, não foi? A fera tomou conta da situação e deixou Flora fugir?

Flávio suspirou, fechando os olhos, e então se virou, me encarando seriamente.

— Demorei um pouco até me manter de pé, depois que você me derrubou. Eu realmente não esperava que você fosse me atacar, Natâniel... e não se preocupe, não estou te julgando, entendo a situação completamente — coçou a barba, retirando as pequenas folhas que lá estavam grudadas. — Eu não acompanhei parte do que aconteceu, mas David sim, com o dom da mente, e por meio desse mesmo dom ele me transmitiu o que ocorria. Pobre David, deve ter ficado exausto.

— Continue.

— Bem, eu não deveria ter me surpreendido com o que aconteceu, mas me surpreendi. Flora é esperta, a criatura mais imprevisível que já conheci, ela sabe usar bem as pessoas, se aproveitar das fraquezas dos inimigos, e foi isso o que ela fez com você, ela te enganou, ela usou o seu ódio contra você mesmo, Natâniel. Flora tinha a noção do tamanho de seu ódio, de como ele poderia deixá-lo cego e irracional.

— Meu Deus, Flávio, o que foi que ela fez depois?

Meu coração acelerava, e o medo em mim só crescia ao ouvi-lo.

Flávio demorou um pouco antes de responder.

— Ela fugiu em direção ao Casarão Violeta — disse ele, e fez mais uma pausa, talvez percebendo como eu absorvia aquelas palavras em choque. — Você a seguiu sem perceber, incitado pelos rosnados provocativos dela. E eu me desesperei quando percebi o que Flora faria.

— E o que foi? — eu quase não conseguia respirar de tão nervoso.

— Ela entrou no Casarão. Destruiu as portas e entrou no salão, uivando para que pudesse acordar a todos que dormiam.

Acho que meus batimentos cardíacos pararam totalmente naquele instante, durante os segundos que as últimas palavras de Flávio chegavam aos meus

ouvidos. Aquela besta fera dentro do Casarão? Não, isso não podia ser! Arregalei os olhos e senti as pernas bambearem.

— Não conheço os nomes de todos os moradores do Casarão, mas pelas imagens que David me enviou mentalmente, acho que todos correram até o salão para ver o que acontecia — continuou Flávio, enquanto eu tremia ao entendimento de cada frase. — Me lembro de duas senhoras de rostos idênticos, usando camisolas, acho que eram gêmeas, elas estavam abraçadas uma à outra, chegaram com cautela, logo atrás de um senhor que segurava uma espingarda. Elas gritaram ao ver o monstro que atirava os móveis do salão contra as paredes. Outros gritos vieram do alto da escada, onde todas as meninas estavam reunidas. Mas inicialmente nossa inimiga não atacou nenhum deles, continuou quebrando os móveis como uma criança baderneira, e então o senhor que segurava a espingarda atirou contra a fera, infelizmente sem acertá-la, e a fera então o atacou. Acho que David captava as imagens por meio da mente de uma das garotas no alto da escada, pois eu pude ver claramente quando Flora arrancou a arma das mãos do senhor e o agarrou pelas pernas, usando-o como uma espécie de bastão humano, quebrando os ossos do pobre ao chocá-lo contra as paredes e mesas destruídas. Tudo isso aconteceu muito rápido e... Ah, isso é monstruoso, eu sei... me perdoe, Natâniel, eu fui envolvido pelas lembranças, não devo entrar em detalhes tão sórdidos...

— Não! Eu quero saber de tudo! Eu quero todos os detalhes do que aquela desgraçada fez! — eu já começava a gritar, enquanto meu corpo tremia e as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Minha imaginação podia visualizar claramente Flora destruindo o corpo do pobre Cícero.

— Então Madame Valquíria chegou, parecia que havia ido até o quarto buscar uma arma de fogo grande, uma velha escopeta, creio, e enquanto mandava as meninas se afastarem, começou a atirar contra o monstro. Flora é rápida, mas a tal Madame era boa de mira, e a fera não conseguiu evitar todos. De todo modo, você bem sabe, não é fácil derrubar um de nós quando transformados. Mas então outro lobisomem apareceu, *você*, e começou a lutar com Flora no meio do salão. Foi uma briga feia. Você estava puramente selvagem, Natâniel. Neste estado você fica forte como o diabo, mas totalmente descontrolado. Nessa hora, as pobres senhoras que estavam na parte de baixo, paralisadas de medo, foram afastadas por outro homem que chegou, vindo da mesma direção que elas, e as levou para fora do salão, mas não antes de você arremessar uma mesa, tentando acertar Flora, mas acho que acabou acertando uma delas. Não sei qual foi a gravidade deste ato, mas sei que o homem conseguiu levar as duas senhoras para o fundo do Casarão. Enquanto isso Valquíria recarregava a arma e voltava a atirar (mulher corajosa), enquanto ordenava que Isabella levasse as meninas para o sótão...

— E Isabella? E a minha Isabella? Ela estava junto das outras, não estava? — perguntei a ele, mais aflito que nunca, morrendo de vontade de correr para o Casarão Violeta, mas meus pés estavam fixos na grama — eu tinha que escutar aquilo até o fim.

— Acho que sim... ou melhor, sim, me lembro agora, ela estava lá — ele sacudiu a cabeça, levando a mão direita às têmporas e andando de um lado para o outro. — Creio que era justamente pela visão dela que David captava as imagens. Ela reunia as meninas e pedia para se afastarem da escada. Duas delas correram para o fundo do corredor, em direção ao sótão, mas as outras pareciam paralisadas e gritavam histericamente. Madame Valquíria estava parada no meio da escada, não muito longe de suas meninas, ela recarregava a escopeta mais uma vez, retirando a munição de dentro de uma bolsa, mas, quando assim fez, decidiu parar de atirar nos lobisomens e fazer com que as meninas paralisadas saíssem de lá. Enquanto isso você e Flora continuavam se enfrentando, só que ela não estava levando a luta muito a sério, pois se esquivava mais do que atacava, e nisso, logo após perceber que a dona da casa parava de atirar, saltou em direção à parede próxima a escada, escalou os poucos metros faltantes com suas garras, e chegou ao segundo andar. Apavoradas, Madame Valquíria e as meninas recuaram para os degraus mais baixos, ficando no meio, entre as das duas feras. Flora agarrou uma das meninas e arremessou em sua direção. A pobre garota foi rasgada como uma boneca de pano velho ao chegar à suas garras.

Não consegui conter um grito ao ouvi aquilo. Só podia ser um pesadelo.

— Quem eu matei? — corri até Flávio e o segurei pelos ombros. — Qual das meninas foi jogada em minha direção? — eu o sacudia, e ele apertou meus braços, como se assim pudesse me acalmar.

— Eu não sei, Natâniel, eu não as conheço, já disse. Mas não foi a sua Isabella.

E que diferença isso faria, hoje eu reflito, que diferença moral faria? A vida de qualquer uma daquelas pessoas não eram menos importantes do que a vida da mulher que eu amava.

— Flora matou mais alguém? — perguntei.

Flávio abaixou a cabeça e encarou os próprios pés. Não era fácil para ele contar aquilo tudo a mim, mas eu não queria saber de seus sentimentos. Agarrei a cabeça dele pelos cabelos e o forcei a me encarar nos olhos.

— Me diga logo, Flávio, eu não aguento mais!

Ele suspirou, e delicadamente, mas com uma considerável força necessária, afastou minhas mãos de seu rosto, segurando-as para baixo.

— Flora não atacou mais ninguém, Natâniel. Ela só precisou permanecer no alto da escada, acuando as meninas, esperando que você subisse até ela — então

fez uma ligeira pausa, me fitando com aqueles olhos verdes tão profundos, como se dissesse “*não se desespere, eu estou aqui com você*”, mas eu entendia o que ele diria em seguida antes mesmo de mexer os lábios.

— E eu subi as escadas...

— Sim, você subiu, ou, melhor dizendo, o lobisomem que tomou conta do seu corpo subiu as escadas. Tenha isso em mente, Natãniel, para que a culpa não o destruía, por favor, pois o seu lobisomem tirou todas aquelas mulheres do caminho, cortando-as e jogando-as para fora da escada.

Eu não consegui dizer nada em resposta. Um medo e uma dor tão grande se apossaram de mim, que eu perdi as forças, e me afastei dele, derrotado, enquanto Flávio continuava a narrar o que acontecera:

— Então eu finalmente cheguei ao casarão e usei uma das portas derrubadas para acertá-lo nas pernas. Acho que nisso quebrei alguns de seus ossos, pois você foi ao chão, rugindo e ganindo, sem consegui se levantar. Em seguida parti para cima de Flora. Lutamos no alto do segundo andar, quebrando tudo que lá havia. Enquanto você se recuperava no salão, pronto para voltar a atacar, e, percebendo isso, Flora agarrou uma das sobreviventes da escada e jogou para perto de você. Então nisso acabei agindo por instinto, e fui impedir que você matasse a moça, e no mesmo instante Flora escapou do Casarão pelas varandas do segundo andar. Eu não pude segui-la, tinha que afastar você de lá. E então começamos a brigar, e com muito esforço atraí você de volta para o bosque. Sua fúria era medonha, e por quase duas horas deixei que você me perseguisse, ataquei você para incitá-lo... até que então, devido ao surto e ao cansaço, você perdeu os sentidos novamente e desmaiou, voltando a forma humana, e aqui estamos nós...

A voz dele falhou, como o som de um rádio interrompido pela falta de bateria. Ele parecia ter se cansado demasiadamente ao me contar tudo aquilo, e assim que fechou a boca, deixou os ombros penderem para frente, suspirando pesaroso, enquanto me olhava de um jeito bastante preocupado.

Já eu estava mudo, olhando para a grama e as folhas secas no chão. Por um momento eu não senti nada, nem mesmo a minha própria respiração. Meu pensamento corria tão rápido que eu não podia acompanhar. Eu imaginava os corpos despedaçados das meninas pelos degraus da escada, e um deles poderia ser o de minha Isabella. Soltei um gemido abafado, e então gritei, gritei e me sacudi, golpeando o chão com os punhos. E para minha surpresa, Flávio foi até mim e me abraçou, me prendendo com força, pois sabia que logo eu começaria a me transformar sem querer.

— Se acalme, Natã... Se acalme...

Eu chorava e tentava me soltar dos braços dele, soluçando como uma criança.

— Isabella! Eu tenho que ver Isabella! Flávio! Flávio! Minha Isabella... eu preciso saber, Flávio!

— Eu não sei...

— Você sabe sim! Não me esconda... eu preciso ir lá! Me solte!

— Você não vai voltar para o casarão — disse ele, com tanta firmeza de líder que eu poderia ter obedecido passivamente se a situação fosse outra. — Aquele lugar está cheio de policiais e curiosos. Você não pode voltar...

— Eu preciso ver minha Isabella... eu preciso...

Enquanto isso, sem que eu notasse, David Grenier havia chegado. O elegante e simpático senhor vinha caminhando, como se estivesse apenas fazendo um passeio matinal no parque, carregando uma mochila nas costas, e quando se aproximou de nós, abriu a mochila.

— Trouxe roupas para os senhores — disse, com seu sotaque francês carregado. — O carro não está muito longe, e eu trouxe comida também...

Sem deixar que o velho terminasse a frase, me soltei de Flávio num movimento súbito, e agarrei David pelo colarinho.

— Você pode me mostrar as imagens, não pode? — perguntei descontrolado.

— Eu sei que pode! Faça seu truque e me mostre Isabella! Ela está morta?

— Senhor Natâniel, o senhor precisa se acalmar...

— Eu quero saber!

— Natâniel, se controle — ordenou Flávio, soltando meus dedos da roupa do velho e me afastando para trás, mas então o desespero me dominou por completo, e sem me importar com os protestos deles, sai correndo. Eu não sabia bem onde ficava a direção do Casarão, então resolvi me transformar e me guiar pelo faro. Eu precisava ver Isabella, eu precisava saber realmente o que acontecera com ela. Eu não descansaria sem saber se eu a tinha matado realmente. E foi então que a voz de David ecoou em minha mente mais uma vez:

Pensei que poderia ser muito difícil para você saber a verdade agora, mas creio que será melhor assim. De todo modo, saiba que estamos aqui, Flávio e eu, esperando por você. Você não está mais sozinho, Natâniel.

E assim que suas palavras mentais terminaram, fui invadido por imagens aterradoras, onde eu via tudo o que Flávio me contara, via o sangue das meninas jorrando enquanto eu subia a escada em direção da minha inimiga. Vi os olhos maliciosos da lobisomem no alto da escada, como se sorrisse, enquanto eu golpeava a garganta de Isabella com minhas garras, e lhe rasgava o ventre.

Meus músculos e juntas falharam, e eu interrompi minha corrida, caindo e capotando por entre as árvores. Não me levantei, pois sentia uma dor tão grande que me faltam palavras para descrevê-la. Isabella estava morta. Definitivamente

perdida para mim. E antes de meu corpo voltar à forma de homem, soltei um uivo alto e cheio de lamento, que ecoou por todo o bosque.

Depois que eu recebi as terríveis visões de David e desabar com o peso daquelas monstruosas revelações, fiquei um bom tempo, talvez horas, espremeando na terra, em total desespero. Uma dor indescritível me agredia, um misto de revolta e de culpa. Por vezes incontáveis eu me lembrava da visão de Isabella sendo atacada por mim, de como seus olhos estavam arregalados de pavor, mas ao mesmo tempo cheios de coragem. Ela fora golpeada por minhas garras enquanto tentava tirar Madame Valquíria do meu caminho, e este fora seu último ato.

Eu poderia encher páginas e mais páginas tentando descrever a dor que eu sentia, a sensação de perda da realidade, o ódio mortal, mas nenhuma palavra que eu escreva poderá transmitir a totalidade da minha dor. O que posso dizer é que o peso de tudo aquilo me esmagava fisicamente contra o chão arenoso do bosque, e eu achei que morreria ali mesmo. Flávio e David não estavam muito longe, vinham caminhando sem pressa, dando tempo para que eu permanecesse sozinho com a minha fatalidade, mas eles sabiam que eu não poderia me demorar mais do que eu acreditava precisar.

Após um considerável tempo, ouvi os passos de meus companheiros se aproximando. Flávio (então vestido com sapatos e calça social pretos, e uma camisa branca) se ajoelhou perto de mim e pressionou meu ombro direito, transmitindo-me seu pesar e sua confiança.

— Vou lhe aplicar um tranquilizante, meu irmão. Precisamos sair daqui agora — disse-me ele, mas eu não o respondi, e não me mexi, nem mesmo quando a agulha perfurou a minha carne. Logo senti um gradativo adormecimento, mas não perdi os sentidos tão rapidamente, meu organismo lutava contra o tranquilizante, mesmo que este tivesse sido aplicado em dose cavalgar.

Mais tarde, acordei olhando para o teto revestido de vinil preto de um belo Opala Comodoro. O automóvel tremia levemente sobre a estrada esburacada, o que de certo modo me embalava a continuar naquele estado entre o dormir e o acordar. Eu estava deitado no banco traseiro, minhas pernas encolhidas para caber no limitado espaço. Tinham me vestido com roupas parecidas com as de Flávio, mas eu não estava limpo, pois eu ainda sentia um pouco de terra grudada as minhas juntas e cabelo, e um leve cheiro desagradável de suor desprendia da minha pele.

— Não se incomode com isso, Natãniel. Volte a dormir. Logo chegaremos a um lugar onde você poderá tomar um bom banho — sorriu David, sentado no banco do carona, e em seguida ele voltou a falar com Flávio: — E com relação à Nicolle? A sua destruição pode ser um agravante a nossa falha. Aigro pode usar isso contra a gente, por vezes ele me parece tão criador de confusão quanto Flora.

— Aigro não faria isso. Uma intriga dessas proporções não seria rentável para ele, e mesmo sendo o narcisista caprichoso que é, ele ainda segue ordens dos anciões. E de todo modo não há o que fazer. Nicolle, infelizmente, está morta, seu corpo se tornou cinzas e já deve ter sido espalhado pelo vento. Eles que não ousem me culpar, todos sabem que eu tinha grande afeição por Nicolle, mesmo ela sendo um deles...

De onde eu estava podia ver o rosto de Flávio de perfil. Os olhos dele se viraram na minha direção por alguns segundos, como se dissessem o mesmo que David, e, por incrível que pareça, talvez ainda devido ao efeito do tranquilizante, voltei a dormir sem ser atormentado por nenhuma lembrança ruim.

David Grenier, antes de nos encontrar no bosque, tinha arrumado sua bagagem e a de Flávio, que até então estavam em um pequeno hotel em Santa Sofia, posto tudo no porta-malas do Comodoro e dirigido até depois do Casarão Violeta, onde Flávio e eu passamos o resto da noite, não tão distante das proximidades da casa de Mãe Gorete. O francês havia visto as três precárias viaturas da polícia na frente do Casarão, junto de uma velha ambulância e um rabecão. Alguns curiosos também estavam lá, segundo ele, que também chegou a presenciar alguns corpos envoltos em sacos pretos descendo os degraus da entrada. David disse isso a mim mais tarde, no hotel que nos hospedamos, após eu ter me banhado e vestido outras roupas de Flávio (que mesmo ligeiramente mais justas, me caíam muito bem).

Alugamos dois quartos, um de frente para o outro, ambos com duas camas de solteiro cada. David ficou sozinho em um, e Flávio e eu em outro, mas sempre nos reuníamos no mesmo a maior parte do tempo.

— Eu vi uma daquelas senhorinhas. Ela estava abraçada ao guardador de carros, aquele senhor que as ajudou na hora do perigo... Geraldo é o nome dele, se não me engano — contou David, enquanto Flávio, que esteve no chuveiro (mesmo assim escutando tudo), se secava e vestia roupas limpas. Já eu estava mudo, não falava nada desde o bosque, me comportando como uma criança traumatizada, obedecendo às ordens daqueles dois, como quando eles me levaram até o chuveiro, assim que chegamos ao hotel, mas eu estava tão limitado e fora de mim, que foi preciso que Flávio me ajudasse a me banhar.

— Tudo vai ficar bem, meu irmão. Estou aqui com você — ele dizia, esperando alguma expressão minha, mas eu estava tão vivo quanto um manequim

de loja. *Irmão* foi como ele passou a me chamar constantemente. E é interessante que, com o passar do tempo, Flávio realmente tornou-se o irmão mais velho que eu nunca tivera.

Mais tarde eles decidiram descer para almoçar no restaurante que ficava no andar inferior do hotel, mas eu me neguei, ainda em silêncio. Flávio disse para David não me impedir, e que eu precisava ficar sozinho. Hoje não sei bem o que se passava em minha mente naquela ocasião. Creio que na tentativa negar o trágico acontecimento, eu me obrigava inconscientemente a relembrar todos os bons momentos que tive no Casarão, principalmente aqueles que eu compartilhei com Isabella. E parecia que eu havia vivido anos naquele lugar, que aquelas pessoas haviam feito parte de toda a minha vida. Creio também ter fantasiado coisas, imaginando situações que nunca aconteceram, vendo Isabella e eu dançando no meio daquele belo salão, ela grávida, vestida num magnífico vestido de noiva, e eu o homem mais feliz da face da terra... Enquanto isso, Flávio e David, por sorte, puxaram conversa com dois homens que trabalhavam numa fazenda vizinha ao Casarão Violeta, e estes homens narraram espantados (e também excitados por serem o centro da atenção de senhores tão refinados como meus companheiros) o que ouviram sobre a tragédia na casa de Madame Valquíria.

Segundo eles, um animal (uma onça enorme, eles apostavam, ou mais de uma) entrara no lugar e atacou as pobres moças. Duas estavam mortas, mas as outras cinco, contando com Madame Valquíria estavam vivas, só que três em estado gravíssimo. E infelizmente eles não tinham mais do que aquelas informações para fornecer.

Flávio me relatou essa conversa mais tarde, na hora do jantar, quando eu finalmente aceitei comer junto deles, mas ainda sem dizer palavra. O salão do restaurante estava quase vazio, somente uma convencional família jantava numa mesa um pouco distante da nossa. O hotel a qual o restaurante pertencia não era tão bom, segundo David, mas era a melhor opção que podíamos encontrar, antes de seguirmos para a cidade adiante e pegar o avião. E, como você bem sabe, eu já havia pernoitado em lugares muito piores, então não me importei com nada, até porque nada mais parecia chamar a minha atenção, ou me afetar de algum modo.

Em nossa mesa, entre uma ligeira conversa e outra, reinava um silêncio absoluto, quebrado apenas pelo som dos talheres e copos, enquanto David devorava seu prato vegetariano, muito diferente da succulenta carne malpassada de Flávio, que por sinal foi o mesmo prato servido a mim, mas eu comia sem vontade, levando vez ou outra uma garfada de arroz ou carne até a boca, mastigando com lentidão melancólica, por vezes demorando um tempo interminável com a comida sobre a língua. De vez em quando Flávio me olhava fixamente, visivelmente

preocupado. Eu nem prestava muita atenção no que eles conversavam, até que David disse algo que acabou atraindo minha curiosidade.

— Você tem a noção, meu amigo, de que devemos avisar aos padres? — disse a Flávio, usando de um tom bastante sério. Flávio então suspirou, como se houvesse sido lembrado de algum assunto desagradável.

— Eu sei... você tem razão, David. É melhor que eles saibam por nós do que por outra fonte. Não quero deixar as coisas mais complicadas do que já estão.

— Acho bom ligarmos o quanto antes. Por que não agora?

Flávio suspirou pesaroso mais uma vez, coçando a lateral da cabeça.

David sorriu, balançando a cabeça, e se levantou.

— Pelo jeito, sobrou para mim — disse o francês, limpando a boca com o guardanapo, após virar o resto de seu copo de suco num gole só.

— Me perdoe, mas você me conhece, David. Eu não tenho a sua divina paciência, e não conseguiria me manter educado com eles por mais de um minuto. Eles me tiram do sério com muita facilidade.

— Eu sei, eu sei... — David concordou. — Vou até o carro fazer a ligação.

Antes de continuar, deixe-me dar uma rápida explicação: No momento eu não entendi como David faria uma *ligação* no carro, mas logo eu saberia que eles possuíam uma espécie de telefone celular, o que é bastante surpreendente, já que o primeiro modelo móvel, *DynaTAC 8000X*, só seria comercializado no ano seguinte (1983). O aparelho que eles possuíam lembrava claramente os modelos antigos, rústicos e quadrados, mas um pouco maior, ligado na maioria das vezes à bateria do carro e a uma pequena antena (que lembrava uma mini antena parabólica) que era posta no capô do automóvel. Essa tecnologia era exclusiva para os grandes como Flávio, que viviam e de algum modo comandavam o mundo dos seres sobrenaturais, mundo este que chamamos apenas de *A Noite*. Mas não se afobe por enquanto, logo saberá mais...

Flávio também já havia acabado de comer, mas estava disposto a me esperar terminar a refeição. Quando finalmente assim fiz, mesmo deixando metade da comida intacta, ele me chamou para subir de volta ao quarto. Lá, sentamos nas camas de solteiro, um de frente para o outro. Flávio abriu uma cerveja do frigobar e me ofereceu, mas eu recusei com um movimento de cabeça. Havíamos jantado cedo, e ao meu lado, por meio da janela aberta, a luz avermelhada e melancólica do pôr do sol entrava, me fazendo lembrar que logo a lua cheia voltaria a se erguer no céu. Tremi ao pensar nisso, e adivinhando o que me amedrontava, Flávio deu um gole na cerveja e falou em seguida:

— Tem razão, mas não pense que me esqueci disso. Como poderia? — se levantou e pegou uma sacola de plástico que estava jogada sobre a cama, dobrou-a de qualquer jeito e a guardou no bolso. — Tá na hora da gente dar uma volta.

Ele saiu do quarto e eu o segui. Passamos pelo estacionamento de terra batida, onde me lembro de ter visto David conversando rispidamente com alguém no estranho aparelho, que para mim poderia ser tão incrível quanto ver uma nave espacial, mas que no momento me passou despercebido. Flávio e ele trocaram olhares de cumplicidade, mas o lobisomem não parou sua caminhada. O hotel ficava ao lado de uma estrada deserta, junto de um posto de gasolina, além disso, só existia mata de cerrado se estendendo no horizonte infinito. Entramos na mata e seguimos em direção a dois vistosos morros, há cerca de três quilômetros de distância.

— Lá passaremos a noite — disse Flávio, apontando para um dos morros, o mais alto. Eu nem disse que sim nem que não, somente o seguia lentamente mata adentro. Enquanto isso o sol desaparecia atrás dos morros, e a lua já começava a se apresentar, gorda e amarela. Depois de andarmos mais alguns minutos, e os tremores febris começarem a percorrer meu corpo, Flávio voltou a falar: — Eu tenho somente vinte e sete anos, meu irmão — fez uma pequena pausa, dando um ligeiro olhar à lua. — Eu sei que aparento ter mais, não pela minha aparência, mas pelos meus modos. É o que todos dizem, mas você bem entende como funciona, Natã: Uma vida dura pode amadurecer um homem de um modo surpreendente.

Caminhávamos por uma estreita trilha que não deveria ser usada há muito tempo, pois não percebíamos rastros humanos nela, e ao chegarmos a um pequeno espaço onde o chão era coberto de pedras planas e cinzentas, ele começou a despir as roupas.

— Eu tinha seis irmãs, e era o caçula da família — ele continuou. — Se a lenda fosse verdadeira, eu seria um bom exemplo de lobisomem; *o sétimo filho de seis irmãs*. Curioso, não é? E o pior é que foi por algo parecido que a maldição chegou até mim... — enquanto se despia, dobrava as peças de roupa e as guardava na sacola que trouxera no bolso. — Eu tinha por volta de dois anos quando minha família migrou do sertão pernambucano para trabalhar nos seringais amazônicos. Eu cresci ajudando meu pai a extrair a seringa das árvores para enriquecer o fazendeiro dono das terras onde morávamos. Céus! Como éramos explorados. E nós nem tínhamos a noção real disso. Eu odiava aquela vida, mas por sorte, aos doze anos, arranjei um emprego como ajudante em um mercadinho. O dono era um senhor muito bondoso, confiava em mim, e até me pagava bem. Eu dormia num quartinho mofado nos fundos do mercado, mas para mim aquilo já era suficiente.

Quando terminou de guardar a roupa na sacola, Flávio me estendeu a mão, para que eu também despisse as minhas, e para que assim ele as guardasse no mesmo lugar.

— Aos treze me apaixonei por uma menina, e no ano seguinte me casei com ela. Isso porque nos *apressamos* demais nas carícias e ela acabou engravidando. O

nome dela era Maria Graça, também filha de seringueiros, uma moça linda... Ah, meu irmão, eu a amava tanto... — sua voz vacilou, enquanto ele dobrava as minhas calças. — E aconteceram tantas coisas, tantas dificuldades, mas creio que fomos muito felizes, e tivemos três filhos, e os dois últimos, por sinal, eram gêmeos idênticos — amarrou a sacola com nossas roupas e a colocou escondida no espaço entre duas pedras, e ao lado da sacola deixou nossos sapatos.

— Então, não muito depois do nascimento dos meus últimos dois filhos, um acidente aconteceu comigo, e eu caí de uma cachoeira. Era para eu ter morrido, mas então *eles* vieram e me salvaram.

A escuridão dominava a nossa volta, e o brilho da lua banhava nossos corpos. Flávio ficou pensativo por alguns segundos, os olhos verdes trêmulos, assim como os espasmos que também começavam a atingir seu corpo. Não era um efeito tão perceptível quanto o que acontecia comigo, mas eu podia notar as gotas de suor de seu corpo febril se juntando em sua barba, sobrancelhas e nos pelos espalhados sobre o peito, pernas e braços. De algum modo a história dele me chamava de volta à realidade.

Sim, eu queria conhecê-lo, sentir suas dores, entender seu aprendizado. Afinal, ele era meu irmão, como dizia.

— Esses que o salvaram eram como nós? — perguntei, e voltar a falar foi tão estranho e difícil, como se eu estivesse com a boca costurada, rompendo as linhas que atravessavam minha carne. Flávio me encarou, daquele modo misterioso e preocupado que nunca vi igual em outro semblante.

— Eles eram como nós sim, lobisomens, andarilhos da lua — respondeu Flávio, voltando a caminhar. — Era uma verdadeira alcateia, com um alfa no comando. Eles tinham uma espécie de religião entre eles, um culto baseado nas lendas indígenas e em superstições trazidas de outros cantos. Eles acreditavam, por exemplo, que, para honrar ao deus da lua Manduka, eles deviam correr como feras, em toda noite de lua cheia, por sete lugares onde antigos guerreiros indígenas haviam sido enterrados no passado, do mesmo modo que algumas engraçadas lendas sobre nós, que dizem que temos que cruzar sete cemitérios e sete encruzilhadas antes do dia nascer. A alcateia também acreditava que somente pessoas especiais deveriam receber o dom de Manduka, e que se a pessoa fosse o sétimo filho homem de seis irmãs, se tornaria um andarilho da lua ainda mais poderoso. Agora você entende, Natã, o motivo de eu ter sido escolhido. Eu era o andarilho da lua que eles esperavam, pois precisavam de um novo líder, já que o alfa estava velho e fraco.

De repente minha visão ficou embaçada, e tive lapsos de lembranças da fera, da perseguição atrás de Flora, de Madame Valquíria atirando da escada... Meu

corpo tremeu de tal forma que perdi o equilíbrio. Flávio voltou e rapidamente me apoiou pelas axilas.

— *Respire fundo, meu irmão*; foi isso o que eles me disseram após terem me salvo, me transformado, enquanto eu passava pela minha primeira lua cheia — continuou Flávio, seus braços musculosos também exibiam tremores, só que bem mais leves, e seus olhos verdes refletiam de um jeito tão bonito à luz do luar que quase me hipnotizavam. — *Respire fundo e com calma, sinta o ar enchendo seus pulmões, os seus pulmões*, pois este é o *seu* corpo, Natâniel. É você quem manda nele, não a fera. Eu sei que ela está aí dentro, pois ela também está em mim, ansiosa para sair e correr livre. Diga a ela que não, rosne para ela, você é o seu alfa e ela deve te obedecer. Diga que ela terá sua chance de sair e caçar, mas será na hora que o alfa dela permitir.

Repeti aquelas mesmas palavras para mim mesmo, enquanto a luz esverdeada dos olhos dele me cegava. E, para a minha surpresa, eu consegui me acalmar, a fera havia acuado e os tremores sob minha pele haviam diminuído de intensidade. Sendo assim, Flávio sorriu, assentindo com a cabeça, voltando a caminhar e contar o curto resumo de sua história.

— Eu os amaldiçoei pelo que tinham feito a mim, me revoltei e tentei me afastar, pois não queria me tornar parte deles, eu queria minha vida normal de volta. Ah, como me arrependo de ter fugido para casa, de ter visto mais uma vez o rosto belo e preocupado de minha Maria Graça, os rostinhos dos meus meninos... — sua voz engasgou, e só a muito custo ele voltou a falar. — Você pode imaginar o que aconteceu, Natâniel? Sim, meu irmão, eu sei que você pode. Pois era noite de lua cheia, a terceira noite... se eu tivesse esperado mais um dia...

Notei as lágrimas que escapavam de seus olhos quando ele virou o rosto para me olhar mais uma vez, esperando que ele continuasse o relato, mas ele não continuou. Ouvi claramente o som de choro abafado, enquanto ele abria caminho pela estreita trilha – o mato cada vez mais alto a nossa volta – enxugando as lágrimas com as costas da mão.

— Você disse algo sobre um líder alfa, e que ele estava velho... como era ele? — perguntei, tentando ajudá-lo, pois eu realmente tinha a noção de quão doloroso era lembrar que tínhamos matado as próprias pessoas que amávamos.

Ele tomou fôlego antes de responder:

— Demoramos a envelhecer, meu irmão. Provavelmente manteremos essa mesma aparência por mais de cem anos, isso varia. Esse lobisomem que conheci era bem mais velho que eu pensava, ainda musculoso como todos nós, mas tinha fundas rugas no rosto, uma longa barba branca, branca como todos os outros pelos de seu corpo. Mas ele estava fraco. Tinha duzentos e setenta e dois anos, seu corpo

já não se regenerava como antes, estava cheio de cicatrizes. Sua fera estava domada e adormecida, e sua alma vivia constantemente fora do corpo.

— Com a alma fora do corpo?

— Então, isso acontece com alguns de nós — disse Flávio, ainda disfarçando o choro, e aquela emoção contida só o deixava ainda mais bonito. — Você já teve alguma experiência do tipo, Natã, onde você sentiu que sua alma havia saído do corpo?

Então me lembrei da longínqua noite que enfrentei o Coronel e seus capangas, de como me encontrei pairando sobre meu próprio corpo, que havia se transformando em fera, ligado a ele por aquele estranho fio que saía pelo meu umbigo.

— Sim, eu já passei por algo assim antes, mas não sei o que isso é, nem como funciona.

— Eu não esperava que você soubesse, pois nem eu compreendo esse fenômeno direito. O que sei foi o que aprendi com outros mais velhos, que esse fenômeno é um dos dons, e o mais difícil deles, que alguns poucos herdam junto da maldição. Alguns o chamam de dom da alma, outros de viagem astral, já eu costumo chamar de viagem noturna. E é esse dom que os anciãos de nossa espécie costumam dominar plenamente próximo ao fim da vida, e por algum motivo eles acabam ficando mais tempo neste estado espectral, sem se alimentarem ou se preocuparem com seu corpo físico, e alguns acreditam que com o tempo a alma deles sobe para o além de vez, matando o corpo automaticamente, quando o tal fio que liga o espírito à carne é rompido. E olhando por um modo mais prático, quando um líder alfa chega a esse estado, ele não se preocupa mais com a segurança, a administração e a evolução de sua alcateia, e por isso deve ser substituído, normalmente pelo lobisomem mais forte e experiente do resto do bando.

— Mas qual é a vantagem de sair do corpo?

— Não sou a pessoa certa a lhe falar sobre este assunto, meu irmão — ele olhou para mim e sorriu, e percebi que estava sendo um alívio para ele ver que eu não estava mais imerso em meus próprios pensamentos trágicos, alheio ao que me acontecia, pelo menos durante aquele momento em que enfrentávamos a força da lua. — Sou um homem prático, Natâniel, gosto de manter meus pés e minha alma no chão. Nunca aconteceu comigo, e não gosto da ideia. Eu não me sinto bem fora da carne... enfim, logo mais voltaremos a este assunto, mas agora deixe-me continuar a contar o que aconteceu comigo. Onde eu havia parado?

Aproximávamos cada vez mais do morro adiante, e o terreno sob nossos pés descalços se tornava cada vez mais íngreme e rochoso.

— Você disse que perdeu sua família — respondi.

— Sim, eu perdi... perdi usando as minhas próprias garras... — sua voz fora tão sussurrada, que se eu não tivesse a audição de um lobisomem, não o teria escutado. — Foi terrível. Você sabe. Foi absolutamente terrível. Eu queria morrer, queria que a terra me engolisse, e que o demônio viesse me buscar para as profundezas do inferno. Eu sentia um remorso tão grande, uma revolta tão absoluta de mim mesmo, que acabei aceitando voltar para o bando. Eu sei, é uma atitude estranha, nem eu mesmo, com a mente que tenho hoje, consigo compreender, mas eu voltei e aceitei ser o líder que eles esperavam que eu fosse. E de certo modo aquilo me ajudou. Era bom ocupar minha mente com as responsabilidades para com a alcateia, liderar nossas caçadas e os rituais que proviam dela. Era bom defender nosso território de outros como nós, e principalmente de imortais bebedores de sangue. E de certo modo... — ele ficou mudo, mais uma vez pensativo, os olhos verdes tão bonitos, sedutores e misteriosos, que poderiam prender a atenção do ser mais alheio da terra. — Aconteceram muitas coisas durante o tempo que passei sendo o alfa do bando...

De repente, senti como se algumas partes do meu corpo tivessem sido rasgadas, meus ossos estalavam e eu sentia gosto de sangue na boca. Eu não conseguiria mais conter a transformação por muito tempo. Caí no chão e gritei, devido à dor lancinante e as lembranças da noite passada que voltavam a me assombrar.

— Continue... — disse a Flávio, quando este voltou para me amparar. Eu queria ouvir mais do que ele tinha a me contar, eu queria fugir das minhas lembranças por meio das dele. — Você foi embora do bando...

— Eu fui embora e fiz muitas outras coisas, boas e ruim. Matei também, e quase fui morto. Conheci humanos apaixonantes, alguns tão misteriosos e poderosos quanto às criaturas da noite. Trabalhei de tudo que você possa imaginar; de caixa de supermercado à capanga de traficante de drogas. Ganhei muito dinheiro em pouco tempo, por meios nem sempre tão limpos, mas com o tempo me acertei, e hoje tento recompensar os meus erros do passado fazendo algo produtivo.

“Eu odeio me lembrar do passado, Natâniel, ele me fere. Não consigo lhe contar tudo em detalhes, não hoje pelo menos. O que quero que entenda, meu irmão, é que eu compreendo a sua dor. Eu entendo como somente nós, lobisomens, conseguimos entender. Não somos totalmente bons, Natâniel, mas também não somos totalmente ruins. Estamos sobre o mesmo muro moral que qualquer criatura pensante deste planeta se encontra, por vezes pendendo mais para um lado do que para o outro. Nós erramos, nós sofremos, odiamos e amamos, e acima de tudo podemos aprender, podemos evoluir a nossa humanidade — ele estendeu a mão em minha direção, enquanto eu me contorcia de agonia a seus pés. — Venha comigo, meu irmão. Deixe que eu o ajude, deixe que eu tente diminuir a sua dor, aumentar a

sua força, secar as suas lágrimas. Domine a fera, Natâniel, pois é isso o que ela é, uma fera. Você é humano, meu irmão, você é a mente pensante, o senhor de seu próprio corpo. A sua fera será livre, mas só quando você assim permitir.”

Segurei a mão dele, tão febril quanto a minha, e caminhamos juntos por alguns poucos metros, mas logo voltei a cair, aos berros.

— Até chegarmos ao topo do morro, a fera deverá ser contida — ele continuou, com sua voz agora se mostrando bastante autoritária. — Assuma o seu corpo, Natã. Seja o verdadeiro homem que você é. Venha comigo até o topo, nem que seja se arrastando. Está na hora de parar de ser a marionete do monstro.

E assim eu fiz, durante os vinte e poucos minutos que me arrastei até o topo, trincando os dentes para evitar gritar a cada estocada de dor que me invadia de dentro para fora. Flávio ia à frente, sempre me incentivando, me lembrando de que era eu quem mandava, mas, de certo modo, eu apenas o obedecia. Flávio, independente das tristes trilhas que tivesse passado na vida, independente de como houvesse sido seu relacionamento com a alcateia que fizera parte, era um líder nato. Eu sentia que poderia segui-lo até a morte se fosse preciso, seus hipnóticos olhos brilhavam como a luz de vagalumes, me passando uma indescritível confiança, e força. E finalmente, quando chegamos ao topo do alto morro, onde a majestosa lua parecia mais próxima de nós, caí novamente, mas não me levantei, permaneci respirando o vento frio da noite e o cheiro de todas as coisas a minha volta. A dor ainda me atacava, mas eu me sentia mais dono de mim, como se a fera finalmente estivesse de coleira, uma coleira que eu sustentava com autoridade.

— Agora deixe-a sair, Natâniel — disse Flávio, se afastando alguns passos; o luar criava efeitos de sombras e luzes em seu corpo de músculos esculpido, e somado ao brilho sobrenatural dos olhos, dava-lhe uma aparência imponente e quase divina. Flávio poderia ser uma entidade tão poderosa quanto o sombrio homem que assombrava os terreiros de Mãe Gorete.

— A fera também não pode ficar eternamente trancafiada, meu irmão, e também precisa de liberdade. Dê a liberdade a ela, mas tenha em mente que foi você que permitiu essa liberdade. Você é senhor da fera.

Relaxe, repetindo aquelas palavras em meu íntimo, enquanto meu corpo mudava de forma rapidamente. Os pelos negros cobriram minha pele, meus músculos cresceram, meus dentes ficaram perigosos e meus olhos brilharam amarelos como a lua cheia. Eu me ergui nas quatro patas, um lobisomem perfeito, o estado completo de fera, mas sem aquela urgência selvagem, pois eu ainda a comandava. Diante de mim estava outro lobisomem perfeito, os pelos castanhos escuros eriçados, olhos verdes dominadores, se aproximando de mim com cautela. Rosnamos um para o outro, mas quando ele se aproximou eu baixei meus olhos em sinal de respeito e amizade. Para mim, Flávio era o meu alfa. Ele entendeu o

movimento, chegou mais perto e cheirou meu focinho e os pelos do meu pescoço, e em seguida ficou parado para que eu fizesse o mesmo. E naquele estranho ritual nos entendemos completamente e criamos uma ligação que nunca mais se quebraria.

Em seguida, nos dois ficamos de pé, usando as patas traseiras, e uivamos ao mesmo tempo para a lua.

Corremos pelas planícies do cerrado, ouvindo os barulhos dos pequenos animais que viviam nas proximidades, do vento e dos automóveis que por vezes cruzavam solitários a rodovia. Nas primeiras horas cheguei até mesmo a sentir uma espécie de felicidade, como se finalmente eu tivesse encontrado o meu verdadeiro lugar, e Flávio me parecia um companheiro que eu tivera por minha vida toda. Percorremos grandes distâncias sem nenhum propósito, como crianças, ou cães se divertindo num grande quintal gramado, e durante todo este tempo minha mente parecia alheia aos últimos acontecimentos que logo voltariam a me atormentar.

Por volta de três da manhã, a lua cheia perdia um pouco do seu poder inebriante, assim a melancolia principiou a se manifestar, e eu resolvi voltar para o morro onde nos transformamos. Flávio me seguiu, voltando a forma humana, assim que me viu fazer o mesmo. Sentei sobre um rochedo plano e fiquei olhando para as luzes do posto de gasolina, ao lado do hotel onde David então dormia. Flávio também se acomodou sobre a rocha, deitando-se sobre ela, encarando a lua. Permanecemos em silêncio. Flávio era um homem normalmente tão calado quanto eu, e isso era bom, ele sabe perfeitamente o momento de respeitar a mudez de outros. Mas ao mesmo tempo eu queria que ele me dissesse algo, mesmo aquelas frases clichês como “tudo vai ficar bem”, “você não tem culpa de nada”, ou “a vida continua”. Eu queria que ele soubesse o que me atormentava, que ele sentisse o modo como a tristeza se manifestava em mim. Talvez ele tivesse a real noção, como ele havia me dito antes, do que era perder alguém que ama, involuntariamente, usando as próprias garras.

Comecei a chorar. Foi tão súbito que eu mesmo fiquei surpreso. As lágrimas simplesmente encheram meus olhos, quentes e salgadas, enquanto meu peito começou a arfar em espasmos. Mesmo assim, Flávio nada fez para me consolar, a não ser continuar deitado ao meu lado.

— Estava chovendo muito naquela noite. Eu tinha treze anos e... eu estava preocupado com a minha cachorrinha... — comecei a contar, aos soluços, tão subitamente como meu choro. Flávio já parecia esperar por essa minha reação, pois, antes que minhas palavras saíssem, ele já prestava atenção em mim. E assim contei toda a minha história a ele, lembrando todos os detalhes que eu achava importante, e outros nem tanto assim. Contei sobre como Flora me sequestrou, me

amaldiçoou e me abandonou na mesma noite. Conteí sobre a morte de minha família, minha tentativa de suicídio e minha luta pela sobrevivência após isso. relatei a minha vida errante, as personagens decadentes que encontrei pelo caminho, meu aprendizado solitário, meus erros e meus amores. Ele ouviu tudo atentamente, por vezes acrescentando perguntas e comentários quando achava que era conveniente, mas sem nunca me julgar. Por fim, assim que contei sobre o que eu sentia com relação aos últimos trágicos acontecimentos, o horizonte já ganhava matizes roxos e avermelhados. O sol não demoraria a aparecer, e era bom que voltássemos para o hotel e dormíssemos algumas horas antes de seguir viagem. Eu ainda tinha muitas perguntas para ele, mas tínhamos todo o tempo do mundo para isso então.

Flávio começou a descer o morro, e disse que eu poderia ficar sozinho mais alguns minutos, mas que não me demorasse; ele estaria me esperando no local onde guardara nossas roupas. De todo modo, eu me levantei e o segui não mais que dois minutos depois. Eu queria dormir, e durante todo o caminho de volta eu pensei em Isabella e chorei por dentro. Vestimos nossas roupas e voltamos andando para o hotel, evitando o olhar curioso da velha da recepção, que por sorte não era a mesma pessoa que lá se encontrava quando saímos. Entramos em nosso quarto, voltamos a tirar a roupa e dividimos o chuveiro, isso sem trocarmos mais nenhuma palavra. Em seguida, me deitei na cama de solteiro e dormi quase que instantaneamente.

Infelizmente, tive sonhos horríveis com Isabella e o Casarão Violeta, sonhos de que eu não conseguia acordar. As meninas ensanguentadas, berrando em desespero, se arrastando aos pedaços pela escadaria do salão. Num canto, Dolores rezava um terço preto, quebrado, com as contas escapando da linha que o sustentava. No meio do salão, Madame Valquíria gritava maldições, segurando o lado esquerdo do rosto, onde lhe faltava um olho, e enquanto isso, ao lado da vitrola que tocava uma macabra e animada música, o fantasma de Velho Epitácio dançava e bebia.

Acordamos por volta de meio-dia, e David estava em seu quarto, nos esperando com a melhor bandeja de café da manhã que aquele limitado hotel nos podia fornecer. Eu ainda estava melancólico, mas menos alheio mentalmente que no dia anterior, e escutei atentamente o que eles conversaram. Primeiro David disse que havia marcado o voo somente para a noite seguinte, já que ainda tínhamos mais uma lua cheia pela frente, e não seria nada agradável uma transformação dentro de um avião. Flávio concordou, até porque ele tinha achado aquele desolado lugar que nos encontrávamos perfeito para me passar mais ensinamentos, mas isso ele só me diria mais tarde. Em seguida David contou que *os padres* tomaram as

medidas necessárias com relação ao Casarão Violeta. Sobre isso me interessei bastante e não pude deixar de perguntar quem eram esses tais padres.

— Eles não são padres de verdade — Flávio respondeu. — Nós os apelidamos assim apenas porque os uniformes deles lembram os trajes de alguns sacerdotes da igreja. Na verdade, é fato que durante a história eles foram muito influenciados por alguns dogmas católicos, principalmente na idade média. Esses homens e mulheres fazem parte de uma ordem muito rica, misteriosa e influente, a *Geneoziz*. Seus membros estão em toda parte, da política às forças armadas, e o seu maior trabalho, como eles costumam dizer, é *limpar a nossa sujeira*. Futuramente, e com calma, eu poderei lhe contar tudo sobre a Geneoziz e sua história e influência na Noite, mas, de modo bem resumido: eles fazem de tudo para manter em segredo nossas identidades, longe do conhecimento da maioria das pessoas, e proteção e manutenção da sociedade humana como a conhecemos. Enfim, ainda não é o momento de nos aprofundarmos nos padres, você ainda precisa aprender outras coisas mais básicas. De todo modo, Natâniel, só tenha em mente que eles prezam pelo equilíbrio do funcionamento do mundo, e que fazem qualquer coisa para impedir quem decide fazer o contrário, seja o indivíduo humano ou não.

— Mas o que eles vão fazer com o Casarão? — eu perguntei, visivelmente preocupado. Ao mesmo tempo, só de pronunciar o nome do Casarão eu me feria, como se uma lâmina estivesse cortando lentamente meu coração em fatias.

— Eles têm seus métodos, não se aflija — David respondeu. — Eles não oferecem riscos aos sobreviventes do Casarão. Na verdade, eles podem até serem de grande ajuda médica e psicológica. A Geneoziz é bastante eficiente.

— Não o suficiente para deter Flora — eu acrescentei, sarcástico e amargurado. Em seguida voltei ao meu silêncio de luto, assim como no dia anterior, mesmo que muitas outras dúvidas sobre aquele novo mundo em que eu fazia parte pulassem em minha mente. E como era de se esperar, meus dois novos companheiros não resolveram me forçar a me comportar de modo diferente, e me deixaram sozinho no quarto quando eu me recusei a almoçar com eles, dizendo que não estava com fome e que não precisavam levar comida para mim no quarto.

Aquelas paredes brancas me cercaram em total morbidez durante todo o dia, onde somente o som repetitivo e monótono do ventilador de teto indicava alguma vida no ambiente, que mais parecia um túmulo. Durante todas essas horas arrastadas, minha mente vagou por sonhos e possibilidades impossíveis, por vezes negando que nada daquilo era real, que logo eu acordaria no meu quartinho acolhedor nos fundos do Casarão, ouvindo os murmúrios aborrecidos do velho Cícero, as músicas apaixonantes dos discos de Madame Valquíria e os sons dos pés descalços das meninas descendo as escadas em alegria. Isabella sorrindo para mim, entrando no meu quarto sorrateiramente...

No fim do dia, me recusei a jantar também, e Flávio fez o mesmo, deixando David sozinho no restaurante e me chamando para acompanhá-lo até o morro onde passamos á noite anterior. Inicialmente me recusei, pois acreditava erroneamente que nem mesmo a fera ousaria se manifestar em meio a tanto pesar, mas Flávio não discutiu o assunto, e praticamente me carregou para fora do hotel. Por sorte evitamos os olhares de qualquer um que estivesse na portaria, cruzamos o estacionamento até os fundos do posto de gasolina e entramos na mata, enquanto o sol descia no horizonte, fazendo com que as sombras se avolumassem. Flávio mais uma vez trouxera uma sacola plástica para guardar nossas roupas, que naquela noite era ainda mais necessária, pois nuvens escuras agouravam o crepúsculo, e trovões distantes ribombavam ameaçadores. Dessa vez a sacola era grande o bastante para guardar as nossas roupas e nossos sapatos também (se é que eu poderia dizer que algo daquilo era realmente meu). Flávio amarrrou as pontas da sacola para impedir que entrasse água e pôs-se a andar morro acima, enquanto as primeiras estrelas apareciam timidamente e a lua cheia, já não tão poderosa como nas duas primeiras noites, se erguia atrás de nós.

Um vento forte começou a soprar, e senti cheiro de terra molhada na distância. Flávio, diferente da noite anterior, estava mais calado que eu, e não contou nada mais sobre si, como eu esperava que fizesse. Nossos olhos principiaram a mostrar aquele brilho selvagem, refletindo o luar, e os tremores de nossos corpos indicavam que a fera interior despertava. Pratiquei os exercícios de respiração que eu aprendera com ele, e notei que ele fazia o mesmo, mas naquela noite não seria difícil domar nossos monstros, pois a lua cheia nunca é tão poderosa quanto na primeira noite, e depois vai perdendo a sua força. Por fim subimos o morro e contemplamos a vista, as luzes do posto de gasolina lá embaixo, com seus caminhões barulhentos sendo estacionados para que seus motoristas descansassem durante a noite. Eu, como um bom aluno, mesmo emburrado, só esperava que Flávio desse o sinal que indicava que estava na hora de aceitarmos a transformação, mesmo que a fera não parecesse tão sedenta por liberdade como antes.

— Você aprende rápido, meu irmão. Sei que aprendeu consigo mesmo durante todo o tempo que vagou sozinho, mas, pelo que eu vejo, só agora a fera dentro de você começa a se submeter como deve — disse ele, como se, de repente, tivesse adquirido os mesmos dons telepáticos de David. — Mas hoje faremos diferente, pois, por mais obediente que a fera possa ser, ela ainda é o que é; livre e selvagem, e em longo prazo é um erro terrível tentar conter a sua verdadeira natureza. O lobisomem, vez ou outra, precisa ser agradado também — e ao dizer isso, seus olhos verdes ficaram estranhos e sombrios.

— O que isso quer dizer? — perguntei, sentindo os primeiros fortes e gelados pingos de chuva contra minha pele quente, causando-me arrepios.

— Hoje nós iremos caçar — ele respondeu, e seus olhos brilharam mais fortes ainda, como os faróis do demônio.

Logo depois corríamos pelo descampado, transformados, excitados como sempre pelo contato com a natureza. De certo modo, aqueles passeios noturnos eram uma fuga da minha realidade como humano. Enquanto besta, as dores e lembranças trágicas não ocupavam espaço considerável em minha mente, e quanto mais eu me entregava, mais essas dores eram enterradas pelo instinto de liberdade. Éramos feras mais uma vez, felizes com a chuva torrencial que caía, ensopando nossos pelos, e também sentíamos fome. E talvez devido ao meu jejum desde manhã, a fome gritava e chegava a me machucar. Flávio também parecia sofrer algo parecido, pois passou a maior parte do tempo farejando pequenos roedores, só conseguindo encontrar um, que engoliu numa bocada só, mas só aquilo não era suficiente. Precisávamos de mais.

Cruzamos uma cerca de arame farpado, onde pude sentir cheiro de gado nas proximidades, e essa inicialmente parecia ser a intenção de Flávio, mas então ele parou de repente, se levantou nas patas traseiras e farejou. Eu fiz o mesmo, buscando entender, mas, talvez devido à chuva, não consegui encontrar o cheiro que chamara tão abruptamente sua atenção. Então ele correu na direção contrária ao gado, e eu o segui. Pulamos mais uma cerca e chegamos à inclinação de um morro, onde árvores frondosas cresciam. Lá embaixo, víamos uma pequena clareira, seguida por uma estradinha de terra, onde estava estacionada uma Brasília branca com os faróis ligados.

Flávio se aproximou um pouco mais, com bastante cautela, e me lançava olhares pedindo-me para fazer o mesmo. Dois homens robustos estavam do lado de fora do carro, e discutiam. Eu pude sentir o cheiro do suor deles e de algo mais, um cheiro pesado, de maldade e frieza. Sim, eram dois homens muito perigosos para se encontrar numa noite chuvosa como aquela. E a periculosidade de ambos só se confirmou ainda mais quando eles abriram o porta-malas e retiraram o corpo de um homem e de uma mulher lá de dentro. Instantaneamente senti o cheiro de sangue que escorria pelos buracos de bala presentes nos corpos, fazendo com que minha boca salivasse. Flávio estremeceu ao meu lado, enquanto os homens discutiam na chuva. Parecia que o dinheiro e a droga - pagamento pelo serviço de darem fim aquele casal, não tinha sido distribuído justamente entre ambos, e por isso eles discutiam, chegando até a apontar revólveres um para o outro. Mas, mesmo que chegassem realmente a esse ponto, não tiveram tempo de se ferirem.

O lobisomem Flávio correu feito um raio e saltou do meio das árvores, caindo sobre um deles. Seu peso deslocara alguns ossos do assassino de aluguel quando o

derrubara no chão lamacento. A arma voou para longe da mão dele, enquanto ele gritava, pedindo por ajuda, e Flávio cravava os dentes em uma de suas pernas e o sacudia como um cachorro se divertindo com um pedaço de carne. O outro assassino ficou tão espantado, que disparou três vezes contra Flávio sem acertá-lo em nenhuma das tentativas. Já Flávio não deu atenção a ele, estava entretido demais rasgando o tronco de sua vítima – ainda viva e esperneando, lhe devorando os órgãos. Nisso o assassino com a arma fugiu pela estrada enlameada, entrando na mata não muito depois, e quando dei por mim eu já o seguia, mas sem fazer estardalhaço, abaixado nas quatro patas, me camuflando na vegetação, como um leão diante de uma manada de zebras. O assassino corria desesperado, mas ao mesmo tempo eu podia sentir o cheiro de ódio emanando claramente dele. Ele tinha o ofício de tirar vidas, mas temia a morte, e odiava sentir tal medo.

O segui por cerca de cinco minutos, até que ele enfim parou para tomar fôlego, as mãos apoiadas nos joelhos. Nessa hora eu saí de onde me escondia e fui até ele, ficando de pé. Eu queria que ele me visse, pois havia certo prazer em ver um homem perigoso como aquele arregalar os olhos para mim, cheio de um pavor indescritível, apontando a arma em minha direção. Ele só conseguiu atirar uma vez, e a bala me acertou de raspão no braço esquerdo, e nisso eu já havia pulado sobre ele e o abraçado. Era delicioso sentir o corpo dele tremer de medo, chegando a urinar nas calças, gritando como uma criança, os braços musculosos tão frágeis diante dos meus. Meu prazer era quase sexual, e talvez fora por isso que o abocanhei num quase beijo, lhe mordendo com força o rosto, sentindo os ossos de sua mandíbula se quebrarem sob o poder da minha. O sangue maravilhoso jorrou para dentro de minha boca. Nessas horas, até mesmo um indivíduo como aquele podia desmaiar de tanto pavor e dor, mas por sorte esse era forte, e continuou lutando, mesmo com parte do rosto destruído, e eu o amei naquele momento. Eu queria sentir o gosto de seu ódio e de sua maldade, eu queria comê-lo vivo.

Duas horas depois, estávamos de volta ao morro que reivindicamos como nosso. Dois monstros descansando sobre as largas pedras, duas criaturas demoníacas de barriga cheia, satisfeitas. Havíamos enterrado os restos dos assassinos longe de onde os caçamos, e fizemos o mesmo com os corpos das vítimas deles (sem provar de sua carne já morta, claro). A fera em mim estava mansa como um filhote, sonolenta até, mas enquanto isso, pouco a pouco, uma sensação ruim se apoderava de mim, e eu desejava voltar a minha forma humana o mais rápido possível, como se assim eu me livrasse de uma roupa suja de sangue, mas eu sabia que eu não poderia largar a pele da besta tão cedo, pois meu corpo humano não suportaria manter o alimento recente.

A chuva agora diminuía de intensidade, e a lua cheia podia ser vista melhor, brilhando por trás das nuvens num efeito belíssimo. Flávio era uma massa escura sob aquela luz, somente os dois pontos amarelos esverdeados indicavam que ele não era uma grande pedra no escuro. E então relembrei do prazer que eu sentira ao ver o pavor nos olhos do assassino que eu devorara, e me perguntei se tal prazer também fora sentido quando matei Isabella, e essa questão me acertou direto no peito. Uivei baixinho, me distanciando de Flávio, e, sem suportar mais, fui abandonando aquela forma, e assim que meu corpo perdeu sua estrutura de fera, automaticamente comecei a vomitar os restos da minha vítima. Não quis olhar para aquela nojeira, e cambaleei de volta para a mata. Em minha mente eu via o Casarão Violeta, repassava os rostos de cada um dos seus moradores, até mesmo dos que foram embora, e um surto de choro e fúria me dominou. Chutei troncos e pedras no meu caminho, arranquei pequenas árvores do solo e as atirei longe. Eu me odiava. Eu era um amaldiçoado, não merecia viver naquele mundo. Eu era um demônio, a besta do inferno, devorador de inocentes. Por isso Deus não me ouvia, porque eu não era digno de sua atenção. Então por que ele não me fulminava com um raio logo de uma vez?

Caí de rosto na lama, exausto, e então senti as mãos de Flávio me erguendo, me enlaçando com um braço e me levando de volta às pedras do morro. Pelo jeito ele também havia regurgitado a comida, pois um cheiro desagradável emanava não muito longe. Sentamos na pedra, um de frente para o outro.

— Não é certo — disse eu, aos prantos. — Isso não é certo! Não somos como os animais, como leões, nem onças! Não temos o direito de achar que pertencermos à natureza, porque justamente não pertencemos a ela! Somos demônios, Flávio! Só trazemos desgraças e mais desgraças! Somos do inferno, somos do diabo... — eu estava para enlouquecer, e apertava os braços dele com a força que poderia facilmente quebrar os ossos de um humano normal. — Não temos lugar neste mundo, Flávio! Deus... Deus nos odeia, Flávio! Somos assassinos de nossos irmãos!

— Eles *não* eram nossos irmãos, Natã! Eram *assassinos* — disse Flávio, quase gritando para que eu o ouvisse.

— E o que somos, Flávio? Não somos assassinos também? O que foi que acabamos de fazer? Meu Deus... e estávamos conscientes...

— Isso é diferente. Se por vezes não alimentarmos a fera, ela procurará se alimentar por conta própria, se rebelando, tornando-se cada vez mais violenta na lua cheia. Foi assim que ela se comportou e lutou contra você durante todos esses anos, meu irmão.

— Então é necessário matar, é isso o que você me diz? — tentei empurrá-lo, mas as mãos dele ainda me seguravam com força. — Acha realmente que podemos

justificar o derramamento de sangue humano dessa forma?

— Talvez sim — ele me respondeu, o semblante bastante sério, me encarando diretamente nos olhos; contato visual que eu buscava evitar, pois sentia que seus olhos me hipnotizavam. — Podemos justificar do mesmo modo que justificamos o fato de um animal selvagem matar o outro para sobreviver. Olhe em volta, Natâniel! O mundo é regido pelo ciclo de vida e morte, até mesmo as árvores têm aspectos de assassinas se as estudarmos mais a fundo.

— Mas estamos falando de vidas humanas!

— E quem lhe disse que a natureza dignifica a humanidade ao ponto de colocá-la num altar, acima das outras criaturas? O que te faz acreditar que o valor da vida humana, por si só, seja maior que o valor do vegetal aparentemente mais insignificante? Ou, mais uma vez, vai fazer um discurso tolo e sem sentido sobre pecado, Deus e o diabo? Esqueça Deus, meu irmão, pois nunca o vi, nem Ele e nem o diabo, e não conheço ninguém que os tenha visto realmente. A natureza é o nosso verdadeiro Deus, Natâniel. A natureza é quem faz as regras.

Consegui me livrar das mãos dele e me afastei alguns passos. A chuva ainda caía, e parecia participar de nossa discussão.

— Nós somos diferentes, Flávio! E você sabe que isso é verdade! Pode ser que a natureza nos coloque no mesmo nível de todas as outras coisas, mas não é assim que os nossos corações humanos fazem! Ou vai me dizer que arrancar uma árvore pela raiz lhe causa o mesmo sentimento como quando você matou as pessoas que você amava...

Eu quase não tive tempo de terminar a frase, pois no mesmo instante Flávio me atacou, me derrubando no chão e ficando sobre mim, enquanto apertava o meu pescoço com as duas mãos. O verde de seus olhos brilhava com uma intensidade diabólica, o rosto contorcido de ódio, e os dentes escancarados bem próximos dos meus.

— Como ousa brincar com a minha tragédia? — ele rosnava, suas unhas haviam crescido e furavam a minha carne. — Não vai ganhar nada buscando me magoar, Natâniel, a não ser à força das minhas presas!

— Não estou brincando com seus sentimentos, nem mesmo tentando te magoar — respondi com dificuldade, devido à pressão das mãos dele na minha garganta. — Eu não ousaria fazer isso, não com a história que eu tenho, e você sabe muito bem disso.

Ele se afastou de mim, ainda tremendo, buscando acalmar a fúria.

— Entendo o que te remói por dentro, meu irmão, eu entendo perfeitamente — disse ele, e eu não sabia se o que escorria pelo seu rosto eram lágrimas ou somente a água da chuva. — Não pense que sou insensível a tudo isso, mas você vai precisar aceitar que, vez ou outra, nós teremos que alimentar a fera, pois é o

único modo de nos mantermos no controle total de nossos atos. E deverá aceitar também que a melhor oferta para o lobisomem sempre será uma vida humana. Infelizmente, essa é a realidade, meu irmão. Pode ser que, com o tempo, se tivermos força, estômago e sabedoria suficiente para alcançar o nível dos anciãos, esses sacrifícios não sejam mais necessários, mas por enquanto você vai ter que aceitar o fato.

Senti vontade de me retratar com ele, de demonstrar que não queria feri-lo, pois hoje sei que naquele momento eu já o amava. Flávio poderia também ter nascido de minha mãe; eu era realmente o *seu irmão*, como ele dizia. Mas a nossa última caçada ainda me perturbava, a lembrança de me submeter a instintos tão primais me agredia e me assustava.

— Sei que você está certo, Flávio, de algum modo eu acredito em tudo o que você me diz — eu disse baixinho, abraçando a mim mesmo. — Mas não sei se consigo, não sei se sou forte. Talvez eu não tenha sabedoria e *estômago* suficientes para continuar. Sinto que a cada dia uma sombra se aproxima, tirando a minha vontade de lutar pela vida. Tudo está perdendo o sentido, Flávio, ou talvez nada tenha sentido. E se realmente nossas dores não valerem de nada, assim como nossa existência? Por que, quando você me diz que Deus não existe, eu ainda me sinto mais desesperado?

— Me perdoe, meu irmão, creio que não sou o professor que você merece. Não sei se posso afirmar a não existência de Deus, pois nada sei. Quem sabe Ele exista, e se assim for, Ele não poderá cobrar algum tipo de crença da minha parte, já que não O compreendo, já que não O senti comigo quando realmente precisei Dele — ele suspirou, voltando a se aproximar de mim, tocando o meu rosto e meus ombros. — O que te desespera é a falta de sentido, porque você busca o sentido oculto em todas as coisas, e não digo que esteja errado, meu irmão. Mas é na vida, no sorrir e no sofrer, que encontramos o verdadeiro sentido. Devemos buscar a compreensão por nós mesmos, apreendendo com nossos erros. O que você teme é perder o que lhe resta de humano, perder o que te faz se importar com o sentimento dos outros. O que você teme é se parecer com Flora.

Aquela verdade caiu como uma rocha sobre mim. Sim, aquilo era a absoluta verdade; eu temia ser como Flora. Eu não entendia Flora, não conhecia sua história, mas de algum modo o que eu sentia nela era justamente isso, a falta de humanidade.

— Um dia eu lhe contarei tudo o que sei sobre Flora, — Flávio continuou — e já lhe aviso que não sei muito, mas posso afirmar com toda a minha certeza que você não é nada parecido com ela, não mesmo. E o que eu vou lhe dizer pode ser contestado por você agora ou depois. O que vou dizer pode até ser derrubado por algum outro argumento mais embasado que o meu. Mas, para mim, aqueles

homens que matamos eram assassinos cruéis, você mesmo ouviu a discussão entre eles, você bem viu os corpos das vítimas deles. Aqueles homens, assim como muitos outros, são como um câncer em meio ao mundo. Aqueles homens, assassinos, traficantes, mafiosos, estupradores, psicopatas... eles são os verdadeiros responsáveis pelas maiores feridas no corpo e na alma da humanidade, não nós, e nem mesmo Deus ou o diabo. E são desses homens que nos alimentamos, apenas porque nossa consciência humana não suportaria se nos alimentássemos dos inocentes, e assim de algum modo ainda ajudamos a limpar essa sujeira da face da terra. Isso nos faz heróis? Não. E talvez este argumento seja só uma desculpa para nos mantermos sãos, mas é este argumento o que nos faz acreditar que ainda não somos de todo ruins, que ainda temos algum tipo de ética, que ainda temos alguma função neste mundo.

Permaneci mudo, olhando para ele e absorvendo aquelas palavras. Aquilo me pareceu ser uma grande verdade naquele momento, e ainda hoje também, mesmo que, vez ou outra, eu ainda tenha meus momentos de trevas. Contemplei o belo rosto de Flávio e toda a sua austeridade, e dele, como de outras vezes, parecia emanar uma força e uma sabedoria que talvez nem residissem lá de fato, mas que me erguiam, que me davam vitalidade. Então o abracei com força, como se assim eu pudesse sugar um pouco daquela energia.

— Meu irmão — ele sussurrou em meu ouvido.

— Sim, irmãos — respondi, ainda o apertando contra mim. E enquanto isso a chuva voltava a engrossar, e a lua cheia era somente um brilho tênue escondido pelas nuvens negras. A fera estava dormindo, e eu, independente de tudo, não estava mais sozinho.

Meu verdadeiro aprendizado só estava no início, e todo um mundo novo se apresentava para mim. Eu começava a entrar numa nova era, mas, infelizmente, sem poder deixar todas as minhas dores para trás. Entrementes, eu começava a acreditar que aprenderia a conviver com as lembranças, e quem sabe até transformá-las em algo construtivo. Mas, antes que eu avance mais no que aprendi sobre o mundo da noite, preciso finalizar esta parte, e junto com ela o tema Isabella e o Casarão Violeta. Não que minha amada, o Casarão e os seus moradores não sejam mais citados neste livro, pois serão sim, ainda terão sua importância, mas talvez não tanto quanto nesta parte. Então, deixem que eu avance e conte sobre a noite seguinte em que pegamos um avião para a cidade de São Paulo.

(Ah, como foi tenso entrar num avião pela primeira vez, lembro-me de ter agarrado com força os braços da poltrona e rezado, enquanto a aeronave particular de Flávio decolava).

Havíamos chegado à grande cidade por volta das nove da noite, e durante o percurso eu fiquei assustado em ver como a noite lá era brilhante, com seus prédios gigantescos de janelinhas acesas, faróis de carros, sinais de trânsito, pessoas cruzando as ruas em todas as direções. Assistia a tudo isso de dentro de uma luxuosa limusine preta que viera nos buscar no aeroporto. Por fim, chegamos a um enorme e suntuoso edifício, cercado por um grande terreno gramado e por um alto portão de grades escuras, monitorado por câmeras e duas guaritas por onde os carros entravam e saíam, e entre elas, sobre o gramado, via-se uma placa de mármore onde se lia “Valverde Corp.”, em vistosas letras metálicas, iluminadas por holofotes.

A limusine entrou, descendo para um estacionamento subterrâneo, e enquanto isso, Flávio me explicava vagamente que a Corporação Valverde era uma empresa responsável pela administração de grandes e pequenas outras empresas em variados setores, mas principalmente com as montadoras de automóveis, e que os primeiros quarenta andares do prédio eram dedicados somente à corporação, enquanto os outros dez andares eram apartamentos para alguns de seus funcionários.

— E você é dono disso tudo? — eu perguntei, boquiaberto.

— Sim, mas amanhã lhe mostrarei melhor o prédio e lhe explicarei como tudo funciona — disse Flávio, enquanto pegávamos o elevador vazio (outra aventura para mim). — Está tarde e nós merecemos descansar. Eu já pedi que providenciassem um apartamento para você se instalar, em um andar logo abaixo do meu.

Confesso ter ficado sem jeito ao ver meu apartamento, totalmente mobiliado, onde até mesmo uma luxuosa banheira quente me esperava. Flávio estava bastante apressado, não se demorou muito e logo me desejou boa noite, dizendo que qualquer coisa que eu precisasse era eu só deveria usar o telefone. Me mostrou duas teclas em especial; uma tinha ligação direta com a recepção, e a outra com o apartamento dele. Por fim me deixou só, prometendo que pela manhã me procuraria.

Sem pressa, tirei minhas roupas e entrei na relaxante banheira, onde acabei até tirando um ligeiro cochilo. Em seguida, ouvindo a campainha tocar, me enrolei numa macia toalha branca e recebi uma senhora que trazia meu jantar num carrinho. Comi gulosamente e depois resolvi me deitar, excitado por aquele luxuoso mundo novo, e acreditando na promessa de um sono tranquilo.

O sono veio, mas veio entrelaçado as lembranças. Ah, e como elas podem ser cruéis, como elas podem juntar tudo o que a nossa existência representa, comprimir-nos e esmagar-nos até beirar a loucura. Eu me via em um pesadelo terrível, onde um rio de sangue nascia das entranhas abertas de Isabella, e eu me afogava nele, implorando por socorro, mas eu estava sozinho, afundando cada vez mais.

Então acordei com um grito, mas a sensação de segurança e realidade que sempre vem após um pesadelo não veio, pois diante de mim estava eu mesmo. Eu estava flutuando fora do corpo, olhando para o meu eu físico ainda dormindo sobre a cama. Era a mesma experiência que eu havia tido quando enfrentei o Coronel anos atrás, mas com a diferença que nada me prendia ao corpo. Não havia fio prateado nenhum.

Era o mesmo quarto que vi quando abri os olhos, mas ao mesmo tempo parecia outro. As sombras nos cantos de parede eram tão profundas que mais pareciam passagens, e talvez as próprias sombras fossem seres inteligentes e de propósitos obscuros. Fui tomado pelo medo e tentei me mover de volta para meu corpo, mas foi então que fui envolvido por um vento frio e cortante que surgiu de repente, e fui soprado por este vento como se eu fosse feito de pó. Gritei desesperado por Flávio, mas então, de um modo fantástico, o Casarão Violeta surgiu à minha frente.

Sim, eu estava no quintal, cercado pelo belo jardim à noite. Um vento calmo fazia com que as flores dançassem no escuro, e a lua que começava a minguar mal

aparecia no céu, dando espaço para que as trevas reinassem em volta de todas as coisas. O Casarão estava às escuras, suas janelas negras eram intimidadoras, como se alguém misterioso me observasse atrás de uma delas.

Caminhei apreensivo e cheio de curiosidade, sem saber se aquilo tudo era só um sonho, ou se eu realmente havia viajado até lá em espírito.

Segui em frente, subindo os degraus da entrada e atravessando o que mais me parecia ser uma parede de sombras onde anteriormente ficava a porta, chegando assim ao salão de entrada. Lá tomei meu primeiro susto, pois dei de cara com um cenário fúnebre, decorado com flores violetas, brancas e vermelhas, espalhadas por todos os lados. Várias pessoas estavam reunidas, segurando velas acesas, e outras velas maiores e mais grossas estavam acomodadas próximas ao conjunto de caixões abertos. Eram quatro caixões. Não era somente um velório, mas também uma vigília, onde os presentes varavam a noite pedindo pelas almas dos que partiram.

Fiquei paralisado na entrada, olhando para o grupo de pessoas vestidas de preto, em sua maioria homens, que eu me lembrava de serem frequentadores das festas do Casarão, e mulheres mais idosas. Rezavam um terço, e o conjunto de vozes envolvia o ambiente de modo melancólico e sombrio. A possibilidade de tudo aquilo ser só um sonho já não me fazia mais sentido. Aquilo estava mesmo acontecendo, e ao mesmo tempo era como assistir a um filme, onde eu era um telespectador passivo que em nada poderia influenciar com sua presença.

Sem sair do lugar, consegui avistar Letícia, seu cabelo curtinho e descolorido refletia à luz das velas, assim como sua linda pele escura. Ela estava sentada em meio ao grupo, usava um vestido de renda preto bastante sensual, como era seu costume, mas seu tronco estava completamente enfaixado, e enquanto eu olhava para o rosto triste dela, tive um lapso de lembrança, onde eu a via caindo á meus pés com um horrível corte nas costas, feito por minhas garras.

Sob os degraus danificados da escada, encontrei Madame Valquíria, a figura mais estranha presente, e as pessoas no velório lançavam olhares rápidos e preocupados na direção dela. A dona do Casarão prendera toda a exuberante cabeleira vermelha numa grossa trança que lhe caia pelas costas, usava um vestido roxo, saltos altos e um longo véu negro rendado que a cobria até a cintura. Mas, mesmo com o véu, eu consegui perceber que metade do rosto dela estava coberto por faixas de gaze, e de algum modo eu sabia que não existia mais um olho por baixo daquele curativo. E o mais espantoso era que ela abraçava com firmeza sua velha escopeta, como se esperasse ser atacada pelos demônios a qualquer momento, e era justamente isso que espantava os presentes. Ao lado dela se encontrava Franciele, lembrando-me um cisne negro, alta e esguia, segurando fervorosamente seu longo terço de madeira escura. O rosto desta estava perdido, os

olhos negros arregalados fitavam a imagem de Santa Barbara. Eu conseguia sentir em mim mesmo um monstruoso desespero emanar dela, o que hoje creio ter sido o início da insanidade que estava por vir.

Finalmente criei coragem para me aproximar dos caixões. Por um momento temi que me notassem ali, mas isso era tolice minha, eu nada mais era que um fantasma, como os muitos que habitavam o Casarão Violeta. No meio do caminho fiz mais uma pausa, pois encontrei as minhas queridas Ana e Dolores, sentadas uma ao lado da outra, segurando o mesmo terço.

Ah, como eu as amava! Meu sentimento por elas era muito parecido com o que eu nutria pela minha falecida mãe. Tão pequeninas e delicadas; senhorinhas assustadas, ambas derramando lágrimas enquanto rezavam. Dolores não apresentava ferimentos, mas Ana estava com o braço direito engessado. Permaneci contemplando os tristes rostos enrugados, morrendo de vontade de abraçá-las e beijá-las, suplicando perdão por tirar-lhes a paz. Notei a presença do simpático Geraldo também, sentado logo atrás das gêmeas, e seu rosto estava escondido pelas sombras. Por fim, não haveria mais pausas no caminho, aquele era então o grande e terrível momento, onde as maiores consequências de meus atos me esperavam adiante, enfeitadas em seus respectivos caixões, rodeadas de flores mórbidas.

Em um rápido vislumbre, eu soube quem eram aqueles que estavam deitados nos caixões, e assim escolhi a ordem de quem me despediria primeiro. A dor era tamanha que cada movimento espectral meu era uma tortura, mas era justamente essa mesma dor que me impulsionava, e hoje acredito que se não fosse tal sentimento, eu nunca teria feito aquela viagem intencional (e posso adiantar que até hoje, mesmo com algumas outras tentativas, essa foi a última vez que viajei fora do corpo).

Primeiro me aproximei do caixão de Joana, ela estava bela como sempre fora, a pele estava perfumada, e haviam passado batom cor-de-rosa nos lábios carnudos. Mas um arranhão profundo marcava a pele de seu rosto, descendo até o colo, uma ferida que nem o impecável trabalho de maquiagem da funerária fora suficiente para esconder completamente. Entrementes, ela não aparentava estar morta, e sim que somente dormia.

Natacha também causava o mesmo efeito, no caixão ao lado, seu cabelo ruivo na altura da nuca estava penteado completamente para trás, nenhuma marca de ferimento se apresentava em seu rosto atraente, mas, assim como Joana, ela estava coberta por flores até a altura dos seios, o que me impedia (felizmente) de ver o estrago que eu mesmo causara ao resto de seu formoso corpo.

Fui ao caixão seguinte, mais largo que os outros, e contemplei o homem em seu interior, vestido impecavelmente de paletó e gravata, as mãos grossas e calejadas cruzadas na altura do peito. Mas não pude ver o rosto do velho Cícero,

que acertadamente tanto desconfiara de mim, pois lhe cobriram a cabeça com um tecido de seda branco. Mais triste ainda era pensar que o filho dele não estava presente, e que provavelmente nunca soube de sua morte. Talvez, pensei, fosse melhor assim. Pelo menos Cláudio e sua querida Angélica deveriam estar felizes, longe daquela desgraça toda.

Respirei fundo, pois só faltava mais um caixão, e era o mais difícil de todos.

Quando enfim tomei coragem, não foi assim tão assustador. Isabella estava tão linda quanto às outras, e eu quase pude imaginar que nada daquilo aconteceu, que se eu a chamasse baixinho, ela abriria os sensuais olhos e sorriria para mim. A dor me atacou com mais força quando a realidade voltou a bater à minha porta, mas não chorei, nem tive nenhuma atitude desesperada. E por um incontável tempo fiquei ao lado dela, sem ter coragem de tocar as maravilhosas ondas de seu cabelo, seu rosto tão delicado, suas sobrancelhas retas tão marcantes, que mesmo naquela hora lhe davam um ar intrigado e desdenhoso. Enquanto isso, as vozes das senhoras de preto ganharam volume, tornando-se mais agudas, cantando um conhecido hino religioso que, no momento, parecia-me o mais lindo de todos.

*A treze de maio na cova da íria
No céu aparece a Virgem Maria
Ave, ave, ave Maria
Ave, ave, ave Maria*

Eu poderia ter ficado ali para sempre, mas, de algum modo, sabia que meu tempo estava acabando, aquela viagem chegava a seu fim. Então, delicadamente, abaixei meu rosto e beijei os lábios de Isabella, e foi o mesmo que beijar uma superfície feita de algodão que se desprende ao menor toque. Mas, de repente, percebi que alguém me observava.

Era o fantasma Epitácio, que diferente de todos os presentes, olhava friamente para mim e para os corpos nos caixões, e ainda teve a petulância de dar um ligeiro sorriso. E sem aguentar aquela provocação dele, dei de ombros e saí do salão, passando por Madame Valquíria e Franciele, subindo as escadas, e acreditando que seria pela última vez. Caminhei por cada cômodo da casa, me despedindo das paredes onde fui tão feliz, por tão pouco tempo. E nisso acabei encontrando a pequenina e outrora espevitada Jessica, ela dormia profundamente em sua cama, provavelmente dopada. Seu corpo estava coberto por curativos, e a sua perna direita havia sido amputada na altura do joelho, assim como alguns dedos da mão esquerda. Vendo aquilo me desesperarei ainda mais. Eu precisava ir embora imediatamente. Tudo aquilo era terrível demais. Eu desgraçara todas aquelas pessoas.

Num impulso de pensamento, apareci fora do Casarão, olhando para o quartinho dos fundos que eu havia passado as deliciosas noites na companhia de minha amada. E assim me despedi do Casarão Violeta, guardando cada momento em meu coração, e, infelizmente, com a certeza que aquele mundo nunca me pertencera, que eu nunca o merecera, assim como o amor de cada um de seus moradores.

Ah, o amor dos humanos... é o desejo pelo amor dos humanos que inquietam todos os seres da noite. E eu havia buscado o amor tantas vezes. Mas agora eu havia aprendido: O amor não era para mim, e eu teria que aceitar isso. O mundo de Flávio seria o meu mundo agora, e quem sabe nele eu encontrasse a paz, pelo menos a paz, que eu tanto desejava.

Uma risada ecoou às minhas costas, me virei assustado para ver do que se tratava, e mais uma vez encontrei o velho fantasma, e ele gargalhava, apontando para mim.

— Velho maldito — me descontrolei e avancei sobre ele, e o acertei com um soco cheio de fúria. O velho fantasma com cara de buldogue voou por cima do telhado, gritando, e eu poderia jurar ter ouvido o som de seu corpo espectral caindo do outro lado da casa.

Mas então o mundo a minha volta girou vertiginosamente, o vento frio e misterioso soprou mais uma vez, me envolvendo e me carregando. As trevas me engoliram, e quando consegui abrir os olhos, estava de volta ao meu corpo físico, olhando para o teto do meu novo lar, em São Paulo.

INTERLÚDIO

A Ponte do Progresso

Aprendizado na Cidade de Monstros

Monstros existem, e estão por toda parte. Desde os primórdios, criaturas estranhas vagam pelo mundo, e muitas vezes são tão semelhantes com qualquer pessoa, que você poderia viver a sua vida inteira ao lado de um monstro e nunca saber disso. Em tempos antigos, eles foram temidos ou caçados, tidos como crias do inferno. E havia até quem os idolatravam como deuses. Mas agora os tempos são outros, e graças à ciência e a expansão crítica do homem, as pessoas não temem mais os mistérios da noite e encontram explicações racionais para os eventos mais assustadores, para que assim acalmem automaticamente qualquer sombra de medo em seus corações. Mas, no fundo, as pessoas só enxergam o que querem, e graças a isso podemos viver como a maioria de nós prefere, fingindo sermos tão comuns quanto o porteiro do seu prédio ou do homem engravatado, sempre apressado, suando sob o colarinho.

Uma das raças de criaturas mais influentes na Noite (que é como chamamos esse nosso mundo secreto aos humanos comuns) são os imortais bebedores de sangue. Desde tempos muito antigos, os vampiros começaram a se organizar e lançar seus membros pálidos em todas as direções. Eles são mais numerosos, mas se multiplicam tão rápido quanto padecem. Os que conseguem vencer as adversidades da Noite, são donos de empresas bilionárias, e a maioria vive em numerosos grupos, submetidos a uma ordem hierárquica, aproveitando do luxo e riqueza que acumularam durante séculos. Já os solitários e errantes, que se escondem em um buraco na terra quando o sol nasce, não são muito respeitados pelos outros, e não costumam durar muito, pois a maioria destes acaba se metendo em confusões que poderiam denunciar a própria espécie, e são castigados por isso.

Vampiros e lobisomens têm uma relação muito delicada, e essa ideia (clichê?) de serem inimigos naturais, tão explorada na cultura pop, tem sua veracidade. Bem, a verdade mesmo é que *todos odeiam os vampiros*. Pois, querendo não, as grandes famílias de vampiros sempre se comportaram, e sempre se comportarão, como aristocratas manipuladores, influentes na política e até mesmo em certos grupos religiosos. Arrisco a dizer que os vampiros tendem a ser os menos humanos e os mais cruéis das criaturas da noite.

Diferente dos bebedores de sangue, os lobisomens sempre preferiram a ligação com a natureza, e durante as eras do mundo, as alcateias optaram por viver

ao ar livre, feito tribos indígenas, mas foi graças a isso, a nossa ignorância ao progresso do mundo moderno, que a maioria de nós foi manipulada e destruída por humanos e vampiros. E talvez fora justamente por isso que nos mantivemos em tão poucos números. Mas então, em dado momento da história, as tribos licantrópicas começaram a trocar as florestas pelas cidades, mesmo que nunca perdessem o contato com estas (e digo, com grande orgulho, que somos os que mais investimos em apoiar empresas que contribuem com o meio ambiente), e os novos lobisomens urbanos começaram a criar laços entre si muito fortes, e a muito custo abriram caminho pelas engrenagens capitalistas. Hoje, as famílias de lobisomens não são tão grandes quanto às vampirescas, mas costumam ser tão poderosas quanto, e em meio a este mundo cada vez mais globalizado, vampiros e lobisomens são obrigados a criar alianças econômicas e territoriais, mesmo que torçam os narizes uns para os outros, e escondam as presas, enquanto apertam as mãos.

Eles podem ater rir do que direi, mas eu acredito que o que os vampiros mais invejam em nós, lobisomens, é que mesmo com nossos poderes, e mesmo que possamos viver por um longo período, ainda somos mortais, e sentimos o mundo, seja com seus prazeres e desgraças, com muito mais urgência e intensidade; aspectos que a imortalidade os fizeram perder.

Outro detalhe importante que aprendi com Flávio foi que os lobisomens não são estéreis como os vampiros, e nisso há sempre uma chance de nossas crianças nascerem destinadas a licantria, principalmente se o pai e a mãe forem ambos lobisomens. E fiquei grato por não ter engravidado ninguém acidentalmente. Imagine, bebês lobisomens?! Mas, a mutação só costuma acontecer após a puberdade, e se você acha a adolescência uma fase complicada, imagine quando nela vem de brinde presas, garras, pelos, e desejo por sangue.

Existem também outros tipos de criaturas, até tão influentes quanto, mas nenhuma delas é tão numerosa quanto a essas que acabei de citar, pois algumas raças de criaturas são tão estranhas e misteriosas, de comportamento tão complexo, que nem sempre conseguem conviver em sociedade, seja no mundo dos humanos ou na Noite. De todo modo, não as ignore, pois estas podem ser muito mais cruéis e perigosas que qualquer lobisomem ou vampiro.

E também é claro que existem pessoas que conhecem a nossa existência e influencia no mundo, e essas pessoas são a prova de que os humanos não são tão frágeis e amedrontados como alguns de nós pensam, pois existe toda uma diversidade de seres humanos, alguns tão incríveis quanto qualquer outra criatura da noite.

Existem aqueles como David, os leitores de mentes, e existem outros de dons ainda mais variados; médiuns, feiticeiros e transmorfos... e desses humanos excepcionais eu gostaria de atentar sobre quatro mulheres conhecidas como as

Senhoras Elementais, pois uma delas possui uma pequena participação nesta história. São quatro bruxas, mas não bruxas comuns; elas são muito mais do que isso. As Senhoras Elementais também conhecem as artes ocultas, convocam espíritos e curam doenças, mas também são dotadas de dons paranormais nunca vistos; umas preveem o futuro, outras causam a morte de um homem somente com o olhar, ou comandam as forças da natureza e os animais para qualquer finalidade. Uma dessas bruxas, por sinal, foi a responsável pelo coração destruído de Flávio Valverde, mas isso é uma outra história, e cabe a pessoas mais competentes contá-la. Perdoem-me por não poder me aprofundar mais sobre essas criaturas tão misteriosas, principalmente com relação a essas mulheres tão poderosas, mas poderemos ter outras oportunidades futuras para isso...

O grupo humano mais influente na Noite é a Geneoziz, os padres, como os apelidamos, uma ordem muito antiga. Existem, pelo menos, uma embaixada secreta da Geneoziz em cada país, responsáveis por se certificarem de que as criaturas da noite não estão infringindo as leis básicas que ela mesma criou em acordo com os seres da Noite há muitos séculos. Eles funcionam como a parte burocrática da administração da Noite, e prezam pelo equilíbrio da convivência de todas as criaturas, e principalmente para manter a humanidade ignorante a nossa existência.

Seus membros podem parecer mansos e até mesmo tolos em sua demasiada diplomacia, mas a Geneoziz já deu provas de ser um inimigo implacável e cheio de truques, se necessário.

A grande maioria dos funcionários da Corporação Valverde também são humanos e não sabem de nada da verdadeira identidade dos homens e mulheres que pagam seus salários, e são responsáveis por manter a empresa atuando no mundo dos homens como qualquer outra, enquanto nós da alcateia nos preocupamos com os assuntos da Noite, negociando com outras criaturas, vigiando os seres solitários, por vezes os acolhendo, ou castigando os infratores e os que nos são uma ameaça. Alguns humanos excepcionais, como David Grenier, e que conhecem sobre a Noite, trabalham diretamente conosco, e são nossos protegidos.

Mas, voltando ao ponto onde minha história tinha parado, o governo de Flávio passava por uma crise, e está crise foi o que tinha motivado a sua ida ao Casarão Violeta.

Tudo começou com o caso do governante vampiro do estado de São Paulo, Hugo Drummond, um bebedor de sangue com pouco mais de duzentos e cinquenta anos, de origem europeia, um vampiro respeitado não só por sua posição, mas também por conseguir deixar os laços entre as duas principais espécies locais mais amigáveis. Flávio tinha bastante consideração por ele, assim como muitos outros, e

ficou espantado quando chegou a notícia de que Hugo Drummond havia sido destruído.

Alguém havia entrado em sua protegida residência durante o dia, matado os guardas humanos, encontrado o local onde o governante passava seu profundo sono diurno e o atacado. Hugo Drummond, indefeso como a maioria dos vampiros durante o dia, teve o coração arrancado do peito, e o resto do corpo fora atirado ao sol de meio-dia, transformando-se em um punhado de cinzas.

A noite chegou alvoroçada, pois, se não bastasse a delicada situação para escolher um novo governante para o estado, os vampiros checaram as câmeras de segurança e nelas mostrava claramente um lobisomem invadindo o local. Todos ficaram bastante exaltados, e a ponte tênue que ligava pacificamente os vampiros e lobisomens daquela região estava seriamente em risco de cair.

Por fim, o lobisomem criminoso fora identificado, e o leitor já deve imaginar se tratar de Flora. Ela não era desconhecida para a alcateia Valverde, Flávio mesmo já tivera com ela uma vez e tinha certa noção do perigo imprevisível que Flora representava.

— De todo modo não parece muito do feitio de Flora fazer isso, pelo menos não desta maneira tão objetiva — disse-me Flávio, após me contar todo o caso. — Ela nunca fica em um lugar por muito tempo, é conhecida por não ter amarras. Dizem que ela foi transformada há muito tempo, em algum lugar perdido do nordeste, mas ninguém sabe dizer exatamente onde e nem por quem. Flora parece nunca ter feito parte de alguma alcateia, e todas as pessoas que ela já chegou a se envolver foi por puro interesse. Ela já viajou o mundo todo, por vezes como amante de algum homem rico, ou cruzou oceanos dos modos mais curiosos e clandestinos que se possa pensar. Criou intrigas na maioria dos locais que passou, pois ela não respeita nenhuma regra, a não ser que seja para cumprir objetivos próprios. Ela também é camaleônica, e já foi vista frequentando as mais altas rodas, se comportando como uma perfeita dama. Mas, eu cheguei a conhecê-la, e sei que o que Flora realmente gosta é da natureza, e gosta muito mais do que qualquer lobisomem que conheço atualmente. Para mim, Flora é a personificação do selvagem, e costuma desaparecer por florestas inabitáveis, tornando-se algum tipo de lenda entre tribos indígenas, enquanto corre pela mata, por vezes como fera, ou nua em pelo. Tudo bem que ela também é conhecida por sua imprevisibilidade, pois nem sempre parece ter um objetivo verdadeiro por trás de suas transgressões, creio que ela é do tipo que explode coisas só para ver tudo pegar fogo e gargalhar com aquilo. E é justamente por isso que o assassinato de Hugo Drummond me é um ato estranho, pois o crime foi muito específico, direcionado demais. O que Flora ganharia, ou no que lhe seria prazeroso, destruir um político?

— Acha que pode haver mais alguém por trás disso? — perguntei.

— Talvez, eu já pensei muito nessa possibilidade, mas nenhum nome me vem à mente. De todo modo, o delito de um licantropo em nosso território é responsabilidade nossa, principalmente um crime como esse, e enquanto não pegarmos Flora e entendermos melhor essa história, estaremos “de certo modo” em dívida com os bebedores de sangue, e isso é péssimo.

Mas, infelizmente, depois que Flora fugiu do Casarão, não houve mais pistas de seu paradeiro, e David acreditava que a lobisomem tinha conseguido um meio de sair do país. Algumas outras alcateias em outras partes do mundo foram avisadas, mas todos sabiam que a grande chance de pegar a fugitiva havia passado.

E eu tinha a noção de que havia atrapalhado tudo.

Assim o tempo passou, enquanto eu me aprofundava e fazia cada vez mais parte daquele novo mundo. Eu ganhei uma identidade nova, e tive a opção de obter um novo nome, mas decidi manter o mesmo, acrescentando somente o Valverde como sobrenome, a pedido de Flávio. Agora éramos legalmente irmãos.

Comecei a estudar, tendo aulas particulares com um professor em meu próprio apartamento durante o dia, e quando escurecia eu saía mais Flávio e nossa alcateia, para resolver os assuntos da Noite. Com o tempo, ganhei responsabilidades na administração da empresa, e criei laços fortes com a minha alcateia e com os outros humanos que eram nossos aliados. Mas meu coração não se abriu para mais ninguém, nem mesmo para uma bela lobisomem que cheguei a me encantar; seu nome era Agustina, um pouco mais velha que eu, vinda da Itália a mando de sua alcateia para fazer negociações com Flávio. Ela e sua pequena alcateia de fêmeas ficaria governando o estado do Goiás e do Distrito Federal, mas sob o comando de Flávio.

Nós tivemos um rápido romance durante o mês inteiro que ela passou em São Paulo, mas nenhum grande sentimento desenvolvi por ela, e acabamos nos tornando apenas bons colegas que poucas vezes se encontram. Talvez assim fosse porque eu não havia esquecido Isabella, e de que não tivesse uma única noite antes de dormir que eu não me lembrasse dela, com exceção das noites de lua cheia, quando a alcateia Valverde se isolava numa grande propriedade rural.

Além de Flávio e eu, a alcateia era composta por mais cinco, três homens e duas mulheres. Bianca e Daniel eram da mesma faixa etária que eu e formavam um casal, e futuramente eles teriam uma criança que nasceria com a mesma condição. Ricardo e Roberto eram irmãos gêmeos não idênticos, e tinham uma história de vida tão trágica quanto a minha (e qual lobisomem não tem?). Já Maria Lúcia era a mais velha de nós, uma anciã com mais de duzentos anos, que quase nunca saía de seus aposentos, e por quem todos tinham o maior respeito. Junto deles eu continuei meu caminho, me sentindo numa verdadeira família, tendo o meu próprio lugar no

mundo, e durante todos esses anos, muita coisa eu aprendi com eles, e passamos por algumas aventuras que poderão ser contadas futuramente.

Aprendi, por exemplo, que eu era o único entre eles que via espíritos, e que este dom era muito raro. Maria Lúcia disse que poderia me apresentar a outros lobisomens que tinham o mesmo dom, para que eu aprendesse a explorá-lo, mas isso não me interessava. Os fantasmas não costumam se aproximar de mim, diferente do que acontece com os médiuns humanos, pelo contrário, a maioria prefere se afastar.

O mais importante é que me dediquei totalmente a domar a minha fera interior, vez ou outra a agradando com a carne dos malfeitores. Oh, malditos homens e mulheres de vidas sombrias, que pagam seus pecados em nossas bocas cruéis. Devemos mesmo acreditar que os assassinos, mafiosos e estupradores merecem serem alimentos de criaturas tão malditas? Nunca obtive uma resposta para essa pergunta.

Deixe-me contar mais uma situação antes de avançarmos, e lhe prometo que será a última, mas com bastante importância para os rumos que essa história tomará.

Era uma noite quente, não muito depois de minha chegada à cidade, e percorríamos o caminho de pedras de um jardim até um belo palacete branco, em um antigo bairro de São Paulo. Eu usava um terno escuro de bom corte, assim como Flávio, que andava ao meu lado, com seus olhos verdes bastante decididos. Os belos irmãos Ricardo e Roberto nos seguiam de muito perto, farejando discretamente para ter certeza que nenhuma ameaça se espreitava das sombras do jardim. Roberto era alto como quase todo lobisomem, e com o típico porte atlético, de cabelo cacheado e castanho assim como os olhos, sem nenhum pelo no rosto que parecia constantemente ameaçador. Já Ricardo costumava sustentar um sorriso simpático, e estava sempre disposto a conversar e ajudar no que fosse possível, mas fisicamente não era muito diferente do irmão, a não ser ligeiramente mais forte. Nosso colega David Grenier também estava presente, caminhando tranquilamente com seu terno branco e bengala de prata.

— Quantos estão lá dentro? — Flávio perguntou à David, parando próximo à entrada, com suas portas duplas envidraçadas.

— Tirando os dois seguranças humanos que nos deram passagem no portão, e mais outros quatro que estão espalhados pelo quintal, deixe-me ver... — David respondeu, franzindo a testa. — Sinto as mentes de dois vampiros, quatro humanos empregados e... — estacou, forçando a bengala no gramado, como se estivesse prestes a cair, mas então sorriu em seguida. — Parece que eles têm um telepata também, e este está tentando me bloquear.

— Ele é tão forte assim?

— Para me enfrentar em uma luta mental, não, mas ele vai me atrapalhar. Então creio que não serei de grande ajuda hoje.

— Bem, faça o que estiver ao seu alcance, amigo — Flávio apertou o ombro do telepata e olhou demoradamente para as janelas iluminadas.

E eu, curioso com o que acontecia, indaguei a ele:

— Pensei que havia me dito que os bebedores de sangue também leem mentes.

— A maioria, sim — e quem respondeu foi Ricardo. — É um dom que se desenvolve aos poucos, a medida que eles vão envelhecendo. Mas eles não são páreo para alguém como nosso amigo David aqui, e é também muito difícil para os vampiros captarem qualquer coisa das nossas mentes.

— Por quê?

— Parece que a mente dos lobisomens funciona de modo diferente, *mais selvagem*, eles dizem, e isso os confunde.

— Mas, lembre-se também que é complicado, mesmo para mim, ler a mente de lobisomens e vampiros, e principalmente destes últimos. Eu sou melhor em localizá-los do que em saber o que se passa em suas cabeças — disse David, o divertido sotaque francês acentuado em cada palavra. — Agora, voltando a nosso propósito, *mon ami* Flávio, tenho a infelicidade de lhe dizer que *monsieur* Aigro está presente.

Flavio lançou um rápido olhar para David, e o verde de suas pupilas brilhou ameaçador na escuridão do quintal.

— Bem, que seja. Vamos fazer logo o que viemos fazer — disse, por entre dentes, enquanto Ricardo sorria discretamente.

Voltamos a andar, subindo os poucos degraus até a varanda da entrada. Uma senhora humana nos recebeu, em silêncio, abrindo as portas para que entrássemos e a seguíssemos. Era um luxuoso palacete construído na década de vinte, decorado de um modo que me fez lembrar o Casarão Violeta, mas a propriedade de Madame Valquíria era muito mais exuberante e aconchegante.

Então, um curioso cheiro que envolvia o local foi se tornando cada vez mais forte, ao mesmo tempo atrativo e ameaçador. Os donos de tal cheiro nos esperavam na sala de visitas, sentados em confortáveis poltronas, duas criaturas magníficas de se ver. Uma era mulher, uma dama de feições delicadas e rosto rechonchudo, que tinha cabelo loiro brilhoso que descia em ondas até sua cintura, seus olhos eram castanhos, mas pareciam ter uma luz própria e o aspecto reluzente de pedras preciosas, tão atraentes quanto seu esplendoroso e extravagante vestido dourado. O outro era um homem muito alto e forte, tanto quanto eu, e assim como a mulher, ele era muito branco, e até bem mais bonito e atraente que ela. Seu cabelo era na altura dos ombros, puxado para trás e amarrado num rabo de cavalo, e era de um curioso tom de roxo escuro, que poderia chamar muito atenção se não tivesse que competir com seu largo sorriso muito branco, e olhos de um vermelho vivo, como rubis, que naquele momento se demoraram nos olhos de Flávio, antes de avaliar os outros que o acompanhavam.

— Bem-vindos a minha casa, senhores — disse a dama de dourado, estendendo a mão para Flávio, que a apertou com cautela. — É um prazer conhecer pessoalmente o senhor Flávio Valverde e sua alcateia. Por favor, sentem-se — e

apontou um grande sofá branco e mais três cadeiras acolchoadas ao nosso lado, e quando eu olhei para as cadeiras, notei que duas mulheres estavam sobre elas, nuas e desacordadas, ambas com pequenos furos na garganta, mas ainda vivas. A dama de dourado, notando meu olhar, levou a mão aos lábios e gemeu de modo teatral. — Oh, mil desculpas por essa indelicadeza, meus queridos. Adrian e eu estávamos tendo uma conversa tão agradável que eu me esqueci de mandarem retirar o jantar.

E nisso ela bateu palmas e ordenou alguma coisa numa língua que eu não conhecia, e em seguida dois homens apareceram e levaram as mulheres para fora da sala. Mais tarde eu ficaria sabendo que pessoas como aquelas mulheres eram muito comuns em casas de vampiros, servindo como alimento todas as noites em troca do luxo e conforto que nunca tiveram, ou até mesmo somente pelo prazer peculiar de servirem a tais criaturas. Eram somente refeição leve, o que não impedia que seus senhores ainda saíssem para caçar pelas ruelas escuras da cidade, se assim decidissem.

Logo após as mulheres serem retiradas, um jovem humano entrou e se sentou entre os dois vampiros. O garoto não deveria ter mais de dezessete anos, usando roupas claras e elegantes, e de aparência muito bem-apeçoada, com aquele mesmo belo tom de pele escura que eu tanto admirava em Letícia. Ele só nos deu uma ligeira atenção, e logo se pôs a encarar David fixamente, e nisso eu entendi que aquele garoto era o tal telepata que protegeria as mentes de seus mestres.

— Aceitam alguma coisa para beber? — a dama perguntou. Seu nome era Vanda Cardoso, e não tinha mais que cinquenta anos como vampira, mas era bastante influente, pois fora feita por um antigo e poderoso bebedor de sangue europeu. De todo modo, fora uma surpresa para Flávio que Vanda tivesse sido escolhida para ser a nova governante do estado, e não alguém mais velho.

— Obrigado pela oferta, senhorita Cardoso, mas nossa visita será breve. Estamos aqui somente para conhecer formalmente a nova governante e reforçar nossos laços de união — disse Flávio, que parecia tentar não entrar na batalha visual com os olhos do vampiro Adrian. E nisso uma monótona e objetiva conversa se iniciou entre os dois, onde Vanda garantia manter o mesmo tipo de administração do antigo governante, reafirmando acordos já pré-estabelecidos. Mas todos nós sabíamos que as intenções de Flávio Valverde eram mais profundas.

— Senhorita Cardoso, me responda uma pequena curiosidade: Como foi que conseguiu este cargo? — Flávio perguntou. — Deve ser uma dama excepcional para ganhar a confiança e a indicação dos antigos, sendo tão jovem.

— Tem razão, senhor Valverde, sou jovem, mas estudo afincamente sobre os assuntos da Noite antes mesmo de ter sido transformada por meu mestre. Ele me preparou muito bem. Meu mestre vive longe, eu sei, mas sua opinião é de muita

importância para nós, e ainda mais quando ela é somada a de meu agradabilíssimo companheiro Adrian Aigro.

O vampiro Adrian deu seu belo e largo sorriso, olhando para todos nós, e quando seus olhos vermelhos se demoraram em mim, senti a atração sedutora e inteligente que eles exerciam. Digo hoje, com toda certeza, que Adrian Aigro é o vampiro mais sedutor que conheci, e um dos mais perigosos também.

— Pelo que vejo, teremos uma ótima representante de sua espécie, e espero que sua administração seja tão boa quanto foi a de Hugo Drummond — disse Flávio, mas de modo tão seco, que só mesmo alguém com pouca inteligência acreditaria que aqueles eram votos verdadeiros, e a vampira parecia se encaixar plenamente nesse quesito, pois eu mesmo só enxergava nela pose e ostentação, e alguma capacidade administrativa puramente teórica. Lhe faltava sagacidade, e isso eu conseguia encontrar em demasia no vampiro ao lado dela.

E foi justamente o vampiro quem falou em seguida:

— Hugo Drummond — Adrian repetiu, num tom de pêsames puramente falso. — Quem diria que uma criatura tão respeitável e admirada pudesse ser destruída de modo tão vil e selvagem. Foi uma perda tremenda em nosso meio — suspirou, jogando todo o seu charme para a dama de dourado, enquanto acariciava a nuca do jovem telepata, e Vanda estava claramente dominada por ele.

— Espero que o culpado por tal pecado seja capturado e condenado o mais rápido possível.

Olhei para Flávio, e notei que ele fazia uma força tremenda para esconder o que realmente sentia; eu quase podia ver o lobisomem dentro dele em seus olhos, louco para sair e despedaçar o vampiro, mas Flávio se controlava de tal modo, que um humano comum nem teria notado sua fúria.

— Bem, obrigado pela recepção, mas ainda precisamos resolver outros assuntos em outros locais — concluiu ele, se levantando e estendendo a mão mais uma vez a dama de dourado. — Foi um prazer conhecê-la melhor, senhorita Cardoso.

— O prazer foi todo meu, senhor Valverde. Espero que volte mais vezes.

Todos nós ficamos de pé e nos despedimos à distância, e depois fomos acompanhados pela velha governanta até a porta. Antes de sair da sala, dei uma última olhada para trás e vi os vampiros se beijando e rindo de alguma piada que me foi inaudível. Flávio me puxou pelo ombro para que eu me apressasse, pois os outros já cruzavam o quintal.

— Nunca se sinta tão confortável numa casa de *sanguessugas*, meu irmão — Flávio me disse, enquanto descíamos os degraus da varanda. — Eles nunca são puramente o que demonstram — e então paramos, pois percebemos que um vampiro nos observava parado diante das portas duplas.

— Não acha que é uma descortesia dizer tal coisa, na residência de quem os recebeu tão bem? — perguntou o vampiro, e nem precisávamos nos virar para saber se tratar de Adrian.

Ricardo, Roberto e David pararam próximos ao portão. Os olhos de Flávio faiscaram novamente, naquele tom de verde diabólico, virando-se para encarar o vampiro.

— Sabe o que eu realmente me pergunto, Adrian? — ele indagou, ainda tentando manter a calma. — Por que um bebedor de sangue muito mais velho e poderoso, ambicioso e mais esperto, como você, não pediu para assumir o cargo de governante no lugar de Vanda Cardoso? Por que deixou que uma vampira mais jovem e fraca ficasse com um cargo respeitável que poderia ser seu?

Adrian sorriu, descendo os degraus e encarando os ferozes olhos verdes do lobisomem de tão perto que seus narizes quase se encostavam.

— Não é segredo para ninguém que eu acho qualquer tipo de política e responsabilidades terrivelmente maçantes. O que eu ganharia sendo um governante, além de dores de cabeça, e todo esse estresse pavoroso que posso ver claramente nas suas belas feições, caro amigo licantropo? Não, prefiro continuar sendo este eterno *bon vivant* que todos amam.

— Nos dois sabemos que existe algo mais, algo de podre — respondeu Flávio, a voz quase um rosnado. Eu podia jurar que ele se transformaria e abocanharia a garganta do outro a qualquer momento.

— Existe alguma prova de que eu cometi, ou estou cometendo, algum crime, Flávio? Existe algo de que você queira me acusar, ou só está dizendo essas coisas para procurar uma briga, e quem sabe assim agradar essa sua alma selvagem e incivilizada de animal? — Adrian sorriu mais uma vez, mordendo de forma provocadora o próprio lábio inferior. — De todo modo, confesso que seria uma *delícia* enfrentar alguém tão forte quanto você. Eu adoro uma boa briga também. Fico até excitado só em pensar.

Flávio tremeu dos pés à cabeça e mostrou as presas de lobo, e Adrian também fez o mesmo, mas gargalhando. Roberto e Ricardo correram e se posicionaram ao lado do alfa, tão tensos quanto eu. Mas então a voz de David ecoou em meio ao silêncio nervoso:

— Acalmem os ânimos, rapazes — disse ele calmamente, usando a voz normal e a telepática. — Nossas responsabilidades aqui já estão cumpridas e outras nos esperam.

Flávio fechou os olhos, suspirando pesado, dando as costas ao vampiro, que não se mexeu do lugar, ainda sustentando o largo sorriso. Saímos pelo portão de ferro e entramos na limusine preta que nos esperava no lado de fora, e só quando o automóvel virou a esquina foi que Flávio respirou de verdade.

— Obrigado, eu me deixei levar — disse, agradecendo ao amigo.

— Já eu acho que foi uma pena não termos destruído aquele *sanguessuga* metido a besta — disse Ricardo, sorrindo, enquanto dava tapinhas nas minhas costas e nas do irmão. E todos riram, até mesmo Flávio, mais pelo tom de voz de Ricardo do que pela “piada” em si.

— Ah, eu sinto uma aversão por aquele maldito desde quando o vi pela primeira vez — Flávio falou, enquanto se servia de um copo de whisky que Roberto serviu a todos. — E não me sai da cabeça que ele está escondendo alguma coisa.

— Ou talvez seja ela quem esconda — comentou David.

— Como assim?

O velho deu um gole no copo antes de falar.

— O garoto telepata me atrapalhou o tempo todo, como já era esperado, mas ele só protegia a mente de Vanda, dedicando toda a sua força nesta tarefa. Já o vampiro Adrian, se está ou não envolvido no que quer que seja, tem a mente muito bem lacrada, e não me deixou ler nada. De todo modo, o garoto deixou um fragmento da mente de Vanda sem proteção por cerca de segundos, e eu consegui captar.

— Algo de relevante?

— Creio que sim, pois isso aconteceu enquanto a nova governante olhava para nosso companheiro Natâniel — disse ele, olhando para mim, assim como todos no carro. — E o que eu captei foi que Vanda Cardoso achou que *o cheiro de Natâniel a lembrava de algum modo o cheiro da lobisomem que ela conheceu*. E sim, foi numa lobisomem fêmea que ela pensou.

Arregalei os olhos ao ouvir isso e gritei:

— Flora?

— Não tenho certeza, pois não vi lapsos de imagem e nenhum nome foi dito. De todo modo é uma coincidência e tanto, até porque um lobisomem costuma adquirir um cheiro vagamente parecido com o lobisomem que o criou. De todo modo isso não é prova suficiente.

— Como não é suficiente? — perguntei, levantando a voz sem querer, excitado com todas aquelas informações. — Se esses vampiros tem alguma ligação com a desgraçada, nós temos que colocá-los contra a parede e...

— Se acalme, Natâniel — ordenou Flávio com sua voz de comando. — Não vamos colocar os burros na frente da carroça. Se Aigro ou Vanda estiverem envolvidos com Flora, nós iremos descobrir, mas bater de frente com os vampiros agora, na situação que nos encontramos, seria um tiro no pé. Lembre-se que, infelizmente, estamos em dívida com eles.

— E ficaremos de braços cruzados, sem fazer nada?

— Claro que não, meu irmão, mas tudo será a seu tempo. E infelizmente isso vai demorar. Estamos em uma crise, temos que dançar conforme a música, ou poderemos botar tudo a perder — Flávio disse, apertando meu ombro, usando toda a sua influência de alfa para me comandar. — Não pense que estou confortável com esta situação, mas é o melhor a se fazer, por enquanto. Até porque é justamente isso o que eles querem, você viu o modo como Adrian montou sua armadilha agora a pouco. Eles querem que a gente haja no impulso e na irresponsabilidade, mas não será assim, pois não somos as feras selvagens e irracionais que eles pensam que somos.

Eu respirei fundo e virei o resto de whisky na garganta. No fundo, eu confiei e sempre irei confiar em Flávio, até porque eu não entendia nada daquele mundo, e o que me restava era esperar. Eu só não pensei que demoraria tanto.

E assim vinte e quatro anos se passaram, novas alianças foram formadas, aventuras grandes e pequenas se desenrolaram, e muita coisa mudou, com exceção das trevas em meu coração, que nem a companhia de meus semelhantes conseguia aplacar. Essas trevas só tendiam a crescer, silenciosamente. Mas o que eu não sabia, era que um novo tempo estava chegando, e com ele rumos inesperados.

PARTE DOIS

Ano de 2008.

Reflito sobre o modo como o sentimento de ódio pode se modificar com o passar do tempo, mudando seu foco destrutivo para nós mesmos, como um câncer maldito, dominando nossas veias com seu veneno corruptivo. Eu me iludia achando estar sob o controle, mas pouco a pouco o ódio ia virando-se contra mim, afogando-me em ondas crescentes de vazio e solidão. Tal vazio me irritava, me depreciava e me estressava, fazendo com que eu me afastasse de minha própria alcateia, buscando refúgio em noites regadas à total exclusão e álcool, ou me causava explosões de fúria repentinas onde eu magoava com duras palavras os meus mais próximos.

Certa noite, a alcateia havia saído para caçar após quase um ano inteiro de dieta. O alvo seria um cartel de traficantes perigosos, mas eu não fui com eles, e sem contar para ninguém, me esgueirei até próximo ao palacete da governadora vampira. O que eu esperava encontrar, e como isso me levaria a Flora, nem eu mesmo tinha ideia. Era uma ideia burra e desesperada. Só que Flávio me seguiu em segredo e mandou que eu voltasse com ele. Eu me neguei a obedecer suas ordens, fosse ele o alfa ou não. Tivemos uma discussão num trecho de calçada escura, enquanto carros passavam velozmente ao nosso lado, sem nos dar atenção. Não irei entrar em detalhes do que disse a ele, só sei que toquei em suas feridas, em detalhes de seu passado que ele só revelara a mim, me deliciando ao notar como cada palavra minha o deixava cada vez mais irritado.

Em seguida me transformei em fera, descontrolado, rasgando minhas caras roupas e corri sobre os telhados, um borrão escuro fugindo das luzes dos postes. Flávio me seguiu, até que chegamos a um grande terreno abandonado, coberto de mato. Lá, encontrei uma velha mendiga, e rapidamente a matei. Sim, simplesmente saltei inesperadamente em suas costas e quebrei-lhe o pescoço com minha mandíbula. Ela nem teve tempo de entender nada, e nem eu tive tempo de saber o que eu mesmo havia feito, pois Flávio me derrubou, exigindo obediência na base da força bruta, e eu cedi.

— Agora se alimente! Coma o coração dela! — ele gritou comigo, após nós dois voltarmos à forma humana, enquanto me desferia um soco no rosto. Eu olhava

assustado dele para o corpo da mendiga, encharcado do próprio sangue e de lama.

— Flávio, eu... eu não sei o que aconteceu...

— Você agiu com irresponsabilidade e birra, feito uma criança! Você é um homem adulto, Natâniel, comporte-se se como tal! E já que a matou irracional e indiscriminadamente, pelo menos dê alguma finalidade digna ao corpo dela! Vamos, coma o coração dela! Não me faça usar da força mais uma vez!

Eu nunca o tinha visto sendo tão imperioso e furioso. Eu estava assustado e cheio de culpa. Como eu podia ter perdido o controle daquele jeito? Então me abaixei, me preparando para voltar a me transformar, mas o alfa me impediu.

— Não! Você já fez muita merda como besta. Mantenha sua forma humana.

Fiquei ainda mais assustado, encarando o verde luminoso em seus olhos, pois eu nunca havia me alimentado daquele jeito, me parecia abominável. Mesmo assim fui até a mendiga morta, buscando não a olha no rosto, e chorando, abri um buraco entre suas costelas com a força dos dedos, encontrando o órgão ainda quente, e o puxei para fora, segurando-o na mão direita. O coração humano é o que realmente sacia o desejo do lobisomem, principalmente quente como estava, tanto que nem sempre devoramos todo o corpo, e mesmo na forma humana eu o desejava, podia sentir o seu delicioso cheiro me invadindo e dominando.

— Coma! — Flávio ordenou mais uma vez, e eu comi, rasgando as fortes fibras, chupando e me melando de sangue, sentindo o gosto de minhas próprias lágrimas misturadas e este. Oh, que demônio eu sou, que maldito, a fera em deleite com o prêmio vermelho, enquanto o *eu* humano chorava impotente à própria desgraça.

Em seguida, sem trocar palavras, cavamos uma cova lá mesmo, usando nossas patas monstruosas, e enterramos o corpo da mendiga. Flávio mandou que eu esperasse enquanto ele, farejando para ter certeza que ninguém nos observava, atravessou o matagal até um conjunto de vagões de trem abandonados que servia de moradia para drogados sem destino e moradores de rua, envolto na manta imunda da mendiga para esconder sua nudez. Lá ele encontrou um velho orelhão, discou a cobrar para David e voltou em seguida. Logo uma BMW preta parou na estradinha de terra perto de onde estávamos e corremos para o banco traseiro dela.

— Pelo jeito, vocês tiveram uma noite movimentada — disse David, enquanto dirigia, com seu costumeiro bom humor. E pela primeira vez, eu comecei a ter a noção de que a idade começava a cobrar com mais afinco de nosso amigo telepata. As rugas em seu rosto estavam mais profundas e marcadas, e seu belo cabelo branco bastante rareado nas entradas da testa. De todo modo ele ainda mantinha um vigor espantoso para seus oitenta e seis anos de idade, e Ricardo costumava brincar dizendo que toda a alcateia morreria de velhice antes de David Grenier fechar os olhos definitivamente.

— Se continuar neste caminho, vai acabar encontrando a própria destruição — disse Flávio, sem dar atenção ao velho, e sem olhar na minha direção.

— Talvez eu mereça a destruição — retruquei, olhando pela janela.

— Talvez você não tenha a menor noção do que está dizendo — ele arfou, pressionando as têmporas com as palmas das mãos.

— Você não entende...

— O que eu não entendo, Natã? A sua dor? A sua raiva? O seu sentimento de impotência e vingança? Eu compartilhei com você cada noite destes vinte e quatro anos, e é claro que eu entendo o que você sente com relação à impunidade de Flora e tudo o mais. É claro que eu entendo e percebo que este sentimento o está corroendo. Nós somos uma alcateia, uma família. Por que acha que não entenderíamos? Todos percebem a sua dor e se compadecem por você. Mas como você retribui, meu irmão? Você nos ofende e nos afasta de você feito um cachorro velho e louco! Você está cada vez mais egoísta e insensível, pois é *você* quem não entende que existem aqueles que se importam com você, e que ficariam arrasados se você encontrasse essa destruição que você acha que talvez mereça.

Aquelas palavras me tocaram fundo, mas mesmo assim não foram suficientes para manterem a minha boca fechada.

— Então é isso, eu devo continuar *por vocês* — disse eu, sarcástico e amargurado.

— Continue por você mesmo, ou pela sua vingança, que seja... mas continue, e continue com responsabilidade, sendo dono de seus atos. Continue pelos que você ama e pelos que amam você. E se nada disso for suficiente, continue para encontrar o que você quer realmente.

— E se eu não souber o que eu realmente quero?

— Então descubra. Mas saia dessa estagnação.

Eu olhei demoradamente para ele, para seu belo rosto sério e decidido, para seus olhos que em sua selvageria pareciam contemplar a minha alma ferida, e sentir junto com ela. Sim, aquele era Flávio Valverde, meu irmão, e eu o amava. Mas, por que aquele amor, e o amor que eu sentia por todos os outros daquela íntima família de monstros, não bastava?

— Eu estou cansado, meu irmão — eu disse, quase sussurrando.

— Então descanse — ele respondeu, apertando a minha mão.

No dia seguinte, fomos convocados ao quarto da anciã. Maria Lúcia, uma doce senhora, magrinha e esguia, que quase não saia mais de seu apartamento, sempre descalça e usando seus leves vestidos de renda branca. Uma mulher de aparência tão maternal, que seria impossível que alguém imaginasse se tratar de uma lobisomem antiga, e tão selvagem quanto todos os outros. Era sempre um

prazer estar ao seu lado, e eu poderia citar muitas das histórias que ela me contou, enquanto Ricardo e eu tomávamos vinho em seu aconchegante apartamento. Mas naquela noite ela não queria prostrar, como dizia, e sim fazer um pedido ao alfa (o que significa quase uma ordem, vinda de uma anciã).

Maria Lúcia estava para morrer, sua hora havia chegado, e a morte lhe viria tão imperiosa quanto as rugas que lhe dominavam a face naqueles últimos anos. É curioso, penso, como funciona o tempo dos licantropos; exibindo saúde, disposição e aparência joviais por mais de dois séculos, e de repente, a velhice surge tão repentina e acelerada que assusta a todos. Ela queria fazer uma viagem curta antes, e gostaria que eu a acompanhasse. Nem eu e nem Flávio entendíamos suas intenções, e tentamos convencê-la a mudar de ideia, pois estava fraca e não precisava de mais aventuras, mas a anciã estava irredutível.

Flávio então disse que iria junto, mas Maria Lúcia disse não, que somente queria a mim para acompanhá-la até a turística cidadezinha goiana de Pirenópolis. O alfa não gostou daquilo, mas não negaria o pedido de uma anciã.

Aconteceu tudo muito rápido e inesperado, e quando dei por mim, no dia seguinte, eu já estava em um avião mais Maria Lúcia, em direção à Brasília, onde um motorista nos esperava no aeroporto, e com ele iríamos percorrer 137km até o nosso destino. Mas a anciã liberou os serviços do homem assim que o encontramos, entregando-lhe um bom pagamento, dizendo que seria eu quem dirigiria até o nosso destino, e que não queria a companhia de mais ninguém. Sendo assim, seguimos pela estrada, mas não trocamos palavras, por mais que eu estivesse cheio de perguntas, pois Maria Lúcia ficou tão inanimada quanto uma boneca, quem sabe em transe, os olhos castanhos fitando a estrada, enquanto na rádio tocava suas antigas modas sertanejas preferidas. E enquanto isso, vez ou outra eu a contemplava, imaginando que tipo de lembranças ou questões lhe povoava a mente, já que, por mais que a anciã gostasse de contar histórias sobre si, e sobre a Noite, ela nunca havia deixado de ser um mistério sedutor para todos.

Pirenópolis: pequena cidade do interior de Goiás, que fora tombada como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Local que ainda conserva seu aspecto antigo e bucólico, com seus casarões e igreja em estilo barroco, cercada de morros e cachoeiras. Era feriado emendado, e a cidade estava lotada de turistas, enchendo bares e restaurantes, carros espalhavam-se estacionados ao longo das calçadas, os porta-malas abertos, tocando músicas barulhentas em variados estilos, enquanto jovens dançavam, bebiam e se esqueciam de todos os problemas do mundo.

Aquilo não me agradou em nada, pois sempre odiei multidões e música alta. Por sorte, fomos direto para um chalé que havíamos reservado por telefone em um dos inúmeros acampamentos espalhados ao redor da cidade. Um local agradável e

aconchegante, onde o toque de silêncio começava às seis da tarde. E foi então que Maria Lúcia começou a conversar, contando as vezes que já havia estado naquela cidade, sobre os turistas que conheceu, e sobre colegas donos de bares, acampamentos, hotéis e restaurantes, mas nada naquela conversa revelava seu real motivo de viagem. Ela já havia estado em Pirenópolis muitas vezes antes, mas tinha algo mais em suas memórias, algum ponto misterioso (ou doloroso) era evitado e desviado em sua conversa. Eu estava curioso, claro, mas não me atrevia a questioná-la mais do que eu já havia feito.

A conversa continuou durante o almoço, e depois ela disse que estava cansada da viagem e que precisava tirar um cochilo na confortável cama de casal do chalé, e eu aproveitei para fazer o mesmo no quarto ao lado.

Acordei por volta das três da tarde, e como a anciã ainda dormia profundamente, decidi por uma sunga e conhecer a pequena cachoeira e o riacho que cortava a propriedade. Próximo a água, algumas pessoas acampavam em barracas de todos os tamanhos, riam e tomavam cerveja, enquanto se banhavam. Eu, antissocial que sou, procurei um canto mais afastado, e me sentei entre um conjunto de pedras onde, quando me deitei sobre uma delas, a água corria sobre meu peito, numa massagem natural maravilhosa.

E assim fiquei um longo tempo, mais de uma hora talvez, sentindo o cheiro da mata e das pequenas criaturas que se escondiam sobre as folhas e troncos de árvore, ouvindo as conversas animadas das pessoas próximas, enquanto o sol da tarde me aquecia carinhosamente.

Foi então que de repente ouvi uma risada que me fez erguer a cabeça de imediato. *A risada de Isabella.*

“Não, são só as lembranças querendo voltar para me castigar merecidamente”, disse a mim mesmo, antes mesmo de ver de quem a risada pertencia, e então notei um garoto não muito longe de mim, ele estava um pouco alcoolizado, e parecia conversar sozinho, ou algo assim, e quando me viu ficou sem graça, tanto que ruborizou. “*A correnteza levou meus chinelos*”, ele disse, quase sem mover o sorriso amarelo, e nisso se afastou no mesmo instante, enquanto um amigo seu o chamava pelo nome, e soltava alguma piada que fez o garoto voltar a rir. E sim, para mim era muito parecido com o riso de Isabella. Não que o garoto tivesse um riso feminino, e sim uma entonação parecida, meio rouca e suave e... Bem, poderia ter sido uma ilusão auditiva também? Fosse o que fosse, não era digno de importância, e a presença de Maria Lúcia do outro lado, olhando e me chamando com um movimento de mãos, me afastou das constantes lembranças.

Quando a noite chegou, junto de uma bela lua azulada, quase cheia, eu e a anciã sentimos a natureza nos chamar. Fomos ao riacho e caminhamos cachoeira acima, ambos enxergando muito bem no escuro. Eu usava somente um short, e ela

um simples vestido solto, andando encurvada, como se tivesse envelhecido mais alguns anos apenas naquele dia, mas com passos firmes e brilhantes, os olhos decididos, enquanto o luar iluminava seu cabelo branco. Havia outra cachoeira, segundo ela, há menos de um quilometro rio acima, uma cachoeira maior e mais bonita, e que numa hora daquelas, devido ao difícil trajeto, estaria vazia.

Ao chegamos sem muita dificuldade no alto da tal cachoeira, subitamente as pernas de Maria Lúcia falharam, como se num piscar de olhos tivessem perdido suas forças, e ela, ignorando minha preocupação, pediu para ser deitada numa grande rocha, enquanto namorava as estrelas.

— Talvez nós devêssemos voltar, eu carrego a senhora, não seria um problema. A senhora não está bem — eu disse. — Vamos ligar para Flávio, ele pode mandar um...

— Natâniel, meu Natâniel... — cantarolou ela, com toda a calma, sorrindo, enquanto eu me ajoelhava ao seu lado. — Sempre o mais doce e preocupado. Foi um orgulho ter alguém com o seu coração em nossa alcateia.

— Senhora...

— Shhhh... Se acalme, meu queridinho. Tudo está bem. Tudo está sendo como deve ser — ela acariciou meu rosto com a mão esquerda. — Flávio já tem noção do que acontece. Não se espante se antes mesmo do sol raiar um de nossos carros pretos aparecer para nos buscar, então não se preocupe.

— Mas o que está acontecendo com a senhora?

— Eu já lhe disse, eu estou morrendo. Eu sou uma licantropo de sorte, e agradeço por isso. Somos sortudos, Natã, pois temos um ao outro, temos Flávio e os outros, uma família, um lugar no mundo. Quantos de nós vivemos solitários, feito bestas da noite, provando o sangue de inocentes e intoxicando gradativamente as nossas almas com isso? Quantos abraçam a morte antes do tempo, ou a encontram pelas garras e presas de outros? — ela sorriu, voltando a olhar a lua e as estrelas. — Sim, somos sortudos, Natâniel, mesmo com nossas dores, pecados e feridas incicatrizáveis. E eu mais ainda, pois sou mais uma das poucas anciãs, e agora a velhice será cobrada tão rápido e furiosamente que não me restará muitos dias, meu cérebro e meu corpo padecerão, e se eu estivesse sozinha, seria somente uma velha louca, sem memória e sem rumo, perdida na mata, ou mais uma mendiga no frio da cidade, na humilhação e decadência, até que meu coração parasse finalmente. Não, seria um destino terrível demais. Sorte que eu tenho minha alcateia, e dela eu escolhi você para o Ritual Final.

— Ritual Final?

— Sim, e eu já lhe contei sobre. Deixe-me refrescar a sua memória — ela estendeu a mão e pediu que eu me deitasse sobre a rocha, ao lado dela, enquanto

uma brisa suave nos acariciava, e o constante rugido da cachoeira envolvia a tudo completamente.

— Antigamente se acreditava que a alma de todas as coisas vivas, junto de seu poder, residia em seus corações, e que isso explicava a preferência que os lobisomens têm por corações humanos, pois assim acabavam comendo parte das almas e das forças de suas vítimas. E nisso, quando a era da morte chegava a um ancião, este escolhia um membro de sua alcateia para lhe presentear com a força que acumulara durante toda a vida. Não existe honra maior para um jovem lobisomem, do que ser presenteado com o coração de um ancião. E não existe honra maior para um ancião, do que morrer dignamente, entregando seu coração a um membro de sua alcateia. E eu escolhi você, Natâniel.

— Eu não posso... Não me peça uma coisa dessas! — exclamei, pondo-me de pé e a encarando com olhos arregalados. — Eu não posso matá-la!

— Se não for você, será o tempo, e o tempo me humilhará, e me tornará nada. Apenas nada. Mas, se os sábios antigos estiverem corretos, eu continuarei vivendo em minha alcateia, por meio de você, Natâniel. Não negue esse meu pedido, *o último*.

— Mas, por que eu? Por que não Flávio? Ele é o alfa!

— Mas você tem o maior coração de todos, Natã. Eu vi o seu coração, a sua alma sofrida, enquanto eu vagava em minhas viagens noturnas. Eu vi os seus sonhos, seus pesadelos, e o seu amor por aqueles que o cercam, e por aqueles que você deixou para trás. Eu vi você em todas essas facetas, e o amei muito mais por isso. É verdade que é comum que o alfa seja escolhido para o Ritual Final, mas minha escolha foi definida pela beleza, e foi essa beleza que eu encontrei em sua alma. Seu coração merece o meu.

Fiquei mudo, desviando meus olhos da direção dela, voltando-me para a tranquilidade da noite e todos os seus sons misteriosos e encantadores, mas que não me transmitiam paz alguma. Faltava algo, em tudo a minha volta faltava algo. Uma total falta de sentido, um véu sombrio e gelado, me cobria. Eu estava há vinte e quatro anos entre eles, os seus costumes agora eram os meus, seus prazeres e deveres também. Sim, não existia nada mais honroso entre nós que o Ritual Final, mas, por que aquele desespero todo me engolia? O que faltava? Lembrei-me do rosto da mendiga morta, os olhos saltados, a boca torta, seu coração fumegante em minhas mãos, de seu sabor, e me lembrei das palavras de Flávio sobre eu dar uma finalidade digna a morte da mendiga. E que finalidade digna eu havia dado a Isabella e aos outros? E se eu tivesse possuído seu coração, que dignidade isso me traria?

— A noite está linda hoje, não é mesmo? — perguntou a anciã, os braços abertos sobre a rocha fria. Seu doce perfume me chegava suavemente, e as rugas

em seu rosto transmitiam tanta paz que me desconcertava. — Este é o meu lugar preferido de Pirenópolis, foi justamente aqui que eu conheci a pessoa que mais amei. Quando estou aqui, sobre a dureza dessa rocha, sob este céu, é como se eu estivesse com essa pessoa novamente. Morrer aqui é morrer com ele.

Por algum motivo, aquelas palavras tão simples me fisgaram profundamente. Eu olhei para Maria Lúcia novamente e foi então que vi algo mais, algo como uma tênue luminescência que a envolvia, como se os raios de luar a tocassem e a transmitissem um pouco de sua beleza e mistério. E eu ouvia claramente o seu coração, batendo forte, chegando a afastar de meus ouvidos o rugido da própria cachoeira. Aquele som me chamava, e penetrava em meu corpo, chegando a encontrar o meu próprio coração, unindo-se a ele.

Eu não percebia ainda, mas aquele já era o Ritual Final, me hipnotizando, pois ele havia começado logo quando a anciã me escolhera. Era a fera que fora invocada para o ritual, não o homem. E Maria Lúcia me olhava de volta, seus olhos escuros tinham um brilho próprio, e também seu sorriso, enquanto ela rasgava sem a menor dificuldade a frente de seu vestido, deixando os pequenos seios flácidos à mostra. E envolvido por aquela força, pela vontade da fera, que naquele momento não aceitaria rédea alguma, eu me aproximei da anciã, despindo-me de meu short, e assumindo a forma de besta, pondo-me a farejá-la em seguida.

Ela estremeceu, como se uma súbita onda de prazer a transpassasse, e também se transformou. E fora a primeira vez que eu a vi em forma de fera, e me foi impressionante; ela era uma lobisomem esguia, visualmente velha, os pelos esbranquiçados, e de olhos amarelos meio opacos que olhavam diretamente nos meus. A lobisomem não saiu do lugar, permaneceu deitada, submissa, desprovida de ego ou qualquer outro tolo sentimento terreno, somente esperava a concretização do ritual, numa paz e entrega tão plenos que dominavam o próprio ambiente. E então a golpeei no peito, mas seu corpo não era tão frágil como o da mendiga, e eu tive que por mais força em minhas garras, rompendo-lhe a carne, quebrando-lhe a proteção das costelas, enquanto a velha lobisomem se contorcia de dor, mas ainda sem resistir a mim. Então encontrei o que procurava, o órgão pulsando, muito mais forte e quente que o dos humanos. E assim o envolvi com meus dedos, e rugindo selvagememente o arranquei de seus ligamentos.

O sangue jorrou, manchando os pelos prateados da anciã, escorrendo pelo meu peito, enquanto eu enfiava o coração na boca e o mastigava, em frenesi. Não existia mais Natâniel, nem a cachoeira, nem nada, somente o sangue e a carne de Maria Lúcia, e toda sua essência, lapsos de memórias que não eram minhas, e uma misteriosa e reveladora sensação de prazer e paz, e beleza e... Eu estava cego! O luar me envolvia em uma luz prateada e quente, e eu sentia que flutuava, abraçado ao corpo de Maria Lúcia... éramos o vento, a terra, e a cachoeira, e os animais e

insetos; éramos todas as coisas... segredos me eram revelados ao pé do ouvido, assim como acontecimentos futuros que eu esqueceria logo em seguida...

Abri os olhos e vi minhas garras sujas de sangue. Os sons noturnos da natureza haviam voltado a reinar, e o corpo humano da anciã se encontrava a minha frente, com um buraco terrível no peito, mas, para meu total espanto, um pouco mais distante de onde eu estava, o fantasma de Maria Lúcia estava de pé, sorrindo para mim, e não havia ferimento nenhum em seu corpo, até mesmo seu vestido estava intacto. Eu desejei me aproximar, voltando a minha forma humana e dando alguns passos desconfiados na direção da aparição, mas em segundos ela desapareceu.

Permaneci mudo, agora finalmente sozinho, somente eu e a natureza, e um súbito desespero se abateu sobre mim. Mais uma vez me transformei em fera, agarrei o corpo da anciã e o escondi na mata fechada. Eu só não queria ter que me preocupar com ele por enquanto, até porque, segundo a própria anciã, Flávio logo estaria na cidade, se já não estivesse.

Em seguida comecei a correr mata adentro. Eu precisava correr e sentir a liberdade nas patas. O corpo em movimento sempre me fez bem, ajudava a acalmar meus pensamentos. Eu não tinha uma direção certa, Pirenópolis era um terreno novo para mim, e eu sabia que estava me arriscando devido ao número de acampamentos espalhados por toda parte, mas eu não podia parar, eu só queria deixar a fera solta pelo tempo que fosse possível.

Algun tempo depois, mais calmo, mas ainda me deixando levar pelos instintos do lobisomem, eu voltei à cachoeira onde estive com Maria Lúcia e pus-me a beber a água do rio, e finalmente acalmado, voltei à forma humana e caí na água gelada, como se está pudesse lavar todos os meus males.

Em dado momento, todos os meus sentidos foram ativados, pois eu acabava de sentir cheiro de humano. E este humano não estava muito longe, do outro lado da margem do rio; era um garoto, julguei, por volta dos vinte anos, e ele olhava na minha direção, mas não conseguia me ver na escuridão da água. Talvez ele achasse que tivesse visto algo, que o fez paralisar e que acelerou o seu coração. Sim, eu ouvia claramente o coração dele, e o som era delicioso, assim como o cheiro de sua carne. E não era a primeira vez que eu via aquele garoto, ele era o mesmo que me chamou a atenção mais cedo, com sua risada que ligeiramente lembrava a de Isabella.

Sim, era o mesmo garoto, eu não tinha dúvidas! Mas, e agora, o que será que ele havia visto? Seu cheiro era recente, e deveria significar que havia acabado de chegar, mas como eu poderia ter certeza? As últimas emoções haviam atrapalhado os meus sentidos. Será que o pobre garoto havia me visto como monstro, carregando o corpo de uma senhora para a mata? E se assim fosse, o que eu deveria

fazer? E então uma ideia terrível me veio à mente, dizendo-me para *desaparecer* com a testemunha. Mas não, eu não poderia matar novamente, não naquela noite, não daquele modo. O jovem do outro lado da margem era inocente. Que culpa ele tinha de, sem querer, ter tido o vislumbre de mistérios tão diabólicos?

Dando uma última olhada no rapaz assustado, mergulhei no rio e me afastei, e ainda escondido nas sombras, entrei na mata e corri em direção ao corpo da anciã, e quando a encontrei, deitei-me sobre ela, chorando, e aconchegando meu punho direito dentro do buraco em seu peito, como se assim eu pudesse agarrar algum vestígio daquela magia maravilhosa que seu coração me presenteara, que havia me envolvido em completo prazer e paz.

Pena que nada mais dessa magia se encontrava ali, somente o vazio, e a concretização da morte.

Não se preocupe, meu querido Natâniel, — disse subitamente a já conhecida voz mental de David Grenier, ecoando em minha cabeça — *sua alcateia já está aqui, tudo vai ficar bem.*

15

André

Ao nascer do sol tudo já havia sido resolvido. David esperou no chalé, enquanto Flávio, Bianca, Roberto e Daniel foram até mim na mata. Puseram cuidadosamente o corpo de Maria Lúcia num saco de couro preto, mas não voltaram com ele para o acampamento, e sim o levaram na direção contrária, pela mata, até uma estradinha de terra que dava para uma rodovia praticamente deserta naquele horário, onde Ricardo esperava em um dos elegantes e espaçosos automóveis negros da alcateia. Todos se prepararam para ir de imediato, sem descanso; enterrariam o corpo da anciã na fazenda de Flávio naquele mesmo dia, mas eu optei por ficar em Pirenópolis. Minha despedida de Maria Lúcia já havia ocorrido do modo mais emocionante possível. Flávio e Ricardo não aceitaram a minha decisão de imediato, e insistiram para que eu voltasse com eles, mas não mudei de ideia.

— Eu só preciso descansar mais um pouco, meu irmão — eu disse a Flávio, abraçando-o, antes de ele entrar no carro. — Esse lugar me faz bem, me mantém distante de todo o resto. Deixe-me só por alguns dias, prometo que volto com o termino do feriado.

Talvez tivesse algo realmente mágico em Pirenópolis, suas paisagens, *sua energia*... não sei. Algo ali me fazia muito bem naquela manhã, até mesmo as suas ruas cheias de turistas e música começaram a me agradar. Eu estava sozinho novamente, e pela primeira vez em anos eu decidi fingir ser um homem normal; que eu era tão comum como qualquer uma daquelas pessoas, trocando meu terno por uma bermuda marrom, chinelos de dedo e uma camiseta leve, enquanto passeava pelas ruas do centro, comprando lembrancinhas para meus irmãos da alcateia, me admirando com a humanidade verdadeira, e sendo admirado por ela.

Decidi almoçar em um pequeno e aconchegante restaurante de paredes amarelas, cercado por um belo jardim, e que tinha uma comida maravilhosa. O local estava cheio, mas eu almoçava sozinho numa mesa de madeira em um canto, entre duas enormes janelas para o jardim, o que me agradava em muito. Me atendendo a brisa e o perfume das flores, enquanto minha super audição captava o som dos outros clientes raspando os garfos e facas no prato, mastigando, rasgando a comida no dente — enfim, uma coisa desagradável a se acostumar quando se é um lobisomem. E foi neste momento que dois jovens se aproximaram da minha mesa,

perguntando se não poderiam dividi-la comigo, já que havia três espaços sobrando e não tinha mais mesas para ambos e mais outro amigo que estava no banheiro. Eu consenti, mais por educação e por ser do tipo que tem dificuldade de dizer não do que por boa vontade, e os dois ocuparam o banco a minha frente com gratidão.

Eram dois rapazes por volta de vinte e poucos anos, ambos bonitos, um loiro muito alto, de voz simpática, e um moreno mais musculoso e de fala arrastada, conversando animadamente entre si, buscando não levantarem muito o tom de voz para não incomodarem o homem carrancudo e solitário no canto da mesa. E então percebi que eles eram um casal, pelo modo como discretamente encostavam as mãos um na outra, e usavam alianças exatamente iguais. Sem me dar conta, eu encarei uma das alianças, era grossa, dourada, com uma faixa central de prata, e senti um repentino incomodo ao observá-la, uma rápida dor profunda e até mesmo tola. Não houve alianças para Isabella e eu, nunca haveria.

Então um deles acenou para o lado, para o amigo que até então havia ido ao banheiro. O outro garoto sorriu rapidamente e veio em nossa direção, parecia ser o mais novo do trio, e sustentava um olhar meio disperso, como se inúmeras questões lhe chamassem a atenção mentalmente. Levei um ligeiro choque ao notar que o garoto era o mesmo que acampava no terreno do chalé que eu estava, o mesmo garoto que pensei em matar na noite anterior, e instintivamente baixei os olhos para o meu prato, que ainda estava na metade, como se assim eu pudesse evitar ser reconhecido.

Mas ele não olhava para mim e nem para mais ninguém diretamente, somente sentou-se ao meu lado, avaliando as folhas plastificadas do cardápio. Tinha por volta de um metro e setenta e sete de altura, magro, usando chinelos de dedo, bermuda xadrez azul e uma regata branca, e óculos de lentes quadradas e de armação grossa e escura. Seu cabelo era castanho claro, armado com bastante gel, e era dono de olhos profundos e de um castanho caramelado, emoldurado por sobrancelhas muito retas, o que lhe dava um ar ligeiramente marrento. Eu poderia ter simplesmente saído da mesa, mas eu estava curioso, minha vontade mesmo era de perguntá-lo sobre o que ele vira na noite passada.

De repente, era tentador buscar avaliar a sensação que aquele humano havia experimentado; se sentiu algum fascínio envolto em um medo tremendo, se a experiência havia lhe proporcionado mais fé no sobrenatural, ou somente desespero.

— Que demora foi essa, André? Por acaso encontrou o fantasma da Loira do Banheiro? — perguntou, sarcasticamente, um de seus amigos, o loiro alto. André só fez uma careta debochada em resposta, e em seguida fez seu pedido à garçonete: salada, arroz, feijão e batata frita. O casal também fez seu pedido, e quando a garçonete se afastou eles voltaram a conversar.

— Amigo, você não tá pensando em voltar lá não, né? — perguntou o moreno.

— Que preocupação é essa agora? Se não acreditam em mim, não tem porque se preocuparem — respondeu André, e sua voz mais uma vez me trouxe aquela sensação de já tê-la ouvida antes.

— O problema não é o que você viu, ou pensou ter visto, ainda mais bêbado como estava, mas sim o perigo que é andar no meio do mato naquela escuridão toda. E se você tivesse se perdido, ou torcido o pé em um buraco...

— Tá bom, Luís, relaxa. Eu não farei mais nenhuma loucura.

Imediatamente, o loiro, que se chamava Beto, começou outro assunto, totalmente diferente e desinteressante a mim. Beto era o que mais falava, e Luís era o que mais prestava atenção ao assunto, comentando algo aqui e ali. Já André permaneceu calado a maior parte do tempo, e quando eu discretamente olhava para seu rosto, o encontrava perdido em pensamentos, olhando algum objeto sobre a mesa. Ele devorou seu prato rapidamente, e enquanto os outros ainda comiam, puxou um bloco de papel e um lápis de dentro de uma mochila que havia trago consigo, e ainda fingindo prestar atenção no que o outro falava, começou a rabiscar.

Logo mais o casal já havia terminado a refeição e ambos se dirigiam ao balcão para pagar a conta, enquanto André ainda desenhava no bloco de papel, como se tivesse se esquecido dos amigos. E nisso eu ainda comia bem devagar, avaliando o garoto ao meu lado, e chegava a conclusão que tinha algo de muito estranho nele, uma sensação que eu não conseguia compreender, além do fato dele parecer muito calmo depois do que tinha visto na noite anterior. Ou será que ele não havia visto o suficiente? E enquanto eu me fiz essa pergunta, ele virou o rosto e me encarou. Foi um movimento natural, mas me pareceu tão brusco que me assustou.

— Eu vi você ontem — ele disse, tranquilamente, voltando os olhos para o papel, enquanto eu enrijecia os músculos. — Eu vi você no *Camping Pedra da Lua*, eu estou acampando lá também. Desculpa se a gente incomodou o seu almoço, a ideia não foi minha.

— Quê isso, a mesa tem bastante espaço — respondi, mais aliviado.

— Verdade, mas... Beto fala tanto que incomoda qualquer um — ele sorriu sem olhar para mim (eu começava a notar que, assim como eu, André não tinha muita facilidade de se socializar), e eu me forcei a fazer o mesmo, e em seguida ele se levantou as pressas, agarrando a mochila entre as pernas, e saiu da mesa, pois os amigos o esperavam do lado de fora.

Eu permaneci onde estava, ainda comendo, observando pela janela o trio entrar num jipe preto e partirem, e creio que foi naquele momento que percebi que o sentimento de curiosidade com relação ao estranho garoto começava a crescer

gradativamente dentro de mim, curiosidade que seria decisiva para os espantosos dias que estavam por vir.

Quando me levantei para ir pagar a conta, acabei pisando em alguma coisa perto da mesa, era o bloco de papel que o garoto havia deixado cair na pressa. Peguei e o folheei rapidamente, encontrando desenhos muito bons, mas a maioria não passava de esboços anatômicos de corpos de animais, homens e mulheres, mas na última folha usada, eu encontrei o desenho de uma fera muito parecida com a que eu me transformava, tanto que me fez prender a respiração.

Voltei ao acampamento logo em seguida, e antes mesmo de entrar em meu chalé, avistei André não muito longe, sob a sombra de uma árvore. Estava muito concentrado e sozinho numa mesinha de pedra, de frente para um *notebook*, ao lado de duas barracas e o jipe preto. Me aproximei devagar, impressionado com a total concentração dele, as costas arqueadas, debruçado sobre o computador, os olhos vidrados por sob as lentes dos óculos, tão concentrado que mesmo quando eu me pus ao seu lado, ele não notou. Aproveitando minha proximidade, me permiti a indelicadeza de ler a última frase que ele escrevia, e que ficou gravado em minha mente:

...mas ele estava sozinho lá, em meio à escuridão, de frente para a criatura desconhecida, e somente a lua seria a testemunha se a morte selvagem surgisse daquele encontro. Entrementes, havia algo na fera, no medo que tudo aquilo proporcionava, que o mantinha lá, parado, e ao mesmo tempo em que o pânico o dominava, outro sentimento o arrebatava, uma fascinação estranha, certa euforia. Era como olhar nos olhos da morte e se apaixonar por ela.

Então ele finalmente me viu pelo reflexo na tela do computador, e se virou bruscamente, como quando me encarou no restaurante, mas agora seus olhos estavam instintivamente ameaçadores. E nesta hora me lembrei mais uma vez dos olhos de Isabella; ela tinha o mesmo olhar, e até mesmo os traços do rosto dele tinham detalhes que a lembravam. Isabella possuía olhos mais escuros, mas os dele davam aquela mesma impressão agressiva que se destacava do resto do rosto. E assim como minha amada, André tinha um rosto jovial, de traços suaves no queixo e nos maxilares, uma boca vermelha e carnuda, mas que entravam em choque com os traços fortes e masculinos do nariz, das sobrancelhas retas e do olhar firme, e até esnobe, dependendo do ângulo que se visse. Eles não se pareciam de fato, só em pequenos detalhes, mas esses detalhes me eram tão visíveis, que eu poderia jurar que eles eram irmãos, se houvessem vivido na mesma época.

— Me desculpe se te assustei — disse eu, ainda absorto em tais observações sobre sua aparência.

— É, você me assustou mesmo, cara. É que quando eu escrevo eu meio que... perco a percepção de tudo... — ele riu sem jeito, sem se levantar de onde estava, e pela primeira vez ele pareceu olhar para mim de verdade, me avaliando de um modo mais estético. Mas não me olhava nos olhos, era tímido demais para isso, e quando ria virava o rosto de lado, ou para baixo, como se temesse que os outros notassem alguma imperfeição.

— Seu nome é André, não é?

— Isso.

— Natâniel — me apresentei, estendendo a mão, e ele a apertou, sorrindo daquele modo meio escondido dele, e para alguém não muito sociável como eu aquilo era ótimo; Gosto de conversar com pessoas tímidas, pois elas me deixam comandar a situação e decidir até onde a conversa deve ir.

— Prazer.

— Bem, você deixou cair isso, lá no restaurante — tirei o bloco de desenhos do bolso largo da bermuda e deposei ao lado do computador.

— Cara, muito obrigado! Eu sou tão lerdo pra tudo, você nem faz ideia.

— Você desenha muito bem.

— Mas esses só são esboços, em sua maioria.

— Me impressionaram mesmo assim — respondi, me sentando do outro lado da mesa, ao mesmo tempo em que eu me impressionava com a minha própria ousadia naquela situação. E ele ainda sorria, envergonhado e um pouco confuso.

— Obrigado.

— Então, você é desenhista e escritor?

— Sim, *mais ou menos*, mas... como sabe que escrevo?

— Tinha uns trechos bem poéticos no seu bloco de desenhos, e eu vi você agora aqui, concentrado e batucando nas teclas do computador. Deduzi, somente — e ele concordou, balançando levemente a cabeça, e o silêncio teria reinado em seguida se eu não tivesse voltado a falar. — Mas, o que você quis dizer com *mais ou menos*?

— Bem, é... eu sempre desenhei, desde criança, e já faz um bom tempo que escrevo, mas... só agora comecei a me esforçar nisso. Até porque são as únicas coisas que sei fazer. Eu já fiz uns trabalhos como ilustrador, ganhei por isso e tal, mas, por enquanto não é algo que faz os outros me levarem a sério, se é que me entende...

— Entendo.

— E agora estou escrevendo esse livro aqui, e tendo esperanças de que este vingue, diferente do primeiro — e nisso ele contou sobre a frustração de procurar editoras com o seu primeiro trabalho e de não conseguir nenhuma, e que praticamente havia desistido de publicá-lo. Perguntei do que se tratava o primeiro

livro, e ele respondeu que era sobre uma garota que conversava com as plantas e os animais, e nisso a trama entrava em discussões sobre o lugar da humanidade na ordem natural da criação. — Eu sei, é uma ideia meio maluca, e o texto é puramente filosófico...

— Me parece interessante.

— Mentira. Você talvez sentisse sono no primeiro capítulo — riu.

— Por acaso não tenho cara de quem lê, ou de quem não se interessa por coisas existencialistas e filosóficas? — sorri, franzindo as sobrancelhas numa falsa expressão de ofendido.

— Eu não quis dizer isso, é só que... — ele ficou vermelho. — você me parece ser mais do tipo *prático*.

— Não o quanto eu gostaria — respondi, notando mais uma vez a semelhança de Isabella na fala suave e meio rouca dele, na força de seu olhar que nunca se demorava nos meus por muito tempo. — E este livro novo, do que se trata?

Ele não respondeu de imediato, parecia ainda mais sem jeito.

— É sobre um garoto que pensa em se matar, mas tem a vida mudada radicalmente depois que é transformado em lobisomem, contra a vontade — respondeu, rápido demais, e em seguida ficou olhando para mim, como se esperasse que eu risse ou achasse aquele argumento idiota. Mal sabia ele que, inesperadamente, aquelas palavras penetraram fundo em mim.

— Então, no seu livro, a maldição do lobisomem é encarada como um *dom*? E é essa maldição que salva o seu protagonista?

— De certo modo sim, mas todo presente como esse exige um preço. Pelo menos é nisso que acredito — sorriu mais uma vez, aliviado por eu ter me interessado pelo assunto.

Ele só precisava de uma boa oportunidade para falar sobre sua arte para ir se libertando da timidez. Agora seus olhos não fugiam tanto dos meus. Ao mesmo tempo, eu pensei em comentar que entendia muito mais do que ele imaginava sobre o *preço pelo dom*, na verdade senti uma irresistível e inesperada vontade de revelar tudo a ele, sobre mim e sobre a Noite.

— O desenho da criatura que você fez no restaurante, é para o livro?

— Mais ou menos...

— Já vi que você adora essa expressão — sorri, apoiando meus cotovelos na mesa de pedra. Eu sabia que sendo tão simpático, interessado e sorridente, acabaria o seduzindo, mas esse era o caminho mais rápido para descobrir o que eu queria.

— Bem... — ele continuou, de bom humor. — Sim, é para o meu livro, é como eu imagino a aparência da fera, mas... isto não saiu bem da minha cabeça...

Nisso eu prendi a respiração, enquanto as feições dele ficavam rígidas e o olhar perdido. Eu podia ouvir os batimentos de seu coração acelerarem levemente,

sua respiração ficando mais contida; aspectos ínfimos, mas que eu posso notar facilmente em alguém concentrado como ele estava.

— Essa imagem me aparecia antes, muitas vezes... — respondeu, sussurrando.

— Aparecia? Como assim?

— Desde criança eu tenho esses sonhos. Sonhos com lobisomens. Nem sempre são sonhos ruins, na maioria das vezes só são meio tensos... enigmáticos até. Eu os tinha com mais frequência antigamente, mas as imagens não saíram da minha cabeça até hoje.

— E o que acontece neles?

— Eu morro — arfou, o olhar ainda distante. — Na maioria das vezes é em um local bonito, não sei que lugar... um salão de festas, algo assim... e tem sangue por toda parte... sangue na escada... daí esse monstro aparece e me mata, mas... ao mesmo tempo ele... o monstro parece sofrer.

Uma brisa fresca movimentou os galhos mais altos da árvore, fazendo com que algumas folhas secas caíssem sobre nós. André se arrepiou e esfregou os braços, e permanecemos em um silêncio sombrio durante alguns segundos. Eu ainda absorvia o significado daquelas palavras, não seu sentido real, mas o sentimento que elas carregavam, e enquanto isso André saía de seu quase transe, olhando nos meus olhos e sacudindo a cabeça em seguida, como se só então notasse que estava abrindo sua intimidade para um completo estranho.

— Meu Deus, é por isso que eu tenho pouquíssimos amigos. Eu não deveria ficar dizendo essas coisas estranhas. Não é à toa que todo mundo pense que eu tenho um parafuso a menos — disse, mais para si mesmo, gaguejando, enquanto fechava a tampa do *notebook*.

— Não fique assim — toquei em seu braço, e ele ficou imóvel. — Eu acho esses assuntos estranhos muito interessantes. Também tenho alguns para contar, mas, me responda uma coisa antes, André: *Você acredita em lobisomens?*

Ele ficou mudo. Era como se as palavras estivessem presas, mas por fim respondeu, mais relutante e envergonhado que nunca.

— Bem... eu... eu não duvido. Eu sou do tipo que nunca duvida de nada — me encarou, e mais uma vez seu olhar carregava toda uma força ameaçadora, como se estivesse treinado a automaticamente lançar uma barreira em volta de si quando dominado pela insegurança.

— Penso da mesma maneira — disse eu.

— Mas, e você? — ele perguntou, guardando o computador na mochila.

— O que tem eu?

— Você não me disse nada sobre você. E já que eu disse tanto sobre mim, nada mais justo — foi até o jipe e jogou com cuidado a mochila no banco traseiro, voltando para mesa em seguida. — Tá, me desculpe o jeito direto, mas não entendo

como um cara como você se interessaria por minhas divagações malucas. Qualquer outro teria só me entregado o bloco de desenhos e pronto, e talvez nem isso.

— Está bem, vou me reapresentar — sorri, enfrentando o olhar marrento que cada vez mais me lembrava o de Isabella, já preparando mentalmente as meias-verdades que eu contaria a ele. — Eu me chamo Natâniel Valverde (eu poderia ter inventado outro nome para mim na hora, mas não achei necessário), trabalho em uma empresa de marketing em São Paulo, e estou passando minhas férias aqui. Costumo conhecer, sempre que posso, designers e ilustradores novos, e me interessei muito pelos seus desenhos.

Em seguida disse a ele que eu havia vindo sozinho para o chalé, e que eu puxara assunto com ele por estar me sentindo meio solitário, pois, assim como ele, eu não tinha muita facilidade de conhecer gente nova (o que era até verdade). Disse também outras coisas menos importantes, sem ser muito detalhista para não correr o risco de cair em contradição. Afinal, nunca fui um mentiroso competente.

André também só estava em Pirenópolis como turista, e era a segunda vez que acampava lá com os amigos, mas que passava a maior parte do tempo sozinho, escrevendo, e que só ia para a água quando os amigos o arrastavam. Ele contou que morava numa pequena cidade que, como muitas outras, cercam Brasília. E confirmou, mais uma vez relutante, quando assim perguntei, que Luís e Beto eram namorados, e que já estavam juntos há um ano e meio, ficando visivelmente aliviado, e impressionado, quando eu não demonstrei ter nenhum preconceito sobre a questão. Luís era o melhor amigo dele, se conheciam somente há dois anos, mas se amavam como irmãos inseparáveis.

Enquanto conversávamos, Luís e Beto voltaram do banho de rio, chamando André para ir tomar cerveja na cachoeira mais próxima com eles. André me apresentou à dupla, me convidando para ir junto, e eu aceitei, dizendo que só ia passar no chalé para vestir uma sunga.

Foi uma tarde agradável, bebendo e conversando, e nos banhando na cachoeira, enquanto eu fingia ser o humano comum que trabalhava com marketing, e por um momento até eu mesmo poderia acreditar nessa fantasia. Durante aquela tarde eu não tinha nada de anormal, nenhuma morte pesava sobre meus ombros, nenhum desejo de vingança me atormentava a mente e o coração. Eu era somente Natâniel, um homem jovem com a aparência condizente com a idade que eu não tinha, conhecendo outros jovens e me socializando com eles. Não existia uma fera sanguinária adormecida em meu íntimo. Mas claro que eu não ignorava os motivos que me levaram até ali, isso não seria possível nem se eu tentasse, principalmente depois da conversa que tive com o jovem artista.

André, mesmo quando calado, emanava uma aura de mistério que sempre atraía inconscientemente a minha atenção. Me peguei querendo saber tudo sobre

ele, o que havia por trás de seu costumeiro silêncio e simpatia contida. Nisso, também avalei os outros dois: luís era simpático e pacífico, gostava de conversar calmamente, parecia sincero e simples em cada gesto que demonstrava ou nas palavras que pronunciava. Ele me olhava com desconfiança inicialmente, e seu instinto de proteção para com André era muito claro. Já Beto era o mais animado, falando alto, e cada palavra sua carregava um um divertido sarcasmo. Ele era o que fazia mais perguntas a mim, e quanto mais Beto bebia, mais solta sua língua ficava.

— Mas, me diga uma coisa Natã — disse ele, a voz já embargada pelo álcool. — Por acaso, nosso amigo André aqui não te encheu o saco com as histórias malucas e mirabolantes dele não, né?

— Como assim? Que histórias?

— Histórias tipo... que ele viu um lobisomem ontem à noite? — Beto respondeu, e gargalhou em seguida.

— Cala a boca, Beto! — esbravejou André, ficando vermelho.

— Isso ele não me contou — respondi, sério, encarando o garoto nos olhos.

— Pois é, ele saiu andando até a outra cachoeira, uma que fica por lá, — Beto apontou na direção do caminho de pedras e galhos que eu havia percorrido na noite anterior — no meio da noite, mais bêbado que tudo, e disse que quando chegou à cachoeira viu um lobisomem.

André, que estava ao lado dele, dentro da água, o empurrou, revoltado.

— Eu não estava *tão bêbado* assim, e nem estava tão escuro... — protestou.

— Mas não deixou de ser uma loucura — luís interrompeu.

— Tá! Foi loucura mesmo, mas... eu não sei o que deu em mim, eu só senti vontade de ver como era a outra cachoeira...

— No meio da noite? — perguntei.

— Nem estava tão escuro assim, era lua cheia, e eu conhecia o caminho.

— Noite em que os lobisomens saem para fazer *pegação* nas matas — Beto gargalhou mais uma vez, jogando um pouco de água no rosto de André, que ficava cada vez mais furioso.

— Beto, para com isso — pediu o calmo luís.

— Quem falou em lobisomem? Eu não disse que vi, *especificamente*, um lobisomem! Eu não disse isso... não essa palavra! — André se defendeu, tão furioso e envergonhado que os olhos lacrimejavam.

— E o que foi que você viu, então? — eu perguntei, buscando parecer o mais sério e interessado possível para que o garoto não se sentisse ainda mais constrangido. Ele me encarou de volta, quase choroso, como se pedisse minha ajuda e compreensão.

— Eu não sei, era... era... — gaguejou, esfregando as mãos na água — era um tipo de animal, muito grandes mesmo... era noite, mas dava pra ver a silhueta dele

devido o luar. Era muito grande, e peludo, e... não tem animal daquele porte por aqui...

— Talvez um lobo-guará?

— Não, era diferente, era bem maior, muito maior mesmo, era... era como nos sonhos que eu tenho... — disse ele, baixinho, enquanto Beto segurava o riso, e aquilo me irritou; senti vontade de agarrar Beto pelo pescoço e obrigá-lo a parar de rir. — E então essa... *coisa*, entrou no riacho, mergulhou, e quando emergiu não tinha mais a mesma aparência, tinha se transformado em uma pessoa. Como eu disse, estava escuro, mas era a silhueta de um homem, eu tenho certeza.

Beto não aguentou mais e gargalhou mais uma vez, espalhafatoso, batendo as mãos na água na maior algazarra.

— Porra! Isso é muita cachaça, amigo!

— Vai pro inferno, Beto! Eu dispenso a sua opinião! Não importa se você acredita em mim ou não, só não sou obrigado a ficar aqui sendo motivo de chacota! — André esbravejou, subindo nas pedras onde Luís e eu estávamos sentados, e saiu em direção às barracas. Eu me levantei na mesma hora e o segui, o alcançando no meio do caminho.

— Espera, André!

— O que é? Não já não tiraram sarro de mim o suficiente? — disse ele, entre dentes.

— Eu não debochei de você, e você sabe disso.

Ele me avaliou por alguns segundos, sem dizer nada, e sua expressão me fez recordar de quando encurrelei Isabella na despensa do Casarão Violeta, quando a obriguei a me encarar e a conversar comigo, aquela expressão de desafio no olhar, uma falsa ameaça.

— E você, acredita em mim, ou me acha maluco? — ele perguntou.

— Eu só sei que você não está mentindo, ou inventando, pois não sinto mentira em suas palavras, nem em seu olhar. Eu sou bom em avaliar isso. Você realmente deve ter visto algo — apertei levemente o ombro dele, num gesto de apoio. — Só acho que não deveria se importar tanto com os outros. Você sabe realmente o que viu, e isso já basta.

André pareceu refletir por alguns instantes.

— Tem razão, me desculpe. Mas agora eu estou querendo tomar um banho e quem sabe escrever mais um pouco. Depois eu me entendo com o pessoal. A gente sempre se perdoa no final das contas.

— Certo, a gente se vê depois então.

Ele concordou, mais calmo, e continuou seu caminho, mas então parou e olhou novamente para mim.

— Você é um cara muito legal, Natã. Parece até que eu já te conheço há anos — disse isso e voltou a caminhar, enquanto eu permanecia onde estava, absorvendo a estranha aura de mistério que envolvia André, e refletindo sobre aquelas suas últimas palavras. Elas me pareciam cheias de um significado profundo, os primeiros de muitos outros sinais que estavam por vir.

Talvez eu deva explicar melhor que fascinação nova era essa que eu sentia, e que só tendia a crescer. Creio que tudo começou como uma desculpa para evitar pensar nos últimos acontecimentos (minha raiva descontrolada, o sumiço de Flora, a última noite de Maria Lúcia...), e era a desculpa perfeita. Esse garoto, André, havia visto a fera que eu era. O monstro em mim era a materialização de seus desenhos, de seu livro, e de seus intrigantes pesadelos. Para ele, eu não era somente um caso estranho presenciado, algo para contar em volta de fogueiras ou à luz de velas, aos amigos. Ele via borrões de significados enigmáticos no vislumbre assustador que tivera. Como ele mesmo escreveu em seu livro *“era como olhar nos olhos da morte e se apaixonar por ela”*. Ele tentava compreender que ligação era essa, que monstro era esse que o atormentara em sonhos durante a infância, e que ao mesmo tempo o fascinava. Questões que poderiam até mesmo enlouquecê-lo. Seus amigos nunca o compreenderiam, nem mesmo seu querido Luís. E eu enxergava cada vez mais Isabella no menor de seus gestos.

Entenda, André não tinha trejeitos femininos ou delicados em demasia, como seu amigo Beto, no máximo ele poderia ser descrito como educado demais. Era um rapaz tímido, como já disse, de modos contidos e um pouco arisco com desconhecidos, tinha uma voz masculina, mas suave, e normalmente parecia escolher atentamente qualquer palavra que pronunciava, antes desta sair de seus lábios. O que quero dizer é que não era por motivos tão simples que ele me lembrava Isabella, era algo na alma dele, na energia, se me permite usar tais termos absurdos. Ah, nunca conseguirei explicar tais detalhes do modo que eu gostaria. Nos traços de seu rosto, havia semelhanças mais óbvias, como no formato de sua boca, com lábios carnudos, vermelhos, que causavam um impacto visual bastante atraente ao unir-se aos traços retos do nariz, a testa lisa, e aos mesmos olhos e sobrancelhas de Isabella, que lhe davam aquele ar marrento. André tinha uma beleza nada comum, beirando o exótico, mas era dono de uma sedução inconsequente, forte, no modo como movia as mãos ao conversar, na suavidade da voz, no olhar marcante. Qualquer um poderia ficar encantado com sua inteligência e simpatia, se conseguisse se aproximar e derrubar sua inicial timidez.

Quando a noite chegou, após aquela tarde agradável, o trio de amigos foi jantar na cidade, e me convidaram para ir com eles, mas eu disse que preferia

jantar no chalé mesmo, e que precisava agilizar umas coisas do trabalho pelo computador. André pareceu meio desapontado, mas não insistiu. Na verdade, eu estava receoso, pois era a segunda noite de lua cheia e todos os meus instintos selvagens gritavam para se libertar.

A fera não estava faminta (o que não impediria que ela matasse se eu assim permitisse), mas sentia vontade de correr livre, sentir o chão nas patas e os cheiros de toda aquela natureza em volta. Eu tinha controle sobre ela, mas mesmo assim temia me aproximar daqueles jovens. E por isso me entreguei a meus instintos, correndo pelas matas na pele da besta, cruzando fazendas, chácaras e acampamentos, evitando me aproximar muito de onde os humanos dormiam, fazendo uma pausa demorada, próximo à cachoeira onde André havia me visto, justamente onde Flávio e os outros me encontraram com o corpo de Maria Lúcia.

No meio da madrugada, creio que por volta de três da manhã, eu voltei de meu passeio selvagem, e estava de volta ao acampamento onde ficava o meu chalé, quando senti um cheiro conhecido. Aproximei-me sem pensar, seguindo o tal cheiro, e por trás de um muro de plantas e mato, observei André. Ele estava mais uma vez na mesinha de pedra onde eu o encontrei no início da tarde, debruçado sobre o *notebook*, a luz da tela refletida fantasmagoricamente em seus óculos e rosto concentrado. O som de sua respiração e os batimentos normais de seu coração me envolviam como música, e o cheiro de sua carne me chegava tão delicioso que a fera salivou e gemeu. Ao lado, numa das duas barracas armadas, Luís e Beto dormiam profundamente.

Cheguei um pouco mais perto, amassando descuidadamente algumas raízes com as patas, mas André mais uma vez se encontrava naquele estado de quase transe, sem notar nada que acontecia a sua volta, enquanto seus dedos batucavam velozes o teclado, como se tivessem vida própria. Mas então parou, repousando as mãos ao lado do computador, continuando a olhar a tela em silêncio, e nisso ficou por mais de um minuto, e por fim suspirou, resmungando alguma coisa e se pondo de pé.

Fechou a tampa do *notebook* e se afastou das barracas, em direção ao riacho, se guiando somente pelo brilho do luar, pois nem o poste que iluminava aquela parte do acampamento estava aceso (e eu o seguia, escondido nas trevas). Ele mergulhou os pés na margem, abraçando o próprio corpo e respirando profundamente.

Ele parecia esperar que algo acontecesse, enquanto olhava vagarosamente em volta. Seu coração batia mais rápido, e calafrios lhe percorriam o corpo vez ou outra. Eu farejava medo nele, e ao mesmo tempo percebia certa determinação em seu olhar, que de repente viraram-se na minha direção.

Tive um sobressalto, mas então percebi que eu estava justamente ao lado do caminho que levava até a outra cachoeira. Será que aquele garoto maluco se arriscaria novamente a ir até a outra cachoeira em busca de respostas para o mistério que lhe ocupava os pensamentos? Se ele havia ido da primeira vez, seguindo apenas sua estranha intuição, por que não agora? E que intuição era essa, por que ele sentia essa vontade de ir até lá, como se já esperasse encontrar algo? Eu me perguntava, ao mesmo tempo em que a fera levantava outras questões: Que gosto teria o sal da pele dele? O sangue seria doce? Será que tentaria lutar em vão, se minhas presas se fechassem em sua carne? Será que se debateria e gritaria deliciosamente? Será que lutaria pela vida com todas as suas forças, mantendo-se vivo e consciente mesmo quando eu já tivesse devorado metade de seu atraente corpo?

Desesperei-me após imaginar tais coisas, sacudindo a minha enorme cabeça peluda, lutando contra pensamentos tão monstruosos, e foi por isso, talvez devido ao barulho de minhas patas inquietas esmagando a vegetação, ou talvez pelo luar ter se refletido diretamente em meus olhos, levando a André a medonha visão de dois pontos amarelos no escuro, que o garoto arfou assustado, dando um passo para trás. Ele sabia que havia algo escondido nas sombras, olhando para ele, e o medo o invadiu bruscamente, mas o garoto não se mexeu do lugar, permaneceu olhando na minha direção com aqueles olhos decididos, enquanto seu coração faltava sair pela boca. E tal atitude acabou me excitando, mexendo com os instintos da fera que se sentia desafiada, e mais uma vez temi pela vida dele, e por isso me afastei rapidamente de lá, contornando os limites do acampamento, até me jogar sob a cascata da outra cachoeira, como se a sua força e sua temperatura gelada pudessem conter o fogo assassino do lobisomem.

Por mais de uma hora permaneci sob a força das águas, até que finalmente me acalmei e voltei à forma humana, e quando decidi retornar escondido ao meu chalé, notei que André estava em sua barraca, mas não dormia, pois eu podia ver a luz de seu computador refletida nas paredes da barraca, e ouvir o som furioso do teclado inspirado pelo medo.

Dormi até meio-dia, e quando acordei e fui até a janela do chalé, vi André saindo de sua barraca com uma escova de dentes na mão, enquanto Luís o apressava para se arrumar, pois iriam almoçar na cidade. Nesta hora Flávio me ligou no celular, só para se certificar que eu estava bem. Eu o tranquilizei rapidamente e confirmei que ainda ficaria lá por mais dois dias, e nisso senti vontade de contar a ele sobre André e sua curiosa semelhança com Isabella, mas preferi deixar para depois, pois sabia que meu irmão acabaria por se preocupar demais; ele entendia como ninguém o peso daquele tema sobre minha alma.

Minutos depois eu encontrei meus novos amigos no mesmo restaurante do dia anterior e eles me convidaram para eu me juntar a eles. Tivemos um almoço agradável, enquanto conversávamos sobre diversos assuntos banais, e nisso o dia correu como o anterior, onde nós quatro voltamos para o acampamento e permanecemos juntos, tendo diversas conversas regadas a cerveja e riso. Mas, em certos momentos, eu notava que André não parecia estar realmente presente, e muitas foram as ocasiões em que ele voltava seus olhos para o início da trilha onde na noite anterior havia visto algo. Ele também não contara nada a seus amigos, e nisso eu desconfiei que o garoto estava planejando algo.

Minhas suspeitas se concretizaram quando a noite chegou, após mais uma vez eu me negar a jantar com eles e me trancar em meu chalé até que todos estivessem dormindo. Quando me senti seguro, entrei na mata ao lado do meu chalé e andei alguns metros até onde tirei e guardei meu short sobre um galho e me transformei.

De imediato, enquanto eu circundava o terreno, camuflado na escuridão da vegetação, senti o cheiro de André. Ele estava mais uma vez próximo à água, olhando para a trilha que levava a outra cachoeira, e assim permaneceu durante um bom tempo até que subitamente pôs-se a andar e entrou na trilha. Seu coração estava acelerado, era fortemente presente o medo que o envolvia, mas mesmo assim ele continuou a andar, tendo cuidado onde pisava com seus tênis nas pedras e degraus de terra.

Ele levava uma lanterna, usava uma calça e um casaco de moletom escuro para proteger as pernas e os braços dos mosquitos. O segui de perto, tendo o cuidado de fazer menos barulho possível, pois por mesmo que André não tivesse a minha audição, ainda assim estava bastante atento ao que lhe ocorria em volta. Durante o caminho ele tropeçou algumas vezes, mas em nenhuma delas caiu ou se machucou. Seu corpo suava bastante, devido ao esforço físico e a tensão, e em certo momento pensei que ele desistiria, quando fez uma pausa no meio da trilha, olhando para trás.

“Que garoto sem juízo”, pensava eu, ao mesmo tempo em que, inevitavelmente, me deliciava com o cheiro da carne dele, excitado com o som poderoso de seu coração. Que gosto teria o sangue que aquele inquieto coração bombeava?

Por fim, André chegou às margens do pequeno lago onde a outra cachoeira rugia, e suspirou triunfante, sentindo orgulho de si mesmo por ter chegado até lá, e depois de um tempo de pé, observando em volta, decidiu sentar-se à beira do lago, buscando respirar mais calma e profundamente para aplacar a tensão. E por algum motivo eu também estava tenso, e não era somente pela irresponsabilidade da situação em si, mas sim como se eu também esperasse que algo além de mim

pudesse acontecer, como se outro monstro saído de lendas, o espreitasse das sombras.

Creio que quase trinta minutos se passaram, quando ele decidiu se levantar, e inicialmente parecia que havia desistido e que estava para ir embora, tão confuso e sem respostas quanto havia chegado, mas então arfou e olhou para o topo da cachoeira, e em seguida começou a avançar mais ainda, escalando as grandes pedras que se amontoavam até lá em cima. Eram pedras de diferentes tamanhos, escorregadias, cobertas de musgos traiçoeiros, e as sombras da noite, mesmo com a lua cheia, só deixavam aquele ato ainda mais perigoso. Eu estava apreensivo, pois André não notava que havia escolhido o lado mais complicado para subir até o topo, um conjunto de pedras muito inclinadas e irregular. Outro sentimento também me chegava, como uma lembrança, algo relacionado à vez em que eu me atirei de uma cachoeira, ao mesmo tempo em que me lembrava do que André havia me dito sobre o livro que escrevia, sobre um jovem que pensava em se matar...

Meus pensamentos foram interrompidos, pois o que eu temia aconteceu. A lanterna escapou de suas mãos e desapareceu ao cair nas pedras. Eu praticamente vi em câmera lenta a sola do tênis de André deslizar abruptamente para o lado, ele soltar um rosnado indignado, como se achasse aquilo tudo patético; a sua tentativa falha de se segurar em um punhado de capim que nascia por entre a rocha, de perder totalmente o equilíbrio e cair em direção às pedras mais abaixo.

Simplesmente eu não pensei em mais nada. Creio que o próprio instinto me impulsionou, e eu me movi tão rápido que nem me toquei, cobrindo o trecho que nos separava em poucos saltos e agarrando André ainda no ar. Giramos para o lado e caímos na água, e nem assim o soltei, o sustentando com meu braço esquerdo. O puxei para fora da água, enquanto ele tossia com os olhos fechados, e quando os abriu e olhou para mim, caiu de costas, dando um grito apavorado, se encolhendo entre duas rochas.

Acabei rosnando instintivamente com o grito dele, mas me afastei alguns passos, buscando me manter nas quatro patas, pois de algum modo sempre parece assustar menos do quando estou nas duas. André mantinha os olhos arregalados, ainda tossindo, tremendo dos pés à cabeça. Seu pavor era tanto que o deixava pálido feito um bebedor de sangue, e sem conseguir se mover ou produzir algum som. Havia sangue escorrendo por seu braço direito, e o cheiro me torturava profundamente, ao mesmo tempo em que me preocupava. Imaginei-me lambendo aquela ferida, como os animais costumam fazer. Minha vontade era avaliar todo o corpo dele em busca de mais ferimentos, mas eu bem compreendia que se eu me aproximasse mais, só o deixaria ainda mais apavorado.

Lembrei-me de quando eu fora raptado por Flora, do pavor mortal que me dominou, beirando a loucura, e talvez tenha sido por essa lembrança que eu voltei à

forma humana de modo quase inconsciente, me contorcendo na frente de André, enquanto meus músculos e ossos se deslocavam e mudavam de forma, enquanto as presas e garras se escondiam, e os grossos pelos escuros davam lugar a minha pele humana.

Ao me reconhecer, André deu um grito abafado, se pondo de pé, mas ainda sem ousar se mexer, a boca aberta e muda. O filete de sangue ainda escorria de seu braço, pingando na terra, e ele parecia não notar isso. André devia ter se cortado quando perdeu o equilíbrio, raspando o braço em alguma ponta de pedra, ou até mesmo tenha sido eu quem o arranhara no desespero de salvar-lhe a vida.

— Você se machucou, André. Deixe-me ver isso... — eu disse, estendendo a mão, mas nisso ele se encolheu ainda mais, feito um filhote acuado. Respirei fundo, buscando deixar meu tom de voz mais acolhedor. — Está tudo bem, André, não precisa ter medo de mim. Só me deixe ver esse seu machucado, está bem?

— Você... — murmurou ele, gaguejando, ainda tremendo, os olhos lacrimejando, e mesmo naquele pavor ainda mantinham uma expressão desafiadora. — O que é você? O que... que você quer comigo?

— Agora você sabe o que eu sou, e o que eu quero neste momento é cuidar desse seu machucado — dei um passo à frente, cauteloso. — Não tenha medo de mim. Eu nunca lhe faria mal.

Ele não disse nada, encarando o brilho sobrenatural em meus olhos, mas deixou que eu me aproximasse lentamente.

Primeiro eu pousei minhas mãos em seus ombros curvados, esperando ele se acostumar com o toque e com a minha proximidade. Notei que ele estava sem os óculos, mas então me lembrei de que ele já estava sem eles quando saíra de sua barraca. Em seguida averigui o corte, que era bem superficial e já parava de sangrar. Mesmo assim, rasguei a manga da blusa de frio dele, e amarrei sobre o ferimento. E durante tal processo eu procurei prender a respiração, buscando não sentir o cheiro daquele sangue delicioso que parecia estar por toda parte.

— Pronto. Não foi nada grave — disse, segurando o rosto dele com as duas mãos, e usando meus polegares para enxugá-lo. E para meu espanto, ele começou a ter um ataque de pânico, tremendo, visivelmente tonto, enquanto respirava rápido demais.

— André! Se acalme, André! Respire devagar! Nada aqui pode machucar você. Você está bem. Tudo está bem... — comecei a dizer, abraçando o corpo dele protetoramente, pressionado seu rosto contra meu peito. Lentamente ele foi relaxando, enquanto eu o fazia se sentar, e durante um longo tempo permaneci abraçado a ele, pedindo que se acalmasse, acariciando seu cabelo molhado e o aquecendo no calor sobrenatural da minha pele. E de repente, era Isabella quem eu sentia em meus braços mais uma vez. Eu reconhecia aquela alma melancólica,

ariska, e ao mesmo tempo sensível, entregue aos meus braços. Sim, era a mesma alma, e eu não sabia como eu chegava a esta conclusão, mas era a mesma alma, indiferente a estética masculina daquele corpo magro e bem feito. Era sim Isabella em meus braços.

— Isabella... — eu sussurrei, absorvendo o cheiro do cabelo dele, encostando meus lábios em sua testa lisa, sentindo seu corpo pesar mais contra o meu... e então o beijei. Seus lábios carnudos eram macios, e se abriram passivos aos meus, permitindo que minha língua descobrisse a sua, absorvesse seu gosto doce. E meu desejo cresceu por ele, e o dele por mim, enquanto eu beijava-lhe o pescoço, o ombro, lhe lambendo o sangue do braço e gemendo ao sentir como o gosto era maravilhoso.

Então me pus de pé e o ergui nos braços, caminhando de volta pela trilha. André não disse mais nada, e praticamente não se movia, a testa encostada em meu pescoço, os olhos abertos e fixados em meu rosto. E assim, sem dizer palavra, somente respirando o cheiro dele, o carreguei de volta, atento para que ninguém nos visse (um homem nu, carregando uma pessoa aparentemente desacordada), mas não o deixei em sua barraca, e sim o levei até o meu chalé.

Eu não pensava no que aquele meu ato acarretaria, nos possíveis problemas a mim e a ele, não pensei nem mesmo no que Flávio acharia daquilo. Preocupei-me simplesmente em tirar aquela roupa molhada do corpo de André, e de levá-lo em seguida para o chuveiro, enquanto eu limpava seu ferimento com água quente, e depois ensaboava todo o seu corpo esguio. E André mais parecia um boneco em minhas mãos, totalmente entregue e mudo. Toda aquela inexplicável, excitante e estranha atmosfera me embriagava. E eu me sentia como quando Isabella me visitava no quartinho dos fundos do Casarão Violeta.

Havia algo de proibido naquele momento, enquanto eu enxugava o corpo de André e depois o deitava na cama, voltando a beijá-lo. Havia algum segredo profundo, místico, em cada tremor de desejo que percorria a pele dele, em cada gemido que escapava de seus lábios, no sangue que aquecia nossos corpos e mantinha nossos sexos duros e pulsando um contra o outro, no modo como suas mãos agarravam com força os músculos de meus braços e suas pernas abraçavam os meus quadris. Ele se entregava a mim, como se me conhecesse a vida inteira, como se aquele nosso momento íntimo não fosse o primeiro.

Sim, eu já o amava sem saber.

Acordei sendo vigiado.

Os olhos castanhos de André me fitavam diretamente, do outro lado do quarto. De repente me foi surpreendente vê-lo ali, o lençol branco enrolado no corpo para cobrir-lhe a nudez, sentado em uma pequena e bela poltrona feita de palha trançada e ornamentada. Era como se só então, ao vê-lo no quarto, parado feito um fantasma, eu me desse conta de que tudo o que aconteceu na noite anterior tinha sido real, e não uma lembrança de um sonho envolto em sombras e paixões febris.

Me deitei na cama e o encarei de volta. Seu rosto bonito sustentava a expressão mais firme e séria que eu já o vira demonstrar até então, e naquele instante fiquei confuso, pois não imaginava um modo de iniciar uma conversa, nem qual seria o teor dela, e as consequências que disso acarretariam.

— Natâniel, o lobisomem — disse André, quase em um sussurro, e em seguida continuou, recitando a famosa frase do clássico filme, *O Lobisomem*, de 1941 — *“Até um homem que é puro no coração, e reza suas orações à noite, pode tornar-se um lobo quando o acônito floresce, e a lua do outono estiver cheia e brilhante.”* O monstro dos meus pesadelos se torna real. O que mais de estranho pode ser possível neste mundo?

Ele tinha passado um considerável tempo naquele mesmo lugar, me observando dormir, procurando em meu corpo nu descoberto algum sinal, algo que ele mesmo não tinha percebido antes, algo que denunciava a maldição, que indicava que dentro deste homem dormia uma fera.

— Acordou com fome de respostas — respondi no mesmo tom.

— E poderia ser de outra forma? Se eu não tiver as respostas agora enlouquecerei... — sua voz tremia, como se André se esforçasse para prender um desespero crescente que ele temia não poder controlar. — Você não pode me negar tais respostas, Natã! Você me *deve* isso!

Mudei para uma posição mais confortável e respirei fundo, contemplando seus lábios trêmulos. O relógio apontava nove e meia, e a luz do sol enchia o quarto, devido às cortinas abertas, e realçava o tom castanho das pupilas de André.

— Eu não te devo nada, — respondi, sem perceber como minhas palavras soaram duras — mas se você quer as respostas, então comece fazendo as perguntas.

André respirou com dificuldade, apertando os braços da poltrona com seus nervosos dedos finos.

— Meu Deus! Você é mesmo um lobisomem? Isso existe então?

— Sim, mas a palavra é o que menos importa.

— Você nasceu assim?

— Não.

— Então foi transformado?

— Isso.

Minha voz devia parecer seca aos ouvidos dele, e totalmente desprovida de sentimentos, mas eu estava demasiado nervoso e preocupado, e quando isso acontece tendo a ficar mais fechado e arisco. Já André parou para respirar profundamente mais uma vez, e parecia não saber selecionar as perguntas verdadeiramente relevantes para me fazer, e enquanto isso eu buscava Isabella em seus olhos e movimentos, buscava a sensação que me dominou quando o tomei nos braços na noite anterior. E sim, a sensação estava lá ainda, na fome que a fera sentia por ele, e no novo e confuso desejo que André despertava em mim.

— Então, você mata pessoas quando a lua fica cheia?

— Não mais, — menti, e não entendi bem o porquê mentia. Eu só queria que ele acreditasse em mim, e que nenhum tipo de aversão nascesse em seu coração. Eu queria que ele me amasse, mas, de todo modo eu sabia que não podia esconder tudo dele, e então completei: — mas já matei antes, e não necessariamente na lua cheia.

— O que estava fazendo na cachoeira quando eu o avistei pela primeira vez? Ou não era você naquela noite?

— Sim, era eu mesmo, em meus passeios noturnos.

— E por que não me matou?

— E por que eu o mataria?

— Não é isso o que os lobisomens fazem?

— Os monstros matam, os animais matam, e os humanos também.

— Me desculpe, eu não queria...

— Tudo bem, meu querido — eu sorri, brincalhão, buscando ser o mais carinhoso e compreensível possível, fingindo ter uma segurança que eu não possuía; eu tentava imitar Flávio. — Devo confessar que você me é apetitoso, que seu cheiro enche de água a boca da fera, mas eu não buscaria ferir você de modo algum.

Ele estremeceu ao ouvir aquelas palavras, e por aqueles segundos eu me diverti e me excitei com esta pequena demonstração de medo dele, mas eu precisava me concentrar, aquele momento não era para descontração. Eu estava diante de um humano que conhecia o que eu realmente era. André era a primeira

pessoa, fora da Noite, para quem eu me revelava, e, acreditem, uma pessoa pode até enlouquecer quando o extraordinário lhe é revelado de uma maneira tão abrupta.

— Eu não entendo... — ele disse, passando os dedos pelo cabelo bagunçado e se levantando em seguida, indo até a janela. — Você sempre esteve em meus sonhos! Sempre! Não me lembro de alguma época da minha infância em que você não participava de algum sonho ou pesadelo meu. O que é você de fato? Que ligação é essa que eu tenho com você? Por que a sua presença me é tão magnética, e nela eu sinto essa... essa paixão estranha e...

O som de alguém batendo na porta do chalé pegou a nós dois de surpresa, seguido da voz de Luís chamando por mim. André e eu nos entreolhamos, mas antes mesmo de eu pensar em me mexer, o garoto tomou a iniciativa.

— Deixe que eu mesmo falo com ele — disse, pedindo a mim um short emprestado, pois só então parecia se dar conta de que estava nu sob o lençol. Já eu me mantive no quarto, sem sair da cama, mas era claro que eu podia ouvir nitidamente o que aconteceu a seguir.

— Então você estava aqui o tempo todo? — indagou Luís, bastante indignado, assim que André abriu a porta, e no mesmo instante ouvi a risada de Beto, a mais discreta que ele conseguiu dar, o que não era muito.

— Sim, eu dormi aqui e...

— Mas que porra, André! Eu te procuro por mais de uma hora, pelo *camping* inteiro! Como é que você pode simplesmente sumir assim e não nos dizer nada? E se acontecesse algo com você...

— Mas não aconteceu nada, cara, relaxa. Eu estou bem.

— E, pelo jeito, está muito bem mesmo — disse Beto, rindo. — Vamos embora, Luís! Não vamos mais atrapalhar nossos amigos...

Depois de mais alguns resmungos de Luís, risos de Beto e pedidos de desculpas de André, este último fechou a porta e voltou para onde eu estava. Nisso eu já havia vestido um short e me preparava para retornar à complicada conversa, e fui eu mesmo quem começou a falar.

— Você me pergunta sobre esta estranha ligação que temos, sobre seus sonhos, e infelizmente eu terei que dizer que não tenho as respostas para tais perguntas, pois estou tão surpreso quanto você — falei, olhando pela janela, sem me virar para ele. — Eu também gostaria de saber o motivo de me sentir tão atraído por você, entre outras coisas ainda mais estranhas.

Dei meia volta e o encarei. André havia se sentado na cama, e mais uma vez mantinha aquela expressão pensativa, revelando aquele leve desespero contido. Eu me sentei na outra ponta da cama, e então contei toda a minha história, de modo resumido e sem tocar muito no nome de Flora, e sem dizer praticamente nada sobre

o mundo da Noite, mas sem esconder minhas maiores tragédias, minhas falhas imperdoáveis, e principalmente sem esconder os meus sentimentos. Não chorei em nenhum momento, mas minha dor era perceptível em cada palavra proferida. André me ouviu atentamente, mesmo que me interrompesse vários momentos para fazer perguntas sobre os hábitos dos lobisomens, o que era verdade ou não nas lendas e tudo mais, mas eu só respondi o que era possível responder sem infligir as leis da Noite mais do que eu já havia me arriscado com ele.

Em certo momento ele quis saber mais sobre Flávio e sobre a lobisomem que me transformou (e o fato de ser uma mulher lobisomem o fascinou de um modo que eu não esperava). Eu nunca me aprofundava, dando respostas tão rasas que talvez o irritasse, mas ele começou a aceitar as palavras que lhe chegavam, sem mais questionar tanto, o que não o impediria de fazê-lo mais tarde.

Por fim, contei sobre a morte de Isabella, que eu a havia matado, de como essa tragédia me destruiu, e em como me era espantoso, mais de vinte anos depois, encontrar alguém que me fazia lembrar tanto dela, que parecia ser a própria Isabella, mas de um jeito totalmente diferente. Frisei como era curioso como o sonho dele, em que era morto por um lobisomem, era parecido com a morte de Isabella, e em como sua descrição do cenário do sonho me lembrava vagamente do salão do Casarão Violeta. Quando terminei, André permaneceu em silêncio, andando de um lado para o outro do quarto. Já não estava tão nervoso, mas sim excitado, seu coração batia de modo exultante.

— Então você acredita que eu sou algum tipo de reencarnação dessa mulher?

— Eu não sei o que acreditar, André. Tudo isso me confunde...

Fechei os olhos e refleti sobre aquela palavra; *reencarnação*. Eu nunca havia pensado nessa teoria antes, até porque eu nunca fui ligado a religião alguma ou a conceitos parecidos, tirando a rasa tradição católica que minha mãe havia me ensinado sobre Deus, diabo e os santos.

— Natâniel, o lobisomem *humano* — disse André, rompendo o silêncio, mais uma vez naquele tom baixo e reflexivo.

— O que quer dizer com isso? — perguntei, observando o jeito agoniado que seus dedos se tocavam.

Temí que a loucura o dominasse.

— Que você é tão humano quanto eu ou qualquer outro, Natã. Eu ouço as suas palavras, eu sinto a sua dor e a sua paixão como se fossem minhas. Eu vejo verdade em seu olhar. Você é fascinante!

— Fascinante como o perigo, o medo e a morte — retruquei. — Fascinante como um acidente de trânsito, onde os corpos dilacerados são irresistíveis aos olhos curiosos dos presentes.

— Não! Você não entende! — André exclamou, se aproximando de mim e pondo a mão em meu peito, sentindo meus batimentos. — Você é a prova de que existe muito mais na vida do que conseguimos imaginar! Você é a prova do sobrenatural, do extraordinário, de que qualquer coisa é possível...

— Quem dera se tudo fosse possível, André. Quem dera. Eu sou somente a prova de que monstros existem, e que as trevas são reais.

— Mas se as trevas são reais, a luz também é — André disse, e uma estranha e inesperada emoção nova brotava em seus olhos cheios d'água, como um religioso diante da presença mística da Virgem. — Você é um *milagre*, Natâniel.

Sacudi a cabeça em reposta. Eu não queria mais ouvir aquilo. Eu não era um milagre. Era *ele* quem não entendia, mas também como poderia? O que aquele garoto tão novo poderia saber sobre a vida e a morte, sobre a solidão? Não, suas palavras me irritavam, me feriam, eu não podia aceitá-las. Eu precisava fugir daquela conversa. Precisava calá-lo de algum modo.

Então o puxei com uma ligeira agressividade e o beijei, acariciando suas costas lisas, apertando seu corpo contra o meu, totalmente entregue a minha vontade, arfando e pulsando de desejo, enquanto eu o levantava e o levava de volta para a cama, arrancando-lhe o short, sentindo seus beijos e pequenas mordidas em meu pescoço e em meu queixo barbado. A confusão de sentimentos diante de tantas revelações ainda explodia dentro dele, se manifestando nas lágrimas que brotavam em seus olhos, mas a química sexual de nossos corpos era grande o suficiente para sobrepujar isso tudo.

Em poucos segundos, enquanto eu arranhava com minha barba sua pele febril, mordendo-a com a força certa que lhe tirava o fôlego e lhe arrancava gemidos sufocados, as questões pareciam tê-lo abandonado. E eu apertava a carne macia de suas coxas e glúteos, prendendo seus quadris com força nos meus, e deslizando para dentro dele com uma deliciosa dificuldade.

Sim, eu o queria calado naquele momento, dominado. Eu não queria sua filosofia, só queria o seu amor, o modo como se contorcia sob meu peso e estocadas. E era maravilhoso estar dentro dele mais uma vez, afogado por aquela aura mística de prazer e pela paz que eu não sentia há muitos anos, desde as noites do Casarão.

No almoço, nos reunimos a Luís e Beto, no mesmo restaurante, e tirando as indiretas acidas e divertidas de Beto, o assunto sobre o que acontecia entre André e eu não foi levantado. André manteve-se calado e pensativo, e por vezes eu o pegava me olhando diretamente, com um olhar misterioso por trás das lentes dos óculos. Nestes momentos eu desejava ter os poderes de David Grenier, para saber

que tipo de perguntas e reflexões ele fazia consigo mesmo. De que modo André me percebia?

E, além do que se passava na cabeça do jovem escritor, eu buscava entender o que se passava na minha própria. O que eu sentia realmente por ele?

Bem, creio que tenho que expor algumas questões antes de continuar. Eu inicialmente pensei que seria desnecessário tentar definir tais coisas, e creio que não conseguirei com a competência que desejo, mas eu sei que é com rótulos limitados que a vida funciona na prática para algumas pessoas que por ventura podem estar lendo esta história. Então farei uma tentativa:

O que é o amor para mim? O que é o sexo para alguém como eu? O que são todas essas coisas, esses impulsos físicos e febris, para você, ou para qualquer outra pessoa? Rotulamos a sexualidade, assim como rotulamos qualquer outra coisa, pois assim a sintetizamos e a facilitamos para a praticidade da vida. Talvez você me veja como bissexual, e talvez eu seja, mas quero que entenda que este é um tipo de assunto que nunca me fez diferença. E para não enrolarmos muito no que não me faz diferença, tentarei fazer uma breve explicação, até porque não há muito o que explicar. E o que digo é que, normalmente, na grande maioria das vezes, são as mulheres que me atraem. Gosto da leveza e da feminilidade presentes na maioria, gosto de suas curvas, da delicadeza física, mas ao mesmo tempo me atraio por mulheres fortes. Mulheres com força no olhar e nas palavras, na personalidade, uma força impetuosa e desafiadora que entra deliciosamente em contraste com o biótipo delicado e encantador.

Imagino-me subjugando e absorvendo esta força maravilhosa ao possuir tais corpos delicados, passivos à minha força física tremendamente superior. Existe algo de primitivo nisso, algo de selvagem, não só presente no lobisomem, mas em toda mente e libido masculina; o velho sentimento de disputa, apropriação e dominação que moveram os animais e os maiores guerreiros e líderes da história do mundo. E seguindo por essa linha de raciocínio dos instintos básicos, acabo sentindo o mesmo desejo por André, o garoto de olhar forte e de mente profunda, garoto que se entrega totalmente a mim, como uma vítima. André era uma mistura curiosa de fragilidade e impetuosidade, o que por si só já me atraía, e somado a isso havia a presença quase fantasmagórica de Isabella em cada gesto seu. Ele teria algum parentesco com ela? E como explicar as lembranças que ele carregava, os sonhos que tinha? Essa ideia de reencarnação seria algo a ser levado em consideração?

O sentimento vindo da despedida, na manhã do dia seguinte, foi ainda mais inesperado, devido a crescente inquietação que me foi dominando, tomando forma assim que André me abraçou uma última vez, colando seus lábios nos meus, e

entrando em seguida no jipe de Luís. Se intensificou à medida que eu me afastava de Pirenópolis, dirigindo o carro preto, dessa vez sem Maria Lúcia ao meu lado. E muito pior a inquietação se tornou quando finalmente eu embarquei no avião em Brasília.

Voltar a ver as luzes da cidade de São Paulo foi como reencontrar todas as velhas dores e raivas novamente. Não que eu as tivesse esquecido, mas na presença de André elas se tornavam diminutas e perdiam muito de sua força sobre mim, e então eu as encarava novamente em seu tamanho natural, somadas agora ao desejo faminto de ter André comigo novamente.

A primeira coisa que fiz ao chegar em casa foi procurar Flávio em particular e contar tudo o que aconteceu depois que ele e a alcateia partiram de Pirenópolis, levando o corpo da anciã. Conteí em detalhes sobre o modo como conheci André, e o descrevi da melhor maneira possível, mostrando até mesmo uma foto que eu tirara dele em meu celular. Flávio, como já era de se esperar, ouviu tudo silencioso e atenciosamente, enquanto eu descrevia as íntimas comparações entre o jovem escritor e Isabella, e todas as possíveis teorias que me chegavam partidas desta questão. E por fim deixei bem claro que gostaria que minha relação com André, fosse qual fosse, teria continuidade independente do que a alcateia pensasse ou não.

— Não sou contra você amar esse rapaz, Natâniel, muito pelo contrário. E fico até feliz que você tenha encontrado alguém que o tire dessa melancolia — foi a primeira coisa que Flávio me disse, sentado pensativo em sua poltrona favorita, os dedos cruzados na frente do rosto, usando um roupão branco, os olhos verdes selvagens. — De todo modo, por mais que esse garoto não seja uma ameaça as leis da Noite, é importante que eu o lembre que relações entre nós e humanos não costumam perdurar, e que podem ser muito prejudiciais para o humano. Existem riscos, você sabe disso.

— Sei sim, mas eu o protegerei. Eu o desejo como nunca desejei ninguém nesses mais de vinte anos.

— Mas, o que realmente me preocupa, meu irmão, é se você não está acreditando amar esse garoto pelos motivos errados.

Olhei questionador para ele, enquanto esperava sua resposta.

— Esse garoto não é Isabella, Natã.

— Você não prestou atenção em nada do que eu disse, Flávio? O jeito dele, o olhar dele, as lembranças contidas nos sonhos que ele tem desde criança...

— Isso não prova que ele é de fato a reencarnação de Isabella, se é que tal coisa possa ser possível — disse ele, sem tirar os olhos de mim e sem sair da posição em que esteve o tempo todo.

— Claro! O que mais alguém como você diria, Flávio? Você que não acredita em nada!

— Não é essa a questão, meu irmão. Independente se fosse mesmo possível que pudéssemos voltar a viver após a morte, em outros corpos, como novos seres humanos. A questão é que, mesmo se tal coisa fosse possível, não seria mais Isabella e sim outra pessoa. Ele é somente André agora, e nada mais. Me preocupa realmente que você possa estar desesperadamente procurando redenção por meio desse garoto, e temo que neste caminho você só possa encontrar a desilusão.

Eu já esperava que Flávio ficasse desconfiado e preocupado, este era o jeito dele para com todos da alcateia, e principalmente comigo. E devido a isso, não dei a devida atenção a ele, não absorvi suas palavras. Eu estava decidido a ter André comigo, e Flávio não iria usar sua autoridade de alfa para interferir.

Mesmo assim algumas regras foram estipuladas:

Era terminantemente proibido falar ao humano sobre o funcionamento do Mundo da Noite, principalmente sobre os vampiros e sobre a organização dos mesmos e das alcateias de lobisomens pelo mundo, assim como de qualquer outro ser sobrenatural. Eu devia manter a relação com muita discrição, onde apenas os membros da alcateia teriam conhecimento desse relacionamento. Não deveria me transformar mais na frente dele e nem o levar para situações onde outros seres da Noite estivessem agindo. Minhas respostas sobre o que são os lobisomens, seus poderes e limitações, deviam ser as mínimas possíveis, e até mesmo evitadas. E é claro que isso foi uma tarefa complicada, pois André me enchia constantemente de perguntas sobre o que os lobisomens podiam ou não fazer, se eu conhecia outros, como esses outros viviam e tudo o mais, e para não contar mais mentiras, eu respondia, resoluto, que havia coisas que ele não poderia saber. Assim ele se calava e não perguntava mais, pelo menos por algum tempo, pois logo voltava a questionar-me as mesmas coisas, mesmo sabendo que não teria as respostas, ou as teria de modo confuso e raso.

Assim nossa relação amorosa se iniciou, mesmo que eu continuasse morando em São Paulo e ele no Distrito Federal, na casa dos pais, e sendo assim, nos víamos somente por cerca de três a quatro vezes por mês, quando eu costumava alugar um hotel em Brasília para que pudéssemos passar o fim de semana juntos.

André não trabalhava, e estudava muito pouco para algum concurso ou vestibular que fosse prestar, o que era uma pena, pois se ele se esforçasse um pouquinho mais, com a inteligência que possuía, passaria facilmente em qualquer prova. Mas ele não se importava realmente com isso, assim como não se importava com as cobranças que os familiares faziam. André tinha seu livro para terminar, que era quase uma obsessão. Ele acreditava realmente em seu trabalho, e tinha fé que, quando assim terminasse, teria escrito um livro de sucesso, com qualidades

inquestionáveis. E sim, ele escrevia muito bem, eu assim comprovava quando ele deixava que eu lesse algum trecho novo que havia acabado de escrever, e era justamente nas horas em que escrevia que ele me fazia às perguntas mais perigosas, ou levantava questões criativas e interessantes que me tragavam inevitavelmente para o meio do assunto.

— O que aconteceria se os lobisomens saíssem do armário? — ele perguntou certa vez, subitamente, enquanto tomávamos sorvete na cama do hotel, e enquanto minha mente estava meio entorpecida pela recente e deliciosa transa que havíamos tido. — Eu sei que você não fala sobre isso, Natã, e que não quer ou não pode me dizer quantos licantropos existem e tudo mais, mas enfim, estou pensando somente como escritor. Qual seria a reação das pessoas se os lobisomens decidissem se revelar?

— Teríamos somente mais uma minoria que sofreria preconceito, sendo massacrada por fundamentalistas idiotas e religiosos nazistas, apenas — respondi, largando a taça de sorvete vazia ao lado da cama e puxando o corpo dele contra o meu. O que eu queria mesmo era dormir abraçado a ele e me esquecer do resto.

— Sendo assim vocês devem ser realmente muito poucos. Mas, e em questão de poder capital e político? Deve haver lobisomens empresários, ricos ou enfurnados na política e...

— Boa jogada, garotinho esperto, mas não responderei essa pergunta.

— Vou aceitar essa resposta como um *talvez* — sorriu.

— De todo modo, André, de que adiantaria esse tipo de poder se a massa estivesse contra nós? Nós somos monstros de lendas antigas, predadores de homens. E alguns de nós não são exemplos para ninguém.

— Assim como muitos homens e mulheres comuns também não o são — ele completou, pondo a taça de sorvete vazia de lado e acariciando a barba em meu queixo com a ponta dos dedos. — Há homens neste mundo que são mais cruéis, assassinos e malignos do que qualquer criatura sobrenatural, e são homens aparentemente muito comuns.

— E que diferença isso faria numa sociedade hipócrita e amedrontada com o desconhecido, meu garoto? Você sente isso na pele. Com falsa moral e religiosidade alienada, as pessoas julgam e condenam toda a classe homossexual pelo comportamento de alguns, que independente de como se comportam não deveriam ter seus direitos negados, até porque seu comportamento não difere muito do resto da sociedade em geral.

— Mas por isso mesmo, Natã! Vocês são criaturas vivas. Vocês têm o direito de viver plenamente como são, sem precisar se esconder.

— Fala como um verdadeiro revolucionário, meu lindo, mas talvez o nosso modo correto de viver seja como sempre o fizemos desde que o mundo é mundo;

em meio às sombras. Acredite, temos motivos muito bons para preferirmos nos limitar ao mundo da Noite.

— Mundo da Noite?

— Esqueça o que eu falei — respondi, consciente de que havia acabado de dizer o que não devia. — O importante é que lobisomens são somente lendas, e assim devem continuar. Não devemos tentar mudar o curso natural das coisas.

André se sentou e me olhou nos olhos, meio emburrado.

— *Curso natural das coisas?* — franziu o cenho. — Sabe, isso é o tipo de argumento que ouvimos da boca de conservadores e fundamentalistas idiotas que você acabou de citar. Me desculpe, mas é sim! A união civil homoafetiva não é legalizada porque eles dizem que a *ordem natural das coisas* é que homens se casem somente com mulheres, e que não devemos mudar isso! E eu te pergunto: É a ordem natural desde que época e em qual cultura? O que define o natural? Até um tempo atrás não era natural que mulheres votassem ou fizessem os mesmos trabalhos que os homens! Não era natural ter eleições para escolher o próprio presidente! Não era natural que negros tivessem direitos...

— Meu amor, se acalme, não foi isso o que eu quis dizer — achei graça da revolta dele, e o abracei com mais força. — Não compare os lobisomens com qualquer outro tipo de minoria. São situações diferentes e seres diferentes. Nós *preferimos* as sombras, e temos o *direito* de permanecermos nela.

— Não concordo. Será que *todos* os lobisomens pensam do mesmo modo? Me dá agonia ver você falando assim, Natã!

— *Assim* como?

— Como se fosse uma criatura indigna de existir, sei lá...

— E você tem a falsa ideia de que a licantropia é um dom, André, e ela não o é.

Ele segurou o meu rosto com as mãos e olhou em meus olhos.

— Para mim você é um milagre, meu amor! Eu já disse isso, desde a primeira vez. Você é um assombro, um mistério revelado. Qualquer um daria qualquer coisa para ser como você — ele disse, e enquanto isso eu reparava na mudança em seus batimentos cardíacos e em sua respiração, no modo como seus olhos castanhos brilharam ao dizer as últimas palavras. E pela primeira vez eu senti medo ao lado dele, pois eu entendi o desejo que só começava a se formar em sua mente.

Fechei a cara e o afastei de mim.

— Não ouse me pedir isso. Pelo o amor de Deus, nunca me peça isso — respondi, quase em um sussurro. — Você não sabe o que diz, pois não entende. Você não sabe pelo que eu passei, e pelo o que ainda passo. Então não me peça isso, pois eu já adianto que minha resposta será irredutivelmente negativa.

André se afastou ainda um pouco mais de mim, feito um filhote acuado, e só então percebi que meus olhos haviam começado a ganhar aquele tom amarelado, e minha voz mais parecia um rosnado baixo. Fechei os olhos e respirei fundo, e só então voltei a encará-lo, e ele parecia desapontado com a minha resposta, e até mesmo magoado, e tentava camuflar isso. O puxei para mim mais uma vez, beijando-lhe carinhosamente as maçãs do rosto, os lábios e a testa. Magoá-lo era o mesmo que magoar a mim mesmo.

— Vamos esquecer esse assunto, meu querido, meu menino. Nada disso importa. O que importa é que você está aqui comigo, e que eu o amo. Eu o amo desde antes de você nascer, desde quando eu o conheci em outra forma.

De algum modo, pareceu que minhas últimas palavras o irritaram ligeiramente, mas ele nada disse. Fechou os olhos e afundou o rosto em meu peito, e não disse mais nada àquela noite.

Na semana seguinte, fiquei sabendo que a feiticeira e pintora Madalena Barddom, estava de volta a sua casa à beira do lago Paranoá, em Brasília, onde por costumava se refugiar para terminar suas obras, ou para se afastar provisoriamente dos assuntos da Noite. E eu aproveitei a oportunidade e decidi ir mais André procurá-la. Talvez, com a ajuda dos dons da bruxa, poderíamos desvendar de vez o mistério sobre a ligação entre André e a finada Isabella.

Apresentar André a uma pessoa da Noite era quebrar uma das regras que Flávio havia estabelecido, mas de tanto que insisti e argumentei, o alfa acabou cedendo, com a esperança de que Madalena poderia, com sua sabedoria, “acabar com aquela minha obsessão”.

Você deve se lembrar de que falei ligeiramente sobre as curiosas Senhoras Elementais. Madalena é uma delas. Diferente das outras três, que preferem cuidar de seus próprios assuntos, e raramente dão as caras, Madalena Barddom se envolve ativamente no Mundo da Noite. Sendo casada há cinquenta anos com um poderoso vampiro ancião, a feiticeira se tornou um sopro fresco de justiça em meio à corrupção dos bebedores de sangue, aconselhando e tendo influência direta nas decisões do marido e de outros. Ela se dá muito bem com qualquer um, da Noite ou não, aquele tipo de pessoa naturalmente disposta a ajudar quem quer que seja, dona de uma aura imponente e, segundo alguns, quase santificada. Alguém que passamos a confiar plenamente somente ao primeiro olhar.

Mais uma vez, devo avisar que não entrarei em detalhes sobre as Senhoras Elementais. Isso é assunto para um outro livro, e só detalharei o que é relevante para compreender a minha história.

Sendo assim, chegamos ao Setor de Mansões do Lago Sul no início da noite. André ficou encantado com a beleza majestosa da sofisticada casa de colunas

brancas. Somente um segurança vigiava o terreno, e ele nos disse, assim que saímos do carro, que a madame já nos esperava na sala de visitas. André me questionou sobre o motivo de apenas um único segurança vigiando aquele terreno todo, mas eu só respondi que devíamos ter pena de qualquer ladrão desavisado que ousasse tentar invadir a residência de uma bruxa tão poderosa.

Por dentro, a casa ainda era muito mais bonita, com paredes brancas expondo os quadros de Madalena por toda parte, e móveis antigos misturados a outros mais modernos. Uma senhora de feições rígidas, a governanta, nos guiou até a sala de visitas, e pediu que nos acomodássemos nos sofás, pois madame Barddom estava trabalhando em uma tela e não demoraria. E cerca de quinze minutos depois a artista apareceu, descendo a escada principal, e a sua visão foi uma surpresa para André.

Eu havia, sem me dar conta, tido a tolice de comentar que a bruxa já atuava muito antes da construção de Brasília. Obviamente ele esperou ser recebido por uma idosa senhora, mas a mulher que surgiu descendo as escadas era bem o contrário disso. Madalena aparentava ter pouco mais de trinta anos, alta e esguia, de feições delicadas. Não usava brincos e nenhum outro acessório, a pele cor de chocolate ao leite dos braços estava ligeiramente respingada de tinta fresca, assim como o simples vestido branco, tinha o cabelo muito loiro e encaracolado na altura dos ombros, e olhos de um azul claríssimo, que causavam um lindo e exótico contraste com o seu tom de pele escura. Parecia mais uma criatura saída de lendas, algum tipo de representante do povo das fadas, ou algo assim.

— Ela é algum tipo de vampiro? — sussurrou André em meu ouvido, e eu não consegui responder de imediato, pois, mesmo Madalena sendo humana, a palavra vampiro nunca havia sido pronunciada entre nós, e eu não queria relatar nada a ele sobre os bebedores de sangue.

Até quando seria possível omitir tais informações?

— Não, eu não sou uma vampira. E se esta dúvida lhe ocorreu por me julgar demasiada jovem, eu fico lisonjeada — respondeu a pintora, achando graça na pergunta de André, que ficou com o rosto vermelho de vergonha. Madalena sorriu graciosamente, parecendo deslizar lentamente sobre os degraus da escada, indo até nós e nos cumprimentando com um beijo no rosto. Tinha uma voz elegante, muito suave e doce, e sem nenhum tipo de afetação arrogante. — Sejam bem-vindos a minha casa. E me desculpem pela demora e aparência. Sei que marquei com você a hora exata, Senhor Natâniel, mas uma inesperada inspiração me possuiu agora à noite, e eu perdi a noção do tempo.

— Não se preocupe, senhora, sua presença é sempre encantadora, independente do atraso — respondi, buscando imitar o jeito cordial e galanteador de Flávio, quando este estava em reuniões do tipo. De todo modo, não era um

exagero da minha parte, Madalena Barddom era sim um encanto, todos confiavam em seu bom julgamento, e nós da alcateia Valverde não conseguíamos entender como uma mulher tão cheia de qualidades, uma feiticeira tão poderosa, poderia estar casada com um sanguessuga há tanto tempo.

Com relação à questão levantada por André, como eu explicaria a ele mais tarde, não é errado dizer que Madalena era humana, pois é justamente isso o que ela é, mas é claro que havia algo mais, uma magia misteriosa e de poder enorme, que mantinham aquelas células jovens e belas por tanto tempo, uma magia presente não só na pintora, mas nas outras três Senhoras Elementais também. De onde tal magia vinha? Este efeito duraria para sempre? Ele me perguntaria depois, eufórico, e eu só responderia: “Ela é uma bruxa, e eu não entendo de bruxas, só sei que existem”.

— Obrigada, Natâniel. Não é à toa que a alcateia Valverde seja tão bem vista e respeitada na Noite — sorriu ela, acomodando-se numa cadeira estofada à nossa frente. André, que discretamente franzira as sobrancelhas ao ouvir a palavra “Noite” mais uma vez, ainda a observava encantado, como se estivesse diante de algo ainda mais fascinante do que quando me tinha visto na forma de fera.

Café e biscoitos nos foram servidos pela governanta de rosto inexpressivo, enquanto iniciávamos o assunto. Madalena pediu para que eu explicasse melhor o que eu esperava dela, e nisso decidi contar pela terceira vez minha história a alguém, omitindo alguns detalhes sobre a Noite. E sobre essa omissão, a feiticeira entendeu perfeitamente ser devido à presença de André, e com seus poderes telepáticos captou os demais detalhes de minha mente. Ouviu tudo com atenção, sem me interromper em nenhum momento, por vezes lançando um olhar pensativo na direção do meu jovem escritor, como se buscasse ler algo na mente dele também.

Ela tinha o que chamam de dom empático, que em maior ou menor grau, é comum em algumas pessoas; um dom que permite absorver os sentimentos manifestados pelos outros, um dom que pode ser um problema quando não controlado, ainda mais no nível que Madalena possuía, pois o indivíduo pode se sobrecarregar com todas as tristezas e estresses das pessoas em volta. E devido a isso, quando finalmente contei sobre o destino de Isabella e do majestoso Casarão Violeta, lágrimas rolaram pelo suave rosto de Madalena, que as enxugando apenas quando terminei meu relato.

— Então, Natâniel, você crê que este jovem é a reencarnação da mulher que você perdeu no passado. Mas, e você? — ela perguntou, desviando os olhos de mim para André. — O que você acha? É algo que realmente deseja descobrir?

Esta última pergunta pareceu ter um significado maior e mais obscuro, e André talvez a absorveu com mais capacidade do que eu, pois não respondeu de

imediatamente, e quando finalmente disse que sim, sua voz soou um tanto vacilante.

— Bem, — continuou Madalena Barddom, descruzando as pernas e pondo-se de pé — não prometo encontrar as respostas para todas as perguntas, e nem que tais respostas encontradas serão de valia, pois há um motivo maior e misterioso para que as lembranças das vidas passadas nos sejam tão limitadas. De todo modo, eu creio que posso ser de alguma ajuda. Por favor, sigam-me até o quintal.

Lá fora então estava mais frio do que quando havíamos chegado, e uma mórbida neblina dançava sobre a superfície do lago. O espaçoso quintal que possibilitava esta vista era todo gramado e cercado por cercas de ferro altas e pintadas de branco, com um belo jardim, onde três estátuas de fadas, da aparência e da altura de crianças, nos encaravam de volta, sorrindo com seus rostinhos brancos e rígidos. O aroma sensual da flor dama da noite envolvia a tudo, assim como o brilho da lua crescente.

Madalena e André sentaram-se um de frente para o outro, no gramado, e eu fiquei não muito longe, encostado ao tronco da única e frondosa árvore presente no quintal.

— Feche os olhos e concentre-se — disse a feiticeira a André, enquanto se punha na posição de lótus. Alguns segundo se passaram em total silêncio, enquanto eu observava tudo à distância, e então a bela mulher ergueu os braços suavemente para o alto enquanto sussurrava algum tipo de prece, numa língua que eu não conhecia, e logo em seguida algo no cenário havia se transformado, algo muito discreto, uma mudança na corrente de ar, e até mesmo na temperatura, que um humano comum não notaria facilmente, mas que arrepiou os pelos da minha nuca.

O perfume das flores se intensificou, e a névoa do lago se aproximou vagarosamente do quintal, formando um círculo em volta de nós, feito um muro cinzento. A natureza parecia responder às palavras da bruxa. A sensação que eu sentia era intensa e de algum modo me lembrava de quando eu havia ido à casa de Mãe Gorete pela segunda vez, após seu assassinato, na noite em que eu fui recebido pela estranha entidade que guardava a velha casa. Era uma energia parecida, uma energia forte, causando-me arrepios, mas essa não me amedrontava como quando na casa de Mãe Gorete, pelo contrário, até me relaxava e me inebriava. André também pareceu notar a mudança, pois abriu os olhos, ligeiramente confusos, e os lançou rapidamente em minha direção, fechando-os em seguida. Mais alguns instantes se passaram, enquanto um vento calmo balançava as folhas da árvore em que eu me escorava, assim como as flores do jardim e os delicados sinos de vento de cristais, pendurados na varanda, criando aquele som límpido e delicioso.

Madalena segurou as duas mãos de André e sussurrou novas preces ao vento, e este parecia respondê-la, lançando brisas que acariciavam a pele e o cabelo loiro

dela, e foi neste momento que eu fui acometido por uma sensação ainda mais forte, como se outras presenças estivessem no jardim, em volta de nós, dançando ou sobrevoando as nossas cabeças. Não sei bem como explicarei tal experiência, pois eu não ouvia nada de fato, mas era como ouvir com a mente, com a intuição. E enquanto estas sensações se intensificavam em mim, a feiticeira inspirou fundo, inclinando-se para frente e, ainda com os olhos fechados, soprou na testa do jovem escritor. Nisso as feições e o corpo do garoto relaxaram, e ele tombou para trás, com as costas na grama, aparentemente desmaiado. Sem pensar duas vezes, fui até ele, pronto para erguê-lo em meus braços, mas a bruxa me impediu com um gesto de mão.

— Não atrapalhe. Chegamos a um ponto esperado — disse ela, baixinho, mas claramente decidida.

André aparentava dormir profundamente, mas mexia os lábios com calma. Madalena se aproximou do rosto dele, buscando ouvir o que ele sussurrava.

— Está me ouvindo, André? — ela perguntou suavemente em seu ouvido. — Ouça a minha voz, André. Diga-me onde está?

O garoto mexeu os olhos por baixo das pálpebras, moveu a cabeça de um lado para o outro, e respondeu: — Eu quero ir embora, quero voltar pra casa... minha mãe...

A voz dele estava mais aguda e amedrontada, não parecia à mesma.

— Ouça minha voz, André, deixe-me ajudá-lo. Diga-me onde está.

— Eu não sei... mas eu não quero ficar aqui... eles são maus, todos homens maus... eles me machucam e... eu quero voltar pra casa...

— Quem são esses homens maus? — Madalena perguntou, lhe acariciando o ombro direito.

André fez uma careta de choro e apertou o braço dela.

— Maus... eles me machucam... as mãos deles em cima de mim... me ajude!

— Se acalme, André. Concentre-se na minha voz. Ninguém mais pode te machucar. Agora, me descreva onde você está.

André apertou os olhos com força.

— Essa casa horrível, suja... — e agora sua voz ganhava mais volume. — Eu vou queimar isso tudo! Eu vou queimar todos eles! Eu vou encontrar um lugar melhor, mas antes eu vou matar todos eles! Que vão todos para o inferno! — e uma gargalhada descontrolada saiu dos lábios de André, sombria e envolta em ódio e maldade, chegando até mesmo a me assustar. Madalena olhou demoradamente para mim, mas antes que ela pudesse dizer alguma coisa, a agourenta gargalhada de André transformou-se num grito pavoroso, enquanto seu corpo se contorcia com violência.

— O que está acontecendo agora? — perguntei à bruxa.

— Uma lembrança muito ruim. Precisamos chamá-lo de volta.

— Mas e se for algo importante a ser lembrado? Algo definitivo?

— Você se importa realmente com seu amante ou não? — perguntou ela, o semblante tornando-se frio e desafiador. — Acha mesmo que vale a pena arriscar a mente dele nisso?

Fiquei mudo e envergonhado, dando um passo para trás. Nisso Madalena se levantou e ergueu os braços mais uma vez, recitando seus encantamentos, esvaziando o ar dos pulmões e voltando a se ajoelhar ao lado do corpo convulsivo de André, sugando o ar que era expelido de sua boca aberta. Em seguida sussurrou algo inaudível no ouvido dele e se sentou na grama. O garoto havia parado de tremer no mesmo instante, e abria os olhos lentamente.

— Natã... — sua voz falha me chamou e eu corri até ele.

Voltamos para a mansão, onde Madalena ofereceu mais um lanche, mas André só aceitou o chocolate quente. Ele estava calado, a presença distante, e dizia não se lembrar de nada. Mas eu estava convicto de uma coisa: o que o garoto contou durante o transe, sobre uma casa horrível com homens maus que o maltratavam, e que ele mesmo decidia queimá-la, batia totalmente com um terrível trecho do passado de Isabella, relatado a mim pela mesma, de quando ela foi para seu primeiro Prostíbulo, obrigada a se deitar com homens que compraram sua virgindade, e não tiveram nenhum respeito com sua inocência. Quando ela queimou o local inteiro numa vingança furiosa, matando culpados e inocentes.

Para mim aquilo já era prova mais que o suficiente.

Por fim, levei André de volta para o carro e fui trocar umas últimas palavrinhas com a dona da casa.

— Muito obrigado, senhora.

— Devo confessar que esse caso que você traz a mim é muito interessante, Natâniel Valverde. Um amor forte assim sempre chama a minha atenção. Mas se quer mais uma recomendação, não force André com mais perguntas; se ele tiver que se lembrar de mais alguma coisa, será no momento certo. De todo modo, eu que agradeço por ter dividido comigo sua história, pois independente de tudo, é uma bela história, assim como seu coração. Foi um prazer da minha parte — ela estendeu a mão e eu a beijei.

— Tenho uma dívida com a senhora — respondi, e me virei de costas, mas ela logo voltou a chamar minha atenção.

— Se sente mesmo que tem tal dívida, lobisomem, então desejo que a pague se libertando do passado, pois ele não tem nada mais a te acrescentar.

Ela sorriu e voltou para dentro da casa.

Eu entrei no carro, onde André me esperava, tão calado quanto antes. Em minha mente eu ainda fazia ligações excitadas entre as palavras dele e a história de

Isabella.

— E se eu não fosse ela, ainda sim me amaria? — ele perguntou de repente, mas eu estava embriagado demais pelas redescobertas para absorver a complexidade daquela pergunta.

— Mas você é.

— Eu perguntei: e se eu não fosse — sua voz ainda era sussurrada, e meio triste. Tentei me aproximar para beijá-lo, mas ele se encolheu, virando o rosto. — Você ainda não me respondeu, Natã.

Eu estava achando a situação e a pergunta em si tola e irrelevante, só que não estava disposto a começar uma briga com ele, não naquele lugar, e principalmente numa noite em que eu estava sentindo-me tão bem.

— É claro que eu continuaria te amando — respondi, mas, por algum motivo, aquilo não me pareceu totalmente verdade.

Fechei a porta e finalmente consegui beijá-lo na testa e rapidamente nos lábios, e o observei atentamente por alguns segundos. As luzes dos postes refletiam de modo misterioso nas lentes de seus óculos, escondendo seus olhos, mas mesmo assim eu percebia que eles não estavam voltados para mim.

A derrocada veio lenta, ganhando força gradativamente até atingir seu ápice, como acontece na maioria das vezes nas relações amorosas mais comuns. E nisso alguns poderão se perguntar: *Comuns? Mas como? Como pode ter sido de modo tão simples e banal? Afinal, você é um lobisomem, uma criatura fantástica, Natâniel, e André era a encarnação de Isabella. Um amor que venceu a morte.* Mas o que aprendi é que mesmo as situações extraordinárias, podem chegarem a um desfecho banal, motivadas por coisas muito pequenas.

No fundo, mesmo com sua fala articulada e inteligência notável, André ainda era apenas um garoto com sensibilidade em demasia, ligeiramente mimado, e vez ou outra demonstrava comportamentos bem infantis. E sua sonhadora e limitada visão da licanthropia era o que mais me preocupava. Com o tempo ele parou de escrever, e passou a se dedicar a fazer perguntas obcecadas sobre os lobisomens, e como eu não o respondia do modo que ele desejava, André ia tentar buscá-las por si só, sem muitos resultados, obviamente, na internet e em velhos livros em bibliotecas. O garoto realmente acreditava no *milagre* da transformação. E o modo como ele chamava minha condição de Dom, chegava a me irritar.

— Veja as melhorias no corpo humano — ele dizia, maravilhado. — Você tornou-se mais rápido, mais forte, sua saúde é inabalável, seu físico e invejável, e você viverá o dobro ou o triplo de uma pessoa comum. Sua capacidade de regeneração é espantosa!

— E eu também sou um monstro sanguinário, que já matou muitos inocentes. Matei até mesmo *você*. Não se esqueça deste detalhe — eu o complementava, irritado, sempre buscando me afastar dele no momento, e repetindo minha ladainha de sempre sobre as tragédias que acompanhavam a maldição.

— São erros passados, meu amor! Passados! Este é o seu problema, pois você não os larga, não os deixam onde é o lugar deles; no passado! — André também se exaltava, irritado pelas minhas esquivas, e pelo silêncio que eu impunha sempre no final.

— Não creia que pode entender as minhas dores, André, pois você não pode.

— Talvez. Mas a única coisa que entendo mesmo é que suas feridas ainda doem tanto porque você assim quer! No fundo você as alimenta e se alimenta delas! Você se acostumou a viver remoendo o passado, olhando e o adorando como

um deus antigo! Tudo em você gira em torno do passado, todas as suas decisões são limitadas por isso, e isso me irrita!

Eu não o respondia mais quando a discussão chegava a tal ponto, só o ignorava, esperando que o calor que alimentava sua discussão terminasse por si só, mas com o tempo este meu comportamento só acabava causando o efeito contrário.

— Você ama mais o seu passado do que a mim, Natã — ele disse certa vez, os olhos vermelhos e aquosos.

— Como pode dizer uma coisa dessas? — eu o puxava para meus braços, indignado, forçando seu rosto para que ele olhasse diretamente para mim. — Não fui eu quem sofreu por você esse tempo todo? Não fui eu quem foi corroído pelo remorso depois daquela maldita noite no Casarão? Não sou eu quem está aqui com você agora, querendo ter você para sempre, e grato aos céus por essa nova chance?

— EU ODEIO ISSO! — gritou de repente, como se tais palavras estivessem presas em sua garganta por séculos, como bestas que agora pulassem para fora, livres e raivosas, exibindo suas presas. — EU NÃO SOU ESSA MALDITA ISABELLA! E se algum dia eu fui, não sei, não tenho certeza, e pouco me importa! Não me interessa se eu fui essa vagabunda de bordel, estúpida e infeliz, morta por quem quer que tenha sido! Eu sou André! É esta pele aqui que eu habito, é isto que sou eu! — exclamou, beliscando com força a pele do antebraço esquerdo. — Ame a mim, pelo o que eu sou hoje. Dispenso esse amor, ou qualquer outro sentimento que você tenha por ela.

— Ela é você.

— PRO INFERNO! Pro inferno! Ela é um fantasma que me assombra e me atormenta, isso sim! Um fantasma! — rebateu, e me empurrou e se livrou dos meus braços, golpeando a parede (do apartamento que eu havia alugado em Brasília para nossos encontros amorosos) com o lado mais macio da mão. — E o pior é saber que eu sou só uma sombra desse fantasma...

— Isso não é verdade.

— Isso é o que eu você diz agora. E se eu não houvesse sido ela? E se eu não tivesse esses sonhos ou nada que indicasse que essa Isabella foi minha vida passada? Onde nós estaríamos, Natã? Será que teria se interessado por mim, naquele acampamento? Será que teria começado um namoro comigo mesmo assim, ou me mataria e me devoraria por eu ter visto você na forma de lobisomem?

— Suas palavras me ferem — voltei a me afastar dele, desta vez controlando a raiva que começava a se formar em mim. Ah, se ele soubesse o perigo que existia em me irritar e bater de frente comigo daquele modo... mas no fundo eu sempre tive a noção que minha ira não era por causa dele dele, minha ira selvagem era responsabilidade puramente minha. Eu devo sempre ter o controle sobre a fera, independente dos elementos externos – a primeira lição de Flávio, mas eu ainda

não tinha a real noção da paciência que qualquer relacionamento exige. Indivíduos já são pessoas complicadas sozinhas, e ainda muito mais quando juntas.

Havia outros detalhes em André que não me agradavam, principalmente ao fato dele parecer viver em um mundo fantástico presente somente em seus sonhos e imaginação, recusando bruscamente qualquer outra realidade que não o agradasse, por mais necessária que ela fosse. Tais elementos sonhadores em que vivia só criavam formas físicas em seus desenhos e textos, coisas que nem isso mais ele buscava fazer. Ele passou a viver para mim, e se tudo em mim girava em torno do meu passado, tudo em André girava em torno de nosso relacionamento e em sua fixação por meus “dons”. E falando nesta fixação, tudo realmente começou a piorar quando este assunto se tornou personagem principal de nossas discussões.

Mas antes, entenda que, mesmo com tais discussões, nosso um ano e pouco de relacionamento foi algo muito prazeroso. André realmente passou a me amar, e mesmo que de modo tão dependente, era bastante agradável e reconfortante para o meu cansado coração saber que alguém dispunha de tamanho sentimento por mim, e ouvi-lo declarar este amor e dizer que sua pessoa era minha para o resto de nossas existências, inflava meu orgulho e paixão.

Nestes momentos regados a tanto romance, um milagre acontecia; não existia mais remorso, nem confusão, nem medo, e nem ódio e vingança. Flora não representava nada. Somente o jovem escritor e eu habitávamos aquele mundo prazeroso, alimentados por beijos, palavras doces e brincadeiras sexuais. Relembrando que André não havia assumido ainda sua sexualidade para sua família, e o fato dele mentir sobre onde dormia nos fins de semana e feriados, não parecia atormentá-lo nem um pouco. Também era bem verdade que ele era um tanto desgarrado da família (que eu nunca cheguei a conhecer) aparentemente por conta própria, e, a meu ver, ele nutria mais carinho por mim e por seu amigo Luís do que por seus familiares.

Voltando as nossas crescentes brigas, lembro-me que certa vez estávamos à beira do lago Paranoá, não muito longe de onde acontecia uma festa de música eletrônica barulhenta, que ele, Luís e Beto gostavam tanto. Os nossos dois amigos haviam saído para comprar mais cerveja, enquanto André e eu permanecemos para curtirmos um ao outro, encostados à lataria de meu carro. Ele havia acabado de passar por um assalto no começo da semana, onde dois caras armados levaram seu celular e sua carteira, além de acertá-lo com um soco no rosto e alguns chutes, e por isso uma mancha roxa circulava seu olho direito. E por mais que ele não dissesse isso abertamente, André estava revoltado com o acontecido, sentia-se humilhado e injustiçado, pois não havia posto resistência no assalto, fizera calmamente o que os assaltantes lhe pediram, mas isso não impediu que eles o agredissem, e ele acreditava que apanhara por ser gay, pois no momento acabava

de sair de um aniversário de um conhecido, numa casa que estava cheia de homossexuais. E foi justamente este seu sentimento de vítima inferior que desencadeou nossa discussão daquela noite.

— Às vezes eu penso, se eu não deveria ter feito mais... ter partido para cima deles e... sei lá... — disse ele numa voz sussurrada, os lábios colocados na minha camisa, abraçado a mim.

— Seria tolice enfrentar dois caras, sendo que um estava armado. Esqueça isso.

— Eram dois magricelas filhos da puta...

— Que seja, meu amor. Uma arma faz toda diferença. Já disse: esqueça isso. De seus documentos roubados você pode tirar uma segunda via, e um celular não vale a sua vida. Eu te darei um novo — sorri, beijando-lhe o rosto, mas ele nada respondeu, somente girou o corpo, para assim poder observar a superfície escura do lago. As pequenas ondas batiam contra a murada de concreto, criando um aconchegante som.

— O que te atormenta realmente, meu querido? — perguntei, estranhando seu silêncio e seu olhar atormentado.

— Tem razão. O que eu poderia ter feito? O que alguém tão comum, e tão fraco como eu, poderia ter feito? O que é o ser humano comum perante uma arma de fogo? O que é o ser humano comum perante tantos males e perigos que afligem o nosso mundo moderno? — ele dizia tais coisas de modo recitado, usando aquele tom poético que costumava usar quando filosofava sobre a vida. — E é pensando nisso que eu me imagino sendo alguém como você, amor. E se eu fosse mais que um humano comum? Ah, eu só imagino a liberdade que pessoas como você devem sentir, a total falta de medo. O que é um pivete desgraçado segurando uma arma para vocês? Não é nada. Você poderia parti-lo ao meio, a ele e a arma, e quem sabe devorar o coração do infeliz.

Eu me mantive calado. Suas palavras me preocupavam, e a força cruel e vingativa que emanava do som de sua voz principalmente.

— Ah, se eu fosse como você — André voltou a falar, agora deixando vir a raiva latente, entre dentes. — Ah, como eu queria ser como você.

— Mas não é, e ainda bem que não é — subitamente soltei meus braços dele, e caminhei mais para próximo do lago, transformando a lata de cerveja vazia que estava em minha mão numa minúscula bola retorcida de alumínio. — Ainda bem que você não é algo que não tem a mínima noção do quanto é torturante ser.

— Que frase patética e repetitiva — ele resmungou, já com raiva de mim. — Você só tem esses argumentos, Natã, argumentos que servem somente para você. A sua vida não é a mesma que a minha, seus erros e tragédias também não o serão. Será que não entende?

— É você quem não entende, garoto! Eu não quero falar sobre isso, esse assunto me irrita, me causa nojo! Ponha na sua cabeça, com todas as letras, que eu *nunca* o transformarei em um lobisomem. Esqueça tal possibilidade, pois não há nenhuma chance remota dela existir.

— Eu poderia ter morrido naquele assalto, Natã! A cada segundo da minha vida inteira eu estou sujeito a males simples que podem me destruir, que me afastariam de você mais uma vez — disse, vindo até mim e segurando meu braço direito com suas duas mãos. — Eu estou cansado de ter medo, Natã! E eu não temo só pela minha vida, mas também temo deixar você.

Voltei-me para ele, acariciado por suas últimas palavras, e segurei gentilmente seu rosto em minhas mãos.

— Quem te disse que o medo desaparece quando se é transformado? Talvez alguns deixem de ter importância mesmo, mas outros tomam o lugar destes, maiores e mais terríveis. Como eu queria fazer você entender que eu daria qualquer coisa para nunca ter me tornado o que sou hoje; um devorador de vidas.

— Não foi você quem me disse que, só quando necessário, se alimenta dos maus? Isso não é um bem, livrar o mundo daquilo que aflige os bons? — ele retrucou.

— André, por favor! O mundo não é tão preto no branco quanto você gosta de pintar, as pessoas são muito mais complexas que isso. Muito mais! A nossa própria definição do que é um bandido é algo discutível nessa nossa cultura. Quando eu digo que você não entende, é com total razão...

—Mas que droga, Natã! Não percebe o que vai acontecer conosco? Ou eu morrerei ainda jovem devido alguma fatalidade, por bala perdida, atropelado... sei lá... contrairei umas dessas centenas de doenças que espreitam a todos, ou então pior, envelhecerei muito mais rápido que você, me transformando numa massa de carne e rugas que você não terá mais coragem de tocar, enquanto você não mudará quase nada! Seria humilhante para mim. Esse é o tipo de futuro que teremos se você não der aquilo que eu desejo.

— Não! — respondi, e com tanta raiva que a fera protestou junto comigo, e minha voz saiu gutural e feroz, assustando-o. Só que para o lobisomem em mim aquele pedido de André era algo tentador, o que o monstro não daria para provar o sangue daquele garoto, saborear a carne, transformá-lo numa nova cria, aumentar a alcateia.

— Egoísta! É isso o que você é, um egoísta! — André quase gritou, me apontando um dedo indicador que a fera sentiu vontade de torcer até arrancar. — No fundo você deve gostar de ser único, de ter força para me proteger e talvez me manipular, isso deve agradar seu ego machista! Deve agradar tanto que você não se

importa em saber que corre o risco de me perder no meio do caminho, o risco de que eu morra num acidente banal ou algo parecido! Que tipo de amor é esse?

— Pare de falar asneiras, André — eu buscava a todo custo controlar a minha fúria somada ao desejo da fera. De repente, ele me irritava tanto que calá-lo na base da violência me parecia uma possibilidade válida.

— Não são *asneiras*, e sim a verdade que você não quer aceitar. Você tem a chave para o nosso futuro, para um amor longo, duradouro e tão resistente quanto você e a sua espécie! Você sabe que estou certo. Então me transforme! Imagine como seria maravilhoso, nós dois, iguais, amando um ao outro independente de estarmos na forma humana ou não. Mas não, você prefere deixar que eu seja esse fraco que sou...

— André...

— Talvez se tivesse tido a coragem de me transformar quando eu ainda era aquela vadia, Isabella estaria viva e ao seu lado até hoje! Mas não, você preferiu *me matar*!

— CALE A BOCA! — gritei, tão furioso que eu sentia meu corpo inteiro tremer, minhas garras se projetaram para fora, assim como minhas presas caninas, e meus olhos ganharam o diabólico tom amarelado. André notou o efeito e se assustou, se afastando acuado, e eu, vendo o medo em seus olhos, me senti pior ainda, e nisso resolvi entrar no carro e dar partida. Eu devia sair de perto dele enquanto tinha tempo.

— Para onde você vai? — ele perguntou, a voz vacilante.

— Vou embora. Preciso...

— Mas... mas você não pode me deixar aqui!

— Espere o Luiz e volte no carro dele.

— Por que está sendo tão estúpido?

— Estou sendo estúpido para proteger você! Não quero matar você de novo... — pisei bruscamente no acelerador e arranquei, levantando poeira enquanto fazia uma curva fechada, quase batendo em outro carro, e saindo do estacionamento de terra.

Pelo retrovisor, observei André imóvel, vendo-me partir, e ele me parecia como alguém derrotado, atormentado, possuidor de uma loucura latente e que poderia aflorar a qualquer instante, destruindo sua mente e tudo o que ela representava. E foi nesse instante que comecei a notar que o motivo daquela loucura crescente era eu mesmo. Eu bem sabia que André não era o primeiro humano comum a se relacionar com criaturas sobrenaturais, e de todas as histórias que eu escutei sobre tais relacionamentos, sempre algo de trágico ocorria com o humano comum. Flávio havia me alertado disso. André poderia estar realmente caindo na insanidade por minha causa.

Talvez eu tenha que deixá-lo, meu amor. Novamente viver sem você. Novamente voltar para as trevas da solidão. Talvez o meu amor em longo prazo o destrua. Só me resta deixá-lo ou transformá-lo. Pensei, trocando a marcha e finalmente conseguindo diminuir a velocidade, com lágrimas me embaçando a visão.

Não, transformá-lo não, nunca...

Uma hora depois eu havia atravessado um beco sujo e fedendo a cigarro, até chegar a um bar tão asqueroso e perigoso quanto, que funcionava como um prostíbulo secreto. A fera me guiava. Fui barrado na porta, mas, devido a minha boa aparência e ao dinheiro que depusitei na mão do segurança, me foi dada passagem tranquilamente. Rapidamente tratei de puxar assunto com os presentes, procurando aqueles que demonstravam ser mais perigosos, e nisso me aproximei de uma bela traficante de drogas, e que também era um dos que comandavam um esquema de tráfico de seres humanos. Seu nome era Sabrina, e entre uma cheirada e outra de pó, me disse que me conseguiria o que eu desejasse; homem, mulher, meninas ou meninos. Com dinheiro — ela disse, sorrindo — podia-se ter qualquer coisa.

— Até mesmo você? — perguntei, usando meu tom mais sedutor, e deslizando pela mesa de vidro embaçado um grosso maço de notas.

Sabrina olhou o dinheiro, sorriu mais uma vez, me avaliando dos pés à cabeça, estufando os enormes seios siliconados e praticamente descobertos, e sacudindo levemente a juba loira de um lado para o outro. E assim, fácil, a fiz entrar em meu carro para darmos uma volta. Distanciei-me o mais rápido da cidade, pegando a estrada em direção a Santo Antônio do Descoberto, mas no meio do caminho parei o carro em um acostamento de terra.

Disse que a queria ali mesmo, em meio ao mato, uma fantasia minha. Sabrina estava drogada demais para pensar direito, e caminhou sensualmente na minha frente, tirando os sapatos para não os afundar na terra fofa do terreno escuro. Enquanto isso, a ira despertada na discussão com André ainda latejava em mim, me sufocando, assim como o desejo por carne humana, fazendo a fera salivar. A fera estava faminta, e não aceitaria uma negativa.

— Vamos, gato. É só dizer o que quer que eu faça. Gostoso desse jeito e com essa cara linda de macho bruto, não será nenhum esforço para mim — Sabrina sorriu, mostrando os dentes muito brancos e bem alinhados. As pernas bamboleavam com o efeito da droga.

— Só quero que você lute o quanto puder, pois presa fácil não me diverte o suficiente — respondi, e até hoje não sei bem de onde veio tanto sadismo na minha voz de uma hora para outra. Mesmo assim, Sabrina sorriu novamente, sem nada

entender, e se inclinou para beijar-me, mas acabou colando os lábios na superfície dura e cruel das minhas presas cada vez maiores, no meio da transformação. Mordi rapidamente sua boca, arrancando os lábios e parte da pele da face. A traficante gritou levando as mãos a ferida, sentindo a arcada dentária a mostra, enquanto sangue escoria para seus seios, e nisso correu desesperada, gritando sem parar, mas, drogada como estava e sem senso de direção algum, adentrou cada vez mais na mata fechada.

Corra! Corra depressa, minha querida, minha bela. A fera se deliciava, lambendo as presas sujas de sangue (sangue delicioso), enquanto perseguia sua presa, divertindo-se como não fazia há tempos. A lua minguante não iluminava nada com seu brilho tênue, feito um fraco fantasma no céu, observando-me passivamente. Mas não importava, aquela poderia ser qualquer lua.

Naquela noite o lobisomem teria a sua oferenda.

As cobranças de André não cessaram, nem mesmo seus questionamentos sobre a veracidade do meu amor. E estas duas questões passaram a se mesclar e a se alimentarem de si mesmas, tornando-se mais fortes e constantes, desencadeadas facilmente. Qualquer evento negativo que acontecesse na vida dele, ou na vida de alguém próximo, se transformava numa ponte para justificar o porquê eu deveria transformá-lo. Algumas vezes eu sentia que não era ele quem enlouquecia, mas sim eu mesmo que me encontrava beirando o descontrole sobre meu *eu selvagem*.

Sim, tinha hora que André me fazia odiá-lo de verdade, e nisso teve dias que eu passei a evitá-lo, deixando de ir vê-lo em Brasília para estender desnecessariamente meu trabalho em São Paulo, ao lado de Flávio. E falando no chefe da alcateia Valverde, Flávio buscava não opinar mais no que fosse relacionado ao meu namoro, evitando até mesmo que eu entrasse no assunto, até porque ele vivia mais preocupado com certos eventos políticos na Noite que por fim mostraram-se não muito importantes e por isso não tem porque serem aprofundados nessa história.

Nas noites que eu fugia de André, Isabella e o amor que eu tinha por ela me parecia somente uma lembrança, algo distante e difuso, não mais tão presente como antes. Até mesmo meu desejo de vingança parecia ter-se tornado uma sombra acorrentada no calabouço mais profundo de meu coração. E eu me questionava sobre o significado de tudo isso, e me via envolto em uma tempestade de dúvidas existenciais que em nada me ajudavam. Só que, quando eu revia André, ou bastava somente escutar sua voz ao telefone, o sentimento que eu nutria por ele, e as lembranças que eram os alicerces de meu amor, cresciam e se mostravam em toda a sua enormidade. Sim, eu realmente o amava, mesmo que ele me irritasse. Mesmo que os piores medos dele estivessem corretos. Eu não queria deixá-lo

realmente, mesmo sabendo que nossa relação o estava prejudicando. Eu não queria deixá-lo, e sabia que, se dependesse dele, nunca nos separaríamos. André parecia me amava ainda com mais força, necessidade e urgência.

Faltava-me coragem para fazer o necessário.

Eu precisava deixá-lo – repetia isso a mim mesmo todas as noites. André não merecia a loucura e as sombras que me rodeavam. E talvez, reflito agora, o real amor se apresenta justamente deste modo: independente da paixão e do desejo, desprendido do apego, da posse obsessiva. Um amor grande o suficiente para sustentar-se, feliz e conformado, apenas com a constatação da felicidade e bem-estar da pessoa amada.

(Mas, será mesmo? Tenho que confessar que a palavra “*conformado*” não me transmite a paz que eu esperava, e sim a derrota...)

E se André sentiu essas minhas fugas dele? Claro. O garoto era perspicaz demais para que isso transcorresse de modo diferente, e eu não fazia noção (talvez por escolha própria e inconsciente) do quanto que estes meus atos o machucavam e o desesperavam. Passei a não atender o celular certas vezes, dando desculpas confusas para ele mais tarde. E aconteceu que logo após uma última, longa, repetitiva e tediosa discussão, eu ignorei suas ligações por quase um mês inteiro, enquanto viajei com a alcateia para o Acre, afim de resolver uma intriga entre duas outras pequenas alcateias, justificando a mim mesmo que minhas obrigações para com a Noite eram mais importantes e que André poderia esperar.

Durante esse tempo, confesso que eu o imaginava cansando-se de mim, quem sabe até me traindo, movido pela raiva e pela infantilidade tão presentes em alguns de seus atos. Imaginava também que tal raiva começasse a contribuir para minar seu sentimento para comigo, livrando-o daquele amor masoquista. Ah, como eu estava errado. Eu realmente não esperava o que se sucedeu. E em pensar que eu poderia ter agido como o adulto que eu era e ter dado uma resolução melhor a tudo.

(É estranho como podemos amadurecer apara algumas coisas e outras nenhum pouco.)

Eu nem teria tido conhecimento da quase tragédia se não fosse uma casualidade: Ricardo precisava de um endereço que eu havia anotado em meu celular em forma de mensagem de texto. E foi justamente na hora que eu peguei o aparelho e o liguei depois de todos aqueles, foi que recebi uma ligação de Luís. Pensei em não o atender, mas eu conhecia o melhor amigo de André o suficiente para saber que se ele estava me ligando, tarde da noite, era por algum motivo que valia a pena saber. E quando assim fiz, ele nem mesmo me deu tempo de cumprimentá-lo.

— André está no hospital. Não está nada bem — sua voz estava mais direta que o normal, seca, sem nenhum tom daquela simpatia que eu estava acostumado a

ouvir.

— Mas, como foi...

— Eu me ofereci para passar a noite aqui com ele, hoje e amanhã. A família dele está viajando e ele não quer que eles saibam de nada. Se ainda sente vontade de saber como ele está, então apareça.

Luís desligou o aparelho logo após me passar o endereço do hospital, sem mesmo se despedir, e logo em seguida eu já tentava providenciar passagens de avião (o avião particular de Flávio estava sendo usado em missão), e infelizmente só consegui para a tarde. Enquanto isso, eu tentei algumas vezes ligar novamente para Luís, mas não tive sucesso. Ele parecia não querer me atender. Então me lembrei de que eu tinha o número do namorado dele, e por fim foi Beto quem finalmente me deu alguma resposta, numa voz tremida e vacilante:

— Bem, eu ainda não tive tempo de ir lá, nem de conversar com o Luís direito. E não sei realmente o que aconteceu, mas... parece que... parece que foi tentativa de suicídio.

O céu de Brasília já dava seu espetáculo visual de cores no crepúsculo, enquanto eu desembarcava no aeroporto da mesma, esperando o jovem empregado humano da Valverde na cidade trazer o carro que eu sempre usava quando estava por lá. Eu não estava só preocupado, mas também me sentia responsável pelo acontecido, do mesmo modo que um pai se responsabiliza por sua criança pequena ter caído e se machucado. As motivações que levaram André a fazer o que fez era o que me intrigava.

A noite dominava gradativamente o céu, e uma lua minguante pairava tímida e fantasmagórica no infinito negro, quando eu finalmente cheguei ao hospital, temendo não conseguir chegar a tempo do horário de visitas, o que felizmente não foi um problema (apesar de que eu daria um jeito de entrar no leito dele de uma maneira ou de outra). Recebi o crachá na portaria e subi as escadas até o quarto andar, pois eu não estava com paciência para esperar o elevador.

Todos os cheiros chegavam até mim, fazendo eu me lembrar do quanto odiava hospitais (um lugar que eu nunca ia). Cheiro das luvas das enfermeiras e de remédios, e produtos de limpeza, desinfetantes para as mãos, cheiro de doentes... Sons de risos contidos, choros, gemidos, gritos de criança... Todos esses elementos, somados a preocupação por André, me cercavam e me deixavam ligeiramente tonto.

O quarto era o último, no fim do corredor. Apressei-me até ele, mas tive o caminho bloqueado por Luís. O moreno parecia me esperar, encostado ao portal do leito, os braços musculosos cruzados no peito, o olhar duro. Pelo o que eu soube, era por meio do convenio dele que André foi atendido naquele hospital.

— Tentei chegar mais cedo, mas... — comecei a dizer, sentindo uma necessidade abrupta de tentar me justificar, mas o jovem me interrompeu.

— André está esperando por você — disse ele, movendo somente os lábios, enquanto os olhos me fitavam com intimidação. — Ele insistiu para que eu o avisasse. Insistiu de modo patético até. E não foi nada fácil achar você. Por mim, você não saberia de nada, assim como a família dele não sabe.

— Me desculpe, eu...

— Você não me deve desculpas alguma, cara. Não pra mim. Eu sei como ninguém o quão radical André pode passar do inteligente e culto para o idiota e infantil. Mas, lembre-se, Natã: independentemente de qualquer coisa, a meu ver, o verdadeiro adulto aqui é você. Então, aja como tal — ele baixou os olhos e saiu do caminho, indo em direção às escadas. Eu o observei desaparecer do corredor antes de entrar, um passo de cada vez.

O que eu buscava e temia me esperava após o pequeno intervalo de passagem entre um iluminado banheiro e o pequeno quarto. Respirei profundamente antes de finalmente chegar lá.

André estava deitado numa cama de solteiro, inclinada de um modo que o paciente ficasse quase sentado. Não percebia minha presença. A televisão num suporte na parede à frente da cama estava ligada e refletia suas imagens nas lentes dos óculos do garoto, mas ele não concentrava seu olhar nela, e sim na janela. Sua expressão era de tédio e melancolia, e a sua aparência estava abatida, meio pálida, a barba por fazer. No mesmo instante eu senti vontade de pegá-lo nos braços e tirá-lo daqueles lençóis claros, tirar a mangueira de soro grudada em seu antebraço, e levá-lo para longe, onde somente meus beijos e meu amor seriam seu tratamento. Mas tal vontade eram delírios apaixonados, ilusões tolas, que em pouco tempo foram perdendo terreno para a realidade e seus aspectos tristes e cruéis.

Lá estava o meu André, o jovem escritor, talvez tão promissor quanto os grandes artistas contemporâneos, mas em início de decadência, uma decadência originada na minha participação em sua vida, amaldiçoada pela minha condição e em tudo o que ele acreditava que ela poderia proporcionar-lhe. Decadência alimentada pela fascinação e pela paixão dependente.

— André — eu o chamei baixinho, me sentando numa cadeira de ferro ao lado da cama. Ele se assustou e virou o rosto abruptamente em minha direção. Ao finalmente me ver, seus olhos se arregalaram, e um sorriso involuntário correu ligeiramente em seus lábios, dando lugar em seguida ao mais puro constrangimento.

— Eu sabia que você viria — ele sorriu para mim, a voz meio rouca e os olhos vermelhos enchendo-se d'água.

— O que aconteceu com você?

Ele estendeu a mão esquerda e eu a segurei sobre o colchão.

— No fim das contas não foi nada. Uma tolice minha.

— Me disseram que você tentou se matar com comprimidos. Por quê?

Ele não respondeu. Ainda me olhava com aquela expressão constrangida e desesperada, enquanto uma lágrima escorria lentamente em sua face direita.

— Se isso tudo foi para chamar minha atenção...

— Eu não sei. *E-eu* não sei o que me deu, eu... — respondeu com a voz ainda mais tremida e vacilante. Tirou os óculos e os largou sobre o lençol que lhe cobria as pernas, como se as lentes estivessem na verdade atrapalhando sua visão de mim. Encarei seus olhos lacrimosos, que haviam perdido todo o fascínio sedutor que exerciam antes. Eu podia enxergar a loucura tentando dominá-lo, e talvez conseguindo, a mesma loucura que um dia eu vislumbrara nos olhos de Isabella, quando a levei para fazer o aborto, na ocasião em que ela me contou sua perturbadora história de vida.

— André — repeti seu nome, enquanto seus dedos finos apertavam com força os meus, como se ele estivesse à beira de um penhasco e dependesse de meus dedos para se agarrar e não cair para a morte.

— Você sumiu! Eu... eu só queria que você voltasse e... — o garoto voltou a falar, e agora chorava de vez, apertando minha mão ainda com mais força.

— Isso não justifica nada.

— Não é só isso! Você não entende o que você representa para mim. Você surgiu em minha vida como um milagre, Natã. Um milagre! E eu tive medo que você desaparecesse do mesmo modo.

— Eu só precisava de um tempo, André — justifiquei, mesmo sabendo que eu usava palavras vazias. — Isso não significa que desapareci.

— Mas é isso o que você quer! — ele quase gritou as palavras, febril, e ao mesmo tempo era como se as mesmas cortassem a carne da garganta ao serem expelidas. — Meu Deus! Acha que eu não noto isso? Seu amor por mim está perdendo a força! Tudo isso porque eu nunca serei a Isabella que você quer! Eu nunca serei, mesmo que eu tente! E eu não quero tentar! Tudo isso porque eu desejo ser como você, e porque no fundo você saber que eu estou certo em desejar isso!

Ele me parecia à beira de um surto, e por isso acariciei seu rosto, pedindo baixinho que se acalmasse. Entrementes ele não fugiria das minhas perguntas. Eu precisava entender seu ato. Aquela situação me irritava mais do que me preocupava. Eu estava desamparado.

— Isso está errado — eu disse, mais para mim mesmo.

— Eu sei... me desculpe.

— Não, você não sabe. Você não escreve mais, não desenha, não faz mais nada. Você agora vive na espera do impossível.

— Não é impossível...

— Você não percebe como derrotou a si mesmo? — perguntei, afastando meus dedos dos dele, e sem conseguir olhar para ele. — Não percebe que você não é mais o André que eu conheci? Você está jogando fora tudo o que fazem os outros admirá-lo. Isso é loucura.

— E desde quando o que eu sou faz diferença para você? O que importa para você, o que sempre importou, é o que eu *fui* — sua voz transmitia um pouco da velha raiva, mas era totalmente movida pelo desespero. — Agora me diga, sinceramente, que eu estou errado, Natã.

Não consegui responder, pois eu não tinha respostas para aquilo. Eu nunca havia as encontrado, e na verdade nunca as tinha procurado de fato. Eu me acostumei com a fluidez do momento. As verdades dos motivos que me faziam amá-lo nunca importaram de fato. Mas eu não podia negar o peso que tais perguntas exerciam sobre ele.

— Está vendo, você nem consegue negar — ele continuou, mas agora ele entrava numa estranha calma melancólica, e sua voz mais parecia o uivar do vento em velhos telhados. — Sim, talvez seja mesmo a loucura. Mas a loucura sempre me acompanhou, creio que ela sempre me observou, chegando cada vez mais perto. Talvez essa loucura me persiga desde antes desta vida. Talvez eu até tenha escrito e desenhado para dar alguma finalidade à loucura, aos pensamentos e lembranças que podem ser anteriores a mim. A arte sempre foi usada para o homem escapar de si mesmo, não é? A arte foi o milagre que me salvou da loucura, mas eu encontrei outro milagre, maior e mais maravilhoso. Não entende, Natã? O que é a arte perante o mistério que você se tornou? O homem e a fera, o sobrenatural unido à natureza, junto dos instintos perdidos na evolução desenfreada do progresso. A arte tornou-se obsoleta para mim. O Dom da Fera é o novo milagre que preciso agora.

— Não — respondi, e eu usava o mesmo tom de voz, melancólico e suave. — Esse Dom da Fera, como você o chama agora, nada mais é que o condutor dessa loucura. É a minha presença que manifesta isso em você. Como eu não pude pensar nessas malignas implicações? Como eu não imaginei que eu seria um veneno para a sua alma? Onde está o amor nisso tudo?

— Mas eu o amo — ele disse, ainda do mesmo jeito calmo, mas agora voltava a chorar, soluçando baixinho, e deixando que as lágrimas corressem livres. — Eu o amo tanto que me desespero, e faço idiotices como essa. E eu sei que quando você sair por essa porta nunca mais eu o verei novamente. E eu estou tão cansado de lutar. Tão cansado de tentar fazer com que veja como eu vejo; que ainda existe uma

esperança para nós, e que essa esperança está na mudança. Eu sei que você pretende ir embora, é isso o que você quer. Você acredita mesmo que será melhor assim, mas eu não posso deixar, mesmo cansado como estou, de te fazer uma última súplica. Não desperdice o que temos, essa nova chance como você costuma dizer. Me ame. Não me deixa, pelo amor de Deus.

— Eu o amo, André. Talvez meu amor por você seja ainda maior do que eu sentia antes, na sua outra vida. Acredito que nunca me doeu tanto quanto agora fazer o que tenho que fazer.

— Então por que fazer? Por que desistir?

— Porque eu o amo — respondi e me pus de pé.

— Não... por favor... — a voz dele não passava de um gemido baixo, e pelo reflexo de um pequeno espelho redondo na parede eu vi sua imagem derrotada. André se encolhia na cama, e tremia como se sentisse frio, sem tirar os olhos amedrontados das minhas costas. Sua imagem me feria, e cada lágrima que escorria dele eram como facas a me furar.

Mas o que eu havia lhe dito era a pura verdade; eu o amava como nunca amara antes, e nem mesmo a descoberta de ser responsável pela morte de Isabella me foi tão difícil como deixá-lo, mesmo que minha casca agora, após tantas provações, fosse tão dura que retinha a tormenta dentro de mim.

Eu o deixava porque o amava. Eu o deixava porque era o melhor a se fazer, e porque eu aguentaria essa dor, como aguentei todas as outras. E quando eu finalmente comecei a me afastar, sem nenhum momento olhar para trás, para aqueles olhos febris que me destruíam a alma, eu parecia insensível e deveras frio. E talvez tenha sido por isso que mais nenhum protesto veio dos lábios dele, somente o choro e o silencioso desespero.

Dois meses se arrastaram desde que deixei André naquele quarto de hospital, me certificando de que a Valverde cobrisse todos os custos de sua internação. Tive longas conversas com Flávio e Ricardo, e o líder demonstrava pesar por meus sentimentos, mas também era da opinião de que eu fizera a melhor escolha. Ricardo me conseguiu informações de que André havia saído do hospital no dia seguinte e que passava bem, na medida do possível. E é claro que eu sentia falta do garoto, mas ao mesmo tempo também acreditava piamente na minha decisão; André era um escritor com potencial, um jovem com tudo pela frente, que só precisava descobrir por si só os próprios caminhos e aprender a se locomover com segurança e amadurecimento pelo mundo real. Minha presença estava impedindo tal aprendizado. A manifestação do sobrenatural em sua vida o deslumbrava e o estagnava, se transformando em uma perigosa obsessão que poderia culminar na sua insanidade.

E eu também decidi, seguindo a orientação de Flávio, que eu devia evitar buscar qualquer outra informação sobre ele futuramente. André ficaria bem, ele tinha Luís e seus livros para ajudá-lo a superar a nova fase, e eu também precisava fazer o mesmo. E com isso eu buscava me reconfortar, sempre reafirmando a lógica da minha decisão. Confortava-me principalmente dizer a mim mesmo, todos os dias, que a vida de Isabella não cessara de vez, que a sua alma maravilhosa, coberta por todo o meu amor, não havia desaparecido de todo sempre, e sim que agora vivia mais uma vez, numa nova forma, tão bela e interessante quanto antes. Eu quase conseguia me perdoar por tê-la matado, e o fato de tê-la encontrado em André, e a amado mais uma vez, era quase uma redenção.

Lendo essas palavras, parece tudo muito simples. Parece realmente fácil. Mas, algo de terrivelmente complicado dá-se início quando sobrevivemos à perda de grandes amores. Creio que não nos recuperamos deles, pois, na maioria das vezes, o que somos e o que representamos está intrinsecamente ligado ao que dedicamos tanto sentimento. E o que sobra depois que tal objeto de devoção é separado, arrancado violentamente, de nossos corações e almas? O que sobra? Somente um monte de pedaços de um velho quebra-cabeça, tão danificado, que, o que nos resta é nos remontar, esquecendo as antigas regras e os velhos encaixes aparentemente lógicos. E quando este novo e estranho quebra-cabeça está terminado, uma imagem

desconexa se mostra, e por fim cabe a nós nos perguntarmos e buscarmos as respostas: Que imagem é esta? Quem sou eu agora? Para onde devo ir?

Cheguei pela manhã. Contemplava as bananeiras com suas largas folhas verdes e amareladas, pés de mamona enormes e carregados. Por vezes algumas tímidas flores brancas e amarelas, e árvores de pequeno porte e muito capim alto tomavam conta de ambas as bordas da estreita estrada de terra avermelhada, muito diferente de como era antes, quando pelo caminho podíamos deslumbrar toda a extensão do terreno até a mata mais fechada do outro lado. E por fim, quando finalmente o carro preto fez a curva, ao encontrar a passagem pelo velho portão de ferro preto e enferrujado, que parecia se encontrar agora constantemente escancarado, deparei-me com a visão, como que por um encantamento, do velho Casarão Violeta.

Estacionei a BMW em frente, lutando para absorver com coragem e determinação todas as complexas emoções que a visão daquele belo e majestoso prédio me causava. Sim, belo, mesmo com a antiga tinta violeta descascada e bastante desbotada, mesmo com incontáveis e gigantescas teias de aranhas dominando os espaços nas calhas das telhas e nos arabescos onde disputavam domínio com as trepadeiras, e em algumas janelas do andar superior que não deveriam ser mais abertas para receber a luz do sol em seus empoeirados aposentos. As trepadeiras se enroscavam livres pelas paredes mais próximas ao jardim, que por sinal mantinha-se tão exuberante quanto antes, mesmo que agora de um modo mais selvagem, onde flores disputavam terreno com raízes, capim e ervas daninhas resistentes. Havia criaturas morando em meio àquela confusão selvagem, claro. Insetos e pequenos roedores. E seria mesmo uma cobra que eu ouvia rastejando e sibilando por entre o verde capim?

O que havia acontecido com aquele lugar? Será que Madame Valquíria não se interessava mais em cuidar de seu próprio jardim, ou não era mais capaz disso? Estaria ainda viva? Se não, quem poderia ser responsável por total desleixo? Mas também, pensei, após tal tragédia que ali se sucedera, não era normal que tudo tendesse a ruir inexoravelmente? O lugar parecia até mesmo abandonado. Mas não, havia alguém lá dentro, eu podia ouvir e sentir os cheiros. Ela caminhava até a entrada.

Uma senhora surgiu à porta, e por alguns segundos me intimidei com a sua presença. Era uma mulher alta e magra, ombros largos, usando sapatos de salto alto vermelhos, um vestido preto com um cinto grosso que lhe realçava a cintura. Usava um perfume forte e apontava uma enorme escopeta em minha direção. Mas era a cabeça a parte de seu corpo que mais emanava autoridade, mais até mesmo que a arma de fogo. E eu reconhecia aquele rosto fino e aquele nariz pontudo, com

feições firmes e sobancelhas arqueadas. Eu a reconhecia mesmo com suas novas rugas (que só realçavam aquela autoridade), com seus lábios menos carnudos e sem mais sustentarem o chamativo batom vermelho vivo. Eu reconhecia aquele cabelo ruivo, agora mais curto e com uma mecha grisalha do lado direito, penteado para trás de um modo que lembrava um imponente capacete que faria inveja a Margareth Thatcher, e para completar o quadro, um tapa olho preto lhe cobria onde anteriormente ela possuía seu olho direito.

Apesar de tudo ainda era tão bela e interessante quanto o Casarão.

Foi um momento estranho, onde durante quase um minuto inteiro permanecemos em silêncio, nos encarando. A escopeta em sua mão tão firme quanto seu olho azul em mim, mas eu podia perceber uma sutil mudança percorrê-la, até que se transformou em espanto. Arregalou o único olho e deixou escapar um pequeno som surpreso.

— Resolveu esperar mais de vinte anos para começar a assombrar este lugar, junto de todos os outros desencarnados? — disse, baixando a arma e batendo a sola do sapato direito no piso da varanda. — Não preciso de mais um maldito fantasma, Natâniel, pois tenho uma coleção deles para me fazer companhia.

— Não sou um fantasma, Madame — respondi, tirando os óculos escuros e ajeitando meu paletó, como se tais movimentos provassem a validade de minha resposta.

Mais alguns segundos de total silêncio se seguiram, enquanto eu notava a disfarçada confusão que a dominava por trás de sua pose. Era claro que eu devia ter esperado por isso. Flávio me avisou das complicações que poderiam decorrer daquela minha ideia “insana”, segundo ele, de voltar ao Casarão. Madame Valquíria reparava em minha estranha juventude, pois eu tinha a mesma aparência de quando eu vivia naquele lugar. Eu estava intocado pela ação do tempo, como um fantasma.

— Como ousa manter-se jovem, seu maldito, enquanto as rugas me tomam? — ela disse, e dessa vez deu um discreto sorriso de canto de boca, estendendo os braços. E eu, surpreso e maravilhado feito uma criança, caminhei até ela e segurei-lhe as mãos, beijando ambas. Minha emoção era tanta que eu temia, por orgulho tolo, deixar escapar as lágrimas, e notei que o mesmo ocorria com ela. Seu olho brilhava, enquanto me examinava dos pés à cabeça, e sem dizer mais nada entrou pelas portas duplas e eu a segui.

Ah, rever aquele salão com suas colunas de mármore branco me fez suspirar. E não importava se o belo lustre estivesse empoeirado e enfeitado com teias de aranha, assim como ligeiramente se encontravam alguns móveis. Não importava que o piso de madeira escura não estivesse mais lustroso como na época, nem que faltassem alguns dos luxuosos sofás e poltronas que eu amava admirar. A velha

vitrola de Madame Valquíria ainda se encontrava no mesmo lugar, e algumas das mesas redondas também, e o imponente relógio de parede ainda tiquetaqueava na hora exata. O *jukebox* parecia me sorrir no fim do salão. E por alguns segundos pensei que via algumas meninas dançando na frente dele, e outras sentadas, sorrindo, de frente ao bar. Uma visão tão repentina, um truque tão maldoso das recordações...

Há quantos anos ninguém mais dançava naquele salão?

— Eu sei, eu sei... o Casarão não é mais com antes — disse Madame Valquíria, sentando-se em uma das poltronas e pedindo que eu fizesse o mesmo. Estávamos diante das largas janelas que davam para o selvagem jardim.

Eu não conseguia encontrar as palavras. Eu queria mesmo dizer tudo a ela, descrever todas as minhas sensações ao contemplar aquelas colunas de mármore, ao voltar a ouvir a inconfundível voz da mulher que me estendera à mão quando eu mais precisei. E sufocado por tudo aquilo, o máximo que consegui fazer foi tirar dois pequenos presentes do bolso do paletó e entregá-los a ela.

— Obrigada pelos brincos, Natâniel, e... Oh! Cigarros finos! — exclamou ela, sorrindo, ao abrir o segundo presente.

— Lembro-me que eram os seus preferidos, Madame.

— Sim, *eram* sim, antes de eu decidir parar de fumar. De todo modo, obrigado pelo presente — respondeu, ainda sorrindo, mas tal sorriso ocultava algo de inevitável confusão, de uma tristeza e de dúvidas que não permaneceriam caladas por mais muito tempo.

A nossa frente, parte do jardim se exibia pela janela, onde rosas majestosas lutavam admiravelmente para assegurar seu sufocante espaço entre as incontáveis teias de aranhas e trepadeiras escuras. Pensei ter escutado um riso feminino no fim do salão, seguido de passos apressados nas escadas, e ao virar meu rosto para ver, percebi, horrorizado, marcas profundas num trecho do piso de madeira, assim como no corrimão da escada, marcas feitas por garras enormes. Talvez minhas garras. Sim, a dor de tudo aquilo me castigava, mas eu já havia me acostumado a ela. Minhas lembranças, minhas dores; minhas eternas companheiras.

— Pensei que você havia morrido — ela disse, de repente, sem tirar o olho das rosas. — Seu quarto estava vazio e eu pensei: “uma daquelas *coisas* o encontrou primeiro e o devorou” — fez uma pausa, talvez esperando que eu dissesse algo, mas eu não disse. — Certo dia, antes de Geraldo ir embora, passamos um dia inteiro procurando seu corpo na mata. Os policiais já haviam feito isso, eles e aqueles estranhos homens que eu pensei serem padres ou algo do tipo...

— Geraldo foi embora?

— Sim. Muita coisa mudou depois, e ele dizia não suportar mais as visões dos mortos. Ele me disse “Madame, Cícero me apareceu mais uma vez! Eu o vejo e é

terrível demais, vou ficar maluco!”, e o pobre já estava quase maluco mesmo. Não dormia, não comia direito. Vivia num estado constante de alerta. Dizia que sentia o cheiro do fogo pela casa... E por fim, um belo dia ele estava chorando neste mesmo lugar onde você está sentado agora, e decidiu “Madame, sinto muito! Sinto muito mas eu não posso mais ficar aqui!”. Daí eu não tive escolha, Natâniel. Ele era um homem tão bom, não merecia enlouquecer neste lugar. Então eu o beijei no rosto e disse “Vá com Deus, meu bom amigo. E que Santa Bárbara ilumine seu caminho”.

Eu queria saber de todos os outros que sobreviveram, assim como dos mortos que ficaram para assombrar. Será que eles apareceriam para mim? Será que poderiam aceitar meus pedidos de desculpas? Quase quis perguntar se alguém não havia visto o fantasma de Isabella, mas então me lembrei de que Isabella não poderia estar ali, que agora ela habitava um outro corpo, e que eu a abandonara. Mas então pensei nas palavras de Madame, de que Geraldo dizia sentir cheiro de fogo pela casa... Sim, eu também conseguia sentir um ligeiro cheiro de madeira queimada na casa, entre outras coisas, e decidi perguntar sobre isso.

— Ele disse *fogo*, por que?

Valquíria olhou demoradamente para as minhas mãos antes de responder e a respiração dela mudou, enquanto buscava as lembranças necessárias para responder a minha pergunta.

— Você se lembra da Franciele, lembra como ela era? Franciele era difícil, eu sei. Ela vivia em pé de guerra com a maioria das outras meninas, principalmente com Isabella. De todo modo ela tinha seu encanto, e seu gênio era até um atrativo. Mas Franciele não era mais a mesma... ninguém foi mais o mesmo.

— Posso imaginar...

— Não, não pode. Não pode imaginar, Natã — e ao dizer isso, um ligeiro lampejo de raiva correu pelo único olho dela, dando lugar novamente a melancolia. — Eu estava aqui no salão, sentada na escadaria. Sabe, durante um bom tempo eu ficava sem dormir, de vigia, abraçada a minha escopeta, olhando para as portas de entrada recém concertadas e... diziam até que eu tinha ficado louca. Quem sabe eu realmente tenha, todos ficaram. Franciele ficou.

Ela fez uma pausa, e mais uma vez eu pensei ter ouvido risos femininos e passos subindo a escada, mas não virei o rosto para ver, pois, pela ausência de cheiros, eu sabia que não havia nada lá. E Madame Valquíria enfim continuou:

— Ninguém sabe como realmente aconteceu, e eu fui a primeira a perceber a fumaça se espalhando pelo segundo andar. Eu corri para ver o que era, gritando por ajuda. Era do quarto onde Jessica estava se recuperando que vinha a fumaça. Tinha fogo nas cortinas, no tapete... e Jessica estava lá, sobre a cama, sem poder sair, e a cama era uma grande fogueira. O quarto era o próprio inferno. Eu não consegui entrar, eu só conseguia gritar por socorro. E os gritos... ah, os gritos de Jessica

ainda me fazem acordar no meio da noite, assim como a lembrança de Franciele girando em meio as chamas, gargalhando, ainda segurando aquela lata de querosene, gritando que era o fogo de Deus. "Deus manda o seu fogo para purificar todas as coisas, para destruir todas as feras do diabo", ela gritava.

Na mesma hora eu me lembrei de quando vi a pequena Jessica pela última vez, quando visitei o Casarão por meio do dom da viagem noturna. Me lembrei da garota coberta de curativos, com a perna decepada, assim como alguns dedos. A lembrança me fazia pensar numa borboleta destruída por crianças, e agora eu imaginava essa mesma borboleta em chamas.

— O fogo teria se espalhado por todo o Casarão, — Madame continuou — mas a sorte é que Geraldo chegou junto com alguns conhecidos nossos que na época apareciam aqui vez ou outra. Em seguida todos nós corríamos, subindo e descendo escadas, carregando baldes d'água, e por sorte conseguimos controlar as chamas.

— Mas não puderam salvar...

— Não. Franciele e Jessica morreram queimadas.

— Isso é terrível, Madame — foi só o que consegui dizer. Eu imaginava toda a trágica cena em detalhes, podia até mesmo ver o sorriso louco nos lábios de Franciele, sendo destruído pelas chamas. Mas eu não a culpava, eu não conseguia. Não foi a loucura de Franciele quem a matou, levando Jessica junto, e sim a maldição que me acompanhava para qualquer lugar que eu fosse. Foi a minha presença na vida daquelas pessoas que trouxera tal desgraça.

Madame Valquíria nada disse, e voltou a olhar para as minhas mãos. Eu notava as perguntas fervendo dentro dela, e temia o momento em que elas saíssem de sua boca. Sempre foi difícil mentir para aquela mulher. E eu estava cansado de mentiras.

— O que aconteceu com os outros depois? — perguntei.

— Como eu já disse, Geraldo foi embora, e Natacha também foi, alguns meses depois. Nunca mais soube deles, assim como nunca mais soubemos de Angélica e Cláudio. Já Letícia está comigo até hoje, assim como nossas queridas Ana e Dolores. Elas estão na cidade, fazendo a feira, logo devem estar de volta.

— Então o Casarão Violeta não abre mais as portas?

— O Casarão tornou-se uma casa de terrível agouro. Jessica, Franciele, Cícero, Joana, Isabella - todos mortos. As pessoas começaram a nos evitar, perdemos os amigos. Os clientes não nos visitavam mais, pois não abríamos mais as portas. Letícia acabou tendo que conseguir um emprego na cidade ao lado, e até Ana e Dolores começaram a fazer pequenos trabalhos como costureiras, ou fazendo bolos de festa e outros pratos para encomenda. O Casarão Violeta agora é

um local amaldiçoado, e se as dívidas continuarem acumulando poderemos até perdê-lo.

— E a Madame?

— O que me resta, Natãniel? O que sobrou para mim? O que sobrou de mim? — ela suspirou, e dessa vez a melancolia tomou de vez suas feições. — O que eu vi naquela noite nunca conseguirei explicar, e durante um bom tempo eu não consegui dizer absolutamente nada. O que eram aquelas coisas, Natã? Os outros se perguntaram também, falaram sobre demônios, monstros, onças gigantes... mas nada foi esclarecido, e nunca será. Franciele encontrou naquela noite a prova definitiva que o diabo existe, e em contrapartida viu Deus naquilo tudo. "É a fúria de Deus", ela me disse no dia seguinte "Deus ficou desgostoso com nossa vida pecaminosa e impura, e mandou bestas do inferno para nos castigar".

Eu sou a besta do inferno, pensei. André, você está errado.

Madame Valquíria se levantou, indo até a janela, ainda mantendo a arma em mãos, e voltou a falar:

— Já eu só descobri uma verdade, Natã, uma única e terrível revelação: A de que as trevas existem, e de que coisas medonhas se escondem nas sombras. Eu não vi Deus, Natã. E por muito tempo, mesmo sem nunca ter dito a ninguém isso que te digo agora, eu temi que aquelas coisas voltassem. Mas eu jurei que quando elas voltassem, se voltassem, eu estaria pronta — apertou com força o cabo da arma de fogo.

A estudei em silêncio mais uma vez. Havia uma certa loucura nela? Talvez houvesse alguma loucura em cada um que me cercava, e em mim mesmo. E a loucura nada mais é que o reconhecimento das sombras, de que a vida é tão mais cheia de mistérios do que inicialmente pensamos, e de que não estamos livres de tais mistérios, de que não sabemos nada sobre nós mesmos e principalmente sobre as coisas além das sombras. E eu via agora o modo como o *reconhecimento das sombras* havia afetado ela; Madame Valquíria sempre foi uma mulher valente, que toda vida tentou mostrar que não temia a nada, e talvez ela realmente não temesse a nada e nem a ninguém, até a noite em que as bestas do inferno arrombaram a sua porta. A insegurança roeu Madame Valquíria como as traças roem roupas velhas desprotegidas, e ela não sabia como lidar com o próprio medo, pois se acostumou a não ser dominada por ele. E acredito que o que mais a atormentava era saber que a era de ouro do Casarão Violeta havia chegado ao fim, junto com a vida que usufruíam seus habitantes, e que independente de sua coragem, ou da força que ela arrancava sem cessar de dentro de si mesma, não poderia fazer mais nada para mudar isso.

— O que aconteceu com você, Natãniel? — ele enfim perguntou.

Eu me mantive mudo, e dessa vez foi o meu coração que acelerou. Ela esperou a resposta, e seu único olho me prendia à poltrona.

— Eu fugi.

— Fugiu?

— Sim, quando eu vi... quando eu vi aqueles monstros, eu... — eu não conseguia mentir para ela, todas as desculpas que eu bolei enquanto percorria até lá haviam desaparecido de minha mente. — Eu não consigo... eu não posso contar, mas...

Valquíria ainda me observava, imóvel feito as pilastras do salão, e isso me deixava ainda mais nervoso.

— Perdão — eu disse, e o apelo saiu de modo tão repentino quanto o meu ato de cair de joelhos perante ela. — Perdão por ter ido embora, por tê-las deixado... por não ter voltado. Perdão. Não teve um dia que não pensei em vocês durante esses anos todos, que não lembrei dos poucos dias maravilhosos que passei aqui, e que me envergonhei por tudo o que eu fiz... Perdão, Madame, eu... eu sinto muito... — e nisso minha voz travou. As palavras haviam sido disparadas de modo atropelado, mas eram verdadeiras, apesar de tudo.

Valquíria suspirou e pareceu refletir por alguns segundos, sem tirar o olho de mim, e mais uma vez, como era de costume, ela tornava-se um enigma, mesmo para minha percepção sobrenatural.

— O que importa, Natã? De algum modo você sobreviveu, e fico feliz por isso, e fico ainda mais feliz, pois, me parece que o senhor deu a volta por cima. Está mais bonito, bem vestido. Dinheiro não deve ser mais problema para você — sua voz soou muito triste, como se eu a tivesse desapontado com minhas palavras. E foi até o bar e começou a preparar *drinks* para nós, mudando totalmente de assunto, falando sobre a deterioração do Casarão, sobre o estrago que o fogo deixou em parte do segundo andar...

Talvez ela tivesse esperado respostas minhas mais profundas e reveladoras que a ajudassem a entender a matança daquela noite, ou quem sabe simplesmente havia acreditado que eu compartilhava os mesmos medos e dores que ela com relação ao caso, que assim como ela eu presenciara horrores que me feriram a alma e que me impossibilitavam de tocar no assunto - o que de certo modo era verdade. Em todo caso, seu desinteresse repentino pelo tema me magoou profundamente; quase como se ela tivesse desferido um tapa em meu rosto. E desejei mais uma vez contar tudo a ela, ao mesmo tempo que temia fazê-lo. A verdade sempre destrói tudo.

— Vamos reerguer esse lugar — falei de repente, ficando de pé, e nem eu mesmo conhecia a totalidade do plano que se formava em minha mente.

— Reerguer o Casarão? Ele nunca será como antes, Natâniel, e eu não tenho mais vocação e nem o desejo de voltar ao velho ramo.

— Não digo reabrir as portas do Casarão Violeta na função de antes, mas sim reerguê-lo, restaurá-lo, deixá-lo com a mesma aparência da sua era de ouro — eu disse com bastante confiança. Aquilo parecia a decisão mais acertada que eu já tivera na vida, e assim continuei: — A Madame acertou quando disse que dinheiro não deveria ser problema para mim, pois não o é. Vamos consertar essas paredes, pintá-las, derrubar e trocar o que for preciso, melhorar o que tiver que ser melhorado, contratar empregados e tudo o mais.

Madame Valquíria não conseguiu esconder o ligeiro sorriso que brotou em seus lábios, e nem o brilho que percorreu o azul de seu olho, mas logo em seguida voltou para sua costumeira expressão desafiadora e desconfiada.

— Não necessitamos de esmolas, Natã.

— Esmola? Eu não usei essas palavras. Encare como uma retribuição de quem a ama; ama você, esse lugar e a todos que aqui ainda vivem e viveram — retruquei, tocando os finos dedos das mãos dela, percebendo como ali a idade era denunciada mais claramente. — Você não sabe como isso me faria feliz, Madame.

Ela me estudou em silêncio.

— Por que realmente quer fazer isso, Natâniel? Por que voltou?

Eu apertei as mãos dela com delicadeza, encarando-a, e busquei ser o mais sincero possível.

— Talvez seja uma tentativa de amenizar a minha culpa e a minha dor, ou uma busca desesperada para encontrar alguma felicidade no resquício de uma época que este lugar representa. Não sei exatamente. A única coisa que tenho certeza é que ver o Casarão Violeta neste estado me machuca, e que também quero vê-la mais uma vez no meio do jardim, Madame, como naquelas manhãs, com as mãos tocando flores, não ferramentas de morte.

Mais uma vez ela ficou muda, e assim se afastou de mim, caminhando novamente até as grandes janelas, ainda carregando a arma.

— É verdade. Talvez eu tenha negligenciado por muito tempo o meu jardim — ela respondeu, largando a escopeta na poltrona e caminhando em direção as rosas.

Madame Valquíria exigiu que eu comprasse o Casarão Violeta, pois só assim aceitaria minha ajuda, e eu não tive escolha. "Se deseja assumir a responsabilidade por este lugar, então o assuma como seu também, por inteiro", ela me disse naquela mesma manhã. Em seguida me mostrou o segundo andar, com suas paredes tão descascadas quanto do lado de fora da casa, e onde parte do corredor dos quartos estava com a pintura destruída e impregnada de fuligem. O quarto onde o fogo havia começado era uma visão ainda mais triste, com paredes negras, contendo ainda esqueletos de móveis queimados e cinzas que nunca foram de lá varridas, e

que se amontoavam nos cantos em crostas endurecidas. O cheiro de queimado estava impregnado em cada parte daquele lugar, mesmo após aqueles anos todos. O sótão estava intacto e, segundo Valquíria, ainda continha as mesmas velharias de quando eu subi lá pela primeira vez, incluindo o fantasma de Maria Évelim que vez ou outra dava o ar de sua graça.

Boa parte do primeiro andar sofria com infiltrações e problemas nas tubulações. A estrutura da casa em si estava forte como sempre foi, mas algumas madeiras precisavam ser trocadas, entre outros pequenos detalhes, e naquele mesmo dia eu liguei para minha secretária na Valverde, e para David também, mandando que as obras comessem ainda naquela semana. Dois mestres de obras seriam mandados para avaliar a situação e acertar os detalhes. Paredes seriam refeitas, outras lixadas e rebocadas, a fiação seria trocada, assim como boa parte da tubulação...

Os rituais para a revitalização do Casarão Violeta tinham sido iniciados.

Na hora do almoço tive muito mais emoções, com o retorno dos outros moradores na ainda conservada caminhonete cor-de-rosa. Ana e Dolores pareciam ter diminuído ainda mais de tamanho, e agora estavam ligeiramente encurvadas, com cabelos tão brancos que cintilavam. Quando me viram ficaram espantadas, e até deixaram cair as sacolas de compras que carregavam, mas logo em seguida deram seus amáveis sorrisos e correram para me abraçar, emocionadas e me enchendo de perguntas (mas nenhuma era realmente direcionada *àquela noite*, e logo eu notaria que todos ali buscavam evitar aquele assunto).

— Precisamos comemorar a volta do nosso menino. Vamos caprichar no almoço de hoje — disse Dolores, ainda idêntica a irmã, com exceção de uma cicatriz no braço direito, fruto de quando Flora arremessou um móvel na direção delas.

A felicidade transbordava em mim de um modo que eu nunca acharia possível naquela altura do campeonato. Ver aqueles sorrisos encheu minha alma de paz, de uma gloriosa calma, e até a reação espantada e ligeiramente amedrontada de Letícia me foi prazerosa. Pensei que ela desmaiaria, enquanto me encarava de olhos arregalados, me julgando um fantasma, mas, logo após ser amparada por Valquíria, ela se jogou em meus braços, chorando sem dizer nada. Ainda era uma linda mulher de curvas deliciosas e com aquele cabelo super curto, tingido de loiro (tentei não pensar nas bem escondidas cicatrizes que eu havia deixado em suas costas). Em seguida ela se mostrou tão emocionada que decidiu se afastar de nós, voltando só quando estivesse recuperada.

O almoço progrediu tranquilamente, com as duas senhorinhas curiosas com cada detalhe da minha nova vida. Acabei contando as mesmas mentiras que eu contei a André quando eu o conheci, enquanto me era servido porções e mais

porções de comida, isso sem contar a sobremesa. Dolores sorria e disse ter sentido saudades da minha "fome"; que era sempre prazeroso cozinhar para quem realmente gostava de comer. Letícia não desceu para se juntar a nós, e Ana resolveu levar o prato dela até o quarto. Já Madame Valquíria manteve-se calada o tempo todo, a não ser quando era indagada sobre algum rápido assunto, e de tempos em tempos seu olho me avaliava demoradamente, e eu buscava em vão imaginar o que se passava em sua mente. Mas em nenhum momento eu senti alguma desconfiança exagerada da parte dela, nem receio ou preocupação, ela só parecia absorver aquilo tudo muito mais demoradamente do que todas aquelas outras mulheres.

Ao decorrer da tarde, enquanto Madame tirava um cochilo em seu quarto e Ana e Dolores arrumavam a cozinha, algo muito curioso aconteceu. Eu estava caminhando em volta da casa, absorvido pela desordem selvagem do jardim e pelas belas árvores da propriedade, e por todas as imagens do passado que eram evocadas, quando uma música começou a tocar. Vinha do salão, e quando voltei para ele tive minhas suspeitas confirmadas, pois se tratava de um dos antigos discos tocando na velha vitrola de Madame.

Eu conhecia aquela música; um instrumental animado, piano e trompetes, algo que tocava no passado daquele salão, nas noites de festas, enquanto as beldades do Casarão Violeta sensualizavam em seus vestidos justos e cabelos volumosos. E de repente eu as vi, dançando animadas, quase todas elas, as que morreram, jogando as cabeças para trás e gargalhando. No mesmo instante fiquei paralisado, com os dois pés grudados no piso da entrada, abatido por uma mistura violenta de emoção e espanto. Mas não teve nem tempo de eu pensar direito no que eu estava vendo, pois em segundos a música havia parado e as garotas não existiam mais. Foi como despertar de um sonho, ou de uma alucinação, e talvez fosse isso mesmo. Pois, o que são os fantasmas além de ilusão, de visões feitas da mesma matéria inconstante e evanescente?

Eu não consegui avançar mais nenhum passo, olhando para a vitrola inanimada, ouvindo meu próprio coração acelerado. Seria aquele o princípio de um plano de vingança dos mortos, onde eles buscariam se vingar me torturando com visões do passado? Seria este o preço que eu teria que pagar pelo meu retorno, somado a todas as outras dores? Bem, eu não fugiria mais uma vez, pois, eu realmente não merecia tudo aquilo?

A noite chegou, e após a janta eu finalmente tirei a mala de roupas do carro e decidi me hospedar no antigo quartinho dos fundos em que eu antigamente me sentia tão em casa. Valquíria me alertou da desordem que eu encontraria, mas não mudei de ideia. Aquele era realmente o meu lugar. E a camada de poeira em todo o

quarto não me espantou, nem mesmo as grandes teias de aranha cobrindo o teto, com suas moradoras fugindo da luz da lâmpada. Pude ouvir claramente outras pequenas criaturas fugindo para as sombras, enquanto eu trocava as roupas de cama empoeiradas por novas.

A água do antigo chuveiro estava mais gelada que nunca, mas isso nunca foi um problema, e aos poucos tudo a minha volta foi criando vida novamente. Afastei as cortinas sujas para os cantos, sendo picado na mão esquerda por uma aranha assustada que fugiu pela janela aberta. Olhei para o ínfimo ferimento nas costas da mão, que em menos de um minuto já haveria desaparecido, e comecei a rir, encantado pela atmosfera nostálgica e aconchegante, acariciado pelo vento que soprava em minha pele, vindo pela janela, enquanto a lua nova no céu me observava, somente para me lembrar de quem eu era, e de que a felicidade era algo momentâneo.

Tomei banho, me enrolei numa toalha e me deitei na cama com lençóis limpos, fechando os olhos por alguns instantes. E foi inevitável não imaginar Isabella entrando sorradeira pela porta, uma aparição maravilhosa em camisola transparente. Eu lembrava da sua temperatura contra minha pele, de seus beijos ávidos, e de como sua carne era succulenta. Eu quase podia sentir o seu perfume em volta de mim, e aquele cheiro...

Aquele cheiro!

Me sentei sobressaltado na beira da cama, farejando o ar.

Fiquei de pé, vasculhando os aromas a minha volta. Era um odor tão discreto que até mesmo um lobisomem como eu poderia deixar passar despercebido, cheiro de alguém que havia estado naquele mesmo quarto, talvez alguns dias atrás. Agarrei os lençóis empoeirados que eu havia jogado num canto, e sim, o cheiro estava lá também. Sim, sim, alguém havia estado naquele quarto, alguém conhecido, alguém que eu nunca esqueceria. *Era mulher e lobisomem!*

Tal resposta me atingiu com força, e eu cheguei a tropeçar na cama e quase caí de tão assustado que fiquei. Farejei as paredes, o piso, e tudo no quarto, feito um cachorro louco. Saí para fora, mas não existia rastro de cheiro, como eu disse era algo praticamente imperceptível. Mas seria possível? Seria realmente possível que a maldita tivesse estado naquele lugar, depois de tudo? E o que isso significava? O que Flora estaria fazendo lá, enquanto todos acreditávamos que ela então vagava em outros continentes, aprontando das suas?

Uma sensação agourenta me atacou, um presságio, pois, se tinha uma coisa que eu havia aprendido era que, por mais estranho que fosse, sempre que minha vida parecia encontrar um eixo, Flora surgia como uma tempestade que forçava tudo ao caos.

No dia seguinte perguntei casualmente a velhíssima Ana e a Valquíria se alguém havia usado o quarto dos fundos ultimamente, e elas responderam que não, que, como a própria Madame Valquíria havia me dito na noite passada, o quartinho só havia sido usado pelo último chacareiro, e isso já fazia anos. Mas, num momento tenso, demonstrando total confusão e desconcerto, Letícia contou que há cerca de quatro meses viu a silhueta de uma mulher saindo lá de dentro, durante a noite, mas não foi investigar pois pensou se tratar do fantasma de Franciele ou de Joana, que ela afirmava ver de vez em quando pelo Casarão.

— Eu mesma já vi o espírito de Joana, pode mesmo ter sido ela. Tão bonita, dançando naquele salão — comentou Ana, enquanto me servia o café, como se as aparições de fantasmas fossem as coisas mais comuns do mundo, assim como a visita de um carteiro.

— Não se lembra dos detalhes, querida? — Dolores perguntou à Letícia, mas a outra apenas sacudiu a cabeça e disse ter sido muito rápido.

— Por que a pergunta, Natã? Notou algo de estranho no quarto? Eu disse que estava uma bagunça só, como quase tudo nesta casa — disse Madame, observando o vapor que subia da xícara, não dando realmente a mínima para aquele assunto.

— Senti apenas um perfume no quarto, Madame — respondi. — E isso me fez pensar...

— Sim, meu querido, pode ser muito bem isso o que você está pensando — ela respondeu, me encarando com seu único e inquisidor olho azul. — E espero que não tenha medo de fantasmas, Natâniel, pois o Casarão Violeta parece gostar de fazer uma coleção deles. Você escutará sons a noite; risadas, passos na escada, vozes baixas e repentinas que parecem chamá-lo claramente pelo nome. Você passará por portas abertas e parará na frente delas acreditando ter visto uma sombra estranha, ou um rosto num quadro que na verdade nada mais é que um espelho. Sentirá presenças e terá impressões estranhas que podem significar alguma coisa, ou não. O Casarão Violeta sempre teve seus fantasmas, e isso nunca mudará. Tio Epitáfio ainda resmunga no quintal, Maria Évelim ainda canta sua canção no sótão, e agora meninas dançam no salão, ao som da minha vitrola que liga e desliga quando bem entende. Os mortos é que animam este lugar, enquanto nós, os vivos, apenas nos lamentamos.

Para mim, aquilo queria dizer que Flora esteve presente discretamente, sem afetar de modo algum a rotina delas, e o relato de Letícia batia com a minha conclusão. Flora havia visitado aquele local sim, talvez havia caçado e se alimentado dos pequenos animais do bosque e das fazendas vizinhas, e quem sabe havia entrado sorrateira no quartinho dos fundos para dormir, partindo antes que alguém tivesse acordado. Mas por que este lugar? O que Flora estaria tramando?

Será que esperava me encontrar por lá, sendo que qualquer um que soubesse se informar direito saberia que eu havia me tornado o irmão de Flávio Valverde?

Na semana que se seguiu, eu continuei investigando os arredores, em forma de homem e de fera, e nas ruínas da antiga casa de Mãe Gorete encontrei os restos devorados de uma cabra, ao lado de rastros de um lobisomem. É claro que liguei para Flávio, mas ele estava resolvendo questões importantes e disse que mandaria outros em seu lugar.

Sendo assim, junto com os profissionais que avaliariam a restauração do Casarão, David Grenier chegou acompanhado de Ricardo. Ele entrou na casa à passos lentos, pois a idade já começava a se mostrar em seus movimentos e na magreza de seus ombros encurvados, mas não parecia fazer nenhum efeito em seus belos olhos azuis paternais e sorriso simpático. Apresentei meus convidados as moradoras do Casarão, e se Madame Valquíria veio a reconhecer David, não chegou a demonstrar.

Eu acreditava na possibilidade de Flora voltar a aparecer, e que até mesmo estivesse nas proximidades, conseguindo de algum modo mascarar seu cheiro, e por isso a vinda de David era tão importante. Mas o velho telepata nada detectou durante sua estadia, e pareceu se importar mais em conversar com Ana e Dolores, e em buscar fazer contatos infrutíferos com os fantasmas do Casarão do que com o caso da lobisomem.

— Creio que ela não ousaria se aproximar ao sentir a nossa presença, Natã — disse ele, com toda a sua paciência. — E todos sabem que Flora nunca demora em um lugar por muito tempo. Descanse. Preocupe-se apenas com o que você pode fazer de melhor por esse lugar, deixando-o maravilhoso como antes. Pense no que pode fazer por essas pessoas por quem tanto se importa.

E foi isso o que fiz, mesmo que, vez ou outra, essas preocupações com Flora me voltassem. Mas naquele momento, enquanto eu observava meu querido amigo David, outro pensamento me chegou: *Ele está velho! Meu querido David está velho, e é apenas um humano*. Era uma observação óbvia, mas me veio como pela primeira vez, trazendo significados e contestações assustadoras, de que David Grenier estava morrendo. Sim, e somente a ideia me doeu. Isso era terrível, absolutamente terrível. E embalado por essa dor, me lembrei das palavras de André:

"...ou então pior, envelhecerei muito mais rápido que você, me transformando numa massa de carne e rugas que você não terá mais coragem de tocar, enquanto você não mudará quase nada!"

Mas o que eu poderia fazer com relação a isso? Amaldiçoa-lo para ser como eu, dando-o mais alguns anos de vida? E como seria o efeito da licantropia num

homem daquela idade? Não! Aquilo seria abominável! E mais abominável ainda era eu chegar a cogitar tal ideia. Pensando bem, me er impressionante que ele nunca tivesse pedido para ser um de nós, talvez pelo risco de perder seus dons telepáticos no processo, ou talvez ele simplesmente não temesse a morte.

De todo modo, me senti assombrado por aquela simples constatação por todo o resto do dia, e, quando a noite veio, cheguei mesmo a ter um curioso pesadelo. Nele, eu me via diante de um caixão solitário, sem ninguém na capela para velar o corpo. Me aproximei a passos hesitantes e descobri David dentro dele, mas de algum modo aquilo não me surpreendia. E durante um bom tempo eu conversava com o corpo de David.

— Eu não queria que você fosse embora da minha vida tão cedo — eu dizia, tocando os ralos cabelos prateados da cabeça do defunto.

— Então por que me deixou morrer? — a voz dentro do caixão me respondia, e quando eu encarava sobressaltado o corpo, não era mais David quem estava lá, mas sim Isabella. E ela chorava, agarrada a mim, com seus belos olhos escuros, implorando que eu a ajudasse. E na crueldade dos pesadelos, naquele truque que somente os sonhos são capazes de fazer, eu era a fera, e já não me importava mais com seu choro ou com qualquer outra coisa que ela dissesse. A única coisa que eu então me importava era com o seu coração batendo forte dentro do peito, peito que eu perfurei facilmente com minhas garras, afastando a proteção dos ossos, fazendo seu sangue delicioso jorrar por entre meus dedos de monstro, enquanto o rosto de Isabella se transformava no de André...

Acordei sobressaltado, correndo imediatamente para o quintal, esperando que o ar da noite exorcizasse as sensações provenientes do pesadelo. Eu ainda via o rosto de André, enquanto observava o céu e sentia os cheiros vindos da mata e as carícias da brisa constante. O bosque me convidava, fazendo a fera se alvoroçar em meu íntimo. Mas eu não a libertaria naquela noite, não depois daquele sonho. E foi então que reparei na música tocando no salão mais uma vez. Eram quase três da manhã. Será que mais uma vez os fantasmas me pregavam peças?

Voltei para o quartinho e me cobri com um roupão preto, caminhando em seguida em direção a música, entrando pela porta dos fundos e cruzando o corredor da cozinha. A música não estava muito alta, e era lenta e melancólica, um daqueles velhos boleros da década de 60, com violão, trompetes e saxofones chorosos acompanhando uma bela e melodiosa voz feminina. Eu já havia ouvido aquela canção em outro local, em outras vozes, mas nunca naquela voz, que mais tarde eu ficaria sabendo se tratar de Núbia Lafayette.

O salão não estava vazio, e a silhueta que enxerguei no escuro não pertencia a nenhum fantasma. Estava de pé, no meio do salão, olhando para as portas duplas,

balançando o corpo lentamente de um lado para o outro, acompanhando a música, enquanto dava um gole numa taça, esvaziando-a e a colocando sobre uma mesinha de canto.

Me aproximei nas sombras, pois não queria interromper aquele momento que parecia tão íntimo. Uma garrafa de absinto estava aberta sobre uma mesinha, a luz noturna que entrava por uma das janelas caía diretamente na garrafa, fazendo com que seu líquido verde cintilasse no escuro. Absinto; a mesma bebida que selou a minha amizade com Madame Valquíria naquela noite que eu a encontrei na estrada. E agora aquela mesma mulher estava ali, entregue à música e a dor. Sim, a dor. Eu quase podia sentir o cheiro da tristeza, assim como sentia o cheiro da bebida na garrafa. E eu, das sombras, mesclava a dor dela a minha, enquanto a música envolvia o salão, pondo os nossos sentimentos em palavras.

*Esta noite, eu queria que o mundo acabasse,
E para o inferno o Senhor me mandasse,
Para pagar todos os pecados meus,*

Madame Valquíria se movia de modo tão gracioso, tão perdida na própria tristeza, que me hipnotizava sem perceber. Se assustou quando finalmente notou minha presença, a menos de um metro de distância, mas não fez mais nada, além de me encarar demoradamente com seu olhar triste. Seu único olho emanava toda uma força trágica, como mãos invisíveis que me tragavam em direção a ela. Ah, como ainda era bela e imponente, quase da minha altura, só que agora suas rugas lhe davam um ar ainda mais sólido e poderoso em sua melancolia.

— Dance comigo — disse-me, sua voz quase um sussurro, e eu a obedeci, a enlaçando pela cintura ainda fina e bem-feita, enquanto rodopiava com ela lentamente no salão escuro. E assim ela continuou a dançar, falando baixinho em meu ouvido: — Esta noite, mais uma vez, os fantasmas puseram essa vitrola para tocar. Esta noite é para aceitarmos a nossa derrota, para ouvirmos a música que eles tocam para nos lembrar do quanto somos falhos, tristes e tolos em nosso orgulho. Então dance comigo, Natã. Dancemos ao som de nossa agonia. Dancemos para aceitar as nossas falhas, para nos reconhecermos pelo que somos e para continuarmos nos amando em meio as sombras, pois são os mortos que escolheram a canção, e nós a merecemos.

*Esta noite, eu queria que o mundo acabasse,
E para o inferno o Senhor me mandasse,
Para pagar todos os pecados meus,*

*Eu fiz sofrer a quem tanto me quis,
Fiz de ti, meu amor, infeliz,*

Esta noite eu queria morrer.

Seu perfume era forte e ganhava um elemento mais cítrico, e não menos delicioso, quando misturado ao aroma do absinto. Vestia um belo vestido preto como o tecido de seu tapa-olho, e salto alto, e em volta de seu pescoço um colar de brilhantes cintilava na escuridão, assim como os pesados brincos em suas orelhas. Encostou a cabeça no meu ombro, acariciando minha nuca com a mão direita, começando a chorar, e minhas lágrimas também vieram para acompanhá-la.

*Perdão, quantas vezes tu me perdoaste,
Quanto pranto por mim derramaste,
Hoje o remorso me faz padecer,*

E enquanto dançávamos, entregues, com lágrimas silenciosas, seduzidos por aquela solidão monstruosa. Eu podia ouvir sons de outros que dançavam a nossa volta, tão solenes e entregues quanto nós, invisíveis, arrastando as solas dos sapatos espectrais no piso do salão. E se Madame Valquíria também ouviu aquilo, não demonstrou interesse.

Sim, ela estava certa. Aquela era a noite das nossas tristezas, para pararmos de esconder a sombra em nossos corações, e para nos entregamos a essa sombra, e para quem sabe, dentro de tanta dor, de tantas dúvidas e solidão, nos agarrássemos ao amor que ainda sentíamos, e que ainda nos mantinha respirando em meio a crueldade e selvageria da natureza e do silêncio da existência. Amando a vida pelo o que ela é; bela e terrível.

*Esta é a noite da minha agonia,
É a noite da minha tristeza,
Por isso eu quero morrer.*

Minha inusitada ideia de reformar o Casarão me foi mais benéfica do que eu esperava. O lugar não só voltou a ser belo como antes, mas ainda mais confortável, e ver suas melhorias aquecia meu coração; aquele calor que provem da realização de sonhos, sejam quais forem. Ana e Dolores chegaram a chorar de felicidade ao contemplarem o término das obras, e tal alegria parecia inspirar seus deliciosos cardápios diários. Madame Valquíria com o tempo pareceu ficar mais calma, encontrando uma paz que talvez não conhecesse mais, voltando a cuidar de seu jardim, que durante o ano todo exibia, pelo menos, algum colorido de flor. As violetas eram minhas preferidas, talvez por terem dado nome ao Casarão com suas paredes da mesma cor.

Chegamos a fazer um jantar em comemoração, onde até mesmo Flávio e o resto da alcateia apareceu.

Foi uma noite inesquecível.

Numa ponta da grande mesa retangular, daquelas antigas, de madeira de verdade, bruta, esmaltada, coberta por uma fina toalha branca rendada nas bordas, sentava-se Madame Valquíria, maquiada com o esmero e exagero de outrora, e fazia uma bela figura exótica ali, dentro de seu vestido roxo escuro, usando um tapa-olho da mesma cor e *scarpins* pretos. E eu, feliz como nunca, sentava-me ao lado direito dela, de frente para os sensuais e amorosos olhos verdes de Flávio, meu querido amigo e irmão, que se mostrou encantado, tanto pelo Casarão quanto pelas pessoas que lá moravam.

David, velho e encurvado, sempre amigável, tomando uma taça de vinho, enquanto conversava com Dolores, elogiando o assado daquela noite. Ricardo perdido na conversa e no generoso decote de Letícia, que estava linda, com seu justo vestido prateado. Um romance estava prestes a surgir entre eles, e independente dos receios de Flávio sobre o assunto, eu via aquilo tudo com bons olhos e animação. Roberto ajudava Ana a terminar de recolher os pratos, enquanto Bianca e Daniel tentavam fazer com que a pequena Lua comece seus vegetais.

Deixe-me descrever melhor esses três, pois creio que ainda não o fiz devidamente. Bianca era branca, loira e de olhos cinzentos, com pouco mais de um metro e sessenta e cinco. Tinha o corpo esguio e magro, mesmo sendo rígido e

delineado como qualquer lobisomem. Ela é uma mulher de poucas palavras, também com sua própria história a ser contada, mas nunca nos tornamos realmente próximos para que ela assim fizesse. Alguns podem achá-la misteriosa, fria, ou até mesmo antipática, mas creio que ela é a membra mais fiel ao grupo e as ideias de Flávio. Já Daniel, negro alto e o fisicamente mais forte de nós, é sorridente e carismático, e um dos mais amáveis e atenciosos de nós. De todo modo, entenda que por mais diferentes que sejamos, e por mais que possamos ser mais ou menos próximos de um ou de outros, nós somos uma família. Todos aqueles lobisomens são meus irmãos. Criar problemas com um de nós é criar problemas com a alcateia inteira.

Mas é a pequena Lua que quero descrever, pois ela me fascinou desde que nasceu. Cria de lobisomens, lobisomem é, pelo menos na maioria das vezes. Estava com apenas oito anos naquela noite, mas parecia um pouco mais nova, pois puxava a mãe no perfil pequeno e delicado. Tinha o cabelo longo, de bonitos cachos crespos e de um loiro acobreado. Uma linda bonequinha de pele morena e olhos amendoados e castanhos como os do pai, mas que herdara a constante personalidade silenciosa da mãe, sendo ainda mais misteriosa. Eu a adorava, e sempre que podia a levava presentes, acariciando seu macio cabelo, mas o máximo que a garota demonstrava era um sorriso rápido, sem mostrar os dentes, dando um tímido "obrigado, Tio Natã" antes de voltar a se entreter com seus livros e filmes. Mas, a verdadeira preocupação de todos era quando a complicada puberdade chegasse, trazendo com ela a fera interior. De todo modo, naquela noite de alegria, a família ainda aproveitava a infância da pequena, por mais diferente que esta fosse de qualquer criança.

E olhando para Daniel e Bianca, demonstrando todo seu amor e paciência para com a filha, eu me lembrei de meus pais, e de minha irmã. E talvez eu me envergonhasse ao constatar que já não me lembrava mais tanto deles. Me soava meio errado que, com o passar do tempo, Isabella e André tivessem virado prioridade em meus pensamentos, assim como a minha vingança não concretizada contra Flora.

Por um momento eu me imaginei tendo uma família como aquela, e os invejei, lembrando como a minha, mesmo na sua precariedade, era aconchegante, me envolvendo numa redoma de carinho e confiança. E creio que foi justamente por causa destes pensamentos que me emocionavam, que o querido David resolveu fazer um pequeno discurso, realçando a frase que demonstrava o quanto ele estava feliz por fazer parte daquela grande família que éramos, fazendo questão de demorar seus olhos em mim neste momento.

Sim, éramos agora uma grande família, a alcateia e as damas do Casarão, mesmo que a maioria escondesse segredos dos demais. Mas que família não faz

isso? Eu os amava, queria o bem e a proteção de cada um deles, e me orgulhava daquilo tudo, jurando a mim mesmo que faria o que estivesse ao meu alcance para manter todos eles em segurança perto de mim.

Sendo assim, os anos foram se passando, enquanto eu alternava minha vida entre o Casarão e os assuntos da Noite.

Nunca deixei que faltasse dinheiro para o Casarão e seus moradores, mas, mesmo assim, aquelas mulheres não aceitariam viver tranquilamente deste dinheiro sem nada para fazer, e foi Letícia quem deu a ideia de passar a alugar alguns quartos vagos do Casarão para hóspedes recém-casados, dando assim uma ocupação para todas elas. E com o tempo, o lugar que em sua era sombria foi evitado por ser considerado assombrado e agourento, agora era atraente e famoso pelos mesmos motivos.

Tudo começou com a primeira e desinteressada leva de casais que lá se hospedaram, talvez mais pelo preço em conta do que por qualquer outro motivo, e no meio destes veio um casal jovem, sem nada de especial, mas que numa bela noite foram acordados por uma música muito alta, e quando desceram as escadas para ver do que se tratava e com isso reclamar de tudo aquilo, se depararam com uma tremenda festa. Belas garotas dançavam no salão, em meio a seus vestidos sensuais, gargalhando animadamente enquanto rodopiavam em volta das brancas pilastras de mármore, sapateando no piso lustroso, no ritmo das músicas da velha *jukebox*. O casal ficou revoltado por tal algazarra tão tarde da noite, e enquanto o marido foi procurar Madame Valquíria para exigir explicações, a mulher, que lá ficou observando tudo, sentindo até mesmo vontade de se juntar as outras garotas, viu toda a festa, junto de sua música, iluminação e dançarinas, desaparecer de um segundo para outro, perante seus olhos.

O assunto se espalhou por todo o Casarão na manhã seguinte, e somado a este veio o depoimento de um outro homem que jurava ter visto uma mulher sentada na penteadeira do quarto que ocupava, penteando os cabelos enquanto cantava baixinho, só para ir ficando translúcida e desaparecer como se nunca estivesse estado lá.

Algumas pessoas ficaram assombradas e foram embora no mesmo dia, mas já outras ficaram excitadas e queriam saber tudo sobre o Casarão Violeta e suas velhas histórias de fantasmas. E por meio destes hóspedes interessados por assombrações, outros apareceram atraídos pelo mesmo motivo. Todos queriam, pelo menos num único relance, ver o velho que resmungava no quintal dos fundos, quando a madrugada chegava, ou subir ao sótão para escutar a mulher que cantava, ou quem sabe ser surpreendido pela vitrola ou o *jukebox* que tocavam sem ninguém os ter acionados. Até mesmo alguns médiuns e estudiosos do sobrenatural vieram passar uma temporada no Casarão, junto de uma pequena equipe de TV,

que durante toda a estadia entrevistou os outros hóspedes, que relatavam encontros assombrosos e divertidos com os fantasmas, e até muitas outras histórias que creio eu terem sido pura invenção ou imaginação dos demais.

Madame Valquíria levava muito jeito para administrar aquela nova empreitada, e se divertia respondendo em tom misterioso as perguntas que os hóspedes lhe faziam sobre as manifestações fantasmagóricas do Casarão. Já Letícia tornou-se uma espécie de guia turístico, reunindo um grupo de hóspedes no salão e depois caminhando com eles por quase todos os cômodos, falando sobre a bela arquitetura e sobre casos sobrenaturais que foram relatados por hóspedes anteriores, fossem verdade ou não. Ana e Dolores se ocupavam com a preparação das refeições, claro, mas outras duas mulheres que moravam em Santa Sofia foram contratadas para ajudar na cozinha e outras que ficaram responsáveis pela faxina.

Uma casinha foi construída nas mediações, e para ela se mudou um novo chacareiro, Seu Eder, junto de sua mulher Rosangela, que se dedicava a ajudar a agora ocupada Madame Valquíria no jardim. Uma grande piscina foi construída no quintal, e também uma trilha no bosque, para que os hóspedes pudessem passear ou se exercitarem tranquilamente pelas manhãs ou nos fins de tarde.

Meu quartinho nos fundos fora mantido quase do mesmo jeito, com a diferença que agora possuía um chuveiro quente, um armário com minhas roupas e uma pequena estante de livros. Eu adorava aquele lugar, pois só era preciso que eu atravessasse uma única porta para me ver no quintal, e dele para o bosque, onde eu podia me livrar das roupas e de tudo o mais, ganhando a liberdade que o lobisomem sempre almeja. E confesso que houve uma vez que eu me deixei ser flagrado rapidamente por um dos hóspedes, que no dia seguinte contou excitado como viu de sua janela um monstro peludo surgir da mata e em seguida voltar para ela. Eu ri com o acontecido, diferente de Flávio que, infelizmente, nos visitava naquele dia.

E assim a minha vida seguiu, entre os prazeres do Casarão Violeta e as responsabilidades da Noite com a alcateia de Flávio, mas nem está última apresentou muitas surpresas ou dificuldades. O caso do assassinado do vampiro Hugo Drummond ocorrera há tanto tempo que praticamente eu não me lembrava mais dele, assim como me esquecia de muita coisa da minha infância, guardando apenas as mais profundas sensações.

A minha culpa ainda é eterna, culpa pela morte da minha família, culpa pelas mortes no Casarão, mas eu acabei abraçando-a mais uma vez e me contentando com ela, seguindo com a minha vida mesmo que esta pesasse dolorosa sobre meus ombros. Mas não foi justamente isso que eu havia dito a André antes de deixá-lo, de que eu dava conta do peso da dor? E restaurar aquele lugar e melhorar a vida

daquelas pessoas, assim como libertar André de mim, não poderia ser considerado uma forma de redenção? O amor não modifica todas as coisas?

Claro que meu ódio por Flora continuava, mas não queimava mais sobre minha pele, tirando-me o sono ou buscando me enlouquecer. Tornava-se um ódio frio, paciente, como um leão atocaiado, com a crença quase religiosa de que a vingança seria concretizada. E a conclusão que chego hoje é que este é o tipo de raiva mais perigosa e implacável que uma pessoa pode nutrir.

Agora, com relação a Isabella e André, tenho algo a contar antes que essa história avance mais um pouco no tempo.

Foi numa noite chuvosa, na segunda semana de janeiro de 2011, e tal situação ocorreu no mundo dos sonhos. Já deu para notar que eu possuo essa ligação especial “supersticiosa” com os sonhos, que pode soar meio tola para alguns, mas que sempre me trazem reflexões, como se minha própria consciência (ou será algo mais místico?) conversasse comigo e me trouxesse revelações.

Tal sonho pareceu mais uma recordação. Eu estava naquele mesmo quarto do Casarão, ouvindo o som da chuva tamborilando no telhado, mas a luz ambiente era estranha e bela, de um tom mágico de violeta, por onde pequenas mariposas brancas dançavam no ar. A porta do meu quartinho se abria, uma mulher entrava. Eu sabia que era Isabella, mas não conseguia ver seu rosto de modo algum, pois, não importasse o ângulo que ficasse, sempre uma sombra o obscurecia. E quando ela deitou sobre mim, me beijando e me tocando como no passado, parecia diferente. E isso me impressionou tanto que eu acordei, chegando a conclusão, meia-hora depois, de que realmente eu não me lembrava mais do rosto de Isabella.

Eu tinha apenas uma vaga lembrança, uma imagem evanescente que rapidamente se perdia na escuridão dos meus pensamentos. Isso me perturbou. Como eu poderia esquecê-la, se durante tantos anos eu possuí uma fotografia fixa dela em minha mente, me lembrando de cada ínfimo detalhe de seu corpo? E creio que a grande revelação que me chegava, era de que, se eu não corresse para o salão do Casarão Violeta e olhasse demoradamente para a fotografia dela na parede, eu a esqueceria por completo. Pois, apenas um rosto se apresentava às minhas memórias; um rosto de menino, de traços marcantes, de olhos profundos e sobrancelhas retas: o rosto de André.

Durante aquela noite inteira, que passei em claro, e pelo dia que se seguiu, eu pensei sobre o significado daquele sonho. Passei quase uma hora inteira ignorando os hóspedes que atravessavam o salão, enquanto eu observava atentamente o quadro com a foto desbotada de Isabella. Sua imagem, mesmo ali no quadro, me parecia incompleta, vaga. Apenas André era uma imagem sólida e constante.

Eu recordava a fragilidade de seu corpo humano perante a minha força, a sua entrega, o tremer de seus lábios sob os meus. Recordava a sua voz inquieta, seu

olhar desafiador, enquanto discutia comigo, buscando me fazer acreditar que eu era um milagre. Me lembrei da dor e da derrota estampadas em seu rosto, enquanto ele me implorava para ficar a seu lado, para não o deixar naquele hospital.

Eu ainda não conseguia compreender o que aquilo tudo significava, ou melhor, creio que eu não quisesse compreender. Talvez eu temesse me aprofundar mais e descobrir que eu cometera novos e irremediáveis erros mais uma vez. Sim, eu ainda o amava, mas que importância isso tinha? O importante era que ele estava bem. O importante era que o Casarão Violeta estava majestoso mais uma vez e trazendo felicidade e prosperidade para todos aqueles que eu amava, e que a alcateia estava forte e unida como nunca. Já o meu amor por André era real, mas continuaria guardado junto de todos os outros sentimentos que pesavam sobre meus ombros.

Eu aguento.

Mas, como o leitor bem pode imaginar, essa calma serena, não duraria por muito tempo.

Foi em fevereiro do ano de 2012 que Flávio me chamou em sua sala, no prédio da Valverde, com bastante urgência. Não eram nem cinco da manhã quando ele ligou para meu apartamento, e devido a curta noite de sono que eu havia tido (eu havia saído para caçar na noite anterior), prossegui meio cambaleante durante todo o rápido percurso até onde ele me esperava. Flávio estava atrás de sua mesa de vidro escuro, olhando pela enorme vidraça da janela a cidade lá embaixo. São Paulo já estava totalmente desperta mesmo antes do sol nascer, isso se ela chegasse a dormir. Vestia-se quase como eu, com terno, calça social e sapatos lustrosos, tudo preto, com a diferença que minha camisa por dentro do terno era branca, e minha calça era de um jeans escuro. Seus olhos muito verdes, que sempre prendiam a minha atenção antes de tudo o mais, mostravam-se totalmente preocupados, sustentando aquela expressão que eu conhecia muito bem, me pedindo, sem palavras, para me preparar, pois problemas haviam chegado.

— Então, qual o problema desta vez? — perguntei, me sentando em uma das cadeiras de frente à mesa.

— O problema está bem na sua frente — ele me respondeu, sentando-se do outro lado e apontando para um livro de capa escura sobre a mesa. — Dê uma olhada.

Era um livro em brochura, com mais de seiscentas páginas, apresentando uma capa não muito atraente, com a ilustração de uma lua cheia com rachaduras por onde gotejava sangue. Na parte de cima, em letras grandes e prateadas, estava escrito o título: *A Fera Interior*.

— Não sabia que gostava de literatura fantástica, meu irmão — brinquei.

— Leia o nome do autor.

— André Lobo — eu li, perdendo o sorriso no mesmo instante. — Espere um pouco! Esse André...

— Sim, o próprio, o *seu* André. O sobrenome Lobo é pseudônimo, e a foto na orelha da capa não deixa mentir.

Sim, lá estava uma pequena foto do André que eu conhecia, só que usando um cabelo mais curto, e aparentando ser mais sociável na foto do que realmente era.

Então ele finalmente tinha conseguido publicar! Senti um alívio imediato, pois, isso queria dizer que ele havia voltado a trilhar o caminho que nunca deveria ter se distanciado, que conseguiu se recuperar como eu imaginei que se recuperaria, e que realmente a minha ausência, por mais dolorosa que fosse para ambas as partes, proporcionou um desfecho positivo.

— Foi lançado faz uns três meses, creio que sem muita pretensão — continuou, Flávio. — É uma editora pequena, assim como a tiragem. Mas parece que as pessoas gostaram, pois, a divulgação começou a crescer na base do boca-a-boca e uma nova tiragem está sendo encomendada. Um grupo de fãs do livro foi criado no *facebook* e já possuí um considerável número de membros. Começou a vender bem. E eu soube de última hora que hoje à tarde terá uma sessão de autógrafos em Brasília.

— Isso é maravilhoso, mas... — não consegui deixar de sorrir, folheando rapidamente o livro nas mãos e voltando a olhar a foto dele, aquilo me emocionava. Ele havia conseguido!

— Isso na verdade é um problema, Natã.

Olhei para Flávio, em busca de compreensão.

— Desembucha logo.

— O livro é sobre você. Ou melhor, sobre vocês dois — disse ele, me prendendo com o olhar. — Os nomes dos personagens foram mudados, a história foi simplificada, romanceada, mas não existe dúvidas para mim que são vocês. Um garoto sensível, perdido na vida, que se apaixona por um homem misterioso, que na verdade é um lobisomem. O preocupante, meu irmão, é que este livro, com essa capa de gosto duvidoso, chegou às mãos dos nossos queridos amigos bebedores de sangue, e parece que eles não gostaram nenhum pouco do que leram. E acho que não foi preciso investigar muito para que eles chegassem a conclusão do seu envolvimento com esse garoto.

— Mas o livro é ficção, Flávio. Não deixa de ser, independentemente de onde foi inspirado. E nunca falei nada sobre os bebedores de sangue para André, acho que eu disse até que eles não existiam. Eles foram citados no livro?

— Não, a trama é apenas em torno do casal e nada mais. De todo modo, estamos assombrosamente descritos no livro; como somos, nossa aparência em forma de fera, quando e como nos transformamos, como nos alimentamos de nossas vítimas e por qual motivo. O livro não fala sobre nossas alcateias e hierarquias, mas talvez, como eu já disse, apenas por uma decisão do autor de se focar exclusivamente no romance dos protagonistas. Natã, eu avisei mais de uma vez para você não revelar nossos segredos ao garoto...

— Mas eu não revelei! Você lembra quando eu te contava que nossas discussões começaram justamente porque eu escondia essas coisas dele? —

retruquei. — E mesmo assim, o que isso importa? No que os bebedores de sangue se ofenderam? Você acabou de me dizer que eles nem mesmo são citados no livro.

— Eles dizem temer que o autor possa saber demais e revelar publicamente informações sobre a Noite.

— Besteira! Que pessoa levaria a sério informações desse tipo presentes em um livro de ficção? Pois é isso o que é no final das contas, ficção, como milhares de livros e filmes que já apresentaram o mesmo tema. O que pretendem fazer agora, sequestrar André e buscar saber o que ele sabe?

— É isso o que a nossa fonte acredita que acontecerá — Flávio respondeu, se preparando para minha reação.

Me coloquei de pé num salto.

— Isso é um absurdo — exclamei. — Esses idiotas não têm mais o que fazer com a imortalidade? Como os anciões deles aprovaram uma coisa dessas? Esse alvoroço todo por causa de um livro!

— Essa é a questão, meu irmão, os anciões não foram informados. Uther Barddom não está no país, e mesmo que estivesse ainda não temos provas concretas de que é isso ir acontecer. Não percebe? Existe algo mais nessa história que eles estão escondendo.

— Qual é o clã envolvido?

— O clã de Vanda Cardoso.

Minha vontade era de sair do prédio e estar perto de André, nem que eu tivesse que percorrer a distância correndo em forma de fera.

— Vanda é controlada por Aigro, e se Aigro está envolvido, a ação talvez não seja tão exagerada quanto parece. É claro que tem outros propósitos.

— Talvez um modo de me afetar.

— Como assim? — eu não conseguia pensar direito.

— Ora, Natã, se acontece alguma coisa com André, isso afeta você, me afetando em seguida. Não seria a primeira vez que Adrian faz algo tão cruel por capricho desvairado. Acredite, isso é algum plano para nos prejudicar.

— Eu não vou esperar para descobrir, Flávio.

— Sei muito bem disso. E é justamente isso que eu quero que você faça: Quero que você esteja nessa tarde de autógrafos, em Brasília, quero que vigie André de perto, e em seguida o leve para um lugar seguro.

— Qual lugar?

— Temos duas opções, e espero uma permissão para usarmos a mais segura delas. Mas, se apresse e acho que não o preciso lembrar de que mantenha o seu maldito celular ligado, estaremos sempre em contato e transmitirei mais informações mais tarde. Arrume as malas o mais rápido que puder. Um dos nossos motoristas o estará esperando para levá-lo até o nosso avião.

Eu mal consegui ouvir as últimas palavras dele, rumando apressado em direção a porta, quase derrubando um vaso de planta ao lado desta.

Chovia demais em Brasília, e demorei um considerável tempo no trânsito engarrafado até chegar ao hotel, mas eu gostava, e ainda gosto, da cidade. É estranha, meio alienígena, com suas construções que mais parecem uma exposição de arte neoconcretista. E como não falar do céu maravilhoso? Tão diferente da massa cinzenta que paira sobre São Paulo, mesmo naquele dia chuvoso, pois as possantes nuvens negras causavam uma visão ainda mais grandiosa ao céu da capital, uma imagem quase épica. E aquele céu, assim como tudo na cidade, me lembrava André. Quantas vezes não deitamos juntos sobre a grama do Parque da Cidade, à beira do lago, ou em alguma cobertura que eu alugava, contemplando aquele firmamento e absorvidos pela paz que só o amor pode proporcionar.

Assim que cheguei ao hotel, recebi uma mensagem de Flávio com o endereço do local onde se realizaria a sessão de autógrafos, numa faculdade não muito longe de onde eu estava. A ideia inicial era que eu levasse André em segurança para o hotel onde Ricardo e Roberto, que chegariam bem mais tarde, estariam nos esperando. Mas o plano estava sob risco de mudar a qualquer momento quando a noite caísse, e por isso eu deveria estar atento ao celular.

Tentei descansar enquanto isso, mas não consegui. Além da preocupação, pois a minha vontade era de procurar André onde é que ele estivesse, as lembranças me atacavam de todos os lados. Eu já havia me hospedado naquele quarto antes algumas vezes, e na maioria delas André esteve comigo.

Eu novamente questionava a minha decisão do passado, ao mesmo tempo que argumentava em sua defesa. Afinal, o que eu acreditava não havia acontecido? André não tinha se libertado da fixação que sentia pelo o que eu era? Ele não tinha voltado a fazer parte do “mundo real”, e não alcançou sem sonho por si mesmo? Seu livro estava lançado e estava sendo reconhecido, independente do problema que estivesse dando. E quando mais informações chegaram, após meu almoço, de que André então possuía um namorado de dois anos, com quem passara a dividir um apartamento na cidade satélite de Paranoá, minha crença no seu desenvolvimento longe de mim foi ainda mais consolidada.

Sendo assim, por que aquela dor ainda? Por que eu sentia que eu poderia ter feito tudo de modo diferente?

Às seis da tarde daquele horário de verão, saí do hotel e estacionei na pequena praça em frente ao Conic, um famoso conjunto comercial de Brasília, com seus bares e lojas. Eu nunca havia passeado por aquele lugar, e acabei achando muito curioso a fusão cultural que lá se pode encontrar. Lojas de calçados e eletrodomésticos bastante populares ao lado de lojas de discos, livros, roupas e

produtos destinados a jovens roqueiros, esqueitistas e diversos outros estilos. Uma grande Igreja Universal do Reino de Deus praticamente ao lado de locais onde eram exibidos filmes eróticos, *Sexshop*, boates gays, inferninhos e botecos que lotavam toda noite. E em meio a esse turbilhão se encontrava a primeira faculdade de artes do Brasil, a Faculdade Dulcina de Moraes, e seria justamente em sua pequena galeria, ao lado do teatro, que o evento aconteceria. Era lá que André estava cursando seu último semestre em Artes Plásticas.

Dois banners com fotos do livro *A Fera Interior* se posicionavam de cada lado da porta de vidro da galeria. Algumas pessoas carregavam uma mesa lá para dentro, enquanto outras penduravam alguns cartazes e arrumavam exemplares do livro em mesas menores. Eu não entrei. Me mantive na sombra de um corredor, próximo à igreja ao lado, usando óculos escuros, e só passava vez ou outra na frente da entrada da galeria, temendo que eu não reconhecesse mais o cheiro de André, e que assim corresse o risco dele me reconhecer antes da hora. Mas, não demorou muito para eu ouvir um dos organizadores dizer que o escritor ainda não havia chegado, e que deveria estar saindo de casa ainda.

Era sábado e não estava tendo aula, e somente a galeria e o teatro estavam abertos. Eu tomei coragem e entrei na galeria, como um curioso qualquer, perguntando a uma jovem moça loira que empilhava os livros sobre o que se tratava aquele evento. Ela me explicou, praticamente sem olhar na minha direção. E foi então que eu senti o cheiro que me perturbou. Foi rápido e evanescente como no Casarão, o mesmo cheiro.

Flora esteve por ali!

Meu pulso acelerou e minhas narinas se dilataram. Sim, era Flora! Parecia até que ela conseguia de algum modo proposital deixar seu cheiro em certos lugares. Mas será que se fosse de qualquer outro lobisomem, meu faro teria identificado ou até mesmo se importado? Creio que não. Aquele cheiro era um gatilho que colocava em alerta todos os meus outros sentidos. Ou será que o que Flávio acredita é verdade? De que um lobisomem sempre conseguirá sentir e reconhecer com mais facilidade o cheiro de quem o transformou.

Mas, o que Flora estaria fazendo naquele lugar? Senti medo ao me perguntar, enquanto automaticamente eu me recordava da chacina no Casarão Violeta. Saí para fora da galeria, buscando rastrear o cheiro, mas não o encontrei mais. Meu Deus, e onde estava André que não aparecia? Minha mente logo foi atacada por pensamentos aterrorizantes de Flora fazendo alguma coisa com ele... E foi então que André chegou.

Seu cheiro o precedeu, e me foi um espanto o fato de que eu ainda o reconhecia tão intimamente. E por instinto me escondi, virando-me de costas enquanto ele descia do banco do carona de um Palio vermelho, que parou próximo ao meu carro.

Creio que o vi abraçando rapidamente o motorista, mas não tive certeza. E o motorista não desceu do carro, disse algo, sorriu e foi embora.

Ainda era o mesmo André, com seu costume de andar com o olhar perdido, sem realmente reparar nas pessoas em volta. E por isso, mesmo eu estando não muito longe, olhando fixamente em sua direção, ele não me reconheceu. Nem mesmo me notou, caminhando rápido em direção a galeria, sendo logo abraçado pela mulher com quem eu havia acabado de falar.

— Você está atrasado, gato — ela disse, sorrindo, enquanto o levava para dentro.

— Pois é, inventei de esperar pelo Renan.

— E cadê ele?

— Ele não vai poder vir, você vai ter que me deixar em casa. Esqueceu que o verdadeiro namorado dele é o trabalho? Eu sou só o amante — ele sorriu, observando os banners na entrada. — Ah, e a Paula também não poderá vir, acabou de me ligar.

A voz dele era a mesma, mas por que haveria de ser diferente? Eu absorvia cada um desses detalhes de maneira quase tola. André ali, parado na frente da galeria, usando apenas *jeans* escuro, camiseta preta e sapatos de bico fino da mesma cor. Seu cabelo agora estava mais curto, ainda que espetado, só que com menos gel do que o exagero de outrora. Seu rosto não tinha mudado nada, bem barbeado, de traços marcantes e sorriso envergonhado, óculos quase transparentes sobre seus olhos escuros e sobrancelhas retas. Mas algo havia mudado mais radicalmente em sua postura, algo que eu só começava a notar.

Foi mais estranho e arrebatador perceber como a própria figura física dele me atraía, ali de costas para mim; seu olhar quase inocente, perdido em seus próprios pensamentos, a posição relaxada dos braços e das pernas. Sim, as pernas! Eu podia claramente imaginar suas pernas grossas, seu quadril ligeiramente mais largo que a cintura, evidentes sob o tecido da calça. Eu podia imaginar a textura e maciez daquela região sobre o peso das minhas mãos e do meu corpo. E o cheiro! Ah, o cheiro mexeu até mesmo com a fera dentro de mim. Ele era minha presa. Minha presa preferida.

E nessa tortura e emoção, permaneci observando de longe, como um predador na espreita. O evento começou, as pessoas chegavam, compravam o livro ou traziam seu exemplar de casa, o que era a maioria. Não deveria ter mais de cinquenta pessoas, mas era o suficiente para lotar a pequena galeria. Alguns partiram cedo, após terem seus exemplares autografados. Já outros exemplares foram sorteados após uma roda de perguntas ao autor. Comida e bebida foram servidas, junto de suaves músicas de vários estilos. A maioria dos presentes eram

jovens e alunos da própria faculdade. O inseparável amigo de André, Luís também apareceu por lá, mas não se demorou muito, e por muito pouco ele não me viu.

A coisa toda durou até as dez e meia da noite, e mesmo quando as portas da galeria se fechavam, algumas pessoas ainda conversavam animadamente do lado de fora. André e a moça loira foram um dos últimos a ir embora. Ele se despedia de algumas pessoas enquanto ela guardava algumas coisas no carro, e foi neste momento que ele finalmente me viu.

Eu estava parado no corredor que levava em direção a igreja, e foi na segunda vez que ele me reconheceu. Foi até engraçado, se a emoção não fosse tanta. André ficou branco, de olhos arregalados. Sorri em resposta, e ele veio caminhando em minha direção, como quando estamos incertos perante uma imagem que não sabemos se tratar ou não de uma ilusão.

— É você mesmo? — ele perguntou, dando um sorriso confuso.

— Quem mais poderia ser?

— É como ver um fantasma.

— Vim te assombrar.

Eu tentava manter a voz num tom descontraído, mas me encontrava tão emocionado quanto ele. Queria abraçá-lo, sentir mais intensamente o seu cheiro. Não o perfume, mas sim o verdadeiro cheiro da pele dele. Mas nem mesmo apertamos as mãos. Qual seria a maneira certa de me portar depois de tanto tempo? Uma lembrança de eu dando-lhe as costas naquele quarto de hospital e de sua voz melancólica, apenas um sussurro de dor: *Me ame. Não me deixa, pelo amor de Deus.*

— Você era a última pessoa que eu esperava encontrar aqui — disse. Ele também buscava manter o tom casual, mas era impossível para mim não notar o abalo em seus olhos.

— Eu estou no seu livro, não estou?

— Isso o enraivece?

— Talvez, se eu não receber pelo menos um autógrafo.

Mas aquele não era o diálogo que eu havia ensaiado mentalmente, não era este o modo que eu queria abordá-lo. Mas foi então que um outro cheiro me chegou, um cheiro doce que arrepiou os pelos dos meus braços. *Eles estavam por perto.* Merda! Eu poderia ter dado um jeito de tê-lo tirado dali antes.

— André, — falei, agarrando o braço dele — eu preciso que você venha comigo agora.

— Como assim?

— Vou te explicar, mas você precisa vir agora.

— Natã, me solta. O que está acontecendo? — perguntou, entre dentes, para que as poucas pessoas próximas não reparassem.

A amiga dele acenou do outro lado, chamando-o para ir embora.

— Eu tenho que ir.

— Não, você vem comigo — ordenei, puxando-o para mim de um jeito brusco. Nossos rostos estavam praticamente colados, e quem olhasse de longe pensaria que éramos amantes.

— Você está me machucando, é melhor me soltar agora ou...

— Lembra quando me perguntou se vampiros também existiam e eu respondi saindo pela tangente? — falei baixinho, meus lábios sem querer roçando em sua orelha. — Bem, agora darei uma resposta mais concreta André: *Sim, eles existem*. E não sei para qual finalidade, mas alguns deles estão neste lugar, nas sombras, e só estão esperando a melhor oportunidade para pegarem você. E acredite em mim, você não achará nenhum pouco prazeroso estar nas mãos pálidas deles.

André ficou paralisado, se distanciando de mim calmamente, os olhos arregalados buscando encontrar algo nas sombras dos corredores do Conic.

— Por que eles querem a mim?

— Este não é o momento e nem o local para eu te pôr à par de tudo. Diga a sua amiga que eu sou um velho conhecido, diga que eu o deixarei em casa após batermos um papo, ou algo do tipo... invente alguma coisa e venha comigo logo em seguida.

Por alguns segundos ele ficou imóvel em sua confusão, olhando para mim, mas em seguida fez como eu pedi. A moça achou estranho, claro, mas não discutiu muito. Enquanto isso eu fui me postar ao lado do meu Mercedes-Benz preto, destrancando as portas. André veio caminhando, buscando inutilmente atuar naturalidade, entrou pelo lado do carona e respirou fundo. Eu entrei no carro quase que no mesmo instante, mas não sem antes notar um homem escondido nas sombras das árvores da pequena praça, olhando para nós. E quando eu dei partida no motor, as luzes dos faróis refletiram em sua pele pálida e nos olhos que mais pareciam pedras preciosas azuladas.

— Esse cara... — começou André, após perceber o estranho à nossa frente.

— Sim.

Dei marcha à ré e acelerei em direção a pista do eixo rodoviário sul.

— Para onde estamos indo? — André perguntou, afivelando o cinto de segurança ao corpo. E foi neste momento, antes de eu buscar responder sua pergunta, que meu celular recebeu uma chamada de Ricardo. O aparelho estava conectado via *bluetooth* ao aparelho de som do carro, e a voz dele saiu pelos autofalantes em volta de nós.

— *Natã, não volte para o hotel!* — exclamou Ricardo.

No mesmo instante entrei no primeiro retorno em forma de trevo que nos levasse para a Rodoviária de Brasília, e de lá para a pista do Eixo Monumental.

Pelo canto do olho eu, vez ou outra, percebia silhuetas se movimentando muito rápidas por entre as árvores dos canteiros ao lado da pista.

— O que está acontecendo? — perguntei.

— *Eles estão aqui! De algum modo os desgraçados interceptaram nossas conversas!*

— E qual é o plano B?

— *Madalena Barddom! Flávio disse que...* — a ligação caiu ou precisou ser encerada abruptamente.

— Essa Madalena é aquela que fomos daquela vez? — André perguntou, agarrando as laterais do acento com força.

— Isso.

— Natâniel, eu não posso simplesmente ser levado por você de um lugar para outro. Eu preciso falar com a minha agente amanhã, e eu preciso avisar meu namorado, e ao Luís também. Você conhece o Luís, ele...

— Não percebeu ainda que estou salvando você?

— Mas o que esses caras querem comigo? Natã, eu não consigo ficar passivo a uma situação sem compreendê-la, isso me enlouquece!

— Eles não gostaram do seu livro — respondi, mas na verdade queria que ele se calasse.

— E isso é motivo de quererem me matar? Por que não matam a Stephenie Meyer para começar?

Por um instante sorri, lembrando de nossas velhas discussões que sempre aconteciam da soma da minha impaciência e da incapacidade que ele tinha de manter a boca fechada.

O Museu Nacional e a Catedral passaram velozes à nossa direita, assim como os prédios do ministério. Me forcei a diminuir a velocidade após o Congresso Nacional, e só voltei a acelerar de verdade quando fiz a curva em direção a via L4-Norte, e um outro carro bateu propositadamente, mas não de modo grave, na traseira da Mercedes-Benz.

— Filhos da puta!

Os vidros do carro de trás eram escuros, mas era certo que eram vampiros que o dirigiam. A pista da L4 é longa, cercada por bosques, e naquele horário estava praticamente desabitada. Nenhuma testemunha ocular, se algo acontecesse. O outro veículo buscava nos atingir pela lateral, tentando nos forçar ao acostamento. Pisei no freio bruscamente e fiz com que ele nos ultrapassasse.

— O que está fazendo? — André perguntou, assustado, enquanto eu abria a porta ao meu lado.

— Assuma a direção, e no momento certo acelere.

— Que momento certo? Natã, eu sou péssimo na direção!

- Siga para o Lago Norte, você se lembra da casa.
- Não, eu não me lembro direito! Fazem quatro anos!
- Use o GPS!

Ignorando os protestos, saí para o asfalto, me despindo do terno e dos sapatos e os atirando para André. Eu não queria estragar peças tão bonitas e caras. O outro carro, tão preto e elegante quanto o meu, havia feito a curva e estava parado na contramão, numa distância de duzentos metros de nós. Um homem saiu de dentro dele, pelo lado do carona, o mesmo cara que nos vigiava perto da faculdade, usando jeans, camisa e sapatos pretos, e uma jaqueta de couro marrom. Deveria ter sido transformado por volta dos dezoito anos, de cabelos loiros e feições comuns, que se não fossem os olhos estranhamente cintilantes, poderia passar por humano em qualquer lugar. Não era um vampiro forte, era jovem demais. Eu podia saber disso pelo cheiro, pois quanto mais velhos, mais intenso era o cheiro, e aquele ainda cheirava demais a humano.

— Só queremos o escritor, nada mais — ele disse, sorrindo, como se seu pedido fosse a coisa mais simples e casual do mundo.

— Não.

— Não faça assim, Seu Lobo, não torne as coisas mais difíceis.

Sorri em resposta.

É bem típico dos vampiros novatos essa postura desdenhosa, acreditando realmente que nada pode feri-los, que quando se tornam o que são, com a eternidade pela frente, estão acima dos perigos do mundo. E por isso ele não temeu se aproximar de mim, tendo até mesmo a ousadia de estender sua mão e tocar o colarinho da minha camisa, como se eu fosse só mais uma de suas vítimas. Tremendo erro. Pois, o que eles esquecem, é que vampiros não são realmente imortais, são apenas mais difíceis de matar. E para alguém como eu, nem sempre chega a ser realmente tão difícil.

Ele só se deu conta do meu punho atravessando seu tórax, quando eu já puxava o seu coração para fora. Arreganhou os olhos e mostrou as presas agudas antes de cair de costas, o sangue se esvaindo em esguichos do buraco em seu peito, deixando-o mais pálido ainda, enquanto sua "imortalidade" se extinguia, seguido do brilho sobrenatural em seus olhos. Levei o coração aos lábios e mastiguei a carne vampiresca, sentindo o sabor do sangue, não tão bom quanto o sangue humano, mas que nos deixava fortes, muito mais fortes.

O motorista do carro à frente pisou no acelerador com força, cantando pneu, decidido a me atropelar, mas nisso eu já me transformava rapidamente, me chocando de modo bestial com o para-choque do veículo, destruindo o motor.

— Vai! — gritei, ou pelo menos foi o que tentei gritar, pois eu já estava transformado em fera. Mas André pareceu entender o meu rosnado, pois deu

partida na Mercedes-Benz e saiu em alta velocidade. Só que, para meu desespero, quatro vampiros saíram praticamente intactos do veículo e três deles partiram atrás de André, correndo daquele jeito sobrenatural espantoso deles.

O único que sobrou veio para cima de mim, e este não era tão jovem quanto o outro. Era um negro tão alto quanto eu, usando um sobretudo preto e botas de soldado, os olhos escuros furiosos. Gritando maldições a mim enquanto me atacava com a porta arrancada do carro. Eu me defendia com os braços, ficando de pé nas patas traseiras, tentando agarrar-lhe as pernas, mas o desgraçado era rápido e conseguia se esquivar todas as vezes. Por fim, tomei a porta amassada das mãos dele e a usei para quebrar-lhe as pernas. O desgraçado berrou e caiu aos meus pés, uma presa fácil, mas não havia tempo para comer-lhe o coração. Arranquei-lhe a cabeça dos ombros e corri a toda a velocidade na direção de onde André havia partido, o mais rápido que eu podia, usando as quatro patas, apenas um borrão escuro cruzando a estrada.

Os alcancei já quase no fim da pista, dois deles, e não foram fáceis de derrotar. Eram jovens, mas eram rápidos e esquivos. De todo modo, arranquei a cabeça de ambos antes mesmo de alcançarmos a Ponte do Bragueto. E é tão complexo as sensações que eu saboreava. Eu poderia dizer que meu lado humano se preocupava absolutamente com a segurança de André, enquanto o lado lobisomem se divertia com a caçada e o gosto do sangue, pois era maravilhoso matá-los usando de toda a minha força e ferocidade, ouvindo-os gritar como mortais, enquanto suas peles sobrenaturais eram dilaceradas.

André seguia a frente, pegando a ponte, pronto para entrar em seguida no setor de habitações do lago norte. Neste ponto, o trânsito tornou-se mais movimentado, mas, tanto eu quanto o vampiro restante não dávamos atenção a isso, correndo em meio ao asfalto, ouvindo as buzinas dos carros, e o grito de espanto de uma mulher numa moto quando eu saltei por sobre ela. Foi então que o imprevisto aconteceu! Um outro vampiro surgiu do nada, uma mulher, mais pálida e poderosa dos que eu havia acabado de enfrentar. Veio voando num rasante, acertando com as duas pernas a lateral da BMW, que no impacto tombou para o lado, subiu pela proteção de concreto da ponte e caiu no lago.

Eu rugi em desespero e saltei para a água no mesmo instante, ignorando a mulher vampiro que se preparou para o meu ataque. Por sorte, lobisomens nadam tão rápido quanto correm, e em poucos segundos eu arrancava a porta do carro que afundava lentamente. André não conseguia se soltar do cinto de segurança, mas isso eu resolvi facilmente, rasgando o cinto com as garras e puxando o garoto para fora do carro. No mesmo instante ele se agarrou aos pelos eriçados em minhas costas e emergimos. Alguns curiosos já se juntavam na ponte, e talvez até mesmo

já chamavam algum socorro por celular, mas eu não prestei atenção, e nadei o mais rápido que podia.

Será que algum deles puderam ver a criatura que nadava veloz na escuridão, carregando um humano nas costas? Talvez as sombras nos ocultassem, assim como ocultavam nossos perseguidores que nos seguiam à margem.

— Natã! Para onde vamos? — André perguntou, respirando com dificuldade, mas não havia como eu respondê-lo naquela forma. Por duas vezes mergulhei para tentar dificultar a nossa localização, mas ele não conseguia prender a respiração por muito tempo, e os bebedores de sangue logo surgiam deslizando como fantasmas às margens do lago.

Por fim avistei as luzes da grande casa branca e moderna, com seu quintal gramado após uma pequena plataforma de madeira onde um iate estava ancorado, estávamos muito perto. Só que não demorou muito para sermos atacados novamente. A vampira alçou voo, daquele jeito estranho deles, como se fossem carregados pelo vento (e isso queria dizer que ela realmente não era jovem e fraca como os outros perseguidores, pois leva algumas dezenas de anos para vampiros aprenderem esse truque), e quase conseguiu arrancar André de minhas costas, se eu não tivesse esticado o braço esquerdo e a puxado pelos cabelos para dentro da água.

André se soltou de mim e continuou nadando sozinho, meio desengonçado, mas não importava, pois o quintal da casa já estava muito perto. Enquanto isso eu afundava com a vampira loira para o fundo do lago. Ela se sacudia e me chutava na cabeça, ou cortava minha pele com suas unhas afiadas, rápida como o diabo, mas a consegui prender, abocanhando seu braço direito um pouco acima do pulso. A fera em mim sorria, deliciada com o sabor do sangue. Meu ego inflava enquanto dominava aquela criatura furiosa, bela e poderosa embaixo d'água. Mas a bebedora de sangue não entregaria os pontos tão fácil, chutou meu peito com os dois pés, decepando o próprio braço no processo para ganhar o impulso para cima.

No segundo seguinte eu cuspi o membro arrancado, nadei em direção a casa e alcancei o pequeno ancoradouro. André já havia saído da água e corria em meio ao jardim do quintal, e eu corri até ele, rosnando para os dois perseguidores que se aproximavam lentamente pelas laterais do terreno. O vampiro demonstrava claramente ter medo de mim, dando um passo para trás quando eu sacudi os pelos molhados e arreganhei os dentes em sua direção. Já a vampira loira me encarava com uma fúria tremenda, enquanto segurava com a mão esquerda o que sobrara de seu braço direito, que pouco a pouco ia cicatrizando.

Eu estava pronto para matá-los. A fêmea daria trabalho, mas eu não tinha dúvidas que conseguiria separar aquela linda cabeça loira dos ombros. Eu permaneci atento, sobre as patas traseiras, pronto para me defender e atacar.

André encostou seu corpo molhado ao meu, arfando de cansaço. Era estranho o instinto duplo de proteção que se abatia sobre mim: Eu o protegia por causa de nossa história e de todos os sentimentos que eu nutria por ele. O *eu* lobisomem o protegia como um predador mamífero protege seu parceiro de outros rivais e inimigos.

Mas foi então que a dona da casa veio até nós.

O tempo pareceu congelar de repente, enquanto Madalena Barddom caminhava tranquilamente em nossa direção, o vestido branco de corte simples esvoaçando atrás dela. A pele negra cintilava levemente à luz noturna, assim como os cachos de seu cabelo dourado.

— Saíam da minha propriedade — ela disse aos vampiros, suavemente, numa autoridade tranquila. Eles obedeceram, não havia escolha. E não era só por Madalena ser a esposa de um vampiro ancião. Murmúrios corriam na Noite sobre os mistérios das mulheres como Madalena Barddom, dos poderes destrutivos assombrosos que elas possuíam. Sejam qual for o motivo, ambos os vampiros desapareceram no mesmo instante.

Voltei a forma humana com certa dificuldade, caindo de joelhos ao lado de André, como se somente agora o cansaço produzisse efeito sobre mim.

— Desculpe a bagunça, senhora — falei, buscando esboçar um sorriso. E não preciso lembrar que a nudez não me deixava constrangido de forma alguma, e nem a feiticeira a minha frente, diferente de André. Mas, talvez fosse só a soma da aventura toda que o deixava ali, mudo e paralisado.

— É sempre um prazer recebê-lo, Natâniel. E a você também, André — ela sorriu de volta, daquele jeito estranhamente tranquilo dela, envolvendo-nos com uma aura de paz desconcertante, assim como a força de seus penetrantes olhos azuis. — Mas infelizmente vocês não poderão ficar muito tempo. De todo modo, entrem. Creio que tenho algumas roupas secas para vocês.

Ela estendeu a mão, ajudando André a se levantar. Ele agradeceu, a voz praticamente um sussurro. Assim que entramos na casa, recebi um roupão branco, assim como André, que foi para um outro cômodo tirar as roupas molhadas e sujas. Depois voltou, secando o cabelo com uma pequena toalha e mexendo nervosamente em um celular que certamente fora danificado pela água.

— Preciso ligar para o Renan — murmurou ele, desistindo de tentar fazer o aparelho funcionar.

— Que Renan? — perguntei, notando o hematoma em sua testa, cada vez mais evidente. — Você se machucou muito?

— Renan é o meu namorado, eu moro com ele. Ele deve estar tentando me ligar...

Sentou no sofá da espaçosa sala e me encarou. Eu podia sentir as perguntas fervilhando dentro daquela cabeça. Madalena voltou, trazendo algumas peças de roupa e entregando um pequeno pote de vidro para André. Um agradável cheiro doce de ervas pairou no ar quando a tampa foi aberta.

— Passe essa pasta em sua testa e em outro qualquer ferimento que tiver, fui eu mesma quem preparou — disse a bruxa, tocando delicadamente a cabeça dele.

— Será que não houve algum dano grave, sei lá... algo que pode dar alguma complicação a ele depois? — minha vontade era de avaliá-lo com minhas próprias mãos, mas temi que ele me afastasse.

— Não, nada de realmente grave — Madalena respondeu, após olhar André dos pés à cabeça, como se seus estranhos olhos azuis possuísem algum tipo de visão interna do corpo do escritor. — E você, Natâniel?

— Eu sou um lobisomem, esqueceu?

Ela sorriu mais uma vez, me entregando as peças de roupa.

Recebemos roupas muito parecidas; jeans e camisetas simples de algodão, ambas pretas. A diferença era que em André elas ficaram folgadas, enquanto em mim a calça ficou boa, mas a camiseta parecia que rasgaria a qualquer momento. Um pequeno banquete de frutas e assados nos foi oferecido, mas nem eu nem ele tocamos muito na comida. André parecia ainda estar sobre o efeito da pancada na testa, bastante confuso e vez ou outra repetindo para si mesmo que precisava ligar para o tal de Renan, sempre tocando o celular só para constatar que o mesmo não funcionava.

Enquanto isso, Madalena explicava a situação:

— Flávio me ligou mais cedo. Disse que você estava vindo para Brasília por causa do escritor e que poderia necessitar da minha ajuda. Sinto não ter me preparado melhor para recebê-los, mas tive coisas muito mais importantes para organizar.

Eu não ousei perguntar que coisas mais importantes seriam estas. Assuntos das Senhoras Elementais.

— Bem, — ela continuou — mas como eu disse antes, vocês não poderão ficar aqui. Deverão partir na segurança do dia. Flávio me disse que se fosse o caso, você saberia de um refúgio especial.

O Casarão Violeta.

— Mas, senhora, o que sabe sobre este atentado?

— Nada sei, além de intuições. O que posso afirmar é que meu marido Uther não está por dentro dessa operação, e creio que nem saiba dela. Ele está isolado do mundo em um desses refúgios secretos dos bebedores de sangue, e vampiros anciões quase nunca se envolvem nessas intrigas menores, e não gostam de serem perturbados com tais assunto.

— Mas... é só um livro... — André sussurrou, sem tirar os olhos dos próprios pés descalços. E como que se finalmente despertasse para a situação, ele olhou para mim de modo espantado. — Por que eles querem a mim?! Me diga o que está acontecendo!

— É o que estamos tentando descobrir — respondi.

— Meu Deus! E o Renan? Eles sabem que eu moro com o Renan? E se eles forem atrás do meu namorado? E se fizerem alguma coisa...

— Não se preocupe, — ela o interrompeu — seus familiares não são o alvo, e de todo modo estão sendo protegidos. Flávio me disse que mandou o lobisomem Daniel para observar seu namorado. Seu amigo Luís e seus pais também estão sendo vigiados por outros. E até o momento nenhum vampiro ou ninguém suspeito se aproximou deles. Você é o único alvo.

Ele sacudiu a cabeça, levando a mão até o hematoma, que já apresentava uma visível melhora.

— Eu não posso. Natã, eu não posso desaparecer assim...

— Você não tem escolha! Quando é que vai entender?

— Esperem Flávio ligar novamente para decidirem o próximo passo — Madalena disse, apontando para o antiquado aparelho telefônico sobre uma mesa de madeira ornamentada com detalhados desenhos de seres encantados. E é sempre curioso e envolvente como sua voz aveludada conseguia passar tanta autoridade. — Pense numa desculpa temporária para dar a quem for necessário, André. Seu protetor está certo, você não tem escolha. Pense bem. Eu os deixarei sozinhos agora, por alguns minutos, mas logo retornarei, fiquem à vontade.

A dama de branco saiu, e André ainda olhava para mim, como se buscasse ler em minhas feições algum segredo.

— Vai ficar tudo bem, André.

— E mais uma vez você aparece na minha vida, como um presságio de tempestade.

Era raiva em seus olhos? Um ressentimento antigo que não podia mais ser disfarçado.

— Nunca foi a minha intenção.

— Eu sei... nunca é.

Tive vontade de chegar mais perto dele, de tocá-lo. Queria abraçar seu corpo com força, na busca de passar-lhe a maior segurança possível. Beijar aqueles machucados. Mas como avançar? Que direito eu tinha? Como ultrapassar uma barreira que eu mesmo havia criado? Ele se levantou em silêncio, parando em frente à vidraça que dava para o jardim.

De costas para mim.

O lago refletia o vermelho do céu quando partimos num Pálio preto fornecido por Madalena, e tal beleza matinal me parecia estranha e indevida em meio ao silêncio incômodo e aparentemente intransponível entre mim e o jovem escritor. Flávio havia ligado mais cedo, confirmando que eu levasse André para o Casarão, e que se reuniria a nós posteriormente. Madalena só nos permitiu partir em uma hora específica, dizendo que naquele momento estaríamos seguros. E conhecendo sua fama de prever o futuro, resolvi confiar. André ligou para o namorado e o amigo, passando um bom tempo no telefone, mas tal conversa eu não presenciei, pois ele preferiu fazer as ligações em particular, em um dos cômodos da casa da feiticeira.

Foram um pouco mais de três horas de viagem de Brasília à pequena cidade goiana de Santa Sofia, e durante todo o trajeto eu olhava para o retrovisor temendo que um carro pudesse estar nos seguindo, o que não aconteceu. Já André permaneceu calado a maior parte do tempo, e me incomodava não saber o que se passava em sua mente. Não havíamos tirado nem mesmo um cochilo na casa de Madalena Barddom e por isso logo André se entregou a exaustão, dormindo no banco do carona. Eu também estava ligeiramente cansado, mas aguentei a viagem tranquilamente.

Ele acordou apenas duas horas e depois, quando paramos para comer em um pequeno restaurante beira de estrada, trocando comigo poucas palavras enquanto, e somente quando entramos novamente no carro suas perguntas foram finalmente feitas.

Eu disse a ele tudo o que eu sabia do caso, de que também não achávamos comum a atitude dos vampiros e que acreditávamos que algo mais deveria estar por trás daquela história toda.

— Mas o que eles podem ganhar com a minha morte? — ele perguntou.

— Existem regras na Noite, André. Seja para lobisomens, vampiros, matintas, iaras, humanos excepcionais, ou qualquer outra raça sobrenatural que na Noite participe. Essas regras priorizam que a humanidade comum permaneça inocente a

existência da Noite. Qualquer um que ameace nossa descrição é punido. A acusação aparente é que seu livro expõe a Noite.

— E você concorda com isso? Todo mundo entende o meu livro como deve ser entendido; *um romance de horror e fantasia*. Mesmo que eu fosse para a TV e dissesse que ele foi baseado em acontecimentos reais, ninguém ia acreditar. Eu seria taxado como louco.

— Eu e minha alcateia concordamos com você. A própria ação desse clã de vampiros é nebulosa e por baixo dos panos. Tem algo errado nisso tudo e estamos aqui para descobrir a verdade — respondi. — Sendo assim, é por isso que eu tenho que fazer essa pergunta: Tem alguma coisa que se esqueceu de me contar? Você fez ou entrou em contato com alguém incomum nos últimos tempos?

— Não, eu apenas segui minha vida; estudei, escrevi... Olha, eu nem mesmo tinha certeza que vampiros existiam, nem mesmo nos livros eles são citados.

— Tem certeza disso?

— Mas é claro que eu tenho! — se irritou. — Que pergunta é essa? Por que eu esconderia isso de você? Metade desse tempo passei me curando da sua ausência, e a outra metade foi tentando tocar minha vida para frente. O que tem de incomum nisso?

Ambos ficamos calados. Eu mantinha os olhos na estrada, inevitavelmente pensando no passado, nas discussões que tínhamos. Ele desviou os olhos para a janela, pensativo.

— Me desculpe, — disse ele, por fim, ligando a rádio — eu só estou nervoso com isso tudo. Mas, obrigado por me salvar... por tudo o que está fazendo.

— Bem, salvar você faz parte do meu trabalho — respondi, me arrependendo logo em seguida, mas André aceitou tal resposta sem dizer mais nada, e ambos nos calamos novamente, deixando que as canções populares da rádio fossem as únicas vozes a circular entre nós.

O Casarão Violeta sempre me causava uma emoção arrebatadora, surgindo belo e majestoso, por detrás do muro de bananeiras e pés de mamonas que se fundiam as cercas da propriedade. André também pareceu sentir algo parecido, quando o Pálio entrou pelo portão de ferro restaurado e estacionou em frente ao formoso jardim. Madame Valquíria surgiu num vestido azul escuro, com um cinto largo marcando a cintura e botas de vaqueira de salto alto, nos esperando imponente de frente as portas duplas do Casarão.

— Nosso querido David ligou mais cedo no celular de Letícia, avisando que você estava chegando com uma visita importante, e que isso deveria ser mantida em segredo. Ele disse também que está vindo para cá, junto de Ricardo e Roberto.

Que mistério todo é esse, rapaz? — disse ela, pondo as mãos na cintura e posando seu único olho em André, assim que ele desceu do carro.

Eu a abracei, beijando-lhe a face de modo descuidado, que sempre a fazia sorrir.

— Madame, este é o escritor André Lobo, nosso mais novo hóspede. André, está é Madame Valquíria — apresentei, e o garoto foi cumprimentá-la, apertando-lhe a mão e beijando-lhe o rosto com timidez.

— Prazer — ele disse quase em um sussurro.

— O prazer é todo meu, querido — Valquíria respondeu, e de repente ficou muda, encarando André de um modo confuso. E quando voltou a falar foi como se estivesse em devaneios.

— Seus olhos...

— Senhora? — André olhava para baixo, buscando evitar se demorar no tapa olho preto, ou talvez incomodado com o peso do olhar de Valquíria.

— Seus olhos, me lembram alguém... — mais uma rápida pausa antes de continuar. — Bem, mas agora me digam o motivo de estarem vestidos do mesmo jeito. Vão se apresentar em algum lugar?

E, sem esperar a resposta, ou dar mais alguma atenção ao jovem, Madame Valquíria seguiu na nossa frente, entrando no Casarão enquanto me relatava as mais novas notícias casuais do estabelecimento.

André nos seguiu, admirando os antigos móveis ornamentados, as colunas de mármore branco e todos os outros belos detalhes do salão, sem dar atenção ao que eu conversava com Madame Valquíria. Por fim, não resistiu a visão do *jukebox* e o foi conferir de perto. Neste momento Valquíria me puxou para mais perto e disse em voz baixa:

— Pelo que entendi o garoto está sendo escondido. Ele cometeu algum crime? Posso saber de quem e por qual motivo, ou vai me dizer, como de costume, que *é uma longa história*?

— É uma longa história.

Ela sorriu, debochada.

— Você e esses seus amigos da Valverde. Vocês e seus segredos.

— Não se preocupe, Madame, o garoto não...

— Não quero estar completamente por dentro de seus mistérios, Natã, e nem necessito, mas eu não poderei ajudar corretamente se você continuar inventando mentiras para mim desnecessariamente. Conte-me só o que *precisa* que eu saiba, se for o caso, mas não me conte mentiras.

Foi a minha vez de sorrir. Eu amava aquela mulher e toda a sua força.

— O garoto não fez nada de errado, mas algumas pessoas inescrupulosas acreditam que sim. Ele corre risco de vida, e precisa ficar escondido aqui até que possamos resolver a situação.

Ela me encarou do mesmo modo que havia encarado André minutos atrás.

— Assim está melhor. Temos um quarto vago para ele.

Observei enquanto ela subia as escadas. Um casal de hóspedes e um empregado passaram pelo salão, me dando boa tarde, antes de eu voltar para André, que ainda admirava o velho *jukebox*.

— Gostou? — perguntei, me postando atrás dele, tão perto que o seu cheiro me torturava.

— É lindo. É como estar naqueles bares de filmes estrangeiros que passavam na *Sessão da Tarde* — respondeu, deslizando os dedos pelo plástico branco com seus muitos botões coloridos. — E este salão meio *art déco*... é tudo muito bonito, e eu mal conheci o lugar.

— Fico feliz que esteja gostando, apesar de tudo. Este lugar é o meu verdadeiro lar.

E dizer aquilo me emocionou, fazendo-me recordar rapidamente de quando eu não tinha nenhum lugar para ser chamado de lar.

— Então este é o famoso Casarão Violeta — disse André, dando um passo para trás para contemplar os quadros nas paredes, aparentando não se importar de estar com as costas quase coladas em meu peito, ou talvez não se dando conta. — Este é o lugar onde o meu outro eu se apresentava. O lugar onde eu conheci você pela primeira vez.

O cheiro da pele dele me invadia de modo doloroso, mas ignorei minha vontade de tocá-lo. Eu não merecia.

Era tristeza, desapontamento? Que sentimento era aquele que se apresentava no movimento de sua respiração, de seu batimento cardíaco?

— Você está bem?

— Estou. É só que... é só que eu pensei que sentiria algo, que talvez eu fosse invadido por alguma força que me fizesse recordar de tal vida passada. Mas não sinto nada. Não sinto nada, a não ser... alguma mistura estranha e inexplicável de melancolia e desapontamento.

Creio que nossos olhos encontraram o mesmo quadro ao mesmo tempo; uma desbotada fotografia de Isabella num vestido amarelo. *Seus olhos...*

— É ela? — ele perguntou.

— Sim.

— Era realmente bonita.

Ele não disse mais nada, enquanto eu desejava mais uma vez poder ler os sentimentos e questões que certamente dançavam na mente dele. E por isso também me mantive calado, esperando talvez que as repostas pudessem surgir de repente de seus lábios, ou dos ínfimos sons de seu corpo que me eram tão claros.

Mas a única resposta foi o silêncio.

Ana e Dolores não fizeram muitas perguntas, como sempre, e no mesmo instante trataram de nos empanturrar com sua maravilhosa comida, em meio a um animado almoço, sempre perguntando a André se ele não queria um pouco mais disso ou daquilo, enquanto elogiavam meu apetite voraz. Letícia não demonstrou muito interesse para com o escritor, e estava muito mais preocupada em quando Ricardo chegaria. Já Madame Valquíria vez ou outra pousava demoradamente seu olho sobre ele, avaliando cada ínfimo gesto, mas desviando o olhar educadamente quando necessário. O que será que ela buscava nele? Eu imaginava que talvez ela enxergasse os traços de Isabella, assim como eu enxergava, e creio que seja isso mesmo.

André não falou muito, devido sua timidez que eu conhecia muito bem, respondendo superficialmente as perguntas das mulheres que queriam saber um pouco sobre a sua vida e de onde me conhecia - tema que eu tive que intervir para ajudar com meias verdades. Após o almoço, o levei até o quarto que outrora havia sido o foco do incêndio e da tragédia de Franciele e Jéssica, com a promessa que mais tarde compraríamos roupas novas para ele em Santa Sofia. E assim como ele, aproveitei para dormir um pouco no meu velho quarto dos fundos, com o aviso que os outros me acordassem imediatamente, caso Flávio ou David ligassem. E foi justamente o que ocorreu, duas horas depois.

Por meio de uma linha particular, Flávio relatou que esperava a noite chegar para exigir uma audiência com os vampiros anciões em São Paulo, e que na noite passada havia ido até o palacete de Vanda Cardoso, mas nem Adrian e nem a governadora apareceram para justificar o que estava acontecendo, e o que lhe foi informado era que ambos estavam numa viagem política na Europa. David, Roberto e Ricardo deveriam estar chegando ao Casarão no fim da tarde e poderiam me explicar a situação mais detalhadamente, mas no fim as notícias se resumiam a apenas aquilo.

Tomei um banho rápido, vestindo uma bermuda marrom escura, uma camisa branca de tecido leve e chinelos de dedo, para enfrentar o calor que fazia. Em seguida fui procurar André, para levá-lo à cidade, e antes mesmo de eu cruzar o corredor entre a cozinha e o salão, eu comecei a ouvir sua voz conversando com alguém.

— Mas não se preocupe, eu estou bem. E não temos nenhum compromisso de divulgação por agora, não é? Eu te explicarei tudo depois, é uma confusão só. Sim, eu sei...

Com quem ele estava falando?

Quando cheguei ao salão, encontrei-o de frente a grande janela para o jardim, limpando os óculos com uma das lentes trincadas na blusa enquanto apoiava o fone

do telefone com o ombro. Quase gritei ao ver aquilo, correndo imediatamente até ele e arrancando-lhe o aparelho do ouvido.

— Você é maluco?! — rosnei, batendo o fone no gancho talvez com força demais.

Ele me olhou espantado, meio confuso.

— Eu só estava...

— Você estava usando o telefone comum! André, será que ainda não entendeu que você está aqui escondido? Que está correndo risco de vida? Quase ser morto em Brasília não te acordou ainda? Que burrice é essa?

— Se acalme! Eu só estava falando com a minha agente, ela precisa saber que estou vivo e bem. Eu inventei uma mentira convincente, e nem disse onde eu estou.

Alguns hóspedes passaram por nós constrangidos, fingindo não dar atenção a nossa discussão.

— André, não seja ingênuo! E se estiverem monitorando as linhas telefônicas das pessoas que você conhece?

— Tá certo, me desculpe, eu não pensei nisso... eu...

— Como pode ser tão lerdo? Que burrice!

— Pare de me ofender, seu estúpido! Eu já disse que não pensei nisso, e já pedi desculpas, ok? Chega! Isso não vai se repetir!

— Acho bom mesmo, pois se quiser se manter em segurança é melhor começar a fazer o que eu mando.

— Sim, claro, como eu pude me esquecer que você é o "lobo macho alfa" em qualquer situação — respondeu ele, ríspido e debochado, cruzando os braços na frente do peito. — Incrível como o tempo passa e você continua o mesmo idiota prepotente...

— E você o mesmo moleque irresponsável!

— Sim, um moleque. Na verdade, dois moleques — disse uma terceira voz que descia as escadas, nos interrompendo; Madame Valquíria, nos acertando com seu olhar reprovador. — Natâniel, eu não sei o motivo da discussão, mas, por favor, façam isso lá fora, ou às portas fechadas. Estão incomodando nossos hóspedes.

— Tem razão, me desculpe — baixei o tom de voz, sem tirar os olhos de André, que demonstrava estar ainda mais constrangido.

Ele baixou a cabeça e saiu para a varanda, o mais perto que pode do jardim. Eu o segui, após pegar as chaves do carro. Ele contemplava as flores, e sorria para elas.

— Me desculpe — pedi, pondo-me a seu lado.

— Tudo bem, você está certo, foi uma besteira minha. Mas, é só que... — e riu mais uma vez.

— O que foi?

— As nossas antigas discussões, eram homéricas. E é engraçado perceber como algumas coisas não mudam.

— Verdade — sorri com ele, notando o quão perto nossos dedos estavam pousados na balaustrada da varanda. — Mas, vamos, você precisa de roupas. E quero estar aqui de volta antes que David chegue.

— É sempre bom fazer compras. Quanto vou poder gastar, *daddy*? — brincou ele, enquanto seguíamos para o Pálio.

— Só o suficiente, garotinho interesseiro — respondi no mesmo tom brincalhão.

Nenhuma novidade realmente interessante, ou que acrescentasse algum elemento novo as nossas suspeitas, veio com a chegada de David, Roberto e Ricardo. Uma pequena reunião no escritório de Madame Valquíria, sem sua presença, foi feita para debater a situação, onde mais uma vez André respondeu às perguntas de todos, e mesmo assim em nada avançou nossas ideias sobre o caso.

O que ele nos contou foi que havia simplesmente escrito o livro em casa, e que depois, a muito custo, por meio de uma amiga, conseguiram uma editora para seu lançamento, e não fazia ideia do perigo que estava correndo até o dia em que eu o resgatei. A única certeza que tínhamos era que a Governadora e seu amante estavam por trás disso tudo, já que os vampiros que nos atacaram pertenciam ao clã deles, mas não conseguíamos montar um motivo aceitável para tal ação. André não mentia quando nos dizia que não conhecia a existência dos bebedores de sangue, mesmo que por vezes chegasse a pensar sobre o assunto.

O que nos restava era esperar mais um pouco.

Quando a noite já avançava, enquanto todos no Casarão Violeta se preparavam para dormir, Roberto e eu decidimos fazer um passeio na mata na forma de feras, mais por lazer do que para patrulhar e descobrir alguma criatura da Noite suspeita em nosso território. Ricardo não veio conosco; delícias mais encantadoras o esperavam na cama de Letícia. E junto a meu companheiro de alcateia, corremos bosque a dentro, caçamos alguns pequenos animais, e em seguida eu o levei até a velha casa às ruínas da finada Mãe Gorete.

— Para você isso tudo é bem mais que um caso sobre vampiros infringindo a lei, não é mesmo? — me perguntou Roberto, deitado ao meu lado, sobre a grama verde e úmida que reinava onde outrora foi o quintal de terra batida da velha casa.

Eu apenas sorri em resposta. Havíamos acabado de voltar a forma humana, estávamos deitados nus sobre a grama, recebendo as carícias da brisa noturna, enquanto contemplávamos as estrelas.

— Não sei o que lhe responder, meu amigo.

— Só se comprometa cuidar dessa situação usando a cabeça e o coração. Os bebedores de sangue são ardilosos, podem muito bem usar esse amor todo contra você.

— Não se preocupe, meu irmão, entendo bem as fraquezas derivadas do amor, e também suas vantagens.

— Vantagens? — ele sorriu, sarcástico, e eu me demorei olhando para ele, para seu rosto bem barbeado, para seus traços bonitos emoldurados pelos cachos castanhos. Roberto, diferente do sorridente irmão, mantinha na maioria das vezes uma fria inexpressividade, e do mesmo modo frio avaliava e agia em qualquer situação que se apresentasse. Em meio a uma batalha, poderia ser considerado um soldado perfeito, mostrando uma fúria implacável, obedecendo as ordens de Flávio como nenhum outro de nós. E devido a seu habitual silêncio, me era uma surpresa que ele demonstrasse estar interessado nos meus sentimentos.

— Sim, vantagens — respondi.

— Cite, pelo menos, uma única vantagem de sustentar um sentimento deste, Natâniel.

— O amor nos dá propósito, nos dá força, motivação. Nunca amou ninguém, Roberto?

— Os únicos amores que possuo é o meu irmão e a alcateia, e eles me dão algo em troca. Meu irmão me dá segurança e companheirismo, a alcateia me dá força, direcionamento e propósito. O que este garoto te dá, além de fantasias sobre uma vida passada banhada em sangue, sofrimento e culpa?

— Você não entenderia — eu respondi, pondo-me de pé e me espreguiçando. As palavras dele eram duras, mas vindo dele não me incomodavam.

— Pode ser que não. Mas, sabe no que eu acredito, com relação a essa confusão toda? Que *você é o alvo*. Talvez alguém esteja criando tudo isso apenas para afetar você. Encontraram o calcanhar de Aquiles da alcateia em você. E numa alcateia, quando se afeta um, afeta todo o resto.

— Eu já pensei nessa possibilidade, e Flávio também.

— Que bom, meu irmão. Mas, espero que quando descobirmos o propósito dessa conspiração, você faça o que for necessário em prol da alcateia. Pois o tempo destrói tudo, Natã, e quando seu amor estiver deixado de existir, seja por velhice, doença ou por assassinato, será a alcateia que ainda permanecerá ao seu lado. Pense bem, e não ponha tudo a perder.

E dizendo essas palavras ele se transformou e desapareceu na mata, e eu o segui poucos minutos depois, ainda com suas duras palavras latejando em minha mente. Voltamos para o Casarão e eu fui direto para meu quartinho, enquanto Roberto entrou pela porta dos fundos sem me dizer palavra. Tomei meu banho gelado e me deitei na cama. A estação estava quente e abafada, e no pequeno quarto a

temperatura parecia ainda pior. Fiz uma nota mental: me lembrar de mandar que instalassem finalmente o ar-condicionado, ideia que eu sempre acabo deixando para lá.

...quando seu amor estiver deixado de existir, seja por velhice, doença ou por assassinato, será a alcateia que ainda permanecerá ao seu lado.

— Quando ele deixar de existir — repeti a mim mesmo em voz baixa, enquanto me lembrava que André costumava me dizer coisas parecidas, que o tempo ou as imprevisibilidades da vida o levariam muito mais rápido que a mim. Era a pura verdade, e de algum modo, naquele momento, pela primeira vez aquilo começou a fazer real sentido. Aquilo era terrível.

Eu continuaria e continuaria, até que os humanos que eu amava, não existissem mais. E que garantias eu poderia ter de que André renasceria? Que garantias eu poderia ter que ele era realmente Isabella renascida, além da fé quase cega alimentada pelo meu amor?

E eu não me lembro se cochilei e tive um sonho rápido, ou se foi apenas um mergulho cruel em pensamentos assombrosos, mas eu me vi claramente num velório, o velório de André, e aquela imagem me parecia comum. Eu já havia sonhado com algo parecido antes. André ainda jovem, pálido, rodeado por flores brancas e amarelas. Vozes agudas de senhoras cantavam a *Ave Maria*. E havia outra pessoa, me encarando do outro lado do caixão, uma mulher, e ela sorriu e disse: "Você poderia ter feito, poderia tê-lo salvo. Mas não, o deixou à mercê da dama de negro com sua foice impiedosa. E agora, Natã, como se sente?".

Despertei do sonho com o som da porta do quarto, que eu havia me esquecido de trancar, abrindo violentamente. Me sentei no mesmo instante para encarar a figura arfante parada sob o portal, e a imagem de Isabella surgiu de minhas antigas lembranças, parada no mesmo local, decidida a driblar todas as barreiras e regras do Casarão para estar comigo. Mas, é claro que não era Isabella quem estava lá, iluminada vagamente pela luz noturna, pelo menos não como antes, e o visitante não sustentava o mesmo olhar decidido e sensual, mas sim um semblante de pavor, com os olhos lacrimejantes arregalados e a boca trêmula assim como o restante do corpo.

— André! O que foi? — perguntei.

Ele não respondeu, parecia não conseguir falar, com a mão direita ainda agarrada a porta. Estava branco feito papel, com os pés descalços, usando apenas um short de dormir.

— O que aconteceu?

Fechei a porta e fiz com que se sentasse na cama, ao meu lado.

— Esse lugar... aquele quarto... — sua voz saiu tão baixa e abafada que eu quase não entendi.

— O que tem o quarto?

— A-acho... acho que é assombrado.

Eu ri sem querer, e minha vontade foi de dizer "sim, é claro que é", mas como ele poderia saber? E ele estava tão apavorado! Será que havia visto as meninas dançando no salão? E talvez, incomodado ou envergonhado com o meu sorriso, ele se encolheu e começou a lutar contra o choro.

— Eu não estou mentindo! — ele quase gritou, abraçando o próprio corpo e me olhando com raiva.

— Eu sei que não, me desculpe. Agora, me conte o que aconteceu.

Peguei a jarra de água que eu deixava sempre cheia ao lado da cama e enchi um copo para ele.

— Uma mulher, ela... ela apareceu no quarto.

— Que mulher?

— EU NÃO SEI!

— Se acalme, está tudo bem.

— Eu acordei com ela falando comigo, aos pés da cama. E ela... e ela estava tão furiosa, chorando e... ela disse algo sobre o diabo e demônios, eu não me lembro direito, eu fiquei apavorado e paralisado. E os olhos! Você tinha que ver os olhos dela, Natã! Eram horríveis e tão cheios de... de ódio e medo e loucura e... — ele se levantou, olhando para os lados como se temesse ver outra aparição a qualquer momento. — E então ela pegou fogo!

— Como?

— Ela pegou fogo, tipo explodiu! E começou a dançar pelo quarto, e de repente o quarto inteiro, a cama, meu lençol, tudo pegava fogo! E depois não tinha fogo nenhum! E... e eu não sonhei com isso, Natã, eu tenho certeza! Eu ainda posso sentir o calor! Eu achei que eu ia morrer!

Suas mãos alisavam o cabelo e os ombros descontroladamente, e sua respiração estava tão descompassada que temi que ele fosse desmaiar.

— André, sente aqui. Se acalma.

Ele se desviava das minhas mãos, andando de um lado a outro do quarto, e subitamente começou a rir e a falar ainda mais rápido, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— E o mais estranho é que... eu sempre quis ver algo do tipo, eu sempre fui fascinado por essas coisas, mas... mas eu fiquei com tanto medo... meu coração... Natã! Natã, eu não quero dormir lá, eu... Natã, eu não vou entrar naquele quarto novamente! E-eu não conseguia nem gritar! Eu não consegui...

— Ei! Ei, André! Olhe pra mim! — falei com autoridade, segurando seus ombros com força. — Era só um fantasma, apenas luz e fumaça, eles assustam sim, mas não podem fazer mais que isso.

— E você acha isso pouco? Eu quero ir embora...

O abracei com força, e mesmo assim ele passou um tempinho buscando se livrar inutilmente dos meus braços, dizendo coisas desconexas sobre assombrações e fogo, mas logo foi se acalmando, com as mãos pousadas em meus ombros. Não, eu não deveria ter rido dele. Isso não era uma mera aparição relatada pelos hóspedes, nenhum velho praguejando no quintal dos fundos, nem garotas se divertindo no salão. Não, era uma visão apavorante de uma mulher pondo fogo no próprio corpo. Mas ninguém nunca tinha relatado algo parecido. Por que logo com André?

Bem, Franciele nunca gostou de Isabella, pensei, sem realmente acreditar que fosse este o motivo.

O corpo de André ainda tremia um pouco, e estava tão entregue a mim, tão frágil em meus braços, que rapidamente meu sentimento de proteção tornou-se desejo e eu me deixei levar. Beije-i-lhe o cabelo despenteado, sentindo seu perfume, afastando-o lentamente para limpar-lhe as lágrimas do rosto com meus polegares. E ele então me olhava como se tivesse acabado de despertar de um sonho, confuso, as pernas meio instáveis, e eu encarei aquilo praticamente como um pedido, e o beijei.

Foi tão imediato a explosão de desejo entre nós. O tremor em seu corpo não era mais de medo, e sua boca se movimentava voraz, colada na minha ou mordendo meu queixo, arfando quando minha barba arranhava sua pele recém barbeada.

— Você é meu — rosnei, puxando-lhe os cabelos para fazer com que seus olhos encarassem os meus mais uma vez. Sim, seu olhar concordava comigo, ele era meu para que eu fizesse o que bem desejasse, e novamente nossas bocas entraram em guerra, enquanto eu o jogava na cama, arrancando-lhe o short e o esmagando com meu peso, delirando de desejo com cada gemido de prazer e dor que escapava de seus lábios macios cada vez que eu beijava e mordida seu pescoço, mamilos, coxas... Que véu estranho e tênue é esse que separa a dor do prazer? Eu tinha todo o cuidado com ele, mas também queria judiá-lo, queria ouvir nitidamente seus gemidos quando eu o penetrasse. Eu era um lobisomem, um predador, e o melhor de tudo é que André sabe ser a presa perfeita, e gosta disso.

E que incrível como todas as outras questões desapareciam de nossas mentes. Não havia espaço para conspirações ou fantasmas em chamas, nem vampiros. Era puro instinto, impulso. E não é justamente isso o que somos, impulsos? Paixões furiosas e arrebatadoras? Entregues a correntezas vorazes, clamando para que elas nunca parem de nos arrastar rio abaixo?

Já estávamos submersos, então iríamos nos afogar de uma vez.

A paixão é primitiva, é uma besta selvagem que se apossa de nossos corpos desprevenidos. Sem nos dar conta, saímos da inquietação para o desespero, para o pulso acelerado e para a fome monstruosa. E então estamos fazendo qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, usando garras e dentes, em nome dessa paixão. Nos perdemos. Mas, quando começamos a perceber de tal efeito assombroso, e de como falhamos para com nossos ideais, é um sinal de que estamos nos curando dessa fera perigosa, ou será que a fera apaixonada é apenas a mais verdadeira de nossas facetas, escondida a muito pelo orgulho e pela discutível definição de moralidade?

Eu me lembrava de todo o discurso ideológico que eu havia dito a mim mesmo durante aqueles quatro anos, sobre como a minha ausência na vida de André era a melhor opção, de que a aparente frieza do meu ato era para um bem maior, ajudando a sobrepor os meus erros passados. Isso fazia bem a mim. Talvez me desse uma falsa sensação de dignidade que eu não acreditava possuir. Não sei bem. Mas, a única certeza que eu começava a ter, era a de que meu amor por André ainda permanecia, e que eu estava completamente despreparado para o retorno dessa necessidade de tê-lo em meus braços.

Permanecemos abraçados e nos acariciando, após fazer amor, e seu corpo descansava sobre o meu de modo tão comum e confortável, que era como se ele houvesse estado ali desde sempre, deslizando os dedos em meio aos pelos do meu peito, arfando devido ao esforço, só para voltarmos a repetir tudo de novo, até que na terceira vez caímos num sono profundo.

Acordei por volta de dez da manhã, e André já não estava mais ao meu lado. Escovei os dentes, vesti uma bermuda caqui e uma camiseta branca, e fui para uma nova área do Casarão; um pequeno salão aberto, coberto por um toldo branco, no canto direito da casa, onde os poucos hóspedes faziam suas refeições em belas e rústicas mesas e cadeiras de madeira. Lá, fiz meu desjejum rapidamente, perguntando para uma das nossas novas empregadas se André havia aparecido para o café. Ela respondeu que sim, e que havia acabado de tê-lo visto no jardim. Engoli o último pedaço de bolo e o resto do suco de uma vez, e fui em busca dele.

O encontrei junto de Madame Valquíria, ajudando a podar as rosas. Madame, vestindo um leve conjunto branco e um bonito chapéu de palha, falava tão concentradamente sobre flores e ervas que só notou minha presença quando minha sombra cobriu a ambos.

— Olha quem finalmente acordou — disse Madame, tirando as luvas e sorrindo irônica para mim. Em seguida ela disse que precisava resolver alguns assuntos em Santa Sofia, junto de Dolores, e por isso já estava de saída.

André a agradeceu pela aula de jardinagem, e depois voltou a contemplar as flores, evitando me olhar de frente.

— Ela gostou de você, pelo jeito — digo.

— Eu também gostei dela — ele responde, acariciando o caule espinhoso de uma rosa vermelha.

— Não sabia que se interessava pelo assunto.

— E não me interessa muito, mas, lembra daquele meu primeiro livro, sobre o menino que conversava com as plantas e árvores? Estou pensando em reescrevê-lo. Acho que os conhecimentos de jardinagem de Madame podem servir para me ajudar um pouco. Isso, claro, se eu sair vivo dessa situação.

— Você sairá.

E só então ele me olhou, sem dizer nada, e seus olhos sustentavam a velha força desafiadora dos tempos de Isabella.

— Está arrependido? — perguntei, e sem querer minha voz saiu um tanto áspera.

— Por que eu estaria?

— Seu namorado...

— Não. Isso não tem nada a ver com o Renan, e sim com o meu desejo de querer você naquele momento. E foi isso, eu o quis.

— Apenas *naquele momento*?

— Onde está querendo chegar, Natã?

E me dou conta de que também não sabia onde queria chegar. Talvez, pedir que ele voltasse para mim? Dizer que eu nunca deixei de amá-lo durante este tempo que ficamos ausentes, e que mesmo me acostumando a sua falta, quando o vejo agora sinto uma vontade gigantesca de tê-lo para sempre em meus braços? Eu poderia ter dito algo assim, mas acabei dizendo outra coisa.

— Você ama mesmo esse Renan?

Ele sorri, retirando as luvas grossas das mãos.

— Eu escrevo e reflito sobre o amor todos os dias. O que é o amor, essa palavra usada de modo tão banal? A conclusão que chego, Natã, é que não sei... ou melhor, — levou o dedo indicador aos lábios enquanto fazia uma pequena pausa pensativa

— talvez eu só comece a perceber o que é o amor, e o modo como eu o vejo, cada vez mais, se difere bastante do idealizado pela nossa cultura.

Eu balanço a cabeça e rio, buscando aliviar minha tensão, enquanto caminhamos pelo gramado da propriedade.

— É tão difícil assim para você me responder uma pergunta sem precisar entrar num monólogo filosófico? — brinco.

— Perguntas como essa, meu querido, não podem ser respondidas de modo tão simples. Pelo menos não deveriam ser.

— Então que seja: O que é amor para você, André?

— Talvez algo grandioso, transcendente, e ao mesmo tempo tão simples, que pode decepcionar ou assustar a maioria das pessoas. É um paradoxo curioso.

— Continue.

— Muitos acreditam que o amor e a demonstração do mesmo são algo exclusivo do ser humano, e não é isso o que eu vejo. O amor é algo que está na natureza em si, está em nossos cromossomos, assim como nos dos animais, e talvez até mesmo nos das plantas. Na natureza vemos a simplicidade do amor, sem exageros, e ao mesmo tempo pode se mostrar de modo tão complexo que não podemos compreender dentro de nossa lógica racional e emocional. Mas, nos temos essa arrogância de nos vermos como os seres mais importantes do universo.

— Isso me lembra algo que Flávio me disse uma vez, há muito tempo. Creio que você gostará de conversar com ele, se ele lhe der espaço... mas, acho que estou me perdendo nesse assunto. Ainda não me respondeu o que é o amor.

— O amor é um sentimento simples e enorme, que embarca todas as coisas. O amor que tenho por meu amigo Luís, em maior ou menor grau, é o mesmo amor que tenho por qualquer membro importante da minha família. A única coisa que muda de um para o outro é o modo como demonstro e administro esse amor. Creio que o amor é querer se ligar, conhecer o outro e estar com ele, é compartilhar essa experiência de estar vivo e aprender com isso. Aprender é o cerne de tudo — disse ele, concentrado, olhando para os próprios pés descalços sobre a grama. — O amor é isso, ou melhor, creio que deve ser isso. Desejo e paixão são outras coisas, assim como tesão, fascinação, curiosidade, necessidade, etc.

— Isso não responde minha pergunta.

— Claro que responde — ele para de andar e se volta para mais uma vez olhar nos meus olhos. — O que estou dizendo é que amo Renan, talvez não com a mesma intensidade que sinto para com outros, mas eu o amo, e ele é meu namorado simplesmente porquê meu amor e tesão andam juntos quando estou com ele. O amor nasce e é alimentado com o tempo, se aproveitando da compatibilidade das pessoas, e pode ser eliminado do mesmo modo. Foi ele quem esteve comigo quando mais precisei, e o que sinto por ele foi alimentado por esses atos. Mas o

que você quer saber é como eu pude ir para cama com você, sendo que estou comprometido com outra pessoa, e eu te respondo que qualquer pessoa está sujeita a desejos e situações inusitadas, independente do que elas sintam. Eu desejo você neste momento, e mesmo eu procurando propositadamente sua cama, ou não, meu sentimento para com ele continua.

De repente, aquelas palavras me machucaram tão profundamente que eu fiquei sem reação. Mas ele estava certo, não estava? Foi o outro que esteve ao lado dele, depois que o abandonei.

— Então, isso quer dizer... — comecei, sem conseguir manter a voz firme. — Quer dizer que é para ele que você voltará, quando tudo isso terminar.

— Para onde mais eu voltaria, Natã?

Seu rosto estava inexpressivo, e mais uma vez eram os olhos de Isabella que se apresentavam; olhos escuros e rígidos, detentores de sofrimentos secretos. E em meio àquela tensão, as palavras acabaram saindo da minha boca como que por conta própria.

— Você ainda me ama, André?

Ele pareceu surpreso. Fechou os olhos que lacrimejaram, respirando fundo, e, durante o pequeno intervalo de silêncio, lutou para esconder a raiva contida; a mesma raiva e mágoa que eu já havia notado antes. E sem olhar para mim respondeu:

— Eu o amo sim, Natã, mas... creio que não o suficiente.

Poucos minutos depois, Flávio ligou para informar que os vampiros Vanda Cardoso e Adrian Aigro estavam de volta ao Brasil e que, segundo eles, quando chegasse a noite do dia seguinte eles viriam nos encontrar no Casarão Violeta para discutir o assunto de maneira civilizada.

David, pensando nas conclusões que tal reunião poderiam acarretar, achou melhor que déssemos um jeito de tirar todos os não envolvidos no caso do Casarão Violeta, e concordamos. Com relação aos hóspedes não seria problema algum, pois só recebíamos dois casais naquele momento, sendo que um deles já estava de partida, e o outro poderíamos dispensar, um dia mais cedo, usando alguma justificativa mentirosa. Haveria alguma discussão sim, mas tudo se resolveria. A grande maioria dos funcionários moravam em Santa Sofia, e os que viviam na propriedade poderiam ser instalados em algum hotel da cidade, junto dos moradores do Casarão. Mas, dentre estes últimos, Madame Valquíria poderia ser um obstáculo difícil de ser removido.

— Não me importo com os mistérios de vocês, como bem vocês sabem, mas não vou admitir que tais mistérios afetem o bem-estar do Casarão — foi a primeira resposta dela, enquanto eu e David argumentávamos. — Não vou permitir, independente se este lugar agora for legalmente seu ou não, Natâniel!

— Madame, o Casarão em si não corre riscos — disse eu, sentindo o gosto da mentira na ponta da língua, pois eu não conseguia calcular quais seriam os resultados de tal encontro. Mas, por fim, conseguimos convencê-la, e tal mérito pertenceu mais a David Grenier, com sua voz mansa (e capacidade de escolher as melhores palavras, julgando pelo que se passava na mente de Valquíria) do que a mim mesmo.

Após o convencimento de Madame, o resto se mostrou bem menos problemático do que eu havia imaginado; na manhã do dia seguinte, o Casarão seria esvaziado, com exceção de David, Ricardo, Roberto, André e eu.

Tanto trabalho com negociações e preparação acabou sendo bom para mim, para ocupar minha mente, pois, as últimas palavras de André ainda me magoavam, assim como a lembrança ardente do que havia acontecido na noite passada. Eu buscava evitá-lo, e ele pareceu notar isso, ficando a maior parte do tempo em alguma sombra do jardim ou na varanda do segundo andar, escrevendo em um pequeno caderno que David o presenteou. Mas, o que eu podia esperar dele? Que ele me aceitasse de volta assim que eu estalasse os dedos, se esquecendo como eu o havia abandonado? E, ao mesmo tempo, eu perguntava a mim mesmo o que era que eu realmente queria dele. O que uma noite de amor repentino poderia significar em nossas vidas agora tão mudadas?

Mas isso não importava. Eu tinha coisas mais importantes para me preocupar. E dizendo isso a mim mesmo, dei continuidade aos preparativos.

André havia contado e recontado para Madame Valquíria, e para quem mais quisesse ouvir, sobre a assombração que sofreu na noite passada, e se recusava a dormir no mesmo quarto. Ele havia omitido o fato de ter ido dormir no meu, mas, de algum modo, todos pareciam saber do ocorrido de um jeito ou de outro. André se recusava até mesmo a caminhar pelo corredor próximo ao quarto do incêndio sozinho, e por isso ele agora ocupava o cômodo que havia sido usado pelo último casal a se hospedar no casarão.

À noite, por volta das onze horas, enquanto continuávamos reunidos na cozinha após o jantar, Ricardo pediu que André repetisse a história assustadora mais uma vez, fazendo perguntas detalhadas e parecendo se divertir a cada resposta sombria do escritor. E com isso, logo todos contavam suas próprias experiências assombrosas dentro e fora do Casarão, todos num tom bastante descontraído.

E foi justamente neste momento, enquanto eu me distanciava de todos, em direção ao banheiro mais próximo, que o telefone na recepção tocou. Eu disse a Letícia e a Ana que não precisavam se levantar, que eu mesmo atenderia, e foi isso mesmo o que fiz, enquanto os outros voltavam a tagarelar entre si.

— Alô — atendi, ainda descontraído, esperando a voz de Flávio com mais notícias e recomendações. Mas não era meu irmão, e sim uma voz que eu nunca

estaria preparado para ouvir.

— Olá, Natâniel — respondeu a voz feminina, suave e ligeiramente rouca. Uma voz sensual e simpática que atrairia a atenção de qualquer um para uma agradável conversa. Só que não foi este o efeito que se abateu sobre mim, muito pelo contrário. Aquela voz me paralisou completamente.

Aquela era a inconfundível voz de Flora.

— Espero não estar ligando tarde demais, meu querido, e espero que ninguém mais esteja ouvindo nossa conversa. Posso ficar tranquila em relação a isso?

Permaneci mudo, enquanto as batidas de meu coração aceleravam.

— Se for o caso, posso ligar mais tarde para que possamos conversar mais tranquilamente, mas é preciso que seja esta noite ainda, pois...

— Como descobriu esse número? — foi a única coisa que consegui dizer, e me senti meio tolo, mas era como se um furacão silencioso me desnortasse.

— Ora, não seja bobo, foi no catalogo, onde mais? O belo e famoso Casarão Violeta que hospeda casais que estejam em busca da paz e tranquilidade do campo. Nunca entendi como os fantasmas ajudam a criar o clima de romance, mas...

— O que você quer?!

— Calma, calma, calma! É melhor pensar bem, respirar fundo, não levantar mais o tom de voz e parar com esses rosnados idiotas, pois se um dos seus colegas lobisomens, junto daquele velho telepata, perceberem o seu estado e que é comigo que você conversa, desligo este telefone agora mesmo e você nunca saberá da maravilhosa proposta que eu tenho para te fazer.

E foi isso o que fiz, respirando fundo enquanto agarrava com tanta força a parte do encosto de uma cadeira próxima que eu podia ouvir a madeira rangendo e estalando sob meus dedos. Mas aquela situação me pareceu tão surreal que não foi muito difícil eu conseguir me acalmar, mesmo que meu corpo fosse invadido por ligeiros espasmos de puro ódio.

— Continue — falei num sussurro contido.

— Amanhã, bem cedinho, vamos nos encontrar para tomar um café da manhã. O que acha? Conheço um hotel em Santa Sofia que prepara um desjejum divino. Seria perfeito conversarmos nesse lugar.

— E qual seria o assunto?

— Nós, a vida, e qualquer outra coisa que você queira conversar, principalmente com relação ao seu jovem escritor. Posso ser de grande ajuda nisso, sabia? Na verdade, é justamente sobre este caso que quero tratar.

— O que sabe sobre isso?

— Mais do que todos vocês, meu querido, mas agora não é o momento, nem o meio apropriado.

— Não confio em você.

— E está absolutamente certo, Natã. Mas, você só tem o que ganhar. Venha sozinho e sem contar isso a ninguém. Tenho as respostas para as perguntas que o atormentam há décadas, assim como a resolução do misterioso interesse dos chupadores de sangue no escritor. Nos encontramos em algum lugar aberto, com muitos humanos inocentes e frágeis a nossa volta, onde nenhum de nós vai querer começar uma confusão repentina. E então, o que me diz?

— Onde a encontro?

— No restaurante do Hotel Girassol, na área aberta, às seis e meia da manhã. E não se dê ao trabalho de tentar me encontrar antes, eu não estou hospedada lá.

— Estarei lá.

— Mas, lembre-se, vá só.

Ainda permaneci por alguns longos segundos com o fone próximo ao ouvido, após a ligação ser encerrada. Eu ainda não acreditava no que havia acabado de acontecer. Flora me ligando. Flora, a minha criadora, tão evasiva e imprevisível, tão ausente, que para mim era quase uma lenda, um fantasma perigoso e desconcertante que desaparecia no ar quando ousamos nos aproximar. E eu agora havia entrado em seu novo jogo, seja lá qual ele fosse, e de que outro modo eu poderia agir? Sim, eu queria vê-la. Eu queria bombardeá-la de perguntas antes de arrancar-lhe o coração do peito. E sim, eu iria só, e deveria tomar bastante cuidado para que os dons especiais de meus companheiros não desconfiassem.

— Era nosso querido Flávio novamente? — perguntou Dolores, me despertando de meus pensamentos, enquanto recolhia algumas porcelanas da estante do bar sob a escada.

— Não, era apenas uma pessoa querendo saber sobre o Casarão. Bem, avise os outros que eu fui dormir, por favor. Estou morrendo de sono, e pretendo acordar bem cedo.

— Faça isso, meu filho, descanse. Boa noite.

— Boa noite — beijei-lhe os dois lados de seu pequeno rosto enrugado e sai pelas portas da frente do Casarão. Eu não iria imediatamente para cama, pois meu quarto era próximo demais da cozinha, onde os outros estavam, e eu temia não controlar meus pensamentos, que poderiam ser captados por David. Então corri para a mata e pus a fera em liberdade.

Eu não percebia, ou talvez negasse isso de um modo inconsciente, mas quando o horário marcado se aproximou, logo após o nascer do sol, eu estava dominado por uma incômoda euforia. Eu finalmente me encontraria com Flora. Eu finalmente poderia vê-la não só como uma personagem evanescente, saída de uma fábula sombria e sanguinolenta da minha infância, mas sim um indivíduo real, uma lobisomem de carne e osso, e voz, com as respostas que eu desejava. E tal euforia

não estava desligada a raiva e a mágoa em mim, mas sim conectados, numa perfeita corda trançada e desconcertante, que me envolvia, pronta para me enforçar.

O Girassol era um hotel de esquina, muito simples, localizado no extremo sul da cidadezinha, com a lateral de seu restaurante voltada para o começo de alguma propriedade rural, pois eu só conseguia ver mato do outro lado, cercado por uma velha cerca de arame farpado. Um meio fácil de Flora fugir, pensei. Eu ainda usava os mesmos jeans e camiseta preta que eu havia guardado sobre um galho de árvore antes de passar o resto da noite transformado em lobisomem, assim como os sapatos, que estavam ligeiramente sujos de lama. Não quis correr o risco de voltar para o quarto me trocar e encontrar alguém da alcateia.

Permaneci parado na calçada da esquina em frente ao estabelecimento, olhando ao redor e farejando o ar a minha volta. Um cachorro, apenas pele e osso, farejava pela calçada do restaurante. E humanos, apenas humanos, e eu podia ouvi-los trabalhando na cozinha do lugar, enquanto a rua continuava deserta. Mas havia outro cheiro, aquele cheiro sempre impossível de descrever; quente, cítrico, saboroso. Cheiro de lobisomem. E então a vi, uma silhueta acomodada na última mesa da área sob o longo toldo branco, posicionada justamente onde imaginei, de costas para o matagal. Caminhei em sua direção com cautela, sempre farejando e olhando por sobre o ombro, mesmo que alguma coisa em meu íntimo me dissesse para relaxar, que Flora sempre agia sozinha.

Fui cumprimentado por uma jovem e sonolenta garçonete que passou rapidamente por mim, assim que entrei na área externa. Um casal de jovens, também com cara de sono, tomava café e conversava morosamente, um de frente para o outro, e não me deram atenção enquanto eu passava ao lado de sua mesa em direção a mulher solitária ao fundo.

O que eu vi ao olhar para ela? Uma mulher atraente, como sempre foi, a pele negra sedosa, com aquele físico típico de lobisomens fêmeas; uma mistura perfeita de feminilidade e deliciosos músculos atléticos. Usava um delicado vestido branco, solto, com detalhes em renda, curto o suficiente para dar uma sutil amostra das curvas das grossas pernas cruzadas sob a pequena mesa redonda de tampo de vidro. O cabelo crespo e escuro estava cortado bem curto, o que evidenciava seu elegante pescoço e os belos traços do rosto; o nariz pequeno e ligeiramente largo, a boca muito carnuda pintada de vermelho forte, as maçãs levemente proeminentes, e olhos grandes, negros e cintilantes como duas pedras ônix sob as sobrancelhas sensualmente arqueadas. Fingia não me notar, enquanto se servia de um grande copo de suco e torradas com geleia.

Me sentei à mesa, diante dela, e simplesmente não consegui dizer e nem fazer nada. Eu só a estudava com os olhos, do sorriso largo em seus lábios às unhas negras em seus pés descalços. Então essa era a mulher que me assombrou durante

anos, a mulher responsável por abrir os caminhos tortuosos por onde andei, a tempestade violenta e imprevisível que mudou toda a paisagem da minha vida, sem nenhuma explicação ou justificativa.

Ela encheu um outro copo com o suco e o pôs na minha frente.

— Beba, está uma delícia.

Não toquei no copo e continuei mudo. Ela sorriu mais uma vez, me encarando. Seus olhos tinham um hipnótico misto de selvageria e inteligência. Olhos que poderiam facilmente seduzir ou amedrontar qualquer pessoa, mas que sempre passavam uma sensação de perspicácia.

— Quem diria que aquele menino magricela se tornaria um homem tão bonito, e um lobisomem tão forte — disse ela, cobrindo com geleia o lado de uma torrada. — Eu soube do que você fez para manter André em segurança. Senti orgulho, confesso — piscou o olho. — Tudo bem que eram vampiros jovens e tão prepotentes quanto fracos, mas mesmo assim, foi uma demonstração e tanto de força vindo de você, que sempre me pareceu tão dado a diplomacia, assim como Flávio.

— Flávio não é um fraco, muito pelo contrário — respondi de repente.

— E nem foi isso o que eu quis dizer.

— Devo tudo o que sou a ele — completei, e mais uma vez me senti um bobo, até mesmo infantil. Não era assim que eu devia me portar. Durante a noite inteira eu havia me preparado para àquele momento, escolhendo as frases que eu gostaria de dizer a ela, mas quando o momento finalmente chegou, eu só era capaz de soltar aquelas palavras tolas.

Flora deu mais um gole no suco, ainda mastigando a torrada ruidosamente, enquanto me encarava com aquela sua expressão ligeiramente debochada. E foi então que percebi que minhas mãos tremiam e suavam, e, pelo meu reflexo nas laterais do porta-guardanapo sobre a mesa, vi que meus olhos ganhavam o perigoso brilho amarelado. Eu precisava me acalmar, não podia estragar tudo como daquela vez...

— E eis que o momento chega — ela sussurrou, e sua expressão risonha se tornou quase maternal, se preparando para comer outra torrada, sem tirar os olhos de mim. — Faça as perguntas, Natâniel. Vamos abrir nossos corações.

A calma dela me incomodava, e até mesmo me feria, mas Flora estava certa; antes de procurar saber o que ela queria, o que sabia sobre André e sobre seu envolvimento com nossos inimigos, eu precisava fazer as perguntas que sempre me atormentaram. E por isso controlei minha raiva, engolindo o líquido gelado do copo à minha frente num único movimento.

Minha voz finalmente saiu, e seu som pareceu ferir minha garganta.

— Por que eu? Por que me escolheu?

Flora refletiu por alguns segundos, jogando um pedaço de pão para o esfomeado cachorro de rua que nos encarava da calçada ao lado.

— Não sei — respondeu por fim, inexpressiva.

Fiquei sem reação, buscando entender o que aquela resposta queria dizer, e o maldito som de mais uma torrada sendo mastigada em sua boca só me ofendia ainda mais. Me inclinei um pouco para frente, de modo ameaçador, encarando-a com fúria.

— Não sabe? É isso que tem a me dizer? — minha voz era um sussurro rosnado.

— Nosso primeiro encontro foi puro acaso, Natã, nada mais. Eu estava em meio àquela tempestade, encharcada, com frio, angustiada de fome. Um pouco louca também. Já passou pelo seu momento de loucura? Todos nós um dia passamos, uma hora ou outra... E pode ser que eu tivesse apenas engolido aquele filhote de cachorro que nasceu morto (lembra?) e partido em busca de algo ainda vivo e com mais sustância, quando você resolveu aparecer — disse, e sua voz era casual, quase tão inexpressiva quanto seu rosto. — Você, um moleque qualquer, magricela e não muito apetitoso, mas ainda assim vivo, com sangue quente correndo nas veias e um coração que desejei imediatamente. Você era alimento, do mesmo modo que os malfeitores são para você e sua alcateia iludida.

— Mas não foi isso o que aconteceu...

— Não, mas a minha intenção inicial era me divertir com você naquela cabana como uma gata se diverte com a comida. Só que então mudei de ideia, e pensei: *e se eu fizer com esse garoto aquilo que eu nunca havia feito antes?*

— Por que, o que eu tinha de diferente?

— Nada.

— Então, por que? — minha voz saiu em tom de súplica, para meu desgosto.

— Porque deu vontade. Porque eu queria saber se conseguiria, e como seria fazer um outro como eu. Talvez seja difícil para você entender e principalmente aceitar essa verdade, mas foi simplesmente isso o que aconteceu. Nunca existiu uma motivação especial, nenhum esquema misterioso ou romantizado. Aconteceu.

— Aconteceu? — repeti, tão furioso que minha voz quase não saiu. Eu estava por um triz de agarrá-la pelo pescoço, mas consegui retirar forças não sei de onde para me manter onde estava. Um casal de idosos, que havia acabado de se sentar não muito longe de onde estávamos, lançou olhares na minha direção.

Flora jogou mais um pedaço de pão para o cachorro na calçada.

— O que esperava ouvir, Natâniel?

Respirei fundo, fechando os olhos com força, me lembrando daquela terrível noite tempestuosa em que eu a vi pela primeira vez, a fera que se transformava na bela, como num conto de fadas apavorante, dançando e gargalhando com os braços

para o alto. Em seguida revi os corpos de minha mãe e de meu pai destroçados, o anel de minha irmã.

— Uma vida inteira destruída — sussurrei, mas eu sabia que ela ouvia claramente. — Uma vida inteira amaldiçoada. Tanto sangue em minhas mãos, tanto sofrimento... tudo por causa de um capricho de uma louca...

Me calei. Ela estava certa, o que eu esperava ouvir? Eu não tinha uma resposta para isso, a não ser que em meu íntimo eu havia esperado mais do que aquela simplicidade cruel. Abaixei a cabeça, escondendo as lágrimas que vieram de repente, lutando para escapar de meus olhos. Mas não, eu não deveria chorar na frente dela, seria humilhante, e me odiei completamente por querer chorar.

— Só estou lhe dando a mais pura verdade — ela disse, no mesmo tom.

— E acha que isso redime o que você fez?

— Eu não busco redenção, Natã. Nunca dei a entender isso. Eu tenho respostas a oferecer, não justificativas.

Virei o rosto para a rua. O cachorro esperava pacientemente mais uma caridade.

— Você destruiu tudo.

— Claro que não. Você está aqui diante de mim, inteiro, forte, lindo, cheio de grana e de pessoas que o amam. Você sobreviveu e achou o seu lugar, Natã, e estou feliz por isso.

Voltei a olhar para ela, sem lágrimas dessa vez, somente ódio.

— Então é isso? Você me fez... por pura casualidade, e depois simplesmente me abandonou, sem me ensinar absolutamente nada? Eu era sua responsabilidade!

Ela sorriu, os dentes muito brancos e perfeitos, ajeitando a alça do vestido que lhe escorregara pelo ombro.

— Tem razão, eu era responsável por você a partir daquele momento, e foi por isso que eu havia decidido matar você, assim que eu havia comprovado que eu era capaz de fazer aquilo que fiz. Nunca quis um pupilo! E naquele instante eu percebi que não poderia ser a mestra que você precisava. Eu havia acabado de criar amarras, e nunca me dei bem com amarras. Eu agiria como essas cadelas que devoram os próprios filhotes quando percebem que estes estão doentes e que não conseguirão cuidar deles. Foi isso o que eu decidi quando saí pela manhã, deixando você dormindo naquela cabana, mas quando eu voltei você não estava mais lá, e descobri que o filhotinho havia voltado para casa. E é claro que isso não me impediria de matá-lo, pois isso eu poderia fazer quando você se mostrasse só, ou eu poderia simplesmente dar cabo da família toda de uma vez. Mas então *aconteceu* de novo.

O cachorro na calçada se levantou nas patas traseiras para agarrar, ainda no ar, mais um pedaço de comida. Flora deu um sorriso e piscou um olho para o casal de idosos que a encaravam, claramente desaprovando o ato caridoso dela.

— Eu fiquei curiosa — ela continuou. — Eu queria ver o que aconteceria depois, quando a lua cheia chegasse. Será que meu filhotinho se mostraria forte como a nova mãe? Será que, assim como eu, você também encontraria o próprio caminho em meio as imprevisibilidades? Confesso ter me orgulhado de você.

— Então... então você assistiu tudo?

— Não, tudo não. E depois que você matou aquele coronel maluco e sua pequena tropa, eu fui embora. Você foi sensacional! Aquele foi o teste definitivo, você não precisava de mim.

— Você deixou que eu fizesse tudo aquilo...

— E por que eu deveria impedir?

Fiquei sem resposta, voltando a me recostar na cadeira, avaliando sua expressão relaxada. Ela realmente não parecia se importar. Minhas dores não eram nada para ela, e se um dia chegaram a ser, não lhe fazia mais importância.

— Eu o deixei para que encontrasse seu próprio rumo — ela continuou. — E durante o longo tempo que passou até nos vermos novamente eu senti curiosidade em saber como você estava. Infelizmente essa amarra eu não conseguia quebrar, por mais que eu a ignorasse. Mas, não pude voltar tão cedo, eu estava sendo caçada por pessoas desagradáveis na época, e em seguida outras coisas foram acontecendo, e mais outras... Ah, meu Natâniel, o mundo tende sempre a me engolir.

— Mas você voltou, para me destruir novamente — complementei, e um gosto tremendamente amargo tomou conta da minha boca.

As lembranças avançavam, claro, aproveitando o momento; eu revia a perseguição no bosque, uma bebedora de sangue tendo o coração devorado, a gargalhada de Flora... o rosto de Isabella antes de ter o corpo atravessado por minhas garras...

— Natâniel, alguém já lhe disse o quanto a sua inclinação ao dramático chega a ser constrangedora? A dor e a culpa são amarras desnecessárias, livre-se delas — disse, franzindo levemente as sobrancelhas, enquanto se servia de mais um copo de suco. — E é claro que não foi por isso que eu voltei, e sim por minha vontade de vê-lo, e para buscar refúgio também. Eu pensei em ter com você essa mesma conversa que estamos tendo agora, para quem sabe nos tornarmos aliados.

— Isso nunca será possível.

— Nunca diga nunca, não é o que dizem? E por que me coloca sempre como a bruxa malvada da sua fábula? Eu não sou sua inimiga, Natã, nunca fui. O que aconteceu foi trágico, eu sei, mas a vida é assim, e temos que respeitá-la por isso — deu mais um gole no suco antes de continuar. — Mas creio que nosso reencontro poderia ter sido melhor se não fosse seu amigo Flávio. Aquele desgraçado é tão esperto quanto bonito, e fora que eu não contava com o telepata

também. Humanos excepcionais são sempre imprevisíveis. Mas enfim, resumindo, é isso; na ocasião eu tive que fazer o possível, fosse o que fosse, para salvar a minha própria pele.

Me mantive imóvel enquanto ela falava e sorria. Eu usava todas as minhas forças para me manter imobilizado, sem nem mesmo piscar direito, pois eu era puro ódio, e qualquer movimento poderia desencadear a jura que eu havia feito a mim mesmo, de arrancar-lhe o coração.

— Como foi que soube onde eu estava? — perguntei por fim.

— Um lobisomem sempre encontra sua cria. Eu tive meus meios.

— Isso não é uma resposta satisfatória.

— Apenas porque isso na verdade não importa, estamos perdendo tempo, devíamos estar cuidando de assuntos mais urgentes. Como, por exemplo, retirar o escritor da confusão que ele acabou se metendo. Não é por isso que estamos aqui?

A menção a André no meio da conversa me fez perder a fala mais uma vez. As dúvidas e preocupações de como isso tudo tinha a ver com Flora, e como havia sido seu envolvimento e propósitos, exigiam instantaneamente mais de mim do que minhas lamúrias do passado. Minha curiosidade sobrepujou meu ódio.

— O que sabe sobre André?

— Eu conheço seu escritor bastante bem, até o ajudei a lançar o livro.

— O que está dizendo?

— Ora, foi uma surpresa quando eu descobri que você havia se apaixonado novamente, e logo por um garoto. Nunca imaginei que seus gostos fossem tão abrangentes, afinal, você sempre me pareceu um tanto... *limitado* — sorriu, balançando levemente a cabeça. — Mas só soube disso quando o relacionamento de vocês já havia terminado. Mesmo assim resolvi me aproximar, e gostei do garoto, principalmente da história que ele tinha para contar. É um livro maravilhoso, você leu? Então, sendo assim me ofereci para agenciá-lo no mercado literário. Ele me conhece pelo nome de Clarisse.

A pessoa que André havia ligado irresponsavelmente do telefone do Casarão, me lembrei, assustado.

— Não sabia que entendia do mercado literário — brinquei com as palavras, buscando usar o mesmo tom dela para esconder minha confusão, e quem sabe assim não me sentir tão por baixo.

— O que falta à grande maioria das pessoas é criatividade e imaginação. Qualquer coisa pode ser feita quando se tem interesse, determinação e um pouco de grana também.

— Pelo jeito não é apenas eu que está bem de vida.

— Não se engane, Natã, nunca fui ligada ao dinheiro de verdade. Quando necessito dele, eu o obtenho, quando não, me contento confortavelmente com a

roupa do corpo, e as vezes até mesmo sem ela. Mas, resumindo, se passar por quem eu queria e conversar com as pessoas certas, foi muito simples, e em poucos tempo o primeiro romance publicado do nosso jovem talentoso escritor já estava circulando pelo mercado.

— E qual era sua intenção ao fazer isso?

— Encare como um presente de uma amiga para alguém que você ama.

— Nada é tão simples, vindo de você.

— Às vezes é sim, ou será que não escutou nada do que eu disse até agora? Eu sou uma criatura simples, e é isso o que confunde as pessoas; pessoas como você e Flávio que necessitam de planos e mais planos complexos para o mundinho frágil que vocês ajudam a manter, sempre presos a essa moralidade humana a qual vocês nem mesmo pertencem mais. Comigo só existe a vontade e a concretização desta.

Apertei os olhos, buscando alguma brecha oculta em seu semblante calmo, e enquanto isso a ligação daquilo tudo começava a se formar em minha mente. Sim, eu começava a entender o que estava acontecendo.

— Os vampiros querem você, pois eles sabem da ligação entre você e André.

— Continue.

— Vanda e Adrian. Eles acharam que podiam controlar você, e por isso a contrataram para matar Hugo Drummond. Devem ter pagado bem.

— O suficiente.

— Mas agora que você voltou, e está de algum modo ligada ao humano que foi amante de um lobisomem membro da Valverde, temem que você possa entregar todo a conspiração deles. Por isso toda essa tempestade por causa de um mero livro, eles precisavam de uma desculpa para terem André e arrancarem alguma informação que talvez ele possuía.

— Garoto esperto — ela sorriu, piscando um olho para mim. — Mas não dê muita credibilidade à Vanda Cardoso, ela é tão obtusa quanto é bonita. O cérebro da conspiração é o vampiro Adrian, como bem pode imaginar. Ela é um fantoche na mão dele. Adrian é um manipulador maldito viciado em luxo e poder, mas ao mesmo tempo é um malandro preguiçoso; ele é apaixonado pelo poder, mas odeia ter que administrá-lo.

— Pode provar isso que está dizendo?

— Posso abrir a minha mente para seu amigo David. E não estou revelando nada que vocês não tenham pensado antes, além da minha ligação com André. Só preciso confirmar o que todos já desconfiavam, e podemos fazer isso juntos. Você e eu, desmascarando a corja de sanguessugas, o que acha?

— Acho essa sua atitude muito suspeita. Por que eu confiaria em você?

— Porque você precisa. Porque sou a solução para os problemas de vocês, e isso você não pode negar. E porque eu quero ver o que acontece! Pense em como

nossa espécie já sofreu na mão deles séculos passados, pense nessa guerra fria que ainda mantemos, disfarçada de diplomacia. Humilhar esses desgraçados já é motivo suficiente, além de cometermos *justiça* e a salvação do seu amado.

Eu acreditava nela. Talvez a ligação entre nós confirmasse as intenções dela. Flora, independentemente de qualquer coisa, era o que precisávamos para acabar com aquela crise, e isso nem mesmo eu poderia negar. Mas mesmo assim não consegui responder, eu só a encarava, envolvido em emoções complexas e confusas. De algum modo, era bom estar ali, naquela mesa, ouvindo tudo o que ela me dizia. Era uma sensação nova, algo que arranjava um espaço próprio dentro de mim, entre o ódio e a mágoa.

— Bem, se tudo isso ainda não for suficiente, — continuou ela — posso acrescentar algo mais ao que você pode ganhar concordando comigo. Se sua raiva ainda é tão inabalável, você e seus amigos terão a chance de pegar a mim no processo.

— E o que me impede de fazer isso agora?

— Não creio que você conseguiria, além de perder essa grande oportunidade que eu estou lhe dando. Fora que, você sempre pode tentar me matar depois.

Fiquei mudo mais uma vez. Ela esperou pacientemente, enquanto bebia seu suco, já sabendo que não havia outro caminho para mim, eu aceitaria sua proposta.

— E o que você ganha com isso tudo, Flora? — perguntei, por fim.

— Satisfação.

Briga de Cachorro Grande

O meu conflito íntimo foi inevitável. Depois de todos aqueles anos eu havia tido finalmente a chance de cumprir minha promessa de vingança, mas nada fiz. Era tão estranho aquela situação, que ter estado e conversado com Flora me aparentava ter sido um sonho, um acontecimento muito distante da realidade. Eu acreditava que tinha feito a escolha certa, aceitando sua proposta, mas era impossível evitar o gosto amargo da sensação de ter traído a mim mesmo no processo, de ter perdido algo importante que já fazia parte de mim. Tudo isso pela alcateia e por André, repetia isso a mim mesmo. Eu teria outra chance de acertar as contas com ela depois. Me apegava a essas palavras em busca de algum conforto, sem resultado, enquanto voltava para o Casarão.

O primeiro que encontrei foi Roberto, e expliquei a ele que eu havia passado a noite na mata, me preparando para o que poderia acontecer hoje à noite. Não era do perfil de Roberto se interessar pelo o que eu fazia, e por isso ele não fez muitas perguntas, e ao invés disso me contou que o Casarão Violeta já estava se esvaziando, restando somente ele, o irmão, David e André. Flávio havia acabado de ligar, dizendo que chegaria a noite, junto do resto da alcateia e de alguém que poderia pôr um fim na situação. Ouvi tudo atentamente e disse a ele que devíamos nos reunir quando o Casarão estivesse livre para acertarmos os últimos detalhes antes da chegada dos vampiros, mas que naquele momento eu precisava dormir um pouco, e que, por favor, ele dissesse isso aos outros.

A mente dos lobisomens é bastante complicada de se ler normalmente, e Flora havia me dito que se eu deixasse os pensamentos da fera participar dos meus enquanto eu conversasse com um telepata, minha mente ficaria tão complexa de sinais e sensações que, mesmo não prejudicando totalmente minha linha de raciocínio, confundiria até o telepata mais poderoso. Mas não era só por isso que eu queria evitar encontrar David e os outros agora, e sim porque eu estava realmente cansado, um cansaço mental e que afetava todos os meus membros, como se só então o peso de tudo aquilo descesse sobre meus ombros, e meu corpo exigisse o descanso merecido. Roberto concordou daquele modo seco dele e me deixou entrar em meu quatinho e fechar a porta.

Para minha surpresa, André estava lá, deitado em minha cama, sob os lençóis, virado para a parede, aparentando dormir. E sem me despir, só tirei os sapatos, me deitei ao lado dele, cansado demais até para lhe dar alguma atenção.

— Me desculpe, eu não consegui dormir lá em cima e acabei vindo pra cá — disse ele baixinho, com a voz de quem acabava de acordar. — Eu sei que é estranho, mas, é como se esse quarto me passasse uma segurança especial, com ou sem você nele.

— Sem problema — respondi, os olhos se fechando.

O sono me envolvia como uma música acolhedora, relaxando meus músculos sobre o colchão, e o cheiro de André impregnado em tudo só me deixava ainda mais confortável.

— Natã — a voz dele tentava me trazer de volta.

— Diga.

— Se eu morrer hoje à noite, eu...

— Isso não vai acontecer — respondi de imediato, sem mudar o tom sonolento de minha voz, sentindo o calor das costas dele encostado em meu braço esquerdo.

— De todo modo, me desculpe...

A voz dele estava distante enquanto eu mergulhava cada vez mais no mundo dos sonhos, e mesmo assim eu percebia o medo e a tristeza em suas palavras. Eu quis dizer algo que o confortasse, dizer que entendia se ele não me amava mais como antes, e que admirava sua sinceridade, que tudo ficaria bem, mas o sono já havia me vencido, e o máximo que consegui fazer foi girar o corpo para o lado e descansar meu braço direito em volta de seu corpo.

Dormi bastante, e só fui acordar quase às seis da noite, isso porque Ricardo veio me chamar. Tomei banho e vesti calça e paletó pretos, o que para nossa alcateia era até um tipo de uniforme. Todos na casa estavam vestidos do mesmo modo, com exceção de David que na grande maioria das vezes se vestia de branco, e para algumas pessoas inevitavelmente lembrava as imagens da entidade Zé Pelintra, das religiões afro-brasileiras. André também se destacava de nós, em seu estilo mais jovial, de calça *jeans* preta, tênis escuros e camiseta vinho com grossas listras de cor bege, o cabelo escovado formando um topete que lhe dava intencionalmente um ar de garoto dos anos oitenta.

Todos se reuniram à mesa da cozinha, repassando as últimas informações, enquanto ceávamos um adiantado jantar. Flávio havia ligado há poucos minutos, enquanto eu me banhava, e confirmou que chegaria por volta das vinte uma horas, trazendo dois juízes da Noite que poderiam julgar o caso com justa imparcialidade, e que caso os vampiros chegassem mais cedo, o que era uma possibilidade, devíamos improvisar num modo de ganhar tempo.

— Eles certamente trarão um telepata com eles, para filtrar os pensamentos comprometedores que eu possa ler em suas mentes — disse David. — Mesmo assim posso ler algo que possamos usar para fazê-los baixar um pouco a guarda, ao mesmo tempo que cuidarei da proteção da mente do próprio André, pois vampiros, mesmo em menor grau, também são telepatas, e podem muito bem usar alguma lembrança ou pensamento das pessoas, distorcendo-os, contra elas mesmas.

André escutava tudo atentamente, em silêncio. Eu podia sentir o cheiro de sua tensão cada vez mais crescente, enquanto seu semblante buscava inutilmente esconder isso.

— Temos também que nos preocupar com a segurança em geral — acrescentou Roberto, no seu costumeiro tom de voz objetivo. — Vamos nos posicionar no canto norte do salão de entrada, próximo ao bar, de costas para a escadaria. Lá não teremos janelas às nossas costas, caso algum deles queira surpreender nos atacando pela retaguarda, e a escada pode nos dar uma retirada emergencial. Eu me manterei ao lado de David, e André deverá ficar sempre entre vocês dois — apontou para mim e Ricardo.

Conversamos em seguida sobre outros detalhes: Os lobisomens Bianca e Daniel, junto da alcateia brasiliense de Agustina, ainda acompanhavam o paradeiro da família de André, assim como de seu namorado e melhor amigo, mas nenhum deles havia sido ameaçado de nenhum modo. Madalena Barddom estava sendo de grande ajuda, como esperávamos, pois havia conseguido contatar o marido, o vampiro ancião Uther Barddom, e este se encontraria com Flávio o mais rápido que pudesse.

A esperança da alcateia era que até o fim daquela noite, conseguíssemos fazer com que os vampiros se mantivessem afastados permanentemente de André, e esperávamos também evidenciar o "provável" envolvimento de Adrian e Vanda no assassinato de Hugh Drummond, assim como sua verdadeira intenção na caçada ao escritor. Já eu tinha outro plano, um elemento a mais que infelizmente, ou não, poria por terra o "pacifismo" de nossa reunião, pois com Flora nada acontece de modo simples.

Eu me lembrava disso, tendo o cuidado de deixar a fera em mim participar de tais pensamentos, e mais uma vez David não pareceu notar. Na verdade, talvez meu cuidado nem fosse realmente necessário, pois a atenção do telepata não estava voltada para mim de modo algum. David não costumava bisbilhotar as nossas mentes, dizia não achar isso nenhum pouco educado.

A tensão misturava-se a excitação em todos nós, e quando, por volta das oito horas, os ouvidos dos lobisomens presentes captaram o som de veículos na estrada ao lado da propriedade, foi como se o tempo tivesse sido paralisado nos segundos

em que trocamos olhares que reforçavam nossa cumplicidade. Éramos uma alcateia, e estávamos prontos para a guerra.

Todos se adiantaram para o salão principal. Ricardo e eu posicionamos os sofás e cadeiras para que ficássemos na posição e no local que havíamos planejado. Roberto abriu as grandes portas duplas para que os nossos visitantes entrassem por conta própria, enquanto esperávamos sentados, com ele e David ocupando as duas poltronas à direita, e André sentado entre Ricardo e eu no sofá grande.

André, ao ouvir as portas dos carros sendo abertas e fechadas, começou a tremer discretamente. Ricardo sorriu para ele, aquele seu sorriso aconchegante que brotava mesmo nos momentos mais tensos.

— Relaxa, moleque — disse, bagunçando o cabelo dele.

André sorriu de volta, de modo forçado, e sua mão procurou a minha, como que por instinto, e eu apertei com resignação seus dedos longos e finos, demorando meus olhos nos seus.

O inconfundível cheiro, como sempre, precedeu a chegada dos vampiros.

Adrian Aigro era todo sorriso, sedutor, os olhos vermelhos se destacando na pele pálida, o longo cabelo roxo escuro preso às costas por uma presilha com intrincados detalhes em prata. Caminhava como um grande felino predador, trajado de modo exuberante, calça social branca, assim como a camisa justa e esticada sobre os músculos robustos do peito, sob um pesado casaco violeta com botões e ornamentos em prata, e de prata também era feito os bicos finos de seus sapatos reluzentes, que mais pareciam pequenas armas brancas. Tais elementos unidos lhe davam um visual que mesclava a elegância e fluidez da moda contemporânea com a extravagância detalhada apaixonante do rococó.

Vanda não ficava muito atrás, bem mais baixa que ele, dentro de um vestido preto brilhoso que comportava sensualmente suas curvas macias e ligeiramente rechonchudas. Uma beleza em sapatos de salto muito alto e um chamativo colar de pérolas no pescoço, e lábios carismáticos, assim como seus grandes olhos castanhos de brilho esmaltado, tão chamativos quanto a beleza das ondas de seu cintilante cabelo loiro chegando a cintura.

Um casal e tanto eles formavam, entrando no Casarão Violeta como se fossem as celebridades mais esperadas de um famoso evento social, seguidos de outros cinco vampiros mais jovens, quatro homens e uma mulher. E reconheci a mulher no mesmo instante, a branquela de cabelos castanhos, usando calça social e terninho, que olhava diretamente para mim com um ódio indisfarçável, buscando camuflar a ausência do braço que eu havia mutilado e que demoraria talvez anos para se regenerar por completo, já que o pedaço faltante se perdera no fundo do lago Paranoá.

— Ora, ora, quando nos deram o endereço deste lugar, pensei que se tratava de algum tipo de sítio pobre e fedorento, mas olhe para este salão! Que lugar maravilhoso! — disse Vanda, de modo afetado, apertando o braço do vampiro ao lado como uma criança deslumbrada.

Adrian riu e lançou seu olhar penetrante para cada um de nós.

— Nem só de caçar e correr livre pelo mato, cheirando um o rabo do outro, vivem as feras selvagens, minha cara, muito menos a alcateia Valverde — ele respondeu, demorando seu olhar sob os de André, enquanto se sentava nas confortáveis cadeiras a nossa frente, sem esperar por nosso convite.

A vampira mutilada e mais outros dois se mantiveram de pé, logo atrás do casal, já os outros dois vampiros machos haviam saído para montar guarda no quintal, e assim que estes saíram pelas portas duplas, um humano entrou. Um telepata, claro, o mesmo que David havia enfrentado no palacete da governadora em São Paulo, o magricela menino negro de olhar assustado que com o passar dos anos se transformou num homem mudo e totalmente inexpressivo. Vanda o puxou delicadamente para que ele se sentasse entre ela e Adrian. A vampira de cabelo castanho se aproximou ainda mais, seu ódio a mim era tão visualmente declarado que até mesmo sua boca estava entreaberta, exibindo os dentes trincados com as pontiagudas presas em evidência.

— Bem-vindos ao Casarão Violeta, Governadora Vanda e Sr. Adrian Aigro — começou David, usando seu tom mais polido, como se estivesse dando início a uma mera negociação empresarial. — Espero que a viagem tenha sido agradável.

— Não foi nada agradável, e deveras demorada, mesmo resultando neste belo lugar — Vanda respondeu, fitando mais uma vez o salão.

— Verdade, minha dama, — Adrian complementou, tomando a palavra, enquanto acariciava a mão esquerda da loira — mas é preferível não nos estendermos em tópicos desnecessários, vamos direto ao ponto.

Era claro que eles não deviam se demorar, sabiam que buscávamos ganhar tempo. Os outros três vampiros mais jovens estavam imóveis e mudos, mas vez ou outra, muito discretamente, olhavam para André, e talvez o nosso escritor percebesse isso, que era a iguaria mais jovem e succulenta do recinto, pois o cheiro do seu medo nos envolvia a todos.

— Por que a pressa, Adrian? A noite está só no começo — provoquei.

— Lembre-se que infelizmente, Natâniel, nós vampiros só temos a ela, eternamente — ele respondeu, o sotaque francês mais carregado, sem perder o sorriso. — Então que passemos ao...

— Me parece até que ele teme algo — interrompeu Roberto, comentando com o irmão em alto e bom som.

Adrian o fuzilou com o olhar rapidamente, mas voltou a sorrir, e explicou que ainda precisariam resolver outros assuntos ainda aquela noite, e por isso estavam apressados. David não estava gostando da nossa provocação e nos disse mentalmente para nos acalmarmos. *Acalorar os ânimos agora só nos atrapalhará*, disse nosso velho, e se o outro telepata também captou as palavras não deu a entender.

— O Sr. Aigro está certo, — David começou, na sua voz lenta e melodiosa — não vamos nos demorar em assuntos insignificantes. E sendo assim, gostaria que a governadora se expressasse, que nos pusesse a par, nos mínimos detalhes, de vossa preocupação e desejos com o caso aqui discutido. Por que nosso querido amigo André Lobo, de muita estima a nós, devo ressaltar, está sendo caçado e ameaçado por membros de vossa espécie e responsabilidade?

Vanda trocou a posição do cruzar de pernas e pousou as mãos sob os joelhos, olhando para o parceiro antes de começar a falar, como se precisasse de seu apoio até mesmo para isso.

— Caçado? Caçado é uma palavra que soa um tanto exagerada, Sr. Grenier — ela disse. — E não estamos o ameaçando, e sim buscando respostas. Afinal, é do conhecimento de todos aqui presentes que o protegido de vocês é uma ameaça aos segredos da Noite.

— Não vemos o caso desse modo tão preocupante, minha senhora.

— Como não? Por acaso negam que um livro foi escrito, chamado *A Fera Interior*? Negam que tal livro possui ricos detalhes sobre o que são os lobisomens, informações que podem revelar ao mundo a existência de tal espécie, e por conseguinte a nossa? André Lobo é uma ameaça sim ao véu que nos protege, e deve ser levado em custódia para que nos diga como conseguiu tais informações.

David sorriu.

— Perdoe-me, governadora, mas tudo isso me soa um exagero. Não negamos que um livro fora escrito, mas o que há de preocupante nos textos de tal obra? Que certos homens podem se transformar em feras sob a influência de uma maldição? Que a lua, de algum modo, pode ser desencadeadora da transformação? Que tais criaturas vivem disfarçadas de humanos comuns em meio a humanos comuns? Tais informações, em maior ou menor grau, não diferem de outras milhares de obras presentes nas histórias literárias e cinematográficas. Afinal, os homens lobos não são uma das *lendas* mais antigas do mundo? Essas histórias, mesmo que pequem ou exagerem em alguns ínfimos detalhes, não chegam ao conhecimento dos humanos, criando raízes em sua cultura, desde que estes próprios começaram a pôr as ideias em palavras? André não foi o primeiro humano a escrever sobre as criaturas da Noite, e nem será o último.

— Mas é o primeiro, na contemporaneidade, a expor informações absolutamente verdadeiras, David — rebateu Adrian.

— Sim, mas são informações que, por mais certas que sejam, serão sempre vistas como ficção. O mundo não acredita realmente em nós, faz parte da sociedade atual não acreditar em certas coisas. O mundo é cheio de cristãos que não acreditam realmente em deus, de ocultistas que não acreditam em magia. Podemos crer até que a humanidade não acreditaria em nós, mesmo que nos revelássemos. E repito: é um livro de ficção, meus caros, uma história de amor, muito poética e bem escrita, e que não é muito diferente dos outros vários romances de fantasia que se amontoam nas prateleiras das livrarias. Nem mesmo os personagens são verdadeiros.

— Os nomes dos personagens talvez não sejam, mas tais personagens existem — Vanda voltou a argumentar. — Ou vão negar que a história contada no livro não é baseada no tórrido caso de amor entre o autor e um membro da alcateia Valverde? Às vezes me parece até, Sr. David Grenier, que a Valverde pode muito bem ser cúmplice nessa transgressão.

— A governadora fala como se houvesse algum tipo de intuído conspiratório de nossa parte...

E na sua bela voz arrastada, David começou basicamente um longo monólogo sobre a postura e comprometimento da Valverde com as leis da Noite, claramente estendendo os argumentos ao máximo, chegando a filosofar, e até mesmo a ser redundante em alguns pontos, e tudo isso enquanto, por mais que não fosse perceptível ao restante de nós, uma violenta batalha mental era travada entre ele e o telepata rival. Adrian notava e se irritava com a tática do nosso velho para ganhar tempo, enquanto Vanda era forçada a argumentar, dando voltas no mesmo ponto, e isso só fazia com que o clima da reunião se tornasse pouco a pouco mais tenso.

Já eu também fazia de tudo para trabalhar minha paciência, pois sou feito de um material mais sólido e rústico, nunca tive paciência para papo furado e eufemismos, ainda mais sendo o lobisomem que sou, lutando constantemente com os sentimentos selvagens em mim. De todo modo eu estava focado em outro plano, um que consistia em muito mais do que segurar os inimigos até que os reforços necessários chegassem. Mas foi o nosso escritor quem resolveu sair da amedrontada imobilidade, cortando um argumento de Vanda.

— Isso é uma idiotice, e eu não aguento mais ficar ouvindo isso como se eu, o centro da conversa, não estivesse aqui! — exclamou ele, levantando a voz ainda um pouco hesitante.

— E não é que ele fala! — sorriu Adrian, de modo sínico.

— Sim, eu falo — André rebateu, mostrando uma impressionante coragem. Seu medo era forte, claramente perceptível, mas seu olhar era desafiador, mesmo que a

foz vacilasse vez ou outra. — Até toda essa loucura começar eu não tinha real conhecimento da existência de vampiros. Eu conhecia um lobisomem sim, me relacionei com ele sim, mas tudo o que escrevi em meu livro foi baseado apenas no pouco que consegui observar e arrancar dele, já que ele evitava me contar as coisas dessa... dessa Noite que vocês tanto se preocupam! Fora isso é ficção! Ficção! É neste gênero que o livro está classificado! Todo esse argumento repetitivo e *mimimi* só por causa de um livro? E ainda tem a cara de pau de dizer que eu não fui caçado? Não foi essa mulher mesmo aí atrás quem tentou me matar?

— Eu estava tentando te levar para depoimento, mas você resistiu, e a ocasião só se tornou violenta por causa que o *seu cachorro* nos atacou — a loira mutilada se defendeu, mas resolveu se calar com um sinal de Adrian.

— Claro, e você e sua cambada foram super paz e amor na ocasião!

— André, deixe que David volte a falar, se acalme — disse Ricardo, puxando amigavelmente o jovem, que havia se levantado em protesto, de volta para o sofá.

Adrian riu baixinho com a cena, e pode ser que eu tivesse feito o mesmo se não fosse minha tensão, pois era realmente cômico ver André, feito uma criança abusada, apontando o dedo para Vanda.

— Isso basta! — rilhou a governadora, deixando as presas aparecerem. — Eu, como uma governadora dos imortais da Noite, exijo que André Lobo seja entregue a nós sem mais delongas, para que o caso seja investigado sob as leis da...

— Peço perdão, governadora, mas o escritor não sairá de nossa proteção até que nosso líder, Flávio Valverde, chegue — David rebateu, com toda a calma do mundo. — Então peço que todos tenhamos paciência.

Vanda voltou a argumentar, e a reunião tornou-se o redemoinho maçante de vozes mais uma vez. E em meio a isso acabei pensando em Flora, descuidadamente, sem notar que a fera já não participava dos meus pensamentos, pois, sem que ninguém percebesse, enfiei minha mão esquerda no bolso e pressionei a tecla do celular, enviando uma mensagem pré-escrita para a minha criadora. Era o momento. Droga, e eu só percebi meu erro tarde demais, pois quando dei por mim, David me encarava com um choque disfarçado. E foi neste instante que o telepata mais jovem pediu a atenção de todos, sem nada a dizer, apenas levantando a mão direita.

— Emanuel, o que foi? — Vanda indagou, ligeiramente confusa.

Mas foram os dois telepatas na sala que responderam quase que em uníssono.

— Os guardas no quintal estão mortos!

E antes que qualquer um de nós pudesse mexer o primeiro músculo em reação, uma das grandes janelas que dava para o jardim estourou. Uma chuva de cacos de vidros caiu sobre todos nós, junto com o corpo sem vida de um dos vampiros que montavam guarda no quintal, caindo seco sobre a mesa de centro que nos separava,

com um enorme buraco no peito, por onde o coração havia sido arrancado, esguichando sangue.

No segundo seguinte girei, saltando para trás do sofá, puxando André comigo, no estante exato em que uma enorme lobisomem de pelo preto eriçado surgia em meio ao caos e abocanhava a cabeça de um dos guardas de Vanda, a poderosa mandíbula esmagando o crânio impiedosamente, enquanto agarrava o pescoço do jovem telepata sentado à frente. O pescoço do homem foi dilacerado com tanta facilidade e brutalidade que a cabeça foi praticamente separada do corpo, mantendo-se presa aos ombros apenas por umas tiras de carne.

— TRAIÇÃO! EMBOSCADA! — Vanda gritou, se distanciando da fera, em desespero. — Matem todos!

— Não, espere! — Adrian protestou, puxando-a pelo braço e se preparando para se defender, mas a ordem já estava dada.

Roberto e Ricardo se transformaram em questão de segundos, fazendo com que os pedaços rasgados de suas roupas voassem pelo ar, e o impaciente lobisomem Roberto foi o primeiro que atacou, saltando sobre o último guarda vampiro do sexo masculino, destroçando-o sem muita dificuldade. Já a vampira sem um braço veio diretamente no meu rumo, e eu já assumia rapidamente minha forma de fera, quando Ricardo a pegou no caminho. Mas a loira o enfrentou bravamente, chegando até mesmo a jogá-lo para longe com um ligeiro movimento de pernas.

O pandemônio estava instalado no salão. Flora e Roberto enfrentavam Vanda e seu amante, praticamente de igual para igual. André escapou da minha proteção e correu em direção a um David caído no tapete com um corte na cabeça de onde escorria sangue, pois havia sido acertado por uma cadeira que Adrian jogou em sua direção, e André, movido por alguma insanidade repentina, atirou e acertou em cheio uma das garrafas de vodka do bar na cabeça da vampira loira, que se preparava para atacar o velho telepata desacordado. A loira, ainda mais furiosa por ter sido ferida por um simples humano, tentou agarrá-lo, mas eu fui mais rápido e a derrubei no chão, e, com a ajuda de Ricardo que se juntava a mim, despedaçamos o corpo da maldita com nossas garras e dentes. Arranquei o coração quente do meio do tronco estraçalhado e o engoli, uivando em seguida. A lobisomem Flora olhou diretamente para mim enquanto lutava, e pareceu sorrir, e logo em seguida rosnou alto e cheia de autoridade.

Era um rosnado de comando, algo que os alfas como Flávio costumavam fazer para exigir atenção. Ricardo, Roberto e eu paramos nossas investidas, saboreando o sangue de nossos inimigos derrotados ainda em nossas línguas, e cercamos os dois poderosos vampiros restantes, enquanto André puxava o inconsciente David para detrás do bar, numa tentativa de mantê-lo mais protegido.

Adrian, furioso, cabelo roxo escuro solto do prendedor, com a calça branca manchada de sangue e o exuberante casaco transformado em um amontoado de trapos sobre os ombros, com os intimidadores olhos vermelhos cintilando, assumiu uma postura mais digna enquanto voltava a sorrir, um sorriso largo e tão ameaçador quanto seus olhos.

— Vocês tiveram uma péssima ideia — disse ele, acariciando uma descabelada Vanda com o vestido negro rasgado e com profundos arranhões pelo corpo que se curavam lentamente. Ela era forte, sangue de vampiro antigo circulava em suas veias, quase tão forte quanto ele, mas era perceptível que não era uma guerreira de forma alguma; havia tentado se defender como pode, usando sua velocidade vampírica, mas foi bastante ferida e até perdeu alguns dedos das mãos no processo.

— Natã, — exclamou André atrás do balcão do bar — David está acordando, mas ele tá sangrando muito!

Rugi ameaçador, dando um passo na direção de Adrian, pronto para arrancar o sorriso da cara dele, mas mais uma vez fui impedido pela loba que começava a voltar a forma humana. Foi um choque para todos, quando a fera foi perdendo o tamanho assustador, quando os pelos escuros voltaram para dentro da pele, ou caíram, se desintegrando em seguida, revelando as belas curvas rígidas e torneadas de uma mulher; as panturrilhas fortes, quadris e seios generosos arquejando devido a transformação. E o que realmente me impressionava era que ela não parecia ter pressa, era como se no lugar da dor que sentíamos na mutação, ela sentisse prazer, e talvez fosse isso mesmo.

— Clarisse! — André gritou, olhando assustado para a mulher que o ajudou a publicar o livro.

Flora deu um sorriso de reconhecimento, passando a mão direita pelo cabelo curtíssimo.

— Olá, André — ela respondeu, e antes que o escritor, chocado, dissesse mais alguma coisa, ela fez um gesto para que ele se calasse, assim como todos os outros. O sorriso de Adrian diminuiu, e Vanda me parecia mais pálida que o normal.

Flora caminhou até uma cadeira tombada, a ergueu do chão e se sentou cruzando as pernas. Eu não podia mais negar o encanto que ela possuía, independente do que eu tivesse contra ela, era um encanto sensual e desafiador, não parecia temer a nenhum de nós, imponente e bela como os grandes mamíferos predadores. Uma onça preta atenta, nua, emanando inteligência, esperteza e uma perigosa imprevisibilidade, tudo isso coberto pelo verniz da beleza inquestionável em suas formas voluptuosas.

— Em primeiro lugar, não era a minha intenção inicial fazer uma entrada tão espalhafatosa, e eu pediria desculpas, se eu fosse do tipo que pede desculpas, mas... é que eu simplesmente não aguentei a tremenda *chatice* que foi toda essa conversa

de vocês — ela começou a dizer, descansando as mãos sobre a coxa. E não sei se foi devido ao choque que causava sua repentina presença, mas todos permaneceram calados enquanto ela continuava, como se todos nós fôssemos personagens congelados numa imagem de TV. — E por isso resolvi ajudá-los. Não são respostas que procuram? Eu as tenho e estou disposta a dá-las visando em troca apenas a diversão que tudo isso aqui está me proporcionando.

— O que essa mulher faz aqui? — Vanda perguntou, assustada. — Ela está sendo procurada pela justiça da Noite...

— Ainda estou sendo procurada por isso? Meu Deus, mas como vocês são rancorosos — rebateu Flora, sarcástica.

— Prendam-na! — ordenou Vanda, como se tivesse alguma autoridade sobre nós. Adrian se manteve calado e inexpressivo, e achei isso um perigo.

Flora riu com a ordem, uma gargalhada rápida e exagerada.

— Cale a boca, pois agora é minha vez de falar, e todos aqui já estão cansados da sua voz de mulherzinha fútil e desmiolada — disse à governadora, após parar de rir, assumindo um tom de voz baixo e cheio de autoridade. — Eu tenho uma história para contar a todos vocês, e espero que nosso velho telepata enxerido esteja consciente para confirmá-la, pois minha mente hoje está aberta como um túmulo violado, assim como o meu coração.

O lobisomem Ricardo grunhiu para mim, dizendo que não confiava nela, mas eu rosnei de volta, pedindo que ele esperasse. Olhei para André, que estava tão branco quanto um vampiro, mas ainda assim pressionava a ferida na cabeça de David com um pano e segurava sua mão direita, os dedos do velho se mexiam como que respondendo à pergunta de Flora.

— Era uma vez uma morceguinha que queria o poder — retomou a loba, sem tirar os olhos dos vampiros. — Essa morceguinha, muito gananciosa, mas sem muita imaginação, se chamava Vanda Cardoso, um bichinho bebedor de sangue que, por mais que se esforçasse, não conseguia alcançar seu objetivo, pois o desejado poder pertencia a outro de sua espécie. E foi por isso que a morceguinha resolveu pedir a ajuda da loba malvada aqui, para que assim ela tirasse o obstáculo Hugh Drummond do caminho, tomasse seu lugar como governadora, e ainda jogasse a responsabilidade pelo ocorrido à espécie na loba má.

— Nos poupe de seus disparates! Acha mesmo que alguém irá... — Vanda levantou a voz, apontando os dedos mutilados.

Flora gargalhou, tão alto que abafou a voz da governadora. E eu sabia que já estava feito, David, mesmo em seu estado debilitado, lia tudo na mente dela.

Vanda protestava e começava mais uma ladainha patética em vão, enquanto Adrian passava a encará-la de modo estranho, sem sustentar seu costumeiro sorriso, como se também estivesse chocado com tais revelações sobre sua

companheira. E foi neste instante que nossa sensível audição captou o som de um helicóptero sobrevoando as terras do Casarão Violeta. Flávio havia finalmente chegado.

A vampira ficou muda ao ouvir o som, sustentando uma expressão tola de dar pena.

Ricardo decidiu voltar a forma humana e pediu para que todos buscassem se acalmar, que agora o chefe da alcateia havia chegado, junto de um vampiro ancião, para ouvir a todos. Mas Vanda não se calou, voltando a levantar ameaças à Flora, calando-se apenas quando o vampiro macho lhe chamou a atenção.

— Vanda, isso é verdade? — Adrian perguntou, usando todo o seu poder de dissimulação, segurando carinhosamente a nuca da mulher com a mão esquerda, como se estivesse a ponto de beijá-la.

— Mas Adrian... — ela tentou responder de volta, visualmente confusa com a pergunta dele; estava aterrorizada, e buscava desesperadamente algum apoio no amante. E foi então que o inesperado aconteceu. Adrian apertou a garganta de Vanda com toda a força, impedindo que ela dissesse o resto da frase, e com a mão direita foi cavando com os dedos a carne da amante, logo abaixo dos seios, abrindo espaço entre as costelas, esmagando os órgãos que encontrava pelo caminho.

Ricardo protestou, seguido do meu rosar e o de Roberto. André abafou um grito, e Flora deu um risinho de surpresa.

— Traidora da própria espécie! — bradou Adrian, quase teatralmente, retirando a mão de dentro da caixa torácica dela, puxando junto o coração estraçalhado em tiras de carne. O sangue jorrou, tingindo sua calça branca e o vestido de Vanda, que ainda sustentava o espanto e a confusão nos olhos arregalados, a boca aberta, soltando gemidos incompreensíveis. O corpo dela caiu feito um velho boneco articulado, aos pés do vampiro, que, sem se demorar, lhe esmagou a cabeça com três fortes pisadas, espalhando os miolos pelo tapete.

Foi um estranho momento, onde todos assistiram a súbita execução de Vanda pelas mãos de seu grande amor. Ricardo voltou a se transformar, ajudando o irmão a cercar o vampiro. Desviei minha atenção a André, que havia posto a cabeça de David em seu colo, desesperado, tentando conter o fluxo de sangue.

— Natã, acho que ele desmaiou!

Eu quis reconfortá-lo, mas quando percebi que Flora havia se levantado e caminhado gatunamente em direção a janela quebrada, voltei a encará-la e lhe rosnei uma ameaça.

— Acho que meu trabalho aqui terminou, bebê — disse ela, piscando um olho para mim, saltando a janela rápida e graciosamente. Eu não podia permitir!

— Natã! — André me chamou, e Ricardo e Flávio também gritaram por mim, usando seus sons de feras, mas eu não lhes dei atenção. Saltei a janela atrás da

minha criadora, vendo sua silhueta escura, já não mais humana, indo em direção ao bosque.

Corri e corri, usando minhas quatro patas, por entre as árvores, ignorando os animais que fugiam de mim. Segui-a pelo cheiro e pelos rosnados debochados que somente aquela mulher-lobo podia produzir. Eu não tinha a mínima ideia do que faria quando a pegasse, e creio que ela sabia disso e estava a brincar comigo, me levando para o mais longe possível do Casarão, até chegar a antiga propriedade de finada Mãe Gorete.

De repente perdi seu rastro, mas era como se ela estivesse parada ao meu lado, pois seu cheiro estava por toda parte, como se ela tivesse se esfregado em todas as árvores daquele local, onde o chão se inclinava drasticamente, formando um barranco de descida íngreme que terminava numa velha cerca de arame farpado.

Farejei em volta, furioso, pois sabia que estava numa armadilha, e foi quando a loba saltou de uma árvore sobre mim, chutando minhas costas e me fazendo rolar pelo barranco. Me choquei contra uma das madeiras da cerca, tombando-a e enganchando meus membros no arame farpado. Tentei me soltar no mesmo instante, mas Flora já havia me alcançado, agarrando uma de minhas pernas e começando a me arrastar em seguida, fazendo com que eu ficasse cada vez mais preso. Minha pele era cortada pelas pontas enferrujadas do arame, cortes insignificantes que logo desapareceriam, diferente da dor daquela humilhação.

A lobisomem de pelo preto parou de me arrastar, mas não me deu tempo para mais nada, já que logo em seguida tratou de fazer com que uma das toras de madeira da cerca atravessasse o alto da minha coxa, fincando meu corpo na terra. Gritei de dor, acordando toda a mata com aquele som gutural. Já a fera fêmea à minha frente apenas me encarou em silêncio, os olhos brilhantes pareceram sorrir para mim antes de desaparecer na escuridão do capim alto.

Não foi realmente difícil me libertar, independente da dor que senti ao remover a madeira que prendia minha perna, mas quando finalmente me pus livre já havia perdido o rastro de Flora. Mesmo assim ainda farejei à sua procurar, mas a partir de certo trecho seu cheiro havia desaparecido. Subi mancando o barranco de volta ao quintal das ruínas da casa de Mãe Gorete, em busca de um pequeno córrego que eu sabia estar praticamente seco naquela época do ano, mas que mesmo assim poderia ajudar a aplacar nem que fosse um pouco a sede que eu sentia.

Não me demorei nem um segundo a mais que o necessário e já corri de volta, em direção ao Casarão. Dane-se Flora! André e os outros podiam estar precisando de mim, e enquanto eu corria, uma lembrança assustadora me veio. Há mais de vinte anos eu havia estado numa situação parecida, perseguindo Flora por conta própria. E só de imaginar que alguém que eu amasse pudesse ser ferido mais uma

vez enquanto Flora brincava comigo, me fez correr duas vezes mais rápido, ignorando a dor na perna perfurada, movido pelo pavor e pela ligeira lembrança do sonho onde eu via André deitado num caixão, assim como Isabella.

Assim que cheguei próximo ao quintal do Casarão assumi minha forma humana, sentindo com prazer meus ferimentos sendo curados. Eu cambaleava de cansaço, e cheguei mesmo a tropeçar algumas vezes, sendo amparado por Ricardo que veio em minha direção, vestindo apenas uma calça de moletom e trazendo um velho cobertor pesado para me cobrir.

O helicóptero estava pousado no gramado atrás do Casarão, sendo guardado por um humano que não deu muita atenção a mim. Luz de chamas brilhavam do outro lado da casa, e o cheiro de carne queimada pairava sobre tudo. Ricardo ajeitou o cobertor escuro sobre meus ombros, enquanto avaliava meu machucado na coxa que ainda se curava.

— Eu estou bem — protestei, buscando me livrar de seus cuidados.

— Se acalme, irmão, você está fedendo a medo — disse ele, em tom de brincadeira, enquanto farejava meu rosto.

— Que luz é aquela?

— Fizemos uma fogueira, Roberto está queimando os corpos dos vampiros mortos.

— E André e David, eles...

— Eles estão bem. E eu também estou, se é que isso te interessa. Flávio já está lá dentro, junto com o todo poderoso Uther Barddom; estão tentando arrancar algo mais do Adrian. Mas, Natã, ele não vai dizer mais nada. Adrian é esperto, sabe que não existem provas que o ligue diretamente ao "plano de Vanda". Ele foi arriscadamente esperto em matá-la.

— Eu imaginei que seria assim.

— Bem, pelo menos a responsabilidade para resolver o caso da morte do antigo governador não está mais sobre nossos ombros — ele dizia, enquanto acompanhava meus passos apressados, subindo os degraus de entrada do Casarão.

— E sim, Flora ainda é uma fugitiva, mas agora todos sabem quem estava por trás dos atos dela; Uther leu tudo na mente de David.

— E como está ele?

— David? Está fora de risco. Uther deu um pouco de seu sangue curativo para ele beber. Nosso velho agora está descansando em seu quarto, mas Flávio disse que mesmo assim o levará ao hospital de Santa Sofia pela manhã.

Entrei no salão, só agora parecendo notar a bagunça que nossa confusão deixou no lugar. Flávio veio até mim, vestido no seu costumeiro e impecável estilo empresarial, me abraçando e me beijando no rosto.

— Ela fugiu? — perguntou, os paternais olhos verdes cintilantes me avaliando de cima a baixo.

— Sim — respondi, envergonhado.

— Não se preocupe com isso agora, meu irmão — disse ele, e em seguida foi se encontrar com o vampiro ancião. Ricardo continuou a me informar, dizendo que André e eu precisaríamos dar nosso depoimento oficialmente depois, e acabei notando que David não tinha transmitido ao poderoso Uther sobre meu acordo com Flora, e sendo assim tratei logo de lacrar meus pensamentos como minha criadora havia me ensinado.

Uther Barddom veio caminhando em nossa direção, sendo seguido por um acuado, mas ainda dissimulado, Adrian Aigro, que não sorria mais. O vampiro marido de nossa conhecida Senhora Elemental era uma figura misteriosa, um homem alto e esguio, usando terno e gravata, com o cabelo curto e penetrantes olhos cinza claro, quase brancos, por baixo de discretos óculos. Era a primeira vez que eu contemplava aquela pele pálida, imaginando a força que um ser tão antigo quanto aquele possuía.

Nos cumprimentamos rapidamente, pois ele já estava de saída, queria estar em seus aposentos antes que a noite terminasse claro. O sol ainda era um problema, mesmo para um monstro educado e sofisticado, de dois mil anos de idade, como aquele.

— Esse caso será melhor investigado, Flávio, mas você e sua alcateia não precisam mais se preocupar. Parece que a trama vergonhosa foi finalmente exposta — disse ele com a sua voz atemporal, provida de um belo sotaque que eu não conseguia identificar, olhando rapidamente para o silencioso Adrian à seu lado.

— E a segurança de André? — perguntei, sem conseguir evitar de ser ligeiramente ríspido.

— Eu garanto que, da nossa parte, o seu escritor não corre nenhum perigo, e procuraremos um melhor modo de ressarcir-lo. Discutiremos tudo isso o não mais tardar. E mais uma vez peço desculpas em nome da minha espécie, foi lamentável o que aconteceu, mas todos os pormenores serão devidamente acertados.

Flávio concordou e estendeu a mão ao vampiro.

Os dois se despediram, prometendo que se veriam na noite seguinte em São Paulo. A mim era visível a tensão silenciosa entre Flávio e Adrian, mas nosso líder era compenetrado de mais para agir de modo irresponsável, e Adrian caminhava numa corda bamba. Já eu não esperei mais, enrolei melhor o velho cobertor em volta dos ombros e, antes mesmo dos bebedores de sangue começarem a cruzar o quintal em direção ao helicóptero, eu fui para a lateral da casa, onde a fogueira alta iluminava tudo com uma luz amarelada.

Encontrei Roberto, que sorriu ao me ver, atirando o ultimo corpo, o que sobrava da vampira sem braço, ao fogo. A carne vampiresca começou a ser consumida rapidamente, chiando sob as toras de madeiras ardentes.

André olhava tudo aquilo num misto de espanto e admiração, encostado na parede do Casarão, abraçando o próprio peito.

— Então é isso o que acontece; eles queimam feito espuma de colchão velho — ele comentou, meio hipnotizado, sem notar minha aproximação, naquele tom de voz filosófico de quem descobre uma grande verdade da vida.

— E o que sobra se torna cinzas que desaparecem com a menor brisa — complementei. Ele olhou para mim espantado e correu para me abraçar.

— O que aconteceu com você, Natã? Você está bem?

— Sim, só um pouco machucado.

— E Flora?

— Ela foi embora...

A barulheira do helicóptero ganhando altura abafou um pouco a nossa conversa, mas logo em seguida notei que André não queria conversa naquele momento, ele apenas continuou segurando minha mão esquerda, sem tirar os olhos das chamas. Era comum aquele seu silêncio, aquele estado de meditação melancólico que ele costumava assumir após nossas discussões de casal, ou como quando escapamos da perseguição em Brasília. E é claro que eu sabia que, quando tal efeito passasse, ele me bombardearia de perguntas e mais perguntas, por isso não me importei.

E foi então que, enquanto o som do helicóptero de Uther se distanciava no céu escuro, uma música bonita começou a tocar, envolvendo a todos nós. Era um dos velhos discos de bolero da Madame, e eu não precisaria que Ricardo ou Flávio me dissessem que a vitrola havia começado a tocar sozinha novamente.

Passei o braço em volta de André e não disse mais nada, me concentrando na fogueira e na música, agradecendo aquele presente vindo dos mortos.

A Dama Selvagem

Na manhã seguinte uma névoa melancólica pairava sobre o Casarão, espessa o suficiente para esconder a paisagem a nossa volta. Praticamente todos haviam saído cedo; Roberto e Flávio, que assim como eu não dormiram nada, levaram David ao hospital de Santa Sofia logo após um lanche rápido, onde o nosso sonolento ancião, curado pelo sangue de Uther, contava a todos nós a sua percepção da agitada noite passada. Ricardo os acompanhou também até a cidade, onde compraria todos os materiais necessários para o conserto das janelas e móveis quebrados. Já André só acordou uma hora depois que todos eles saíram, dizendo estar morto de fome, e eu, que ainda não havia comido, o acompanhei no café da manhã, respondendo, como já me era esperado, a sua chuva de perguntas.

Contei a ele em detalhes a minha perseguição à Flora e em como ela conseguiu escapar, e sem querer me peguei encantado com seu total interesse em minhas palavras, seu rosto jovial concentrado, demonstrando preocupação ou assombro de modo muito transparente. Eu já conseguia imaginá-lo no escuro do quarto, debruçado sobre o teclado de seu computador, as lentes dos óculos refletindo a iluminação da tela e dando-lhe aquele ar fantasmagórico de costume, enquanto batucava as teclas numa velocidade espantosa, escrevendo um novo livro, talvez uma continuação do que havia publicado.

— Então acabou mesmo? Não precisarei me preocupar mais com vampiros querendo me matar? — ele perguntou, tomado seu caneco de café com leite.

— Ainda manteremos os dois olhos em você, mas sim, acho que seus problemas neste sentido acabaram — respondi, estudando seus movimentos à mesa.

Era um tanto infantil a imagem dele mergulhando, logo em seguida, a metade de um pão no caneco de café com leite e o levando quente e pastoso à boca, enquanto sua inteligência de adulto se manifestava na força de seu olhar sempre

muito penetrante. E tudo isso conseguia transbordar uma sensualidade natural que talvez ele não tivesse a noção de possuir, mexendo com os meus sentidos.

— E Flora? Vocês ainda vão atrás dela?

— Não sei se Flávio está realmente se preocupando com ela neste momento, e nem mesmo eu estou. Querendo ou não, Flora foi de grande ajuda. E sinceramente não acho que ela vai voltar tão cedo. É costume dela desaparecer por anos entre uma aparição significativa e outra.

Eu quis dizer também que estava cansado de Flora, de que minha busca vingativa por ela esses anos todos não me acrescentaram nada. A sensação que eu havia sentido ao ter aquela conversa com ela no restaurante ainda não havia saído de minha cabeça; a revelação de que não existia um plano maior para o meu sofrimento e destino. Minha transformação em lobisomem foi uma experiência casual feita por um ser irresponsável e entediado. E mais uma vez eu me lembrava das palavras de Flávio sobre a vida ainda ser uma floresta selvagem, independente se nos mudamos para cidades, lemos todos os livros escritos e nos juntamos na luta para acabar com a fome.

Sim, eu havia me cansado de Flora. Que ela desaparecesse mais uma vez.

— Mas, Natã, e se não for com os vampiros que eu deva me preocupar, mas sim com ela? Afinal, por que ela se aproximou de mim, me ajudou a publicar o livro e tudo mais? Ela quer alguma coisa...

— Flora é movida na maioria das vezes por impulsos muito simples, como a curiosidade. Ela queria apenas saber quem é você, estudar você e saber por que eu o amo tanto.

O final de minha frase pairou pesado sobre a mesa da cozinha, e no mesmo instante notei o efeito que causou nele; os batimentos de seu coração mudaram bruscamente, assim como sua respiração; mas todos esses efeitos físicos não me respondiam nada, André era um enigma.

Ele suspirou, pondo o caneco vazio de lado.

— Então, minha vida nunca mais será a mesma. Eu nunca estarei realmente seguro — disse ele, pensativo, encarando os desenhos coloridos da toalha da mesa.

— Achou mesmo que buscar os mistérios da Noite não trariam nenhuma consequência, André? Quando se olha para as sombras, elas também estão olhando de volta — respondi, e havia um certo rancor na minha voz, e prazer também, não confessado, ao saber que ele nunca estaria realmente livre de mim, e que talvez apenas eu fosse capaz de protegê-lo, diferente do tal namorado por quem ele desejava voltar.

André se levantou, sem me responder, lavou o caneco que havia usado na pia e saiu da cozinha, em direção ao salão. Eu o segui, alguns segundos depois, encontrando-o mexendo na vitrola, pondo um disco de Zé Ramalho para tocar, o

que fez meus pensamentos evocarem imagens de quando o Casarão Violeta funcionava como um outro tipo de estabelecimento.

— Se importa? — ele pergunto.

— Nenhum pouco.

— Vou sentir falta desse lugar — disse, girando lentamente para ver todos os ângulos do salão. — Sabe, eu costumava dizer ao Luís que meu sonho era ficar rico e comprar uma dessas casas enormes, antigas e cheias de fantasmas. Fantasmas, quando sutis, podem dar um certo charme romântico, sabe? E esse aqui é um lugar tão bonito, tão misterioso... a sensação que me dá é que o Casarão Violeta respira, que possui uma personalidade própria, entende?

Concordei em silêncio, estudando-o dos pés à cabeça; o homem com cara e jeito de menino, usando short e camiseta, pés descalços andando em círculos. Não havia mais Isabella quando eu olhava para ele, pelo menos não de modo significativo, como antes. Eu o queria por ser apenas o André, o jovem escritor sonhador, o humano comum que eu amava e que sabia o que eu era. O humano que encarava, mesmo que ilusoriamente, a minha maldição como uma dádiva.

Fui até ele e o abracei. Ele não pôs resistência, nem mesmo quando eu ergui seu queixo e o beijei delicadamente na boca. Seu corpo relaxou, deixando ser moldado pela pressão dos meus músculos. Foi um momento estranho, triste e maravilhoso ao mesmo tempo. Ele ia embora sim, de volta para sua vida que nunca mais seria a mesma. E era tão doloroso não poder fazer nada, tão desesperador saber que não importava o modo como ele recebia meus beijos, nem como seu corpo se entregava sem resistência, demonstrando o amor que sentia por mim de um modo tão claro, pois eu havia criado uma barreira ente nós no dia que o deixei naquele quarto de hospital, uma barreira que havia sido reforçada pelo tempo e que talvez nunca fosse desaparecer.

Beijei-lhe as maçãs do rosto, a testa, os cabelos, enquanto ele estremecia e respirava meu cheiro com avidez, seu corpo todo tremendo, derretido; aquele momento em que eu sabia que poderia fazer qualquer coisa com ele. Mas a vontade que eu tinha era de implorar que ele não fosse embora, que ficasse comigo, morando naquela casa cheia de fantasmas.

— Eu te amo — foi o que eu disse por fim, e mais nada.

Soltei seu corpo do meu, deixando o salão sem querer vê-lo baixar os olhos em silêncio, pois isso me daria raiva, e eu não queria ter raiva dele mais. Saí para o quintal, a voz de Zé Ramalho cantando Chão de Giz ecoava por toda parte, me envolvendo e me seguindo até a parte do quintal onde os bebedores de sangue haviam sido queimados. No círculo escuro não havia praticamente nada, até mesmo os ossos tornaram-se pó; nem mesmo o frio e a espessa neblina impediram

o terror do sol sobre o que sobrou dos desgraçados. Eram apenas cinzas de vampiros, o corpo do telepata tinha sido levado por Uther Barddom.

Peguei uma vassoura e comecei a espalhar as cinzas aos quatro ventos, usando de uma fúria que me surpreendeu. Eu estava chorando sem querer, buscando inutilmente conter as lágrimas e me sentindo um idiota completo por isso, sendo sufocado pelo pó dos mortos que eu atirava para o alto, lançando-os à grama em volta.

O que estava acontecendo comigo? Por que eu me descontrolava agora? Eu já sabia que a situação não poderia terminar de outro modo, eu estava sendo tolo e dramático. As escolhas já haviam sido feitas há muito tempo, e agora só me restava colher os resultados, e aceitá-los; aceitar aquelas cinzas.

Mas alguma coisa estava tremendamente errada...

E eu demorei mais que o normal para notar, talvez pela confusão emocional e pelo pó dos vampiros mortos que agredia meu olfato, que algo estranho acontecia, porque a música havia parado de modo abrupto, seguido do som de uma porta batendo, e só então veio o cheiro característico.

Flora!

Pulei a janela quebrada, atravessando o plástico que havíamos posto para impedir a entrada do vento. Ninguém no salão. O disco ainda girava mudo na vitrola, a agulha erguida para cima. Onde estava André? Meu coração faltava sair pela boca. Busquei apurar mais os sentidos; o cheiro de André e Flora seguiam para o corredor. A porta da cozinha bateu, alguém saía pelos fundos da casa. Corri desesperado atrás do som, largando os chinelos pelo caminho, e quando cheguei nos fundos do quintal consegui ver o vulto enorme e preto carregando uma pessoa com apenas um braço.

Antes mesmo de alcançar o bosque eu já havia abandonado minha forma humana, correndo nas quatro patas naquela velocidade assombrosa. Não, a tragédia de Isabella não aconteceria novamente, e se fosse necessário eu morreria enfrentando minha criadora.

Por fim os alcancei. Talvez, de algum modo, André tivesse conseguido se soltar momentaneamente das garras de Flora, pois lá estava ele, um humano acuado no chão do bosque, gritando de medo entre as patas de uma enorme fera negra que arreganhava os dentes, pronta para abocanhá-lo a qualquer momento.

Saltei sobre Flora com tanta força que fiz com que ambos caíssemos, rolando pela vegetação. Desferi golpes furiosos na cabeça e no peito dela, lhe retalhando a carne sob os pelos com minhas garras. A fêmea rosou de dor, usando as pernas para me lançar para o alto. Durante a queda tive um vislumbre de André, engatinhando por entre as árvores. Será que ele estava machucado? Não tinha

como eu averiguar, pois antes mesmo de meu corpo chegar ao chão, Flora já estava sobre mim, socando meu rosto com seus punhos poderosos.

Consegui bloquear seus ataques e mordi a carne de seu ombro, arrancando uma tira de carne. Flora gritou e me empurrou para o lado, ferindo meu olho esquerdo com a garra do polegar, e em seguida foi a vez dela de se lançar sobre mim, cravando seus dentes enormes na carne de meu pescoço. Gani de dor, sentindo a pele ser rasgada e o meu sangue quente jorrar para a bocarra dela. E eu não consegui me soltar, pois ela me mantinha segurando meus braços com firmeza, sentada sobre meu estômago, mesmo quando eu buscava desesperadamente chutá-la com as patas traseiras.

Mas então um baque seco ecoou, e mais outro, fazendo Flora abrir a guarda. André estava ao nosso lado, acertando corajosamente a cabeça da nossa inimiga com um grande galho espesso que ele mal conseguia sustentar. Flora o acertou com uma mão e ele caiu uns dois metros de distância. Era sangue que eu via em sua camiseta, pelo canto do meu olho direito?

Voltei a lutar com a outra fera, dois monstros se mordendo e se arranhando, causando ferimentos que seriam mortais em outras espécies. Talvez não exista nada mais brutal que dois lobisomens se enfrentando. Meu olho esquerdo sangrava, assim como outros ferimentos espalhados pelo corpo. Flora também sangrava, e juntos manchávamos de vermelho as folhas secas do chão do bosque. Mas, de algum modo eu notava que nossa luta não estava tão equilibrada assim, pois enquanto eu usava de todas as minhas capacidades para atacar, Flora parecia estar contendo as dela. Sim, eu não conhecia até onde ia a força da minha rival, e isso no fundo me assustava, mesmo que não me impedisse de continuar a enfrentá-la.

Vi André se levantando, cambaleante, e sangue escorria de sua cabeça. Consegui agarrar Flora e jogá-la alguns metros de distância, o que me deu abertura para me posicionar na frente do meu protegido. Com o golpe, a lobisomem acabou se chocando contra duas árvores e tendo o estômago perfurado por um galho pontudo.

Olhei André mais de perto e lhe lambi o ferimento na cabeça. Ele não disse nada, somente me olhou de volta, respirando com dificuldade, e ainda estava tão tonto, que com o meu toque ele caiu para frente. Já Flora se colocava de pé, não muito distante, rugindo e arrancando o galho partido do abdômen enquanto nos encarava, e nisso eu fiquei sobre André, posicionado nas quatro patas, pronto para saltar na garganta da inimiga, caso ela se aproximasse mais. Mas não foi isso o que Flora fez.

Ela se encostou descontraidamente no tronco de uma árvore e começou a voltar a forma humana. Eu observava com atenção a sua transformação como se fosse a primeira vez, vi os ferimentos se fechando e desaparecendo e a intimidadora forma

animalesca dar lugar às sensuais curvas de mulher, com seus olhos escuros inteligentes e lábios sorridentes. Mas não era nada disso o que me impressionava, e sim a confirmação do que eu já havia notado antes, de que Flora sentia algum tipo de sensação prazerosa, quase sexual, ao se transformar, diferente da dor que aprendemos a nos acostumar. Eu notava isso tudo pelo cheiro de prazer que o corpo dela emanava, pelo jeito que seu coração batia e pela mudança em sua respiração.

— Acho que nossa brincadeira chegou ao fim — disse ela, movendo a cabeça de um lado para o outro para alongar o pescoço.

Eu pensei em também voltar a forma humana para acelerar a cura dos meus ferimentos, mas não confiava em ficar mais vulnerável naquele momento. Pensei em aproveitar a chance; talvez ela não conseguisse voltar a forma de fera antes que eu a atacasse e lhe arrancasse o coração. E creio que ela percebeu minhas intenções, pois balançou o dedo indicador negativamente para mim, enquanto ria.

— Já disse que nossa brincadeira chegou ao fim, Natã. Recomeçá-la não seria mais tão divertido, fora que alguém poderia se machucar.

Do que se tratava isso tudo? Eu queria perguntar, mas foi André quem falou, surpreendendo a nós dois.

— O que você quer comigo afinal? — ele perguntou, se apoiando na minha juba para ficar de pé. O pequeno corte em sua cabeça ainda sangrava, escorrendo pelo lado esquerdo do rosto, e alguns arranhões e pequenos hematomas eram visíveis nos braços e pernas.

Flora sorriu novamente, mas não o respondeu, e o encarava do mesmo jeito que um adulto encara uma criança ou um cachorro que faz alguma proeza inteligente. Ela estava tão despreocupada, o corpo encostado de modo relaxado no tronco de um pé de manga, os olhos perspicazes, os seios generosos e os provocantes pelos escuros entre as grossas pernas cruzadas; tudo isso, somado a exuberante vegetação e a neblina em volta proporcionava um belo quadro, o que ao mesmo tempo me deixava ainda mais furioso.

— Você se aproximou de mim fingindo ser o que não era, me ajudou e me guiou para eu conseguir conquistar o que eu queria, — André voltou a dizer, a voz ainda trêmula — e tudo isso para qual finalidade? Tudo isso só para tentar ferir ele? Por isso que você quer me matar agora?

— Mas eu não quero lhe matar, de onde tiro essa ideia absurda? — Flora respondeu, estendendo a mão para uma pequena manga madura que pendia de um galho baixo e levando-a a boca.

— Você não...

— Não, não tenho motivos e nem vontade de matá-lo.

André a olhava com raiva e tão confuso quanto eu, e ela devolvia o olhar, o mesmo olhar imperturbável de sempre. No fundo, e só agora confesso, eu a achava uma criatura fascinante, e me perguntava se eu não a teria amado se as coisas tivessem acontecido de modo diferente.

— Então... então tudo isso foi o que? Uma brincadeira idiota? Sua filha da puta desgraçada! Sua louca! Por que não nos deixa em paz?

Flora riu com a manga entre os dentes.

— Coisinha corajosa — comentou.

— Fale logo o que você quer!

— Eu vim lhe dar um presente, André. O presente que o nosso amado Natâniel não pode lhe dar — ela respondeu, calma, cuspiendo o caroço da fruta e limpando os dedos na casca da árvore.

André ficou mudo, como se não entendesse as palavras dela, e no mesmo instante fiquei com medo do que aquilo poderia significar, tanto que me deixei diminuir para a forma de homem.

— O que quer dizer com isso? — perguntei, dando um passo à frente e puxando André para trás.

— Ora, Natã, não se faça de bobo. Qual é a coisa que André mais deseja desde que tomou conhecimento dela? A coisa que você nunca conseguiu presentear-lo, e nunca conseguirá?

— E você está disposta a fazê-lo, do mesmo modo que fez a mim?

— Sim, estou disposta. Ele deseja o nosso dom, ele consegue ver a beleza que nós somos, diferente de você, e creio que ele a merece — disse, e seu sorriso desapareceu, dando-lhe uma expressão mais séria e ainda mais bela. — Você pode não acreditar em mim, Natã, ou não entender, mas eu aprendi a amar você. Você é irremediavelmente a minha cria, a indestrutível amarra que se tornou preciosa a mim, Natã, e por isso no fundo eu desejo a sua felicidade.

— Então desapareça da minha vida para sempre, isso sim me deixaria feliz.

— Não seja tão rancoroso, tão limitado. Natâniel, você sabe que eu digo a verdade. Você sabe que precisa do amor de André, e você merece esse amor, mas isso só pode ser possível quando ele for um de nós.

— Você não sabe o que está dizendo, você não sabe nada — respondi, percebendo o efeito que aquela conversa estava tendo sobre André, em todos os sons e cheiros que eu captava do seu corpo. Sim, lá estava o velho desejo dele, a fascinação perigosa que lhe tomou conta desde que me conheceu. E aquilo me machucava tanto.

— Claro que sei, sei de muito mais do que você pode imaginar. Eu não sou uma lobisomem qualquer, muito pelo contrário. Ah, eu poderia te contar tanta coisa que descobri e aprendi com a natureza verdadeira, contar o que as árvores, riachos e

pedras sussurraram em meus ouvidos. Eu poderia contar o que aprendi com seres mais estranhos, secretos e misteriosos que qualquer coisa que conhecemos da Noite. Ah, é uma pena mesmo que nunca tive vocação para ensinar, pois você teria tanto a aprender, Natã, mas quem sabe um dia... — me encarou nos olhos demoradamente. — Enfim, o que importa é que hoje eu tenho uma compreensão das coisas de um modo muito mais abrangente, e sei que você precisa amar esse jovem do mesmo modo que ele precisa ter o nosso dom.

— Não, ele não precisa desse dom!

Empurrei André ainda mais para trás de mim, mas ele de repente relutou e apertou o meu braço com força.

— Natã, deixe ela falar, eu quero ouvir — disse ele, e isso me desesperou mais ainda. Seu rosto estava concentrado e inexpressivo, com aquelas belas sobrancelhas muito retas, mas seu coração estava acelerado e seus olhos não conseguiam conter a excitação.

Flora sorria, vencedora.

— É isso mesmo, André. Eu estou disposta a te transformar no que somos, a te entregar o dom que nos confere poder e longevidade. Natâniel nunca será capaz de lhe dar esse dom, e nenhum outro membro da alcateia Valverde seria capaz de contrariá-lo. Mas eu posso, eu vejo mais, e como já disse: vejo que *você merece o dom*.

— Merece a nossa maldição? — rebati, pondo minha voz mais alta. — Você não faz noção do preço que tal decisão irá cobrar, André. Pense na sua vida, nas pessoas que você ama e de que teria que se afastar! Tudo seria diferente, André. Flora diz isso, mas não entende, pois ela nunca teve nada, nunca construiu nada e nunca teve ninguém para se importar, já eu sim, eu sei! Eu perdi muito, e talvez ainda perca...

— E talvez nosso querido André não se importe com isso, não o quanto você acredita que ele se importe — Flora argumentou. — Estou errada, André? Estou errada talvez em dizer que você é um humano que nunca se encaixou de verdade entre outros da sua espécie, que sempre lutou desesperadamente contra a própria fragilidade e contra uma solidão imensa que não cansa de querer lhe engolir? Lembre-se que eu tive a chance de estar com você, de ajudar a realizar o seu sonho de escritor, e nessa proximidade eu pude sentir o cheiro constante de medo e melancolia que você exala. É a força o que você deseja. É o poder e a capacidade de conhecer o mundo de um modo que a sua frustrante condição humana não tem condições de enxergar. Então venha, André, esta é a sua chance.

E ao dizer isto ela estendeu os braços em nossa direção, do mesmo modo que havia os estendido a mim numa terrível noite de tempestade. As palavras que ela havia me dito naquela noite voltavam a minha mente: *Não se preocupe, meu lindo*.

Eu lhe darei um presente que você nunca poderia ter sido agraciado de outra forma. Eu serei sua nova mãe.

— Isso não vai acontecer — afirmei.

— Isso não é decisão sua, Natã. Deixe-o escolher.

A sedução sobre André era total, mas eu não podia permitir que aquilo acontecesse.

— André, pense em sua família, pense em Luís e em Renan! Pense nessas pessoas e no amor que você sente por elas. Não vale a pena perdê-las, ouça o que eu digo.

— Ele pensa nisso sim, — Flora me interrompeu — e sabe que o amor que sente por um ou outro de seus familiares não é suficiente, e nunca foi, assim como sabe que nunca conseguirá retribuir o amor que recebe do namorado. Afinal, é você que ele ainda ama. E com relação a Luís...

— Luís entenderia — André completou, quase num sussurro.

— Nada é assim tão fácil! — retruquei, quase aos berros, segurando com força seu braço ao ver que ele havia se movido para frente. — André, por mim, não ouça o que ela diz! Se é o que você deseja, então serei eu a lhe dar o dom, não ela! Vamos embora, vamos conversar sobre isso e ponderar o que precisa ser ponderado. Você não pode tomar uma decisão dessas desse jeito, e eu não vou permitir.

— Mentiroso — Flora disse, sorrindo. — Você está desesperado, Natã. Desesperado porque sabe que está perdendo o controle sobre ele, perdendo a sua posição de macho alfa.

— CALE SUA MALDITA BOCA, OU EU ACABO COM VOCÊ AGORA!!! — rosnei, mostrando os dentes que rapidamente tornavam-se maiores, assim como minhas garras, e sem perceber, em meio a tal fúria, quase quebrei o braço de André com a pressão dos meus dedos.

André gritou de dor, segurando o braço magoado, e eu tive que soltá-lo, pedindo desculpas pateticamente. Flora deu uma gargalhada que ecoou por todo o bosque.

— Eu vou destruir você! — ameacei Flora, rosnando e sentindo meus músculos se preparando para a transformação.

— Não sei se é uma boa ideia você tentar — ela respondeu, debochada.

Eu me sentia humilhado e desesperado, e a vontade que crescia em mim naquela hora era de matá-la ou de morrer tentando. Pois, uma vez eu havia prometido a mim mesmo que arrancaria e comeria o coração dela, e talvez fosse aquele o momento.

Flora continua rindo, aparentando despreocupação, mas comecei a notar o brilho da fera tomando conta de seu olhar, assim como o crescimento de suas

unhas. A nossa batalha estava prestes a ser retomada.

— Chega! Vocês dois, chega... — exclamou André, de repente, ainda segurando o hematoma dolorido no braço direito. Sua voz estava rouca e sufocada, e me foi um impacto cruel ver que ele estava chorando.

— André... — comecei a dizer, recolhendo as garras, mas ele me afastou com um gesto, como se temesse que eu fosse machucá-lo mais uma vez.

Flora não ria mais, apenas observava tudo com sua costumeira tranquilidade, e nós não fizemos nada quando, do mesmo modo súbito, André deu às costas a nós dois e foi mancando de volta para o Casarão. Foi um momento estranho que, independente do alívio que me proporcionou, me causou uma sensação parecida de quando eu o abandonei naquele quarto de hospital; um presságio de retorno da tristeza que voltaria a ser a companheira de meus dias.

— Bem, acho que não tenho mais nada para fazer aqui — comentou Flora, se preparando para ir embora também.

— O que me impede de acabar com a sua raça agora?

— Ora, Natã, porque você não conseguiria. Vou repetir: Eu aprendi muitas coisas em minhas andanças, coisas que me deixaram muito mais poderosa, e creio que mais sábia também. Voltarmos a nos enfrentar seria uma perda de tempo, pois você não tem forças para me vencer, e eu não quero te matar — ela respondeu, e num gracioso salto agarrou duas grandes mangas de um galho mais alto. — E se me permite dar-lhe um conselho: Transforme-o. É o único modo de vocês ficarem juntos, e quem sabe por meio dele você aprenda a aceitar e a apreciar quem você é.

— Dispensando seus conselhos.

— Não deveria, mas, sendo assim, desejo boa sorte — disse ela por fim, arrancando a casca da fruta com os dentes enquanto dava as costas para mim. — Até qualquer dia, Natâniel.

E assim ela foi embora mata a dentro, um grande predador em forma de mulher, caminhando nua e despreocupada por entre as árvores, sem nenhuma vez voltar a olhar para mim. E eu nada fiz, além de olhar suas bonitas pernas negras desaparecendo em meio a vegetação. Sim, eu poderia tê-la amado se tudo tivesse sido diferente, mas será que no futuro eu poderia amá-la? Eu não acreditava nisso, e confesso que ainda hoje também não, mas me é impossível negar o fascínio que Flora exerce, e quem sabe talvez um dia, pacificamente, nós sentaremos juntos e conversaremos mais uma vez, e quem sabe neste dia a misteriosa e imprevisível Flora tenha sua própria história para contar.

A velha vitrola tocava um disco de boleros quando retornei ao Casarão Violeta. O sol já estava bem alto no céu, trazendo um pouco mais de calor ao começo daquela tarde. Nenhum dos outros havia voltado ainda, e achei melhor assim. Eu

queria mais alguns minutos a sós com André. Eu sentia meu corpo pesado, assim como meu coração, e a música triste parecia ter sido escolhida exclusivamente para o momento que se aproximava, seja ele qual fosse, e se tal escolha foi definida pelas assombrações ou pelo próprio André, isso eu nunca soube.

Passei em meu quarto e vesti a primeira bermuda que achei e sem perder tempo entrei na casa em busca dele, e o encontrei sentado no bar do salão, bebericando um copo cheio de martine rose, envolvido pelo som da música e com o olhar perdido na garrafa de líquido vermelho. Ainda usava as roupas sujas e rasgadas, e o lado esquerdo de seu rosto estava manchado do sangue seco.

— Você está bem? Precisamos cuidar desse corte na cabeça... — comentei, me aproximando para olhar o ferimento, mas ele fez um gesto para que eu não chegasse perto.

— Já parou de sangrar, eu estou bem, não se preocupe... eu me curo rápido — disse ele, entornando o copo na boca de uma só vez e o enchendo de novo.

Me sentei ao lado dele, sem saber o que fazer. Eu não fazia ideia do que dizer, em como expressar o que eu estava sentindo, meu medo e meu alívio, e por isso fiquei calado, apenas olhando ele beber, e acabei me servindo da mesma bebida que ele, mesmo não sendo do meu agrado. Já ele nem mesmo olhava para mim, estava naquele conhecido estado meditativo, refém dos próprios pensamentos. Ele estava com raiva? Estava sofrendo? Não tinha como eu saber quando ele se colocava daquele modo tão misterioso.

— O que ela disse mexeu com você, eu sei — arrisquei dizer, estudando suas mínimas expressões. — Mas estou feliz por você ter tomado a escolha certa e... e não se preocupe com Flora, creio que não a veremos por um bom tempo...

— Você disse essa mesma coisa hoje de manhã, antes dela aparecer.

— Eu sei, mas agora parece diferente...

— E eu não fiz escolha nenhuma, Natã, eu apenas fui embora.

— Sim, você deu às costas a ela.

— E a você também — respondeu, seco, entre uma bebericada e outra.

— O que está querendo dizer com isso?

— Que você tinha razão quando me deixou naquele hospital. Teve razão ao notar como tudo isso me fascina e obsessiva, e que estar com você só piorava esse meu aspecto cada vez mais — disse ele, fazendo uma pausa para beber, ainda sem olhar para mim. — Eu sou um cara fraco, Natã. Sou sensível em demasia, sempre fui, e as vezes pode ser tão maravilhoso, e mágico até, sentir as coisas desse modo tão profundo, tão visceral... isso me ajuda tanto na hora de escrever... ao mesmo tempo que esses mesmos sentimentos podem me derrubar e ir me matando por dentro lentamente. E é tão terrível ser sensível assim quando o mundo é essa coisa estranha e cruel. E quando digo mundo, digo o mundo humano, essa sociedade que

excluí, morde e maltrata, e eu sei o que é ser excluído, o que é ser maltratado... por desconhecidos e pelas pessoas que viviam dentro da minha própria casa... eu tenho as marcas das mordidas na alma. E foda-se se estou sendo dramático, se estou me martirizando, foda-se! É a porra do meu sentimento, e ele é o que é... e neste ponto Flora está certa também; talvez eu não me importe em me excluir da vida de humano comum e daqueles que me cercam, se fosse pra ter o dom que eu tanto desejo quando estou ao seu lado.

— Você pode achar isso agora, André, mas acredite que...

— Cale-se, eu não quero seus conselhos, Natãiel — me interrompeu, mas sem brusquidão. — Eu só quero que me ouça.

— Certo, continue.

Novamente ele entornou o copo e voltou a enchê-lo, e eu nunca havia visto ele beber daquele jeito, mas não fiz menção de impedi-lo. Após tudo o que aconteceu, era até um direito dele se embriagar.

— Você quis saber se eu ainda o amava e eu respondi que sim, mas que não era suficiente, e isso é a grande verdade, Natã. Flora entendeu isso, e pode ter entendido até muito mais do que captamos. Eu amo você, mas nunca poderia estar com você sem me sentir incompleto, inferior. Eu não quero ser sua donzela em perigo, isso me deixa louco. Não quero ser o seu amante humano que envelheceria e decairia enquanto você continuaria o mesmo; eu já lhe disse isso. Estar com você e não ser como você é injusto, me deixa doente, me machuca de um jeito que você não pode imaginar, pois não mexe apenas com meu orgulho, mas com outros medos e sentimentos mais profundos dentro de mim... sentimentos tão íntimos e complicados que nem eu mesmo conseguiria colocar em palavras num livro.

"Flora está certa. O único jeito de ficarmos juntos é eu sendo como você, mas isso eu não peço mais, pois sei o peso monstruoso que isso tem sobre sua alma e em como isso o destruiria."

— Então foi por mim que você negou o presente de Flora?

— Não, não foi por você. Foi por mim, apenas por mim. E eu não neguei, como eu disse, eu só fui embora. Eu só estava cansado, e continuo cansado, e não queria que a coisa acontecesse daquele modo.

— Não entendo.

— Nem eu... mas foi isso... ela está certa.

A embriaguez já dava seus primeiros efeitos, e mesmo em tal estado, em tal melancolia, enquanto as lágrimas escapavam pelos olhos dele, eu o achei ainda mais belo e interessante, e dono de uma sabedoria que só agora parecia se mostrar de modo mais visível. Não, ele não era apenas um eterno garoto sonhador como muitas vezes o julguei, ele era bem mais que isso, e pela primeira vez, em todos aqueles anos que eu o conhecia, me toquei de algo muito importante, de que na

minha necessidade de me manter superior, protetor e dono da razão, sustentando sempre as minhas tragédias como um troféu, nunca havia parado para perceber que ele também poderia ter me ensinado algo de muita valia, e que agora talvez fosse tarde demais para procurar aprender.

— E o que pretende fazer? — perguntei, a voz embargada, pois eu já sabia a resposta.

— No momento, eu só quero ir pra casa. Tenho alguém me esperando lá, junto da minha vida normal — e dizendo isso ele se levantou e subiu as escadas, ainda carregando a garrafa na mão.

Declarações Finais

Deixar as lágrimas correrem feito rios furiosos e intermináveis, quem sabe afogando nelas a esperança indevida. O sonho do amor, infelizmente, vem da soma e não de um coração só. Sendo assim, me pergunto se corações que sonham sozinhos nasceram para sentir em absoluto a alegria finita e a decepção constante, até quem sabe parar de lutar, encontrando algum tipo de paz no vazio e no silêncio.

Escrevo num pequeno computador no meu querido quarto dos fundos do Casarão Violeta, e neste momento, pensando em tudo o que aconteceu e em tudo o que me restou, é isto o que creio ter encontrado agora, essa paz. Não que todos os acontecimentos da minha vida tenham sido apenas para culminar em tal propósito, não, até porque minha vida ainda não acabou, e me pego (e isso me causa certo espanto) tendo um apressado apaixonado pela vida como nunca tive antes. E pode ser que esta paz não venha do conformismo de um coração partido, mas sim da capacidade de olhar para trás, abraçar todas estas experiências, sejam elas quais forem, acolhê-las nesse abraço, olhá-las com interesse e delicadeza, e aprender com todas elas.

Mas, deixe eu relatar rapidamente os últimos acontecimentos, antes de eu continuar a prosseguir com minhas últimas declarações, pois agora chegamos enfim as páginas finais:

André foi embora no dia seguinte, após se despedir de todos com lágrimas nos olhos. Flávio o levou em seu helicóptero particular. Nos despedimos com um forte abraço e com poucas palavras. Afinal, o que ainda havia para ser dito? E se sinto sua falta? Todos os dias, como uma antiga ferida que foi novamente aberta.

Eu não posso deixar de expor aqui a minha íntima esperança de que um dia ele vai voltar, de que um dia esse muro que nos separa evanescerá como fumaça. E se para tal ele tiver que receber o nosso dom, que assim seja. Pois, entenda que eu comecei a me questionar sobre essa minha velha ideia de ver minha condição como uma maldição, mesmo que eu ainda não me sinta confortável em aceitá-la como um dom. O que posso afirmar é que o lobisomem é um poder grande e assustador, e como todo poder depende das escolhas de quem o possui para ser classificado como uma maldição ou uma dádiva. E o que ainda me impede realmente de dar este poder a André, é minha crença de que ele ainda não está pronto, de que ele

perderia demais ao largar a vida que possuí para ser um de nós, de que talvez ele ainda não tenha o entendimento necessário para compreender o processo. E enquanto eu sentir esse risco, ele nunca receberá o dom, independente do quanto isso nos mantenha afastados ou do amor que sinto.

E assim ele foi embora, tendo nossos números de telefone se caso precisasse, e durante um tempo ainda seria acompanhado de perto por alguns discretos seguranças humanos da Valverde. Flávio ainda resolveria as pequenas e maçantes questões burocráticas, mas afirmou que a crise com os bebedores de sangue estava acabada. O vampiro Adrian foi afastado à contragosto do país por Uther, para abafar as pequenas questões, não sendo responsabilizado por nenhum crime, como temíamos, mas isso não nos importava mais no momento.

Já nosso David estava totalmente recuperado, e acredito até que o sangue de Uther deu um novo vigor ao nosso ancião, que agora me parece mais sorridente e conversado que nunca, ainda o preferido das mulheres do Casarão.

Flora desapareceu. Seis meses se passaram desde nosso último encontro no bosque, e nunca mais tive conhecimento dela ter sido avistada por alguém. Mas como já disse, não quebramos mais nossa cabeça com Flora, afinal, como se preparar para aquela que é a rainha da imprevisibilidade? E devo confessar que ainda penso nela e na conversa que tivemos, e por mais estranho que isso possa parecer, e por mais que eu não possa explicar a mim mesmo, no fundo desejo seu retorno. Quero saber mais dessa misteriosa mulher que mudou drasticamente o rumo da minha vida.

A vida no mundo da Noite segue sua excêntrica normalidade. Um novo governador representando os bebedores de sangue local foi eleito, novos acordos foram feitos, e a nossa alcateia segue forte e admirada como deve ser.

Tudo segue o seu curso normal... e acho que é isso.

Pois esta história chega ao fim, talvez de um modo não muito satisfatório, mas é isso o que tenho para contar, e, enquanto escrevo este último capítulo, pondero sobre os motivos que me levaram a contá-la. E quando me afasto para ver o todo, posso visualizar um intrincado conjunto de ações e reações, pontos que se cruzam e se multiplicam, formando um quadro que pode ser analisado e avaliado de muitas maneiras. Este quadro é a minha vida, uma vida que equivale a qualquer outra, e a respeito pelo o que ela é, vendo finalmente, depois de todos esses anos caminhando nas sombras, o que Flávio sempre tentou me fazer enxergar: Que fosse eu lobisomem, vampiro ou qualquer outra criatura da Noite, que fosse eu humano ou fera, a vida teria o mesmo valor, e seu significado e importância seriam aqueles que eu dou a ela.

Passo a acreditar que todos podem ter uma história para contar, e que nestas histórias, de um jeito ou de outro, podemos aprender, pois, o que é a vida, além de

aprender? Viver verdadeiramente, entre maravilhas e tragédias, em busca da utopia da felicidade. E se eu encontrei tal felicidade? Não sei, mas posso dizer que aprendi e que continuo aprendendo com as mudanças das estações, que amo o Casarão Violeta com todos os seus habitantes vivos ou não, com todas as suas lembranças felizes ou não, e que amo meu irmão Flávio e nossa alcateia, e que estou disposto a qualquer coisa para proteger tudo isso. E que amo André e o que ele representa, onde quer e com quem ele esteja.

Está é a minha história, e creio que ela pode ensinar algo a alguém.

Não sou mais a besta do inferno, nem o cão vadio, nem a fera em busca de vingança, mas sim Natâniel, o homem que encontrou o seu lugar, o homem que aprende, que ama e sofre, o homem que sempre continua. Sou a fera que corre pela noite devorando corações corrompidos, banquetando-se com o sangue e a carne dos malignos, estraçalhando impiedosamente as almas sombrias, e sou a fera que no fundo ainda espera o retorno de alguém.

Sou Natâniel, o Lobisomem.

É incrível como a vida pode nos jogar de um caminho para outro repentinamente, nos revelando surpresas que nos pegam de modo tão desprevenido, que tudo o que havíamos concebido e planejado cai por terra, como o final desta história, que deveria ter acabado no parágrafo acima, mas repentinamente, volto, tão surpreso quanto vocês para acrescentar um acontecimento recente.

Não fazem nem doze horas que eu havia terminado de escrever, ajeitado as costas na cadeira do computador e alongando meus dedos, após tanto tempo teclando. O bolero fantasmagórico ainda tocava alto no salão e eu já me preparava para ir até lá e desligá-lo ou diminuir seu volume, antes que ele começasse a incomodar os poucos hóspedes que tínhamos e que logo desceriam ao salão para jantar.

Mas antes mesmo de sair do meu quarto dos fundos, fui dominado por uma estranha sensação. Não sei dizer exatamente o que foi, talvez a junção de todas as emoções que escrever minha história me trazia, só sei que fiquei paralisado por alguns segundos, olhando para a maçaneta da porta, sentindo que algo estava prestes a acontecer.

Andei apressado para dentro do Casarão, sentindo o atrativo cheiro do jantar sendo preparado na cozinha, ouvindo a conversa animada que Ana e Dolores tinham com Ricardo. Passei sem olhar para eles e peguei o corredor, e dele pude ver Roberto parado perto do bar, olhando nervoso de mim para alguém ou alguma

coisa que estava no fim do salão. Me apressei até ele, mas foi Madame Valquíria quem me avisou, me parando no fim do corredor.

— Parece que temos um problema — disse daquele jeito imponente dela, orgulhosa, demonstrando saber o que acontecia comigo e meus companheiros muito mais do que nos dispomos a contá-la.

Olhei na direção que ela apontava e levei um choque.

Tinha alguém parado na grama, na frente da casa, sua silhueta delineada pela luz da lua cheia podia ser vista através das portas abertas. Meu coração acelerava naquele misto delicioso de prazer e dor, sem saber se aquele que eu via parado na entrada do Casarão traria algo bom ou ruim. Só sei que tudo isso explodia dentro de mim, pois era André quem lá estava, e inicialmente, enquanto cruzava o salão quase correndo, não me dei conta de que ele estava desarrumado e suando, como se tivesse corrido quilômetros até aqui. O carro que ele veio dirigindo estava estacionado de qualquer jeito ao lado do jardim, com um amassado na porta do carona, de modo suspeito.

André tinha os tênis fincados na terra, mas seus joelhos estavam bambos sob a calça jeans suja. Ele todo tremia e suava, a camiseta branca estava ensopada, e olhava assustado para mim. Parei há poucos metros dele, ouvindo o seu coração bastante acelerado, notando como seu cheiro estava diferente e o suor brotava em gotas, escorrendo em volta de seus suplicantes olhos que então possuíam um conhecido brilho amarelado e selvagem.

Sim, aquele era o meu amor, de volta para mim, e não era mais humano.

Fabio Alex
2014